



Lucas Page Pereira

Maurice Halbwachs
reminiscência sociológica

Campinas
2013



Universidade Estadual de Campinas
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Lucas Page Pereira

Maurice Halbwachs
reminiscência sociológica

Orientador: Prof. Dr. Renato José Pinto ORtiz

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida por Lucas Page Pereira, e orientada pela Prof. Dr. Renato José Pinto Ortiz


Orientador

Campinas, SP
2013

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Cecília Maria Jorge Nicolau - CRB 8/338

P144m Page Pereira, Lucas, 1987-
Maurice Halbwachs : *reminiscência sociológica* / Lucas Page Pereira. –
Campinas, SP : [s.n.], 2013.

Orientador: Renato José Pinto Ortiz.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas.

1. Halbwachs, Maurice, 1877-1945. 2. Durkheimian, Escola de sociologia. 3.
Classes sociais. 4. Memória coletiva. 5. Suicídio. I. Ortiz, Renato, 1947-. II.
Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.
III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Maurice Halbwachs : *sociological reminiscence*

Palavras-chave em inglês:

Durkheimian, School of sociology

Social classes

Collective memory

Suicide

Área de concentração: Sociologia

Titulação: Mestre em Sociologia

Banca examinadora:

Renato José Pinto Ortiz [Orientador]

Raquel Andrade Weiss

Fernando Antonio Lourenço

Data de defesa: 17-09-2013


Programa de Pós-Graduação: Sociologia

Lucas Page Pereira

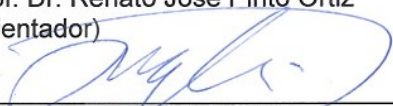
Maurice Halbwachs: reminiscência sociológica.

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação de Mestrado em Sociologia defendida e aprovada pela Comissão Julgadora em 17/09/2013


BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Renato José Pinto Ortiz
(orientador)



Profa. Dra. Raquel Andrade Weiss
UFRGS



Prof. Dr. Fernando Antonio Lourenço
DS/IFCH/Unicamp

SUPLENTES:

Prof. Dr. Edson Silva de Farias (UnB)

Prof. Dr. Josué Pereira da Silva (DS/IFCH/Unicamp)

Setembro/2013

Resumo

A presente dissertação tem como objetivo o estudo do conjunto da obra de Maurice Halbwachs, buscando apreender seus principais movimentos e conformar uma apresentação que possibilitasse ao público brasileiro situar seu pensamento e se situar em seu pensamento. Nesse sentido, após uma breve introdução genealógica, ela é composta por um primeiro capítulo voltado à biografia de Halbwachs, um segundo destinado à sociologia das classes sociais, um terceiro focando-se na psicologia coletiva da memória e, por fim, um quarto capítulo em que se traça, a partir de suas análises do suicídio, uma reflexão sobre alguns dos deslocamentos de Halbwachs em relação a sociologia de Émile Durkheim.

Resumé

Le présent mémoire de maîtrise a pour objectif l'étude de l'ensemble de l'oeuvre de Maurice Halbwachs, cherchant à appréhender ses principaux mouvements argumentatifs et établir un exposé qui rende possible au public brésilien de situer sa pensée et se situer dans sa pensée. Ainsi, il est composé, après une brève introduction généalogique, d'un premier chapitre consacré à la biographie d'Halbwachs, un deuxième destiné à sa sociologie des classes sociales, un troisième qui met en question sa psychologie collective de la mémoire et, enfin, un quatrième chapitre où on trace, d'après ses analyses du suicide, quelques réflexions sur les différences d'Halbwachs en relation à la sociologie d'Émile Durkheim.

Abstract

This dissertation's aim is to study the whole of Maurice Halbwachs's Works, seeking to understand its main movements and to elaborate a presentation that would allow the brazilian public to situate his thoughts and place themselves in it. Thereby, after a brief genealogic introduction, the first chapter is focused on Halbwachs's biography, the second examines his sociology studies of social classes, the third one looks at his collective psychology of memory and, finally, the last one analyzes through the Halbwachs's suicide perspective, his detachments from Durkheim's sociology.

Resumen

Este trabajo tiene como propósito estudiar el conjunto de la obra de Maurice Halbwachs, con vista de aprehender sus principales movimientos y conformar una presentación que permita al público brasileño situar su pensamiento y situarse en su pensamiento. Por lo tanto, después de una sucinta introducción genealógica, el primer capítulo es centrado en la biografía de Halbwachs, un según ocupase de su sociología de las clases sociales, el tercero enfocado en la psicología colectiva de la memoria y, finalmente, un cuarto capítulo, que se nutre de sus análisis acerca del suicidio, trazamos una reflexión sobre algunos de los cambios de la sociología de Halbwachs en relación con la de Émile Durkheim.

Sumário

Agradecimentos	II
Epígrafe	13
Das negativas, 2013.....	15
<i>Vive la France</i> : Maurice Halbwachs, uma vida na Terceira República	23
Arbeiter verlassen die Fabrik, 1995	55
Funes el memorioso, 1944	107
Ophelia, 1852	159
Anexo I: Notas sobre a psicofisiologia francesa.....	187
Anexo II: Mapas do Itinerário do Peregrino de Bordeaux	199
Anexo III: Bibliografia de Maurice Halbwachs	201
Anexo IV: Bibliografia sobre Maurice Halbwachs	235
Anexo V: Demais obras mobilizadas	245
Notas de Fim de Texto	255

Agradecimentos

Os agradecimentos é um dos pontos mais chatos de um trabalho acadêmico, mas ele é um dos poucos momentos que não é feito para o leitor, mas para aqueles que, em sendo aí citados, sente reconhecida a sua importância ao autor. É igualmente o momento de o autor mostrar toda a sua gratidão àqueles que julga lhe terem sido decisivos em alguma medida na realização da pesquisa. Um e outro, limitarei a listar nomes em ordem alfabética para evitar despeitos de todo tipo - afinal, entre as roupas de Mauricette, os pelos de Margot e muitos piratas, nossa memória permanece coletiva.

Alcides E. Peron, Aline Penatti, Andrea Mansano, Ana C. Rodrigues, Anne Dervilly, Angelita M. Sousa, Camila Nocetti, Camille Page, Cassiano Cotrim, Christian Baudelot, CNPq, Cupinha Damour, Dafny Moraes, Danilo Arnaut, Darcy Mendes do Nascimento, Denílson S. Cordeiro, Denis Gimenez, Diego L. Pio, Eduardo Mariutti, Equipe do IMEC, Euládia M. Pereira, Fernando A. Lourenço, Gabriela Murua, Gilberto Tedéia, Guy Page, Higor F. Oliveira, Ivana Stankovic, Jean-Christophe Marcel, José César Magalhães. Filho, Josué L. Moraes, Josué Pereira da Silva, Lício Raimundo, Lucas Jannoni, Marie Jaisson, Marie-Pierre Kéribin, Marília Tunes, Mauricette Lavertte, Nicolas Loures, Nicole Loures, Pauline Bonnot, Pedro Pereira, Quentin Lamour, Rafael A. Freitas, Raphaëlle Page, Raquel A. Weiss, Renata Assumpção, Renato Ortiz, Secretaria da pós-graduação do IFCH, Silvio Rosa, Simone Toledo, Stanley Santos, Stephen C. Bollis, Tatiana Maranhão, Tereza M. V. Pereira, Thiago Borges, Thiago Franco, Tomaz Amorim e Véronique Page Pereira.

Todos estão loucos, neste mundo? Porque a cabeça da gente é uma só, e as coisas que há e que estão para haver são demais de muitas, muito maiores diferentes, e a gente tem de necessitar de aumentar a cabeça para o total. Todos os sucedidos acontecendo, o sentir forte da gente – o que produz os ventos. Só se pode viver perto do outro, e conhecer outra pessoa, sem perigo de ódio, se a gente tem amor. Qualquer amor já é um pouquinho de saúde um descanso na loucura. Deus é que me sabe. O Reinaldo era Diadorim – mas Diadorim era um sentimento meu. (...) Tudo o que já foi, é o começo do que vai vir, toda a hora a gente está num cômputo. Eu penso é assim, na paridade. *O demônio na rua...* Viver é muito perigoso; e não é não. (J. G. Rosa, *Grande Sertão: Veredas*)

Das Negativas, 2013

Esta pesquisa é fruto de um desconforto. Esse desconforto originou-se nos estudos preparatórios à seleção internacional da *École Normale Supérieure* (ENS) de 2010, quando tomei contato pela primeira vez com Maurice Halbwachs, um sociólogo de nome difícil de pronunciar – afinal, se diria “Alb-vács”, “Alb-uács”, “Rálb-uacs”, “Ralb-vács”? - que era localizado por Christian Topalov e Bernard Lepetit na abertura de seu compêndio sobre a sociologia urbanaⁱ. Essa posição de destaque era justificada pelo fato da tese de Halbwachs defendida em 1909 ser tida ou como o marco fundador da sociologia urbana, como quer Michel Amiotⁱⁱ; ou como a principal precursora de tal campo da sociologia, como quer Paul-Henry Chombart de la Lauweⁱⁱⁱ. Precursor ou fundador, não me ative muito a essa tópica, posto que era todo outro meu objeto de estudo.

Já na ENS, fui novamente confrontado com esse estranho sucessor de Durkheim. Isso porque, desde 2006, um centro portando seu nome se instalara no campus Paris-Jourdain, com o objetivo de articular antigos laboratórios da ENS, da *École des Hautes Études en Sciences Sociales* (EHESS) e do *Centre National de Recherche Scientifique* (CNRS). Segundo indicam,

a singularidade do Centro Maurice Halbwachs reside notadamente – em relação aos trabalhos do sociólogo de que toma o nome – na análise da estrutura e das desigualdades sociais, no interior da paisagem sociológica francesa e internacional. Essa singularidade é desde já bem identificada: ela se apoia sobre uma sólida capacidade de inovação metodológica, combinando em um só tempo explorações longitudinais de bases de dados e de grande escala e dispositivos qualitativos ou etnográficos, aplicados tanto em âmbito nacional como em comparações internacionais^{iv}.

Julguei a proposta do grupo tão interessante que me coloquei na leitura de um livro que condensava o colóquio de lançamento do CMH ao final de 2005ⁱ. Sob a organização de Christian Baudelot e de Marie Jaisson^v, o livro propunha um reencontro com as diversas facetas da obra desse sociólogo: sob as penas de diferentes mestres hodiernos fui conduzido

ⁱ O Colóquio a que nos referimos recebera o nome de *Diálogo com a sociologia de Maurice Halbwachs, por ocasião de 60º aniversário de sua morte* e teve lugar no campus Paris-Jourdain da ENS entre os dias 01 e 02 de Dezembro de 2005. Mais informações, ver: *Dialogue avec la sociologie de Maurice Halbwachs, à l'occasion du 60ème anniversaire de sa disparition*, EHESS, <http://actualites.ehess.fr/nouvelle1034.html>, acessado em 03 de maio de 2013.

do suicídio à sociologia das classes sociais, da psicologia coletiva à morfologia social, da sociologia urbana à sociologia de fenômenos estocásticos. Uma riqueza de temática e uma originalidade na formulação sociológica dos problemas que parecia não nos possibilitar, no interior de cada um desses objetos, sermos indiferentes às suas formulações. E, no entanto, eu vinha de lhe tomar conhecimento.

Desconfiado das grandes redescobertas cuja última tópica havia se transformado em *tardomania*, avancei na leitura da opinião que alguns dos velhos mestres faziam de Maurice Halbwachs e vendo eles também carregarem as letras ao tratar de suas formulações, não pude evitar de me lançar na leitura de sua obra. Eis que me defronto com um primeiro indício das razões de seu desconhecimento *nessas bandas*: apenas duas de suas obras haviam sido traduzidas ao português, *Morfologia social*^{vi} e *A memória coletiva*^{vii}. Ainda mais, como averiguaríamos mais tarde, duas obras muito peculiares: um manual voltado à delimitação do escopo de estudo da Morfologia Social em que se condensam os aspectos gerais três décadas de estudos; e uma compilação póstuma de notas inacabadas e que sofreram significativas intervenções das mãos de sua irmã.

Não bastasse a dificuldade criada pela barreira linguística, naquele momento apenas parte de sua obra estava disponível nas principais bibliotecas brasileiras – e, mesmo assim, dispersa entre elas -, o que multiplicava as dificuldades a uma descoberta espontânea do público brasileiro. Foi justamente um estudo sistemático do conjunto da obra de Halbwachs, buscando apreender seus principais movimentos e conformar uma apresentação que possibilitasse ao público brasileiro situar seu pensamento e se situar em seu pensamento que se desenvolveu o projeto desta dissertação.

Assim, coloquei-me na reunião e na leitura exaustiva das monografias e artigos publicados por Maurice Halbwachs e sobre Maurice Halbwachs². Na medida em que avançava, de um lado, ficava constantemente boquiaberto com a originalidade e com as potencialidades de seu pensamento; de outro, apercebia o quão problemática e incompleta era a leitura realizada pela maior parte dos pesquisadores brasileiros que se lançavam num

² Vale destacar, no entanto, que me dediquei apenas às resenhas [*compte rendu*] de maior extensão, consultando apenas esporadicamente suas notas de leitura publicadas nas mais diferentes revistas. Quando aos artigos e obras publicados sobre Halbwachs, creio ter abarcado boa parte daqueles publicados no mundo anglo-saxão e latino. Uma bibliografia completa de Halbwachs e de seus comentadores encontra-se anexada.

tatear ao escuro ao se voltarem, sobretudo, à famigerada e mui pouco compreendida *memória coletiva*.

Caminhando por suas obras e pela dos comentadores deparava-me com a irradiação de vias de mão única que poderiam ser seguidas até o presente, desembocando no calor dos diversos debates que circunscrevem as classes sociais, a sociologia da memória, o suicídio, a sociologia econômica, o uso das estatísticas nas ciências sociais, a razão entre os sexos ao nascimento, a sociologia das emoções etc.; mas cujo trajeto demasiadamente extenso excluiria de antemão a possibilidade de flunar pelos arredores de alguns de seus diferentes trechos originais. Entre o desenvolver de uma temática e a apresentação das temáticas, optei pela última estratégia por lhe julgar mais significativa numa primeira aproximação, de modo a deixar aos especialistas das diferentes áreas o julgamento quanto à relevância atual de cada uma das formulações de Halbwachs.

Entretanto, por mais que me ativesse apenas às obras de Halbwachs, não é preciso muita clarividência para notar o quão irreal era a pretensão de tocar a totalidade dos problemas por ele elaborados nos quadros de uma pesquisa de mestrado. Problema agravado pela ausência de uma pretensão de sistema em sua produção, o que dificulta o proceder por ordem na exposição sem ter de recorrer a certos malabarismos – o leitor seja especialmente condescendente com o recurso às digressões. Após o malogro das diversas entradas que me possibilitassem tudo acessar, optei por tratar quase em paralelo apenas dois dos principais campos de estudo em que Maurice Halbwachs recebera os louros acadêmicos e nos quais seu legado é inquestionável, a saber, a sociologia das classes sociais (Capítulo II) e a psicologia coletiva da memória (Capítulo III).

Pelas dificuldades metodológicas que acarretariam, não tomarei como base para a formulação dos problemas teóricos senão as obras publicadas em vida por Halbwachs, deixando de lado toda a produção epistolar, as notas de cunho íntimo ou manuscritos inacabados. Essa opção tem como consequência termos de deixar fora de nossa exposição a obra mais difundida dentre o público brasileiro, a saber, *A memória coletiva*³. Isso porque ela

³ É central destacar um problema das edições *d'A memória coletiva* anteriores àquela publicada pelas Edições Albin Michel em 1997. Com efeito, nessas edições (1949, 1950 e 1968) e nas duas traduções brasileiras (feitas a partir da edição de 1968) os textos da última versão do manuscrito que sofreram forte intervenção de Jeanne e Michel Alexandre, irmã e cunhado de Maurice Halbwachs. A título de exemplo, somente o capítulo intitulado “memória individual e memória coletiva”, ganhara na edição de 1997 cerca de quatorze páginas omitidas das versões precedentes. Segundo aponta Gérard Namer, responsável pela reedição, “entre o texto impresso de 1947

é composta pela versão mais tardia de manuscritos que Halbwachs escrevera e reescrevera ao longo de mais de uma década, ora acrescentando, ora retirando trechos; de modo que, a rigor, seria necessário um trabalho comparativo das variantes, o que escapa completamente ao escopo de uma pesquisa nos quadros de um mestrado. Acredito, no entanto, que os problemas que podemos formular a partir das obras do *vivant* Maurice Halbwachs serão capazes de iluminar muito do debate em torno do tema e tocar muitas das questões que se delineiam nessa compilação póstuma.

Esses grandes eixos foram precedidos por um capítulo voltado a uma apresentação biográfica do sociólogo francês (Capítulo I) que estivesse para-além das sumárias notas que acompanham grande parte das reedições de sua obra, mas que não fustigasse o leitor com sua extensão ou incorresse nas imprecisões resultantes da tentativa de tornar a metódica vida de um acadêmico da primeira metade do século XX em um roteiro hollywoodiano. Vale destacar que, muito embora a reedição recente das obras de Halbwachs tenha trazido à tona muitas informações e documentos de caráter pessoal há muito esquecidos, não dispomos até o momento de nenhuma biografia *stricto sensu*, de modo que a maior parte das informações aqui apresentadas provém do cruzamento de fontes dispersas e do trabalho sobre documentos primários.

Na sequência, no último capítulo do presente trabalho, explorarei alguns aspectos das formulações de Halbwachs no que diz respeito ao suicídio, traçando de maneira mais explícita algumas de suas diferenças em relação à Émile Durkheim, bem como destacando alguns dos elementos metodologicamente originais de suas pesquisas.

A natureza deste trabalho levou a me desviar de uma *conclusão stricto sensu*. Isso porque, de um lado, ele não tem a pretensão de colocar a obra de Halbwachs diante de um

à hoje [1997] e os papéis de Halbwachs que constituem o conjunto do manuscrito, há cerca de mil variantes: todos os subtítulos são ficções; o primeiro título está invertido; os outros títulos não parecem da caligrafia de Halbwachs. Múltiplos são os erros de leitura, as adições, as variantes não indicadas, os textos omitidos, os textos construídos a partir de duas variantes, as supressões, as correções: nós chamamos, assim, o conjunto manuscrito original de ‘o conjunto de mil variantes’”^α.

^α NAMER, Gérard. « Préface: un demi-siècle après sa mort... » in HALBWACHS, Maurice. *La mémoire collective*. Paris : Albin Michel, 1997, p.10.

[Entre le texte imprimé de 1947 à aujourd’hui et les papiers d’Halbwachs constituant l’ensemble manuscrit, il y a environ mille variantes : tous les sous-titres sont des fictions, le premier titre est inversé ; les autres titres ne semblent pas de l’écriture d’Halbwachs. Multiples sont les erreurs de lecture, les adjonctions, les variantes non signalées, les textes omis, les textes construits à partir de deux variantes, les suppressions, les corrections : nous appelons donc l’ensemble manuscrit originel « l’ensemble aux mille variantes ».]

tribunal que lhe enviaria à companhia de Farinata ou de Beatriz; de outro, justamente por visar uma leitura da obra, o argumento é inseparável de cada um de seus momentos e articulações, de modo que não seria possível fazer uma “retomada geral” dos “pontos mais importantes” sem incorrer em paradoxo – afinal, se esses são “os pontos mais importantes” por que não ir a eles diretamente?

Isso, porém, não significa que não tenho uma posição diante do conjunto obra de Halbwachs. Nesse sentido, haveria um fio condutor que pudesse entrelaçar o conjunto de sua produção? Em grandes linhas, pode-se dizer que a resposta a essa pergunta esteve no centro do debate quando se “redescobre” a obra de Maurice Halbwachs. Até então prevalecia um consenso de que a esta era intrínseca uma espécie de dualidade: de um lado teríamos a *sociologia dos grandes números*, do outro a *psicologia coletiva*; cada uma delas regida por preocupações, métodos e estratégias que somente em pontos discretos se intercomunicam – posição ainda sustentada, por exemplo, por Christian Baudelot⁴.

As “novas” posições podem ser agrupadas em três grandes grupos. A primeira delas é a de Gérard Namer, que entende que o debate em torno da consciência de classe, presente nos primeiros artigos de Halbwachs, se desdobrará lentamente na problemática da memória social^{viii}. Uma segunda é aquela de Jean Christophe Marcel e Lauren Mucchielli, que, não sem malabarismos, vêm na memória o epicentro de uma psicossociologia fenomenológica desenvolvida ao longo de toda a vida de Halbwachs^{ix}. Por fim, temos a leitura de Marie Jaisson e Éric Brian que entendam que o nexos dos escritos de Halbwachs se daria na presença permanente de um raciocínio estocástico^x.

Acreditamos, porém, haver outras possibilidades, a um só tempo mais simples e mais gerais que darão o ar de suas graças ao longo do texto por meio de notas de rodapé. De todo modo, é a *hipótese tradicional* que orienta a *forma* pela qual estruturamos nosso argumento e é dela que resulta a relativa autonomia de cada um dos capítulos. É igualmente na *forma* dos capítulos que tomamos posição diante das hipóteses de unidade que, se formos bem sucedidos em nossa argumentação, possibilitará o leitor entrever outra possibilidade de fio condutor teórico.

⁴ Notemos que essa dualidade reproduz a dualidade da divisão do trabalho no interior das ciências sociais francesas e que, ao que parece, ela resulta mais dos procedimentos de especialização profissional do que de uma *veritas in re*.

Com efeito, ao que me parece, em cada uma de suas obras, bem como no conjunto delas percebemos uma movimentação constante das *formas materiais* às *formas de consciência*, ou seja, uma forma de raciocínio característica daquilo que Durkheim chamava *morfologia social* e que consitui a temática da sessão de responsabilidade de Maurice Halbwachs no grupo da *l'Année sociologique*⁵. Flertando com a lei da recapitulação de Ernst Haeckel, somos tentados a dizer que a “ontogênese reproduz a filogênese”, ou seja, que no desenvolvimento de cada um de seus trabalhos como no desenvolvimento do conjunto de seus trabalhos, Halbwachs vai gradativamente deslocando-se da “sociologia dos grandes números” à psicologia coletiva, mas nunca preterindo uma à outra. Daí, talvez, a curiosa contraposição que se revela na forma que Halbwachs conduziria seu curso no *Collège de France*, suas aulas dedicadas à psicologia coletiva da memória e seus seminários à questões de demografia e estatística.

Por fim, o leitor encontrará ainda em meu *Anexo I* uma reconstituição sintética dos caminhos traçados pela psicofisiologia francesa na segunda metade do século XIX. Esse anexo tem por objetivo possibilitar àqueles pouco familiarizados com a história do pensamento e das instituições francesas do referido período alguns marcos que tornem mais inteligíveis as questões a que as obras de Durkheim, Tarde, Bergson e Halbwachs se contraporiam.

Do ponto de vista da forma, a solução encontrada está longe de agradar. Duas possibilidades se me apresentaram: um texto denso, mas obscuro; ou claro, mas escolar. Incapaz de, nesse momento, apresentar uma solução que conciliasse clareza e densidade, no mais das vezes o texto tende ao escolar por ter priorizado a clareza ao estilo. Desse ponto de vista, parece-me ser o capítulo terceiro aquele que melhor conformou-se.

Optei, igualmente, por traduzir todos os trechos citados e, a título de verificação ou de retificação, apresentar igualmente suas versões originais. Assim, para evitar a sobrecarga de notas de rodapé ao longo de texto, decidi por estabelecer uma diferença entre as notas de fim de texto e as notas de pé de página. As primeiras, indicadas em numeração romana, contêm as referências das citações utilizadas e os trechos originais traduzidos pelo autor. As

⁵ Vale destacar que o sociólogo Michel Amiot^α já entreviu essa perspectiva, mas por razões completamente distintas das nossas e que se vinculam mais a uma leitura bastante frágil e fragmentada da obra de Halbwachs.

^α AMIOT, Michel. « Le système de pensée de Maurice Halbwachs » in *Revue de Synthèse*, n°2, 1991, pp. 265-288.

segundas, indicadas em numeração arábica, contemplam informações tidas como essenciais ao desenvolvimento do argumento, bem como indicações de leituras. Há ainda, devido às impossibilidades técnicas dos editores de texto, algumas referências de trecho citados nas notas de rodapé apresentados em seu corpo, sendo indicados por caracteres gregos.

O leitor, assim, não se deparará com uma obra estilisticamente bela; não verá desenvolvido no corpo do texto um debate dos rumos atuais de cada uma das questões sobre as quais Halbwachs se debruçou; e tampouco encontrará - a não ser sob aspectos laterais e, ainda aí, sob a forma de esboço - uma contribuição significativa ao nível das leituras, debates e interpretações da obra de Maurice Halbwachs, tal qual podemos encontrar na literatura alemã e francesa. Ainda assim, acreditamos que o presente trabalho contribui às *nossas* ciências sociais e valerá todo o seu percurso na medida em que possibilita uma entrada *rigorosa* e *precisa* a diversos aspectos e problemas formulados ao longo obra de Halbwachs. Se, ao final desse percurso, o leitor instigar-se a ir a algum dos originais, apazíguo-me e lhe convido a uma conversa.

Vive la France

Maurice Halbwachs, uma vida na Terceira República

Maurice Halbwachs, nascido em Reims (rue Petit-Roland) no dia 11 de março de 1877, um domingo, às 5h da tarde. Ingressou em 3º lugar na Escola Normal Superior em 1898. *Agrégé* em Filosofia (3º) em 1901. Doutor em Direito em 1909.

Casado em 07 de novembro de 1901 com Alice Barrère, filha de Alexandre Barrère, professor de Matemática [*Math.*] no *Lycée Buffon* e de Jeanne Bourrel. Divorciado (divergências políticas) em janeiro de 1909.

Casado em 18 de maio de 1913 com Yvonne Basch, filha de Victor Basch, professor da Sorbonne e de Ilona B., nascida Fürth.

Momento: Maurice Halbwachs – Professor de Filosofia nos *Lycées* Contantine (dez. de 1901- maio de 1902), Montpellier (junho de 1902-out. de 1902), Reims (1908-1909), Tours (1909-1914), Nancy (1914-1918) [Atrelado ao gabinete do ministro do armamento, Albert Thomas, 1915-17]. Mestre de conferências de Filosofia [*Philo.*] na Universidade de Caen, 1918-19 – Professor de Sociologia na Universidade de Strasbourg, nov. 1919 à nov. 1935, - Professor de Sociologia na Sorbonne, 1935.

(Maurice Halbwachs, *Lembranças de família*)^{xi}

Essas duas passagens foram extraídas de um dos documentos mais antigos do *Fundo Maurice Halbwachs* depositados no *Instituto de Memória da Edição Contemporânea* (IMEC). Trata-se de um pequeno caderno de capa preta e feixe dourado sobre o qual podemos ler grafado « patent ». A primeira página é coberta por um papel bastante parecido com uma tapeceira em borrões de vermelho, azul e bege; mas, tão logo viremos algumas de suas páginas amareladas, podemos ler em boa caligrafia azul “Lembranças de Família”. O mosaico de caligrafias justapostas no avançar da genealogia aí registrada indica a múltipla autoria e a ancianidade do caderno: trata-se de um caderno transmitido ao longo das gerações para que se possam estabilizar no tempo e para as gerações futuras certos traços das famílias Lefèvre, Bély, Hat, Clerc e Halbwachs.

Pois bem, esses relatos de que partimos foram escritos pelo próprio Maurice Halbwachs, sendo o segundo trecho ato do último quartel da década de 1930 - quando o

então professor de Sociologia da Sorbonne vislumbrava candidatar-se ao *Collège de France*. Eles são suficientes para situar as linhas gerais de sua trajetória e, para muitos, igualmente suficientes para que se possa avançar os próximos capítulos. Se, no entanto, sugerirmos outro caminho não é porque pretendemos desenvolver aqui uma detalhada biografia, mas, simplesmente, por intuirmos que essas linhas são demasiado gerais para que possamos com elas, talvez, recompor certos aspectos de nossos *quadros*⁶.

Ao que pudemos ter acesso, Maurice representa a terceira geração consecutiva da família Halbwachs que tomou a docência como profissão. Se não temos informações sobre seu avô, o “Professor Fraz Antom Halbwachs”^{xxii}; sabemos que seu pai, Gustave Halbwachs (1845-1908), era um alsaciano católico que estudara letras na *Escola Normal Superior* de Paris⁷ (turma de 1864) e que optou pela França em 1871, vindo a se tornar professor de alemão no *Lycée* de Reims. Aprovado em primeiro lugar no concurso da *agrégation*⁸ de línguas vivas

⁶ A maior parte das obras *de* e *sobre* Halbwachs publicadas postumamente apresentam como nota introdutória um breve relato da vida e trajetória do sociólogo francês – o que explicita o fato dele nunca ter se tornado uma personagem bastante conhecida. No entanto, a maior parte dessas notas é composta pela articulação de três textos: a nota escrita por Georges Friedmann para a revista *Europa*^α; a breve introdução à primeira edição de *A memória coletiva*, escrita por seu cunhado Michel Alexandre^β; e, sobretudo, a igualmente breve biografia escrita por Victor Karady como introdução ao compêndio intitulado *Classes sociais e morfologia*^γ. É somente em 2003, com a publicação do livro de Annette Becker^ε, que um trabalho mais extenso e amplamente documentado sobre a vida e a obra de Halbwachs ganhou forma – aqui, porém, não podemos deixar de indicar o caráter distorcido e hipoteticamente frágil do texto, além da apresentação equivocada de certos dados e informações.

^α FRIEDMANN, Georges. “Notice sur Maurice Halbwachs” in *Europe*, janeiro, 1946. Reproduzido segundo a tradução para o inglês de John H. Mueller em: *The American Journal of Sociology*, tradução de John H. Mueller, Vol. 51, No. 6, 1946, pp. 509-517; e em HALBWACHS, Maurice. *Esquisse d'une psychologie des classes sociales*. Paris: Rivière, 1955, pp. 09-23.

^β ALEXANDRE, Michel. “Introduction: Maurice Halbwachs (1877-1945)” in *La mémoire collective*. Paris: Albin Michel, 1950; traduzido para o português por Laurent Léon Schaffter em *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990, pp. 18-23.

^γ KARADY, Victor. “Biographie de Maurice Halbwachs” in *Classes sociales et morphologie*. Paris: Minuit, 1972, pp. 09-22.

^ε BECKER, Annette. *Maurice Halbwachs: un intellectuel en guerres mondiales, 1914-1945*. Paris: Agnès Viénot, 2003, 478pp.

⁷ A *Escola Normal Superior* (ENS) é uma instituição criada em 1794 com objetivo de formar os professores secundários com os melhores mestres nas diversas áreas do conhecimento. Tal função, no entanto, nunca foi levada a cabo, dado o número bastante restrito de alunos aceitos a cada ano (entre 15 e 25 estudantes por ano até meados do século XX), o que não impediu que ela se tornasse a mais importante instituição de ensino superior francesa, posição que se mantém até os dias de hoje. Para mais detalhes ver: NUSIMOVICI, Michel. «Les Écoles de l'an III» in *Le Ruban Bleu*, Dezembro de 2010; BENOIT, Serge. «La rue d'Ulm» in HOTTIN, Christian Hottin. *Universités et grandes écoles à Paris : les palais de la science*, Paris, Action artistique de la ville de Paris, 1999.

⁸ Na França, a agregação era à época o concurso que permitia aos candidatos aprovados serem professores no ensino secundário ou dar aulas nas Faculdades de Direito, Medicina e Farmácia.

(1876), pede transferência para Paris no mesmo ano. É justamente no processo dessa transferência, que ocorrerá só em 1879, que ele é descrito, pelo diretor do *Lycée* de Reims, como sendo

um homem rígido e guindado, enfatuado de seu mérito, de uma personalidade difícil e insustentável, de uma rigidez excessiva para com os alunos, exagerando nas reprovações quando poderia lhes passar, indisposto com seu colega de alemão a quem ele denigre e deprecia, não podendo suportar uma observação nem receber uma opinião, não se submetendo a nenhum acordo [*convenance*] (...) único a recusar seu serviço aos pobres e aos alsacianos, mesmo que ele seja alsaciano, e se ostenta por dar aulas na cidade à 10F a aula [*le cachet*]. (...) Sr. Halbwachs deseja ir à Paris. Eu peço muito expressamente que ele aí seja enviado para me livrar dele^{xiii}.

Ora, ser filho de um *normalien*⁹, *agrégé*¹⁰ de alemão na França ao final do século XIX, é pertencer uma camada social bastante restrita. Nesse sentido, vale lembrar que mais de 85% da geração de Maurice Halbwachs abandona a escola sem nenhum diploma e que somente 0,73% dessa geração são aprovados no exame de final do ensino secundário, o *Baccalauréat*^{xiv}; que em 1865 existem na França 322 estabelecimentos de ensino secundário públicos e que em 1922 esse número é ainda de 368, que o número anual médio de *agrégés* é 43,6 nos anos 1860 e chega a 75 na década de 1900, de modo que corresponde a apenas uma fatia dos professores do corpo docente: 36% dos professores secundários em 1876 e 52,9% do mesmo corpo em 1910^{xv}.

Pois bem, Maurice Halbwachs é parte dessa camada muito restrita da população que faz das letras seu ganha-pão e não é de se espantar, tendo em vista a personalidade de seu pai, que ele se tornaria uma criança inteligente e compenetrada que, como nos indica Michel Alexandre, lia Jules Verne com um atlas^{xvi}. Esse jovem muito tímido será aceito em um dos *Lycées* mais renomados da França ainda nos dias atuais, o *Lycée* Henri IV em Paris. É precisamente nos quadros de seu curso de Filosofia durante os anos do *Lycée* que o jovem Maurice tomará contato com aquele que viria a ser, segundo sua mãe, seu *demônio de juventude*, a saber, Henri Bergson.

Bergson foi professor de Halbwachs durante seis anos e a admiração é tamanha que, quando Bergson assume a cadeira de Filosofia Antiga no *Collège de France*, os espaços de

⁹ Nome dado aos estudantes e ex-estudantes de uma Escola Normal Superior (ENS).

¹⁰ Título dos aprovados no concurso de *Ágregation*.

encontro entre mestre e aprendiz se multiplicam. É por razão de uma das aulas de Bergson sobre Plotino que Halbwachs não deixa de registrar em seu diário pessoal que “(...) sua aula de estilo muito sóbrio, muito rigorosa e redonda [serée], muito me interessou. Eu admiro de toda a minha alma esta forte vontade [volonté soutenue] e eu me sinto bastante feliz de ter a tanto tempo tal homem como professor”^{xvii}.

Bergson está presente nas leituras e releituras de Halbwachs e sua figura é sensível igualmente nos projetos do jovem estudante de filosofia:

Eu faço também projetos de futuro: por que não estudar a Alemanha, já que meu espírito é mais alemão que francês? Com um método especial, diferente daquele de Taine em alguns aspectos (espírito positivo ele não devia compreender toda a força e a beleza de certas ideias sentimentais que tiveram tal influência); próximo a ele por outros. A história do espírito alemão seria curiosa e bela. Seria preciso, talvez, dez anos de preparação (língua, viagens, história, filosofia, devaneios poéticos). Fazer-se uma alma de romântico e se perder na filosofia kantiana. Belo sonho^{xviii}.

É também no início de 1899 que o jovem estudante de filosofia passa por uma crise que resulta numa reconversão ao cristianismo:

(...) tal é o primeiro dia de minha conversão. – Eu quero ter um objetivo, um refúgio, um apoio. Eu quero ser feliz; eu serei cristão. Eu o serei plenamente, com orgulho, com júbilo. Pois eu atravessei a crise de onde muitos saem piedosos e crentes. Que a piedade de meus ancestrais, tendência obscura transmitida pela hereditariedade, tome uma nova forma. Que minha imaginação seja mantida nessa vida pelas leituras e pelo meio. – Oh Deus, eu te amarei com todas as minhas forças. Dá-me a plena e inteira fé. Por mim mesmo eu volto a ti, não me repele. Eu te juro diante de ti fazer de manhã e de noite uma oração. De assistir a cada domingo o santo Sacrifício. Acolhe-me, retém-me. Minha alma quer permanecer pura, meu coração quer amar^{xix}.

Atentemos para o fato de o jovem Halbwachs pretender-se como um professor secundário de Filosofia, especialista do pensamento romântico alemão. Esse pensamento, seguindo certos sinais de Bergson, desgosta do caráter “positivo” presente no pensamento de Taine¹¹, bem como pretende recompor certo círculo de leituras e frequentações visando à pureza de sua alma. Não é por menos que nesse momento ele mantém uma posição “neutra”

¹¹ Sobre Hyppolite taine, ver adiante o *anexo I: Notas sobre a psicofisiologia francesa*.

no que tange ao *caso Dreyfus*¹² e se interessa pela bela e amigável filha do Sr. Barrère, que encontra na festa da caridade em uma escola em Fontainebleau^{xx}.

Ora, como é que esse jovem estudante de filosofia, marcado pelo espiritualismo bergsoniano e com uma inclinação religiosa – que se reafirmaria na efetivação de seu casamento com Alice Barrère em 1901 – torna-se, já em 1906, um dos principais colaboradores da *Année Sociologique*? Quais móveis reorientam Halbwachs do romantismo alemão e da filosofia kantiana para estudos relativamente mais *realistas* nos quadros da sociologia durkheimiana¹³? Quais os componentes que sedimentam essa “divergência política” que levaria, por fim, ao divórcio de Halbwachs da Sra. Barrère em 1909? Pois bem, todas essas questões não podem, efetivamente, ser respondidas com muita precisão pelo fato de, nos fundos Maurice Halbwachs disponíveis no IMEC, não dispormos de nenhum documento do período 1901-1913¹⁴.

É consenso, porém, que essa mudança passa por uma figura e um grupo, a saber, François Simiand (1873-1935) e rede dos socialistas *normaliens*. O primeiro, também passara pelos bancos da ENS alguns anos antes (turma de 1893), tendo sido, ao que tudo indica, apresentado à Halbwachs por Bergson ainda nos anos do *Lycée Henri IV*, quando o grande filósofo convidava Simiand a realizar algumas apresentações durante seus cursos¹⁵. Nesse

¹² Podemos ler em seu diário a seguinte anotação datada de 26 de abril de 1899: “(...) Eu danço, ou antes, eu passeio com Madelaine, que hoje não estava tão bela quanto de costume. Ela tenta novamente, novamente em vão, converter-me ao Dreyfusismo”^α.

^α IMEC, HBWZ B1-01.3, f. 24.

[(...) Je danse, ou plutôt je me promène avec Madelaine, pas à son avantage aujourd’hui. Elle essaie encore, encore en vain, de me convertir au Dreyfusisme.]

¹³ Destacamos que não temos em mente o debate aberto pelo trabalho dos professores D. A. Nye e C. Ashworth sobre a concepção filosóficamente predominante na construção das obras de Durkheim^α. Somente indicamos que tais pesquisas são, relativamente ao método introspectivo adotado por Bergson, mais positivas ou realistas.

^α NYE, D. A. & ASHWORTH, C. « Emile Durkheim: Was He a Nominalist or a Realist? » in *The British Journal of Sociology*, Vol. 22, No. 2. 1971, pp. 133-148.

¹⁴ Segundo nos aponta Christian Baudelot, que foi o responsável pela triangulação entre as caixas depositadas no sótão do apartamento do então recém-falecido Pierre Halbwachs e os arquivos do *Collège de France* e do IMEC sucessivamente, os documentos do referido período (e quiçá muitos outros) provavelmente se perderam na mudança de Pierre do apartamento que pertencia a seu pai no Boulevard Rapail para outro, muito menor, no 15^e *Arondissement*. (Entrevista com o autor em 02 de julho de 2012).

¹⁵ Há diferentes versões para a aproximação entre Halbwachs e Simiand. Mesmo que a versão aqui apresentada pareça-nos a mais bem fundamentada e seja compartilhada por Marie Jaisson^β; vale destacar que ela não é consensual e tanto Victor Karady^α, quanto Jean-Christophe Marcel^γ defendem que é por intermédio de Lucien Herr que Halbwachs e Simiand aproximam-se.

^α KARADY, Biographie..., *op.cit.*

^β Entrevista com o autor em 04 de julho de 2012.

sentido, nos diz Halbwachs que “quando ele [Simiand] vinha fazer seu estágio em sua aula, Bergson apresentava-o como 'o espírito mais filosófico que ele havia encontrado dentre seus alunos'”^{xi}. O mais brilhante aluno de Bergson, sobre o impacto das lições de Lucien Levy-Bruhl, logo se distanciaria do espiritualismo e se aproximaria do grupo da *Année Sociologique* (1897), onde se tornaria responsável pela seção destinada à sociologia econômica, assunto a que dedicaria a maior parte de sua reflexão ao longo das décadas subsequentes¹⁶.

Já o grupo dos socialistas *normaliens* é expressão da inflexão política por que passa a Escola Normal ao final do século XIX: a passagem de uma instituição dominada pelo liberalismo, a uma instituição socialista e *dreyfusarde*. No epicentro desse deslocamento encontramos o bibliotecário da instituição Lucien Herr¹⁷, cujas ideias marcaram profundamente homens políticos como Jean Jaurès, Léon Blum e Albert Thomas; e homens de letras como François Simiand, Hubert Bourgin e, evidentemente, Maurice Halbwachs.

^y Entrevista com o autor em 03 de julho de 2012. Certos traços de sua posição estão expressos igualmente em: MARCEL. *Le durkheimisme...*, *op.cit.*

¹⁶ François Simiand realiza uma tese de doutoramento na Faculdade de Direito sobre *A evolução dos salários dos operários das minas na França (1904)*^α - sob a direção de Raoul Jay. Sua pesquisa posterior terá como eixo precisamente o desenvolvimento de uma crítica à economia abstrata e *modus operandi* da pesquisa histórica em vigor no início do século. Suas obras de maior fôlego são: *Méthode Positive en Science Économique*. Paris: Félix Alcan, 1912; *Le Salaire. L'évolution sociale et la monnaie* (3 vol.) Paris: Alcan, 1932; *Cours d'Économie Politique* (3 vol.). Paris: Domat Montchrestien, 1929 (vol. 1), 1930 (vol. 2), 1931 (vol. 3); e *Les Fluctuations économiques à longue période de la crise mondiale*. Paris: Félix Alcan, 1932.

Uma apresentação relativamente breve, mas ainda assim detalhada do percurso intelectual de François Simiand pode ser encontrada em: MARCEL, Jean-Christophe. “Sociologie économique et psychologie sociale chez François Simiand” in *Le durkheimisme dans l'entre deux guerres*. Paris: PUF, 2001.

Sobre a leitura que Maurice Halbwachs faz da obra de Simiand, ver: “La méthodologie de François Simiand: Un empiriste rationaliste” in *Revue philosophique de la France et de l'étranger*, n° 121, 1936, pp. 281-319.

^α SIMIAND, François. *Le Salaires des ouvriers des mines en Frances*. Paris : Société Nouvelle de Librairie et Édition, 1904.

¹⁷ *Normalien* (turma de 1881) e *agrégé* de Filosofia, Lucien Herr (1864-1926) assumiu a biblioteca da ENS em 1888 e a conduziu até sua morte. Sob sua influência o pensamento hegeliano e certa leitura do socialismo, centrada no combate a ideia-mesma de autoridade, disseminaram-se entre as gerações de estudantes ao final do século XIX e início do XX. Membro do Partido Socialista desde 1900, em 1905 Herr adere à *Seção Francesa da Internacional Operária* (S.F.I.O) de onde não se distanciaria mais.

Para mais detalhes sobre os aspectos políticos da ENS ao final do século XIX, ver o artigo de Robert J. Smith, “L'atmosphère politique de l'École Normale Supérieure à la fin do XIXe siècle” in *Revue d'histoire moderne et contemporaine*, tomo 20, n° 2, 1973, pp-248-268.

Sobre a trajetória intelectual de Herr ver: VERLEY, Etienne. “Lucien Herr et le positivisme” in *Romantisme*, n°21-22, 1978, pp. 219-232.; já para para mais detalhes das ações de Lucien Herr como bibliotecário, ver o trabalho de Anne-Cécile Grandmougin, *Lucien Herr bibliothécaire*. Monografia sob a direção de Anne-Marie Bertrand. Lyon: ENSSIB, 2011.

Por meio das questões e relações estabelecidas no interior do grupo socialista, Halbwachs integraria junto com Albert Thomas e François Simiand a recém-fundada “Seção do bairro da Escola Normal” da *Société des Visiteurs*, organização voltada *explicitamente* à filantropia cientificamente orientada de moldes britânicos e *implicitamente* à conversão de jovens burgueses ao socialismo¹⁸. Segundo nos aponta René Spire, um de seus fundadores,

(...) muitos chegavam à *Société des Visiteurs* crendo na soberana eficácia da filantropia, (...) mas quando eles frequentavam os tristes alojamentos operários; (...) quando eles assistiam às sessões de nossas comissões de enquetes onde nós somos obrigados a recusar as famílias numerosas porque somente o Estado ou os estabelecimentos públicos poderiam aliviar tais infortúnios, eles se inquietam, se irritam etc. (...) Eles são conquistados. Segundo seus temperamentos, eles se tornam socialistas agudos ou moderados, mas nenhum deles permanece burguês. É por isso que nós dizemos aos socialistas: entrem na *Société des Visiteurs*; (...) enviem-nos, sobretudo, aqueles (...) que vocês não puderam convencer com seus mais hábeis argumentos: nós lhes faremos revoltados^{xxii}.

Ora, Halbwachs consta como o primeiro vice-presidente da seção da Escola Normal da instituição^{xxiii} e a ela permanecerá filiado durante toda sua permanência na ENS, sendo justamente através de suas ações o jovem estudante de filosofia romperá as fronteiras da rua d’Ulm e entrará em contato com grupos operários de Paris, para quem ministraria aulas noturnas:

Estive ontem à noite [11 de março de 1899] nas aulas populares (...) Nós seguimos pela longa rua Vaugirard até os bairros periféricos. Nós deslizamos por entre altas muralhas cinzas, muito semelhantes ao convento de Picpus em *Os Miseráveis*. Os operários, mulheres do povo com seus filhos estavam já na porta da escola onde se faz as aulas. (...) O público estava interessado em estudar. Figuras sérias, concentradas, imóveis, quase sofrentes. Outros radiosos, vermelhos. Um operário com sua filha, de casquete. Mães com seus filhos dormindo sobre os joelhos, calmos, lânguidos, abatidos^{xxiv}.

¹⁸ Fundada em 1896 por René Bazin (proveniente da burguesia católica) e André Spire (de uma família de industriais judeus), a *Société des visiteurs pour le relèvement des familles malheureuses*, inicia suas atividades com 262 membros e atingiria, em 1912, um montante de 1584 membros; seção à que Halbwachs se filia é fundada em 1899 e em um ano de atividade comporta mais de 50 membros. A sociedade passa por uma série de dificuldades a partir da grande guerra, vindo a se dissolver em 1927.

Para mais detalhes ver o artigo de Sandra Dah, “Bienfaisance et socialisme au tournant du siècle: la Société des visiteurs » in TOPALOV, Christian (dir.). *Laboratoires du nouveau siècle, la nébuleuse réformatrice et ses réseaux en France, 1880-1914*. Paris : Édition EHESS, 1999, pp. 219-238.

Outro elemento constitutivo da rede dos socialistas *normaliens* é a publicação do boletim bibliográfico *Notes Critiques. Sciences Sociales* (1900-1906), um compêndio de resenhas de obras de Ciências Sociais e breves artigos publicados na *Nouvelle Société de librairie et d'éditions*¹⁹. Mesmo que pouco ativo em seus primeiros anos de existência, é através desse boletim que Halbwachs manteve-se em constante relação com seus camaradas *normaliens* no momento em que se distancia de Paris e da vida de estudante: aprovado em 3º lugar no concurso da *Ágrégation* em Filosofia (1901), o jovem professor se casa e, após dois anos de ensino em Constantine (1901-1902) e Montpellier (1902-1903), parte um ano como “leitor” a Universidade de Göttingen.

Durante esse período na Alemanha trabalha no recenseamento dos manuscritos de Leibniz, que viriam a compor uma edição internacional das obras completas do autor d’A *Monadologia*; e estuda com afinco a economia política alemã. Os resultados materiais dessa estada na Alemanha são uma obra de 1907, intitulada *Leibniz*^{xxv} - que até a última década do século XX constava como bibliografia obrigatória do concurso da *Ágrégation* em Filosofia -; e o esboço de uma reflexão articulada pelo problema das classes sociais no pensamento alemão da época, publicada sob a forma de cinco ensaios em 1905²⁰.

A partir de 1905, logo após seu retorno da Alemanha, Halbwachs está diretamente envolvido com o grupo da *Année Sociologique*, onde é introduzido na seção de sociologia econômica por Simiand^{xxvi}. Em pouco tempo Halbwachs se tornaria um dos maiores

¹⁹ Sob a articulação de Lucien Herr, a *Librairie Bellais* de Charles Péguy é salva da falência e transformada na *Nouvelle Société de librairie et d'éditions* (1898), onde são publicados tanto as *Notes Critiques. Sciences Sociales* e a *Bibliothèque Socialiste* (1900-1906), como um conjunto de teses dos jovens pesquisadores ideologicamente alinhados. Sobre a formação e o papel desempenhado pela *Nouvelle Société de librairie et d'éditions*, ver: SMITH, *L'atmosphère politique...*, *op.cit.*; e PROCHASSON, Christophe. « Entre science et action : le 'réseau Albert Thomas' et le socialisme normalien, 1900-1914 » in TOPALOV, Christian. *Laboratoire du nouveau siècle : La nébuleuse réformatrice et ses réseaux en France, 1880-1914*. Paris : EHESS, 1999, pp. 141-158.

²⁰Os ensaios são:

^α « Les besoins et les tendances dans l'économie sociale » in *Revue Philosophique de la France et de l'Étranger*, n° 59, 1905, pp.180-189.

^β « La science et l'action sociale d'après Berstein : étude critique » in *Revue socialiste*, n°41, 1905, pp. 523-535.

^γ « La psychologie de l'ouvrier moderne d'après Berstein : étude critique » in *Revue Socialiste*, n° 41, pp.46-57.

^ε « Remarques sur la position du problème sociologique des classes » in *Revue de métaphysique et morale*, n°13, 1905, pp. 890-905.

^ν « La ville capitaliste d'après Sombart » in *Revue d'économie politique*, n°19, 1905, pp. 737-747.

colaboradores da publicação^{xxvii} e ficaria encarregado da seção destinada à *morfologia social*, ou seja,

(...) o estudo que incidiria sobre a forma material das sociedades, isso quer dizer, sobre o número e a natureza de suas partes e a maneira pela qual elas se dispõem sobre o solo, e, ainda, sobre as migrações internas e de país a país, a forma das aglomerações, das habitações etc. [de maneira à] (...) descobrir, atrás delas [das formas materiais] uma grande parte da psicologia coletiva^{xxviii}.

É nessa perspectiva que Halbwachs se debruçou, entre 1907 e 1909, sobre o *Segundo Império*, construindo uma tese sobre as expropriações e o preço dos terrenos em Paris de 1860 à 1900^{xxix} - tema cujo interesse político era inquestionável. Tal tese, considerada por alguns uma precursora^{xxx} e por outros o próprio marco fundador^{xxxi} da sociologia urbana, visava pesquisar as causas que explicavam as mudanças de estruturas numa grande, extensa e complexa cidade. Nesse sentido, o autor conclui, segundo sintetizam Christian Topalov^{xxxii} e Michel Amiot^{xxxiii}, que o traçado das novas vias e a expansão das cidades estavam para além das vontades individuais, não executando os indivíduos senão prescrições coletivas.

A tese seria defendida na Faculdade de Direito da Sorbonne, sob a menção *Ciências Políticas e Econômicas* - assim como o haviam feito François Simiand (1904) e Hubert Bourgin (1906) - e sobre ela a crítica da *Revue du Mois* joga as esperanças de que

(...) esse trabalho, conjuntamente com aquele do Sr. F. Simiand, convença os jovens economistas da necessidade de revisar os conceitos tradicionais da ciência econômica e de lhes por a prova em contato com os fatos. A economia política, de dialética, deve vir a ser experimental^{xxxiv}.

Como apontam Christian Topalov^{xxxv} e Maire Jaisson^{xxxvi}, a escolha por uma tese em Direito está diretamente ligada a uma estratégia de tentar fazer a Sociologia entrar no meio universitário, dado o caráter ainda indeterminado de tal doutorado²¹. Assim, apresentando

²¹ Segundo indica Topalov, “em 1895, com efeito, a criação de um novo doutorado em Direito, menção Ciências Políticas e Econômicas, resolveu ‘de uma maneira indireta, mas, não obstante, decisiva a questão do modo de organização dos estudos sociais e políticos no ensino superior’. Lavissee, no ministério, vê aí a instituição, no interior da universidade, de ciências cameraais ao modo alemão, através das quais a escola livre de Ciências Políticas tinha tomado avançado por um sólido caminho e os professores de direito, reformadores que promoveram a medida, nela liam a promessa de uma transformação das Faculdades de Direito em Faculdade de Ciências Sociais. Com esse novo doutorado, cujo conteúdo resta a definir, o jogo parece se abrir do lado das Faculdades de Direito”^α.

^α TOPALOV, Christian. « Maurice Halbwachs et les villes (1908-1912) : Une enquête d'histoire sociale des sciences sociales ». in *Annales. Histoire, Sciences Sociales*. N°5, 1997. pp. 1057-1083.

seus limites e críticas tanto à economia política quanto à história tradicional, o grupo da *Escola Francesa de Sociologia* vai tentando afirmar o primado da análise experimental sobre a abstração, construindo um lugar em meio às disputas da institucionalização universitária^{xxxvii}. A estratégia não dá resultados imediatos e nenhum dos três sociólogos conquista um posto na Sorbonne.

De outro lado, a partir de 1905, o socialismo *normalien* fortalece seus laços através do lançamento, por Albert Thomas, da *Revue Syndicaliste* como laboratório de ideias no interior do partido socialista; e o lançamento dos *Cahier du socialisme*, por Robert Hertz. Halbwachs contribui com as duas revistas e será um importante colaborador da *Revue Socialiste* e, a partir de 1908, do jornal *l'Humanité*^{xxxviii}, de modo que vai se orientando, cada vez mais, para uma militância intelectual aos moldes de Simiand²². Com efeito, Halbwachs escreve à A. Thomas em 1909: “Eu creio poder render mais serviço ao socialismo guardando a atitude de um desinteressado e de um trabalhador que posando de militante, de ‘cidadão’ e de ‘agitador’”^{xxxix}.

É justamente esse duplo caminho de sociólogo e socialista que colocou limites à relação entre Maurice Halbwachs e sua esposa e a família Barrère. Como podemos ler na sentença do divórcio, “(...) após discussões políticas e religiosas, que Halbwachs manteve com sua mulher e seus sogros, ao longo das quais ele declarou que preferia a livre expressão de seu pensamento à família e seus preconceitos, ele abandonou o domicílio conjugal sem intenção de retorno”^{xl}. Com efeito, completaria Halbwachs numa nota de 06 de maio de

[En 1895, en effet, la création d'un nouveau doctorat en droit, mention sciences politiques et économiques, a tranché « d'une manière indirecte mais néanmoins décisive, la question du mode d'organisation des études sociales et politiques dans l'enseignement supérieur ». Lavisso, au ministère, y voit l'institution à l'université de sciences camérales à l'allemande pour lesquelles l'école libre des sciences politique avait pris une solide longueur d'avance, et les professeurs de droit réformateurs qui ont premu la mesure y lisent la promesse d'une transformation des facultés de droit en facultés des sciences sociales. Avec ce nouveau doctorat dont le contenu reste à déterminer, le jeu semble s'ouvrir du côté des facultés de droit.]

²² Vale destacar aqui a “dupla perspectiva” que os escritos de Halbwachs do período apresentam, como ficam evidenciados na comparação entre sua tese de doutorado (1909) e uma brochura publicada nos *Cahier du Socialisme* em 1908, intitulada *La politique foncière des municipalités* [A política fundiária das municipalidades]: enquanto na tese sustenta o caráter *sui generis* das leis de desenvolvimento dos traçados das ruas de uma grande e complexa cidade e apresenta tanto o especulador como o administrador como submetidos às “ordens” do meio social; a pequena brochura faz denúncia da especulação (que afeta, antes de tudo, as populações trabalhadoras) e defende o planejamento fundiário ao nível municipal como base da ação socialista. Essas duas “vias” foram ora lidas como uma contradição, ora como paradoxo; em ambos os casos, o que se evidencia é uma certa concepção sobre os momentos da política e os momentos da ciência típicos do durkheimianismo. Ver: TOPALOV, *Halbwachs et les villes...*, *op.cit.*

1930, “(...) nosso divórcio é do fim de 1908, mas nossa separação data de agosto de 1907, e tinha então 30 anos. Eu me casei em outubro de 1901, isso quer dizer, com 24 anos, no mesmo ano em que eu obtive a *Ágrégation* saindo da Escola Normal (...)”^{xli}.

Deste modo, o rompimento com a família Barrère é, em certo sentido, um rompimento com uma série de tendências de sua juventude: sua posição política agora é clara, assim como sua posição em relação à ciência e à religião. O divórcio marca também, como indica Marie Jaisson, o fim desse que foi um dos períodos mais tristes da vida de Halbwachs, cujos traços de desolamento ficaram registrados nos arquivos de avaliação do corpo docente do *Lycée* de Tours^{xlii}.

Não por menos, tão logo finalizou sua tese de doutorado no início de 1909, Maurice Halbwachs se lança em um novo e igualmente pretencioso projeto: realizar um estudo sociológico da classe operária. O modo encontrado para por em prática tal projeto é se engajar, sob a orientação de Durkheim, em uma tese na Faculdade de Letras da Sorbonne. Para isso, Halbwachs é contemplado com uma bolsa de estudos da Sorbonne junto às Universidades de Berlim e Viena, com duração de um ano.

Assim, em outubro de 1910, Halbwachs parte à Berlim. Mas, dada a intensidade de sua atividade política desde meados de 1908, já em dezembro encontra-se em “maus lençóis”: por conta de um artigo publicado no *l’Humanité* retratando o tratamento dado pela polícia berlinense a uma greve operária, Halbwachs recebe uma carta em que podemos ler:

“(...) em virtude do presente mandado, você está, por emissão da polícia de Estado, expulso da Prússia como estrangeiro nocivo e, por conseguinte, convidado a deixar o território do Estado prussiano no período de uma semana. – No caso de você não dar prosseguimento a esta injunção, deve esperar por medidas de constrangimento.” – Sobre o envelope, do lado, estava indicado que essa carta me foi enviada em 22 de dezembro de 1910^{xliii}.

A expulsão de Maurice Halbwachs foi trazida ao debate público, segundo podemos verificar num texto de memórias de Halbwachs^{xliv}, através dos artigos de Jean Jaurès, na França, e da posição de Karl Liebknecht no parlamento alemão, de modo a criar certos impasses na relação entre o chanceler do Estado da Prússia e o chefe da Polícia de Estado de Berlim. De todo modo, esse período de trabalho sobre a economia política e do marxismo será levado a cabo em Viena, onde permanecerá até outubro de 1911.

De retorno à França, Halbwachs trabalharia detidamente sobre as duas pesquisas alemãs sobre orçamento familiar operário de 1907, uma levada a cabo pela *Agência imperial de estatística* e outra pela *União dos trabalhadores metalúrgicos* – duas fontes sem equivalentes na Europa à época, nos indicam Christian Baudelot e Roger Establet^{xlv}. Assim, a tese principal, intitulada *A classe operária e os níveis de vida: pesquisa sobre a hierarquia das necessidades nas sociedades industriais contemporâneas*^{xlvi} é reconhecida pela sua originalidade metodológica, que, por sua vez, está sustentada numa releitura da *Teoria do homem médio* de Quetelet, tema de sua tese secundária^{xlvii}. Ambas são defendidas no sábado, dia 11 de janeiro de 1913, perante um jure composto por Émile Durkheim, Charles Seignobos, Lucien Levy-Bruhl, Gaston Milhaud, André Lalende e Celestin Bouglé; da defesa, sabemos através do relatório feito por Jean Combarieu que

(...) de uma voz nítida e pausada, em uma linguagem muito conveniente, sem posição tomada pela contradição ou por réplicas agressivas, ele [o candidato] respondeu a todos, algumas vezes mesmo com vantagem (como na discussão com Sr. Bouglé). Todos lhe cobrindo de flores, não lhe privaram de duras críticas, as quais será necessário bastante trabalho para responder. Com algumas observações penetrantes, Sr. Levy-Bruhl tentou lhe mostrar a fragilidade de suas ideias filosóficas. Em suma, eu me retirei cheio de admiração mas um pouco decepcionado e lamentando que toda essa sessão de seis horas tenha sido consagrada quase inteiramente a uma crítica de ideias e não tenha levado a conclusões mais positivas^{xlviii}.

Halbwachs tem então 35 anos, dois títulos de doutor e uma ampla publicação científico-política. Enquanto, com a ajuda de Durkheim, tenta dispor de uma vaga universitária, segue como professor secundário em Tours. É nesse período que Halbwachs se casará uma segunda vez, agora com Yvone Basch - filha do diretor da *Liga de Direitos do Homem*, o eminente Victor Basch^{xlix}. Ao contrário da experiência anterior, Maurice construiria com sua esposa uma longa e feliz vida conjugal, da qual resultariam dois filhos: Francis (nascido em Tours, em 22 de abril de 1914) e Pierre (nascido em Paris, em 16 de novembro de 1916).

Figura 1. Turma de Filosofia de Maurice Halbwachs no Lycée Descartes em Tours, 1913-1914¹.



O acesso a uma cadeira universitária é refreado com a deflagração da *Grande Guerra*. Ao início do ano escolar de 1914, Halbwachs ensina no *Lycée* de Nancy, até que a cidade é circunscrita no interior da zona militarizada. O afastamento da docência é o que possibilita que seu *camarada* Albert Thomas inclua-lhe dentre os *normaliens* mobilizados nos trabalhos de seu gabinete voltado à produção dos materiais de guerra durante os anos 1915-1917²³. As atividades de Halbwachs compreendiam a análise estatística dos resultados da indústria do armamento visando uma melhor alocação dos escassos recursos, atividade que faria Halbwachs se descrever em uma carta à sua esposa como “grande mestre do alumínio”²⁴.

²³ Sobre as atividades de Maurice Halbwachs junto a Albert Thomas durante a guerra, ver : BECKER, *Maurice Halbwachs...*, *op.cit.*, pp. 79-92.

²⁴ “Albert Thomas me expôs que me constituiria grande mestre do alumínio. Requisita-se esse produto e serei eu quem será encarregado de dar toda autorização de venda. (...) Trata-se de constituir um serviço de matérias-primas na chefia do qual eu estarei. (...) Ele [Thomas] me disse: ‘Você tem um crédito de 60 toneladas [de alumínio] por mês. Cabe a você repartir-lhe de modo que não falte a nenhum serviço de guerra. Você será o responsável se...’, com um ar meio sério, meio brincalhão. Ele está muito contente de me enfiar nos metais”²⁵.

²⁵ IMEC, HBW2 AI 602.2, 2-26/ 08 de 1915 APUD BECKER, *Maurice Halbwachs...*, *op.cit.*, p. 87.

[Albert Thomas m’aexposé qu’il me constituerait grand maître de l’aluminium. On réquisitionne ce produit, et c’est moi qui serais chargé de délivrer toute autorisation de vente. (...) Il est question de constituer un service de matières premières à la tête duquel je serais. (...) Il m’a dit : « Tu as un crédit

Com o afastamento de Thomas do governo de Paul Painlevé no segundo semestre de 1917, seu gabinete é dissolvido e seus componentes dispersam-se. A dispersão é reforçada por aquilo que seria um dos golpes mais fortes na *Escola Francesa de Sociologia*: em novembro do mesmo ano Émile Durkheim falece abruptamente alguns meses após a morte em combate de seu filho André. Halbwachs, de sua parte, retoma suas atividades no *Lycée* de Nancy e é sob o bombardeio e a evacuação da cidade que ele teceria sua homenagem a seu segundo mestre: uma síntese do pensamento de Durkheim a ele encomendada por Lucien Levy-Bruhl para a *Revue Philosophique de la France et de l'Étranger*. Como relata a sua esposa,

Todo o Durkheim clássico, da *Divisão do trabalho* e da *Regras do método*, já tomou forma: faltam as partes mais recentes e, aliás, mais discutidas, a expor – e isso não é pouco. Eu me atenho e vou ler e reler até que eu veja mais claro. (...) Tarefa inferior [*Besogne en forme inférieure*], mas que me dá a ocasião de me manifestar como “filósofo”. No fundo, eu me enfado um pouco de não poder me dar mais inteiramente às Ciências. (...) Eu não criticarei [Durkheim]. Mas eu redigirei, entretanto, na forma de projeto [*en projet*], algumas reflexões um pouco heterodoxas que me ocorreram olhando de perto o pensamento do mestre. (...) Nunca eu me encontrei mais ao centro da “doutrina” que nesse momento. É muito bela, mas há várias lacunas, incompreensões. Em todo caso é um soberbo ímpeto unilinear e, eu me engano fortemente [*sic.*], ou ele irá mais longe que Bergson^{li}.

A *doutrina de Émile Durkheim* é publicado no início de 1918^{lii} e, após percorrer as linhas fundamentais do pensamento do fundador da *Escola Francesa* em cinco movimentos, destaca que o eixo do projeto científico de seu mestre estaria nos traços que orientaram a formulação da *L'Année Sociologique*:

Se Durkheim teve a ideia de aproximar, nos quadros da *L'Année Sociologique*, os fatos estudados pelas disciplinas mais diferentes - pela filosofia social, pelo direito, pela história das religiões, pela economia política, pela demografia etc. -, é porque ele pensava que cada uma delas se aplicava a um domínio da nova Ciência e que o melhor meio de fazer todas tomarem consciência da unidade de seu objeto era associá-las e colocá-las em contato. Hoje podemos dizer que ele conseguiu (...) ^{liii}.

Esse espírito de ecumenicidade entre as diversas áreas do conhecimento será uma preocupação constante das atividades de Halbwachs e, muito embora ele não apresente suas

de 60 tonnes par mois. À toi de le répartir de façon à ce qu'aucun service de la guerre n'en manque. Tu seras responsable si... », d'un bon air moitié sérieux, moitié joyeux. Il est très content de me fourrer dans les métaux]

críticas ao pensamento de Durkheim no artigo de 1918, a sua leitura *heterodoxa* será acrescida de um lento trabalho de refinamento das premissas e análises durkheimianas. Nesse sentido, foi essencial, após uma breve passagem como mestre de conferências pela Universidade de Caen, sua eleição a cadeira de Sociologia e Pedagogia da Universidade de Strasbourg e o papel que tal universidade desempenharia imediatamente após a Primeira Guerra Mundial.

* * *

Criada em 1919, a Universidade de Strasbourg tem uma missão política latente: fazer da área das recém-integradas Alsácia-Lorena uma área de influência definitivamente francesa^{liv}. Para esse fim via-se como imprescindível organizar ali uma universidade claramente superior à universidade alemã que lá se instalara no período 1872-1918: “É preciso que em Strasbourg a França faça melhor que a Alemanha; a honra nacional aí está engajada. Da prosperidade da Universidade de Strasbourg depende em parte o renome e a glória [*rayonnement*] da França no mundo” - dizia então o historiador Christian Pfister, membro da comissão encarregada da formulação da nova universidade^{lv}. No campo da Sociologia e da Pedagogia, o desafio não era pequeno, dado que antigo titular da cadeira a ser ocupada por Halbwachs, com 42 anos então, não era ninguém senão Georg Simmel.

Assim, forma-se uma equipe que dispunha, além de Halbwachs, de especialistas na Filosofia (Martial Guérout e Maurice Pradines), na História (Marc Boch, Lucien Febvre e Georges Lefebvre), na Psicologia (Charles Blondel), em Estudos Germânicos (Edmond Vermeil), em Direito (Gabriel Le Bras), em Matemática (Maurice Fréchet) e em Fisiologista (Émile Terroine); equipe caracterizada por seu *espírito de sítese* que se manifestava de diversas maneiras.

Por exemplo, os professores, rompendo com as tradições individualistas próprias à vida universitária francesa, assistem correntemente aos cursos de seus colegas. Acontece de dois professores fazerem seis cursos juntos, prática aparentemente sem precedente na universidade francesa. Muitos institutos encorajam o trabalho em grupo e alguns deles – dentre os quais o Instituto de Filosofia que Halbwachs ajuda a organizar – insistem sobre a necessidade da pesquisa interdisciplinar. Cada semana acontecia um fórum, as « reuniões de sábado », durante as quais os membros de diferentes faculdades apresentavam as descobertas recentes de seus próprios domínios. Em resumo, tudo expressa o desejo de estabelecer uma

colaboração entre as disciplinas e a consciência de pertencer a uma equipe dotada de um espírito de corpo, sem equivalente em outras universidades francesas^{vi}.

É verdade, como nos apontou Marie Jaisson^{lvii}, que esse espírito de corpo é reforçado pelo profundo tédio a que estão submetidos esse grupo de professores e seus familiares. Isso porque, o número muito pequeno de alunos (cerca de dez por turma) lhes deixa muito tempo livre, mas é necessária muita inventividade para preenchê-lo, dada a imensa disparidade de ritmo de vida a que estavam habituados em Paris. Assim, além dos vários convescotes na *rue des Allemands* onde morava o grupo de professores, Maurice Halbwachs mergulha no estudo do pensamento alemão, da psicologia e, sobretudo, da estatística e do cálculo propabilístico a partir do acervo deixado pelos alemães na biblioteca universidade²⁵.

Esse diálogo entre os diferentes campos do conhecimento refletir-se-ia na nova série da *L'Année Sociologique* (1925) e na criação dos *Annales d'Hisoire Economique et Sociale* (1929), revistas nas quais a contribuição de Halbwachs seria volumosa. Também se materializaria, em 1924, em um livro de introdução ao cálculo probabilístico que o sociólogo escreve em quatro mãos com Maurice Fréchet, certamente o matemático mais importante da França à época: *O cálculo de probabilidades ao alcance de todos*^{lviii}.

Como anteriormente dissemos, esse período em Strasbourg reorientará as pesquisas de Halbwachs em direção aos estudos da psicologia coletiva, mais precisamente a memória. Efetivamente, a questão da memória não toca exclusivamente suas pesquisas. Ela é uma questão que pauta a produção intelectual do entreguerras. Lembremos apenas que é

²⁵ Com a transformação da cadeira de *Sociologia e Pedagogia* na primeira cadeira francesa destinada somente à *sociologia* em 1922, uma das três salas do *Instituto de Filosofia*, fora destinada à Sociologia. Nela Maurice Halbwachs reuniu cerca de 600 obras organizadas em oito grandes grupos. Dentre os autores mais relevantes destacam-se Adam Smith, Bernstein, Fourier, Gobineau, Howit, Kautsky, Lassalle, Marx, Proudhon, Ricardo, Saint-Simon, Schomoller, Simmel, Sorel, Spencer, Tarde, Veblen, Webb e Weber; além de publicações sobre os comunistas russos e sobre a Sociedade das Nações. A esse acervo deve-se somar uma série de revistas científicas de modo que, "(...) ao total, a sessão de sociologia do Instituto possui no presente aproximadamente 800 obras e mais de mil volumes, dos quais entre cem e cento e cinquenta somente provém do antigo seminário de filosofia. É pouco, sem dúvida, se levarmos em conta os campos abarcados. Ao menos, nós não estamos cheios de obras medíocres em um domínio onde se publica tanto. Importa mais, talvez, não ter lido muito dessas [medíocres] que não ignorar as outras"^α.

^α HALBWACHS, Maurice & PRADINES, Maurice. "L'institut de philosophie" in *Bulletin de la Faculté des Lettres de Strasbourg*, ano 3, n°1, 1924, p. 227-231

[Au total, la section de sociologie de l'Institut possède dès à présent près de 800 ouvrages, plus d'un millier des volumes, dont cent à cent cinquante seulement proviennent de l'ancien sémiraire de philosophie. C'est peu, dans doute, si l'on tient copte du champ embrassé. Du moins, nous ne nous sommes pas encombrés d'ouvrages médiocres en un domaine où il s'en imprime tant. Il importe peut-être autant de ne pas avoir lu trop de ceux-là que de ne pas ignorer les autres.]

justamente nesse período que temos manifesto surrealista de André Breton, a explosão de Salvador Dalí; é o momento em que Marcel Proust põe-se em busca do tempo perdido; que a obra de Sigmund Freud sofre uma virada teórica a adentra a segunda tópica, a do indivíduo social; e que Maurice Halbwachs publica *Os quadros sociais da memória* (1925)^{lix}, uma charneira em seu itinerário intelectual, na visão Gérard Namer²⁶.

O livro foi recebido com entusiasmo pelos companheiros de Universidade. Marc Bloch aponta que “(...) esse livro notável (...) nos presta um serviço preciso, que ninguém melhor que um historiador (...) poderia estimar seu justo valor: ele nos obriga a refletir sobre as condições mesmas do desenvolvimento histórico da humanidade: pois o que seria esse desenvolvimento sem memória coletiva?”^{lx}; já Charles Blondel, vê o livro como

(...) uma contribuição capital à psicologia sociológica. Ele estabelece definitivamente, com muita engenhosidade e força, que a função mental elementar que é geralmente tida como a mais individual e a mais pessoal de todas, é, na verdade, penetrada por influências coletivas que lhe regram e determinam o funcionamento; de tal modo que cada ato de memória, antes de aí definir e estudar o que provém do indivíduo, o psicólogo deve isolar de início tudo o que a coletividade aí introduz por seu próprio movimento [*de son chef*]^{lxi}.

Isso não significa que tanto um quanto o outro não tivessem suas ressalvas para com as formulações de Halbwachs: Marc Bloch aponta o caráter geral da teoria e a necessidade de verificá-la a partir de um caso particular, dando a devida atenção aos mecanismos de transmissão da memória e às “falsas lembranças”, como as que povoam a história do cristianismo^{lxii}; já Blondel, com quem Halbwachs travará uma longa querela intelectual no entreguerras^{lxiii}, entende que na incursão do sociólogo pelo campo da psicologia

(...) a Sociologia tende não somente a esclarecer, a completar e a definir a psicologia, mas lhe absorver inteiramente. (...) Melhor seria evitar temeridades [*hardiesses*] e imprudências de linguagem mais do que nunca em um momento onde, não sem razão, creio eu, muitos intelectuais veriam de bom grado se constituir uma Sociedade de Ciências Morais no Conselho da qual a Sociologia ocuparia um dos

²⁶ NAMER, *Postface, op.cit.*, Nós, no entanto, não nos colocamos completamente ao lado de Namer. Isso porque, ao que nos parece, toda obra de Halbwachs pode ser pensada na perspectiva das relações que se estabelecem entre as formas materiais e a consciência coletiva – ou seja, na perspectiva da morfologia social. Assim, o « gênero de vida » tem um papel crucial na compreensão do suicídio e a disposição espacial das materialidades, como veremos adiante, é determinante na constituição da memória.

primeiros lugares, mas não querem a nenhum preço ouvir falar nem de Imperialismo Sociológico, nem de Pansociologismo^{lxiv}.

Halbwachs, como lhe era característico, não polemiza com as críticas de seus companheiros de docência, mas as digeriria lentamente. Durante essa digestão, o sociólogo realiza uma primeira viagem ao Egito e à Palestina entre o final de maio e boa parte do mês de junho de 1927^{lxv}, onde trabalharia nos júris do *baccalauréat*. Embora não se saiba com exatidão se Halbwachs fora convocado ou se apresentara como voluntário a tal viagem, é ao menos curioso que, desde publicação d'*As origens do sentimento religioso segundo Durkheim* (1925)^{lxvi}, o sociólogo tenha empreendido uma série de leituras ligadas ao mundo judaico-cristão^{lxvii}.

De retorno do oriente, Halbwachs reedita e expande em um capítulo e uma conclusão a primeira parte de sua tese de 1909, publicada em 1928 com o título *A população e os traçados de vias em Paris desde cem anos*^{lxviii}; e visa atualizar a pesquisa de Durkheim sobre o suicídio, mas, tão logo abrimos *As causas do suicídio*^{lxix}, é com um livro todo novo que nos deparamos. Com efeito, Halbwachs nos surpreende com um aporte teórico-metodológico original para elaborar e interpretar o problema do suicídio, como nos diz o sociólogo Sèrge Paugam, responsável pela reedição do livro,

(...) esta obra merece ser lida hoje não somente porque ela prolonga o *Suicídio* de Durkheim – o que já é uma razão suficiente –, mas também porque ela suscita interpretações novas, contribui a superar a oposição clássica, mas completamente estéril, entre indivíduo e sociedade e conduz à análise da consciência social das sociedades, o que nos leva à psicologia coletiva^{lxx}.

Quando da publicação d'*As causas do suicídio*, livro em que a finesa da análise estatística de Halbwachs é ressaltada, o professor de Sociologia de Stransbourg recebe um convite para lecionar na Universidade Chicago durante o trimestre de outono de 1930. Único dos membros da *Escola Francesa de Sociologia* a lecionar nos EUA, Halbwachs recebe o convite devido justamente pela busca de novas perspectivas para um departamento que se reorganizava no outro lado do atlântico. Como bem nos aponta Christian Topalov:

O desafio dos intercâmbios era o de melhor controlar o uso dos Rockefeller no domínio das Ciências Sociais, ao mesmo tempo promover a nova orientação científica que tinham definido [Beardsley] Rumml, [Rober] Hutchins, [Leonard] White, [William F.] Ogburn e alguns outros: aproximar (quicá unificar) as Ciências Sociais

entorno de objetivos comuns (estudar os problemas da sociedade) e de um método comum (a quantificação). Ogburn, há muito tempo e de modo constante, tinha sobre este último ponto uma posição muito fechada. Em 1922, por exemplo: “não se pode ter ciência sem medida. E a ciência se desenvolverá no domínio dos estudos sociais em razão direta do uso da medida”. Isso se acompanha de uma crítica aos métodos que privilegiavam seus colegas de departamento. Ele escreveu em 1927: “Em Sociologia, muito trabalho descritivo não é suficientemente cuidadoso ou completo e assemelha, antes de tudo, a uma reportagem para a imprensa cotidiana. É preciso lamentar enormemente a descrição desorganizada em Sociologia, a situação é madura para se por em uso estatísticas”^{lxxi}.

Desse modo, é enquanto especialista na sociologia dos grandes números, pela qualidade de sua análise estatística, que Maurice Halbwachs partiria aos EUA – ao que tudo indica, por iniciativa de Ogburn. Dessa viagem resultam três conjuntos heterogêneos de documentos a partir dos quais é possível acompanhar de muito perto o desenrolar das impressões e reflexões de um *savant* no novo mundo^{lxxii}: uma série de cartas escritas a sua esposa e amigos, um conjunto oito crônicas “anônimas” publicadas no periódico *Le Progrès de Lyon*^{lxxiii} e três artigos acadêmicos^{lxxiv}:

O *novo* do novo mundo é apreendido de maneira ambígua pelo sociólogo francês: de um lado, como bem ilustram as crônicas no *Le Progrès*, o desenvolvimento da *civilização* americana segundo suas próprias leis lhe fez aparecer aos olhos de Halbwachs como uma terra marcada pela abundância, pela busca incessante de eficiência e, sobretudo, pelo conformismo²⁷: uma gigantesca máquina que não cessa de ser remodelada durante seu

²⁷ Escreve Halbwachs ao final de seu segundo artigo no *Le Progrès*: “O conformismo. Eis talvez a palavra, a chave de toda a psicologia e de toda vida social americana. A estátua colossal da Liberdade pode bem lhes acolher em Nova York, tendendo ao céu seu braço que aclara o mundo. Esse gesto de emancipação poderia também significar uma ameaça, um aviso severo àqueles que querem entrar no paraíso da civilização: ‘Vocês serão cidadãos americanos, isso quer dizer homens livres, sob condição de primeiramente se conformar aos modos e às maneiras de agir habituais dos habitantes desse país. Vocês não terão o direito de regrar sua via como vocês bem entenderem, nem, sobretudo, de pensar por vocês mesmos’^α.

^α HALBWACHS, *Des Statistiques...*, *op.cit.*, p. 257.

[Le conformisme. Voilà peut-être le mot, la clef de toute la psychologie et de toute la vie sociale américaine. La statue colossale de la Liberté peut bien vous accueillir à New York, tendant vers le ciel son bras qui éclaire le monde. Ce geste d’émancipation pourrait bien signifier une menace, un avertissement sévère à ceux qui veulent entrer dans le paradis de la civilisation : « Vous serez des citoyens américains, c’est-à-dire de vrais hommes libres, à conditions de vous conformer d’abord aux modes et aux façons d’agir habituelles des habitants de ce pays. Vous n’avez pas le droit de régler votre vie comme vous l’entendez, ni, surtout, de penser par vous-mêmes ».]

funcionamento e cuja energia é “o esquecimento, o esquecimento sem esforço, o esquecimento definitivo”^{lxxv}.

De outro, tal qual está registrado em sua correspondência íntima, o espírito reservado, nervoso e hipocondríaco²⁸ de Halbwachs faz com o distanciamento da família e todo esse *novo* cause-lhe pena incomensurável: com a impressão de se tornar agorafobo, teme que seu quarto seja invadido por gangsteres no meio da noite^{lxxvi} e se desespera quando lê em um jornal que uma névoa envenenada cobria a Bélgica e o norte da França^{lxxvii}. Somam-se a esse mal-estar a impressão de não ser compreendido por seus alunos devido ao seu estrito inglês *scholar*^{lxxviii} e a vertiginosa carga de trabalho, “mais que todo um ano em Stragsbourg”^{lxxix}.

Nesses duros meses de Chicago o sociólogo francês dedica grande parte de seu tempo, para além dos cursos ministrados, ao seu *desk* instalado na biblioteca da Universidade de Chicago: “desde que eu tenha um pouco de tempo, eu vou à Biblioteca onde eu encontro livros que eu procurava em vão em Strasbourg (...). Eu me atualizo, eu me renovo e me acontece de ler um livro em um dia”^{lxxx}, escreve ele a sua esposa. Nesse 'garimpo' bibliográfico Halbwachs tomaria contato não só com a produção dos sociólogos de Chicago, mas com uma série de trabalhos ligados ao método estatístico, à matemática aplicada, à demografia, história dos Estados Unidos e à etnologia²⁹.

Nas passagens entre esses espaços, se dá uma série de encontros com outros professores, como Schultz, Wirth, Park e Burgess; as visitas ao *Social Science Research Building*, onde Halbwachs manuseava as recém-adquiridas máquinas de cálculo, esse “grande instrumento das ciências sociais”^{lxxxix}; e uma série de incursões pela cidade além das

²⁸ Ele escreve a sua irmã Marcelle em 26 de novembro de 1930: “Sim, eu passei um mal momento quando tive a gripe, porque, frequentemente, eu me senti muito vulnerável. Mas, sobretudo, eu devo ter atravessado uma crise de hipocondria. (...)”^α.

^α HALBWACHS, *Écrits d'Amérique...*, *op.cit.*, p. 186.

[Oui, j'ai passé un mauvais moment, quand j'ai eu la grippe, parce que, soudain, je me suis senti très vulnérable. Mais surtout j'ai dû traverser une crise d'hypochondrie.]

²⁹ Uma lista bastante detalhada das leituras acadêmicas realizadas por Maurice Halbwachs na biblioteca da Universidade de Chicago está disponível para consulta nos arquivos depositados no IMEC. Essa listagem fora reproduzida nos *Écrits d'Amérique (op.cit.)* nas páginas 36-37, para as leituras das obras dos sociólogos de Chicago; e, para as demais leituras, na nota 193 que se estende entre as páginas 164-165. Ademais, devem ser acrescidos os títulos citados em sua correspondência e que foram reunidos nas páginas 416-418 da obra acima referida.

fronteiras do campus. Relatando uma dessas incursões, Halbwachs escreve a sua esposa em 08 de novembro de 1930 que

Segunda eu fui ver os velhos bairros povoados por imigrantes: é um inferno. Eu caminhei bastante tempo, atravessei um imenso parque, depois o “black belt”, o “cinturão negro”, o bairro dos negros que se estende do centro ao sul por dezenas de quilômetros. Um trem vermelho sangue de boi me conduziu ao longo de uma rua que se chama Alsted [*sic* por Halsted Street], de início diante das Stock Yards ou abatedouros (um fedor trágico...), depois na 16th rua onde eu descí. Entre a 16th e a 12th é o “Gueto”. Eu passei uma hora em um velho mercado verdadeiramente extraordinário, onde se fala todas as línguas da Europa, mas, sobretudo, o judeu-alemão. (...) Todas as classes. Pobres diabos que se debatem com as negras, jovens corretos e elegantes como ingleses ricos, mas que gesticulam como orientais. Tudo isso é incrivelmente pitoresco. (...) Por volta da uma hora, eu estava bastante cansado quando cheguei ao loop e almocei rapidamente “sobre o balcão”, parecia que eu reencontrara a Europa por um instante, figuras e aparência de nossa terra [*de chez nous*], sobre as quais o conformismo americano ainda não pôs sua marca. Sente-se, entretanto, que isso é um estado de transição, um lugar de passagem, que todos esses meio-europeus não esperam senão uma ocasião para se adaptar definitivamente. Salvo os judeus, bem como os negros³⁰, parecem refratários^{lxxxii}.

Vale notar que esses percursos pelas diferentes regiões da cidade constituir-se-iam em material empírico de seus artigos, tanto no *Le Progrès* como nos *Annales*. Em ambos os documentos, a construção dos objetos aí trabalhados passa por um momento de descrição fortemente assentado sobre as experiências vivenciadas pelo próprio sociólogo³¹. Esses objetos construídos, porém, precisam ganhar uma nova ossatura e serem relidos através das

³⁰ Embora Halbwachs use o termo *negrès/negrèsses*, vale destacar que o termo não carregava tom pejorativo à época.

³¹ Como nos aponta Christian Topalov, “Maurice Halbwachs não hesitava em se aproveitar em seu artigo acadêmico, como ele fizera em sua crônica de viajante, de ter visto isso sobre o que ele falava (...). Pode-se ler às vezes as mesmas descrições, sem mudança considerável, em uma carta, primeiramente; na narrativa de viagem, em seguida; no artigo acadêmico, por fim. Encontra-se também no *Le Progrès* (...) notas de leitura apresentadas como se fossem coisas vistas”^α.

^α TOPALOV, *Maurice Halbwachs: une expérience américaine...*, *op.cit.*, pp. 51-52.

[Maurice Halbwachs n’hésite pas à se prévaloir dans son article savant, comme il l’avait fait dans sa chronique de voyageur, d’avoir vu ce dont il parlait (...). On peut lire parfois les mêmes descriptions, sans changement notable, dans une lettre d’abord, dans le récit de voyage ensuite, dans l’article savant, enfin. On trouve aussi dans *Le Progrès* (...) des notes de lecture présentées comme s’il s’agissait de choses vues]

lentes da sociologia durkheimiana para que se tornem, assim, conhecimento verdadeiro científico.

Deste modo, após nos fazer conhecer a pitoresca Chicago ao nível da rua - através de seus relatos e dos trabalhos originais elaborados pelos pesquisadores americanos³² -, o professor de Strasbourg dá um passo atrás, fecha-se na tranquilidade de seu gabinete e, por meio de uma cuidadosa análise das cifras populacionais e econômicas, apreende certos movimentos constituintes do *real* que escapariam as descrições quase jornalística de Burgess, Park e Wirth. É nesse sentido que, embora nada “substitua o contato direto com a vida dos grupos”^{lxxxiii}, é através de ferramentas de análise estatística que se torna possível, por exemplo, avaliar o grau de assimilação dos grupos imigrados, bem como as tendências internas a cada um desses grupos e algumas de suas facetas obscuras. Com efeito, distanciando-se das análises de sociólogos estadunidenses, Halbwachs nos diz que

(...) não é porque estrangeiros, mas por que operários, sobretudo porque mão de obra e operários da grande indústria, que a massa de imigrantes, admitida a residir [nos EUA], está, entretanto, separada da vida urbana, excluída da corrente tradicional e contínua que não carrega consigo senão os elementos verdadeiramente “burgueses”, ou em relação e em contato íntimo e familiar com a burguesia. Entre as diversas categorias de imigrantes, há, desse ponto de vista, diferenças, precisamente porque as condições de seu trabalho lhes vinculam menos naturalmente à cidade do que à sua armadura técnica – e não lhes vinculam a esta senão temporariamente. (...) Se ranquearmos os estrangeiros em Chicago segundo o montante crescente de seus salários, eles se dispõem mais ou menos segundo a ordem que nos pareceu

³² A posição de Halbwachs sobre a produção acadêmica de Chicago é explicitada em seu artigo *Chicago, experiência étnica*, onde podemos ler que “(...) se existe, na Universidade de Chicago, uma escola de sociologia original, isso não está desvinculado do fato de esses observadores não terem que procurar muito longe um tema de estudo. Sob seus olhos desenvolvem-se de década em década e quase de ano em ano novas fases de uma evolução urbana sem paralelo. (...) eu quero assinalar alguns dos livros que apresentam tais resultados [das pesquisas da sociologia de Chicago]: livros mais de descrição do que de ciência, desiguais, decepcionantes às vezes; mas frequentemente muito pitorescos, com tabelas construídas no calor da hora [*pris sur le vif*], documentos inesperados e preciosos; toda uma mina de fatos, em suma, atualizados pelos exploradores que não temem descer e avançar até o fundo das galerias mais subterrâneas”^α.

^α HALBWACHS, *Chicago, expérience ethnique...*, *op.cit.*, pp. 378-379.

[S’il existe, à l’université de Chicago, une école de sociologie originale, cela n’est passans rapport avec le fait que ces observateurs n’ont pas à chercher bien loin un sujet d’étude. Sous leurs yeux se déroulent de décade en décade, et presque d’année en année, de nouvelles phases d’une évolution urbaine sans exemple. (...) je veux signaler quelques-uns des livres qui en présentent les résultats : livres de description sans doute, plutôt que de science, inégaux, décevants quelquefois, mais le plus souvent très pittoresques, avec des tableaux pris sur le vif, des documents inattendus et précieux, toute une mine de faits, en somme, mis au jour par des explorateurs qui n’ont pas craint de descendre et de s’avancer jusqu’au fond des galeries les plus souterraines.]

ser aquela da rapidez de sua assimilação: os negros na mais baixa escala, depois os italianos, aqueles do norte claramente acima daqueles do sul, os poloneses ao nível dos italianos do norte, claramente abaixo dos judeus russos, depois os irlandeses e, um pouco mais alto, os alemães. (...) De uma maneira geral, esses grupos parecem se assimilar tão mais rápido quanto mais seu nível de vida é elevado^{lxxxiv}.

O que temos aqui é a recomposição de certos elementos já presentes em sua suas teses de doutoramento e do artigo *Matéria e Sociedade* de 1920^{lxxxv}: é por voltar as costas à vida social durante a maior parte de seu dia, quando está imerso em atividades técnicas, que o operário ocupa uma posição tão baixa na escala social. A novidade é explicitar como essa formulação geral, avaliada décadas antes na distribuição diferencial das despesas dos trabalhadores de minas na Alemanha, toma corpo na dinâmica da distribuição espacial e étnica de uma cidade das dimensões da Chicago dos anos 1930.

De todo modo, o que vemos reafirmado nesse artigo é o primado do racionalismo característico da *Escola Francesa de Sociologia*. Mesmo que as leituras atuais da recepção e da influência da experiência vivenciada em Chicago sobre as pesquisas posteriores de Halbwachs não sejam unívocas³³, podemos afirmar sem receio que a posição a estrutura do artigo visava uma tentativa de sanar a pretensa carência de teoria característica da Sociologia estadunidense³⁴.

Ao final de 1930,

(...) Halbwachs espera que a Sorbonne crie uma cátedra de "Sociologia Estatística" que acaba não se concretizando. No final do ano seguinte, é Simiand quem se prepara para entrar no *Collège de France* (na cátedra de História do Trabalho deixada

³³ Referimo-nos aqui ao debate entre a *hesitação* ou, antes, uma incompreensão de certos aspectos da Sociologia de Chicago por Halbwachs, mas que lhe conduziria a uma espécie de "fenomenologia positiva" a partir dos anos 1930, como defende Jean-Christophe Marcel^α; e a leitura de Christian Topalov^β, que defende a existência de uma incompatibilidade entre o sentido atribuído à Ciência por Halbwachs e àquele desenvolvido pelos professores de Chicago, de tal modo que a "influência" da experiência americana far-se-ia, sobretudo, sentir pela introdução das grandes aglomerações como um novo e recorrente tema em sua obra.

^α MARCEL, *Maurice Halbwachs à Chicago...*, *op.cit.*

^β sobretudo: TOPALOV, Maurice Halbwachs: une expérience américaine..., *op.cit.*,

³⁴ Halbwachs diria em uma resenha publicada nos *Annales* em 1932 que, "em suma, enquanto os sociólogos alemães não saem da teoria, os Americanos talvez não se preocupem o suficiente com as ideias e linhas mestras"^α.

^α HALBWACHS, Maurice. "La sociologie en Allemagne et aux États-Unis" in *Annales d'Histoire Économique et Sociale*, ano 4, n°1, 1932, pp. 80-81.

[...] En somme, tandis que les sociologues allemands ne sortent pas de la théorie, les Américains ne se préoccupent peut-être pas assez des idées et vues directrices.]

vaga pela morte de Georges Renard), o que não pode senão ampliar em Halbwachs o sentimento de que, afinal de contas, agora era sua vez. Em 1932, como previsto, [Alfred] Loisy se aposenta. Apoiado por Mauss, Halbwachs anuncia rapidamente suas intenções a seus amigos, mas encontra-se então em concorrência com Febvre e, diante das melhores chances deste, renuncia a apresentar oficialmente sua candidatura para não comprometer o êxito de seu colega historiador^{lxxxvi}.

Adiado o tão desejado retorno à Paris³⁵, Halbwachs volta-se às suas atividades docentes em Strasbourg. É nesse momento que conduziria as duas únicas teses de doutorado que orientou ao longo de sua carreira, ambas de estudantes estrangeiros. O primeiro a estar sobre seus auspícios é Lowell L. Bennion, que realiza a pesquisa que viria a ser o primeiro tratamento sistemático da obra de Max Weber escrito em língua inglesa: *Max Weber's Methodology*, defendida em dezembro de 1935 e agraciada com uma *menção honrosa*^{lxxxvii}. Logo após Bennion, é o turco Fahri A. Ziaeddin que defenderia, em 1935, uma tese principal sobre a vida e a obra de Ziya Gökalp e uma tese complementar sobre as transformações do código familiar na Turquia^{lxxxviii}.

Do ponto de vista de sua pesquisa, o professor de Sociologia de Strasbourg publicaria, a partir de dados coletados nos Estados Unidos e novas pesquisas realizadas na França e na Alemanha, um trabalho de grande envergadura sobre *a evolução das necessidades na classe operária* do final do século XIX anos 1930 em âmbito internacional^{lxxxix}, livro cujas

³⁵ O desejo de retorno à Paris torna-se mais forte e generalizado a partir de 1925, quando o projeto de fazer da Universidade de Strasbourg a melhor universidade europeia começa a balançar. A esse respeito, John Craig afirma que "(...) durante os primeiros anos, a grande maioria dos docentes se mostram satisfeitos com as condições de trabalho e não manifestam nenhum desejo de deixar a universidade. Mas, com o tempo, o entusiasmo e a fé na missão a cumprir, tão marcante em 1919, declinam e, em um só golpe, as habituais preocupações de carreira vêm à tona. (...) Um docente observa: 'É bem claro que após ter estado quase indiferentes (salvo por razões de amizade) a um retorno à Paris, nós o desejamos sem vergonha' [Jean Pommier à Gustave Cohen, 29 de outubro de 1931]. Consequentemente, as partidas se multiplicaram, particularmente na Faculdade de Letras. 'Essa Faculdade que nós criamos tão sólida, vai se deslocar', lamentava seu diretor em 1925; 'os melhores elementos nos escapam. É preciso se resignar: nós teremos a glória de ser a antecâmara da Sorbonne [Christian Pfister à Gustave Cohen, 20 de setembro de 1925]'^α.

^α CRAIG, Maurice *Halbwachs à Strasbourg...*, *op.cit.*, p. 290.

[Pendant les premières années, la grande majorité des enseignants se montrent satisfaits des conditions de travail et ne manifestent aucun désir de quitter l'université. Mais, avec le temps, l'enthousiasme et la foi dans la mission à accomplir, si frappants en 1919, déclinent et, du même coup, les habituelles préoccupations de carrière firent surface. (...) Un enseignant le fait remarquer : « Il est bien clair qu'après avoir été quasi indifférents (sauf pour raisons d'amitié) à un retour à Paris, nous le désirons sans vergogne ». En conséquence, les départs se multiplient, tout particulièrement à la Faculté des Lettres. « Cette Faculté qu'on avait créée si solide, va se diluer », déplorait son doyen en 1925 ; « les meilleurs éléments nous échappent. Il faut s'y résigner : nous aurons la gloire d'être l'antichambre de la Sorbonne ».]

linhas essenciais já tinham sido anunciadas na conferência sobre *Os orçamentos de famílias nos Estados Unidos e na Alemanha*^{xc}.

O tão almejado retorno à Paris e, assim, ao eixo da vida intelectual e política da França acontece em 1935. Com a partida de Célestin Bouglé à direção da Escola Normal Superior, Maurice Halbwachs assume a cadeira de *História da Economia Social* da Sorbonne, para dois anos mais tarde ser deslocado para a cadeira de *Metodologia e Lógica das Ciências* e, por fim, dois anos depois, para a cadeira de *Sociologia*, até então ocupada por Paul Fauconnet. Nesse período seus cursos versam sobre *O contrato social de Rousseau*^{xcii}, *A Estatística e a dinâmica social de Augusto Comte*^{xciii}, *As classes sociais*^{xciii} e a *Psicologia Coletiva*^{xciv}.

Figura 2. Foto de Família, meados de 1935^{xcv}



Da esquerda para a direita: Georges Basch, Victor Basch, Ilona Basch, Francis Halbwachs, Yvonne Halbwachs, Pierre Halbwachs, Françoise Basch e Maurice Halbwachs.

Enquanto se reinstalava em Paris, por demanda de Lucien Febvre, Halbwachs elabora junto com o jovem economista e estatístico Alfred Sauvy o terceiro tomo, parte do sétimo volume da Enciclopédia Francesa, sobre *A espécie humana do ponto de vista do número*, a ser publicado em 1936^{xcvi}. Como sintetiza Rémi Lenoir,

O ponto de vista do número constitui três apostas [enjeux]. Uma aposta científica: na história da interpretação triseular das reflexões sobre a regularidade das cifras de

nascimento, Halbwachs tenta dar uma resposta às questões que se põe o grande público, fortemente marcadas tanto pela problemática providencialista do século XVIII, tanto pela concepção probabilista do século XIX. Uma aposta demográfica: na obra de Halbwachs ela-mesma, a obra se inscreve na linha de trabalhos de morfologia e topografia sociais que retoma tais e quais ou que ele inicia nessa obra. Uma aposta política: a maneira como Halbwachs apresenta e trata o estado dos conhecimentos demográficos vai ao encontro das teses dominantes nos meios políticos como certos círculos científicos da época sobre as raças, a evolução das populações e os fenômenos migratórios^{xcvii}.

Com efeito, Marie Jaisson já destacara, que do ponto de vista intelectual,“(...) esse texto, por sua data de publicação - 1936 -, por seu conteúdo e pelos procedimentos utilizados na administração da prova constitui um marco [*jalón*] na maturação científica da obra do sociólogo^{xcviii}”; já do ponto de vista político, são as palavras de Lucien Febvre no *prefácio* do volume que nos indicam

(...) que o inimigo é precisamente esse formidável espírito de simplificação que inspira em nossos contemporâneos tantas audácias temerárias. Falemos claramente: o inimigo é o simplismo. Se posicionar perante esses formidáveis complexos de fatos biológicos - mas também históricos e psicológicos e morais e econômicos -, sobre os quais, sem mais hesitar, nós picamos as etiquetas falsamente claras de **Raça** e de **Número**^{xcix}.

É nesse clima que Halbwachs acompanha com muito entusiasmo a eleição do *Front Populaire* em 1936, por ocasião da qual ele anota em seu diário:

4 de maio de 1936 – Eleições de ontem (3 de maio). Nós esperamos os resultados no rádio [*à la TSF*] até a 1h da manhã. Francis apontando sobre as listas, enquanto que Pierre afetado (por estetismo, ou Gidismo) de não se interessar senão aos indivíduos. Vitória do *Front Populaire*. Enfim! (...) Eleições vermelhas! No fundo, é sempre a velha história. Os S.F.I.O. [Seção Francesa da Internacional Operária] e os comunistas terão desde já as mesmas posições relativas que, quando nós tínhamos 20 anos, os radicais e os socialistas unificados. Para Léon Blum e *nosso partido*, é hora de responsabilidade... 38 ou 40 anos após...^c

O ativismo político de Maurice Halbwachs é, no entanto, singelo se comparado ao de sua esposa e sua família. Com efeito, a família Basch será uma das grandes articuladoras da vinda à Paris de fugitivos políticos da Alemanha, Itália e Espanha. Assim, não foram poucas vezes que o sociólogo foi surpreendido com a transformação de seu escritório em abrigo

temporário de estrangeiros protegidos pela *Liga de Direitos do Homem*, segundo nos narra Marie Jaisson^{ci}. De outro lado, sua irmã Jeanne e seu conjugue, Michel Alexandre, militavam junto ao grupo pacifista articulado pelo filósofo Alain^{cii}. É por isso também que, após sua morte, Maurice Halbwachs ficou, durante tanto tempo, nas sombras no interior do próprio círculo familiar.

Mesmo assim, as movimentações políticas de Maurice Halbwachs não deixam de ter sua importancia. Segundo nos aponta Martin Jay, após o encerramento das atividades do *Instituto de Pesquisas Sociais* em Frankfurt por “tendências hostis ao Estado” em março de 1933, é por articulação de Célestin Bouglé, Maurice Halbwachs e Georges Scelle que as atividades da *Escola de Frankfurt* passariam a ter lugar no *Centro de Documentação Social* da ENS e que a revista do *Instituto*, a *Zeitschrift für Sozialforschung*, poderia continuar suas atividades, agora através das edições Félix Alcan^{ciii}. São igualmente Halbwachs e Scelle que interviriam para que Walter Benjamin fosse liberado de sua detenção no campo de Navers, em meados de 1939^{civ}.

A leitura das ações do *Fronte Popular*, no momento em que o desmoronamento da coalizão parece inevitável, dá-nos algumas pistas do Halbwachs socialista, que embora não se abstenha de traçar críticas ao governo de Léon Blum, mantém-se firme sobre as conquista que os trabalhadores alcançaram nos anos precedentes, reafirmando o característico anti-dogmatismo de seu pensamento. Diria ele ao jovem Raymond Aron ao final de 1937 que

(...) não tendo, eu lhe repito, de nenhuma maneira esperado o milagre, o que me espanta, antes de tudo, é que uma transformação essencial possa ter se realizado com tão pouco prejuízo. (...) Sobram ao menos as 40 horas, as férias pagas, os contratos coletivos e uma economia que sem dúvida não é brilhante: poderia ela ter sido mais se as pessoas de direita tivessem estado no poder? E havia uma terceira escolha? Isso dito, você tem razão de lembrar a necessidade de se fazer um esforço para crescer a produção, de lembrar os erros cometidos, aqueles que perigamos cometer e de sublinhar a ignorância e o espírito partidário de muitos políticos (...)^{cv}.

Do ponto de vista de suas publicações, o agora professor da Sorbonne continua a produzir uma quantidade impressionante de notas críticas sobre os mais diversos temas e autores³⁶, além de publicar, em 1938, *A morfologia social*^{cvi} e o longo artigo que,

³⁶ Ver a bibliografia de Halbwachs em anexo.

posteriormente, seria transformado em um livro, a saber, *Análise dos móveis que orientam a atividade dos indivíduos na vida social*^{cvi}. O primeiro livro é uma espécie de grande introdução a esse campo de estudo do qual ele é um dos grandes especialistas, tratando quais seriam os limites gerais e específicos dos respectivos objetos de estudo; o segundo aparece como uma tentativa de realizar uma análise da estratificação social de um ponto de vista da psicologia coletiva.

Em 1939, Maurice Halbwachs retorna à Palestina, por onde realiza uma viagem de quatro dias (29 de outubro a 1 de novembro) visando esmerilhar algumas das percepções de sua primeira viagem à Terra Santa. Com efeito, desde 1935 o sociólogo mergulhara na leitura do Velho e do Novo Testamento, de testemunhos de peregrinos, de comentários teológicos, obras literárias etc.³⁷; visando a tessitura de um estudo sobre um caso particular de evolução de uma memória coletiva historicamente delimitada, a saber, *A topografia lendária dos Evangelhos na Terra Santa*, publicado em 1941^{cvi}.

A partir de 1941 é visível a redução no volume de suas publicações, em grande parte isso se deve às tensões políticas que se multiplicam ao seu redor: seu amigo Marcel Mauss e seu cunhado Michel Alexandre são afastados de seus cargos pela interdição dos judeus em cargos públicos (1940); sua irmã e esposa participam e organizam manifestações políticas; seu filhos tomam parte nas atividades da resistência através do *Réseau Vélite-Thermopyles*³⁸. É nesse contexto bastante conturbado que Halbwachs nos diz, retomando os eventos de sua expulsão da Alemanha em 1910,

(...) tudo isso está muito longe morto no passado, com duas guerras interpostas e, entre as duas, tantas mudanças bruscas [*bouleversement*] na Alemanha. Temos dificuldade de se representar que naquela época uma expulsão desse tipo [a que foi submetido] aparecesse como um ato hostil vis à vis a França e, sobretudo, como um ato que saísse da normalidade^{cix}.

³⁷ Para mais detalhes sobre as leituras e as duas passagens de Maurice Halbwachs pelo oriente médio, ver: JAISSON, *Introduction*, *op.cit.*, pp. 5*-25*.

³⁸ O *Réseau Vélite-Thermopyles* foi uma rede de informações ligada ao *Bureau Central de Renseignements et d'Action* [Escritório Central de Informações e de Ação] fundada por Raymond Croland, Pierre Piganiol e Albert Mercier em 1940 e operando a partir da ENS^α. Francis Halbwachs engaja-se com o movimento em 1941, seu irmão Pierre ingressa em 1944^β.

^α Para mais detalhes ver: ARORY. «Le réseau Vélite-Thermopyles», disponível em <http://arory.com/index.php?id=85>, acessado em 23 de dezembro de 2012; GENIÈS, Raymond de Lassus Saint. *Si l'écho de leurs voix faiblit: Suivi de Le réseau Vélite et le corps franc Liberté*. Paris: Syros, 1997.

^β HALBWACHS, *La topographie...*, *op.cit.*, p. 161*, nota 3; e p. 163*, nota 1.

Tal dificuldade de representação seria reforçada pela escalada das atrocidades da guerra que levariam à execução de seu amigo Marc Bloch e de seu sogro e sogra - Victor e Ilona Basch, ambos octogenários. Quando do falecimento desses últimos, Halbwachs relata em seus cadernos: “(...) meu sogro e minha sogra foram mortos essa segunda-feira à noite, 10 de janeiro de 1944. Um bando de uma dúzia de homens (milicianos e gestapistas) levou-lhes de seu domicílio. (...) Eles foram mortos com duas balas de revólver disparadas na nuca. Meu sogro nasceu em 1863...”^{cx}.

É igualmente nesse conturbado período que Halbwachs articulará sua eleição à cadeira vagada por Mauss no *Collège de France*^{cxii}. Após uma longa jornada de encontros com os membros da instituição, o sociólogo é nomeado à recém-criada cadeira de *Psicologia Coletiva* numa eleição em que, segundo suas palavras,

tive contra mim os filósofos católicos, a Academia francesa, os clericais, o único representante (grande burguês) da *Académie des sciences morales et politiques* (da qual sou correspondente), os cientistas reacionários. (...) Tive a meu favor quase todos os linguistas, os eruditos especialistas das diversas civilizações (exceto Mazon), os historiadores, os cientistas avançados, sobretudo quatro biólogos (ou médicos). (...) Em resumo, filosofia metafísica e religiosa, literatura pura, ciência dos rapaces, contra a história sociológica, psicologia científica, linguística, e biologia. Tudo isso era natural^{cxiii}.

Ao ter oficializada sua nomeação, Halbwachs deixaria a Sorbonne em abril de 1944 e, a partir dezembro do mesmo ano, teria suas tardes de segunda-feira dedicadas às aulas magnas sobre a *Psicologia Coletiva da Memória*; e as de quinta-feira aos seminários sobre *questões de demografia*. No encerramento desse ciclo na Sorbonne ele anota em seu caderno: “Minha última aula na Sorbonne. Uma quarentena de estudantes... Eu trato da divisão do trabalho. Yvonne me diz: a última aula. Você deveria escrever sobre a lousa: Viva a França!”^{cxiii}.

A alegria da consagração de toda uma carreira, porém, não dura muito tempo: antes mesmo de pronunciar a tão importante aula inaugural, devido a um deslize de seu filho Pierre, preso pelas forças da ordem, Maurice é detido em 26 de julho de 1944 por colaborar com a resistência. Por maior que tenha sido a mobilização de intelectuais e instituições em sua defesa, o então professor de 67 anos é deportado, em 20 de agosto, como preso político ao *KL Buchenwald bei Weimar*, vindo a morrer por maus tratos e disenteria em 16 de março

de 1945. O relato que segue é de sua esposa e fora publicado na edição de janeiro de 1946 do *American Journal of Sociology*.

Caro Dr. Ogburn³⁹,

Eu não respondi sua amigável carta de dezoito de fevereiro porque eu não tive coragem. Eu estava, nesse momento, angustiada, pois meu pobre marido tinha sido deportado com meu filho caçula. A Gestapo, à véspera da libertação, prendeu meu filho em julho, 1944, por sua atividade de resistência e veio pegar Maurice como um cúmplice de seu filho em seu escritório, vinte e quatro horas depois. Desde essa data, eu nunca mais revi meu marido, nem estive apta a enviar a menor mensagem de conforto para ele, um único pacote, a menor saudação de seu lar. Ele morreu em Buchenwald em vinte e um de fevereiro [sic. 15 de março] - morreu em abandono e miséria física, sem ter podido me dar o menor sinal de vida ou de ternura, tendo sucumbido menos pela crueldade física que pelo desencorajamento e desgosto de ver sua própria pessoa humana ultrajada.

Agora que tudo isso acabou, eu gostaria de lhe dizer, você que era seu amigo e por quem ele tinha tanta afeição, o que esses miseráveis alemães fizeram para um bom e verdadeiro homem, amado por seus amigos, um homem de ciência, original e escrupuloso, que conheceu as honras do mundo acadêmico francês. Mas foram os melhores de nossos homens que eles perseguiram e fizeram perecer com a mais selvagem raiva; as mais puras e bravas de nossas mulheres; todos esses valores de intelecto e patriotismo que representavam nossas esperanças para o futuro.

Por milagre meu filho caçula, também deportado para Buchenwald, retornou preservado para mim e meu filho mais velho. Nossos dois garotos tomaram parte nesse exército sem uniforme que lutou secretamente durante os anos de escravidão. Você talvez saiba (talvez sua influência tenha algo a ver com isso) que uma fundação americana generosamente propôs a Maurice no início da ocupação – e, igualmente, a um número de seus colegas da Sorbonne – vir aos Estados Unidos para dar sequência a seus trabalhos, protegidos dos

³⁹ A carta de Yvonne Halbwachs aqui traduzida e reproduzida integralmente fora publicada em inglês no referido jornal. Ela é precedida da seguinte nota introdutória: “Por cortesia do Professor Ogburn, o Jornal publica esse extrato da carta da Sra. Maurice Halbwachs [sic], cujo marido proferiu um curso sobre o suicídio e um sobre a Sociologia Francesa, como professor convidado na Universidade de Chicago em 1930. Nessa época ele era professor na Universidade de Strassburg [sic]”^α. A carta fora igualmente traduzida para o francês e contemplada com notas explicativas de Marie Jaisson e Éric Brian na nova edição de *La topographie légendaire des évangiles en Terre sainte* (op.cit., pp.159*-168*).

^α HALBWACHSS, Yvonne, “News from abroad” in *American Journal of Sociology*, vol. 51, n°4, 1946, pp. 326-327.

[Through the courtesy of Professor Ogburn, the Journal prints this extract of a letter from Mme. Maurice Halbwachs, whose husband gave a course on suicide and one on French sociology, as a guest professor at the University of Chicago in 1930. At that time he was a professor in the University of Strassburg].

alemães. Ele recusou, desejando nem desertar seu país no momento do infortúnio, nem abandonar seus filhos.

Nesse momento uma primeira desventura me atingiu. Meu irmão, um médico no hospital de Paris, veterano de duas guerras, não pôde suportar a vergonha do armistício e cometeu suicídio, deixando quatro órfãos. Mais tarde, em janeiro, 1943 [sic. 1944], um novo e terrível golpe atingiu-me. Meu pai, Victor Basch, professor de estética na Sorbonne e presidente da *Ligue des Droits de l'Homme*, inimigo nº1 dos Nazi, que imediatamente após a ocupação de Paris pilharam e saquearam seu apartamento e biblioteca, foi assassinado junto com minha mãe (ambos com oitenta e quatro anos [sic. oitenta anos]) por uma horda mista de milícia e Boches, que arrebatou-lhes de sua casa, arrastou-lhes pelos campos e lhes matou com uma bala na nuca.

Todas essas terríveis provações, a ansiedade mortal com relação a nossos filhos, fúria e indignação contra e ignóbil regime de Petain – tudo isso destruiu a saúde de meu querido marido e lhe envelheceu em dez anos. Ele guardou, no entanto, força para trabalhar e conseguiu escrever e publicar durante a ocupação um importante trabalho, *A lendária topografia da Terra Santa de acordo com os Evangelhos*. Eu tentarei enviar-lhe uma cópia, sabendo que ele teria gostado de lhe manter a par de seu trabalho. Ele foi nomeado, pouco antes de sua deportação e a despeito da oposição de Vichy, professor no *Collège de France* e se alegrava em pensar o início de um novo curso lá – mas ele nunca chegou a dar sua aula inaugural.

Assim, caro monsieur, você tem o que eu gostaria de lhe relatar. Minha vida foi destruída e meu lar devastado pela ferocidade gratuita dos bandidos alemães. Você entenderá lendo esse conto a amargura que algumas vezes aparece entre nós a despeito de nossa profunda gratidão para com o nobre e heroico exército americano (eu nunca esquecerei, de minha parte, que eu lhes devo a vida de meu filho, libertado por eles em Buchenwald quando ele estava a ponto de sucumbir como fez seu pai), a amargura que nós mostramos quando lhes vemos considerar e tratar o animal de rapina perseguido e apanhado numa armadilha como se fosse um adversário honrável. Eu consegui com muito esforço recuperar meu filho deportado a despeito da cruel insuficiência de comida. Ele logo estará recuperado fisicamente. Mas sua moral permanece profundamente abalada. Ele não consegue se consolar por ter deixado seu pai para trás e não pode recuperar sem ele a doçura da vida.

Meu filho e eu ficamos felizes em lhe expressar nossa felicidade e alívio com a capitulação do Japão. Nós também compartilhamos, do fundo de nossos corações, seu pesar com a morte de Roosevelt. Todos nós temos um culto por esse grande cidadão, especialmente meu pai, que colocou sua esperança nele e que acreditou por longo tempo que ele estaria apto para salvar a paz do mundo...

Yvonne Halbwachs^{cxiv}

Arbeiter verlassen die Fabrik, 1995

O pessoal se dispersa: é agora que começa a vida de cada um. A maioria dos filmes narrativos começa depois do dia de trabalho.

(Narrador, *Trabalhadores deixando a fábrica*^{cxvi})

Fim de um dia de trabalho em uma fábrica em Lyon. Estamos em 22 de fevereiro de 1895 e os trabalhadores, em sua maioria mulheres, corriqueiramente voltam às suas casas. Como esses, milhares de outros deixam, simultaneamente, seus locais de trabalho em fábricas, escritórios, oficinas; e, desse ponto de vista, nada de especial nos levaria a retomar esse momento – mesmo, talvez, fosse impossível de lhe saber algum detalhe que o diferenciasse de qualquer outro fim de jornada.

Esse cerca de um minuto que é necessário para se esvaziar os pavilhões da fábrica, porém, fora imortalizado, incontavelmente repetido e conhecido em seus mínimos detalhes. *A saída da fábrica Lumière em Lyon*^{cxvi} foi o primeiro registro cinematográfico a ser exibido em um cinema. Cem anos depois, Harun Farocki retoma esses breves segundos de Louis Lumière como abertura de seu *Trabalhadores deixando a fábrica*^{cxvii}, elaborando uma formulação estético-política desconcertante que justapõe pontilhadamente a repulsa que o cinema, em seu primeiro centenário, teve da fábrica: portões, grades e muros é tudo o que é registrado; nada de seu interior, nada de sua vida interior, nada de seu labor interior; ninguém espera, ninguém se move no contrafluxo, ninguém permanece na fábrica. Os trabalhadores correm, são puxados para fora, como se já tivessem perdido muito tempo.

A maior parte das raras vezes que o cinema ocidental adentra esses espaços reclusos, interditados, o faz destacando nele seus pontos críticos: a repetição enlouquecedora dos tempos modernos; movimentos sincrônicos que os trabalhadores devem seguir dançando no escuro; a docilidade dos corpos que a atividade maquinal da vida da metrópolis exige até o último suspiro. A fábrica nos é *apresentada* como uma distopia.

Distópica ou não, o que nos interessa é que durante esse século do cinema euro-americano a fábrica é, majoritariamente, *representada* como espaço no qual e através do qual a vida do operário é segmentada: há o local, o tempo, a vestimenta, a conduta, a atenção de

trabalho (e dentro desse espaço-tempo de trabalho novas subdeterminações disciplinares); e os locais, os tempos, as vestimentas, as atenções do não-trabalho.

Ora, Maurice Halbwachs ocupava no interior do grupo da *Année Sociologique* a função de morfólogo e, assim, não podia deixar de atentar as formas materiais pelas quais uma determinada sociedade produz e reproduz sua vida social - isso quer dizer, atentar, primeiramente, às técnicas de produção, ao volume e à densidade das populações, sua distribuição ao longo dos territórios (que, por si só, apresentam singularidades geográficas tais quais clima, relevo, altitude, composição do solo, dentre outras), aos meios de transporte e de comunicação, ao traçado das ruas e a disposição dos bairros etc.

Desse modo, essa segmentaridade da vida operária, segmentaridade morfológica, não lhe podia passar despercebida. É ela que - desde tese de doutoramento em letras em 1912, *A classe operária e os níveis de vida*^{cxviii} - é destacada como traço distintivo do *gênero de vida urbano*. Mas, o que precisamente compreende pelo conceito de *gênero de vida*?

Gênero de Vida

A noção de *gênero de vida* é introduzida nos estudos da geografia por Paul Vidal de la Blache (1845-1918) - geógrafo maior e fundador da *Escola Francesa de Geografia*. À sua maneira de pensar, o geógrafo, esse “homem dos olhos”, teria como base de suas investigações a relação entre os homens e o meio que o circunda e do qual ele é parte constituinte.

As causas físicas, cuja geografia estava precedentemente empenhada em mostrar o valor, não são por isso negligenciáveis; continua nos importando marcar a influência do relevo, do clima, da posição continental ou insular sobre as sociedades humanas; mas nós devemos encarar seus efeitos sobre o homem e sobre o conjunto do mundo vivo (...). É assim que nós podemos melhor apreciar o papel que convém atribuir ao homem como fator geográfico. Ativo e passivo, ele é ao mesmo tempo os dois. Pois, segundo o ditado bem conhecido, “natura non nisi parentdo vincitur” [só se governa a natureza obedecendo-lhe]^{cxix}.

É justamente por apresentar o homem, simultaneamente, como ativo e passivo que Vidal de la Blache desloca um certo determinismo em voga à época. O homem vidaliano, na busca de sua independência com relação à alimentação cotidiana, reconfigura

permanentemente o meio que o cerca segundo suas capacidades e possibilidades⁴⁰. Para Vidal de la Blache, “(...) a cadeia que vai da natureza até o homem se compõe de uma longa série de anéis como talvez não imaginassem os contemporâneos de [Carl] Ritter”^{cxx} e que, assim, é necessário um cuidado extremo para que as aproximações entre a geografia física e a história não sejam superficiais e pautadas em meras coincidências. É necessário, deste modo, um estudo minucioso das diversas configurações que constituem a especificidade de cada um dos *gêneros de vida* resultantes de um grande desenvolvimento humano no interior de determinados quadros.

Diz-nos o geógrafo que, ao se debruçar sobre o estudo dos *gêneros de vida* das sociedades humanas,

(...) a atenção se portou de um modo metódico sobre seus meios de alimentação, a vestimenta, a habitação, os instrumentos, as armas, em suma, o conjunto de objetos nos quais se imprimem os hábitos, as disposições e as preferências de cada grupo^{cxxi}.

Isso por que,

(...) as instituições e os costumes não têm forma material; mas são coisas estritamente ligadas aos objetos que o homem deu forma sob a influência do regime social ao qual está adaptada sua vida. Esses objetos refletem hábitos que derivam do estado social ou que o inspiram^{cxxii}.

A partir dos contrastes encontrados entre o *gênero de vida* do pastor e do agricultor – baseados em exemplos coletados em diversas regiões da África e da Ásia -, podemos apreender um pouco melhor como Vidal de la Blache percebe, através dos *gêneros de vida*, a relação natureza-homem. Ele nos diz que pastor e agricultor,

⁴⁰ Em outro momento poderemos ler: “O sucesso, nas partes da terra em que ele veio a humanizar, não foi obtido senão ao preço de uma ofensiva, onde, aliás, ele encontrou aliados; sua intervenção provocou a aparição [déclenché], por assim dizer, de forças que permaneciam em suspenso. Para constituir gêneros de vida que o tornassem independente dos riscos da alimentação cotidiana, o homem teve de destruir certas associações de seres vivos para em seu lugar formar outras. Ele teve de agrupar, em meio a elementos provenientes de diversos lados, sua clientela de animais e de plantas, se fazer assim ao mesmo tempo destruidor e criador, isso quer dizer, cumprir simultaneamente os dois atos nos quais se resume a noção de vida”^α.

^α VIDAL DE LA BLACHE, Paul. «Les genres de vie dans la géographie humaine (I)» In *Annales de Géographie*, tomo XX, n° III, 1911, p. 200).

[Le succès, dans les parties de la terre qu’il est parvenu à humaniser, n’a été obtenu qu’au prix d’une offensive, où, d’ailleurs, il a trouvé des alliés ; son intervention a, pour ainsi dire, déclenché [sic] des forces qui restaient en suspens. Pour constituer des genres de vie qui le rendissent indépendant des chances de nourriture quotidienne, l’homme a dû détruire certaines associations d’êtres vivants pour en former d’autres. Il a dû grouper au moyen d’éléments assemblés des divers côtés sa clientèle d’animaux et de plantes, se faire ainsi à la fois destructeur et créateur, c’est-à-dire accomplir simultanément les deux actes en lesquels [sic] se résume la notion de vie.]

(...) para não se ater senão nos dois gêneros de vida mais evoluídos, são dois seres que se tornaram tão diferentes por um conjunto de hábitos e de concepções nascidas da diferença de gêneros de vida que praticam. Há irremediáveis dissidências na ideia que cada um desses seres sociais faz da propriedade, dos vínculos familiares e da raça, do direito. O direito para um é territorial; para o outro, é familiar. Mas essas oposições não são senão muito indiretamente fatos da natureza. Seria um abuso de linguagem de nelas ver a tradução do meio físico. A natureza é mais diversa, menos absoluta, bem mais maleável que não deixariam supor esses contrastes. Ela mantém em reserva possibilidades em número bem mais diverso do que se creia a partir de nossas classificações abstratas^{cxiii}.

Assim, os *fatos sociais* aparecem numa relação de dependência relativa à natureza. De um lado, é pensar um homem que não está apartado da natureza e sim se apresenta como um dos agentes constituintes da própria natureza; por outro é ver a natureza, e isso é uma novidade vidaliana, como uma *reserva de possibilidades* que não são apreendidas pelos homens senão de maneira muito restrita, de modo que a capacidade de recriação das sociedades humanas a partir de um reconfigurar da natureza é bastante elástica.

Temos assim que

(...) os gêneros de vida se inscrevem em quadros gerais, que são as grandes regiões naturais que serão discutidas alhures: eles representam alguma coisa de distintivo. Eles têm uma autonomia que se liga a pessoa humana e a segue. Não é somente o Beduíno e o Felá que se consideram de temperamentos diferentes, é o pastor valáco e o cultivador búlgaro; até sobre nossa costa, o pescador [marin] e o camponês. A alma de uns parece forjada de outro metal que a dos outros.

É que os gêneros de vida, tais quais prevaleceram sobre grandes extensões terrestres, são formas altamente evoluídas que, sem ter certamente a fixidez das sociedades animais, representam também uma série de esforços acumulados, hoje cimentados. O homem é um ser de hábitos ainda mais que de iniciativa^{cxiv}.

Um ser de hábitos ainda mais que de iniciativa, cuja alma dos indivíduos de diferentes *gêneros de vida* parece ter sido forjada de um metal próprio e diverso dos demais. O homem, como formularia posteriormente Maximilien Sorre, é aqui visto como um prisioneiro de seu grupo, de suas interdições, de suas antipatias, de seus ódios, de suas *técnicas*— entendida aqui em sentido *lato* e englobando tanto elementos materiais, como ferramentas; quanto imateriais, como ritos e as técnicas de magia^{cxv}. Uma pequena mudança nessas técnicas pode ter efeitos de escala consideráveis sobre um determinado gênero de vida

tal qual ele se apresentava no momento imediatamente anterior; bem como podem atingir outros tantos gêneros de vida pelo fato de, embora relativamente autônomos, eles não deixarem de apresentar entre si mútuas influências de diversas ordens, sobretudo a partir dos efeitos da circulação (como com as migrações populacionais e as incorporações de utensílios e culturas estrangeiras à região).

Desse modo, no talhar de sua vida no interior das especificidades naturais de uma determinada região, os homens desenvolveram em sentidos específicos suas civilizações. Suas atividades, seus instrumentos (e o modo de produzi-los), suas instituições; todos esses hábitos organizados e sistemáticos impõem-se às sucessivas gerações qual formão, que com força imprime marcas sobre o espírito dos homens. É precisamente esse complexo de atividades habituais características de determinado grupo humano e ligado à manutenção de sua maneira de viver enquanto grupo humano no interior de uma específica configuração ambiental, que Vidal de la Blache chama *gênero de vida*.

Ora, para Maurice Halbwachs a noção vidaliana de *gêneros de vida* consideraria, sobretudo, as relações dos homens com o solo - sua estrutura, suas qualidades e propriedades -, de modo que prefere, segundo aponta, tomar tal noção em um sentido mais amplo. Ele nos diz que por *gênero de vida* entende "(...) um conjunto de costumes, de crenças e de maneiras de ser, que resultam das ocupações habituais dos homens e do modo pelo qual essas se estabeleceram^{cxvii}", sendo que dois *gêneros de vida*, por mais distintos que sejam, assemelham-se na medida em que criam mais ou menos ocasiões para que os indivíduos estabeleçam relações entre si (seja essas relações de amizade, hostilidade ou indiferença). Ademais, diz-se de um *gênero de vida* que ele é mais *complicado* que outro à medida que ele possibilita um maior número de contatos entre indivíduos humanos⁴¹.

Acompanhemos, assim, como Maurice Halbwachs apresenta os *gêneros de vida camponês* e *urbano*, entre a civilização camponês-tradicional e a civilização urbano-industrial. Nesse sentido os critérios pelos quais os camponeses e cidadãos percebem e valoram suas

⁴¹ Vale notar, porém, que essa reflexão sobre o sentido da noção de *gênero de vida* em Paul Vidal de la Blache, bem como sua redefinição é bastante tardia. Ela nos é apresentada ao final de *As causas do suicídio*, de 1930, embora já se fizesse presente em suas obras desde 1912. Sobre o número de vezes que a noção de *gênero de vida* aparece nas principais obras de Halbwachs, temos que em *A classe operária e os níveis de vida* (1912), ela aparece 23 vezes; em *Os quadros sociais da memória* (1925), 10 vezes; em *As causas do suicídio* (1930), 30 vezes; em *Esboço de uma psicologia das classes sociais* (1955 [1938]), 4 vezes; em *Morfologia Social* (1938), 6 vezes; no curso denominado *As classes sociais* (1937-1942), 8 vezes; além de um artigo intitulado *Gênero de Vida* (1939).

casas são, para o sociólogo francês, um momento privilegiado para se observar as diferenças civilizacionais, de gêneros de vida.

Para o camponês, a casa aparece como um centro de exploração, nas proximidades ou no próprio local de trabalho; ela é de propriedade do camponês – transmitida, muitas vezes, por herança (evocando, assim, lembranças que confundem homens e coisas) –; suas dimensões e importância representam a extensão e o valor dos bens de seu proprietário, assim como a opulência da família; a disposição do interior da casa depende, essencialmente, da ocupação de seu proprietário:

Eis [nos diz Halbwachs a partir de uma enquete sobre a habitação na França, de 1899], por exemplo, a descrição de uma casa de modestos cultivadores nos Hautes-Alpes. Nela se entra ao rés do chão por um corredor abobadado: ele dá de um lado na estrebaria que ocupa quase todo a rés-do-chão (os habitantes vivem, sobretudo, da criação, sacrifica-se tudo aos animais). A cozinha é muito pequena. No primeiro piso, há um ou dois cômodos onde se reside durante o verão. Mais alto ainda estão os celeiros e granéis, bastante vastos, com um balcão aberto onde se deposita os gêneros que foi preciso enceleirar muito rápido e que devem secar. No inverno, de fim de outubro a começo de abril, a família inteira habita a estrebaria abobadada com os animais. Em um canto, sobre uma área de terra batida, encontra-se uma mesa, um banco, cadeiras, um armário de prateleiras [*dressoir*] com alguma louça e utensílios de cozinha. Uma estufa [*pôêle*] queima, noite e dia, antracite. Entre os leitões estão as ovelhas e as cabras, no meio os bezerros, em um canto afastado o porco. – Na Baisse-Bretagne, estrebarias e estábulos não estão somente no mesmo corpo de edifício que os quartos e a sala [*chambre d’habitation*], mas, mesmo hoje, não há sempre separação interior: raramente é uma simples treliça da altura de um homem, mais frequentemente uma divisória com porta de comunicação. Transforma-se frequentemente, após uma limpeza sumária, um estábulo em habitação^{cxxvii}.

Toda a vida e todo do pensamento do camponês estão “(...) ligado[s] indissolúvelmente ao solo e é isso que explica ainda outros móveis, outros sentimentos coletivos, por exemplo, o atrelamento a casa que é sem dúvida a base da família camponesa e de sua unidade”^{cxxviii}. Temos, em suma, que a vida do camponês articula-se pelas preocupações e natureza do ofício, dos quais a casa é um *sintoma*: ela é a fusão entre o espaço de trabalho e o espaço de moradia do camponês; é a materialização de certas representações

coletivas e a condição de reprodução dessas mesmas representações. Vale insistir sobre esses pontos:

O gênero de existência camponês se distingue da vida urbana no fato de nele o trabalho se realizar nos quadros do grupo doméstico. Não há, no campo, uma distinção tão nítida quanto na cidade entre as horas consagradas às ocupações profissionais e o tempo que se passa em meio aos familiares ou aos seus amigos. Quando camponeses se encontram, que eles trocam reflexões, se comunicam as novidades; quando sentimentos diversos os unem ou os opõem, as duas ordens de preocupações se aproximam e se emaranham - mesmo quando não há entre eles relações de parentesco, pois o vilarejo é, em certo sentido, uma família estendida [*élargie*]. Disso resulta que os vínculos que lhes ligam um ao outro são mais fortes, que os confrontos, as oposições cavam entre eles abismos mais profundos e que elas inflijam ferimentos mais pungentes. (...) A vida do grupo camponês está profundamente engajada, e inteiramente, na natureza. Ela lhe tira um sabor e uma aspereza particulares, mais espontaneidade, um impulso primitivo e de selvageria. Mas a vida do camponês se onera de todo peso da terra, ela aí se desenrola seguindo o ritmo mais lento dos trabalhos do campo. É uma vida coletiva ao mesmo tempo muito forte e muito simples, ou muito simplificada. Os costumes tiram sua força simultaneamente dos sentimentos de parentesco e das ocupações e preocupações profissionais comuns. É isso que faz também sua estabilidade e sua continuidade. Mas elas não se estendem senão a grupos limitados, elas não se aplicam senão a atos espaçados. Essas duas grandes potências coletivas, a família e a religião, lhe são mais intactas que alhures. Suas prescrições simples se adaptam sem dificuldade aos atos pouco numerosos e bastante uniformes. A vida camponesa vira sobre ela-mesma e se movimenta em um círculo de ocupações e de eventos bastante restritos^{CXXIX}.

Assim, esse movimento de virar-se sobre si-mesma, de se autorreferenciar a partir de um conjunto restrito de eventos e ocupações, faz com que Halbwachs, ainda em sua tese de 1912, retome e ratifique a percepção de Marx em relação aos camponeses, a saber, que esses se apresentam como uma massa *inorgânica*, não se constituindo como uma *classe*⁴².

⁴² Halbwachs vale-se em sua tese de 1912 da *Introdução ao manifesto comunista* redigida por Charles Adler, em que os camponeses são apresentados a partir da famigerada comparação com um saco de batatas: “camponeses não são uma classe inteiramente desenvolvida, porque não basta adicionar homens de mesma condição ‘como batatas em um saco’. A identidade dos interesses não tendo engendrado nos ‘camponeses nenhuma solidariedade, nenhum vínculo nacional, nenhuma organização política’, eles não formam, nesse sentido, uma classe”^α. Em obras mais tardias, como o curso intitulado *As classes sociais*^β, Halbwachs retomará diretamente o *18 Brumário de Luís Bonaparte*, onde tal comparação é traçada textualmente.

Ora, nos pareceu que foi constitucional à consciência coletiva camponesa de permanecer difusa e inorgânica. As condições de existência dos camponeses, sua dispersão, efetiva mesmo quando suas habitações se aglomeram, a preponderância da vida doméstica sobre a vida social e, misturada à vida doméstica, a preocupação constante da profissão; enfim, a adaptação e habituação [*accoutumance*] ao solo, à sua produtividade e ao gênero de vida que daí resulta são princípios de dispersão, princípios de particularismo. Para que nasça uma consciência de classe, talvez seja necessário que a vida social seja bastante intensa, isso quer dizer, organizada, isso quer dizer ainda, bastante desvencilhada da natureza e de relações mecânicas e materiais que o trabalho impõe aos homens. É, sem dúvida, o que caracteriza a vida urbana. No campo, os homens ainda estão, durante todo o dia, muito confundidos com as coisas; o trabalho da roça [champs] se prolonga, mesmo quando ele está terminado, sob a forma de representações e preocupações muito constantes que invadem toda vida para que aqui a formação de uma consciência de classe se efetive como no meio urbano. A massa camponesa e o conjunto dos operários das cidades se opõem não como duas classes, mas como dois gêneros de vida^{cxix}.

Como é perceptível, Halbwachs cale-se, nesse momento, sobre toda uma série de organizações e instituições camponesas que já à época constituíam-se e que poderiam possibilitar o estabelecimento de vínculo em camponeses numa região mais vasta que os vilarejos particulares, de modo tornar sensível que as similitudes das condições de vida poderiam significar, igualmente, uma série de interesses comuns a todo contingente camponês. Nos referimos aqui às cooperativas de venda, de produção, de maquinários, de crédito e aos sindicatos agrícolas que se desenvolviam desde o início do século XX.

Essas organizações serão tratadas brevemente pelo sociólogo francês ao fim do segundo capítulo de seu *Esboço de uma psicologia das classes sociais*^{cxvii}. Nele Halbwachs retoma as experiências de diversos países e diagnostica como traço comum a esses incipientes esforços de cooperação o fato deles terem como pressuposto a não intervenção sobre a propriedade independente e a autonomia de exploração – uma tentativa de manter o

^{cxix} ADLER, Charles. "Introduction au Manifeste Comuniste" in MARX, K. & ENGELS, F. *Manifeste Communiste*. Paris: Bibliothèque Socialiste, 1901, p. 83. APUD HALBWACHS, *La classe ouvrière...*, *op.cit.*, p. X, nota 1.

[(...) « les paysans ne sont pas néanmoins une classe entièrement développée, parce qu'il ne suffit pas d'additionner des hommes de même condition « comme des pommes de terre dans un sac ». L'identité des intérêts n'ayant engendré chez les « paysans aucune solidarité, aucun lien national, aucune organisation politique », ils ne forment pas, en ce sens, une classe ».]

^β HALBWACHS, Maurice. *Les classes sociales*. Paris: PUF, 2008 [1937-1942].

máximo possível do *gênero de vida* vigente sob as novas condições do mercado agrícola⁴³. Ou seja, mesmo que essas tentativas de cooperação entre os camponeses desenvolvam-se, até o momento em que Halbwachs escreve, o

(...) individualismo subsiste em toda parte de sua vida e de sua atividade que lhes deixa em contato com a terra, isso quer dizer, nisso que é propriamente a cultura e o gênero de existência camponês tal qual ele lhe está adaptado. Certamente, há ricos e pobres dentre eles, há diferenças de classe. A preocupação de se manter em seu renque⁴⁴, em seu nível, e mesmo de se elevar na escala social, explica toda uma parte

⁴³ Notamos aqui uma aproximação com as formulações de Halbwachs presentes em seu primeiro artigo publicado, *Observações sobre a posição do problema sociológico das classes*, no qual as corporações de ofício da Idade Média teriam se constituído tão logo os artesões “(...) sentem-se ameaçados pela concorrência dos jornaleiros e de numerosos estrangeiros; isso quer dizer, quando entre eles e os camponeses uma classe nova se desenvolve, de cujos membros lhes são muito semelhantes e quase iguais”^α, pondo em risco assim suas posições relativas no interior da escala social. É mister, porém, notar que nos dois textos há uma diferença significativa sobre o significado das organizações desse gênero

^α HALBWACHS, M. “Remarques sur la position du problème sociologique des classes” in *Revue de Métaphysique et Morale*, n.13, 1905, pp. 890-905. Reproduzido a partir de KARADY, Victor (Org.) *Classes Sociales et Morphologie*. Paris: Éditions de Minuit, 1972, p.54.

[Les artisans du Moyen Age ne donnent à leurs métiers la forme corporative que lorsqu'ils se sentent menacés par la concurrence de journaliers et d'étrangers nombreux; c'est-à-dire lorsqu'entre eux et les campagnards une classe nouvelle s'est développée, dont les membres leurs sont trop semblables et presque égaux.]

⁴⁴ Vale aqui uma nota de tradução devido à importância que esse termo (*rang*), carregado de múltiplos sentidos, tem na obra de Halbwachs. No Dicionário da Língua Francesa de É. Littré podemos ler “RANG, s.m.||1° Disposição de coisas ou pessoas sobre uma mesma fila (...) 2° Sequência de soldados uns ao lado dos outros (...) 3° Lugar que pertence, que convém a uma pessoa ou a uma coisa dentre várias outras. (...) 4° Fig. Diz-se das diferentes classes da sociedade (...) 5° Particularmente. Alta posição na sociedade. (...) 6° Importância de uma pessoa (...) 7° Fig. Lugar que uma pessoa ocupa na estima dos homens (...) 8° Termo de marinaria. Diz-se do grau de força das grandes construções (...) ETIM. Picard, *ringue* ; Berry, *raing*, o g não é pronunciado ; provençal. *renc*, e *rengua*, s.f. ; ant. catalão. *renc* ; alemão e suéco *ranc*; inglês *rank*; kymri, *rhenge*; bretão, *renk*; irlandês, *ranc*. Diez o deriva do antigo auto-alemção *hring*, círculo, de modo que *rang* seria etimologicamente um arranjo/distribuição circular. Scheler pergunta se não poderia ai ver uma forma nasalizada e masculina (ou feminina, pois há também *range*, *rengua*) do latim *rega*, primitivo inusitado de *regula*, regra, linha reta.”^α De modo que, do ponto de vista etimológico, sua tradução precisa para o português seria “renque”, ou seja, “1. série de objetos ou de pessoas dispostos numa mesma linha; fileira ff **etim** cat. *renc* 'fila', este do frânc.*hring* 'círculo'; f.hist. sXV *rrenque*, 1553 *renque* ff **sin/var** ver sinonímia de chorrilho e fileira”^β. Ademais, utilizaremos como equivalente, sempre que necessário, o termo “posição”.

^α *Dictionnaire de la Langue Française para É. Littré*. Tomo 4, Paris : Hachette, 1874.

[RANG (...) s.m. || 1° Disposition de choses ou de personnes sur une même ligne (...) 2° Suite des soldats les uns à côté des autres. (...) 3° Place qui appartient, qui convient à une personne ou à une chose parmi plusieurs autres (...) 4° Fig. Il se dit des différentes classes de la société. (...) 5° Particulièrement. Haute position dans la société (...) 6° Fig. Importance d'une personne (...) 7° Fig. Place qu'une personne tient dans l'estime des hommes (...) 8° Terme de marine. Il se dit du degré de force des grands bâtiments. (...) ETYM. Picard, *ringue* ; Berry, *raing*, le g ne se prononce pas ; provenç. *renc*, et *rengua*, s.f. ; anc. catal. *renc* ; all. et suéd. *ranc* ; angl. *rank* ; kymri, *rhenge* ; breton, *renk* ; irl. *ranc*. Diez le dérive de l'anc. haut-all. *hring*, cercles, de sorte que *rang* serait étymologiquement une rangée circulaire. Scheler demande si on ne pourrait pas y voir une forme nasalisée et masculine (ou féminine, car il y a aussi *range*, *rengua*) du lat. *rega*, primitif inusité de *regula*, règle, ligne droite.]

^β Dicionário de Língua Portuguesa Houaiss. Rio de Janeiro: objetiva, 2009.

de suas condutas. Mas eles têm, sobretudo, o sentimento de ser camponeses, em face aos habitantes das cidades e o que há de específico nos motivos que lhes guiam [as ações] se explica, definitivamente, pela oposição que subsiste entre dois tipos de civilização^{cxxxii}.

Olhemos agora para a vida urbana ao início do século XX e todo outro modo de se viver desenvolve-se perante nossos olhos. É precisamente por não estar atrelado ao solo – isso quer dizer, pelo fato das atividades que se desenvolvem no meio urbano (atividades industriais, administrativas, comerciais etc.) articularem-se numa autonomia relativa às especificidades do solo - que o *gênero de vida* urbano ganha outros contornos. A casa do cidadão, por exemplo, é escolhida levando-se em conta seu conforto, sua facilidade de acesso e sua localização no interior de um bairro mais tranquilo ou animado. Ela apresenta-se, salvo pouquíssimas exceções, separada espacialmente do local onde seu proprietário (ou locatário) trabalha, sendo raro nela encontrarmos seus instrumentos e ferramentas de trabalho. Ao contrário, “(...) toda a parte da vida que é consagrada às ocupações profissionais se desenrolam fora do círculo familiar, na oficina, nos bancos, nos escritórios”^{cxxxiii}.

Uma especialização funcional dos espaços desenrola-se nas cidades. Espaços cindidos, justapostos, fechados sobre si mesmos e interligados por um complexo de estreitas passagens. Desse modo, a casa do cidadão desempenha primordialmente o papel de moradia, de espaço reservado a um círculo restrito de relações familiares e conviviais: aí se volta após a jornada de trabalho, após a jornada pelo espaço específico do trabalho. O estabelecimento de espaços dessa qualidade é a expressão de que a própria vida do cidadão está segmentada.

Assim,

(...) do momento em que, em cada um desses meios, os homens não obedecem mais senão a uma espécie de preocupação e que eles pensam ora em seu trabalho, ora em sua família ou em suas relações, sua vida se encontra alijada e simplificada. Seria assim se todas as condições [de sua vida] tivessem permanecido as mesmas e se eles despendessem no total a mesma soma de atividade que outrora. Mas o efeito de tal diferenciação [espaço-temporal] é, ao contrário, de aumentar a intensidade de duas funções de início confundidas, agora distinguidas. Os trabalhos se aproximam e se combinam segundo regras que correspondem somente às necessidades da profissão e da produção. Do momento que um maior número de trabalhadores são justapostos ou postos em contato, as relações se multiplicam entre eles. Operações de mesma

natureza se regram mais exatamente uma sobre a outra, elas formam uma cadeia que se desenrola mais rápido que se elas se devessem se adaptar às atividades que não tivessem nem o mesmo caráter, nem o mesmo fim. Mas ocorre o mesmo com toda essa ordem de relações que se estabelecem entre os homens nessa parte da existência que não é consagrada ao exercício de uma profissão. A família é agora desvencilhada da terra, da fazenda, da oficina, da butique. É preciso lhe reposicionar alhures, isso quer dizer, no conjunto das outras famílias às quais se impõem a mesma necessidade. Não estando mais fechada nos limites da comunidade aldeã ou artesã, a vida de família tende a ganhar em extensão o que ela perde, talvez, em profundidade. Sem dúvida, ela se choca com limites: do mesmo modo que os trabalhos se agrupam nas indústrias, administrações e profissões diferentes; as famílias têm, sobretudo, mais probabilidade de se aproximar e de encontrar no interior de uma mesma classe. Não é menos verdade que essas aproximações e encontros são mais numerosos que nesses meios campônios onde as comunicações de vilarejo a vilarejo são raras. Ao mesmo tempo que se multiplicam, elas se comprimem mais no tempo. Assim, não somente no domínio da atividade profissional, mas também no interior da família e nas relações que se estabelecem de uma a outra, uma corrente mais rápida arrasta os homens. A passagem de um gênero de vida ao outro, e o progresso que daí resulta, consiste, sobretudo, em que um maior número de atos e condutas, uma maior diversidade de situações mais ou menos duráveis, se concentram em um mesmo tempo, como se a rede da existência social estivesse mais estreitada, por que os fios nela se cruzam a intervalos mais aproximados^{cxxxiv}.

A especialização funcional dos espaços segundo uma corrente própria de preocupações possibilita que, no interior de cada espaço específico, as atividades ali desenvolvidas intensifiquem-se: o contato entre homens de vários setores de uma mesma indústria, segundo preocupações estritamente técnico-econômicas, possibilita o desenvolvimento de novos arranjos, mecanismos e instrumentos que multipliquem a produtividade, eficiência e a eficácia da atividade ali desenvolvida.

Do mesmo modo, a multiplicação dos espaços de não-trabalho e dos locais de passagem de um espaço ao outro possibilita o crescimento exponencial dos contatos inter-humanos. Esses contatos são, em comparação com aqueles que longa e lentamente se desenvolviam no meio rural, mais breves e céleres; de modo que um mesmo indivíduo está envolvido agora numa trama muito mais densa de relações mais frágeis. Ou seja, as relações ganham em extensão o que elas perdem em profundidade e, por exemplo, a multiplicação

das situações de possíveis conflitos acompanha uma redução da violência dos mesmos; mas, paralelamente, essa *complicação* da vida social amplia as possibilidades de *desclassificação* individuais e, por conseguinte, a elevação da taxa de suicídio⁴⁵.

É central notar que, se cada indivíduo é levado exclusivamente pelas preocupações das correntes de pensamento de cada um desses espaços (e, assim, esses espaços apresentam-se justapostos); do ponto de vista social, esses diversos espaços coexistem e são frequentados por indivíduos diversos simultaneamente. Essa sobreposição dos espaços possibilita que, comparando-se ao *gênero de vida* campônio, num mesmo intervalo de tempo uma quantidade muito superior de relações sociais, as mais diversas, se efetivem.

Temos, vale destacar, dois *gêneros de vida* distintos, mas de forma alguma estanques. Muito pelo contrário, a diferenciação do *gênero de vida* urbano e a sua autonomização e gradativa preponderância são pensadas em termos de processos históricos. As vidas dos homens que os constituem inter cruzam-se repetidas vezes: é o *putting-out system* como antessala da grande indústria; são as diversas técnicas que geradas em um meio são transplantadas para outro; é a produção dos gêneros alimentares na qual se apoia o crescimento do volume e da densidade populacional nas grandes cidades; são as correntes migratórias que se acentuam a partir do século XIX. Essas configurações intermediárias são destacadas e analisadas por Halbwachs em diversos momentos, mesmo que de maneira mais esparsa e bastante esquemática⁴⁶.

A importância de voltar às especificidades de cada um deles está diretamente relacionada à preocupação de se estabelecer critérios acurados para análise dos *fatos sociais* e, assim, visa se questionar os limites de uma interpretação que englobe, no caso de Halbwachs, simultaneamente os meios rurais e urbanos. Ou seja, os gêneros de vida são compreendidos aqui como limites morfológicos à extensão do sentido específico de determinados fatos sociais; sentido que, por sua vez, é de suma importância se ter em conta para não incorrer no risco de equiparar, na análise, fatos diferenciados nas e pelas realidades sociais.

⁴⁵ Trataremos da análise que Maurice Halbwachs faz do suicídio ao longo do quarto capítulo.

⁴⁶ Encontramos uma reflexão mais extensa, porém fragmentada, sobre o assunto no capítulo 2, parte 2, de *A classe operária e os níveis de vida* (*op.cit.*, pp. 77-94). Igualmente, mas de forma bastante mais breve e contendo pouquíssimas alterações, ela está presente em *As causas do suicídio* (*op.cit.*, p. 377) e no *Esboço de uma psicologia das classes sociais* (*op.cit.*, p. 78)

Os aportes mais significativos – e, vale dizer, bastante significativos – da incorporação das preocupações ligadas à formulação de um pensamento a partir da noção de *gênero de vida* explicitam-se nas reflexões de Maurice Halbwachs sobre as classes sociais e, sobretudo, na análise do suicídio e suas causas.

As classes sociais

Maurice Halbwachs é quem primeiro realiza o esforço de tecer, no interior da *Escola Francesa de Sociologia*, uma reflexão sobre as classes sociais. Essa reflexão, que tem início já em seu primeiro artigo na *Revue de Métaphysique et Morale* em 1905^{xxxv}, tomará força na sua segunda tese de doutorado, sobre *A classe operária e os níveis de vida*^{xxxvi}, e lhe acompanhará até seus cursos na Sorbonne (no final dos anos 1930 e início dos 1940).

Naturalmente, as preocupações que orientam cada uma dessas etapas de seu pensamento não são exatamente as mesmas e, assim, a formulação do problema diverge igualmente: se em sua tese de doutorado o objeto de análise é “(...) os hábitos de consumo dos homens e seus níveis de vida” - estudo que não pode ser separado “de uma análise das condições de trabalho de cada nível de vida ou de sua função no organismo produtor”^{xxxvii}; em seus cursos na Sorbonne importa mais formular uma teoria da divisão das sociedades modernas e contemporâneas em classes sociais, isso quer dizer que a tarefa do sociólogo é descrever e explicar essa divisão “em seu aspecto e natureza e em sua evolução a partir do momento em que ela se formou”^{xxxviii} – ou seja, a partir do momento em que as lembranças da *gênese* das classes desapareceram.

Nesse sentido, se olharmos atentamente para as estruturas argumentativas do texto de 1905 e do curso dos entornos dos anos 1940, algo nos é revelado. Na edição crítica⁴⁷

⁴⁷ “O curso sobre as classes sociais ministrado em Paris por Maurice Halbwachs foi objeto de três edições mimeografadas, em 1937, 1942 (quatro fascículos a cada vez) e 1946 (fascículo único), realizados pelo Centro de Documentação Universitária (CDU), Tournier & Constants, 5, place de la Sorbonne, Paris V^e (Col. “Os cursos da Sorbonne). (...) O texto da presente reedição foi estabelecido a partir da aproximação das três edições mencionadas acima e o artigo “As características das classes médias” (1939) - retomada, revisão e complemento da lição XI do Curso. Afim de conservar nesse texto, provindo muito provavelmente de uma estenografia, sua espontaneidade, seu tom direto e incisivo, sua densidade dialética, nós o reproduzimos o mais fielmente possível, somos levados a deixar subsistir certas imperfeições estilísticas (repetições, enumerações...)”^α

^α MONTGNY, Gilles “Avertissement au lecteur” in HALBWACHS, *Les classes sociales...*, *op.cit.*, p. XI-XII.

[Le Cours sur les classes sociales donné à Paris par Maurice Halbwachs fit l’objet de trois éditions ronéotypées, en 1937, 1942 (quatre fascicules à chaque fois) et 1946 (fasciule unique), réalisées par le

minuciosamente elaborada por Gilles Montigny⁴⁸, o curso de Halbwachs sobre as classes sociais é composto por dezesseis aulas divididas em três grandes partes e uma introdução geral⁴⁹. A primeira parte, *Definição e teorias das classes sociais*, contém três lições⁵⁰; a segunda, *As grandes classes sociais*, compõe-se de sete lições⁵¹; e a terceira, *Variações da intensidade da noção de classe social*, é composta de cinco lições, sendo a última uma retomada de todo o percurso transcorrido⁵².

Ora, notemos que essa estrutura acompanha o mesmo movimento das inquietações já anunciadas em 1905, a saber,

o que é uma classe social? Como, em virtude de qual critério, distinguir as classes em um grupo social extenso tal qual uma nação? Qual espécie de realidade deve-se dar como fundamento a essa noção um pouco vaga? [E ainda] (...) 1º Qual é o conteúdo dessa representação [coletiva], quais elementos aí reúnem e segundo qual plano de organização? 2º De onde vem a intensidade maior ou menor que ela possui e segundo qual lei essa intensidade vem a variar? 3º Como se explica seu objeto exterior, sua realidade, sua evolução e sua persistência?^{cxvix}

Evidentemente, a proximidade estrutural entre esses dois textos bastante espaçados no tempo não é fortuita. Ela demonstra uma unidade de preocupações e de desenvolvimento do tema, de modo a nos possibilitar tomar como base de nossa exposição a reflexão mais madura que nos é apresentada em seu curso, recorrendo a outros textos pregressos na medida em que esclareçam ou apontem uma significativa mudança em suas formulações.

Centre de documentation universitaire (CDU), Tournier & Constants, 5, place de la Sorbonne, Paris V^e (Coll. "Les cours de Sorbonne). (...) Le texte de la présente réédition a été établi d'après un rapprochement entre les trois éditions mentionnées ci-dessus et l'article «Les caractéristiques des classes moyennes» (1939), reprise, revue et complétée, de la leçon XI du Cours. Afin de conserver à ce texte, provenant très vraisemblablement d'une sténographie, sa spontanéité, son ton direct et incisif, sa densité dialectique, nous l'avons reproduit le plus fidèlement possible, quitte à laisser subsister certaines imperfections stylistiques (répétitions, énumérations...).

⁴⁸Professor secundarista em Versailles, pesquisador associado à Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais (EHESS) e autor de *Maurice Halbwachs: Vie, oeuvres, concepts* (Ellipses, 2005).

⁴⁹ (I) *Introdução. As classes sociais e os grupos nacionais*

⁵⁰ (II) *Definição das classes sociais*; (III) *A consciência de classe: as doutrinas de Saint Simon e de Karl Marx*; e (IV) *As profissões e os rendimentos*.

⁵¹ (V) *Os camponeses. Os agrupamentos rurais na França. Classe e gênero de vida*; (VI) *A classe operária. Matéria e Sociedade*; (VII) *A classe operária (sequência). O assalariado*; (VIII) *A classe operária (Fim). Consumo e gênero de vida*; (IX) *A nobreza*; (X) *A burguesia*; (XI) *As classes médias*.

⁵² (XII) *Extensão das classes e durabilidade das condições*; (XIII) *As organizações de classe. Os sindicatos*; (XIV) *As organizações de classe (Fim)*; (XV) *A legislação e as classes sociais*; (XVI) *Conclusão. A técnica e a sociedade*.

A pergunta inicial de Halbwachs é bastante simples e evidente: o que é uma classe? Sua resposta parte ora da história da palavra classe - influência visível de Lucien Febvre⁵³; ora de uma retomada de diferentes tipos históricos de classes. Em ambas, porém, chega-se a avaliação que “(...) classificar é repartir em grupos, tendo em conta as semelhanças”^{cxl} e mais: como haviam dito Durkheim e Mauss em seu *Algumas formas primitivas de classificação*, a classificação das coisas reproduz a classificação dos homens, reproduz a maneira pela qual os homens se classificam a eles-mesmos uns em relação aos outros^{cxli}.

O que espanta na disposição desses sentidos [da palavra classe] no dicionário de Littré, é que a palavra classe enquanto designo dos objetos não vem em primeiro lugar. O sentido original é o de classes constituídas de seres humanos, classes estabelecidas entre os homens. A classe, como significação humana, veio primeiro; a classe como grupo de objetos, depois^{cxlii}.

Ora, essas classificações, tanto aquelas encontradas nos povos ditos primitivos como aquelas dos povos mais cultivados, nos mitos ou nos dicionários, não se apresentam simplesmente como agrupamentos por semelhança. Ao contrário, nelas se constituem todo um sistema de relações entre cada uma dessas categorias. Diriam Durkheim e Mauss que nesses sistemas

(...) as coisas não são simplesmente dispostas sob a forma de grupos isolados uns dos outros, mas esses grupos mantêm relações definidas uns com os outros e o seu conjunto forma um único e mesmo todo. Ademais, esses sistemas, assim como aqueles da ciência, têm uma finalidade especulativa. Eles não têm por objeto facilitar a ação, mas fazer compreender, tornar inteligíveis as relações que existem entre os seres^{cxliii}.

Assim, os nexos entre as diversas categorias que constituem o sistema apresentam-se sob a forma de relações de antecedência, de consequência, de justaposição, de sobreposição, de simetria, de subordinação, etc. Toda uma organização fundada sobre uma ordem de prioridade entre os elementos de um conjunto, ou seja, uma hierarquia. É precisamente essa estrutura hierárquica que Maurice Halbwachs tem em mente quando toma como ponto de partida de sua reflexão sobre as classes sociais a definição apresentada por Marx e Engels

⁵³ Notadamente: FEBVRE, Lucien. “Civilisation, le mot et l’idée” in *Centre International de Synthèse*, 1930, p. 1-55.

logo ao início do *Manifesto Comunista*, segundo a qual as classes seriam uma “múltipla gradação das posições sociais”⁵⁴.

Nós reteremos uma palavra que se encontra no texto de Marx e que deve ser posta no primeiro plano quando se trata de definir as classes, é a expressão “hierarquia de renques múltiplos”. A série das classes apresenta uma hierarquia de renques múltiplos. Com efeito, para designar as classes, valer-se-á de expressões que repousam sobre a ideia de hierarquia. Pode-se dizer: gradação social, grau na escala social, nível social; de outro lado: classe superior, classe média, classe inferior. Evidentemente, temos aqui um arranjo por ordem de valor crescente^{cxliv}.

Para Halbwachs a localização dos indivíduos no interior dessa hierarquia social resulta de uma comparação que os indivíduos fazem nos múltiplos contatos que estabelecem com os demais membros da sociedade em questão. Nesses contatos, as representações de classe articulam-se por um duplo julgamento: de um lado um julgamento sobre o princípio de hierarquização social, sobre as atividades e os valores tidos como superiores; de outro, o grau em que um determinado grupo toma parte em tais atividades e valores⁵⁵. Deste modo, em toda sociedade há um tipo de “(...) atividades que é preponderante e pode-se dizer que a divisão por classes se faz segundo o grau em que os membros de cada uma das classes participam dessa atividade preponderante”^{cxlv}.

Vale insistir sobre esse ponto. Para Halbwachs, em todas essas sociedades

⁵⁴ “Nas mais remotas épocas da História, verificamos, quase por toda parte, uma completa estruturação da sociedade em classes distintas, uma múltipla gradação das posições sociais. Na Roma Antiga encontramos patrícios, cavaleiros, plebeus, escravos; na Idade Média, senhores, vassalos, mestres de corporações, aprendizes, companheiros, servos; e, em cada uma dessas classes, outras gradações particulares”^α.

^α MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *Manifesto Comunista*. São Paulo: Boitempo, 2005, p. 13.

⁵⁵ Vale indicar aqui uma mudança significativa na formulação do problema das classes sociais em Halbwachs. Em sua tese de doutorado sobre *A classe operária e os níveis de vida*, o sociólogo já apresenta a importância desse “duplo julgamento”; aqui, porém, não em relação às *atividades* e aos *valores* tidos como superiores, mas em relação “(...) a estimação do bem ou dos bens mais importantes e mais apreciados na *sociedade* considerada e a estimação do grau até onde é permitido aos membros da *classe* que a ele(s) se ligam”^α. Acreditamos que, como já indicado anteriormente, essa mudança de epicentro dos *bens* para as *atividades* e *valores*, é essencialmente associada à mudança de natureza de cada um desses trabalhos do autor: se em sua tese Halbwachs tinha como centro a análise comparativa da distribuição relativa dos gastos do orçamento de operários e outras categorias de trabalhadores – uma análise, pois, do *modo* e dos padrões de consumo; no curso sobre *As classes sociais*, sua atenção desloca-se para como elaborar uma reflexão sobre as classes sociais *por elas-mesmas*, abrindo-se caminho, assim, a outras preocupações que não cabiam no escopo de sua tese de doutoramento.

^α HALBWACHS, *La classe ouvrière...*, *op.cit.*, p. 4, grifo nosso.

[Toute représentation de classe implique un double jugement de valeur: l'estimation du bien ou des biens les plus importants et les plus appréciés dans *la société* considérée [et] l'estimation du degré jusqu'ou il est permis aux membres de *la classe* de satisfaire les besoins qui s'y rapportent.]

(...) é em relação às atividades julgadas como as mais importantes que os homens se classificaram; segundo eles poderem participar mais estreitamente dessas atividades ou que delas estejam afastados, eles participaram às classes altas ou baixas^{cxlvi}.

Daí, para o sociólogo francês, ser contraditório supor que uma classe existiria sem tomar consciência dela-mesma⁵⁶, isso quer dizer, sem reconhecer seu *nível de vida* e, por conseguinte, que uma classe possa existir enquanto tal sem se representar a posição que ocupa no interior da hierarquia das posições sociais, “(...) de tal modo que a cada um dos grupos da sociedade corresponda ao sentimento comum de uma situação social distinta das outras e, sobretudo, que ocupa um renque definido na escala das situações sociais”^{cxlvii}.

Assim, cada sociedade - ou a mesma sociedade em momentos históricos suficientemente diversos - elege uma série de atividades julgadas como as mais importantes; atividades que, em sendo uma forma determinada de vida social, é, ao mesmo tempo, “*a vida social mais intensa que se possa representar*”^{cxlviii}: numa sociedade articulada pela religião, é a aproximação com a divindade que o privilégio da participação em determinados rituais carrega; numa sociedade articulada pela política, é o privilégio de ocupar cargos administrativos ou de direção; numa sociedade pecuniária, é o montante de dinheiro que os indivíduos possuem e a capacidade de lhe adquirir que é posta no primeiro plano.

Porém, independentemente da

(...) forma particular de atividade que a sociedade coloca no primeiro plano - seja a atividade guerreira, política, econômica -, o que a sociedade sempre vê como essencial e como tendo mais valor, são as formas de atividades propícias a

⁵⁶ “Nada impede [diria Halbwachs] um historiador ou um sociólogo de distinguir em uma sociedade muitos grupos, tendo em conta as semelhanças e as diferenças exteriores ou aparentes entre seus membros: mas tais “gradações” têm a probabilidade de ser a maioria das vezes artificiais, se não se preocupa, antes de tudo, com a atitude e as disposições coletivas dos homens. Chamar classe um conjunto de homens no qual nenhuma consciência de classe se desenvolveu e se manifesta, é não designar nenhum *objeto social*, ou é designar uma classe em vias de formação, que não existe ainda, mesmo que seus elementos aí se encontrem, mas que existirá: isso quer dizer, que ela se constituirá em torno de uma representação coletiva a qual é preciso dar ao menos uma ideia”^α.

^α HABWACHS, *La classe ouvrière...*, *op.cit.*, p. 4.

[Rien n’empêche un historien ou un sociologue de distinguer dans une société beaucoup de groupes, en tenant compte des ressemblances et des différences extérieures ou apparentes entre leurs membres: mais tels «rangements» ont chance d’être le plus souvent artificiels, si on ne se préoccupe pas avant tout de l’attitude et des dispositions collectives des hommes. Appeler classe un ensemble d’hommes dans lequel une conscience de classe ne s’est point développée et ne se manifeste pas, c’est ne désigner aucun objet social, ou c’est désigner une classe en voie de formation, qui n’existe pas encore, bien que ses éléments se trouvent là, mais qui existera: c’est-à-dire qu’elle se constituera autour d’une représentation collective dont il faut bien donner au moins une idée.]

intensificar a vida social, a vida coletiva, a estender, a multiplicar as relações que os homens têm entre eles e que eles têm entre eles enquanto pessoas humanas; o gênero de atividade que tende a criar e a desenvolver esses tipos de meios nos quais escapa-se das preocupações da técnica e, em certa medida, das preocupações da profissão, nas quais os homens se interessam antes de tudo e passionalmente neles mesmos e em seus semelhantes e nas relações que manifestam neles qualidade que resultam de sua natureza de homens^{cxlix}.

Desse modo, a classe mais valorada socialmente seria aquela classe *criadora de valores*, de representações coletivas.

Em outros termos, há, em cada sociedade, uma lareira [foyer]⁵⁷ onde se concentram todos os elementos da vida social; aqueles que são iluminados mais diretamente por sua luz são os que representam a classe superior; os outros, aqueles que dele estão bastante distanciados, pertencem às classes baixas^{cl}.

As ideias aí sintetizadas já se encontravam elaboradas de maneira mais detalhada em sua tese de 1912, onde podemos ler que

⁵⁷ O termo francês *foyer* é carregado de múltiplos sentidos. No dicionário de *Litttré* podemos ler: “FOYER: s.m.|| 1° Lugar em um cômodo de uma casa onde se faz o fogo. (...)|| 2° Por extensão, o fogo mesmo que queima no *foyer*. (...) || 3° A parte onde se põe o fogo em certos aparelhos. (...)|| 4° Por assimilação ao fogo que queima no *foyer*. Lugar, ponto de onde a luz ou o calor raíam. (...) || 5° Fig. A sede, o centro. (...) || 6° Termo de fisiologia. Foco perceptivo, lugar do cérebro onde se fazem as percepções conduzidas por certos nervos|| Termo de patologia. Foco de uma doença, a sede principal dessa doença (...) || 7° Fig. Casa (a parte sendo tomada pelo todo) (...) || 8° Termo do teatro. A sala comum onde se reúnem os atores (...) || 9° Termo de física. O ponto do eixo de um espelho côncavo ou de uma lente biconvexa onde se reúnem e se entrecruzam os raios luminosos ou calóricos após a reflexão e a refração (...) || 10° Laje que se põe na frente de uma lareira para separar o soalho do átrio (...) || 11° Tapete com que se recobre a laje chamada *foyer* (...) || 12° Chefe de oficina de uma forja catalã (...) **ETIM.** Berry, *fouier, foujer* ; provençal *foguier, fuguier* ; ant. espanhol *foguero* ; do baixo-latim *focarium*, derivado do latim *focus, foyer* (ver FOGO)”^α.

Em português há uma série de termos que são usados para cada um dos sentidos, podendo lhe ser equiparado, sobretudo, “fogo” e “foco” - em seus vários sentidos (como, à título de exemplo, “uma vila com centena de fogos”, ou seja, com centena de casas); mas também pode ser equivalido à “lareira”, “caldeira”, “núcleo fiscal”, “núcleo familiar”, dentre muitos outros.

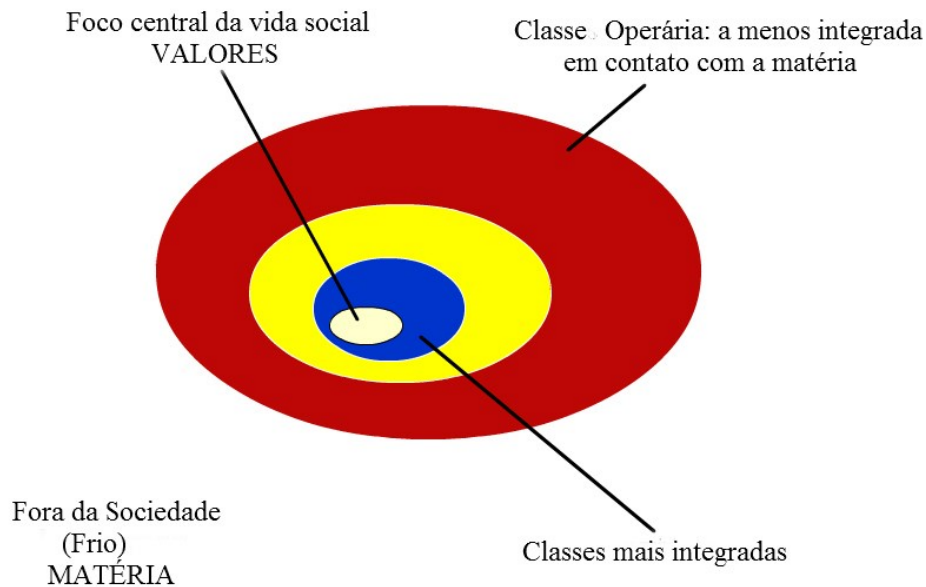
^α *Dictionnaire de la Langue Française par É. Littré*. Tomo 2, Paris: Hachette, 1874.

[FOYER: s.m.|| 1° Lieu dans les pièces d’une maison où l’on fait le feu. (...) || 2° Par extension, le feu même qui brûle dans le foyer (...)|| 3° La partie où se met le feu dans certains appareils (...)|| 4° Par assimilation au feu qui brûle au foyer. Lieu d’où la lumière ou la chaleur rayonne.(...) || 5° Fig. Le siège, le centre (...)|| 6° Terme de physiologie. Foyer perceptif, endroit du cerveau où se font les perceptions apportées par certains nerfs. || Terme de pathologie. Foyer d’ une maladie, le siège principal de cette maladie. (...)|| 7° Fig. Maison (la partie étant prise pour le tout) (...) Terme de théâtre. La salle commune où se rassemblent les acteurs. (...)|| 9° Terme de physique. Le point de l’axe d’un miroir concave ou d’une lentille biconvexe où se réunissent et s’entre-croissent les rayons lumineux ou calorique après la réflexion et la réfraction. (...)|| 10° Dalle qu’on met au devant d’une cheminée pour séparer le plancher de l’âtre. (...)|| 11° Tapis dont on recouvre la dalle dit foyer (...)|| 12° Chef de l’atelier d’une forge catalane. (...)|| **ÉTYM.** Berry, *fouier, foujer*; provenç. *foguier, fuguier*; anc. espag. *foguero*; du bas-lat. *focarium*, dérivé du latin *focus, foyer* (voir. FEU)]

(...) quando encaramos desse ponto de vista a hierarquia das classes, constata-se, na medida em que se eleva de uma a outra, que os grupos são cada vez mais integrados, isso quer dizer, que seus membros se encontram cada vez mais tomados em uma rede de relações sociais, religiosas, políticas, de negócios etc., segundo o tipo de sociedade. Pode-se interpretar isso de duas maneiras: ou se dirá que a sociedade em seu conjunto tende a se superar [*dépasser*], que a vida social - de início difusa, dispersa, submetida à ação de muitas forças de dispersão - pouco a pouco se concentra, se reúne como em torno de um fogo [*foyer*] que ela-mesma ascende e que ela alimenta; ou então se dirá que a sociedade faz um esforço, e um esforço penoso e constante, para se distender, como se lhe fosse preciso afastar dela muitas forças de opressão, que lhe enceram e sufocam, e que as suas partes mais vizinhas de sua periferia encontram-se cada vez mais distantes do seu foco central [*foyer central*], de mais em mais em contato com o “fora”, que elas perdem ao mesmo tempo sua flexibilidade e sua elasticidade, que elas se endurecem e se imobilizam. No fundo, não se deve crer que essas duas interpretações se opõem inteiramente, como se nós representássemos a sociedade ora como uma criação artificial dos homens, ora como a natureza deles. Permanece incontestável que quando os homens ascenderam através de um esforço ou se encontraram por sorte mais próximos do fogo [*foyer*], isso quer dizer, na parte da sociedade onde a vida coletiva é a mais intensa, lhes é muito penoso daí se distanciar e eles sempre guardam o desejo de aí entrar. Isso basta para que se possa supor que tanto mais a vida é social, mais ela é conforme a natureza do homem. Disso resulta que uma classe ocupará um nível tanto mais elevado quanto seus membros participem mais [*davantage*] à vida coletiva, tal qual ela está organizada em sua sociedade^{cli}.

Desse modo, as classes apresentam-se como um conjunto de representações coletivas da hierarquia dos grupos sociais orientado segundo a maior ou menor participação dos membros de cada um desses grupos na vida social *mais intensa que se possa representar*, participação nas atividades criadoras de valores, de representações coletivas. A sociedade de classes, por sua vez, apresenta-se sob a imagem de uma sucessão de círculos concêntricos, cada círculo correspondendo a uma classe social mais ou menos integrada, a *níveis de vida* e capacidades de satisfação das necessidades sociais distintas.

Gráfico 1. Esquema das Classes Sociais em Maurice Halbwachs⁵⁸



O esquema acima representa graficamente a distribuição das classes no *meio urbano*. Nele, nos diriam Christian Baudelot e Roger Establet,

cada um dos círculos corresponde a uma classe social. Cada uma destas se define assim pela distância que a separa da “fogueira” central. Os mais próximos, as classes mais “in”, as mais instruídas, as mais ricas, as mais integradas, as mais sociais (isso quer dizer, as menos materiais, as menos animais). À periferia, bem próximos da saída, as classes – operárias – cujas “funções lhes obrigam a sair periodicamente da sociedade”^{cli}.

Notemos, de um lado, que Halbwachs desloca-se, já em 1912, da maneira usual de se elaborar uma estratificação social a partir de um modelo piramidal. Mais que isso, seu esquema coloca as questões não em termos de “os de cima” e “os de baixo” ou “dominador” e “dominado”, mas em termos de “integrados” e “excluídos” dispostos horizontalmente em um espaço social segmentado em áreas mais ou menos privilegiadas⁵⁹. De outro lado, essas

⁵⁸Elaborado partir de BAUDELLOT, Christian. & ESTABLET, Roger. *Maurice Halbwachs : Consommation et société*. Paris: PUF, 1994, p.44.

⁵⁹Vale lembrar que três anos antes Maurice Halbwachs defendera uma tese de doutorado em direito sobre as expropriações e os traçados de ruas de Paris na segunda metade do século XIX, de modo que não nos parece

formulações têm como pressuposto uma oposição entre as preocupações da técnica e as preocupações mais *intensamente* sociais; que derivam, por sua vez, de uma oposição entre as representações e a própria técnica, entre realidade imaterial e realidade material, entre a *sociedade e a matéria*.

Ora, como vimos anteriormente, diferente do que vemos na representação gráfica, é a articulação de toda vida social a partir das preocupações e necessidades do ofício o que caracteriza o *gênero de vida* camponio. Por isso, como já indicamos anteriormente, “(...) a massa camponesa e o conjunto dos operários das cidades se opõem não como duas classes, mas como dois gêneros de vida”^{cliii}. Isso porque, após percorrer as condições técnicas do trabalho rural (disposição, duração, variações de intensidade, etc.) e as condições jurídicas dos camponeses (sobretudo os diferentes regimes de trabalho no campo); Halbwachs avalia que sobre a maior parte dos elementos que os compõem, o camponês não se distingue senão superficialmente dos operários das cidades. Ademais, existiriam entre os grandes fazendeiros e os pequenos trabalhadores, parceiros, meeiros etc.; relações de exploração tão rigorosas e brutais como aquelas entre patrões e operários na indústria.

Hoje nós seríamos, talvez, tentados a considerar que os camponeses são uma sobrevivência - necessária certamente, pois são eles que nos fornecem os alimentos, os produtos sem os quais nós não poderíamos viver -, mas sobrevivência sob muitos aspectos lastimável. Sonha-se fazer penetrar nos meios agrícolas todas as comodidades, todas as invenções das quais nos valem na civilização urbana. Eu não digo, aliás, que não seria interessante estudar essa civilização rural por elas-mesma, de reconhecer quais distinções de classe podem aí aparecer hoje. Eu creio que tarefa seria singularmente mais difícil que quando se trata das civilizações urbanas, posto que, na consciência camponesa, o que parece dominar é o sentimento de ser um camponês em relação a um morador das cidades, mais que de pertencer a um meio social ou outro^{cliv}.

Assim, os princípios de hierarquização mobilizados na configuração das classes sociais no meio rural não são os mesmo utilizados nos meios urbanos, de modo que, quando colocamos a questão de saber qual entre camponeses e operários encontra-se em um mais alto *nível de vida* - isto é, saber qual dos dois grupos populacionais tem um maior ou menor

casual as aproximações possíveis entre o espaço social e o espaço da própria cidade, como se explicitaria num artigo dos anos 1930 sobre a cidade de Chicago^α.

^α HALBWACHS, Maurice. “Chicago: expérience ethnique”, *op.cit.*

grau participação na vida social -, chegamos a uma aporia. Ora, é precisamente essa impossibilidade de comparação que faz os *gêneros de vida* virem à luz como limites morfológicos à extensão do sentido específico de determinados *atos sociais*.

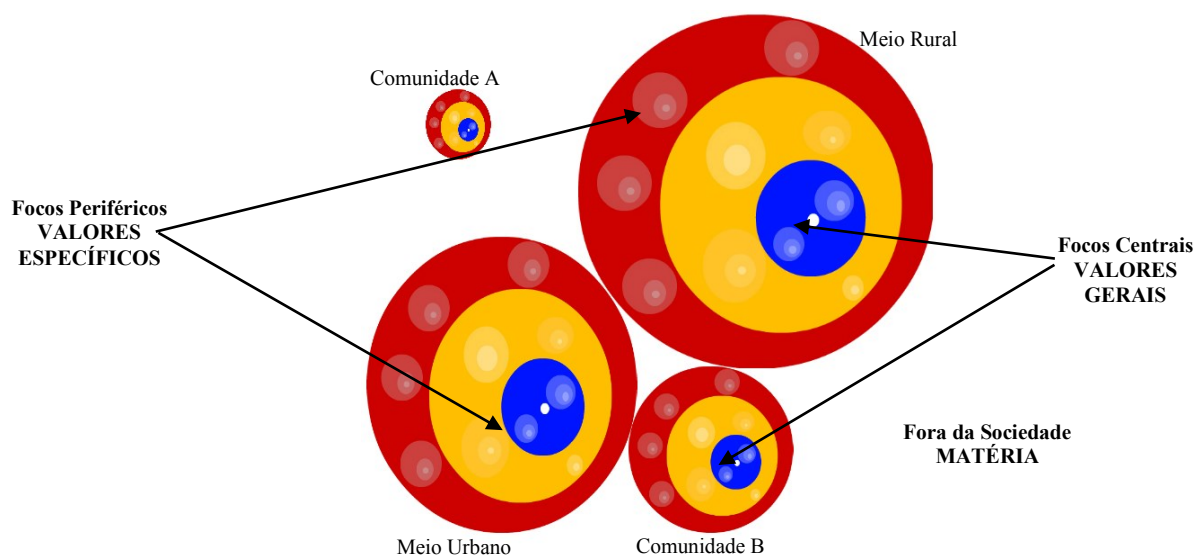
Mas o meio rural e o meio urbano não são os dois únicos espaços sociais a apresentar *focos centrais* distintos. É possível que certos grupos sociais – pertencentes, via de regra, a classes distantes do foco central – decidam sair, literalmente, da sociedade. Como bem indica uma passagem de um artigo dos anos 1920:

Quando várias pessoas organizam-se para viver fora do mundo, longe da vida mundana [*loin du siècle*], como certas comunidades religiosas, elas saem de uma sociedade para criar uma outra, mais estreita: elas sacrificam uma parte de suas relações com os homens visando multiplicar e reforçar aquelas que os unem a um pequeno número dentre elas^{clv} (...) [Assim], se certos homens e mesmo certos grupos permanecem fora, senão à margem, de uma sociedade, é que eles fazem parte de outras sociedades e isso se explica pela repugnância, um antagonismo, ou uma incompatibilidade que põe em disputa tendências coletivas opostas^{clvi}.

É verdade que, ao que tivemos acesso, essa é a única passagem em que Halbwachs vislumbra essa possibilidade de uma “saída” autodeterminada da sociedade; e o faz a partir de um caso bastante limite que é o das comunidades religiosas – sobretudo de protestantes imigrados para os Estados Unidos. Porém, essa situação assemelha-se, segundo o próprio Halbwachs, ao equilíbrio instável observado nas pequenas cidades da França, onde os efeitos da transformação econômica arrastam-lhes, via de regra, para o centro de gravidade da vida citadina; de modo que não é exagero ter em mente a possibilidade de criação de novos *focos centrais*, desigualmente potentes e extensos, como parte da dinâmica do próprio sistema de classes.

Se esses novos *focos centrais*, porém, não forem suficientemente potentes para que suas tendências coletivas sejam antagônicas e incompatíveis com aquele em vigor previamente? Seria pensável, talvez, a partir dessas formulações de Halbwachs, a possibilidade de existência de “focos periféricos”. Isso quer dizer, a possibilidade para certos grupos sociais de eleger um conjunto de valores e atividades suficientemente organizados para lhes unir e estabelecer entre eles uma hierarquia; mas insuficientemente fortes para lhes desprender da força das correntes sociais mais gerais a que estão atrelados. De modo que, à imagem de um planetário, haja centros de rotação específicos articulados por um centro de translação único.

Gráfico 2. Esquema das classes sociais a partir de Maurice Halbwachs



Essa última formulação, no entanto, é meramente especulativa e deve ser lida apenas como uma hipótese de desdobramento, infiel talvez, da obra de Halbwachs. Vale lembrar que tampouco encontramos em sua obra uma análise das classes no meio rural, posto que como bem expressa o sociólogo em um trecho citado precedentemente, embora possa ser relevante voltar os olhos às sociedades camponesas, sua atenção voltou-se à configuração das classes sociais nos meios urbanos a partir de uma análise da classe operária.

Os três principais móveis dessa escolha nos são indicados na segunda parte da introdução d'*A classe operária e os níveis de vida*^{clvii}, a saber: a *comodidade* resultante da existência de dados sobre a condição de trabalho e sobre o consumo dos operários^{6º}, o que

^{6º} Notemos que Halbwachs desenvolve, especialmente n'*A classe operária e os níveis de vida* (1912) e n'*A evolução das necessidades nas classes operárias* (1928), uma ampla análise dos dados da distribuição diferencial do consumo entre os operários; de modo a esboçar certos hábitos de consumo que, por sua vez, não seriam senão um sintoma das necessidades sociais que tocam esses grupos. Isso por que "(...) as necessidades [*besoins*] podem se classificar, como as profissões, segundo o número de preocupações relativas aos outros, aos meios e aos grupos sociais que as acompanham e lhes estão ligados. Há, nesse sentido, uma diferença muito nítida entre as despesas de ostentação e aquelas de necessidade: quando eu como para me nutrir, eu faço uma despesa que corresponde a uma necessidade física; quando eu reúno convidados para lhes fazer admirar o luxo de minha prataria, minha criadagem, eu também como, mas eu me preocupo com a impressão que isso deixará sobre eles e, sobretudo, em utilizar esse meio com vistas a multiplicar minhas relações, minhas aproximações com os outros, com vistas a estender minha influência sobre o meio social geral"^α.

^α HALBWACHS, *Les classes sociales...*, *op.cit.*, p. 76.

[Mais les besoins peuvent se classer, comme les professions, suivant le nombre de préoccupations relatives aux autres, aux milieux et aux groupes sociaux qui les accompagnent et leur sont liées. Il y a, à cet égard, une différence très nette entre les dépenses d'ostentation et celles de nécessité : quand je

não se apresentava da mesma maneira para as demais classes; a *relevância* que a “questão operária” aporta desde meados do século XIX, seja do ponto de vista populacional, político, econômico; e, por fim, a *simplicidade relativa* dos fatos aí encontrados, não havendo no meio urbano “(...) classe mais homogênea, precisamente porque a vida social nela é mais reduzida, menos complicada e também por que o intervalo que a separa dos outros grupos, a esse respeito, é muito marcado”^{clviii}. Mais tarde, em seu curso na Sorbonne, Halbwachs ater-se-ia a duas razões para tal análise, a saber, “(...) que ela [a classe operária] é a mais numerosa⁶¹ e que não há, na aparência, divisão mais marcada que aquela que separa os operários daqueles que não o são”^{clix}.

Voltemos nossos olhos, assim, ao meio urbano e a forma peculiar pela qual Halbwachs apresenta sua divisão em classes sociais, a começar por essa oposição ironicamente basilar entre a *matéria* e *sociedade*.

A maneira pela qual Halbwachs formula o problema geral das classes sociais já porta, em grande medida, os traços fundamentais a partir dos quais sua análise da hierarquia das posições sociais no meio urbano e industrial se desenharia. Isso porque, a distância do *foco central* significa, a um só tempo, o distanciamento das atividades criadoras de representações coletivas e voltadas, no ato-mesmo de sua realização, ao *humano* dos homens; de modo a deslocar a uma posição necessariamente periférica todos aqueles homens e mulheres cujas atividades exigem uma atenção alhures.

mange pour me nourrir, je fais une dépense qui correspond à un besoin physique ; quand je réunis des convives avec moi pour leur faire admirer le luxe de mon argenterie, ma domesticité, je mange aussi, mais je me préoccupe de l'impression que cela fera sur eux et surtout d'utiliser ce moyen en vue de multiplier mes relations, mes rapprochements avec les autres, en vue d'étendre mon emprise sur le milieu social en général.].

⁶¹ Halbwachs aponta no início do capítulo IV do *Esboço de uma psicologia das classes sociais*^α - texto contemporâneo do curso sobre as classes sociais – que dos 38% da população ativa que exerciam atividades ligadas à indústria, cerca de 50% seriam operários da grande indústria, ou seja, um sexto da população ativa da França em um período em que 50% desta exercia atividades agrícolas.

^α HALBWACHS, *Esquisse d'une psychologie...*, op.cit., p. 128 et seq.

Assim, a definição de *operário* recuperada por Halbwachs no *Tratado elementar de legislação industrial* de Paul Pic, trás algo curioso aos nossos olhos⁶²:

É operário, no sentido jurídico da palavra, todo aquele que execute um trabalho manual (do francês arcaico *manouvrier*) por conta e sob a direção de um patrão ou de seus encarregados, qualquer que seja a natureza do estabelecimento no qual o trabalho se exerce (fábrica, oficina, armazém ou canteiro de obra), qualquer que seja, igualmente, o valor e o modo de pagamento do salário. São operários aqueles que exercem um ofício, isso quer dizer, uma arte mecânica ou *manual* por contra de outrem, assim como os indivíduos empregados como auxiliares para um trabalho manual simples não incluindo aprendizagem (carregador [*homme de peine*], trabalhadores manuais [*manoeuvres*], escavadores [*terrassier*] e outros gêneros de trabalho).

Devem ser, ao contrário, qualificados *commis* ou *employés*⁶³ todos os auxiliares do comércio e da indústria que, embora se encontrem por seu contrato sob a dependência do patrão, são encarregados de trabalhos apresentando um caráter de ordem mais *intelectual* que material. Eles não executam trabalho mecânico como os operários, eles não estão ao serviço da pessoa como os domésticos: seu papel, em qualquer posição da hierarquia em que se encontrem, consiste em auxiliar o patrão em seu comércio e, como tal, o contrato que lhes une ao empregador, embora constitua um verdadeiro aluguel de serviço, se nuança, de certo modo, de uma ideia de mandato.

⁶² Halbwachs vale-se do mesmo trecho do livro de Pic tanto em sua tese de 1912 (*op.cit.*, p. 65, nota 1) quanto em seus cursos na Sorbonne (*op.cit.*, p. 93); sendo, porém, o excerto reduzido no último caso. Os trechos destacados são aqueles que constam *somente* na tese.

⁶³ Os termos *commis* e *employé* não apresentam equivalentes exatos em português. Segundo a nomenclatura atual do Instituto Nacional de Estatística e Estudos Econômicos (INSEE), “o grupo dos ‘*employés*’ agrupa profissões muito variadas e frequentemente mal definidas. Encontram-se aí, certamente, os secretários e os funcionários de escritório, mas também funcionários hospitalares, os vendedores, os bombeiros ou os empregados domésticos. A unidade do grupo dos *employés* repousa, efetivamente, sobre o que são do que sobre o que fazem”^α. Já o termo *commis* pode designar tanto um amanuense [*commis greffier*] ou um caixeiro viajante [*commis voyageur*], quanto ou auxiliar de cozinha [*commis de cuisine*] ou auxiliar de escritório [*commis de bureaux*]; de tal modo que ele se refere à *função* desempenhada por determinado *employé* subalterno.

Vale destacar ainda que o termo *fonctionnaire* designa aquele que desempenha uma função pública no interior do aparelho do Estado. Optamos por utilizar tais termos em francês ao longo do texto para evitar confusões semânticas.

^α INSTITUT NATIONAL DE STATISTIQUE ET ÉTUDES ÉCONOMIQUES (INSEE). PCS 2003 - Catégorie socioprofessionnelle agrégée 5 Employés. Disponível em http://www.insee.fr/fr/methodes/default.asp?page=nomenclatures/pcs2003/n1_5.htm, acessado em 03 de janeiro de 2013.

[Le groupe des “*employés*” rassemble des professions très variées et souvent mal définies. On y trouve bien sûr les secrétaires et les agents de bureau, mais aussi les agents hospitaliers, les vendeurs, les pompiers ou les gens de maison. L'unité du groupe des *employés* repose en fait plus ce qu'ils sont que sur ce qu'ils font.]

Essa diferença se acusa claramente na organização interior da fábrica. O fabricante tem perto de si, em seus escritórios, toda uma hierarquia de *commis* e de *employés* que recebem os operários, chefes de oficinas e outros e lhes distribuem o trabalho. Esses operários que participam da direção intelectual da fábrica, mesmo que seja por uma parte infinitesimal, não poderiam ser confundidos com os operários^{clx}.

Essa definição mobiliza uma série de oposições que seriam constituintes da condição operária. A primeira delas é aquela entre trabalho manual e intelectual. Esta, porém, não é, aos olhos de Halbwachs, determinante para se distinguir o traço fundamental da atividade operária. Isso porque, quando se comparam as atividades de um escrivão ou de um caixa de armazém com as de um operário qualificado, aquelas não parecem depender e dispender maior intelecto que estas. Ademais, Halbwachs pode afirmar a partir das formulações de Bergson, que mais apropriado que pensar o ser humano como *Homo sapiens*, seria pensá-lo como *Homo faber*, ou seja, como um homem artesão cuja inteligência é faculdade de fabricar utensílios através das quais age sobre a matéria inerte⁶⁴.

Mais relevante seria apreender o trabalho dos operários pelo seu caráter *material*. Ou seja, destacar o fato de serem os operários aqueles que, durante uma significativa parte de sua jornada diária, “aplicam seu esforço a desbastar e a modelar objetos que pertencem à natureza material, ao mundo das coisas inertes”^{clxi}. Esses objetos sob os quais o esforço dos operários é aplicado variam segundo o tipo de indústria em que ele está empregado - ora se tratando dos delicados filamentos de uma tecelagem, ora dos rijos e perigosos metais de uma metalurgia -; mas todos eles, em diferentes graus e por diferentes razões, exigem que a atenção do operário lhe esteja voltada.

⁶⁴ Literalmente, Bergson nos diz numa passagem muito conhecida que “(...) se pudéssemos nos despojar de nosso orgulho, se, para definir nossa espécie, nos atívéssemos estritamente àquilo que a história e a pré-história nos apresentam como a característica constante do homem e da inteligência, talvez não disséssemos *Homo sapiens*, mas *Homo faber*. Tudo somado, a inteligência, considerada no que parece ser sua manobra original, é a faculdade de fabricar objetos artificiais, em particular utensílios para fazer utensílios, e variar indefinidamente sua fabricação”^α.

^α BERGSON, Henri. *A Evolução Criadora*. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 151. [*L'Évolution Créatrice*. Paris: PUF, 1959 {1907}, p. 100.]

[Si nous pouvions nous dépouiller de tout orgueil, si, pour définir notre espèce, nous nous en tenions strictement à ce que l'histoire et la préhistoire nous présentent comme la caractéristique constante de l'homme et de l'intelligence, nous ne dirions peut-être pas *Homo sapiens*, mais *Homo faber*. En définitive, l'intelligence, envisagée dans ce qui en paraît être la démarche originelle, est la faculté de fabriquer des objets artificiels, en particulier des outils à faire des outils et, d'en varier indéfiniment la fabrication.]

Essa concentração da atenção conformaria, para Halbwachs, uma espécie de sistema em que entram somente as representações da ação da matéria sobre nós e de nossa ação sobre a matéria. Por isso que,

(...) em consequência de um contato contínuo ou frequentemente renovado com certos aspectos, sempre de mesma ordem, da matéria, parece que toda uma parte de nosso organismo mental se localiza fora da corrente que circula de uma consciência à outra e que o indivíduo mostra-se um ser isolado e reduzido, que participa à fragmentação e à descontinuidade do mundo inanimado^{clxii}.

Na consciência desses homens, deste modo, parece formarem-se duas câmaras inconfundíveis: uma em que encontramos as representações e pensamentos que lhes ligam aos demais homens da sociedade de que fazem parte, à vida social; outra em que toma forma todo um sistema representações ligadas à matéria inerte sobre a qual dirigem seus esforços durante o tempo de trabalho. É por isso que, para o sociólogo francês, os operários são levados, no exercer de seus ofícios, a *sair da sociedade* durante uma grande parte do dia, ou seja, a se colocar fora das correntes de pensamento que orientam os desenvolvimentos a vida social em um determinado momento⁶⁵.

A última característica a ser destacada na definição de Paul Pic é a *heteronomia* do trabalho operário, ou seja, o fato dele exercer-se sob a direção de outrem. Essa ausência de iniciativa impossibilita o operário, mesmo o mais qualificado, imprimir aos produtos de seu trabalho a marca de sua personalidade, como o fazem o artista ou o engenheiro. Ademais, à diferença desses últimos, o operário não apreende as realidades materiais sobre as quais se debruça como signos, como símbolos, como meios através dos quais certas faculdades, aptidões e técnicas são trazidas ao primeiro plano para apreciação pelos demais homens⁶⁶.

Essa falta de autonomia no seio do trabalho operário seria levada a patamares vertiginosos não só pela mecanização do trabalho no interior da fábrica, cuja rapidez e mecanicidade “obriga o operário a transformar-se em uma engrenagem impulsionada por esses e acionando aqueles”^{clxiii}; mas, sobretudo, pelos métodos da administração dita científica desenvolvidos por Frederick W. Taylor^{clxiv}. Com efeito, sob esse novo regime

⁶⁵ Essas proposições são desenvolvidas com mais detalhe em *Matière et Société* (*op.cit.*), especialmente nas suas dez primeiras páginas.

⁶⁶ Ver Halbwachs, *La classe ouvrière...*, *op.cit.*, pp. 89-92 ; *Matière et Société...*, *op.cit.*, pp. 63-64, 81-83 ; *Les classes sociales*, *op.cit.*, pp. 101-103.

(...) o trabalho dos agentes de execução da indústria, já tão mecanizados, foi submetido a novas decomposições: arrancou-se deles todo resto de iniciativa e escolha que lhes restava, nos quadros já tão restritos de sua função. Ao mesmo tempo, o que subsistia - nas operações onde eles eram obrigados a se adaptar às propriedades da matéria - do ritmo desigual e original, da variedade e da espontaneidade humana, desapareceu. Procurou-se até o fundo da matéria a lei da ação que se devia exercer sobre ela. Como não se podia transformar inteiramente o trabalhador em uma máquina, mecanizando não somente seus atos elementares, mas o princípio que os coordena, transferiu-se esse princípio para fora da consciência e da vontade do operário, ele foi transformado em um sistema regulador exterior, construído e posto em operação por um agente especializado que ignora as resistências e preferências pessoais de cada um e não conhece senão os traços constantes e médios de sua natureza física^{clv}. (...) Ao mesmo tempo, posto que uma tarefa individual lhe [ao operário] é atribuída, posto que se toma o cuidado de lhe isolar de seus camaradas de oficina, que se esforça cada vez mais de esvaziar seu entorno nesse canto de fábrica onde se respirava uma atmosfera social já tão rarefeita; ele não vê mais nos outros operários senão instrumentos como ele; e não sente mais se estabelecer, deles a ele, nenhuma espécie de relação solidária durante seu trabalho. Assim, o resultado do sistema de Taylor seria “dessocializar” mais completamente, ao menos durante a duração de sua tarefa, o trabalhador da fábrica^{clvi}.

As analogias entre as reflexões do sociólogo francês e aquelas de Marx referentes ao processo de *estranhamento* do trabalhador no interior da produção capitalista são surpreendentes⁶⁷ e não deixaram de ser destacadas por alguns daqueles que percorreram os textos de Halbwachs⁶⁸. No entanto, se as formulações do autor do *Manifesto Comunista* têm

⁶⁷ De maneira muito sintética indicamos que o processo de estranhamento tal qual apresentados por Marx nos *Manuscritos Econômico-Filosóficos* compreende quatro facetas: um estranhamento em relação ao produto, que não pertence ao trabalhador direto; um estranhamento em relação ao processo, que é pensado externamente ao trabalhador; um estranhamento em relação à individualidade, ou seja, o trabalhador não se reconhece no produto; e, por fim, um estranhamento em relação ao outro trabalhador, à classe^α. Vale destacar, no entanto, que o artigo de Halbwachs data de 1920, enquanto a primeira publicação dos *Manuscritos* de Marx é de 1932.

^α MARX, Karl. “[Trabalho Estranhado e Propriedade Privada]” in *Manuscritos Econômico-Filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2004.

⁶⁸ O sociólogo Michel Verret, em um artigo de meados dos anos 1970^α, entende “teoria da alienação da classe operária” presente na obra de Halbwachs como uma tradução da problemática da marxiana no interior da Escola Francesa de Sociologia; mas que, devido a um etnocentrismo de classe, à concepção idealista do objeto social e a “interdição” do uso acadêmico de Marx à época, acaba por desembocar em um “materialismo limitado”, cuja expressão se dá no “parar a porta da fábrica” e na desvalorização a priori do caráter social dos objetos materiais e do trabalho sobre eles. Outro sociólogo que merece destaque na interpretação da maneira como Halbwachs tratou a classe operária é Michel Amiot, que, quase vinte anos depois^β, descarta qualquer

como pressuposto a denúncia de relações de exploração ilegítimas diretamente ligadas à organização social articulada pela propriedade privada dos meios de produção, é toda outra problemática que está em jogo na obra do sociólogo francês. Para este, retomando o problema da inteligência humana tal qual formulado por Bergson, a classe operária aparece como um utensílio criado pelas sociedades contemporâneas para manipular outros utensílios ou, em outros termos,

(...) nós admitimos que as sociedades humanas, para se apoderar da matéria e a transformar segundo seus fins, destinam [*préposent*] para essa função todo um conjunto definido de seus membros que, para executá-las, são constringidos a permanecer em contato com as coisas, a se isolar em face delas e se separar do resto da coletividade humana^{clxvii}.

Assim, para Halbwachs, é *normal* a existência de um grupo análogo à classe operária nas mais diferentes sociedades, isso quer dizer, é *normal* que a existência social tenha como exigência que ao menos uma parcela de uma determinada população tenha de se voltar com regularidade à matéria. O grau de constringimento sobre aqueles que são designados ao trabalho material, porém, é penoso em razão inversa da correspondência entre as faculdades possuídas por um determinado indivíduo e aquelas exigidas pela atividade a que ele se dedica – passando despercebida a grande parte dos membros do corpo social. Ademais, as proporções desse grupo “operário”, bem como a distância relativa que ele se encontra do foco [*foyer*] da vida social (e, portanto, o seu grau de depreciação), são muito variáveis: do mesmo modo que é previsível uma drástica redução relativa de tal grupo nas sociedades urbanas e industriais com o advento de novas técnicas; é pensável que “luta com a matéria” ocupasse o primeiro plano das preocupações sociais em sociedades menos diferenciadas⁶⁹.

aproximação com das formulações de Marx (que estariam nas lentes de Verret e não nos textos do herdeiro de Durkheim), qualificando-a como a expressão de um elitismo aristocrático centrado na oposição entre matéria e espírito. Nós, no entanto, não ratificamos nenhuma das duas leituras em sua integralidade por razões que esclareceremos ao longo do texto.

^α VERRET, Michel. «Halbwachs, ou le deuxième âge du durkheimisme» in *Cahiers Internationaux de Sociologie*, vol. III, 1972, pp. 311-337. Nós utilizaremos a reprodução do texto presente em: PÉQUIGNOT, Bruno (dir.). *Maurice Halbwachs : le temps, la mémoire et l'émotion*. Paris: L'Harmattan, 2007, pp. 08-48.

^β AMIOT, Michel. «Le Système de Pensée de Maurice Halbwachs» in *Revue de Synthèse*, Vol. IV, n°2, 1991, pp. 265-288.

⁶⁹ Textualmente Halbwachs nos diz: “Poder-se-ia imaginar que as coisas se passassem de outro modo, que a luta contra a matéria passasse ao primeiro plano das preocupações da sociedade e que esta estimasse, sobretudo, os poderes humanos que permitem triunfar sobre ela: mas os grupos onde se conservou essa ordem

Ora, se a gradação entre as classes mais ou menos integradas de uma sociedade amplamente diferenciada está intimamente ligada ao grau com que os membros desses grupos dedicam-se às relações inter-humanas, é evidente que a classe operária – ou seja, aqueles que exercem um *trabalho material e heterônomo durante grande parte de sua jornada diária* – será “(...) essa parte da sociedade que está relativamente afastada do foco [foyer] da vida social; que é privada dos bens, das vantagens - não só materiais, mas, sobretudo, morais - às quais tem acesso aqueles que podem dele se aproximar mais”^{clxviii}.

Até aqui as formulações de Halbwachs abordaram a maneira como as representações coletivas que articulam uma sociedade específica organizam a sua gradação das posições sociais e, no interior dessa gradação, qual a posição ocupada pelos operários e as razões de tal posicionamento. Estávamos, assim, no registro do como a “sociedade em geral” estabelece sua classificação. Ora, para que não se perder o “objeto social”, falar de uma “classe operária” tem como pressuposto a existência de uma *consciência de classe*, ou seja, que tais homens portam o sentimento comum de uma situação social distinta das outras, portam o sentimento comum de ocupar um determinado *nível de vida*.

Por conseguinte, é necessário investigar outros momentos da vida desses operários com vistas a verificar a existência desse sentimento. O primeiro deles é aquela relação social através da qual os trabalhadores tornam-se operários de uma determinada empresa, a saber, a relação entre os trabalhadores e seu patrão que conformam o contrato de trabalho. Com efeito, segundo aponta Halbwachs, quando o operário calcula o preço pelo qual ele venderá sua força de trabalho, ele não o faz segundo as múltiplas variáveis que alteram o rendimento de sua atividade. Antes, o princípio que vigora é o de “a trabalho igual, salário igual”^{clxix}, ou

de apreciação pertencem a tipos primitivos e pouco diferenciados. Com efeito, em nossas sociedades, as faculdades valem em razão do que elas reforçam as relações que unem os membros da coletividade e permitem a esses multiplicar os pontos de contato entre eles e outros homens. As qualidades do operário elas-mesmas aumentam o poder do homem sobre a matéria, mas, desenvolvidas nessa direção, eles permanecem infecundas sobre outras perspectivas”.

^oHALBWACHS, *Matière et Société*, *op.cit.*, p. 92.

[On pourrait imaginer qu'il en fût autrement, que la lutte contre la matière passât au premier plan des préoccupations de la société, et que celle-ci estimât surtout les pouvoirs humains qui permettent d'y triompher : mais les groupes où s'est conservé cet ordre d'appréciations appartiennent à des types primitifs et peu différenciés : en fait, dans nos sociétés, les facultés valent en raison de ce qu'elles renforcent les rapports qui unissent les mem-bres de la collectivité, et permettent à ceux-ci de multiplier les points de con-tact entre eux et les autres hommes. Les qualités de l'ouvrier en tant que telles augmentent le pouvoir de l'homme sur la matière ; mais, développées dans cette direction, elles restent infécondes à d'autres égards.]

seja, o operário avalia que nessa transação entraria em jogo certa quantidade de trabalho, o que significa que é do ponto de vista de um dispêndio mecânico de energia que ele avalia sua atividade: como trabalho humano puro e simples, para valer-se dos termos de Marx⁷⁰.

Essa representação do trabalho como algo quantitativo explicita-se igualmente na relação que os operários estabelecem entre seu trabalho e o movimento geral dos preços. Como nos aponta Halbwachs, numa situação de prosperidade econômica

(...) os operários, quando percebem que o preço dos produtos aumenta (não somente dos gêneros alimentares, mas dos produtos em geral e, em particular, dos produtos de seu trabalho), reivindicam que o patrão não deve ser o único a se beneficiar desse aumento, eles também devem ser beneficiados. Ou, ainda, os operários reclamarão um aumento de salário quando constatarem que os salários não estão mais no mesmo nível nas mesmas profissões em regiões diferentes. (...) Nesses dois casos, pode-se dizer que o que eles reprecendem aos patrões é de querer se beneficiar sozinhos, em um período de prosperidade, de uma diferença positiva no preço do produto de seu trabalho comum, ou de querer se beneficiar sozinhos de uma diferença inter-regional dos salários que, talvez, eles não conhecem, da qual eles não conhecem, em todo caso, as razões. (...) [Disso] resulta que, para os operários, há uma relação entre o salário e o preço do produto, que é uma relação quantitativa e a constatação que nós podemos fazer é cheia de consequências, pois podemos ir, talvez, mais longe. Há uma relação quantitativa entre o preço e os salários. Mas os

⁷⁰ Após citar uma conhecida passagem *d'O Capital* em que Marx aponta que, ao se abstrair os *valores de uso* das mercadorias, converte-se os diversos trabalhos concretos em um mesmo trabalho humano puro e simples (ou *trabalho humano abstrato*, na tradução brasileira)^α; Halbwachs indica que “(...) essa noção de trabalho humano puro e simples, que seria contido em certas quantidades variáveis, nos diferentes trabalhos particulares; essa noção levantou muitas objeções. Seria preciso retomar aqui as críticas que fiz ainda há pouco mostrando que era bem difícil identificar os trabalhos diversos, não somente como quantidade e intensidade, mas como qualidade. Contudo, o que deve nos espantar é que Marx descreveu, em uma concepção que pode parecer metafísica, o que bem é a representação que, na realidade, os operários se fazem do trabalho. E eles não podem fazer dele uma outra. O trabalho é para eles uma quantidade, e o que prova é que se estabelecem tarifas de trabalho e que se conseguiu unificar os salários nas profissões. O que prova ainda é que, quando os preços sobem, os salários podem ser elevados. Logo, eles têm alguma relação com os produtos”^β.

^α MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. Vol. 1, Tomo I, São Paulo: Brasiliense, 1908, pp. 44-45.

^β HALBWACHS, *Les classes sociales, op.cit.*, p. 114.

[Cette notion d'un travail humain pur et simple, qui serait contenu dans certaines quantités variables, dans les différents travaux particuliers, cette notion a soulevé bien des objections. Il faudrait reprendre ici les critiques que je faisais tout à l'heure, montrant qu'il était bien difficile d'identifier des travaux divers, non seulement comme quantité et intensité, mais comme qualité. Néanmoins, ce qui doit nous frapper, c'est que Marx a décrit, dans une conception qui peut paraître métaphysique, ce qui est bien la représentation que se font en réalité les ouvriers du travail. Et ils ne peuvent pas s'en faire une autre. Le travail est pour eux une quantité, et ce qui le prouve, c'est qu'on établit des tarifs de salaires et qu'on réussit à unifier les salaires dans les professions. Ce qui le prouve encore, c'est que, quand les prix haussent, les salaires peuvent être haussés. Donc, ils ont un certain rapport avec les produits].

salários representam o valor do trabalho. Uma relação quantitativa é uma relação que se estabelece entre duas quantidades. De um lado nós temos os preços, que são quantidades. É preciso que, do outro lado - aquele do trabalho e do valor do trabalho - , alguma coisa seja uma quantidade^{clxx}.

Assim, os operários e os patrões representariam o trabalho operário de forma quantitativa. Mas a quantificação não se estenderia aos outros trabalhadores da sociedade industrial, ou seja, a toda gama de *employés* e *fonctionnaires*? Não seria a remuneração destinada a esses trabalhadores representada, por eles e pelos patrões, sob a forma de um contrato em que se compra, tão e simplesmente, uma determinada quantidade de força de trabalho? Não é o que nos indica Halbwachs. Com efeito, as especificidades do papel desempenhado por esses funcionários no interior das atividades econômicas (transmissão de ordens, relação com clientes, registro contábil, etc.) exigiria que eles se interessassem moralmente ao funcionamento da empresa: é preciso que “eles considerem a empresa um pouco como sua”^{clxxi}. Ora, a melhor maneira se desenvolver esse atrelamento moral em tais trabalhadores é fazer com que permaneçam o maior tempo possível ligados ao estabelecimento:

todo tempo de sua vida se possível, que eles considerem que não partirão senão ao final dela, de modo a serem penetrados de seu espírito e de suas tradições; é por isso também as gratificações - através de adiantamentos, de remunerações honoríficas - para estimular o zelo (...) o que se demanda a eles é por a prova qualidades que dependem da personalidade, que dependem disso que podemos chamar natureza moral^{clxxii}.

Assim, o estabelecimento dos salários dos *employés* e *fonctionnaires* teria como característica o fato de sua fixação dar-se mais em relação ao grau de ancianidade de um determinado empregado no interior da fábrica e às suas características pessoais do que em relação ao montante de trabalho fornecido por esse empregado. De um lado, empregados e patrões trazem ao primeiro plano das representações da atividade tramitada no contrato de trabalho as *qualidades* morais de um determinado trabalhador; de outro, o que é trazido aos holofotes de tal representação é uma *qualidade* de trabalho humano abstrato a ser desenvolvida no interior do mecanismo industrial.

Essas duas representações muito distintas do trabalho apreensíveis a partir do plano jurídico estão em consonância com aquelas observáveis no plano técnico. Mas, até aqui,

mantivemo-nos no interior do estabelecimento industrial e nas relações articuladas por ele. Halbwachs entende que é preciso ir além. É preciso sair da fábrica,

(...) afinal de contas, o trabalho, a ocupação, a atividade é um meio com vistas a obter os recursos pecuniários necessários para, em seguida, quando nos misturamos aos outros homens, quando entramos na sociedade propriamente dita, participar tanto quanto possível aos produtos da atividade industrial e comercial. (...) Nesses meios o homem não é mais apreciado enquanto agente da produção, mas enquanto homem, por ele-mesmo, em razão de suas qualidades pessoais. Em meios em que ele se sente mais apreciado, família nuclear ou estendida, círculo de amigos, assembleias de cultura e de distração; mas mesmo do lado de fora, nos meios onde ele somente passa, nos grupos e correntes efêmeras que não têm razão de ser, em todo caso, o trabalho ou o ofício, ele intervém como ator, como espectador e ele é considerado como um ser humano, como uma pessoa^{clxxiii}.

Trata-se, aqui, de olhar para essas categorias de trabalhadores quando estão mergulhados na vida social sob outras relações que as de assalariamento para que se possa apreender de dentro como esses homens se apreciam, se avaliam em relação às atividades tidas como as mais importantes na sociedade em questão. Nesse sentido, um dos momentos essenciais desse processo plausível de ser aferido pela análise sociológica é a forma pela qual os homens atuam como consumidores, ou seja, a forma como distribuem diferencialmente suas rendas entre diferentes categorias de bens visando suprir necessidades que se representam.

Ora, se no *foco da vida social* estão contidas aquelas atividades e o acesso a determinados bens tidos como atividades e bens *por excelência* pelo conjunto da sociedade, a representação das necessidades nos diferentes grupos deve variar em função do grau relativo de proximidade ao *foco central*; deve se esperar que em nenhuma das classes “(...) as diversas necessidades sejam nem plenamente satisfeitas, nem hierarquizadas da mesma maneira: é uma parte essencial do estudo desses grupos a determinação dos “níveis de vida” classificados segundo a satisfação e o desenvolvimento desigual das necessidades sociais e não sociais”^{clxxiv}.

Halbwachs entende que a representação de tais necessidades expressar-se-á na maneira como os grupos realizam suas despesas: as despesas são entendidas como a manifestação de certas necessidades essenciais. Uma manifestação plausível de ser aferida, registrada e

mensurada e sobre a qual Frédéric Le Play e Ernst Engel já haviam se debruçado décadas antes em suas pesquisas sobre orçamento familiar⁷¹. Tocamos, assim, o cerne do problema “empírico” desenvolvido por Halbwachs tanto n’*A classe operária e os níveis de vida* (1912), quanto n’*A evolução das necessidades nas classes operárias* (1933), a saber, a análise das despesas de operários, *employers* e *fonctionnaires* modestos⁷².

Para que possamos recuperar os pontos angulares das análises de Halbwachs, reproduzimos abaixo uma tabela extraída do texto de 1933:

⁷¹ Pierre-Guillaume-Frédéric Le Play (1806-1882) desenvolveu a primeira pesquisa sobre o consumo familiar na França. Com o auxílio de seus estudantes, desenvolve em meados dos anos 1850 uma análise muito detalhada da maneira como 57 famílias, de diferentes profissões, alocam seus rendimentos durante o período seis meses. O número de famílias acompanhadas por esse mesmo modelo de enquête ampliar-se-ia e ultrapassaria uma centena nos anos subsequentes^α. Um dos alunos de Le Play foi o prussiano Ernst Engel (1821-1896), que, a partir do método de seu mestre, desenvolve a análise de duas séries de orçamentos familiares belgas (uma em 1853 e outra em 1891) a partir das quais formularia aquilo que ficou conhecido como *as quatro leis de Engel*, a saber, 1) quanto mais alta a renda, menor é a proporção das despesas consagradas à alimentação – mas, ao mesmo tempo, a despesa alimentícia aumenta em valor absoluto; 2) a proporção da despesa com vestimenta permanece aproximadamente a mesma, para qualquer que seja a renda; 3) a proporção da despesa com a moradia, o combustível e a iluminação permanece aproximadamente a mesma para todas as categorias de renda; 4) quanto mais se eleva a renda, maior é a proporção das despesas diversas^β.

^α Para mais detalhes ver: ANNALES DES MINES. “Pierre-Guillaume-Frédéric LE PLAY (1806-1882)”. Disponível em <http://www.annales.org/archives/x/leplay.html>, acessado em 18 de janeiro de 2013.

^β HALBWACHS, *La classe ouvrière...*, *op.cit.*, pp. 238-245, *passim*.

⁷² Foge às pretensões e às capacidades do autor desenvolver aqui uma reconstituição detalhada ou uma apreciação crítica das análises de Halbwachs. Remetemos os leitores que nisso se interessarem especialmente ao trabalho de Christian Baudelot e Georges Establet^α, que deve ser complementados pelos artigos de Oliver Martin^β, de Serge Paugam^γ e de Christian Topalov^δ.

^α *Maurice Halbwachs: consommation et société*, *op.cit.*

^β «Raison statistique et raison sociologique chez Maurice Halbwachs» in *Revue d’histoire des sciences humaines*, n°1, 1999, pp. 69-101.

^γ « L’intégration sociale stratifiée : l’apport de Maurice Halbwachs à la sociologie des genres de vie » in BAUDELLOT & JAISSON, *Maurice Halbwachs...*, *op.cit.*, pp. 53-84.

^δ « ‘Expériences sociologiques’ : les faits et les preuves dans les thèses de Maurice Halbwachs (1909-1913) » in *Revue d’histoire des sciences humaines*, n°1, 1999, pp. 11-46.

Tabela I. – Enquete alemã. 1927-1928
Despesas por pessoa-unidade: operários, employers, fonctionnaires
(em % da despesa total)⁷³

Renda por pessoa-unidade	Número de famílias		Comida e Bebida		Vestimenta e cama, mesa e banho		Alugueis		Despesas Diversas	
	de operários	de <i>employers</i>	Operários	<i>Employers</i>	Operários	<i>Employers</i>	Operários	<i>Employers</i>	Operários	<i>Employers</i>
Menos de 1000 marcos	215	25	44,8	40,8	13,4	14,5	11,6	13,7	21,3	22,4
De 1000 a 1200	240	57	41,8	39,2	14	13,8	11,2	12,9	23,3	23,7
De 1200 a 1500	214	102	40	36	12,9	13	10,6	13,1	25,4	27
De 1500 a 1800	125	129	36,9	33,5	13	13,6	9,7	11,9	27,4	29,4
Média Geral	896	546	41,2	31,4	13,3	12,9	10,8	12,1	24,2	30,7
	Número de famílias									
	de <i>employers</i>	de <i>fonctionn.</i>	<i>Employers</i>	<i>Fonctionn.</i>	<i>Employers</i>	<i>Fonctionn.</i>	<i>Employers</i>	<i>Fonctionn.</i>	<i>Employers</i>	<i>Fonctionn.</i>
De 1000 a 1200	57	56	39,2	39,5	13,8	16,4	12,9	12,9	23,7	18,9
De 1200 a 1500	102	108	36	37,6	13	16,2	13,1	13,1	27	20,6
De 1500 a 1800	129	85	33,5	34	13,6	15,2	11,9	12,7	29,4	24,7
De 1800 a 2200	124	91	31,5	30,5	13,1	14,3	11,9	13	30,2	27,6
De 2200 a 2600	109	61	25,6	27	12	14,3	11,8	11,9	35,2	31,6
Média geral	546	498	31,4	29,9	12,9	14,3	12,1	12,5	30,7	29,1

* Os dados acima foram extraídos das tabelas que ocupam as pp. 89-90 e 136-139 da enquete alemã. Os números das duas últimas colunas (despesas diversas e outras despesas) foram calculados por nós, subtraindo do total das despesas não-alimentares (*sontige Lebensbedürfnisse insgesamt*) as despesas para a manutenção e mobília, o aluguel, o aquecimento e a iluminação, a vestimenta e a cama, mesa e banho.

⁷³ A aparente inconsistência da categoria “Média Geral” nas duas partes da tabela se deve ao fato de nelas estarem computados os valores para o total das famílias investigadas, enquanto nem todas essas são representadas nas demais linhas da tabela. Nesse sentido, por exemplo, só foram representadas as famílias operárias que recebiam acima de 800 marcos, estando excluídas por isso 102 famílias (que, no entanto, conformam a média geral); o mesmo é observável para das duas categorias de *employers* com rendimentos superiores a 1800 marcos e cujos gastos com alimentação, por exemplo, atingiriam 25,6% da renda, puxando a média geral para o patamar de 31,4%. Originalmente publicada em: HALBWACHS, *L'évolutions des besoins...*, op.cit., p. 445.

A tabela é resultado da pesquisa realizada pelo Serviço de Estatística da Alemanha entre 1927 e 1928, na qual cerca de 2000 famílias tomaram notas diárias de suas receitas e despesas durante o período de um ano. Dentre essas famílias contava-se com cerca 1000 famílias operárias, 500 de *employers* e 500 de *fonctionnaires*. Essas despesas, muito detalhadas, foram agrupadas por Halbwachs nas mesmas quatro categorias de despesas que dispunha a pesquisa de que se valera em sua tese de doutorado de 1912 - e que, por sua vez, são as mesmas que conformavam Leis de Engel -, de modo a possibilitar entrever algumas evoluções nos padrões de consumo.

Ela apresenta a média da distribuição das despesas de operários, *employers* e *fonctionnaire* de diferentes faixas de renda por *pessoa-unidade*. Isso quer dizer que, no interior de cada faixa de renda, as famílias das diferentes categorias são distribuídas segundo seus volumes, mas, como as despesas de uma família não crescem de forma linear em relação ao aumento do número de seus membros, é necessário valer-se desse artifício, a média em *pessoa-unidade*, para que se tenha em conta as variações resultantes da idade e sexo de cada um dos membros. Assim, por exemplo, uma criança de zero a nove anos é tida 0,5 *pessoa-unidade* no que diz respeito à alimentação; mas uma criança de zero a cinco será entendida como 0,2 *pessoa-unidade* e de cinco a nove como 0,3 *pessoa-unidade* no que diz respeito às demais despesas⁷⁴.

Esse tratamento estatístico introduz, segundo nos apontam Christian Baudelot e Roger Establet, um movimento no interior da tabela: “justapondo essas instantaneidades captadas instantaneamente, ele sugere o movimento da vida”^{clxxv}.

É bem em suas variações e suas evoluções que os fenômenos sociais devem ser apreendidos. Enquanto Durkheim considerava o movimento ou a mudança como um acidente (lamentável, o mais das vezes) vindo perturbar o estado normal de equilíbrio dos fenômenos sociais, Maurice Halbwachs o entende, ao contrário, como um elemento integrante da realidade social. As “flutuações”, as mudanças, as transformações sempre constituíram para o autor de *L'évolution des besoins dans les classes ouvrières* um objeto central de estudo. (...) Observação, flutuações, complexidade, tais são, com efeito, as palavras mestras da postura sociológica de Maurice Halbwachs. A esses três princípios ele soube dar uma expressão estatística

⁷⁴ Para mais detalhes ver: *La classe ouvrière* (op.cit., pp. 156-160); e *L'évolution des besoins* (op.cit., pp. 431-442).

original. Pois, para Halbwachs, a coisa é clara, uma teoria do equilíbrio é absolutamente incompatível com a natureza dos fatos sociais^{clxxvi}.

Equalizadas as diferentes composições familiares, o que deve ser destacado na tabela é a maneira como, nas mesmas faixas de renda, as famílias de operários distribuem seus gastos de um modo significativamente distinto dos demais. Atendo-se aos operários e *employers*, notemos que as despesas com alimentação dos operários é aquela que toma a maior parte dos orçamentos. Ainda mais, ela é em média 8,5% maior que a dos *employers* para todas as faixas de renda. É verdade que o tipo de atividade exercida pelos operários ao longo de sua jornada de trabalho envolve, antes de tudo, um dispêndio de energia física que a alimentação tem o papel de restaurar. No entanto, não só as despesas com alimentação em *pessoa-unidade* são bastante elásticas - chegam a comprimir-se em até 42% nas famílias com dois ou três filhos -, como se esquia aí do papel simbólico e socializador da alimentação que é, igualmente, fonte de prazer^{clxxvii}. Com efeito, Halbwachs aponta na conclusão de sua tese de 1912, que o operário no interior do grupo familiar tem uma posição definida no interior das relações por suas características pessoais; que

(...) a mesa da família, onde o pai, no retorno do trabalho na fábrica, tem o lugar de honra e essas refeições preparadas, sobretudo, segundo seus gostos e preferências, simbolizam periodicamente a autoridade do chefe do grupo. Todas as solenidades familiares, as festas, os dias de descanso são marcados, sobretudo, por refeições mais substanciais e melhores. (...) É preciso que as refeições se apresentem de mais em mais sob um aspecto social e não material e que elas sejam para o operário a ocasião e o meio de entrar na sociedade^{clxxviii}.

Outra despesa que merece destaque é aquela feita com *aluguéis*. Embora para as duas categorias a proporção do orçamento destinada aos aluguéis reduza-se com o aumento da renda, a proporção que os operários lhe destinam é, em média, ao menos 15% menor que aquela destinada pelos *employers*. Devemos observar igualmente que mesmo a maior alocação média desses recursos para os operários - que se encontra na faixa de menor renda, atingindo o valor de 11,6% do orçamento -, é inferior a menor alocação média dos *employers*, registrada para os mais altos rendimentos e atingindo o patamar de 11,8% do orçamento. Ademais, se forem contabilizados outros traços relativos às moradias (área, número de cômodos, o número de pessoas por cômodo, a presença de água encanada, eletricidade, mobiliário, etc.), essas diferenças tornam-se ainda mais significativas. Daí, para Halbwachs,

ser um traço característicos do modo de via operário a pequena importância que esses atribuem às despesas ligadas à habitação.

Esse fato pode ser explicado, de um lado, pela inexistência de um mercado unificado para as moradias, ou seja, diferentemente do que acontece com os alimentos ou com a vestimenta em que as diferentes classes sociais se tocam, se comparam, se apreciam; os operários não entram frequentemente em contato com o interior das moradias de *employers* ou de burgueses: há um mercado de moradias circunscrito a cada uma das classes. A consequência é que os operários “(...) têm mais dificuldade de estabelecer comparações entre esses apartamentos e suas moradias e a tomar consciência de um grau de conforto que não lhes falta porque eles não se habituaram a ele”^{clxxix}. Ademais, o nível de conforto relativo entre as moradias e o local de trabalho tende a ser bastante mais acentuado para o *employers*, que ocupam os escritórios da administração compartilhados pelos patrões, que para os operários que cotidianamente encerram-se por entre as máquinas dos galpões fabris.

De outro lado, e com mais centralidade, Halbwachs vê nos operários a representação da rua como espaço preferencial da sociabilidade. Essa representação liga-se, em parte, a rua aparecer como uma ponte sobre o abismo existente entre o momento em que ele se encontra no interior da fábrica como um dos elementos mecânicos da produção; e aquele em que ele se encontra no interior do meio familiar em que é avaliado de maneira inversa. Outrossim,

(...) se, em uma cidade, certas ruas tendem a serem frequentadas por pessoas ricas, outras por pobres, nas horas em que os operários não estão na fábrica, a rua lhes pertence, enquanto os não-operários dirigem-se ou permanecem em suas casas: do mesmo modo que as classes tendem a se isolar uma da outra no espaço, nós pensamos que não é nos mesmos momentos do dia, nem nos mesmos dias da semana, que elas se encontram nos mesmos lugares. Em todo caso, quando os operários estão na rua, parece que eles aí permanecem mais facilmente [*plus volontiers*] que os homens das outras classes. Talvez eles provem aí, mais plenamente que em suas casas, o sentimento de liberdade e da vida social reconquistada, porque sua moradia é estreita como a oficina; porque sua sociabilidade, tão dura e longamente recalcada, se relaxa [*se détend*] e que, para além da família, é no grupo movente de homens de sua classe e mesmos de todas as classes, onde eles gostam de mergulhar. Enquanto os não-operários sentem na rua certas reservas, porque eles encontram alhures ocasiões múltiplas de satisfazer seus instintos sociais; a animação nas ruas dos bairros operários, na saída das fábricas, se explica pela razão

inversa. (...) De resto, talvez seja em parte porque a moradia é mal conservada e pobre que o operário demora a ela retornar^{clxxx}.

Temos, assim, que os operários dispendem uma porcentagem mais significativa que os *employers* com sua alimentação e que, por sua vez, esses dispendem mais com aluguel (e muito mais com aluguel e despesas com vistas à “ampliação do conforto”) que aqueles - as demais despesas apresentando comportamentos similares. De todo modo, o que se evidenciaria é que, para mesmas faixas de renda, existem dois padrões de orçamento que se ligam as duas categorias *socio-profissionais*. Isso explicitaria que os membros de cada um desses grupos representam de forma distinta suas necessidades, hierarquizando diferentemente aquilo que “lhes falta”. Explicitaria, portanto, não só certos traços dessa consciência comum aos operários, como lhes confirmaria, internamente, como uma das *classes* do meio urbano.

Maurice Halbwachs teria, assim, demonstrado a consistência sociológica da *classe operária*, explicitando alguns traços específicos do conjunto de representações sociais que lhe aparta significativamente de outros trabalhadores assalariados do meio urbano. Ainda mais, se aceitarmos os movimentos do pensamento do sociólogo francês, o renque ocupado por essa classe no interior da gradação das posições sociais está bem definido e suas razões elencadas: a classe operária encontra-se em uma posição relativamente desvalorizada por, no ato mesmo de sua atividade diária, deslocar-se das correntes de pensamento em movimento naquele momento e se voltar à matéria de uma maneira representada (pela sociedade e pelos próprios operários) como sendo mecânica e heterônoma, como trabalho humano abstrato.

A classe operária é, como já dissemos, aquela a que Halbwachs dedica a maior atenção em seus estudos. No entanto, ele não deixou de produzir algumas observações sobre outras classes sociais do meio urbano, mesmo que essas sejam muito mais breves e desprovidas da argúcia e detalhe do manejo estatístico que lhe é característico. Assim, ao avaliar quem ocuparia o centro-mesmo da vida social o autor hesita: se no *Esboço de uma psicologia das classes sociais* (1938, 1952) é a burguesia que ocupa esse espaço, em seu curso (1937, 1942, 1946, 2008) na Sorbonne a burguesia aparece como a herdeira da classe que ocuparia tal renque, a saber, a nobreza. Tal hesitação pode estar ligada à natureza de cada um desses trabalhos, que devem ser lidos como complementares. Se no curso a análise da estratificação

com vistas a uma teoria das classes no meio urbano, passa pela constituição histórica do sistema de hierarquizações; no *Esboço* o que está em jogo é a origem social de certos móveis nas principais classes observáveis naquele momento. Na bela comparação entre essas duas obras realizada por Gilles Montgny na *introdução geral* à reedição dos cursos, podemos ler que

(...) ilustração do procedimento histórico do Curso, o estudo da burguesia inicia-se por uma pesquisa etimológica e uma reflexão sobre a significação da palavra 'burguês'. Esse trabalho é reduzido a um curso parágrafo no *Esboço*, onde a atenção se volta de imediato às mudanças de disposição psicológicas observáveis entre a antiga burguesia e aquela que aparece com a Revolução Industrial. (...) O curso se interessa menos aos móveis e ao espírito que anima a burguesia que ao seu lento processo multissecular de liberação [*affranchissement*] aos olhos da nobreza. Essa história permite compreender sua função, seu lugar na sociedade, impregnados de antigos valores da nobreza e seu prestígio social. Enquanto que no *Esboço* a burguesia é analisada isoladamente, sem referência a outros grupos, no Curso, onde as relações entre as classes sociais são postas em evidência, sua especificidade aparece como o resultado de um longo processo de afirmação face à outras classes^{clxxxi}.

Isso posto, é à nobreza que devemos voltar nossos olhos. Halbwachs parte de dois estudos realizados independentemente pelos historiadores Conde de Neufbourg^{clxxxii} e Henry de Woelmont^{clxxxiii}, que constatam que, embora cerca de 40 mil famílias francesas portem nomes nobres em aparência, apenas quatro mil delas portam de títulos nobiliários, dos quais mil estariam economicamente arruinados. Dos três milhares restantes, mil não passariam de pequenos camponeses e a metade não participaria senão da vida social de suas províncias. De modo que apenas um pouco mais de um milhar de indivíduos tomavam parte nos círculos parisienses de alguma relevância a nível nacional.

A origem desse grupo restrito e em drástica redução numérica, estaria ligada, a uma só vez, àquilo que Max Weber chamou de *autoridade carismática* e *autoridade tradicional*. Com efeito, Halbwachs recupera o sociólogo alemão por podermos encontrar na origem da classe nobiliária sempre algum traço de carisma, de crenças muito antigas ligadas ao caráter mágico-religioso dos membros dessa classe e cujos elementos são apreensíveis, por exemplo, nos diferentes rituais existentes nas diferentes nobrezas. Ademais, sobre essas histórias mais ou menos lendárias, articulou-se um sistema de valores em que se destacavam certas

virtudes e feitos dos patronos das casas e a cuja lembrança voltava-se o nobre sempre que seus títulos são evocados: “essas lembranças, que se referem a certas pessoas, foram cuidadosamente conservadas nas famílias (...) pode-se dizer que elas estavam voltadas a passado e que dele elas tiravam seus títulos”^{clxxxiv}.

Esse sistema de valores nobiliários, que se ligam intimamente aos sentidos atribuídos ao termo *nobre* e correlatos, muito embora efetivo, talvez não seja o essencial dessa classe. O essencial da classe nobre, diria Halbwachs,

(...) é uma certa ordem de relações, é um sistema de amizades, de homenagens, de considerações. É uma sociedade que pode ser comparada a uma família extremamente ramificada e da qual os membros se reconhecem porque eles têm, precisamente, guardada a lembrança dos fatos que é essencial conhecer para atribuir a cada um seu lugar nessa hierarquia complexa. Logo, todo um conjunto de relações de um caráter muito pessoal, de pessoa a pessoa^{clxxxv}.

Nessa organização política e social o valor atribuído a cada um de seus membros é trazido ao primeiro plano das relações sociais. Mesmo quando exerce algum tipo de função, as preocupações dessa nunca lhe absorvem por completo: o nobre “não se torna nunca um puro instrumento nas mãos da sociedade”^{clxxxvi}, ele não se especializa, ele não se limita. Daí sua grande adaptabilidade às pessoas e às situações, “(...) daí o charme de sua conversa, a desenvoltura suprema de suas maneiras e sua ausência de pretensão. Contatemos que tal era, no século XVII, o ideal de ‘homem honesto’, sem procurar, aliás, qual o número de ‘gentis-homens’ o realizavam plenamente”^{clxxxvii}. Esses elementos constitutivos da condição nobiliária levaram seus membros a serem aqueles que, em grande medida, conservavam a história e as tradições que lhes constituíam e constituíam a sociedade como um todo. Por isso, também, numa sociedade relativamente rudimentar, eles se representam e serem representados como o *foco da vida social*, uma classe que vale por si-mesma⁷⁵.

⁷⁵ Embora Halbwachs não faça referência direta a Nietzsche no *Curso*, o sociólogo conhecia bem a obra do filólogo alemão, onde originalmente a nobreza é apreendida enquanto instauradora de valores, cuja aproximação filológica entre certos termos essenciais do sistema de valores das sociedades européias e o sistema de valores nobiliários de outrora seria uma das evidências. Explicitamente, Halbwachs retoma o aforismo 58 de *Além do bem e do mal* tanto no *Esboço quanto n’Os quadros sociais da memória*. Essa leitura da nobreza feita por Nietzsche aparece com destaque, dentre outros momentos, em *Humano demasiado humano* (§45)^α, *A genealogia da Moral* (Iffi Dissertação)^β e *Além do Bem e do Mal* (§260-263 e §287)^γ.

^α *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

^β *Genealogia da moral: uma polêmica*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009

^γ *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

O rápido declínio da nobreza e de seus privilégios a partir de meados do século XVIII levaria toda essa classe a passar por uma série de mudanças e movimentar-se em direção à burguesia: cada vez mais a nobreza se profissionaliza, passa a ocupar funções na indústria, no comércio e nas finanças. Por sua vez, a burguesia aproximava-se cada vez mais da nobreza, fazendo com que seja herdeira de muitos dos pontos de vista, muitos dos valores e de certas práticas ligadas, até então, à classe nobiliária.

Mas qual é a dimensão da classe burguesa? Halbwachs nos diz que

(...) de acordo com as estatísticas, nós sabemos que, em nosso país, a 4% da população possui mais de 70% das propriedades. Esse 4% é, sem dúvida, um mínimo. Outros dados nos permitem dizer que, nas cidades com mais de 100.000 habitantes, há entre 27 e 28% que habitam moradias nas quais há ao menos um cômodo por pessoas e frequentemente mais. Não se trata senão de cidades onde a maior massa da população está concentrada. Isso corresponde a aproximadamente 5% do conjunto dos habitantes, admitindo que a esmagadora maioria dos burgueses resida em tais cidades. Outros dados: proporção de famílias que têm empregados domésticos, de 8 a 10%. Pode-se dizer, em linhas gerais, que a classe burguesa deve estar compreendida entre dois limites, 4% e 8%, o que é pouco^{clxxxviii}.

Delimitada aproximadamente sua extensão, resta saber precisamente são os membros dessa classe tão importantes à civilização urbano-industrial que é a burguesia? Se a classe nobiliária é uma classe de *status* e, portanto, de fácil definição, a burguesia é o anverso. Assim, após percorrer os vários sentidos elencados no dicionário de Littré e repreender a Marx, Engels e Sombart destacar a burguesia como a *classe dirigente* das sociedades modernas nascidas no desmoronamento do mundo feudal, ou seja, de confundir o *burguês* e o *capitalista*; Maurice Halbwachs julga mais pertinente tomar, ao início do estudo, termo *burguês* em sentido amplo, de modo a nele estarem compreendidos os dirigentes capitalistas, mas também médicos, artistas, juízes e toda uma gama de profissões liberais.

Essa classe burguesa é marcada por um duplo aspecto: de um lado é a *ociosidade* (e seus paradoxos) tão bem estudada por Thorstein Veblen^{clxxxix} que é evocada; de outro, é a sua frenética *atividade* expressa no papel desempenhado pelos ofícios e na sua obra revolucionária que lhe fez ser lida repetidas vezes como a “classe produtora”. O burguês transita, tal qual o operário, entre as zonas ligadas à função e às zonas ligadas à vida social; mas, à diferença deste, há entre essas duas zonas uma forte interpenetração: do mesmo

modo que um juiz leva ao jantar os aspectos não-técnicos dos casos sobre os quais se debruçou, no tecer de seu veredito o mundo *extralegal* faz-se presente para dar vida aos códigos.

(...) O que caracteriza essa classe, é que seus membros fazem parte de outros grupos que são exteriores à função e dos quais nós demos, em suma, certa ideia em nossa aula precedente sobre a nobreza, quando nós dizíamos: [que a nobreza é] um conjunto de homens que estão inteiramente absorvidos pelas relações que eles têm uns com os outros, enquanto homens; uma sociedade que se interessa nos costumes, em suas tradições, em tudo que pode lhe dar a ocasião de valorizar as diferenças pessoais de que ele é feita e suas qualidades; uma sociedade para a qual não há objetivo mais importante, nem ocupação mais cativante que avaliar os homens, de os apreciar. Ora, enquanto que, no quadro que nós traçamos na última vez, essa parte da vida social correspondia a uma categoria de homens bem delimitada e separada, sendo o conjunto das funções era exercido por outro; na sociedade moderna, nós vemos que os membros da classe burguesa fazem parte, a uma só vez, de uma e de outra organização, pertencem a uma e a outra zona, passam sem cessar de uma na outra (...) é a grande transformação que se produziu e é nesse sentido que, sob certos aspectos, a classe burguesa é herdeira da classe nobre^{cxc}.

Nesse movimento em que se passava da questão “qual é seu renque?” à questão “qual é sua profissão?”, foi necessário a burguesia desenvolver uma série de representações das qualidades a cada uma dessas profissões, de modo que se visse nas frestas de cada ofício um conjunto de características intelectuais e morais. Esse movimento, que para Halbwachs tem parte de seus traços determinantes explicitados na *Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* de Max Weber^{cxc}, tomou força com a valorização das qualidades individuais postas a prova pela ascense intramundana dos protestantes e com o destaque, pelos bem sucedidos, de sua predestinação. São as qualidades burguesas, tão destacadas por Benjamin Franklin, que constituem os fundamentos da representação da origem da riqueza burguesa.

Assim, pouco a pouco, os burgueses inseriram nas mais diversas técnicas um conteúdo verdadeiramente social que não lhes era atribuído até então. Pouco a pouco, no desenvolvimento egoísta de suas atividades, a burguesia adquiriu uma compreensão ímpar das ideias e correntes sociais, sendo capaz de perceber com clareza certas tendências do

grupo e, assim, podendo lhe fazer tomar uma maior consciência de suas necessidades e lhe orientar do ponto de vista do interesse geral⁷⁶.

No entanto, apesar dos potenciais significativamente transformadores dessas qualidades da burguesia, o que se vê é que

(...) o individualismo burguês de outrora, transportado ao mundo moderno, toma figura de egoísmo de classe. Atitude semelhante, em suma, àquela dos burgueses enobrecidos ao final do século XVIII, que se gabavam não de seus méritos reais, dos serviços que eles haviam rendido ou poderiam render à coletividade, mas de seus títulos e de seus privilégios de curta data, desse sistema de valores sobre os quais também repousara a nobreza que estava, desde então, perecido. (...) Se os industriais modernos tomarem consciência do que fazem e do que eles representam exatamente na vida econômica, da natureza e do valor moral social superior de sua função, isso seria diferente^{cxcii}.

A partir dessas constatações, Halbwachs apresenta-nos, no *Esboço de uma psicologia das classes sociais*, os três dos móveis do *espírito burguês* que foram reforçados com o desenvolvimento do sistema capitalista. O primeiro deles é a *preocupação com o ganho em dinheiro e com o crescimento indefinido do ganho*, cuja origem está diretamente atrelada ao desenvolvimento de uma economia monetária onde se conforma o empréstimo com fins a financiar a produção, de modo a possibilitar que dinheiro gere mais dinheiro. Na sequência, temos o *espírito de empreendimento*, ou seja, uma inquietação intelectual e um desapego pela tradição que se conforma numa racionalização crescente com vistas ao aprimoramento das diversas técnicas e que é, como já apontara Joseph Schumpeter^{cxci}, constitutivo do caráter

⁷⁶ Embora Halbwachs se recuse a fazer previsões, ele avalia tanto no *Curso* quanto no *Esboço* algumas tendências em certos setores da burguesia que apontam para o desenvolvimento de um forte sentimento de solidariedade, de busca de realização do interesse geral e de uma consciência da responsabilidade social da classe burguesa. “Suponhamos que esse tipo de industrial, de comerciante, se multiplique. Teríamos aí o fundamento de um grupo social onde, ainda aí, separaríamos as qualidades da profissão ou da função nas quais elas são aplicadas ordinariamente; e onde as observaríamos, investigaríamos, avaliaríamos, estimaríamos por elas-mesmas. Apreciaríamos as pessoas na medida em que elas são capazes de compreender os interesses sociais. Isso seria uma concepção nova, um mundo original, talvez mais favorável à penetração e a aproximação das classes. (...) Mas não especulemos muito sobre o porvir. Não nos ocupemos senão do que existe e do que existiu.”^α.

^α HALBWACHS, *Les classes sociales, op.cit.*, p.161.

[Supposons que ce type d'industriel, de commerçant, se multiplie. Il y aurait là le fondement d'un groupement social où, là encore, on détacherait les qualités de la profession ou de la fonction dans laquelle elles sont appliquées d'ordinaire, et où on les observerait, rechercherait, évaluerait, estimerait pour elles-mêmes. On apprécierait les personnes dans la mesure où elles sont capables de comprendre les intérêts sociaux. Ce serait une conception nouvelle, un monde original, peut-être plus favorable à la pénétration et au rapprochement des classes. (...) Mais ne songeons pas trop à l'avenir. Ne nous occupons que de ce qui existe ou de ce qui a existé.]

dinâmico das sociedades capitalistas. Por fim, Halbwachs destaca o *espírito de luta e de concorrência*, ligado diretamente ao primado burguês da liberdade econômica e da generalização de uma situação de guerra comercial em que os que se valem dos bons meios vencem.

No *foco da vida social* temos, assim, uma classe nobiliária em vias de desaparecimento e cujo traço distintivo era voltar-se exclusivamente aos homens por estar desobrigada a participar do mundo profissional; e uma classe burguesa herdeira da velha nobreza que não só flui e interpenetra essas duas zonas, como foi capaz, ao longo de sua história, de ressignificar a esfera dos ofícios representando-lhes como mediadores das qualidades morais dos homens. Às margens da vida social temos a classe operária, obrigada a voltar-se exclusivamente à matéria em suas atividades diárias.

Existe, porém, toda uma gama de níveis intermediários entre a periferia e o *foco da vida social*. Algumas, bastante voltadas à matéria, aproximam-se às atividades desempenhadas pelos operários, mas contando com mais autonomia; outras, imersa nas relações inter-humanas, assemelham-se bastante às atividades nobres, mas dispõem de menos autonomia: são pequenos e médios artesões e comerciantes, são os médios e baixos *employers* e *fonctionnaires*, algumas categorias de médicos e homens de negócios. Mas, independentemente das atividades a que se dedicam, todas elas são todas atividades técnicas, ou seja, são atividades que pressupõe o conhecimento prático e a boa aplicação de uma série de procedimentos sem os quais os objetivos de uma determinada função a que está subordinada não se realiza⁷⁷.

Se, no caso dos pequenos artesões e comerciantes, o caráter técnico de suas atividades e o seu conseqüente renque é de fácil percepção, o mesmo não se pode dizer do que toca ao

⁷⁷ Textualmente Halbwachs nos diz: “Uma técnica é, com efeito, um corpo de preceitos e de regras que são preparados de modo a poder se aplicar de uma maneira uniforme a generalidade dos casos. (...) Ora, uma técnica não se confunde de nenhum modo com aquilo que nós chamaríamos uma função no sentido amplo do termo: é o aspecto subordinado da função. Certamente ela é necessária, pode-se definir a técnica de uma maneira negativa: é o conjunto de procedimentos sem os quais, se elas não são cumpridas, a função não chega ao seu objetivo.”^α.

^α HALBWACHS, Maurice. “Les caractéristiques des classes moyennes” [1939] in *Classes sociales et Morphologie, op.cit.*, p. 104. O trecho é retomado literalmente tanto no *Curso* como no *Esboço*.

[Une technique est en effet un corps de préceptes et de règles qui sont préparés de façon à pouvoir s’appliquer d’une manière uniforme à la généralité des cas. (...) Or, une technique ne se confond pas tout à fait avec ce que nous appellerions un fonction au sens large du terme : c’est l’aspect subordonné de la fonction. Certes, elle est nécessaire. On peut définir une technique d’une manière négative, en disant : c’est cet ensemble de démarches sans lesquelles, si elles ne sont pas accomplies, la fonction n’arrivera pas à son but.]

posicionamento de *employers* e *fonctionnaires*. Com efeito, para que uma técnica possa ser eficaz ela tem de pressupor a estabilidade e a homogeneidade daquilo sobre o que ela será aplicada, por isso

(...) se considerarmos os homens e os grupos, percebemos que eles podem ser considerados facilmente, de certos pontos de vista, como conjuntos de unidades idênticas, cujas partes semelhantes possuem essa propriedade que têm as coisas materiais e inertes de serem contadas, enumeradas, de serem mensuradas, de serem repartidas. Consideremos agora a atividade dos *employers*, dos *fonctionnaires* e nós veremos que ela se inspira na ideia que os grupos e os homens são bem isso, se reduzem por certos lados às condições de mecanismo e de inércia ou de materialidade das coisas inertes, em outros termos, da ideia que a humanidade é uma humanidade materializada^{cxiv}.

Assim, esse grupo de *employers* e *fonctionnaires*, que é o mais volumoso da classe média, age no interior de suas atividades sob uma *matéria humana*, ou seja, agem sob um conjunto de homens pensados de forma mecanizada, agem sobre homens cujas qualidades pessoais são abstraídas: eles são agora números, metas, categorias em um sistema jurídico-administrativo. Eles se distinguem claramente dos operários pelas características dessa matéria sobre a qual se debruçam: eles podem ser mais ou menos cordiais, lhes dar conselhos e lhes fazer ganhar tempo. Eles se distinguem igualmente dos burgueses, na medida em que sua relação com os demais homens é estritamente *técnica*.

Temos, desse modo, completo o sistema de estratificação psicológica da sociedade urbano-industrial tal qual entendia Maurice Halbwachs. No *foco da vida social* encontramos a classe nobiliária e a herdeira de seus valores, a classe burguesa. A primeira, desprendida das obrigações materiais, fazia as funções existirem para os homens; a segunda, moralmente imersa em suas profissões, faz o homem existir para as funções e através delas. Ao redor dessas duas classes já tão imiscuídas, encontra-se toda uma gama de homens que exercem diversas atividades técnicas, ora gozando de autonomia, mas voltando-se regularmente à matéria; ora, voltando-se aos homens, mas aprendendo-lhes como uma massa humana. Por fim, à fronteira da vida social, todo um conjunto de indivíduos que, no fazer-mesmo de suas

atividades diárias, são obrigados a deslocar-se das correntes de pensamento em movimento e se voltar exclusiva e mecanicamente à matéria⁷⁸.

Como ainda indica em seu curso, “(...) não basta saber como definir as diferentes classes, mas é preciso ainda determinar qual é sua importância efetiva”^{cxv}. Ora, atentar à “importância efetiva” das classes sociais quer dizer atentar à extensão relativa de tais grupos, a sua estabilidade, à sua dispersão relativa; atentar, portanto, a materialidade dessa estratificação psicológica que se vincula intimamente com a intensidade das consciências coletivas, à maneira pela qual o corpo social toma consciência de si. Segundo nos indica na conclusão de *Morfologia Social*,

(...) os grupos, as massas aglomeradas, em movimento, em reprodução, imaginam a seu modo o lugar que ocupam no espaço, o seu volume, o seu crescimento, a ordem segundo a qual se dispõem as suas partes e em que direção elas se dirigem. Isso é necessário para poderem, como que por uma atividade combinada, deslocar-se, aumentar ou reduzir o seu volume. (...) Tais estados e modificações prestam-se, sem dúvida, à medição, ao cálculo, às comparações quantitativas, precisamente como objetos e caracteres de natureza física. Não se confundem, todavia, com dados puramente materiais, do mesmo modo que a consciência que nós temos dos nossos membros e dos nossos movimentos não é, em si mesma, um conjunto de órgãos e de deslocamentos no espaço^{cxvi}.

Nesse sentido, a *extensão* e a *duração* das classes sociais dão forma ao corpo social e constituem as bases desse gênero de pensamento que Halbwachs chama na *Morfologia Social* de *dados imediatos da consciência social*, ou seja, “(...) consciência que nós delas adquirimos [das formas materiais da sociedade], como membros de um grupo que distinguem o seu volume, a sua estrutura física, os seus movimentos no espaço”^{cxvii}. Para nos atermos a um único exemplo,

Chicago, como uma população total que não é superior à de Paris nos seus limites atuais [final da década de 1930], cobre uma superfície seis ou sete vezes maior. É que não só os estabelecimentos industriais, as docas e depósitos, as estações e oficinas do

⁷⁸ Notemos que essa estratificação *se expressa* em termos de dois critérios: de um lado temos o montante de rendimentos, de outro, a profissão. Isso porque, quando conjugados, eles configuram-se como um índice da situação social de um determinado indivíduo, já que a maior ou menor participação na vida social numa sociedade em que vigora um regime de produção capitalista depende, a um só tempo, do intervalo diário em que se pode “voltar aos homens” e dos recursos disponíveis para tanto. Assim, o montante do rendimento e a profissão, vale frisar, não são as *causas* da hierarquia das posições sociais, mas o *meio* por onde ela se expressa.

caminho de ferro [sic.], as vias por onde circulam os comboios, mas também as vias públicas, os parques e os terrenos para edificações, ocupam, em Chicago, uma extensão mais vasta, e que excetuando o centro, as casas são lá mais altas e mais espaçadas. Isso não quer dizer que, em determinadas horas e em certas regiões, a densidade não seja maior. Assim se cria o sentimento, nessas grandes massas, de um espaço social infinitamente vasto e compacto, com zonas de povoamento desigual, sem dúvida, mas no conjunto, de uma acumulação de edifícios e de seres humanos, numa rede de vias de comunicação em que a circulação é intensa, de um mundo à parte de todos os outros, em que a vida coletiva é mais intensa que noutros pontos: mistura de representações, ao mesmo tempo materiais e humanas, mecânicas e espirituais, que se encontra, mais u menos idêntica, em todas as grandes cidades, e que só lá se encontra. (...) Em semelhantes agregados estabelecidos ou movendo-se sobre o solo, e que, com efeito, se definem sobretudo pelas suas localizações e direções, os outros modos de agrupamento social têm maior dificuldade em constituir-se; tendem, mais, a dissolver-se neles, exceto nos momentos, nos períodos em que conseguem isolar-se, reforçar-se temporariamente. Em todo caso, temos, ou julgamos ter, a faculdade de sair deles, de passar de um para o outro, mas sobretudo, de permanecer durante o tempo que desejamos no meio urbano puro e simples, como habitantes anônimos de um vasto imóvel, de um bairro demasiadamente extenso para se conhecerem todos os que nele residem, ou arrastados por uma corrente de circulação em que o homem é, simplesmente, uma parcela de matéria em movimento. Isso da origem a um individualismo extremo, o de um ser que se sente tanto mais isolado entre os outros, quanto com mais frequência chocar com eles, e necessitar defender mais energicamente o seu lugar no espaço, por ele lhe ser medido e disputado, mas também a um sentimento coletivo mais forte que noutros lados, por nos sentirmos, apesar de tudo, ligados a massas humanas cujos limites não distinguimos e que obedecem a impulsos irresistíveis, os mais inteiramente semelhantes às grandes forças da natureza, entre todos os que se desenvolvem no mundo social^{cxviii}.

Esse tipo de percepção do *espaço social* de uma grande cidade que, por exemplo, vincula-se ao desenvolvimento nesses meios de um individualismo exacerbado, não teria uma importância menor no que diz respeito à intensidade das consciências de classes. Embora os movimentos do argumento de Halbwachs no curso dobre as classes sociais sejam muito breves e voltem-se quase exclusivamente à análise demográfica, não sem importância a maneira como ele formula tais problemas, as estratégias de sua análise e algumas das consequências que dela tira.

Embora Halbwachs entreveja a expansão da classe média, de modo que as demais classes da sociedade se distribuam entorno dessa⁷⁹, a população urbana francesa entre a segunda metade do século XIX e a passagem dos anos 1920-1930, apresenta-se numa estrutura piramidal da distribuição populacional relativa das classes: no topo teríamos o muito restrito grupo da nobreza, a seguir a burguesia (entre 4% e 8% da população), após a classe média (cerca de 20% da população) e, por fim, o operariado (entre 33% e 35% da população, metade dos quais trabalhariam para a grande indústria)⁸⁰. Ainda mais, como esse volume relativo é significativamente estável ao longo do tempo, Halbwachs acredita que “(...) a teoria da proletarização crescente das massas (se confundimos as noções de proletário e de operário) não corresponde à realidade”^{cxix}.

Tão importante quanto à extensão numérica de uma classe é o tempo em que seus membros passam em seu interior, aquilo que Halbwachs chama de *durabilidade na condição*, ou seja, quanto tempo os indivíduos permanecem em uma classe social dada e que expressa sua estabilidade no tempo. Segundo nos apresenta através de uma série complexa de articulações estatísticas, 66% dos operários permanecem toda sua vida no interior dessa classe, número que baixa a 18% quando se trata dos *employés*, enquanto a burguesia tem seus quadros renovados constantemente.

A classe operária aparece, desse modo, como a mais extensa e a mais estável de todas. Mas ela é também aquela mais dispersa entre as diferentes cidades industriais e entre os bairros de uma mesma cidade entrecortados por ocupações e enclaves da burguesia e da classe média. De modo que, ao contrário do que acontece com a nobreza que permanece quase integralmente dentre os pares e tem uma consciência clara de seu papel, de seus valores e das qualidades que caracterizam seus membros; a intensificação da consciência comum do operariado está fortemente vinculada ao desenvolvimento das organizações de classe, notadamente os sindicatos, através das quais se torna possível uma formulação mais clara da extensão de seus interesses e condições de vida comuns.

⁷⁹ Textualmente, Halbwachs nos diz: “(...) poder-se-ia conceber que a classe média seja a maior; a sociedade se afinaria acima e abaixo”^α.

^α HALBWACHS, *Les classes sociales...*, *op.cit.*, p. 182.

[(...) Il se pourrait cependant, c'est-à-dire on pourrait concevoir, que la classe moyenne soit la plus grande ; la société s'amincirait en deçà et au-delà.]

⁸⁰ Esses dados são resultados de uma série bastante complexa de cruzamentos estatísticos cuja reprodução aqui nos pareceu desnecessária e assaz longa. Aos interessados, ela desenvolvida entre as páginas 182 e 189 do curso sobre as classes sociais (HALBWACHS, *Les classes sociales...*, *op.cit.*, pp.182-189).

De outro lado, a burguesia, numericamente reduzida, tira a força de sua consciência de classe da possibilidade de renovar constantemente o sentimento de uma situação social elevada através importância das funções e da renda de que dispõe. Já a classe média, não consegue fortalecer sua consciência nem pela importância de suas funções (como a burguesia), nem por sua extensão (como o operariado), daí ela ser aquela que apresenta mais incerteza, mais indecisão, ora se aproximando da burguesia, ora do operariado.

Pensando as classificações sociais como representações, mas representações materialmente fundadas, e lhes complexificando o quanto a sua característica prudência permitiu, as análises de Halbwachs diagnosticam que

(...) as classes se definem menos pelo nível econômico que por caráter desigualmente social e humano de suas atividades. Isso confirma que aqui o que desempenha o papel central é menos talvez a renda que a função, no sentido amplo em que nós o designamos, e o sentimento de exercer na sociedade, para essa classe média em particular, uma função pela qual ela se distingue da classe operária e se aproxima das classes mais elevadas^{cc}.

Mas, dado o caráter dinâmico da vida social e as vitórias políticas dos operários organizados cuja maior expressão é a legislação social em vertiginosa expansão à época; Halbwachs prognostica ao final de seu curso sobre as classes sociais que

(...) a classe operária tende a fazer a sociedade inteira tomar consciência de que *ela representa melhor as tendências sociais modernas fundamentais* e, na medida em que isso se efetive, ela se introduz e se incorpora à sociedade em geral. Por conseguinte, é por uma extensão da substância social, por um atrelamento a essa substância, atrelamento progressivo de muitos elementos, indivíduos e grupos que dela estavam separados, que se pode dizer que se realiza uma evolução que tende a aproximar e reunir as classes^{cci}.

Independentemente da efetivação de seu prognóstico, o que nos interessa aqui destacar a complexidade do procedimento pelo qual Halbwachs elabora seus problemas. Para não nos alongarmos sobre pontos a que ainda voltaremos adiante, notemos apenas que seu o tratamento das classes sociais mobiliza a um só golpe o duplo caráter dos fatos sociais, a

saber, o constrangimento e a desejabilidade⁸¹. Constrangimentos que operam não só ao nível do gênero de vida e do montante de rendimentos disponíveis, mas ao nível das atividades a que se voltam as diferentes classes sociais em seus respectivos trabalhos; um constrangimento de caráter morfológico que se vinculam ao volume populacional de cada uma dessas classes, de sua distribuição ao longo dos territórios e o tempo de permanência na classe. Desejabilidade que se conforma nos diferentes hábitos e necessidades que se expressam nas diferentes alocações de recursos no interior dos orçamentos familiares, mas também na estrutura dos móveis e nas expectativas características de cada uma das classes do meio urbano-industrial.

⁸¹ Comentando o sentido profundo dos fatos sociais n'A *doutrina de Émile Durkheim*, Halbwachs nos diz o seguinte: "(...) Se os costumes existem fora de mim, eles não existem para mim senão na medida em que eu os sigo; e cada indivíduo, adotando as regras postas fora dele, as adapta à suas disposições próprias e as modifica agregando elementos pessoais. Em outros termos, as forças sociais não penetram em nós sem determinar reações em nossa natureza psico-orgânica, sejam elas penosas - que seja contrário às nossas tendências internas a elas se curvar; estejam elas, ao contrário, em conformidade com nosso desejo e que nosso ser individual nelas se encontre engrandecido e como que liberto. Talvez não haja, aliás, prática coletiva que não exerça sobre nós essa dupla ação e poder-se-ia reconhecer a existência dessas práticas, parece-nos, tanto partindo do que a nós nos agrada, como do que nos é penoso em qualquer grau de se conformar. Mas como, ao início de uma ciência, deve-se definir provisoriamente os fatos pelos sinais exteriores facilmente perceptíveis; e como o sentimento de júbilo exprime que há coincidência e fusão parcial entre as tendências individuais e a prática social; e o sentimento de pena, ou mais precisamente de constrangimento, que há entre elas uma oposição ao menos parcial; nós convencionamos reconhecer a exterioridade dos fatos psíquicos ditos sociais, e esses fatos eles-próprios, naquilo que eles impõem à nós e nos constrangem"^α.

^α HALBWACHS, *La doctrine d'Émile Durkheim...*, *op.cit.*, pp. 358-359.

[(...) Si les coutumes existent hors de moi, elles n'existent pour moi que dans la mesure où je les suis, et chaque individu, tout en adoptant des règles posées en dehors de lui, les adapte à ses dispositions propres, et les modifie en y mêlant des éléments personnels. En d'autres termes les forces sociales ne pénètrent pas en nous sans déterminer des réactions dans notre nature psycho-organique, soit qu'il nous soit pénible, qu'il soit contraire à nos tendances internes de nous y plier, soit, au contraire, qu'elles se trouvent conformes à nos désirs, et que notre être individuel s'en trouve agrandi et comme libéré. Il n'est peut-être pas, d'ailleurs, de pratique collective qui n'exerce sur nous cette double action, et l'on pourrait reconnaître l'existence de ces pratiques aussi bien, semble-t-il, en partant de ce que nous nous y attachons, que de ce qu'il nous est pénible à quelque degré de nous y conformer. Mais comme, au début d'une science, il faut définir provisoirement les faits par des signes extérieurs facilement perceptibles, et comme le sentiment de joie exprime, en l'espèce, qu'il y a coincidência et fusion partielle entre les tendances individuelles et la pratique sociale, et le sentiment de peine, ou plus précisément de contrainte, qu'il y a entre elles une opposition au moins partielle, nous conviendrons de reconnaître l'extériorité des faits psychiques dits sociaux, et ces faits eux-mêmes, à ce qu'ils s'imposent à nous, et nous contraignent.]

Funes el memorioso, 1944

Recordo-o (não tenho o direito de pronunciar esse verbo sagrado, apenas um homem na terra teve o direito e esse homem está morto) com uma obscura passiflora na mão, vendo-a como ninguém jamais vira, ainda que a contemplasse do crepúsculo do dia até o da noite, uma vida inteira.

(Narrador, *Funes el memorioso*^{ccii})

Estamos em 1944, ano da prisão e deportação de Maurice Halbwachs, em uma outra república com cantos nazistas, na outra margem do Atlântico em sua zona austral. Estamos em Buenos Aires, de onde Jorge Luís Borges, ao longo de suas noites de insônia, dera forma a um de seus mais célebres contos, no qual simula uma narrativa memorialística em que o narrador, um membro da elite portenha, nos conduz a Fray Bentos do último quartel do século XIX. Somos guiados a esse pequeno povoado na margem oriental do Rio Uruguai antes de nele desaguar o Rio Negro para que a nós seja apresentado Ireneo Funes – esse Zaratustra chimarrão e vernáculo de limitações incuráveis.

Segundo nos relata o narrador, Ireneo Funes (1868-1889) era o filho único de uma passageira do povo e de um desconhecido, habitava com sua mãe em um humilde rancho na curva da quinta dos Laureles, tendo se tornado muito conhecido na região por não se dar com ninguém e por sua impressionante capacidade de saber as horas sem nada consultar. Esse jovem, de rosto taciturno e indianizado, levou uma vida corriqueira a um trançador até o dia em que, arremessado de seu cavalo, torna-se paralítico e se percebe detentor de uma memória prodigiosa.

Dezenove anos tinha vivido como quem sonha: olhava sem ver, ouvia sem ouvir, se esquecia de tudo, de quase tudo. Ao cair, perdeu a razão; quando a recobrou, o presente era quase intolerável de tão rico e nítido e também as memórias mais antigas e mais triviais. Pouco depois averiguou que estava paralítico. O feito pouco lhe interessou. Pensou (sentiu) que a imobilidade era um preço mínimo. Agora sua percepção e sua memória eram infalíveis. (...) Sabia as formas das nuvens austrais do amanhecer de trinta de abril de mil oitocentos e oitenta e dois e podia comprá-las na lembrança com os veios de um livro em pasta espanhola que havia visto somente uma vez e com as linhas da espuma que o remo levantou no Rio Negro às vésperas da batalha de Quebracho^{cciii}.

Essa memória infalível e essa percepção pungente parecem conformar mais que as carregadas letras de uma narrativa fantástica. Deixando-nos entrever reverberações do pensamento de Henri Bergson⁸², Borges parece tecer através do cronométrico Funes uma verdadeira alegoria da relação entre corpo e espírito, entre matéria e memória.

Com efeito, para o filósofo francês, o corpo é entendido como uma *imagem*⁸³ que intermedia a relação de minha *consciência* com as demais imagens que constituem o universo. Meu corpo é um centro de ação, um objeto destinado a mover objetos, estabelecido no espaço e limitado ao presente. Para que meu o corpo desempenhe de forma eficaz sua função, é necessário que eu apreenda, no interior do conjunto de imagens que me cercam, quais são suas ações possíveis, o que significa eliminar todas aquelas imagens que escapam às suas necessidades. De tal modo que *perceber* é simplificar o conjunto de imagens que me entornam segundo sua *utilidade* à satisfação das necessidades da ação do meu corpo.

Ora, ao tornar-se paralítico, Funes aparece-nos como um prisioneiro de sua imobilidade:

Disseram-me que não se movia da cama, os olhos repousados na figueira do fundo ou em uma teia de aranha. Ao entardecer, permitia que o levassem a janela (...) Duas vezes o vi atrás da grade, que toscamente enfatizava a sua condição de eterno prisioneiro: uma, imóvel, com os olhos fechados; outra, imóvel também, absorto na contemplação de um oloroso galho de santonina^{civ}.

⁸² Sobre a influência de Bergson sobre alguns aspectos da obra de Jorge Luís Borges, ver os artigos de Edna Sawnor^α e o de Jorge Martín^β. O centro das ideias de Henri Bergson no que diz respeito à memória encontra-se desenvolvido em *Matéria e Memória*^φ e em algumas das conferências reunidas em *A energia espiritual*[¶]. Para uma análise mais detida das formulações de Bergson do ponto de vista filosófico, remeto-lhes às obras de Frédéric Worms^γ e Franklin Leopoldo e Silva^ψ.

^α “Borges y Bergson” in *Cuadernos Americanos*, Vol. 185, n° 6, 1972, pp. 247 – 254.

^β “Borges, Funes y... Bergson” in *Variaciones Borges*, n°19, 2005, pp. 195-208.

^φ *Matéria e Memória: Ensaio sobre a relação do corpo com a alma*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

[¶] *A energia espiritual*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

^γ *Introduction à Matière et mémoire de Bergson: suivie d'une breve introduction aux autres livres de Bergson*. Paris: PUF, 1997.

^ψ *Bergson: intuição e discurso filosófico*. São Paulo: Loyola, 1994.

⁸³ Esse conceito é o epicentro de uma teoria do conhecimento desenvolvida no primeiro capítulo de *Matéria e Memória*, designando “(...) uma certa existência que é mais do que aquilo que o idealista chama uma representação, porém menos do que aquilo que o realista chama uma coisa - uma existência situada a meio caminho entre a ‘coisa’ e a ‘representação’”^α. A *matéria*, assim, é entendida como um conjunto de *imagens* cuja existência é independente de qualquer percepção; mas que, desde que percebida, só existe em relação a nós.

^α BERGSON, *Matéria e Memória*, *op.cit.*, pp. 01-02 .

[nous entendons une certaine existence qui est plus que ce que l'idéaliste appelle une représentation, mais moins que ce que le réaliste appelle une chose, - une existence située à mi-chemin entre la « chose » et la « représentation ».]

O acidente lhe causara uma drástica redução de sua capacidade de interação sensório-motora com o mundo. Ao se tornar paralítico, o corpo de Funes encontrava-se definitivamente deslocado da *ação presente*. Isso significa, por um lado, que ele se encontra deslocado da necessidade de uma redução utilitária das imagens que lhe circundam, de modo que sua percepção pode se lançar à apreensão indistinta dos ínfimos detalhes das imagens ao redor: “nós, em uma olhada, percebemos três copos em uma mesa; Funes, todos os ramos e cachos e frutas que compõe uma parreira”^{ccv}.

Por outro lado, ao desvencilhar-se das *necessidades* da ação presente, o jovem pode mergulhar desinteressadamente no interior de sua *consciência*. Atentemos que, para Bergson, a *consciência* é a progressão contínua do qualitativo que, somente por uma tradução ilegítima, pode ser apreendida com extensão, sucessão e quantidade: a consciência opera na *duração pura*, que é a forma que toma a sucessão quando o nosso *Eu [Moi]* “se abstém de estabelecer uma separação entre o estado presente e os estados anteriores”^{ccvi}.

Ademais, na essência dessa *consciência* Bergson situa a *memória*, afinal, “(...) o que somos nós, com efeito, o que é nossa personalidade, senão a condensação da história que vivemos desde nosso nascimento, antes mesmo de nosso nascimento, já que trazemos conosco disposições pré-natais?”^{ccvii}. Essa *memória*, porém, apresenta duas facetas:

A primeira registraria, sob forma de *imagens-lembranças*, todos os acontecimentos de nossa vida cotidiana à medida que se desenrolam; ela não negligenciaria nenhum detalhe; atribuiria a cada fato, a cada gesto, seu lugar e sua data. Sem segunda intenção de utilidade ou de aplicação prática, armazenaria o passado pelo mero efeito de uma necessidade natural. Por ela se tornaria possível o reconhecimento inteligente, ou melhor, intelectual, de uma percepção já experimentada; nela nos refugiaríamos todas as vezes que remontamos, para buscar aí uma certa imagem, a encosta de nossa vida passada. Mas toda *percepção* prolonga-se em ação nascente; e, à medida que as imagens, uma vez percebidas, se fixam e se alinham nessa memória, os movimentos que as continuam modificam o organismo, criam no corpo disposições novas para agir. Assim se forma uma experiência de uma ordem bem diferente e que se deposita no corpo, uma série de mecanismos inteiramente montados, com reações cada vez mais numerosas e variadas às excitações exteriores, com réplicas prontas a um número incessantemente maior de interpelações possíveis. Tomamos consciência desses mecanismos no momento em que eles entram em jogo, e essa consciência de todo um passado de esforços armazenado no presente é ainda uma memória, mas uma memória profundamente diferente da

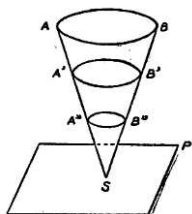
primeira, sempre voltada para a ação, assentada no presente e considerando apenas o futuro. Esta só reteve do passado os movimentos inteligentemente coordenados que representam seu esforço acumulado; ela reencontra esses esforços passados, não em *imagens-lembranças* que os recordam, mas na ordem rigorosa e no caráter sistemático com que os movimentos atuais se efetuam. A bem da verdade, ela já não nos representa nosso passado, ela o encena; e, se ela merece ainda o nome de memória, já não é porque conserve imagens antigas, mas porque prolonga seu efeito útil até o momento presente^{ccviii}.

De um lado, temos uma *memória-hábito*, intimamente ligada aos mecanismos motores de nosso corpo e adquirida pela repetição consciente, “sendo antes um hábito esclarecido pela memória que uma memória propriamente”^{ccix}. Essa *memória-hábito*, embora se componha de um número relativamente reduzido de lembranças, armazena aquelas recordações que nos parecem mais úteis e que, assim, chamam-nos mais nossa atenção.

De outro lado, e esse é o ponto que mais nos interessa aqui, temos a *memória-imagem*, que seria aquela onde se encontra registrado automática, integral e continuamente nosso passado. Esse imenso e rico conteúdo, porém, nos permanece inacessível a maior parte do tempo, posto que as *imagens-lembranças* aí armazenadas emergiriam somente na medida em que fossem úteis à *ação presente* – “constituindo o principal aporte da consciência individual à percepção, o lado subjetivo de nosso conhecimento das coisas”^{ccx} –; ou, ao contrário, na medida em que nossa consciência se distanciasse das exigências da *ação presente* – como no conhecimento desinteressado ou nos sonhos profundos, onde poderíamos, inclusive, reviver certos eventos de nosso passado no fluir dessas *imagens-lembranças*.

Segundo sintetiza Maurice Halbwachs,

Gráfico 3. Esquema da Vida Mental em Bergson



(...) Bergson representou a vida mental por uma espécie de esquema: seja um cone que repousa sobre seu vértice, o vértice ele-mesmo em contato com um plano: o plano representa o espaço ou o presente; e o ponto de contato entre a vida mental e o espaço é a percepção atual que eu tenho de meu corpo, isso quer dizer, de certo equilíbrio sensório-motor. Supõe-se, de outro lado, que sobre a superfície da base do cone, estão dispostos nossas lembranças em sua totalidade. Aí “se desenham em seus menores detalhes todos os acontecimentos de nossa vida transcorrida” [BERGSON, *Matéria e memória*, *op.cit.*, p. 196]. Aí “não há lembrança que não esteja ligada, por contiguidade, à totalidade dos acontecimentos que a precedem e também dos que a sucedem” [*idem*, p. 199]. Mas entre esses dois limites extremos, “que, na verdade, jamais são atingidos” [*idem*, p. 197], nossa vida psicológica oscila segundo

uma série de planos intermediários, que representam uma multidão indefinida de estados possíveis da memória. Como se constituem esses planos ou esses cortes e a que precisamente eles correspondem? De uma maneira geral, a memória ela mesma, “com a totalidade de nosso passado, exerce uma pressão para diante a fim de inserir na ação presente a maior parte possível de si mesma” [idem, p. 197]. Segundo essa pressão ser forte ou que, ao contrário, o espírito se afasta do presente mais ou menos, a memória se comprime mais ou menos, sem, todavia, se dividir. Nossas lembranças tomam uma forma mais banal quando a memória se comprime, mais pessoal quando ela se dilata. Por quê? É que, quanto mais nos aproximamos da ação, mais a consciência se atrela àquelas de nossas lembranças que se assemelham à percepção presente do ponto de vista da ação a realizar. Então, eis em que consiste essa dilatação da memória que seria necessária para que nós localizássemos uma lembrança. Em cada um desses cortes distintos, há uma sistematização original, “caracterizado pela natureza das lembranças dominantes, nas quais as outras lembranças se encostam como em pontos de apoio” [idem, p. 200]. Localizar uma lembrança é ou descobrir nela uma dessas lembranças dominantes “verdadeiros pontos brilhantes em torno dos quais os outros formam uma vaga nebulosidade” [idem, p. 200]; ou descobrir uma lembrança dominante sobre a qual ele se apoia imediatamente. Ora, “esses pontos brilhantes multiplicam-se à medida que se dilata nossa memória” [idem, p. 200]. Logo, é nos desviando da ação, descendo progressivamente em nosso passado, que nós encontramos um plano bastante vasto para que nossa lembrança dele se destaque, como à medida que a noite cai distinguimos um maior número de estrelas^{ccxi}.

Voltemos os olhos à Funes. Segundo nos indica o narrador, após sua libertação da *ação presente* por seu enclausuramento na imobilidade, o jovem podia

(...) reconstruir todos os sonhos, todos os entressonhos. Duas ou três vezes havia reconstruído um dia inteiro; não havia duvidado nunca, porém, cada reconstrução havia requerido um dia inteiro. Disse-me: *Mais lembranças tenho eu só que as que tiveram todos os homens desde que o mundo é mundo*. E também: *Meus sonhos são como a vigília de vocês*. E também, perto da primeira luz da manhã: *Minha memória, senhor, é como um depósito de lixo*. Uma circunferência em uma lousa, um triângulo-retângulo, um losango, são formas que podemos intuir plenamente; o mesmo se passava com Ireneo com as tempestuosas crinas de um potro, com o chifre de um gado em uma coxilha, com o fogo cambiante e com as inumeráveis cinzas, com as muitas caras de um morto ao longo de um velório. Não sei quantas estrelas via no céu^{ccxi}.

Essa prodigiosa memória – cujo reconhecimento e a localização das lembranças atingem um tal grau de precisão, que se torna perturbador que o “cão das três e catorze (visto de perfil) tivesse o mesmo nome que o cão das três e quinze (visto de frente)”^{ccxiii}; em que é possível mergulhar no fluxo das *imagens-lembranças* e reviver integralmente cenas do passado, de tal modo que vigília e sonho podem se confundir –; essa memória, somada à pungente percepção de Ireneo Funes, tornam-lhe aparentemente incapaz de pensar: “Suspeito”, nos diz o narrador, “contudo, que não era capaz de pensar. Pensar é esquecer diferenças, é generalizar, abstrair. No mundo abarrotado de Funes não havia senão detalhes, quase imediatos”^{ccxiv}.

Essa absoluta precisão nos fatos perceptivos e mnemônicos em Funes é esteticamente contraposta pelos movimentos entronchados através dos quais se desenvolvem a narrativa. Não são poucas as imprecisões, retificações, complementações e incoerências nos fatos relatados. Se o narrador hesita se avistara Funes pela primeira vez em “março ou abril de oitenta e quatro”^{ccv}, nosso herói não titubeia ao recordar “o encontro, desditosamente fugaz, do dia sete de fevereiro de oitenta e quatro”^{ccvi}; se Funes carrega uma infalível capacidade de reconhecer e localizar as lembranças, o narrador, após reproduzir um diálogo entre Ireneo e seu primo, confessa: “eu sou tão distraído que o diálogo que acabo de me referir não teria me chamado a atenção se não o tivesse repetido meu primo (...)”^{ccvii}.

Essa imprecisão, porém, não se liga somente a um jogo de oposições. Muito além, o narrador, na árdua confecção de um pretenso garbo, faz, dentre outras coisas, Funes presenciar a batalha de Quebracho (ocorrida, com efeito, em 1840) e decifrar celeremente um volume em latim que havia carregado consigo para o veraneio e lhe emprestara. Assim, Borges parece sugerir que para o narrador, quanto maior a façanha de Funes, maior seu valor – afinal, de que valera a Funes a pungente percepção e a infalível memória se isso, aos olhos do narrador, impedia-lhe de pensar?

Ora, o conto é narrado em primeira pessoa e, assim, não são poucas as possibilidades e os impasses interpretativos. Deixemos de lado, porém, as consequências dessa possível ironia borgeana, quaisquer que sejam elas. Atentemos, apenas, às duas representações da memória presentes no texto, aquela de Ireneo Funes após seu acidente e aquela através da qual tomamos conhecimento da memória de Funes, a do narrador. Ao que nos parece, a primeira conforma-se conscientemente como uma alegoria as formulações de Henri

Bergson; o desenvolver da segunda toca, talvez de forma inconsciente, o tratamento dado à questão por Maurice Halbwachs.

*Rumo à Psicologia Coletiva*⁸⁴

O que faz um sociólogo especialista em morfologia social e na sociologia da classe operária desviar-se de um caminho em que seu trabalho é reconhecido por sua qualidade e originalidade, tendo, para isso, de elaborar outros métodos para-além da análise estatística convencional? Por que Maurice Halbwachs, logo após assumir a cadeira de Sociologia e Pedagogia de uma das universidades mais importantes da Europa daquele período, envereda rumo à psicologia coletiva que é o domínio *por excelência* de um de seus companheiros de docência, o psicólogo Charles Blondel? Por que retomar, digerir e refutar Bergson quatro décadas após a publicação de *Matéria e Memória*? Gérard Namer, um dos sociólogos que mais longamente trabalhou as obras de Halbwachs responde-nos sem hesitar:

Fundamentalmente, porque Durkheim está morto, porque o grupo dos durkheimianos foi dizimado e disperso pela guerra, porque Bergson, ao contrário, triunfa e que seu trunfo social e filosófico é símbolo de todo um refluxo ideológico que acompanha o pós-1918 (...) É preciso entender bem esta dupla motivação que anima Halbwachs: reatualizar a sociologia e refundar o ideal republicano “progressista” (como ele-próprio vai dizer na conclusão [d’*Os quadros sociais da memória*]) que movia uma ala importante do durkheimismo antes da guerra^{ccxviii}.

Tal resposta retoma, veladamente, como projeção a apresentação dos “dois projetos” de Durkheim que Halbwachs toma como ponto de partida para a avaliação da doutrina de seu mestre. Ele nos diz, em 1918, que “ao início de sua carreira, quando buscava seu caminho, Durkheim vislumbrava fazer duas partes de sua vida: uma seria consagrada à pesquisa em ciência pura, a outra à política. Ele encontraria na Sociologia o meio de satisfazer essa dupla necessidade de conhecimento e de ação”^{ccxix}. Assim, Halbwachs faria sua a luta de Durkheim pela Sociologia e, para leva-la às últimas consequências, não poderia deixar de atingir o cerne de seu opositor. Ademais, como Gérard Namer intenta nos

⁸⁴ Uma breve retomada das linhas gerais da psicofisiologia francesa encontra-se delineadas no anexo 1.

demonstrar ao longo de *Mémoire et Société*, a questão sociológica da memória formular-se-ia como desdobramento das investigações sobre as *classes sociais* e a *consciência de classe*, presentes nas reflexões de Halbwachs desde seu primeiro artigo de 1905^{ccxx}.

Seria possível, igualmente, retomar, numa chave psicanalítica, a necessidade de ruptura com seus dois mestres como condição de *autopoiesis*. Nesse sentido, a memória seria um objeto particularmente privilegiado, pois, como há muito já havia indicado seu *demônio de juventude*, o estudo da memória possibilitaria tocar, simultaneamente, Psicologia e Metafísica, Ciência e Filosofia. Assim, ir à memória seria uma maneira de, em um só golpe, superar Durkheim e Bergson.

Outra possibilidade de resposta nos é dada quando atentamos aos móveis individuais que a memória poderia movimentar. Com efeito, desde bastante cedo Halbwachs escreve em seu caderno pessoal: “Eu tenho bem pouca memória: não é de hoje que eu me dou conta”^{ccxxi}. Essa nota, datada de 26 de fevereiro de 1899, é precedida, quase dois anos antes, de uma muito similar onde podemos ler: “Eu tenho tão pouca memória que eu vou escrever aqui [no diário] os nomes dos lugares visitados ou das pessoas vistas em Mieussy”^{ccxxii}. Ora, encaminhar-se para a discussão da memória (e, sobretudo, do esquecimento) seria uma maneira de buscar conhecer-se, de trabalhar uma questão inteira e estritamente individual, mas cujas reverberações são bastante mais amplas – sobretudo se tivermos em mente a hipótese bergsoniana segundo a qual “(...) o passado se conserva por si próprio, automaticamente”⁸⁵.

Todas essas respostas, menos ou mais convincentes, menos ou mais detalhadas, plausíveis, sustentáveis e defensáveis; todas elas revelam em alguma medida certos aspectos do tema sobre o qual Halbwachs se lança. Elas, porém, deixam parcialmente de lado o

⁸⁵ “Na verdade, o passado conserva-se por si mesmo, automaticamente. Inteiro, sem dúvida, ele nos segue a todo instante: o que sentimos, pensamos, quisemos desde nossa primeira infância está aí, debruçado sobre o presente que a ele irá juntar-se, forçando a porta da consciência que gostaria de deixá-lo para fora. (...) O que somos nós, com efeito, que é nosso caráter, senão a condensação da história que vivemos desde nosso nascimento, antes mesmo de nosso nascimento, já que trazemos conosco disposições pré-natais?”^α.

^α BERGSON, *A evolução criadora*, op.cit., pp. 5-6. [p.15].

[En réalité, le passé se conserve de lui-même, automatiquement. Tout entier, sans doute, il nous suit à tout instant : ce que nous avons senti, pensé, voulu depuis notre première enfance est là, penché sur le présent qui va s'y joindre, pressant contre la porte de la conscience qui voudrait le laisser dehors. (...) Que sommes-nous, en effet, qu'est-ce que notre caractère, sinon la condensation de l'histoire que nous avons vécue depuis notre naissance, avant notre naissance même, puisque nous apportons avec nous des dispositions prénatales?]

sentido teórico de tal empreitada. Isso quer dizer, para-além de móveis psicossociais, não haveria uma razão estritamente teórica que possibilite compreender, por razões internas do pensar e do fazer Sociologia, esse deslocamento? Nesse sentido, na nona aula de seu curso sobre a *Psicologia Coletiva*, ministrado na Sorbonne ao final dos anos 1930, podemos ler que

após ter estudado do ponto de vista sociológico a razão, o raciocínio e, em certa medida, as ideias e os juízos, nós poderemos abordar as formas mais elementares da vida psíquica, as imagens, percepções, sensações. Entretanto, existe uma faculdade, a memória, que, sob muitos aspectos, parece poder ser vinculada às funções superiores do pensamento. (...) Sem dúvida, atribuímo-lo aos animais e ela parece ter por ponto de partida a propriedade que têm as sensações, as percepções, as imagens, de ser evocadas e reproduzidas sob a forma de lembrança. Mas a memória conserva também as ideias, os juízos, os raciocínios. Mais ainda, esses atos do espírito não são possíveis que se, durante o tempo que eles duram, mantemos sob a atenção da consciência tal noção ou tal juízo, imobilizemo-los de certa forma através da duração. É essa uma forma particular de memória, a memória intelectual, que não teria nenhuma relação com a memória das percepções e dos sentimentos? Em todo caso, é agora que devemos empreender o estudo disso, porque ela nos parece ser uma condição necessária das faculdades ditas superiores, primeiro objeto da psicologia coletiva^{ccxxiii}.

O que temos aqui é a memória apresentada como charneira entre as funções superiores e inferiores do pensamento – posição que se deve ao fato de tanto umas quanto outras poderem ser reproduzidas sob a forma de *lembrança*. Porém, a memória não se restringe a ligar num plano comum tais funções. Muito além, ela constitui-se como pré-condição de todas as faculdades superiores do pensamento ao possibilitar que as imobilizemos de alguma maneira através da *duração*. Com efeito, se a conservação, quase imóvel, de ideias, julgamentos e raciocínios ao longo da *duração* não se efetivasse, toda forma de vida social, forma de existência constituída de e assentada sobre representações, seria impossível.

Desse modo, a questão da memória dispõe de um fundo teórico preciso: ela é o desdobramento de uma sociologia do conhecimento cuja última grande obra é *As formas elementares da vida religiosa* de Durkheim⁸⁶. Afirmar isso, porém, não soluciona o problema

⁸⁶ Isso não significa em absoluto que a reflexão sobre o tema no interior do círculo durkheimiano tenha se coagulado entre 1913 e 1924, como bem mostram especialmente a produção de Marcel Mauss e Lucien Levy-Bruhl no período; mas tão somente que tal reflexão não se materializa senão em alguns artigos e intervenções.

de que partimos, isto é, como *se formulou* teoricamente a questão da memória na obra de Halbwachs e, também, qual é o vínculo entre ela e as proposições encontradas n'*As formas elementares da vida religiosa*. Aqui podemos nos guiar a partir de dois fragmentos que nos permitem vislumbrar as silhuetas de uma resposta. De um lado, Halbwachs nos diz na referida aula de seu curso que

(...) o estudo do sonho nos conduziu, há uma dúzia de anos e mesmo um pouco mais, a colocar em termos parcialmente [*un peu*] novos o problema da memória. Reprenderam-nos, naquele momento, de ter seguido o caminho inverso, como se nós nos limitássemos a estender a explicação sociológica à memória, como poderíamos ter feito com qualquer outra faculdade, simplesmente para ampliar um pouco o domínio da sociologia. Na realidade, nós partimos de um estudo psicológico do sonho que não se inspirava em nenhuma intenção dissimulada [*arrière pensée*], preocupados que estávamos, simplesmente, em averiguar se os fatos estavam de acordo com a teoria bergsoniana da memória^{CCXXIV}.

Assim, respondendo à acusação de Charles Blondel de trabalhar para um “imperialismo da sociologia” ou um “pan-sociologismo”, Maurice Halbwachs nos diz que, efetivamente, foi um estudo sociológico do sonho que lhe guiou à questão da memória, devido à íntima relação que esses dois fenômenos têm no sistema de Bergson. Se aceitarmos essa autoavaliação de percurso, resta-nos ainda vislumbrar um pouco mais a gênese de tal problema, mas aqui um pequeno excerto do primeiro capítulo do livro de 1925 nos dá o tom:

“Muito frequentemente”, nos diz Durkheim [*Formas Elementares...*, *op.cit.*, 2, II, p.70], “nossos sonhos se remetem a eventos passados; nós revemos o que nós vimos ou fizemos em estado de vigília ontem, anteontem, durante nossa juventude, etc.; e esses tipos de sonhos são frequentes e ocupam um lugar bastante considerável na nossa vida noturna”. Ele precisa, na sequência, o que ele entende por “sonhos se remetendo a eventos passados”: trata-se de “remontar o curso do tempo”, de “imaginar que se viveu durante o sono uma vida que se sabe findada [*écoulé*] há muito tempo” e, em suma, evocar “lembranças como as que temos durante o dia, mas de uma intensidade particular”. A primeira vista, essa observação não surpreende. No sonho, os estados psicológicos mais diversos, mais complicados, aqueles que supõem mesmo a atividade, um certo dispêndio de energia espiritual, podem se apresentar. (...) Mas o que se precisaria estabelecer (e é precisamente isso

Para a Bibliografia de Mauss, ver: GUGLER, Josef. “Bibliographie de Marcel Mauss” in *L'Homme*, tomo 4, n°1, 1964, pp. 105-112; para a de Levy-Bruhl, ver: MERLLIÉ, Dominique. « Bibliographie des oeuvres de Lucien Levy-Bruhl » in *Revue Philosophique de la France et de l'Étranger*, tomo 179, nffl 4, 1989, pp. 559-578.

que é afirmado na passagem que nós citamos) é que eventos completos, cenas inteiras de nosso passado se reproduzem no sonho tais e quais, com todas as particularidades, sem nenhuma mistura de elementos que se reportam a outros eventos, a outras cenas, ou que sejam puramente fictícios, de tal modo que ao acordar nós possamos dizer não somente: esse sonho *se explica* por isso que eu fiz ou vi em tais circunstâncias; mas: esse sonho *é a lembrança exata, a reprodução pura e simples* disso que eu fiz ou vi em tal momento. É isso, e isso somente que pode significar: “remontar o curso do tempo” e “reviver” uma parte de sua vida^{CCXXV}.

Bem à sua maneira, Halbwachs retoma uma proposição presente no segundo capítulo d’*As formas elementares da vida religiosa* segundo a qual durante o sonho seria possível reviver, em seus mínimos detalhes, um evento passado. Desse modo, se tal revivescência é possível, ela implica, necessariamente, que em nossa memória se conserva intacto, sem alterações e sem lacunas, todo o nosso passado, cujos fragmentos, a partir de certos mecanismos psíquicos de seleção, emergiriam em um ou outro momento.

Temos, assim, que a investigação nascida na intuição de uma insuficiência do mecanismo do sonho n’*As formas elementares da vida religiosa* – provavelmente resultado da releitura atenta da obra de seu segundo mestre para a confecção d’*A doutrina de Émile Durkheim* – leva, pouco a pouco, Halbwachs a pôr em questão as teorias sobre o funcionamento da memória como um todo, particularmente aquela elaborada por Henri Bergson e aceita por Durkheim. Mais especificamente, a questão de partida é saber se seria possível reviver uma *lembrança*, ou seja, evocar uma *lembrança* e nela mergulhar, em cada mínimo detalhe, sem lhe prever os desdobramentos – como se todas as experiências vividas entre esse evento e nosso presente fossem esquecidas –; sem, portanto, lhe *reconhecer*.

A questão é saber se, de fato, essa dissociação entre a lembrança e o reconhecimento se realiza: o sonho poderia ser, nesse aspecto, uma experiência “crucial” se ela nos revelar que a lembrança não reconhecida se produz algumas vezes durante o sono. Há ao menos uma concepção da memória a partir da qual resultaria que a lembrança se reproduz sem ser reconhecida. Suponhamos que o passado se conserva sem mudanças e sem lacunas no fundo da memória, isso quer dizer, que nos seja possível, a todo instante, reviver qualquer evento de nossa vida. Somente algumas dentre essas lembranças reaparecerão durante a vigília – posto que, no momento em que nós as evocaremos, nós permaneceremos em contato com as realidades do presente, nós não poderemos não lhe reconhecer elementos de nosso passado. Mas, durante o sono, quando esse contato é interrompido, suponhamos que as

lembranças invadam nossa consciência: como as reconheceríamos como lembranças? Não há mais presente o qual nós podemos lhes opor – já que elas são o passado, não como o revemos à distância, mas tal qual ele se desenvolveu quando ele era presente, não há nada nelas que revele que elas não se apresentam a nós pela primeira vez^{ccxxvi}.

É com esse espírito que durante três anos, a partir de janeiro de 1920, Maurice Halbwachs examina cada um de seus sonhos cujas imagens permaneciam suficientemente *ressonantes* ao despertar para poderem ser fixadas enquanto lembranças e mantém uma correspondência com outros especialistas da época – como Albert Kaploun, Henri Piéron e o próprio Henri Bergson. Esse percurso, porém, lhe revelou que cenas completas do passado não se reproduziram nas experiências oníricas de nenhum deles, muito embora uma série de elementos mnêmicos lhes compusessem os mais diferentes arranjos e que detivessem, como relataria Bergson, o *sentimento* de ter mergulhado em seu passado durante o sono profundo.

Ora, a revivescência de uma lembrança durante o período em que há uma maior possibilidade de nos desprendermos das exigências da atenção presente, o sonho, não foi constatada tampouco em nenhum dos muitos relatos trazidos a tona pela psicologia de seu tempo. É verdade que Sigmund Freud afirma na *Interpretação dos sonhos*^{ccxxvii}, a partir dos trabalhos de Jeseph Delboeuf^{ccxxviii}, de Mary W. Calkins^{ccxxix}, a possibilidade de um sonho reproduzir um evento tão exatamente quanto à memória da vigília; mas aqui, para Halbwachs, ora temos um problema de compreensão, ora um problema de método.

Com efeito, após citar o excerto de Delboeuf a que Freud se refere n’A *interpretação dos sonhos* – em que um professor amigo de Delboeuf tem como matéria de um de seus sonhos um acidente há muito ocorrido –, o sociólogo francês não hesita em dizer que “(...) ou Freud o compreendeu muito mal, ou dele guardou uma lembrança inexata: pois o professor em questão, sem dúvida, refaz em sonho o mesmo trajeto (...), mas não a mesma viagem”^{ccxxx}.

Ele se limita, no sonho, a se lembrar do acidente, uma vez que chega ao local onde ele se produziu. Ora, isso é uma coisa bem diferente de sonhar que nos lembramos de um evento da vigília e de se reencontrar, em sonho, na mesma situação de assistir ou de participar dos mesmos eventos que quando em estado de vigília^{ccxxxi}.

De outro lado, quanto ao trabalho de Calkins (em que são relatados dois sonhos nos quais há eventos imediatamente precedentes recuperados em detalhe), Halbwachs se incomoda com a estratégia de enquete: assim como as estatísticas do orçamento operário feitas nos Estados Unidos, a enquete pauta-se em uma ampla amostragem inquerida em um período muito breve, não guardando espaço a uma descrição detalhada de cada sonho. Isso porque o primeiro observador, senhora “C...”, toma nota de 205 sonhos em 55 noites; e o segundo observado, senhor “S...”, observa durante 46 noites, 170 sonhos.

A enquete durou de seis a oito semanas. Tais condições são um pouco anormais. Seria preciso, aliás, que nós soubéssemos, de um lado, o que a Miss Calkins entende por “o detalhe exato de um evento”; de outro, em que consistiu o evento que precedeu; e, por fim, se não há realmente nenhum intervalo entre o evento e a noite em que ela sonhou^{ccxxxii}.

Assim, nesses dois trabalhos recuperados por Freud, mas também no relato extraído do livro de Marcel Foucault^{ccxxxiii} – em que a repetição da lembrança de um evento operou-se várias vezes, tanto na vigília, quanto no sonho, de modo que nela se misturaram fragmentos da reconstituição imaginativa – e naquele de John Abercrombie^{ccxxxiv} também utilizado por Alexandre Brierre de Boismont^{ccxxxv} – em que a lembrança muitas vezes evocada converte-se em simples imagem –, não é possível identificar, fidedignamente, nenhum caso em que um sonho tenha sido a revivescência de uma lembrança ou tenha reproduzido um evento tão exatamente quanto a memória em estado de vigília.

Essa constatação nos põe um novo problema, a saber, o que impossibilita tal revivescência? Sobre esse ponto Halbwachs vislumbra uma resposta analisando um terceiro caso em que Freud afirma ser possível reproduzir em sonho a memória da vigília: as memórias da primeira infância. Assim, após recuperar detalhadamente o caso narrado pelo psicanalista austríaco⁸⁷, um segundo presente no trabalho de Alfred Maury⁸⁸ e um terceiro

⁸⁷ O sonho relatado por Freud narra as atitudes indevidas do preceptor de um de seus amigos com a empregada da casa. Na época esse amigo de Freud tinha em torno de três anos de idade e as lembranças presentes em seu sonho seriam confirmadas por seu irmão mais velho que, à época, tinha cerca de seis anos de idade. Para mais detalhes ver: FREUD, *A interpretação...*, *op.cit.*, p.123-124.

⁸⁸ O Sonho relatado Maury narra que, transportado à sua infância a uma cidade em que seu pai era engenheiro de uma ponte, encontra com um homem de uniforme que lhe diz seu nome. Ao acordar, porém, não consegue associar tal nome a nenhum conhecido, de modo que recorre a uma velha empregada que lhe diz que assim se chamava o guarda da ponte que seu pai construía à época. Para mais detalhes, ver: MAURY, Alfred. *Les sommeils et les rêves*. Paris: Didier et Co., 1878, pp. 92-93.

extraído de Leon d’Hervey de Saint-Denis⁸⁹, percebemos que em todos esses casos temos imagens da primeira infância inteiramente esquecidas que, mesmo após sua emersão em sonho, continuam suficientemente estranhas e intimamente misturadas de elementos oníricos de tal modo que precisamos do aporte de terceiros para lhes verificar a veracidade e, enfim, lhes qualificar como *lembrança*.

Seria preciso admitir que as lembranças de nossa infância se estereotiparam, que elas são, desde o início e permanecem sendo, como diz Hervey de Saint-Denis, clichês-imagens, dos quais a nossa consciência nada mais conheceu a partir do momento em que eles foram gravados “sobre as placas de nossa memória”. (...) Nós não estamos convencidos que essas reminiscências de infância correspondem bem ao que chamamos de lembranças. Se nós não lembramos [*rappelons*] de nada desse período em estado de vigília, não é porque o que nós poderíamos reencontrar se reduz a impressões muito vagas, a imagens mal definidas, para oferecer qualquer apoio à memória propriamente dita? (...) os dois domínios, aquele da infância e aquele do sonho, exceto um pequeno número de lembranças, opõem o mesmo obstáculo aos nossos olhos: são os únicos períodos nos quais os eventos não são enquadrados na série cronológica em que se situam nossas lembranças da vigília^{ccxxxvi}.

Ora, dizer que as experiências vividas durante a infância integram nossa memória sob a forma de *clichês-imagens* é, por um lado, pôr em destaque, como indica Alfred Binet em um artigo de 1908, seu caráter esquemático ligado ao fato de as crianças até os seis ou sete anos não perceberem senão o aspecto geral dos objetos e não possuírem até essa idade a capacidade de indicar lacunas em figuras^{ccxxxvii}. Por outro lado, o registro dessa apreensão brumosa dos eventos de nossa primeira infância se opera fora do sistema de referências socialmente específico de que nos valemos para orientar nossas experiências durante a vigília na vida adulta – o que não significa dizer que os primeiros eventos vividos não se organizem em um sistema de referências, mas, somente, que esse sistema nos é inacessível; como o texto criptografado que não nos revela sua mensagem pela ausência da chave correta.

⁸⁹ O Sonho narrado por Hervey de Saint-Denis relata um passeio que o autor fazia pela cidade de Bruxelas, do qual muitos detalhes arquitetônicos lhe ficaram retidos ao despertar. Porém, ao percorrer tal cidade algum tempo depois, nada se assemelhando ao seu sonho é encontrado. É numa visita posterior a Frankfurt, cidade em que estivera durante sua juventude, que o traços das construções do referido sonho aparecem e ele se da conta que, na verdade, era essa cidade e não Bruxelas que lhe fornecera o material do sonho. Para mais detalhes ver: SAINT-DENIS, Hervey de. «Rêve de Bruxelles» in *Les rêves et les moyens de les diriger*, Paris : Amyot, 1867, pp. 27-28.

Essas imagens esquemáticas e estáticas, antes *impressões* que *lembranças*, apresentam fortes semelhanças com as imagens do sonho, ambas se aproximando pelo distanciamento que tomam do pensamento da vigília, aproximam-se, precisamente, por não compartilharem os *quadros* de que se vale nossa mente quando desperta. É verdade que as imagens dos sonhos podem ser a reprodução das *impressões da infância*, mas, para Halbwachs, é muito pouco verossímil que tanto uma quanto a outra sejam tão exatas quanto uma verdadeira *lembrança*: “(...) tudo se passa como nesses sonhos onde revemos o que vimos ou cremos ter visto no desenrolar de sonhos anteriores”^{ccxxxviii}.

Essa inverossimilhança é reforçada pelo fato de, durante os sonhos, não nos podermos “representar a nós mesmos diferentes do que somos”^{ccxxxix} devido à fusão entre imagens do sonho e elementos de nosso sentimento presente, isso quer dizer, de termos sempre como referencial a nossa situação atual (física, psicológica, emotiva etc.). Com efeito,

(...) um dos traços característicos dos sonhos é que nós sempre intervimos neles, seja agindo, seja refletindo, seja projetando sobre o que nós vemos a nuance particular de nossas disposições do momento: terror, inquietude, espanto, constrangimento, curiosidade, interesse, etc. (...) Assim, em sonho, jamais nos privamos inteiramente de nosso eu [*moi*] atual e isso basta para que as imagens do sonho, se elas reproduzem quase identicamente um quadro de nosso passado, sejam mesmo assim diferentes das lembranças^{ccxl}.

Poder-se-ia objetar, porém, que até aqui se tratou somente dos sonhos de que nos lembramos durante a vigília, sonhos que proviriam, antes de tudo, dos períodos de sono leve. Ao contrário, os sonhos cuja matéria constitui-se exclusivamente de lembrança seriam aqueles que se efetivam durante o sono profundo, mas que – seja por sua distância da camada superficial da consciência, seja por neles o desenvolver das imagens ser particularmente rápido – são esquecidos regularmente tão logo eles se findem.

A essas objeções, primeiramente, Halbwachs colocaria em questão do fato de *se lembrar* de um sonho, posto que nossa memória do sonho é, antes de tudo e como já indicamos, a memória das imagens do sonho que permaneciam em suspensão em nossa consciência e que foram fixadas ao despertar, não importando em qual estágio do sono elas se produziram⁹⁰. Assim, uma marcação estanque dos limites de cada um desses sonhos não

⁹⁰ Com efeito, “(...) pode-se dizer que nos lembramos do sonho desde de que ele não tenha desaparecido da consciência, desde que dele subsista alguma coisa em nosso organismo psico-cerebral. Ora, se nós somos

é tão evidente quanto se poderia pensar. Além disso, valendo-se dos trabalhos de Hervey de Saint-Denis^{ccxli} e Kaploun^{ccxlii}, Halbwachs argumenta que não só os sonhos do sono profundo podem ser tão nítidos, vivos e plausíveis de lembrança quanto os do sonho leve, como a velocidade de desenvolvimento das ações nos sonhos não é maior do que durante a vigília, sob pena de perder seus detalhes e de lhes tornar esquemas. Por fim, acrescentaria mais tarde no curso sobre a *Psicologia Coletiva*, que

(...) esses “sonhos profundos” de que fala Sr. Bergson não são outra coisa que, em suma, o mundo sobrenatural dos metafísicos, que se pode imaginar como se quer, posto que dele não se tem nenhuma experiência. O mundo dos sonhos, isso quer dizer, tudo isso que se pode observar, é suficientemente vasto e variado para que nós consideremos que ele se apresenta como um todo que se pode distinguir do mundo da vigília. Ele compreende, aliás, sonhos bastante numerosos e variados, que se pode aproximar para, comparando, melhor lhes compreender. Em todo caso, do fato desses sonhos não conterem lembranças, resultaria que a memória, para se exercer, tem necessidade de condições que não encontram realizadas no sonho^{ccxliii}.

Se, como quer Halbwachs, não há uma diferença apreensível entre os sonhos do sono profundo e do sono leve, posto que a experiência possível de ambos não é senão resultado da fixação das imagens oníricas ao despertar; e se, a partir dos relatos e experiências a que se pôde ter acesso, nunca “(...) um evento acompanhado de todas suas particularidades e sem mistura de elementos estranhos (...)”^{ccxliv} se reproduz durante o sono – esse período em que mais nos abstraímos da *ação presente*, em que mais nos voltamos ao nosso interior e onde nada a não ser nós mesmos está presente –; a formulação bergsoniana

capazes de nos lembrar dele, é porque nós o fixamos ao despertar. Aliás, nós não pudemos o fixar assim senão porque ele permanecia em alguma medida em suspensão na nossa consciência. (...) É sobre essa fixação, bem localizada na nossa duração e no meio de diversas circunstâncias de nossa vida; é nela somente que daí por diante se baseou nossa memória que, então, não penetra de modo algum no mundo do sonho tal qual ele existe antes do despertar^α. Essa fixação, porém, não se efetivada sem violência e deformação, pois, para que fixemos as imagens dos sonhos, que permanecem em nossa consciência como os minúsculos lagos que permanecem nos rochedos depois que o mar se retira^β, é necessário que elas percam sua vivacidade, profundidade e instabilidade particulares.

^α HALBWACHS, *La Psychologie Collective...*, *op.cit.*, p.78.

[On peut dire qu'on se souvient du rêve tant qu'il n'a pas disparu de la conscience, tant qu'il en subsiste quelque chose dans notre organisation psycho-cérébrale. Or, si nous sommes capables de nous le rappeler, c'est parce que nous l'avons fixé au réveil. Nous n'avons pu, d'ailleurs, le fixer ainsi, que parce qu'il demeurait en quelque sorte en suspens dans notre conscience, que nous en étions tout imprégnés. (...) C'est sur cette fixation, bien localisée dans notre durée et au milieu des diverses circonstances de notre vie et c'est sur elle seule qu'a désormais prise notre mémoire, qui alors, d'aucune façon, ne pénétrerait dans le monde du rêve tel qu'il existe avant le réveil.]

^β HALBWACHS, *Les cadres sociaux...*, *op.cit.*, p. 18, *Passim*.

segundo a qual “o passado se conserva por si-próprio, automaticamente”^{ccxlv}, de modo que a memória armazena indiscriminadamente tudo aquilo a que a consciência individual é submetida desde o ventre materno, encontra-se seriamente comprometida.

Isso porque o momento de maior possibilidade de se tocar a totalidade do passado armazenado é, para Bergson, o sonho: o *eu* dos sonhos é a totalidade de meu passado⁹¹. Porém, como não é possível mergulhar na *duração* de uma *lembrança pura* em estado de vigília – dadas as exigências da *atenção presente* –, a conservação integral do passado é tão pouco verificável quando a revivescência de uma lembrança no sonho profundo, de modo que, ou somos levados novamente àquilo que Halbwachs chamou de *mundo sobrenatural dos metafísicos*; ou, ao contrário, a memória não armazena indiscriminadamente tudo aquilo a que somos submetidos. Ainda mais, talvez possamos acrescentar a título de hipótese que, se a memória não armazenar indiscriminadamente tudo aquilo a que somos submetidos, a própria noção de *duração*, “essa vida contínua de uma memória que prolonga o passado no presente”⁹², precisa ser ressignificada para não se esvaír em pura instantaneidade.

⁹¹ “ Você me pergunta o que eu faço quando eu sonho? Eu vou te dizer o que você faz quando você vela. Você me pega – a mim, o eu [moi] dos sonhos, a mim, a totalidade de seu passado – e você me leva, de contração em contração, a me fechar em um círculo muito pequeno que você traça entorno de sua ação presente. (...)”^α. Recuperado também em HALBWACHS, *Les cadres sociaux...*, *op.cit.*, p. 37.

^α BERGSON, *L'Énergie spirituelle...*, *op.cit.*, p. 103.

[« Tu me demandes ce que je fais quand je rêve ? Je vais te dire ce que tu fais quand tu veilles. Tu me prends - moi, le moi des rêves, moi, la totalité de ton passé - et tu m'amènes, de contraction en contraction, à m'enfermer dans le très petit cercle que tu traces autour de ton action présente. (...)]

⁹² Segundo Bergson, “(...) não há estado de alma, por simples que seja, que não mude a todo instante, uma vez que não há consciência sem memória, uma vez que não há continuação de um estado sem a adição, ao sentimento presente, da lembrança dos momentos passados. Nisso consiste a duração. A duração interior é a vida contínua de uma memória que prolonga o passado no presente, seja porque o presente encerra distintamente imagem de uma memória que prolonga o passado no presente, seja porque o presente encerra distintamente a imagem incessantemente crescente do passado, seja, de forma mais provável, porque testemunha, por sua contínua mudança de qualidade, a carga sempre mais pesada que arrastamos atrás de nós à medida que envelhecemos mais. Sem essa sobrevivência do passado no presente, não há duração, mas apenas instantaneidade”^α.

^α BERGSON, Henri. “Introdução à metafísica” in *O pensamento e o movente: ensaios e conferências*. São Paulo: Martins Fontes, pp. 207-208, grifo nosso; e BERGSON, Henri. “Introduction à la Métaphysique” in *La pensée et le mouvant : essais et conférences (1903-1923)*. Paris, PUF : 1969 [1934], p. 127.

[(...) il n'y a pas d'état d'âme, si simple soit-il, qui ne change à tout instant, puisqu'il n'y a pas de conscience sans mémoire, pas de continuation d'un état sans l'addition, au sentiment présent, du souvenir des moments passés. En cela consiste la durée. La durée intérieure est la vie continue d'une mémoire qui prolonge le passé dans le présent, soit que le présent renferme distinctement l'image sans cesse grandissante du passé, soit plutôt qu'il témoigne, par son continuuel changement de qualité, de la charge toujours plus lourde qu'on traîne derrière soi à mesure qu'on vieillit davantage. Sans cette survivance du passé dans le présent, il n'y aurait pas de durée, mais seulement de l'instantanéité.]

De todo modo, o que é central de atentarmos nesse momento é o porquê dessa impossibilidade da memória tal qual apresentada por Henri Bergson; o porquê das condições necessárias para o exercício da memória não se encontrarem realizadas durante o sono. Nesse sentido, Halbwachs nos indica a resposta ainda no primeiro capítulo d’*Os quadros sociais da memória*, onde podemos ler que “(...) entre o pensamento do sonho e o pensamento da vigília há (...) essa diferença fundamental que um e outro não se desenvolvem nos mesmos quadros”^{ccxvi}. Mas o que precisamente deve-se compreender por *quadros*?

* * *

O termo *quadro*⁹³ não é novo no interior da *Escola Francesa de Sociologia*, tendo sido empregado em diversos momentos da obra de Durkheim, na maior parte do tempo em sentido metafórico referindo-se às estruturas gerais mais ou menos fixas de organização da

⁹³ O termo francês *cadre* relaciona-se à “Moldura, caixilho, peça de madeira ou de outra matéria com que se guarnecem os quadros, as obras de pintura, estampas etc || *Arq.* Moldura, orla de pedra ou gesso ornada de esculturas || Caixilho com que os fabricantes de papel seguram a massa na forma || Quadro, conjunto de tubos metálicos que constituem o corpo de uma bicicleta || (...) || *Fig.* Quadro, plano e disposição das partes de uma obra literária. || Quadro, limites contendo um espaço; este mesmo espaço; panorama (...) || Quadro, o conjunto de empregados de uma repartição, dos oficiais e oficiais inferiores de uma companhia, etc.”^α; e ainda: “(...) Entorno, meio, contexto || O que demarca, limita a ação de alguém, de alguma coisa; o que circunscreve um tema || (...) || *Minas.* Conjunto de elementos de madeira ou de metal que estão dispostas em uma secção transversal de um túnel, a fim de evitar o seu desabamento”^β.

Se atentarmos brevemente para algumas das traduções do título do livro de Halbwachs, algo da multiplicidade de sentidos carregados pela palavra *cadres* nos é igualmente acessível. A tradução inglesa apresenta-nos a ideia de *frameworks*^γ, ou seja, uma estrutura ou textura de suporte essencial em torno ou no interior da qual algo pode ser construído (vigamento, treliça, chassis, moldura, batente, etc.); um sistema de leis, ideias e crenças usado para planejar ou decidir algo. Já a tradução espanhola vale-se de *marcos*^δ, isso quer dizer, moldura que rodeia e adorna as extremidades de algo; armação na qual se encaixa uma porta ou um batente; padrão pelo qual se devem regular-se e se contrastar pesos e medidas; medida determinada de altura, largura e espessura a que devem se ater os madeireiros; conjunto de circunstâncias que rodeiam um problema, um assunto ou uma época histórica, âmbito; padrão monetário de alguns países. Por fim, a tradução alemã vale-se de um termo de origem jurídica com sentido bastante genérico, *Bedingung*^ψ, ou seja, condição; demandas das quais o cumprimento de algo depende, cláusula, termo, estipulação.

^α GRANDE DICIONÁRIO FRANCÊS-PORTUGUÊS DE RAMOS DE AZEVEDO. Lisboa: Bertrand, 1952.

^β LAROUSSE DICTIONNAIRE DE LA LANGUE FRANÇAISE, disponível em <http://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/cadre>, acessado em 15 de Agosto de 2012.

^γ *The Social Frameworks of Memory*. Edição, tradução e introdução de Lewis A. Coser. Chicago: University of Chicago Press, 1992.

^δ *Marcos Sociales de la Memoria*. Tradução de Manuel Antonio Baeza, Michel Mujica. Rubi. Barcelona: Anthropos, 2004.

^ψ *Das Gedächtnis und seine sozialen Bedingungen*. Traduzido por Lutz Geldsetzer. Berlim: Suhrkamp Verlag, 1985.

sociedade e do pensamento⁹⁴. Especificamente em sua sociologia do conhecimento, os *quadros* podem ser entendidos enquanto um conjunto de estruturas, esquemas e mecanismos lógicos que constituem uma arquitetura cognitiva que possibilita a atividade intelectual em seu estado normal. Nesse sentido, podemos ler na conclusão d'*Algumas formas primitivas de classificação* que as influências longínquas das estruturas da própria sociedade "(...) deixaram atrás de si um efeito que lhes sobrevive e que está sempre presente: é o próprio quadro de toda classificação, é todo esse conjunto de hábitos mentais em virtude dos quais nós nos representamos os seres e os fatos sob a forma de grupos coordenados e subordinados uns aos outros"^{ccxlvii}

Para além das estruturas do raciocínio classificatório, esses quadros são compostos de um conjunto de noções essenciais que, nos diz Durkheim na introdução d'*As formas elementares da vida religiosa*,

(...) os filósofos, desde Aristóteles, chamam de categorias do entendimento: noções de tempo, de espaço, de gênero, de causa, de substância, de personalidade, etc. Elas correspondem às propriedades mais universais das coisas. São como quadros sólidos que encerram o pensamento; este não parece poder libertar-se deles sem se destruir, pois tudo indica que não podemos pensar objetos que não estejam no tempo ou no espaço, que não sejam numeráveis, etc. As outras noções são contingentes e móveis; concebemos que possam faltar a um homem, a uma sociedade, a uma época, enquanto aquelas nos parecem quase inseparáveis do funcionamento normal do espírito. São como a ossatura da inteligência. (...) ^{ccxlviii}

Notemos que, embora toda categoria do entendimento seja uma noção, nem toda noção é uma categoria do entendimento. Essa diferença, no entanto, restringe-se à imprescindibilidade das categorias ao funcionamento normal do intelecto de *qualquer* indivíduo. Tanto umas quanto outras, porém, são substancialmente equivalentes e reconhecidas por seu caráter geral e impessoal, envolvendo não só a existência individual, mas aquela de toda a humanidade, ou seja, elas são, de certo modo, universalizáveis⁹⁵.

⁹⁴ Numericamente e se atendo às principais obras de Durkheim, temos que *cadre* aparece 20 vezes n'*A divisão do trabalho social*, 4 vezes n'*As regras do método sociológico*, 11 vezes n'*O Suicídio* e 29 vezes n'*As formas elementares da vida religiosa*.

⁹⁵ Durkheim nos diz (...) que se tente, por exemplo, imaginar o que seria a noção de tempo, se puséssemos de lado os procedimentos pelos quais o dividimos, o medimos, o experimentamos através de marcas objetivas, um tempo que não seja uma sucessão de anos, meses, semanas, dias e horas! Seria algo mais ou menos impensável (...) por mais importante que seja essa distinção [entre passado e presente] para nossa experiência privada, ela está longe de bastar para **constituir a noção ou categoria de tempo**. Esta não consiste simplesmente numa

Essa definição de *noção*, ademais, encaminha Durkheim para uma segunda equivalência, a saber, a equivalência entre *noção* e *conceito*. Com efeito, este último

(...) está como que fora do tempo e do devir; está subtraído a toda essa agitação; diríamos que está situado numa região diferente do espírito, mais serena e mais calma. Não se move por si mesmo, por uma evolução interna e espontânea; ao contrário, resiste à mudança. É uma maneira de pensar que, a cada momento do tempo, é fixa e cristalizada. Na medida em que ele é o que deve ser, é imutável. (...) Ao mesmo tempo em que é relativamente imutável, o conceito, se não é universal, pelo menos é universalizável. Um conceito não é meu conceito, é comum a mim e a outros homens ou, em todo caso, pode lhes ser comunicado. (...) O conceito é uma representação humana essencialmente impessoal, é através dele que as inteligências se comunicam. (...) Eles não são abstrações que só teriam realidade nas consciências particulares, mas representações tão concretas quanto as que o indivíduo pode ter de seu meio pessoal, representações que correspondem à maneira como esse ser especial, que é a sociedade, pensa as coisas de experiência própria. Se, de fato, os conceitos são na maioria das vezes ideias gerais, se exprimem categorias de classes em vez de objetos particulares, é que as características singulares e variáveis dos seres só raramente interessam à sociedade. (...) Pensar por conceitos não é simplesmente ver o real pelo lado mais geral, é projetar sobre a sensação uma luz que a ilumina, a penetra e a transforma. Conceber uma coisa é, ao mesmo tempo que apreender melhor seus elementos essenciais, situá-la num conjunto, pois cada civilização tem seu sistema organizado de conceitos que a caracteriza^{ccxlix}.

Os *conceitos* ou *noções* são, deste modo, representações coletivas estáveis e universalizáveis que, por sua impessoalidade e generalidade, possibilitam, no interior de uma civilização, a comunicação entre as inteligências individuais. É justamente por essas

comemoração, parcial ou integral, de nossa vida transcorrida. **É um quadro abstrato e impessoal que envolve não apenas nossa existência individual, mas a da humanidade.** É como um painel limitado, em que toda a duração se mostra sob o olhar do espírito e em que todos os acontecimentos possíveis podem ser situados em relação a pontos de referência fixos e determinados. (...)”^α.

^α DURKHEIM, *As formas elementares...*, *op.cit.*, p. XVI-XVII. [*Les formes élémentaires...*, *op.cit.*, p.21], grifo meu.

[Qu'on essaie, par exemple, de se représenter ce que serait la notion du temps, abstraction faite des procédés par lesquels nous le divisons, le mesurons, l'exprimons au moyen de signes objectifs, un temps qui ne serait pas une succession d'années, de mois, de semaines, de jours, d'heures! Ce serait quelque chose d'à peu près impensable. (...) Mais, si importante que soit cette distinction pour notre expérience privée, il s'en faut qu'elle suffise à constituer **la notion ou catégorie de temps**. Celle-ci ne consiste pas simple-ment dans une commémoration, partielle ou intégrale, de notre vie écoulée. **C'est un cadre abstrait et impersonnel qui enveloppe non seulement notre existence individuelle, mais celle de l'humanité.** C'est comme un tableau illimité où toute la durée est étalée sous le regard de l'esprit et où tous les événements possibles peuvent être situés par rapport à des points de repères fixes et déterminés.]

características que as *categorias do entendimento* são concebidas como conceitos ou noções *por excelências*, tendo elas por função “(...) dominar e envolver todos os outros conceitos: são os marcos [*cadres*] permanentes da vida mental”^{ccl}.

Assim, para Durkheim, os *quadros do entendimento* são um sistema de categorias cujos pilares são as noções de totalidade, tempo, espaço e força – mas que, segundo especificidades civilizacionais, podem ter outros conceitos agregados. Esses sistemas, como dissemos, constituem a arquitetura cognitiva permanente que possibilita a atividade intelectual em seu estado normal, de modo a modular a própria percepção. Porém, isso não quer dizer que eles se reproduzem *ipsis litteris* em cada um dos indivíduos que compõe tal civilização. Muito pelo contrário, eles não são assimilados pelos espíritos individuais senão de forma parcial e incompleta de modo a se efetivar nessa assimilação um determinado grau de retoque, modificação e falsificação. “Daí termos tanta dificuldade em nos entender; daí, muitas vezes até, mentirmos, sem querer, uns aos outros: é que empregamos todos as mesmas palavras sem lhes darmos todos o mesmo sentido”^{ccli}.

Vale destacar que o fundador da *Escola Francesa de Sociologia* baseia-se, em sua fundamentação do sentido de *noção* ou *conceito*, da imperfeita assimilação do *mundo das ideias* realizada pelo *intelecto* [*νοῦς*] platônico; e da generalidade e exterioridade das noções comuns necessárias ao conhecimento racional, como encontramos em Spinoza. Isso quer dizer, a forma de Durkheim apresentar a relação entre as representações individuais e coletivas inspira-se explicitamente, de um lado, na iluminação do real pelo pensamento conceitual – que, pela própria natureza do mundo das ideias, não pode efetivar-se senão mediante uma desnaturalização⁹⁶ –; e, de outro, no *conhecimento de segundo gênero* de

⁹⁶ “Pensar por conceitos não é simplesmente ver o real pelo mais geral, é projetar sobre a sensação uma luz que a ilumina, a penetra e a transforma. Conceber uma coisa é, ao mesmo tempo que apreender melhor seus elementos essenciais, situá-los num conjunto, pois cada civilização tem seu sistema organizado de conceitos que a caracteriza. Diante desse sistema de noções, o espírito individual está na mesma situação que o *νοῦς* de Platão diante do mundo das ideias. Ele se esforça por assimilá-las, pois tem necessidade delas para tratar com seu semelhantes; mas a assimilação é sempre imperfeita. Cada um de nós a vê a seu modo. Há algumas que nos escapam completamente, que permanecem fora do nosso círculo de visão; outras, das quais só percebemos alguns aspectos. Muitas, inclusive, são desnaturadas quando as pensamos, pois, sendo coletivas por natureza, não podem se individualizar sem ser retocadas, modificadas e, conseqüentemente, falseadas”^α.

^α DURKHEIM, *As formas elementares...*, *op.cit.*, p.483-484. [*Les formes élémentaires...*, *op.cit.*, p. 411.

[Penser par concepts, ce n'est pas simplement voir le réel par le côté le plus général ; c'est projeter sur la sensation une lumière qui l'éclaire, la pénètre et la transforme. Concevoir une chose, c'est en même temps qu'en mieux appréhender les éléments essentiels, la situer dans un ensemble ; car chaque civilisation a son système organisé de concepts qui la caractérise. En face de ce système de notions, l'esprit individuel est dans la même situation que le *νοῦς* de Platon en face du monde des Idées. Il

Spinoza – conhecimento que possibilitaria a apreensão das propriedades de uma coisa *sob a espécie da eternidade* [*sub specie aeternitatis*], ou seja, para-além das contingências afectiva⁹⁷.

Assim, seguindo uma longa tradição no interior da história do pensamento filosófico, as próprias características dos *conceitos* ou *noções* fazem com que esses, na obra de Durkheim, oponham-se explicitamente às instáveis e particulares representações sensíveis (sensações, percepções e imagens)⁹⁸. É a partir dessa constatação que as concepções de Maurice Halbwachs sobre os *quadros do entendimento* deslocam-se do pensamento de seu mestre. Mais precisamente, Halbwachs chama a atenção para outros traços das obras de Platão e de Spinoza que possibilitariam repor em outros termos o significado de *noção*.

Com efeito,

(...) o filósofo que passa por ter inventado a teoria das ideias e o que, talvez, mais a aprofundou, não viram de modo algum nas ideias pontos de vista abstratos das coisas das quais não nos fariam conhecer senão as relações e o desenho descolorido; eles tiveram o sentimento, ao contrário, que elas possuíam um conteúdo mais rico que as imagens sensíveis. Em outros termos, a imagem sensível e individual estaria contida na ideia, mas não seria senão uma parte de seu conteúdo. De outro lado, a ideia conteria a imagem (e muitas outras imagens); mas ela seria, ao mesmo tempo, o continente e o conteúdo^{cclii}.

s'efforce de se les assimiler, car il en a besoin pour pouvoir commercer avec ses semblables ; mais l'assimilation est toujours imparfaite. Chacun de nous les voit à sa façon. Il en est qui nous échappent complètement, qui restent en dehors de notre cercle de vision; d'autres, dont nous n'apercevons que certains aspects. Il en est même, et beaucoup, que nous dénaturons en les pensant ; car, comme elles sont collectives par nature, elles ne peuvent s'individualiser sans être retouchées, modifiées et, par conséquent, faussées]

⁹⁷ “Pensar logicamente, com efeito, é sempre, em alguma medida, pensar de maneira impessoal; é também pensar *sub specie aeternitatis*. Impessoalidade, estabilidade: são essas as duas características da verdade. Ora, a vida lógica supõe evidentemente que o homem saiba, ao menos confusamente, que há uma verdade, distinta das aparências sensíveis”^α.

^α DURKHEIM, *As formas elementares...*, *op.cit.*, p. 484. [*Les formes élémentaires...*, *op.cit.*, p. 411]
[Penser logiquement, en effet, c'est toujours, en quelque mesure, penser d'une manière impersonnelle, c'est aussi penser *sub specie aeternitatis*. Impersonnalité, stabilité, telles sont les deux caractéristiques de la vérité. Or la vie logique suppose évidemment que l'homme sait, tout au moins confusément, qu'il y a une vérité, distincte des apparences sensibles.]

⁹⁸ “É por outras características, portanto, que se deve definir o conceito. Ele se opõe às representações sensíveis de toda ordem – sensações, percepções e imagens – pelas propriedades que enumeraremos a seguir.”^α

^α DURKHEIM, *As formas elementares...*, *op.cit.*, p.180. [*Les formes élémentaires...*, *op.cit.*, p. 408]
[C'est donc par d'autres caractères qu'il faut définir le concept. Il s'oppose aux représentations sensibles de tout ordre - sensations, perceptions ou images - par les propriétés suivantes.]

Deste modo, é retomando a realidade dos conceitos platônicos, que designariam não atributos e qualidade, mas sujeitos e pessoas⁹⁹; e o *conhecimento de terceiro gênero* ou *conhecimento intuitivo* de Spinoza, que possibilitaria o conhecimento afectivo da essência das coisas singulares¹⁰⁰; que Halbwachs afirma ser possível, para *completar* as observações de Durkheim no que tange aos quadros do pensamento,

⁹⁹ Na sétima aula de seu curso sobre a *Psicologia Coletiva* Maurice Halbwachs retoma de maneira um pouco mais clara um trecho d'*Os quadros sociais da memória* para explicitar sua leitura de Platão. Aí podemos ler que "(...) [Ulrich von] Wilamowitz-Moellendorff, em seu livro sobre Platão^α, tentou demonstrar que sua teoria estava em relação com os modos de pensar do povo grego em meio ao qual ele a concebeu. Ora, se a imaginação popular ateniense fez deuses de Nikē, de Eros, do Riso, da Morte, da Piedade, da Saúde e da Riqueza, é que ela via aí forças ativas e que os homens sentiam sua ação viva neles e nos outros. Não eram simples personificações, mas não eram tampouco abstrações. Os poetas e os artistas tinham tomado a dianteira. Platão não fez da justiça uma deusa, ele a designava mesmo por uma palavra neutra, τὸ δίκαιόν [tò dikaión]. Mas, para ele, é mais que um conceito, é um ser real, ou, sobretudo, é um conceito que contem em si uma realidade. As ideias platônicas não designam atributos, qualidades; mas sujeitos, se não pessoas^β. Anteriormente, Halbwachs já havia especificado que "(...) sem dúvida, na *República* (507b) a ideia está completamente separada da imagem (embora ela se chame: εἶδος [eidos], que se pode traduzir por: forma), de tal modo que ela pode parecer um conceito lógico. É nessa direção que evoluiu o pensamento de Platão e de seus discípulos, sob a influência da dialética e do ensinamento da Escola. Mas isso é um desenvolvimento ulterior^γ."

^α WILAMOWITZ-MOELLENDORFF, Ulrich von. *Platon: Leben und Werke*. Tomo 1. Berlin: Weidemannsche Buchhandlung, 1920, p. 348 *et seq.*

^β HALBWACHS, *La psychologie...*, *op.cit.*, p. 57.

[Wilamowitz-Moellendorf, dans son livre sur Platon, a essayé de démontrer que sa théorie était en rapport avec les façons de penser du peuple grec au milieu duquel il l'a conçue. Or, si l'imagination populaire athénienne fit des dieux de Niké, d'Eros, du Rire, de la Mort, de la Pitié, de la Santé et de la Richesse, c'est qu'elle y voyait des forces actives, et que les hommes en sentaient l'action vivante en eux et chez les autres. Ce n'était pas de simples personifications, mais ce n'était pas non plus des abstractions. Les poètes et les artistes avaient pris les devants. Platon ne fait pas de la justice, une déesse, il la désigne même d'un mot neutre, τὸ δίκαιόν. Mais, pour lui, c'est plus même qu'un concept, c'est un être réel, ou plutôt c'est un concept qui contient en lui toute une réalité. Les idées platoniciennes ne désignent pas des attributs, des qualités, mais des sujets, si non des personnes.]

^γ HALBWACHS, *Les cadres...*, *op.cit.*, p. 280, nota 1.

[(...) Sans doute, dans la *République* (507 b) l'idée est tout à fait séparée de l'image (bien qu'elle s'appelle : εἶδος, qu'on peut traduire par : forme), de telle sorte qu'elle peut paraître un concept logique. C'est dans cette direction que devait évoluer la pensée de Platon et de ses disciples, sous l'influence de la dialectique et de l'enseignement de L'École. Mais c'est là un développement ultérieur.]

¹⁰⁰ Halbwachs aponta que "(...) Spinoza não viu nos conceitos ou noções comuns senão um modo de pensamento imperfeito e truncado. Há, segundo ele, um gênero de conhecimento ao mesmo tempo mais elevado e mais adequado, que nos representa não as propriedades abstratas das coisas, mas as "essências particulares" dos seres, como se o verdadeiro objeto de nossa atividade intelectual fosse atingir ou procurar apreender uma realidade ao mesmo tempo racional e pessoal^α". Para mais detalhes sobre o *conhecimento de terceiro gênero* na obra de Spinoza o livro de Gilles Deleuze^β, o artigo de Margaret D. Wilson^γ e a dissertação de mestrado de Érika B. Lima^δ.

^α HALBWACHS, *Les cadres...*, *op.cit.*, p. 280.

[Mais, d'autre part, Spinoza n'a vu dans les concepts ou notions communes qu'un mode de pensée imparfait et tronqué. Il y a, d'après lui, un genre de connaissance à la fois plus élevée et plus adéquate, qui nous représente non pas les propriétés abstraites des choses, mais les « essences particulières » des êtres, comme si l'objet véritable de notre activité intellectuelle était d'atteindre ou de chercher à saisir une réalité à la fois rationnelle et personnelle.]

^β Spinoza e o problema da expressão. [??] Sobretudo Capítulo 18 e 19.

(...) observar que, com efeito, o conceito ou a ideia não está, comparadas às percepções e às imagens, como o continente em face do conteúdo, isso quer dizer, um quadro vazio. Em vez disso, no conceito há simultaneamente o quadro e todo o que ele encerra: o continente e o conteúdo. Logo, o que distingue o conceito da representação individual é que ela compreende, além dessa, todas as outras representações correspondendo ao mesmo objeto, nos outros membros do grupo^{ccliii}.

Em primeiro lugar, vale destacar, essa nova volta no parafuso dada por Halbwachs está diretamente atrelada ao campo de estudos sobre o qual ele se debruça, a saber, a memória. Com efeito, se para Durkheim os *quadros* do pensamento estão fixados no espírito individual sob a forma de lembranças, ele não põe em questão o *modus operandi* dos mecanismos mnemônicos, de modo que os *quadros* aparecem como exteriores àquilo que estruturam, modulam, organizam e classificam. Ao transformar em questão os próprios mecanismos através dos quais nossas sensações transformam-se em percepções e se fixam em nosso espírito sob a forma de lembrança; Halbwachs vê-se confrontado com algo novo, a saber, os *quadros* do pensamento são lembranças que estruturam, modulam e organizam outras lembranças. Isso quer dizer que não há uma diferença de natureza entre o que estrutura, modula e organiza e aquilo que é estruturado, modulado e organizado; entre as lembranças que desempenham o papel de noções e outra lembrança qualquer.

Os quadros da memória estão, ao mesmo tempo, na duração e fora dela. Fora da duração, eles comunicam às imagens e às lembranças concretas das quais eles são feitos um pouco de sua estabilidade e de sua generalidade. Mas eles se deixam tomar em parte pelo curso do tempo. Eles se assemelham à essas jangadas para o transporte de toras de madeira [*trains de bois*] que descem ao longo do curso d'água tão lentamente que se pode passar sobre elas de uma borda à outra e, no entanto, elas seguem e não são imóveis. É assim com os quadros da memória: pode-se, lhes seguindo, passar sem problemas de uma noção à outra, todas as duas gerais e atemporais, por uma série de reflexões e de raciocínios; como descer ou subir o curso do tempo, de uma lembrança à outra. Mais exatamente, segundo o sentido que se escolhe para lhe percorrer, que se suba a corrente, ou que se passe de uma margem à outra, as mesmas representações nos pareceram ora lembranças, e ora noções ou ideias gerais^{ccliv}.

^Y “Spinoza’s theory of knowledge” in GARRET, Don (org.). *The Cambridge Companion to Spinoza*. Londre: Cambridge University Press, 1995, pp. 89-114.

^ψ *A trajetória para a beatitude em Benedictus Spinoza*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual do Ceará (UECE), 2009

Isso nos leva, por conseguinte, a perceber que, assim como uma lembrança qualquer é rica em conteúdo, as noções também o são. Nas palavras de Halbwachs,

(...) nós diremos, então, que há em toda imagem, por mais única que ela seja, um aspecto geral, pelo qual ela se atrela a um conjunto de noções presentes na consciência. Nós encontramos e reestabelecemos, assim, a continuidade entre a imagem e o quadro; e explicamos, posto que este [o quadro] é feito completamente de estados psíquicos, que entre o quadro e a imagem possa haver uma troca de substância, e mesmo que o quadro baste para reconstituir a imagem^{cclv}.

Em segundo lugar, atentemos para o fato das formulações de Halbwachs sobre os quadros do entendimento nos serem apresentadas como um *complemento* àquilo que Durkheim já havia expressado n'*As formas elementares da vida religiosa*. Porém, retomar um primeiro momento da obra de Platão e, sobretudo, destacar o caráter *imperfeito e truncado* do conhecimento racional para Spinoza, não nos parece ser senão uma forma de, com luvas de pelica, apontar os limiares do pensamento próprio Durkheim. Isso porque, como nos indica Érika B. de Lima sobre a relação entre o *segundo* e o *terceiro gênero de conhecimento*, ou seja, entre o conhecimento racional e o intuitivo,

(...) pelas noções comuns percebemos as coisas necessárias, pelas propriedades comuns que estas possuem, seguindo a ordem dedutiva. Todavia, o que existe em comum entre as coisas não constitui a sua essência singular, dado que a essência não pode ser inferida pelo mecanismo racional que é a base do segundo gênero de conhecimento. A essência singular é apreendida pela intuição, donde esta é precedida por ideias adequadas da essência de Deus. Pela intuição percebemos nossa íntima relação com Deus, daí resulta nossa salvação ou beatitude^{cclvi}.

Desse modo, o terceiro gênero do conhecimento não só é, para Spinoza, o esforço supremo da mente, como também a virtude suprema. Ele não deve ser entendido como um *complemento* do conhecimento racional, mas sim como sua *superação*. É precisamente nesse sentido que poderíamos dizer, com sotaque durkheimiano, que *não é por acaso que Platão e Spinoza são convidados à cena*: essa releitura de diferentes momentos dos mesmos autores, na mesma ordem, sobre o mesmo tema; indica-nos um deslocamento na continuidade; uma

reorientação da maneira de pensar a relação entre as representações individuais e as representações coletivas e, conseqüentemente, do sentido da explicação sociológica¹⁰¹.

Com efeito, nos diz Halbwachs na conclusão d'*Os quadros sociais da memória*,

(...) se o pensamento social não contivesse senão noções puramente abstratas, a inteligência do indivíduo se explicaria pela sociedade: por ela, ele participaria ao pensamento coletivo. Mas entre as imagens e as ideias, haveria uma diferença de tal natureza que não se poderia derivar aquelas dessas. Se, ao contrário, as noções coletivas não são “conceitos”, se a sociedade não pode pensar senão por ocasião de fatos, de pessoas, de eventos; não há ideia sem imagens: mais precisamente, ideia e imagem não designam dois elementos de nossos estados de consciência – um social, outro individual –, mas dois pontos de vista de onde a sociedade pode encarar ao mesmo tempo os mesmos objetos, que ela lhes posiciona no conjunto de suas noções, ou em sua via e sua história^{cclvii}.

Temos, pois, que os *quadros do pensamento* são entendidos na obra de Maurice Halbwachs em um sentido bastante próximo àquele que lhes fora atribuído por Durkheim, a saber, o de uma arquitetura cognitiva que possibilita a atividade intelectual em seu estado normal. Tal arquitetura é constituída por sistemas de *noções* que estruturam, modulam e organizam nossa interação conosco e com o mundo, mas que – e essa é a novidade de Maurice Halbwachs – não são representações abstratas, formas vazias; muito ao contrário, as *noções* são representações coletivas que carregam consigo uma riqueza de conteúdo¹⁰².

¹⁰¹ Essa renovação da maneira de pensar a explicação (e, portanto, a *causalidade*) sociológica, é mais perceptível no tratamento que Maurice Halbwachs dá ao suicídio^α, muito embora, como nos apontam com razão Eric Brian e Marie Jaisson, as origens dessa mudança encontrem-se textualmente articuladas, mas não completamente desenvolvidas, na crítica ao *homem médio* de Quetelet desenvolvida em sua tese complementar em letras^β.

^α Ver : HALBWACHS, Maurice. *Les causes du suicide*. Paris: PUF, 2002 [1930], sobretudo a Conclusão; e também Keck Frédéric, « Vie sociale et genres de vie : Une lecture des Causes du suicide de Maurice Halbwachs » in *Revue d'Histoire des Sciences Humaines*, vol.2, no 13, 2005, p. 33-50.

^β Ver : BRIAN, Eric & JAISSEON, Marie. « Nombre et mémoire : Halbwachs sociologue probabiliste » in Hermann Krapoth und Denis Laborde (ORG.). *Erinnerung und Gesellschaft: Hommage zum Werk und Wirkung von Maurice Halbwachs*. Wiesbaden: Budrich und Leske Verlag, 2005; e também BRIAN, Eric. “Maurice Halbwachs: ou l’invention de la complexité sociale” in HALBWACHS, Maurice. *La théorie de l’homme moyen : essai sur Quetelet et la statistique morale*. Chilly-Mazarin : ScienceS en Situation, 2010 [1912].

¹⁰² Também para Halbwachs há, dentre esses *sistemas de noções*, um conjunto muito particular chamado de *categorias do entendimento* (ou *quadros do entendimento*) que contém, além das noções de *totalidade*, *tempo*, *espaço* e *força* (já presentes em Durkheim); as noções de *evolução*, de *infinito* e de *indivíduo*. Nesse sentido, nos diz Halbwachs em seu curso sobre a *Psicologia Coletiva* que “(...) mesmo que Durkheim não tenha falado explicitamente dessas três noções – força, infinito e indivíduo –, a explicação que ele deu às categorias do

Podemos, assim, voltar à resposta de Halbwachs ao por quê da impossibilidade da memória como apresentada por Bergson; ao por quê das condições necessárias para o exercício da memória não se encontrarem realizadas durante o sono, a saber, o fato de o pensamento do sonho e o pensamento da vigília não se desenvolverem nos mesmos *quadros*, ou seja, de a arquitetura cognitiva que possibilita a atividade intelectual em seu estado normal durante a vigília não ser *idêntica* àquela em vigor durante o momento em que mais nos isolamos. Assim, se durante o sonho

(...) experimentamos vagas impressões sensíveis, em todo caso, nós não as *percebemos* mais. O que falta é a percepção e, mais exatamente, o que falta é o que distingue a percepção da simples sensação, isso quer dizer, os quadros nos quais se organizam nossas percepções, os quadros de espaço, de tempo, grupos familiares de objetos, de pessoas, segundo relações de causalidade, de afinidade, de semelhança; mas, sobretudo, quadros desse gênero que estão em nosso espírito porque estão no de todos os outros, porque eles correspondem aos modos de pensar e de classificar da sociedade^{cclviii}.

Notemos que a afirmar a “falta” de tais *quadros* não é afirmar que não haja *quadros* durante o pensamento do sonho. Tampouco é afirmar que, nesse período, nosso pensamento organize-se em *quadros-outros* – talvez mais naturais, inatos, fisiológicos ou produtos do próprio espírito. O que se afirma é a não identidade entre os *quadros* do pensamento da vigília e do pensamento do sonho, ou seja, durante o sono, o que temos é a deformação e o empobrecimento do conteúdo das noções que estruturam, modulam e organizam nosso pensamento na vigília, especialmente dos quadros do *espaço*, cuja representação do todo é perdida¹⁰³; dos quadros do *tempo*, de cujos pontos de referência socialmente estabelecidos esvaem-se¹⁰⁴; e os quadros da *linguagem*, do qual não nos restam senão fragmentos¹⁰⁵.

pensamento, bem como sua concepção geral da passagem das sociedades segmentares a formas mais extensas e menos integradas, fundamenta essa dedução lógica que muitos fatos poderiam confirmar”^α.

^α HALBWACHS, *La psychologie...*, *op.cit.*, p 61.

[Bien que Durkheim n’ait point parlé explicitement de ces trois notions d’évolution, d’infini et d’individu, l’explication qu’il a donnée des catégories de la pensée, aussi bien que sa conception générale du passage des sociétés segmentaires à des formes plus étendues et moins intégrées, fondent cette déduction que beaucoup des faits pourraient confirmer.]

¹⁰³ “(...) Basta, para que nós não nos sintamos perdidos, que nós nos vejamos no sonho em meio a um “pedaço do espaço” [*coin d’espace*] do qual nós apreciamos vagamente a extensão e a orientação, ou no qual nós localizamos grosseiramente alguns objetos, como se acendêssemos uma tocha em uma noite somente para

entrevier as formas mais vizinhas e sem que se saiba, aliás, onde, em qual lugar de uma localidade conhecida estamos localizados. Essa sensação de espaço bastaria a um homem isolado e que não viveria senão no presente; ela lhe permitiria se manter de pé, dar alguns passos sem ter vertigem e alguns gestos úteis sem muito tatear. Em contrapartida, reduzido a ela, ele não poderia nem explicar aos outros onde ele se dirigiu, nem coordenar suas idas e vindas com as deles e sobre a posição dos principais pontos de apoio da sociedade”^α.

^α HALBWACHS, *Les cadres...*, *op.cit.*, p.51.

[Il suffit, pour que nous ne nous sentions pas perdus, que nous nous voyions en rêve dans un « coin d'espace » dont nous apprécions vaguement l'étendue et l'orientation, ou plutôt dans lequel nous localisons grossièrement quelques objets, à peu près comme si on allumait une torche dans la nuit juste assez pour entrevoir les formes les plus voisines, et sans qu'on sache d'ailleurs où, en quel endroit d'un pays familier on est placé. Cette sensation d'espace suffirait à un homme isolé et qui ne vivrait que dans le présent ; elle lui permettrait de se tenir debout, de faire quelques pas sans avoir le vertige, et quelques gestes utiles sans trop tâtonner : en revanche, réduit à elle, il ne pourrait ni expliquer aux autres où il s'est dirigé, ni régler ses allées et venues sur les leurs, et sur la position des principaux points de repère de la société.]

¹⁰⁴ “(...) compreende-se bem [no sonho] o que é antes e depois, distingue-se bem os períodos onde os eventos se precipitam, outros onde eles se retardam e onde se está em um estado de espera e de impaciência, tem-se mesmo o sentimento de um passado longínquo, pensa-se em eventos ou a personagens históricos que pertencem a um outro século; mas todos esses dados temporais não se acordam entre si: eles são descontínuos, arbitrários, por vezes falsos. Se, quando nós sonhamos, cremos estar sempre no presente, se trata de um presente imaginário e que não se situa em um ponto dado do tempo em relação a nada: (...) nós não estamos nem no futuro, nem no passado; mas nós não estamos tampouco no presente real, isso quer dizer, em um momento que nós e nossos semelhantes podemos situar em relação às outras divisões e períodos do tempo”^α.

^α HALBWACHS, *Les cadres...*, *op.cit.*, p.52.

[on comprend bien ce que c'est qu'avant et après, on distingue des périodes où les événements se précipitent, d'autres où ils se ralentissent et où on est en un état d'attente et d'impatience, on a même le sentiment d'un passé lointain, on pense à des événements ou à des personnages historiques qui appartiennent à un autre siècle ; mais toutes ces données temporelles ne se raccordent pas entre elles : elles sont discontinues, arbitraires, quelquefois faus-ses. Si nous croyons toujours être dans le présent, quand nous rêvons, il s'agit d'un présent imaginaire, et qui ne se situe en un point donné du temps par rapport à rien : (...) nous ne sommes ni dans l'avenir, ni dans le passé; mais nous ne sommes pas non plus dans le présent réel, c'est-à-dire dans un moment que nous et nos semblables puissions situer par rapport aux autres divisions et périodes du temps.]

¹⁰⁵ “(...) Certamente, quando nós sonhamos, acontece de pronunciarmos palavras; nós cremos, em todo caso, as pronunciar ou as ouvir. Elas não estão privadas de sentido e se aplicam aproximadamente aos objetos e aos eventos de nosso sonho, mesmo que se produzam, desse ponto de vista, muitas confusões e mudanças de sentido. É que, mesmo no sonho, todo contato entre a sociedade e nosso espírito não está completamente suprimido. Mas o que subsiste então são fragmentos da linguagem. Em contrapartida, nós não somos capazes de associar as palavras em frases e as frases em orações coerentes, segundo as convenções fixadas pela sociedade. Nós nos assemelhamos a esses afásicos descritos pelo médico [Henry] Head, que retém as palavras que designam os objetos contidos em um quarto, ou os monumentos, as praças e as ruas principais de uma cidade, mas que são incapazes de lhes associar de modo a descrever a posição relativa desses objetos no quarto, ou o caminho que é preciso seguir através da cidade para chegar a tal ou tal monumento e para ir de uma rua a outra.(...)”^α.

^α HALBWACHS, *La Psychologie...*, *op.cit.*, p. 80.

[Certes, quand nous rêvons, il arrive que nous prononcions des mots ; nous croyons, en tout cas, les prononcer ou les entendre. Ils ne sont pas privés de sens, et s'appliquent à peu près aux objets et aux événements de notre rêve, bien qu'il se produise à cet égard beaucoup de confusions et de changements de sens. C'est que, même dans le rêves, tout contact entre la société et notre esprit n'est pas entièrement supprimé. Mais ce qui subsiste alors ce sont des fragments du langage. En revanche, nous ne sommes pas capables d'associer les mots en phrases et les phrases en récits cohérents, suivant les conventions fixées par la société. Nous ressemblons à ces aphasiques décrits par le médecin Head, qui ont bien retenu les mots qui désignent les objets contenus dans une chambre, ou les monuments, les places et rues principales d'une ville, mais qui sont incapables de les associer de façon à décrire la

Ora, é tal deformação e empobrecimento dos quadros que torna impossível o ressurgimento de uma lembrança *stricto sensu* durante o sonho. Isso porque, dado que nossa percepção é estruturada, modulada e ordenada por esses quadros que nos advém da sociedade e dos grupos sociais dos quais fazemos e fizemos parte; é somente na medida em que dispomos desses sistemas de referências que podemos acessar, igualmente, as lembranças alocadas através deles. Dito de outra forma, e é nesse sentido que se pode falar de *quadros sociais da memória*,

(...) as lembranças não reaparecem sozinhas, espontaneamente, por consequência de modificações cerebrais que se explicariam pelo nosso organismo, ou por ocasião de nossas sensações, por um jogo de imagens estreitamente pessoais. É preciso que nós reconstruamos o passado e, para isso, é preciso um esforço de reflexão que se apoia sobre todo um conjunto de noções não somente de ideias, mas de fatos, de eventos, de lugares, de tempo, de pessoas, que são comuns a nós e aos outros, que se conservam em seus espíritos ao mesmo tempo em que no nosso, porque nós vivemos juntos, associados, em grupos^{cclix}.

De um lado, notemos que – e isso é extremamente importante – Halbwachs destaca que os *quadros* necessários à memória não compreendem somente as categorias do pensamento – noções bastante fixas e socialmente extensas. Isso porque, cada um dos grupos mais ou menos extensos em que estivemos engajados em um determinado momento contém uma estrutura de relações relativas, interna e externamente; um sistema de valores, de preocupações, de necessidades, de preconceitos etc., que constituem seus quadros ou, em outros termos, a *memória coletiva* do grupo. Desse modo, como cada indivíduo engaja-se simultânea e desigualmente em vários grupos, os quadros do pensamento de um determinado indivíduo em um determinado momento serão compostos pela interpenetração das apreensões individuais dos quadros dos *n* grupos em que ele toma e tomou parte segundo a ordem da intensidade de seu engajamento em cada um desses grupos.

Mas a relação entre os quadros do pensamento individual e os do pensamento do grupo não é passiva. Ao contrário,

(...) cada vez que nós reposicionamos [*replaçons*] uma de nossas impressões no quadro de nossos pensamentos atuais, o quadro transforma a impressão, mas a

position relative de ces objets dans la chambre, ou le chemin qu'il faut suivre à travers la ville pour atteindre tel ou tel monument, et pour aller d'une rue dans une autre. (...)]

impressão, por sua vez, modifica o quadro. É um momento novo, é um lugar novo, que se adiciona ao nosso tempo, ao nosso espaço; é um aspecto novo de nosso grupo que nos faz ver sob um outro ângulo [*sous un autre jour*]. Daí o trabalho perpétuo de readaptação que nos obriga, por ocasião de cada evento presente, a voltar ao conjunto de noções elaboradas por ocasião de eventos anteriores^{cclx}.

De outro lado, para Halbwachs a atividade mnemônica não é um mergulho no interior de nosso espírito, de modo a nos deslocarmos da atenção presente e descobrirmos, através de um processo de revisão da sequência de fatos transcorridos ou de associação de ideias, imagens passadas. Ao contrário, a rememoração seria um esforço intelectual intenso, análogo ao raciocínio – ou seja, a “(...) esse gênero de atividade do espírito que nos permite compreender o que pensam os outros e de pensar em comum com eles”^{cclxi}.

Detenhamo-nos um pouco mais nesse ponto. É consenso na psicologia euro-estadunidense do início do século XX cindir a atividade mnemônica em dois processos: o *reconhecimento* e a *localização* de uma determinada lembrança. O primeiro processo indica o sentimento de que uma imagem que atravessa nosso espírito no presente já o fizera outrora; o segundo indica a posse de uma ideia mais ou menos precisa do momento em que adquirimos tal lembrança. Assim, não haveria uma lembrança localizada que não fosse reconhecida, mas muitas das lembranças que reconhecemos seriam impossíveis de se localizar. Ademais, somente o processo de *localização* envolveria uma forte atividade intelectual análoga ao raciocínio e somente nele seriam postos em jogo noções que proviriam do mundo social a que pertencemos, sendo o *reconhecimento* uma atividade estritamente individual no qual meu espírito confronta a percepção presente com as lembranças passadas visando estabelecer a identidade.

Halbwachs crê, porém, que entre tais processos há somente uma diferença de grau. Não só através de uma data ou local nos é possível evocar e reconhecer uma série de lembranças, como uma lembrança reconhecida nos reporta a determinadas zonas da vida social a que ela se vincula:

(...) eu não sei exatamente quando eu aprendi tais palavras de uma língua, mas eu bem sei que foi quando eu me encontrava em relação, seja diretamente, seja através de livros, com o conjunto de homens que a falam ou a falaram. Eu não sei quando eu escutei tal sonata, mas eu sei que foi em um concerto, ou na casa de amigos músicos, isso quer dizer, em um grupo formado em razão de preocupações

artísticas. Em outros termos, eu posso sempre indicar em qual zona da vida social essa lembrança teve nascimento. (...) [De modo que] o reconhecimento já se acompanha de uma primeira tentativa de localização. [Quando encontramos uma pessoa com um rosto familiar em meio à multidão,] nós nos voltamos em pensamento aos diversos grupos sociais – parentes, amigos, companheiros de viagem, amigos de infância, etc. – e nós nos perguntamos a qual deles pertence essa pessoa; nós procuramos de onde vem a ordem de a reconhecer, que ela nos transmite, mas que certamente emana de uma coletividade da qual nós fizemos ou nós fazemos ainda parte. Entre essa localização geral, que se confunde quase com o sentimento do *déjà vu*, e a localização rigorosa de que falam os psicólogos, não há senão uma diferença de grau. Não há reconhecimento que não seja um começo de localização, isso quer dizer, onde já se misturam reflexões, sob a forma, ao menos, de interrogação^{cclxii}.

O processo de localização de uma lembrança já reconhecida é igualmente um espaço de disputa entre os psicólogos. Se, a partir dos caminhos abertos por Hippolyte Taine^{cclxiii}, a localização era entendida um mergulho na massa de lembranças de modo a se aproximar de mais em mais da posição ocupada por uma determinada lembrança; já Bergson apresentara os limites e grande espaço deixado ao acaso nessa leitura. Substituindo-a por uma hipótese apresentada no terceiro capítulo de *Matéria e Memória*, o filósofo entenderia que o trabalho de localização consistiria em um “esforço de *expansão*, através da qual a memória, sempre presente por inteiro nela mesma, estende suas lembranças sobre uma superfície cada vez mais ampla e acaba por distinguir assim, num amontoado até então confuso, a lembrança que não encontrava seu lugar”^{cclxiv}. Essa expansão da memória orientar-se-ia segundo lembranças dominantes que seriam como “pontos luminosos” em torno das quais massas de lembranças nebulosas apoiar-se-iam:

(...) tudo se passa como se, tendo de encontrar uma cidade e sua localização, nós pegássemos sucessivamente mapas em uma escala cada vez maior, até que um dentre eles contenha a cidade em questão: exploração em profundidade, depois em largura, no espaço-tempo. É bem isso que ele [Bergson] entende pela expansão ou dilatação da memória. (...) Entretanto, tal método nos dá, ao mesmo tempo, muito e não o bastante^{cclxv}.

Para Halbwachs, o grande problema dessa hipótese bergsoniana encontra-se no fato dela supor a necessidade de abarcar, de uma só vez, a totalidade das lembranças de igual importância para que possamos localizar uma das percepções registradas em nossa

memória; de modo que, à medida que tomamos mapas cada vez mais detalhados, mais provavelmente nos perderíamos na massa de informações aí dispostas. Ademais, por que nos deslocaríamos preferencialmente em direção tal região do passado e não em relação à outra qualquer, se não se quer ter o acaso como critério de seleção?

Com efeito, para Halbwachs, quando buscamos localizar uma cidade em um mapa suficientemente detalhado, nós não percorrendo todos os nomes das cidades nele presentes até encontrá-la. Para localizar uma determinada cidade,

(...) no lugar de uma carta muito detalhada, eu posso ter a minha disposição várias cartas de uma país, uma onde estão desenhados os rios e as cadeias de montanha; outro que indica a divisão em departamentos; um terceiro, aquela da rede de estradas de ferro com as grandes estações. Se eu sei que uma cidade dada se encontra em tal divisão administrativa, sobre tal linha de estrada de ferro, na proximidade de tal rio, eu determinarei a localização de modo muito aproximado. Ora, nos parece que a memória, em geral, não procede de outro modo. Ela dispõe de quadros que são simples e aos quais ela se refere bastante frequentemente, para que possa dizer que ela lhes porta sempre consigo. Ela pode, em todo caso, lhes reconstruir a todo momento, pois eles são feitos de noções que intervêm sem cessar em seu pensamento e no dos outros, e que se impõem a ela com a mesma autoridade que as formas de linguagem^{cclxvi}.

Notemos, assim, que a maior ou menor riqueza de detalhes de uma lembrança depende de nossa capacidade de reconstruir, a partir dos quadros presentes, o conjunto dos quadros que estruturavam, modulavam e organizavam nosso pensamento num determinado momento.

Mas essa reconstrução é sempre aproximativa e é por isso que muitos dos elementos pessoais de nossas impressões antigas nos escapam e desaparecem, porque eles passam de certa maneira através das malhas da memória coletiva, à qual nós participamos como todos os membros de nosso grupo. Nesse sentido, o esquecimento se explicaria pelo indivíduo, pelo que há de individual em nossas impressões; e a lembrança, pelo que aí encontramos de social, isso quer dizer, por aquilo sobre o que o pensamento social tem influência [*a quelque prise*]^{cclxvii}.

À perda das impressões estritamente individuais, incomunicáveis; deve-se acrescentar que, entre o momento em que fixamos a lembrança e o momento no qual tentamos lhe acessar, os quadros de nosso intelecto não terem permanecido inalterados. Desse modo, para

podermos nos colocar do ponto de vista de outrora, tão importante quanto o que se deveria saber, é o que se deveria esquecer, noz diz Halbwachs retomando Anatole France em *Vida de Joana d'Arc*^{ccxviii}. Mas aqui o problema é posto em termos inversos: é porque lembramos que esquecemos. Ou seja, é justamente por não podermos nos desvencilhar de todas essas transformações sofridas pelos quadros de nosso pensamento no referido intervalo de tempo que a lembrança é necessariamente aproximativa, quando não dedutiva e/ou imaginativa: “(...) se algumas lembranças não reaparecem, não é porque elas são muito antigas e elas esvaíram-se lentamente; mas [porque] elas estavam enquadradas outrora em um sistema de noções em que elas não se encontram mais hoje”^{ccclix}.

Com efeito,

(...) se, após certo tempo, muitas lembranças nos escapam, é porque nós não vivemos mais no meio das mesmas pessoas. Muitos dos testemunhos que poderiam nos lembrar de eventos antigos desapareceram. Basta, às vezes, que nós mudemos de lugar, de profissão; que nós passemos de uma família a outra; que, sobretudo, algum grande evento tal qual uma guerra ou uma revolução transforme profundamente o meio social que nos encerra; para que de períodos inteiros de nosso passado não nos reste senão um número bem pequeno de lembranças. Ao contrário, uma viagem a um país em que passamos nossa juventude e o encontro repentino com um amigo de infância tem por efeito acordar e refrescar nossa memória. Nossas lembranças não estavam abolidas. Mas elas se conservavam na memória dos grupos^{ccclx}.

Dizer que as memórias individuais se conservavam na memória dos grupos é dizer que somente na medida em que somos capazes de recompor os quadros de um determinado grupo e, com isso, sua *memória coletiva*, é que podemos ter acesso a uma determinada lembrança individual.

Assim, antes de avançarmos, recuperemos algumas das etapas essenciais do sentido da memória na obra do sociólogo francês. Como dissemos, para Maurice Halbwachs cada um dos grupos existentes na sociedade em um determinado momento apresenta um sistema de *noções* que lhe é próprio e do qual seus membros se valem para estruturar, modular e organizar suas vidas intelectuais – mas cuja apreensão individual é sempre desnaturada. Ora, como para Halbwachs as *noções* confundem continente e conteúdo, tais *quadros* conformam igualmente uma *memória coletiva* do grupo.

No jogo da vida social, porém, cada indivíduo participa simultaneamente de diversos grupos, de modo que os quadros do seu pensamento não são senão o resultado da interpenetração dos quadros dos diversos grupos em que ele está ou esteve engajado. É justamente o grau relativo de engajamento individual que determina a maior ou menor importância e estabilidade dos quadros de um determinado grupo na arquitetura de seu intelecto. Ora, como é através desses quadros que nossa consciência estrutura, modula e organiza nossa interação com o mundo, convertendo em percepções as simples sensações; é também através deles que nossas *lembranças* são constituídas e armazenadas em nossa consciência.

Deste modo, como tais *quadros* são igualmente as *memórias coletivas* dos grupos, o acesso individual a uma determinada lembrança, bem como sua maior ou menor riqueza de detalhes, depende da capacidade de se reconstruir as memórias coletivas dos grupos nos quais tomávamos parte em um determinado momento a partir dos quadros de nossa memória presente: lembrar é reconstruir o passado à luz do presente.

Nos capítulos quinto, sexto e sétimo d'*Os quadros sociais da memória*, que figuram uma espécie de segunda parte de tal obra, Halbwachs altera a perspectiva do problema, encarando-lhe, agora, do ponto de vista dos grupos, cujas memórias coletivas são parte essencial. Nos termos do próprio sociólogo,

(...) nós nos ativemos até agora a observar e assinalar tudo o que entra de social nas lembranças individuais, isso quer dizer, nisso em que cada homem reencontra o próprio passado e crê frequentemente não encontrar nada senão isso. Agora que nós reconhecemos a qual ponto o indivíduo está, desse ponto de vista como de tantos outros, na dependência da sociedade, é natural que nós consideremos o grupo ele mesmo como capaz de se lembrar e que nós atribuamos uma memória à família, por exemplo, bem como a todo outro conjunto coletivo^{cclxxi}.

Assim, Halbwachs percorre os traços gerais das memórias coletivas nos grupos familiares, nas sociedades religiosas e nas classes sociais. Embora cada uma dessas memórias guarde sua importância relativa a diferentes momentos da obra de Halbwachs – afinal, como não atentar a esse que é o primeiro grupo a que estamos atrelados e através do qual *intuímos* o conhecimento de terceiro gênero? Ou então, como entender a posição na

nobreza no sistema de classes e a caracterização do operariado como a *classe sem memória* sem entender o sentido que Halbwachs atribui à memória das classes sociais? –; nossa atenção concentrar-se-á na memória dos grupos religiosos.

A análise de Halbwachs toma como eixo o caso privilegiado da memória cristã, a partir da qual se tenta dar materialidade ao paradoxo entre a ruptura e a continuidade próprio ao funcionamento da memória coletiva. Segundo nos aponta, para mostrar

(...) melhor a originalidade da doutrina cristã, os fundadores do cristianismo, em particular são Paulo, o opõem ao judaísmo tradicional: é em termos tirados do Antigo Testamento – e por interpretação de profecias que os judeus não entenderam senão no sentido literal e que a nova religião penetra com seu espírito – que esta se define. Paulo considera que o reino da Lei deveu preceder o reino da Graça e que foi preciso que os homens aprendessem de início o que era só o pecado, para que a fé no Espírito e a misericórdia libertassem-nos dele. Longe de anular a Lei pela Fé, Paulo crê que o cristianismo a confirma^{cclxxii}.

Deste modo, o cristianismo erige sua catedral sobre os alicerces da sinagoga que ruía com seus ataques. A Igreja vai levantando suas paredes através da reconstrução da memória dos eventos ligados a vida do Cristo, estabilizando-lhes por meio de uma gradativa ritualização que lhes faz parecer existir fora do tempo¹⁰⁶; mas que, na medida em que o grupo religioso se distancia no tempo e no espaço dos eventos que compõe sua origem, tornam necessário um trabalho mitológico de reinterpretação que “(...) altera progressivamente o sentido, senão a forma, de antigas instituições”^{cclxxiii}. Ora, o que temos indicado nesse processo simultâneo de reinterpretação e fixação é o nascimento de um conjunto de teses fundamentais à determinada religião; de um *dogma*, que resultaria, assim,

¹⁰⁶ É justamente a transformação de lembranças localizadas no tempo e no espaço no fundamento de uma verdade atemporal e universal o que, segundo indicam Danièle Hervieu-Léger e Jean-Paul Willaime, constitui o caráter religioso de uma crença para Halbwachs. Notemos que Halbwachs apresenta, desse modo, a religião como uma das modalidades do *crer*, uma abordagem que, segundo os professores da EHESS, “rompe definitivamente com a ambição, que a sociologia pena sempre para se desvencilhar, de apreender o coração, a essência ou o cerne da religião, para-além da diversidade movente das expressões religiosas no tempo e no espaço”^α.

^α HERVIEU-LÉGER, Danièle & WILLAIME, Jean-Paul. « Maurice Halbwachs (1877-1945) : Religion et mémoire » in *Sociologie et Religion : Approches classiques*. Paris : PUF, 2001, p. 216.

[(...) Une approche qui rompt définitivement avec l’ambition, dont la sociologie peine toujours à se débarrasser, de saisir le cœur, l’essence ou le noyau dur de la religion, par-delà la diversité mouvante des expressions religieuses, dans le temps et l’espace.]

(...) da superposição e da fusão de uma série de camadas sucessivas e como que de parcelas de pensamento coletivo: ele é racional, mas no sentido de que a razão de cada época aí deixa seu traço; o pensamento teológico projeta assim no passado, na origem dos ritos e dos textos, as visões dele que teve sucessivamente. Ela reconstrói sobre vários planos, que ela se esforça de juntar, o edifício das verdades religiosas, como se ela não tivesse trabalhado senão sobre um plano único, aquele mesmo que empresta aos fundadores do culto e aos autores dos escritos fundamentais^{cclxxiv}.

Esse movimento de estabilizar as lembranças e as fixar no dogma sob a forma de verdades pretensamente eternas, cada vez mais abstratas e universais, enrijece o pensamento religioso e lhe desprende da evolução cotidiana dos fatos históricos, ou seja, levaria a uma disjunção entre a temporalidade da tradição e a temporalidade da história que significa, por conseguinte, a disjunção entre o sagrado e o profano¹⁰⁷. Se a religião se limitasse a isso, ela se tornaria um pensamento a que não corresponderia nenhuma imagem, nenhuma realidade sensível, isso quer dizer, se tornaria uma forma vazia de matéria^{cclxxv}. É justamente por não se encaminhar a esse esvaziamento *sub specie aeternitatis*, que as verdades pretensamente eternas que tomam formas abstratas e universais carregam consigo a pesada materialidade de um conteúdo pretensamente histórico que cabe aos intérpretes investidos trazer a tona. Assim,

(...) toda representação religiosa é ao mesmo tempo geral e particular, abstrata e concreta, lógica e histórica. Examinemos um artigo de fé que é acompanhado de provas teológicas. A teologia aplica a noções definidas métodos de raciocínio rigorosos. Esse artigo de fé é, assim, uma verdade racional. Olhemo-lo um pouco

¹⁰⁷ Como nos aponta a socióloga Danièle Hervieu-Léger no artigo que abre o dossiê da nova edição d'*A topografia lendária dos evangelhos na Terra santa*, aqui Halbwachs distancia-se das ideias de Durkheim, de Mauss e dos demais durkheimianos. "(...) De fato, a oposição fundadora do sagrado e do profano não ocupa na obra de Halbwachs uma posição central. Ela é reduzida a uma oposição entre "as coisas", que concernem à vida concreta no presente; e o 'espírito', que é o domínio da religião e que não encontra seu alimento senão na tradição, precisamente porque o domínio das coisas lhe estaria fechado. Ou então ela é evocada lateralmente, por exemplo, no que concerne a estrutura espacial dos quadros da memória. É claro, em todo caso, que a questão que ocupa Halbwachs não é a da religião como 'representação coletiva', no sentido durkheimiano do termo. O que lhe interessa é a dinâmica do crer religioso do qual a memória é o motor"^α.

^α HERVIEU-LÉGER, Danièle. « La religion comme chaîne de mémoire » in HALBWACHS, *La topographie...*, *op.cit.*, .pp. 38*-39*.

[De fait, l'opposition fondatrice du sacré et du profane n'occupe pas chez Halbwachs une place centrale. Elle est réduite à une opposition entre « les choses », qui concernent la vie concrète au présent, et l'« esprit », qui est le domaine de la religion et qui ne trouve à s'alimenter que dans la tradition, précisément parce que le domaine des choses lui serait fermé. Ou bien elle est évoqué latéralement, par exemple à propos de la structure spatiale des cadres de la mémoire. Il est claire, en tous cas, que la question qui occupe Halbwachs n'est pas celle de la religion comme « représentation collective », au sens durkheimien du terme. Ce qui l'intéresse, c'est la dynamique du croire religieux dont la mémoire est le ressort.]

mais de perto: ele supõe a existência do Cristo, a realidade de suas palavras, de sua vida, de sua morte, de sua ressurreição. O que nos parece uma verdade lógica tornou-se, ou, antes de tudo, era desde o começo, uma lembrança^{cclxxvi}.

Segundo as épocas, essa interpretação se apresenta mais sob influência dos teólogos dogmáticos, que se pautam numa interpretação coletiva e tradicional dos eventos que deram origem a religião; ou mais sob a influência de místicos, que buscam viver a religião entrando em íntima comunhão de pensamento e sentimento com os seres divinos que originam a crença. Essa dinâmica interna possibilita que a tradição se expanda e se atualize respondendo aos novos problemas que lhe são postos, mudando sempre para sempre permanecer.

Essa maneira original de colocar o problema da religião, tal qual a encontramos n'Os *quadros sociais da memória*, seria alvo de sérias críticas. A primeira e mais importante é aquela tecida por Marc Bloch em sua resenha do livro. Nela o historiador e amigo de Halbwachs, após destacar os inúmeros pontos de relevância da obra, aponta com perspicácia e agudez os limites das formulações demasiado gerais e pouco documentadas dos três capítulos voltados ao estudo das memórias coletivas. Bloch nos diz, a respeito da reconciliação do passado com o presente, que

(...) uma consideração desse tipo não deveria ser discutida senão lhe verificando a aplicação a casos particulares. Ser-nos-á permitido, nessa *Revista*, de lhe considerar antes de tudo como uma hipótese diretora a propor aos historiadores, notadamente àquele que terão a coragem de se lançar no estudo, até aqui muito negligenciado, das classes sociais^{cclxxvii}.

E mais adiante, comentando especificamente a memória coletiva dos grupos religiosos:

Estudando os grupos religiosos, Halbwachs escreve o que segue (p. [218]): “Na origem, os ritos respondiam, sem dúvida, à necessidade de comemorar uma lembrança religiosa, por exemplo, dentre os judeus, a festa pascal; e dentre os cristãos, a comunhão”. Isso é verdade? Não há dúvida que hoje e desde bastante tempo os israelitas piedosos que comem o cordeiro pascal não pensam celebrar a lembrança dos ancestrais que fugiram diante do faraó; ou que os católicos, tão pouco instruídos dos mistérios de sua religião, vendo o padre elevar a hóstia, não pensam na palavra evangélica: “Tomai, este é meu corpo;... este é meu sangue”. Tal é incontestavelmente a interpretação presente e hoje tradicional dos ritos; mas ela se confunde efetivamente com sua significação primeira? Poucos historiados da

religião conviriam. (...) De modo que nós não fazemos aqui senão falsas lembranças. Halbwachs não estudará um dia os erros da memória coletiva:^{cclxxviii}

Por fim, o historiador sugere que o sociólogo desconheceria as inúmeras mudanças por que passou o cristianismo entre a Paz da Igreja (sec. IV) e a Reforma (sec. XVI)^{cclxxix}. Tais críticas não passariam em branco. Como lhe é característico, Maurice Halbwachs meditaria detidamente sobre cada um dos pontos indicados por Bloch e, sem polemizar, elaboraria ao longo dos mais de quinze anos seguintes uma obra em que se ateria ao estudo de um caso específico e documentado da memória coletiva, a saber, *A topografia lendária dos evangelhos na Terra Santa*^{cclxxx}.

Como sugere seu subtítulo, esse *estudo de memória coletiva*, volta-se a um caso privilegiado de memória coletiva cuja lenta e longa evolução é possível acompanhar. Ou seja, o estudo volta-se a como se elaborou e evoluiu a tradição dos locais atrelados aos movimentos da vida de Jesus a partir do século IV d.C. Como nos explicita Halbwachs,

Essas tradições sobre isso que se chama de lugares santos, como elas se formaram? Quais são suas origens? (...) Nós não procuramos o que há atrás delas e se elas são autênticas. Mas nós as estudamos elas-mesmas como crenças coletivas. Nós tentaremos de lhes perceber a força, a extensão. Mas, sobretudo, nós lhes seguiremos no tempo a partir dessa época [século IV d.C.], na medida em que os monumentos e sobretudo as descrições dos peregrinos nos permitem. O que nos importa, é, sobre esse exemplo privilegiado sobre vários pontos de vista, perceber algumas das leis às quais obedece a memória coletiva^{cclxxxi}.

Notemos que Halbwachs descarta de saída qualquer investigação da autenticidade ou do fundamento histórico de cada uma dessas crenças, ou seja, não está em questão, como sugerira Bloch, se essas lembranças coletivas são falsas ou não. A questão é como essas representações, verdadeiras enquanto representações, transformam-se; e, a partir da análise dessas transformações, apreender algumas leis de sua evolução. Acompanhemos mais de perto os desenvolvimentos do argumento de Halbwachs.

Uma topografia lendária

Em Jerusalém há duas grandes piscinas nos cantos do Templo, isto é, uma a direita e outra à esquerda, feitas por Salomão, mas no interior da cidade há piscinas duplas tendo cinco pórticos, chamam-se Betesda. Aí foram curados os doentes que aí

estavam há vários anos. Essas piscinas têm uma água turva de cor escarlate. Aí se encontra uma gruta onde Salomão torturava os demônios (...)^{cclxxxii}

Esse pequeno excerto fora extraído de um dos mais antigos, detalhados e exatos^{cclxxxiii} itinerários romanos que sobreviveram ao tempo. Tal relato, o *Itinerário de Bordeaux à Jerusalém*, como ficou conhecido¹⁰⁸, descreve os caminhos percorridos por um peregrino ao longo do ano de 333 d.C. e início de 334 d.C.¹⁰⁹. Tal texto conhecera, ao longo de doze séculos apenas três edições, uma realizada por Pithous, em 1589; uma por André Schottus, em 1600; uma por Petrus Wesseling, em 1735. As posteriores sendo estabelecidas, mesmo que criticamente, a partir de umas dessas três versões^{cclxxxiv}.

Quem teria sido seu autor? Teria sido ele um padre, um monge? Um funcionário do império? Um judeu convertido? Teria ele viajado sozinho ou em grupo? Embora essas questões não possam ser efetivamente respondidas, podemos seguir algumas pistas grafadas no próprio texto.

O texto é dividido em 24 seções, cada uma delas representando o trajeto entre dois pontos de referência importantes. Dessas 24 seções, as 12 primeiras (referentes ao trajeto entre *Bordeaux* e Synaminon [próximo à Haifa]) e as 5 últimas (referentes ao trajeto entre Emmaus-Nicopolis [Imwas] e Milão), compõem-se na justaposição de três tipos de

¹⁰⁸ O título completo do documento é: *Itinerário de Burdigala^α à Hierusalem^β e de Heracléa^γ à Mediolanum^δ, passando por Aulona^ψ e pela cidade de Roma*. Disponibilizamos um mapa do itinerário do peregrino de Bordeaux a Jerusalém e um mapa do itinerário do peregrino no interior de Jerusalém em nosso *Anexo II*.

^α Atualmente, Bordeaux.

^β Atualmente, Jerusalém.

^γ Atualmente, Marmara Ereğlisi.

^δ Atualmente, Milão.

^ψ Atualmente, Vlorë.

¹⁰⁹ Segundo nos indica uma passagem do Itinerário, “nós [o peregrino] partimos de Constantinopla sob o terceiro consulado de Dalmatius e Zenófilo, nas calendas de junho, a partir de Calcedônia [*Kadiköy*] e retornamos a Constantinopla no 7 das calendas de janeiro, sob o mesmo consulado” (MARAVAL, *op.cit.*, 23)^α. O terceiro consulado de Flávio Valérius Dalmatius conjuntamente a Macos Aurélio Zénófilo ocorreu ao longo do ano de 333 d.C., tendo o peregrino partido de Constantinopla ao primeiro dia do mês de Junho [nas calendas de junho] e ali retornaram por volta do dia 25 de dezembro [7 das calendas de janeiro]. Desse modo, sabemos que o período da viagem de ida e volta à Jerusalém teve a duração de cerca de seis meses, porém não é possível senão através de aproximações muito vagas estabelecer a data do início da jornada em Bordeaux e de seu fim em Milão.

^α MARAVAL, *Itineraire...*, *op.cit.*, p. 23.

[Nous avons voyagé ensuite, sous le troisième consulat de Dalmatius et Zénophile, aux calendes de juin, à partir de Chalcédoine [*Kadiköy*], et nous sommes renevus à Constantinople le 7 des calendes de janvier sous le consuls susdits.]

informações: primeiramente indica-se o tipo de estada local: se uma cidade [*civitas*]¹¹⁰, um vilarejo [*vicus*]¹¹¹, uma *muda* [*mutatio*] ou uma *etapa* [*mansio*]¹¹²; em seguida, indica-se o nome da localidade; e, por fim, a distância percorrida desde o último ponto do itinerário:

¹¹⁰ Segundo nos aponta Georges Humbert, “(...) na linguagem do direito romano, essa palavra designava tanto a qualidade de cidadão com as diferentes prerrogativas de que ele dependia, tanto o conjunto de cidadãos de uma cidade, ou a cidade [*citē*] ela-mesma considerada como pessoa moral, *republica*”^α.

^α HUMBERT, Georges A. “Civitas” in DAREMBERT & SAGLIO (Dir.). *Dictionnaire des Antiquités grecques et romaines d’après les textes et les monuments*. Vol. 1, Tomo II. Paris : HACHETTE, 1887, pp. 153.).

[Dans la langue du droit romain, ce mot désignait tantôt la qualité de citoyen avec les différentes prérogatives qui en dépendaient, tantôt l’ensemble des citoyens d’une ville, ou la cité elle-même considéré comme personne morale, *republica*.(...)]

¹¹¹ Segundo Albert Grenier, “(...) a palavra latina *vicus* remonta à mesma raiz que o grego *οἶκος* = *Φοῖκος*, casa; por sua etimologia, ela significa simplesmente habitação. O uso romano lhe atribuiu sentidos diversos, que distingue com bastante precisão a definição de Festus: ‘chama-se inicialmente *vici* os estabelecimento rurais, tais quais os encontramos entre os Marsos e os Pelígnos que não tem *villas*; dentre esses *vici*, uns formam uma comunidade e têm direito de jurisdição, outros servem entretanto de locais de mercado[’] (...) O *vicus* representa, assim, no campo, um “vilarejo” [*village*], por oposição à “villa”, habitação isolada de uma família (...)”^α.

^α GRENIER, Albert. “Vicus, Vicani” in DAREMBERT & SAGLIO (Dir.). *Dictionnaire des Antiquités grecques et romaines d’après les textes et les monuments*. Vol. 5, Tomo I. Paris : HACHETTE, 1887, p.854.

[Le mot latin *vicus* remonte à la même racine que le grec *οἶκος* = *Φοῖκος*, maison; par son étymologie, il signifie simplement: habitation 1. L’usage romain lui a attribué des sens divers, que distingue assez exactement la définition de Festus : « on appelle tout d’abord *vici* des établissements ruraux, tels qu’on en rencontre chez les Marses et les Pélagiens qui n’ont pas de *villas*; parmi ces *vici*, les uns forment une communauté et ont droit de juridiction, les autres ne possèdent ni l’une ni l’autre de ces prérogatives; ils servent cependant de lieux de marchés (...) Le *vicus* représente donc, dans les campagnes, un « village » par opposition à la « villa », habitation isolée d’une famille.]

¹¹² Podemos dizer, a partir das reflexões do erudito Gustave Amédée Humbert^α e Anne Kolb^β, que o *Cursus Publicus*, tal qual se configurou em Roma a partir do *Principado*, era o serviço público destinado em princípio ao transporte de pessoas e de objetos pertencentes ao Estado. O transporte dos particulares, de suas mensagens e de suas mercadorias, estava em geral deixado à iniciativa privada e não atingia uma grande extensão.

Para o seu bom e ágil funcionamento, esse sistema tinha como base uma série de estações [*statio*] ao longo das vias. Essas estações eram de dois tipos: de um lado as estações de posta ou de estalagem, albergue ou pernoite, as *mansiones*; de outro as simples mudas, as *mutationes*.

As *mansiones* foram, sempre que possível, estabelecidas em localidades de porte considerável, preferencialmente cidades ou praças de comércio, nos entrecruzamentos de estradas, nos centros de um distrito mais ou menos extensos. As *mansiones* eram posicionadas a um dia de percurso e aí se dormia, pois não se tinha o hábito de viajar durante a noite; nelas se encontrava o que era necessário à comodidade dos viajantes no que diz respeito à quartos, leitos, alimentos, atrelagem, cavalos descansados (cada *mansio* comportava ao menos 40 cavalos e às vezes mesmo mais), mulas e bestas de carga, carros, postilhões ou condutores e guardas, veterinários e carpinteiros de carros e homens de estribaria, os *apparitores*, que eram escravos públicos, *servi publici*.

Já as *mutationes* eram fixadas, preferencialmente, em localidades com água abundante, distantes umas das outras cerca de 5 milhas romanas (7,4km) nas regiões habitadas e a 8 ou 9 milhas romanas (11,84km ou 13,2km) nas demais regiões. Cada uma delas dispunha de cerca de 20 cavalos, para que se realizasse a troca das parselhas de cavalos (ou bois) e/ou da atrelagem. Deste modo, em cada *mutatio* encontravam-se carros, estábulo, celeiro, estribeiros e um arrieiro para cada três cavalos. Nas proximidades dessas mudas estabeleciam-se frequentemente, sob o nome de *stabula* ou *tabernae*, albergues ou tavernas onde os particulares encontravam lugar para se alojar à pé ou à cavalo; eram sobretudoos viajantes em carros, libertos ou escravos, e viajantes de condições inferiores que frequentavam esses estabelecimentos.

De Arles à Milão

Muda de Ernaginum [*Saint-Gabriel, Bouches-du-Rhône*], 8 milhas.

Muda de Bellintum [*Les Aubes, a 2,5km ao sul de Rognonas*], 10 milhas.

Cidade de Aveio [*Avignon*], 5 milhas.

Muda de Ad Letocem [*passagem do Lez, em Bollène*], 13 milhas.

Muda de Novem Craris [*Le Logis-de-Berre, Les Granges-Gontardes, Drôme*], 10 milhas.

Etapas de Acunum [*Notre-Dame-d'Aygu, a 1200m ao sul de Montélimar*], 10 milhas.

Muda de Batiana [*Bance, ao noroeste de Saulce*], 12 milhas.

Muda de Umbennum [*Les Battendons, ao sul de La Paillasse*], 12 milhas.

Cidade de Valentia [*Valença*], 9 milhas.

Muda de Cerebelliaca [*Saint-Cerbelle, a oeste de Ourches*], 12 milhas.

Etapas de Augusta [*Aouste-sur-Sye*], 10 milhas (...) ^{cclxxxv}.

A preocupação com a exatidão das distâncias é explícita e reforçada pela contabilização geral das distâncias, mudas e etapas vencidas ao final de cada movimento entre cidades importantes: “(...) Isso faz de Arles à Milão 475 milhas, 63 mudas, 22 etapas” ^{cclxxxvi}. Mesmo que, como indica o historiador das religiões Pierre Maraval, essas contabilizações sejam em quase todos os casos inexatas ¹¹³, essa preocupação de lhes estabelecer o mais verossímil possível parece indicar que o itinerário fora escrito por um funcionário imperial com o

^α HUMBERT, Georges A. “Cursus Publicus” in DAREMBERT & SAGLIO (Dir.). *Dictionnaire des Antiquités...*, *op.cit.*, pp. 1645-1672.

^β KOLB, Anne. « The Cursus Publicus » in *Ancient Worlds*, 11 June 2007. Disponível em <http://ancientworlds.net/aw/Places/Property/881679>, acessado em 11 de Janeiro de 2013.

¹¹³ Segundo nos indica, “(...) ao fim de cada sessão que lhe conduz de uma cidade importante à outra, o Peregrino faz a contagem global das milhas percorridas, das etapas e das mudas. Ora, em praticamente todos os casos, essas contas são inexatas. O responsável desses erros pode ser, em certos casos, o próprio peregrino; mas é sobretudo a tradição manuscrita que, num texto cheio de cifras, pode ter modificado esses últimos, omitido tal etapa ou tal muda (...)” ^α.

^α MARAVAL, *op.cit.*, p.16, nota 1.

[...] À la fin de chaque section qui le conduit d'une ville importante à une autre, le Pèlerin fait le compte global des milles parcourus, des étapes et des relais. Or, dans pratiquement tous les cas, ces comptes sont inexacts. Le responsable de ces erreurs peut être dans certains cas l'auteur lui-même, mais c'est surtout la tradition manuscrite qui, dans un texte rempli de chiffres, a pu modifier ces derniers, omettre telle étape ou tel relais.]

propósito de orientar os passos de futuros peregrinos ao longo das amplas fronteiras do império¹¹⁴.

Tal hipótese, já levantada no primeiro quarto do século XIX pelo historiador François-Joseph Michaud^{cclxxxvii} e retomada ao final do mesmo século por Georges A. Humbert^{cclxxxviii}, é reforçada pelo fato do peregrino valer-se dos postos do *cursus publicus*¹¹⁵ como pontos de descanso e/ou troca de cavalos; e por sua jornada ter cabo em Milão (cidade de residência imperial por volta do século III)^{cclxxxix}.

Esses indícios da orientação pública no tecer do *Itinerário*, endossam a leitura de Maurice Halbwachs, segundo a qual

(...) os autores desses escritos [dos itinerários] reportaram simplesmente aquilo que eles viram e ouviram. Eles não discutem, eles não dão uma opinião pessoal, eles não indicam suas incertezas ou reservas. Seu testemunho é tanto mais valioso: não são opiniões individuais, mas crenças de grupos de fiéis, bem-intencionadas [*naïves*] e vigorosas [*vivantes*]^{cxc}.

Mas o *Itinerário* não se compõe apenas de listagens. Nas sete seções que circunscrevem Jerusalém, algo de novo nos é transmitido. À maneira como se realizariam os primeiros registros do cinema, em que ao retratar de maneira muda, mas não neutra, o sucesso da obra dependia da capacidade se fazer todo o corpo dos espectadores tornarem-se olhos; o peregrino deixa de nos apresentar uma simples listagem para atrelar, a cada ponto de sua jornada, suas lembranças religiosas. E nesse lusco-fusco do viajante o que espanta Maurice Halbwachs “(...) é o uso preponderante, e quase exclusivo, que é feito do Velho Testamento”¹¹⁶.

¹¹⁴ Vale lembrar que a própria mãe de Constantino, Flavia Iulia Helena (250-330), se converteu ao cristianismo com o Edito de Milão (313) e, posteriormente, fora proclamada Santa Helena, sendo a ela atribuída a descoberta da cruz em que Jesus teria sido crucificado. Ver CATHOLIC ONLINE. *St. Helena*. Disponível em http://www.catholic.org/saints/saint.php?saint_id=123, acessado em 11 de março de 2012.

¹¹⁵ Ver acima a nota 109.

¹¹⁶ Com efeito, nos diz o sociólogo francês que “(...) desde o começo dessa relação [entre a lembrança e o lugar] que nos parece um pouco ingênua [*naïve*] e sem nexos, com citações edificantes, indicações topográficas numerosas, como em muitos das narrativas de mesma ordem que virão mais tarde, mas muito frequentemente obscuras e incertas; o que nos espanta é o uso preponderante, e quase exclusivo, que é feito do Antigo Testamento”^α.

^α HALBWACHS, *La Topographie...*, *op.cit.*, p. 14.

[Dès le début de cette relation qui nous paraît un peu naïve et décousue, avec des citations édifiantes, des indications topographiques plus nombreuses que dans bien des récits du même ordre qui

Retomemos o excerto que abriu nossas investigações:

Em Jerusalém há duas grandes piscinas nos cantos do Templo, isto é, uma a direita e outra à esquerda, feita por Salomão, mas no interior da cidade há piscinas duplas tendo cinco pórticos, chamam-se Betesda. Aí foram curados os doentes que aí estavam há vários anos. Essas piscinas têm uma água turva de cor escarlate. Aí se encontra uma gruta onde Salomão torturava os demônios (...)^{cxci}.

As piscinas de Betesda são o palco de uma importante passagem do Evangelho de João (5, 1:11):

— ¹Depois disso, por ocasião de uma festa dos judeus, Jesus subiu a Jerusalém. ²Existe em Jerusalém, junto à Porta das Ovelhas, uma piscina que, em hebraico, se chama Betesda, com cinco pórticos. ³Sob esses pórticos, deitados pelo chão, numerosos doentes, cegos, coxos e paralíticos ficavam esperando o borbulhar da água. ⁴Porque o Anjo do Senhor descia, de vez em quando, à piscina e agitava a água; o primeiro, então, que aí entrasse, depois que a água fora agitada, ficava curado, qualquer que fosse a doença. ⁵Encontrava-se aí um homem, doente havia trinta e oito anos. ⁶Jesus, vendo-o deitado e sabendo que já estava assim havia muito tempo, perguntou-lhe: "Queres ficar curado?" ⁷Respondeu-lhe o enfermo: "Senhor, não tenho quem me jogue na piscina, quando a água é agitada; ao chegar, outro já desceu antes de mim". ⁸Disse-lhe Jesus: "Levanta-te, toma o teu leito e anda!" ⁹Imediatamente o homem ficou curado. Tomou o seu leito e se pôs a andar. Ora, esse dia era um sábado. ¹⁰Os judeus, por isso, disseram ao homem curado: "É sábado e não te é permitido carregar teu leito". ¹¹Ele respondeu: "Aquele que me curou, disse: 'Toma o teu leito e anda!'^{cxcii}

Nada, porém, é mencionado pelo peregrino. Nem Jesus, nem o milagre, nem o Evangelho. Esse excerto é, porém, apenas um dos pontos em que lembranças e tradições do Velho Testamento tomam o primeiro plano na cena. Outros tantos pontos como a menção ao sangue de Zacarias no mármore em frente ao altar do templo de Salomão, sem se referir a conhecida passagem em que Jesus amaldiçoa escribas e fariseus (Mateus 23, 23:36); ou a passagem pela piscina de Siolé, onde nada sobre o milagre da cura do cego por Jesus (João, 9, 1:12) é mencionado.

viendront plus tard, mais trop souvent obscures et incertaines, ce qui nous frappe, c'est la part prépondérante, et presque exclusive, qui est faite à l'Ancien Testament.]

Isso se deve, em grande medida, ao fato do relato do peregrino encontrar-se num momento decisivo. Momento em que, segundo aponta Halbwachs, “(...) Constantino acaba de se converter ao cristianismo e que, certamente em conformidade com aquilo que ele queria, a unidade do dogma e da Igreja acabava de ser realizada no Concílio de Nicéia (325 d.C.)”^{ccxciii}. Isto é, se o *Credo de Nicéia* conforma o epicentro do dogma da Igreja e seu uso político viria a ser um importantíssimo instrumento de fortalecimento do catolicismo e de sua memória perante as demais correntes do cristianismo primitivo; o pequeno intervalo de tempo que os separa da viagem do peregrino de Bordeaux – apenas oito anos – faz com que as reverberações desses movimentos oficializados sejam suficientemente esmorecidas para poder modular o espírito do viajante e topografia de Jerusalém, que ainda têm suas frequências dominantes nos movimentos espontâneos das crenças populares.

Embora as memórias coletivas desses grupos espontâneos de crentes operem, como já indicara Halbwachs n’*Os quadros sociais da memória*, numa relação de continuidade e de ruptura com memórias judaicas retratadas no Antigo Testamento; é somente com a institucionalização do dogma e a labuta secular de reinterpretação das escrituras que esse trabalho da memória tornar-se-ia sistemático. Nas imediações do Concílio de Nicéia, o que vemos é a mobilização quase paralela das memórias do *reino da Lei* e do *reino da Graça*, que não se imiscuem senão em pontos bastante discretos. Daí a riqueza dos relatos dos primeiros peregrinos à Terra Santa: eles nos possibilitam acessar a memória dos locais sagrados quando os processos de unificação, estabilização e reinterpretação de tais *lugares de memória* do cristianismo eram incipientes, dando-nos condições de seguir sua evolução ao longo dos séculos.

Nessas consecutivas viagens pela Terra Santa, somos conduzidos através de Belém, do Cenáculo, do pretório de Pilatos, da Via Crúcis, do Monte das Oliveiras, de Nazaré e do Lago Tiberíades. A evolução de cada uma dessas localidades guardando particular interesse, limitar-nos-emos aqui a repor, a título de exemplo, os elementos da evolução do monumento hoje identificado como Cenáculo, local onde hoje um conjunto de memórias cristãs se superpõe: além da última ceia e a instituição da eucaristia, é aí que teria ocorrido a aparição do Espírito Santo para os apóstolos, a morte de Maria mãe de Jesus, onde estaria localizado o túmulo de Davi e também

a eleição de Matias; a aparição do Espírito Santo sob a forma de línguas de fogo no dia da Pentecoste; e a reunião que segue o ampliação dos apóstolos e onde fenômenos sísmicos acompanharam uma nova efusão do espírito. Toda via “a identidade do Cenáculo e da residência dos apóstolos após a ressurreição não está estabelecida... tampouco está a localização da casa dos apóstolos na cidade de Jerusalém”¹¹⁷ [VICENT, L-H. *Jérusalem Antique*, p. 448]^{ccxciv}.

Segundo um texto de São Epifânio (século IV), o imperador Adriano teria visitado a palestina em 117 d.C., ou seja, quarenta e sete anos após sua destruição de Jerusalém. Nesse momento toda a cidade se encontrava em ruínas, salvo um pequeno bairro sobre o monte Sião, onde permanecem de pé algumas casas e sinagogas. Ao que tudo indica, é uma remanescente dessas sinagogas que o peregrino de Bordeaux vê em 333 d.C., antes de Teodósio I edificar em seu lugar a basílica da Santa Igreja do Sião. Nesse momento, diz Halbwachs a partir do trabalho do padre e exegeta Louis-Hugues Vincent^{ccxcv}, a localização da última ceia na Santa Igreja do Sião não é claramente admitida pela Igreja de Jerusalém, sendo ali definitivamente estabelecida somente com a didascália de Addai, ao final do século IV.

Incendiada pelos persas em 614, a Igreja de Sião é reconstruída pelo patriarca Modesto de Jerusalém. A essa altura, além da última ceia, passa a ser localizado em um de seus ângulos o local onde teria morrido a Virgem. Como nos diz Halbwachs,

(...) da cada de Marcos ou Thiago [onde se reúnem os apóstolos], a Igreja de Sião vem a ser no século VII a casa do apóstolo João e, por conseguinte, aquela onde a Virgem passa os últimos anos da sua vida e morre. “Sob impulso dos apócrifos, o século VIII adota essa solução como a mais certa” (...) [nota 1:] “A ardente piedade da Idade Média em relação a mãe de Deus explica em grande medida como a lembrança da Dormição chega a tomar a vasta basílica e valer o título oficial de *Santa-Maria do monte Sião* dentre os ocidentais” [VICENT, *op.cit.*]^{ccxcvi}.

Por fim, uma nova lembrança se anexa à Igreja de Sião, a saber, que ali se localizaria o túmulo de Davi. Por volta do século XI, há basicamente três correntes distintas de localização do túmulo de Davi: uma que defende que ele se encontra em Belém, cidade natal

¹¹⁷ Valeria destacar, talvez, que, segundo nos indicam os exegetas mobilizados por Halbwachs, não só a localização de tais eventos a partir da *lexis* do Velho e do Novo Testamento é muito pouco precisa, como grande parte das lembranças que em diferentes momentos aí tomaram materialidade sequer constam nas escrituras – como é o caso, por exemplo, do relato da morte da Virgem.

do filho de Jessé; outra, sustentada sobretudo pelos árabes, que lhe vincula à Getsêmani; e, por fim, uma terceira, de muito menor importância que as duas precedentes, que o localiza no monte Sião. Com a reconstrução da Igreja de Sião pelos cruzados, essas lembranças eclipsam-se em favor da tradição belemita.

Entre o final do século XIV e meados do século XV, no entanto, uma mudança substancial se opera. Com base no relato da descoberta de uma suposta tumba repleta de riquezas e mistérios durante os trabalhos de reedificação da igreja no século XII, o túmulo de Davi é repostado às margens imediatas do Cenáculo pelos cristãos, passando a ocupar uma das duas partes em que fora dividida a rés do chão da Igreja a partir de 1335. Ainda mais: judeus e muçulmanos, durante muito descrentes dessa tradição, ratificam a localização ao longo do século XV. “Em breve, tomando como pretexto as reclamações judaicas, as autoridades locais muçulmanas transformam em mesquita a capela do pretense túmulo (final do século XVI). Em 1524, os turcos expulsarão definitivamente os franciscanos do Cenáculo, purificarão o lugar do 'contato dos politeístas' e lhe transformarão em uma mesquita”^{ccxcvii}.

As duas tradições subsistem hoje. Mas a lenda do túmulo de Davi, apócrifa, bem mais recente, abandonada, retomada e finalmente rejeitada [*sic.*] pelos cristãos, foi adotada pelos muçulmanos. Introduzida por fraude e sub-repticiamente uma vez em uma igreja consagrada a uma lembrança cristã, ela cresceu silenciosamente, depois ela tomou todo o lugar: ela se esforçou para eliminar as tradições cristãs, criando em torno dela, pela transformação da igreja em mesquita, uma atmosfera mortal. É na igreja vizinha da Dormição que os cristãos vêm hoje evocar as lembranças localizadas no cenáculo: sem os historiadores e os arqueólogos, é nessa nova igreja que seria, sem dúvida, atrelado^{ccxcviii}.

Aqueles que, como Halbwachs, visitaram o Cenáculo ao longo da década de 1930, aí ainda encontravam um tempo de “impressionante nudez”^{ccxcix} constituído por dois pisos, cada um deles divididos em duas partes. No piso inferior temos, de um lado, a sala do lava-pés, de outro a do túmulo de Davi; no piso superior, sob o túmulo de Davi, temos o local da descida do Espírito Santo, sob a sala do lava-pés, o Cenáculo propriamente dito.

Isso posto, podemos tentar apreender algumas das leis da evolução da memória coletiva. Nessa evolução um tanto curiosa do Cenáculo, vemos que as lembranças atreladas a uma determinada localidade como que atraíram outras sem que haja uma relação necessária entre os fatos e lugares, “como se as lembranças também obedecessem a uma espécie de

instinto gregário”^{ccc}. Nesse sentido, mesmo que a suposta casa dos apóstolos tivesse sido o local da última ceia, porque nessa localidade se daria a dormição da Virgem e nela estaria pedra sobre a qual Santo Estevão teria sido apedrejado?

Outro processo típico da forma como evoluem os lugares de memória é o parcelamento e proliferação de uma mesma memória em locais próximos, mas distintos; através dos quais os homens, multiplicando os traços da memória do grupo no espaço, reforçam-na e a renovam. “Tudo se passa como se tivéssemos descoberto nela algum aspecto negligenciado, um detalhe esquecido e que disso resulta uma nova forma de devoção. (...) As lágrimas de São Pedro separadas da negação de São Pedro e do canto do galo. As palmeiras dos Ramos e, há certa distância, o local (Betfagé) onde se encontra o jumento”^{ccci}

Acontece ainda de uma mesma lembrança situar-se, simultaneamente, em dois locais distintos. No caso em que tratamos isso ocorrera com as diferentes localizações do túmulo de Davi; mas, como indica Halbwachs, com próprio Cenáculo, cuja localização em locais distintos do monte das Oliveiras e na colina do Sião cristão subsistem simultaneamente ao longo de séculos¹¹⁸. Os lugares de memória duplicados, concorrendo entre si, materializando todos os vestígios possíveis dessa fé, explicitam a vida de tradições distintas no interior da fé cristã.

Concentração em um mesmo lugar, parcelamento no espaço, dualidade em regiões opostas: são todos meios corriqueiros de que se servem os grupos de homens, não somente as igrejas, mas outras comunidades, famílias, nações etc., visando fixar, organizar suas lembranças dos lugares, mas também dos tempos, dos eventos, das pessoas.^{ccci}

Concentração em um mesmo lugar, parcelamento no espaço, dualidade em regiões opostas, são essas as três leis da memória coletiva generalizáveis a partir do estudo da memória dos lugares consagrados pelo cristianismo. Mas caráter fantástico com que se apresentaram ao

¹¹⁸ Como indica Halbwachs, o “(...) Cenáculo, até o primeiro terço do século IV, está situado no Monte das Oliveiras, mas, para uns, em Getsêmani, para outros, na gruta do Ensino. Ele migra em seguida para a cidade alta, sobre a colina do Sião cristão – mas durante vários séculos, essas localizações subsistem: a memória coletiva hesita, está partilhada [*partagée*]”^α.

^α HALBWACHS, *La Topographie...*, *op.cit.*, p. 147.

[(...) le Cénacle, jusqu’au premier tiers du IV^e siècle, est situé sur le mont des Oliviers, mais, pour les uns, à Gethsémani, pour les autres, dans la grotte de l’Enseignement. Il émigre ensuite dans la haute ville, sur la colline de Sion chrétienne : mais plusieurs siècles durant, ces diverses localisations subsistent : la mémoire collective hésite, est partagée.]

longo da obra tais evoluções não impõe sérias restrições às formulações de Halbwachs? O que nos encaminha a questões incontornáveis: seriam essas localizações resultado de puras elucubrações? Ou estaríamos diante do que Marc Bloch havia chamado de *erros* da memória? Primeiramente, vale destacar que, para Halbwachs, os lugares sagrados comemoram

(...) não fatos certificados pelo testemunho dos contemporâneos, mas crenças nascidas talvez não longe desses locais e que se fortaleceram neles se enraizando. Essas crenças têm por objeto, o mais frequente, fatos de ordem sobrenatural, sobre os quais se fundem todos os dogmas essenciais do cristianismo. Bem parece que, se se reteve e se destacou certos eventos na história primitiva da vida e da morte do Cristo tal qual puderam a conhecer os discípulos; e se se mostra somente lugares onde eles se passaram, é que se partiu dos dogmas, mais que dos testemunhos^{ccci}.

Se nos colocamos, como o faz Halbwachs na primeira parte da conclusão d'A *Topografia*, sob a hipótese da existência de fundamentos históricos nos fatos relatados nos evangelhos, percebemos que esses textos escritos ao final do século I da era cristã dão forma à memória coletiva de diferentes grupos de cristãos, destacando o que era tomado como essencial por cada uma dessas comunidades. De modo que não são as numerosas contradições entre os diferentes evangelhos que importam. Tampouco importam os fatos cotidianos e humanos da vida do Cristo. Na medida em que o tempo escoar e o grupo dos cristãos se dispersa, o *dogma* modifica profundamente a história de Jesus e da topografia de sua vida.

Para que a lembrança da vida do Cristo e de sua morte, assim como dos lugares que ele atravessou, fossem capazes de durar, eles precisaram se atrelar a uma doutrina, isso quer dizer, a *uma ideia que vivia em um grupo durável e extenso*. Para que a ideia abstrata da expiação venha a ser outra coisa que uma aspiração, para que nela se crescesse como em uma verdade de ordem histórica ou em um fato da experiência, era preciso que ela pudesse se reclamar de uma tradição viva e de testemunhos humanos. De um lado, São Paulo, absorvido em suas reflexões metafísicas; de outro, o grupo dos apóstolos, testemunhas de Jerusalém, aqueles a quem ele chama, não sem alguma ironia, de arqui-apóstolos. Que essa ideia e essas lembranças conseguissem, e conseguissem a tempo, se unir [*sic.*]. A ideia precisou se carregar de imagens de pessoas e de lugares e tomar os traços que caracterizam uma lembrança e que lhe permite subsistir nas memórias. Quanto aos fatos, eles se aprofundaram e alguns dentre eles tomaram, em relação aos outros, um extraordinário relevo. Talvez mesmo eles tendiam a sair, se não do tempo e do espaço, ao menos dessa região

limitada do tempo e do espaço aonde a memória dos discípulos se situava. Eles se atrelam a fatos bem anteriores. Eles foram prefigurados em outros eventos relatados pelo Antigo Testamento, eles haviam sido anunciados pelos profetas (...) Não impressiona que ele [o dogma] tenha transformado também a imagem que se faz de Jerusalém. Os lugares santos não foram mais somente aqueles que foram o teatro da atividade de Jesus, mas localidades consagradas por que as verdades essenciais do cristianismo aí remetiam o pensamento dos fiéis^{ccciv}.

A importância do dogma na constituição dos locais de memória do cristianismo não é modesta e é somente através dele que foi possível, a despeito das tradições locais, harmonizar os elementos da memória cristã. Esse fato não seria diferente se, como faz Halbwachs na segunda parte da conclusão d'*A topografia*, supuséssemos que os textos que o compõem fossem completamente fictícios. Com efeito, pode-se supor que tais textos

(...) foram imaginados perto do final do século I e do começo do século II, em grupos que conheciam os lugares e aí situavam mais ou menos arbitrariamente os discursos e milagres. Mais tarde, teria se partido dos evangelhos para encontrar esses lugares, muitos dos quais estavam especificados de maneira precisa, posto que se tratavam de cidades ou de vilarejos designados por seu nome e que existiam efetivamente, mas onde nenhuma tradição conservava a lembrança de fatos que teriam sido criados do zero; os peregrinos teriam se guiado pelo aspecto físico das bordas do lago: uma gruta, fontes, a subida de uma montanha, uma planície. (...) É o caso de uma memória coletiva que procura a posteriori localizar suas lembranças sobre um solo mais ou menos virgem, onde ela não reencontra nenhuma de suas tradições^{cccv}.

Expressão tardia de atos históricos ou criação puramente ficcional, o dogma cristão consolidar-se-ia, como dissemos, com a conversão de Constantino ao cristianismo e o estabelecimento do Concílio de Nicéia, em cujo segundo movimento de seu *credo*¹¹⁹ – o mais

¹¹⁹ O *Credo de Nicéia* afirma o seguinte: “Cremos em um só Deus, Pai Todo-Poderoso, / criador de todas as coisas, visíveis e invisíveis. / E em um só Senhor Jesus Cristo, / o Filho de Deus, / unigênito do Pai, / da substância do Pai; / Luz de Luz, / Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, / gerado, não criado, / consubstancial ao Pai; / por quem foram criadas todas as coisas que estão no céu ou na terra. / O qual por nós homens e para nossa salvação, desceu (do céu), / se encarnou e se fez homem. / Padeceu e ao terceiro dia ressuscitou e subiu ao céu. / Ele virá novamente para julgar os vivos e os mortos. / E (cremos) no Espírito Santo. / E quem quer que diga que houve um tempo em que o Filho de Deus não existia, / ou que antes que fosse gerado ele não existia, / ou que ele foi criado daquilo que não existia, / ou que ele é de uma substância ou essência diferente (do Pai), / ou que ele é uma criatura, / ou sujeito à mudança ou transformação, / todos os que falem assim, / são anatematizados pela Igreja Católica e Apostólica”^α.

^α ECCLESIA – Arquidiocese ortodoxa grega de Buenos Aires e América do Sul. O primeiro concílio de Nicéia. Disponível em

importante do ponto de vista do estabelecimento dos *lugares de memória* – orienta-se à *Paixão* o *sentido* de toda vida do Cristo. Ora, como a paixão tem como palco a cidade de Jerusalém, não é por acaso que a topografia da vida de Jesus passe a ter aí seu epicentro. Assim, não só Jerusalém tornar-se-ia o foco da atenção dos peregrinos, como se iniciaria um primeiro processo amplo de localização e edificação de templos nos locais tidos por sagrados.

Esse processo teria um segundo momento determinante com conquista da região pelos cruzados e o empenho desses não só na reconstrução dos marcos [*points de repères*] materiais de sua memória coletiva, mas na multiplicação desses marcos com base nas mais diversas tradições e documentos.

Assim, a época de Constantino, depois a época das Cruzadas, marcam os dois momentos onde a memória cristã, memória coletiva representando bem o conjunto da comunidade cristã nessas duas épocas, procurou a localização dos fatos evangélicos, se esforçou para localizar as lembranças e, em alguma medida, de se situar ela-mesma no espaço, em Jerusalém e na Terra Santa. Em cada caso, ela procurou se fundar sobre as lembranças locais, mas ela também introduziu localizações novas: de onde uma organização geral dos lugares santos que porta muito profundamente a marca das crenças cristãs contemporâneas. Em cada caso pode-se dizer também que uma memória mais estreita e mais direta dos lugares, mais fragmentada, cheia de lacunas e vacilante; se fundiu em uma memória mais geral, que conhecia a localização dos fatos indiretamente, por escritos, descrições e lendas nascidas longe dos lugares eles-mesmos, mas que era mais rica e melhor organizada, que se apoiava, sobretudo, em grupos bem mais extensos^{ccvii}.

O que temos aqui apresentado, além da resposta à Bloch¹²⁰, é a harmonização das memórias coletivas através da força, muitas vezes literal, do dogma – independentemente da

http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/historia_da_igreja/primeiro_concilio_ecumenico_de_niceia.htm
1, consultado em 21 de Abril de 2013. *Grifo nosso*.

¹²⁰ Para-além do tom de rinha que diverge muito daquele de Halbwichs, Gérard Namer sintetiza com precisão: “Pela *Topographie légendaire des Évangiles en terre Sainte*, Maurice Halbwichs respondeu a todas as críticas de Mac Bloch. Ele se fez historiador, historiador das religiões, historiador da Idade Média; ele utilizou contra a história dos eventos [*événementielle*] dos lugares santos, a história sobre a longa duração, característica da ciência de Marc Bloch. Como ele havia refuta Bergson, da mesma maneira ele vai refutar Marc Bloch; com efeito, nos *Cadres sociaux*, ele se serviu de Bergson contra Bergson, aqui ele defendeu o princípio da sociologia contra Marc Bloch servindo-se de Marc Bloch. Repreende-se à sociologia um pensamento finalista? Está-se contente com o método causal da história? Está-se contente com a erudição? Queria-se um espírito crítico contra as ilusões da memória coletiva? O fracasso dos historiadores em compreender a verdade da topografia autêntica dos lugares santos provém de um problema mal posto, mal posto por todos os historiadores, mal posto no questionamento de Marc Bloch sobre os erros da memória. No início não é a verdade, no início é uma vontade coletiva de legitimar uma crença”^α.

^α NAMER, Halbwichs et la memoire sociale... op.cit., p. 159

historicidade dos fatos nele apresentados. Força esta que possibilitou o sucesso no processo de fundação da memória cristã sobre as memórias judaicas, como bem atestam a primeira localização do Cenáculo ou das lendas ligadas ao nascimento de Jesus¹²¹. Força que possibilitou, igualmente, que as memórias dos lugares consagrados pelo cristianismo evoluíssem concentrando-se, dividindo-se ou se duplicando até conformar-se em uma *lógica em ação*¹²². Mas é essa força, também, que lançou às sombras as possibilidades que

[Par la *Topographie légendaire des Évangiles en terre Sainte* Maurice Halbwachs a répondu à toutes les critiques de Marc Bloch. Il s'est fait historien, historien des religions, historien du moyen Age, il a utilisé contre l'histoire événementielle des lieux saints l'histoire sur la longue durée caractéristique de la science de Marc Bloch. Comme il avait réfuté Bergson, de la même manière il va réfuter Marc Bloch ; dans les *Cadrs sociaux* en effet il se servait de Bergson contre Bergson, ici il a défendu le principe de la sociologie contre Marc Bloch en se servant de Marc Bloch. On reproche à la sociologie une pensée finaliste ? On est satisfait de la méthode causale de l'histoire ? On est content de l'érudition ? On voudrait un esprit critique contre les illusions de la mémoire collective ? L'échec des historiens à comprendre la vérité de la topographie authentique des lieux saints provient d'un problème mal posé, mal posé par tous les historiens, mal posé dans le questionnement de Marc Bloch sur les erreurs de la mémoire. Au début n'est pas la vérité mais au début est une volonté collective de légitimer une croyance.]

¹²¹Segundo indica Halbwachs, a localização do Cenáculo sobre uma “colina alta” resulte da aproximação dos locais de culto da nova e da velha fé, já que vigorava em meados do século IV a crença de que sobre essa colina localizava-se outrora a cidade de Davi. Mas, certamente o caso mais emblemático desse fortalecimento de novas memórias por tradições judaicas “(...) são as lendas do nascimento em Belém. Pois nada indica que Jesus tenha nascido em Belém; que José e Maria aí tenham passado ou demorado [*séjourné*]; tampouco que eles estiveram no Egito. Os autores dos evangelhos parecem ter criado do zero toda essa poética história, que tomou um lugar bem considerável nas imaginações cristãs, para demonstrar aos judeus que Jesus bem era o messias, posto que ele nasceu na cidade de Davi, conforme as escrituras. Foi preciso ir ao encontro de suas objeções, impor-lhes imediatamente essa crença. O melhor meio conseguir isso era localizar a manjedoura [*crèche*] do menino Jesus muito próximo do berço da realeza judaica, não longe dos túmulos dos patriarcas, dos profetas e de lhe dar como lugar de nascimento a região [pays] consagrada pela coroação de Davi”^α.

^α HALBWACHS, *La Topographie...*, *op.cit.*, p. 139.

[Il y a en tout cas un groupe de localisations chrétiennes dont on peut dire q'elles ont tiré toute leur substance des traditions locales juives anciennes. Ce sont les légendes de la Nativité à Bethléem. Car rien n'indique que Jésus soit né à Bethléem, que Joseph et Marie y aient jamais passé ou séjourné, pas plus qu'ils aient été en Égypte. Les auteurs des évangiles paraissent bien avoir crée de toutes pièces cette poétique histoire, qui a pris une place si considérable dans les imaginations chrétiennes, pour démontrer aux Juifs que Jésus était bien le Messie, puisqu'il était né dans la ville de David, conformément aux Écritures. Il a fallu aller au-devant de leur objections, leur imposer tout de suite cette croyance. Le meilleur moyen d'y réussir était de placer la crèche de l'enfant Jésus tout près du berceau de la royauté juive, non loin des tombeaux des patriarches, des prophètes, et de lui donner comme lieu de naissance de pays consacré par le sacre de David.]

¹²² Halbwachs nos diz que a memória coletiva “(...) não retém senão os eventos que são também ensinamentos. O próprio modo pelo qual ela decompõe os fatos responde à necessidade de mostrar que cada um tem uma significação que lhe ultrapassa, que têm seu lugar lógico na história total, que eles foram um encadeamento e que, de todos os seus sentidos reunidos, resulta aquele do evento em que estão compreendidos todos os outros. A narrativa torna-se uma lógica em ação. Na medida, por exemplo, em que a Revolução Francesa é o objeto de um culto, ela se decompõe também em dias, o 14 de julho, a noite de 04 de agosto, etc., onde cada um exprime uma verdade, um artigo da doutrina da Revolução”^α.

^α HALBWACHS, *La topographie...*, *op.cit.*, p.149.

carregavam as memórias dos cristianismos agora hereges, seja apagando seus traços, como Haussmann apagaria mais tarde sob seus bulevares as lembranças dos levantes parisienses¹²³.

Temos desse modo uma especificação, um refinamento importante do objeto por excelência da Sociologia: se para Durkheim o que estava em questão eram as *representações coletivas*, Halbwachs tece uma depuração dessas representações tornando-lhes uma *memória coletiva*, que *A topografia lendária* explicita como objeto plausível de estudo. Objeto que abre as vias para que Halbwachs problematize em novos termos a relação entre o passado que vive no presente e aquele passado que é recuperado por dele escapar, ou seja, a relação entre o escopo da memória coletiva e o da história, tal qual será desenvolvida em um dos manuscritos publicados n’*A memória coletiva*. Ainda mais: a investigação acerca da topografia dos evangélicos leva a Halbwachs a reposicionar do ponto de vista da psicologia coletiva aquilo que já se delineava do ponto de vista da morfologia social, a saber, a importância do espaço, espaço material e simbólico, como um quadro privilegiado – discussão que se desdobraria em uma reconstrução do *espaço social*, tal qual se pode ver ao final d’*A memória coletiva*¹²⁴.

[Tel est d’ailleurs le caractère général de la mémoire collective. Elle ne retient que les événements qui sont aussi des enseignements. La façon même dont elle décompose les faits répond au besoin de montrer que chacun a une signification qui le dépasse, qu’il a sa place logique dans l’histoire totale, qu’ils forment un enchaînement, et que, de tous ces sens réunis, résulte celui de l’événement où sont compris tous les autres. Le récit devient ainsi une logique en action. Dans mesure, par exemple, où la Révolution française est l’objet d’un culte, elle se décompose aussi en journées, 14 juillet, nuit du 4 août, etc., dont chacune exprime une vérité, un article de la doctrine de la révolution.]

¹²³ Retraçamos aqui, sobre outro caso, um paralelo que Halbwachs elabora ao retratar a “oposição” do Império Romano ao estabelecimento das memórias cristãs. Ele nos diz “Conta-se que um imperador fez plantar um bosque sagrado dedicado às divindades pagãs sobre o Calvário, para impedir os cristãos de aí se reunir. É assim que um governo da ordem, em uma grande cidade [*citê*] outrora tumultuosa, destrói os bairros que foram o foco do levante ou a sede de combates revolucionários, aí traçando grandes avenidas, aí construindo vastos edifícios públicos, para apagar as lembranças que lhe causam suspeita”^α.

^α HALBWACHS, *La topographie...*, *op.cit.*, p. 127.

[On raconte qu’un empereur fit planter un bois sacré dédié à des divinités païennes sur l’emplacement du Calvaire, pour empêcher les chrétiens de s’y rassembler. C’est ainsi qu’un gouvernement d’ordre, dans une grande cité autrefois tumultueuse, détruit les quartiers qui furent le foyer de l’émeute, ou le siège de combats révolutionnaires, y trace de larges avenues, y construit de vastes édifices publics, pour effacer des souvenirs qui lui portant ombrage.]

¹²⁴ A esse respeito ver os artigos de Marie Jaisson intitulados *Temps et espace chez Maurice Halbwachs (1925-1945)*^α e *Mémoire collective et espace social*^β.

^α In *Revue d’histoire des sciences humaines*, n°1, 1999, pp. 163-178.

^β In HALBWACHS, *La topographie...*, *op.cit.*, pp. 73*-97*.

Ophelia, 1852



Com seus 76cm x 112cm, a tela de John Everett Millais exposta em 1853 na *Royal Academy Exhibition* e hoje parte do acervo da *Tate Gallery*, não foi a primeira, mas é certamente a mais importante representação pictórica da morte de uma das mais célebres personagens de Shakespeare¹²⁵. Através dela somos convidados a presenciar a plácida imersão da bela donzela nas águas do riacho sobre o qual se curva o choroso salgueiro. Seus vagos olhos ao céu e seus lábios entreabertos fazem o ecoar das notas de sua última cantiga lhe transmitir algo do êxtase de Santa Tereza enquanto a natureza dela se apossa. Flutua a

¹²⁵ As representações de Ofélia são o tema da imprescindível e mui cuidadosa tese de doutoramento de Cristiane Busato Smith^α, onde os interessados encontraram um campo muito mais fértil do que as breves notas que exporemos e do qual essas últimas se nutriram. Outro texto cuja consulta é esclarecedora é breve e circunscrito artigo de Alexander Gaiotto Miyoshi^β, onde são retraçadas as linhas gerais das representações de Ofélia ao longo do século XIX.

^α *Representações da Ofélia de Shakespeare na Inglaterra vitoriana: um estudo interdisciplinar*. Tese de doutorado. Curitiba: UFPR, 2007.

^β "A escolha de Ofélia: representações visuais da dama nas águas no século 19" in *Revista de História da Arte e Arqueologia*. V. 13, CAMPINAS: UNICAMP-IFCH, 2010, p. 79-92,

nácar Ofélia como ninfa ou sereia que, sem temer, é conduzida pelas flores n'água. Lentamente vemos, como quer Rimbaud, Ofélia fazer-se lírio¹²⁶, pétalas de pano inundadas a mergulhar seu corpo na morte lamacenta.

A beleza da construção de Millais deve-se, em grande medida, à beleza e à delicadeza do relato que nos oferece a quase ofegante Rainha Gertrudes ao interromper abruptamente o desenrolar da sexta cena do ato quatro e trazer aos holofotes a imagem de um evento que não se encena senão na imaginação dos espectadores¹²⁷:

(Entra a Rainha.)

[Rei: Que foi, meiga Gertrudes?]

Rainha: Uma desgraça corre atrás de outras / Com tanta pressa: a tua irmã está morte, / Laertes; afogou-se.

Laertes: Como, onde?

¹²⁶ Textualmente, o belíssimo poema de Rimbaud, cuja leitura integral é muito recomendada, muito provavelmente inspira-se na pintura de Millais, tal como podemos ler em seu início: “Sobre a onda calma e negra onde dormem as estrelas / A branca Ofélia flutua como um grande lis, / Flutua lentamente, deitada em seus longos véus... /- Ouve-se nos distantes bosques as trompas da morte. // Eis aqui mais de mil anos que a triste Ofélia / Passa, qual fantasma branco, sobre o longo rio negro; / Eis aqui mais de mil anos que sua doce loucura / Murmura sua romanza à brisa da noite. // O vento beija seus seios e desdobra em coroa / Seus grandes véus ninados molemente pelas águas; / Os salgueiros tiritando choram sobre seu ombro, / Sobre seu grande rosto sonhador se inclinam os juncos. // Os lótus em choque suspiram em torno dela; / Ela desperta às vezes, ao longo de uma vara que dorme, / Alguns ninhos, de onde escapa um frêmito alado: / - Um canto misterioso cai dos astros d'ouro.”^α

^α RIMBAUD, Arthur. « Ophélie » in *Cahier de Douai*. Londre : Les éditions de londre, 2011.

[Sur l'onde calme et noire où dorment les étoiles / La blanche Ophélie flotte comme un grand lys, / Flotte très lentement, couchée en ses longs voiles ... / - On entend dans les bois lointains des hallalis. // Voici plus de mille ans que la triste Ophélie / Passe, fantôme blanc, sur le long fleuve noir; / Voici plus de mille ans que sa douce folie / Murmure sa romance à la brise du soir. // Le vent baise ses seins et déploie en corolle / Ses grands voiles bercés mollement par les eaux; / Les saules frissonnants pleurent sur son épaule, / Sur son grand front rêveur s'inclinent les roseaux. // Les nénuphars froissés soupirent autour d'elle; / Elle éveille parfois, dans un aune qui dort, / Quelque nid, d'où s'échappe un petit frisson d'aile: /- Un chant mystérieux tombe des astres d'or.]

¹²⁷ Valemo-nos da tradução que Bárbara Heliodora deu à obra^α, mas destacamos, não por falta de competência da tradutora, a perda de muito da ambiguidade e da polissemia (sobretudo de caráter sexual) do texto original, que será igualmente citado na versão das obras completas editadas pela *Royal Shakespeare Company* (RSC)^β. Alguns breves indicativos relativos às traduções em português do texto podem ser encontrado no artigo de Kelly Lima^γ e na tese já citada de Caroline B. Smith^ψ.

^α SHAKESPEARE, William. *Hamlet | Rei Lear | Macbeth*. Tradução Bárbara Heliodora. São Paulo: Abril, 2010.

^β SHAKESPEARE, William. *Complete Works*. Editado por Jonathan Bate, Eric Rasmussen e Héloïse Sénéchal (RSC). Londres: Macmillan, 2007.

^γ LIMA, Kelly. “Ofélia Traduzida: Arquétipo da Donzela Indefesa” in <http://www.samila.com.br/kelly/ophelia.html>, acessado em 31 de Maio de 2013.

Rainha: Onde um salgueiro cresce sobre o arroio, / E espelha as flores cor de cinza na água, / Ali, com suas líricas grinaldas / De urtigas, margaridas e rainúnculo, / E longas flores de púrpura cor / A que os pastores dão um nome obscuro / E as virgens chamam “dedos de defuntos”, / Subindo aos galhos para pendurar / Essas coroas vegetais nos ramos, / Pérfido, um galho se partiu de súbito, / Fazendo-a despencar-se e às suas flores / Dentro do riacho. Suas longas vestes / Se abriram, flutuando sobre as águas; / Como sereia assim ficou, cantando / Velhas canções, apenas uns segundos, / Inconsciente da própria desventura, / Ou como ser nascido e acostumado / Nesse elemento. Mas durou bem pouco / Até que as suas vestes encharcadas / A levassem, envolta em melodias, / A sufocar no lodo.

Laertes: Ai, afogou-se?

Rainha: Afogou-se! Afogou-se! (...)^{cccvii}

A fidelidade à *lexis* do relato da pintura de Millais foi o mote da crítica de arte da época, que a entendia como falta de liberdade poética e expressão de “algo estranhamente perverso” no pintor^{cccviii}. Essa crítica, porém, desvia-se das singularidades das opções do artista. É a ele quem cabe a força dada à “natureza morta” e, bem ao espírito dos pré-rafaelitas, a multiplicidade semântica das flores cuidadosamente escolhidas e desenhadas nas suas mais de 1500h de trabalho sobre tais elementos^{cccix}. Ainda mais, ao retratar os breves momentos em que a jovem flutua nas águas do riacho, Millais difere significativamente de seus predecessores, que voltaram seus olhos aos momentos que antecederam ou presenciaram a queda da ingênua donzela ensandecida. Seu viés, ao pôr em suspenso o ato, carrega o quadro das ambivalências do texto de Shakespeare, onde o *acidente* descrito por Gertrudes é, na sequência, contraposto a uma cerimônia fúnebre com “ritos mutilados” indicando “busca voluntária da salvação” pela jovem:

Um cemitério

(*Entram dois coveiros* [clowns])

1º Coveiro: Deve ser enterrada em sepultura cristã aquela que buscou voluntariamente a salvação?

2º Coveiro: Digo-te que deve; portanto, abre logo essa cova. O pontífice informou-se de tudo e deliberou que o enterro fosse cristão.

1º Coveiro: Como pode ser isso, a não ser que ela se afogasse em sua própria defesa?

2º Coveiro: Ora, foi decidido assim.

1º Coveiro: Deve ter sido *se offendendo*, nem pode ser de outro modo. Pois esse é o ponto: se eu me afogo voluntariamente, isso indica um ato, e um ato tem três partes, a saber: agir, fazer e consumir. *Ergum*, ela afogou-se voluntariamente.

2º Coveiro: Não; mas, escuta, mestre cavouqueiro...

1º Coveiro: Com licença. Aqui está a água, bem; aqui está o homem, bem; se o homem vai para a água e se afoga, queira ou não queira, é ele que vai. Presta atenção: mas se a água vem para ele e o afoga, não é ele que se afoga; *ergum*, ele não é o culpado de sua própria morte, ele não encurta a própria vida.

2º Coveiro: Mas isso é lei?

1º Coveiro: É, sim, senhor; lei de borla e capelo.

2º Coveiro: Queres saber a verdade? Se ela não fosse nobre, seria enterrada fora do ritual cristão.

1º Coveiro: Assim o disseste; e é uma lástima que os grandes deste mundo tenham o direito de afogar-se ou de enforcar-se, mais do que qualquer outro cristão (...)

(Entram Padres, em procissão, o corpo de Ofélia, Laertes e os que a choram: o Rei, a Rainha e Séquito)

[Hamlet:] Quem enterram? / Por que os ritos mutilados? Vê-se / Que o corpo a sepultar, com a mão violenta / Destruíu a própria vida. E era da corte. / Vamos dissimular-nos e observar.

(Afasta-se para um canto com Horácio)

Laertes: *[(A um Padre)]* Que cerimônias mais?

Hamlet: *[(Para Horácio, à parte)]* Esse é Laertes, / Um jovem muito nobre; reparemos.

Sacerdote: As exéquias tiveram a amplitude / Autorizada. A morte foi suspeita; / Se não houvesse imposto alto comando, / Ela teria que dormir num chão / Sem bênçãos o seu último descanso; / Em vez de preces, seixos e calhaus / Lhe seriam lançados sobre a tumba. / Nós lhe admitimos virginais grinaldas, / castas flores deitadas sobre a campa, / O enterro conduzido ao som de sinos.

Laertes: Nada mais será feito?

Sacerdote: Nada mais. / Profanaríamos o ofício fúnebre / Cantando o réquiem e a encomendação, / Que só se usa pra quem vai em paz^{cccx}.

Quadro e texto encontram-se ao nos lançar na impossibilidade de, com clareza, decidirmos se estamos diante de um acidente ou um suicídio. De um lado não sabemos se a placidez da jovem e a serenidade de sua expressão na tela resultam da “inconsciência de sua desgraça” ou do firme desejo de findar com seu sofrimento. De outro, a resignação generalizada diante do precário ritual fúnebre não condiz com a descrição do ocorrido oferecida pela rainha ainda há pouco. O impasse é, no texto, resolvido na explícita dissimulação de classe, num simulacro de túmulo cristão que, se não garante a Ofélia um local dentre os que descansam em paz, ao menos liberta os seus de sua mácula.

O sociólogo que corre seus olhos sobre os registros dos suicídios não se encontra em uma situação muito distinta. Quantos acidentes não são registrados como suicídios e quantos suicídios efetivos não são dissimulados sob a forma de acidente? Como portar a certeza de que tais registros não são sistematicamente falsificados, de modo a pôr em cheque a fiabilidade das estatísticas? Com efeito, sem essas respostas, como destacada por Halbwachs,

(...) Não valeria a pena consagrar muito ou mesmo pouco tempo a estudar essas cifras se nós não soubermos de onde elas vêm, o que puderam aprender, ouvir, ver e constatar aqueles que as escreveram primeiramente e como, sob qual forma, elas foram transmitidas ao órgão de estatística do qual nos lemos as publicações^{cccxi}.

Assim, o primeiro passo para se evitar esse tatear no escuro é a investigação dos modos pelos quais tais estatísticas são formuladas em cada um dos órgãos por elas responsáveis nos diferentes países, bem como as possíveis mudanças metodológicas efetivadas em seu estabelecimento ao longo dos anos. Essa desconfiança para com a fonte dos dados, que encabeça o capítulo primeiro do livro de Halbwachs, é um dos traços distintivos de sua obra em relação àquela de Émile Durkheim, que se limita a indicar ao final da sua introdução e em diversos momentos dispersos as referências das fontes de dados e das análises de que se vale, mas sem lhes submeter a um procedimento crítica e presumindo sua neutralidade¹²⁸.

¹²⁸ Uma reconstituição mais detalhada do contraste entre tais obras e as originalidades do aporte de Maurice Halbwachs pode ser encontrada no prefácio de Serge Paugam^α à reedição da obra e nos artigos de Jean Christophe Marcel^β, de Frédéric Keck^γ e de Christian Baudelot e Roger Establet^ψ, este último apresentando uma interessantíssima avaliação das pesquisas de Halbwachs a partir das pesquisas sociológicas do suicídio na atualidade.

^α « Préface: Le suicide revisé – en quoi Halbwachs s’oppose à Durkheim » in HALBWACHS, *Les causes du suicide...*, *op.cit.*

É justamente a ausência dessa reflexão acerca da fiabilidade das fontes que conduziu Durkheim, por exemplo, a superestimar o impacto da crise Austríaca de 1873 sobre a elevação brusca da taxa de suicídio (em 50%) no período subsequente. Isso porque, na abertura de seu capítulo destinado à análise do *suicídio anômico*, Durkheim diz o seguinte:

Em Viena, em 1873, eclode uma crise financeira que atinge seu máximo em 1874; imediatamente, o número de suicídios se eleva. De 141 em 1872, eles sobem para 153 em 1873 e para 216 em 1874, com um aumento de 51% com relação a 1872 e de 41% em relação a 1873. A prova de que essa catástrofe é a única causa desse crescimento é o fato de ele ser sensível sobretudo no momento em que a crise chegou ao seu estado agudo, ou seja, durante os quatro primeiros meses de 1874^{cccxi}.

Ora, segundo aponta Halbwachs a partir da pesquisa de S. J. Krose, que essa elevação abrupta se deveu, antes de qualquer coisa, a uma mudança na metodologia de coleta das informações que tornou tais recenseamentos mais detalhados:

Até 1872, o número de suicídios aumenta na Áustria, mas em um movimento lento. Nesse mesmo ano começa-se a publicar os levantamentos sanitários prescritos pelo Conselho superior de higiene, que permitem completar os dados dos registros que os padres mantinham. Ora, o número de suicídios aumenta de 1677 em 1872 a 2463 no ano seguinte, cerca de 50%. Sem dúvida o crash de Viena, em 1873 pode explicar uma pequena parte desse aumento. Mas ele resulta principalmente do fato dos levantamentos serem mais exatos, posto que ele permanece estável os anos seguintes^{cccxii}.

No entanto, se avaliar cuidadosamente os modos de elaboração dos recenseamentos e a sua evolução metodológica ao longo do período estudo é condição necessária para um tratamento mais preciso de tais dados, ela não é condição suficiente, já que ela não nos liberta da possibilidade de uma dissimulação generalizada em tais estatísticas. Com efeito, a certeza de que não haveria uma dissimulação de tal ordem nas estatísticas do suicídio é alcançada por Halbwachs analisando outro elemento pelo qual Durkheim passa

^β « Halbwachs et le suicide : de la critique de Durkheim à la fondation d'une psychologie collective » in BORLANDI, Massimo & CHERKAOUI, Mohamed. *Le suicide un siècle après Durkheim*. Paris : PUF, 2000.

^γ « Vie sociale et genres de vie. Une lecture des Causes du suicide de Maurice Halbwachs » in *Revue d'histoire des sciences humaines*, n°13, vol. 2, 2005.

^ψ « Suicide : changement de régime » in BAUDELLOT & JAISSON, *Maurice Halbwachs..., op.cit.*

demasiadamente rápido por julgar que escapa ao escopo de seu estudo, a saber, os meios pelos quais os suicidas põem fim a sua vida, os *modos de suicídio*.

Atentemos a duas tabelas seguintes: a primeira apresenta a evolução da distribuição relativa média dos modos de suicídio ao longo de um período para a Prússia; a segunda retrata a média da distribuição relativa dos modos de suicídio para nove países europeus em períodos adjacentes: Noruega, 1888-1889; Dinamarca, 1890-1894; Prússia, Suíça, Bélgica, 1889-1893; França, 1997-1891; Espanha 1881-1884.

Tabela 2. Distribuição dos Modos de Suicídio na Prússia (1869-1890)

	Por 100 Suicídios				Para um milhão de habitantes
	Enforcamento	Armas de fogo	Armas Brancas	Afogamento	Proposição de suicídios
1869-1872	60,8	10,2	4,2	19,7	128
1873-1876	60,3	11,1	3,7	18,6	143
1877-1882	61,4	10,7	2,9	18,4	184
1883-1890	61,3	11,1	2,8	19	201

Fonte: Elaborado a partir de: HALBWACHS, *Les causes du suicide...*, op.cit., p. 34.

Notemos que, enquanto o total de suicídios eleva-se em 56%¹²⁹, os modos de suicídio permanecem estáveis, desviando-se da média apenas 0,8% nos casos de enforcamento, 1,3% para as mortes por arma de fogo, 2,25% para os afogados e 16,2% para os casos de morte por arma branca, que, de um lado, apresenta um número muito restrito de casos e, de outro, uma tendência de decréscimo constante.

Tabela 3. Distribuição relativa dos modos de suicídio para nove países europeus

	Número de suicidas, por 100, que se mataram								
	Enforcando-se	Afogando-se	Com armas de fogo	Com armas pérfuro-cortantes	Envenenando-se	Arremessando-se	Por asfixia	Fazendo-se esmagar	Outros meios ou meios desconhecidos
Noruega	65,6	17,2	7,8	4,7	3,1	—	—	—	1,6
Dinamarca	73,4	13,7	5,8	1,5	4,2	0,7	—	0,5	0,2

¹²⁹ Manteremos os valores calculados por Halbwachs, mesmo que, por vezes, eles sejam apenas aproximativos.

Prússia	58,6	18,6	13	2,3	4	1,3	0,2	1,8	0,2
Saxônia	61,8	18,8	10,9	1,9	3,4	1,1	0,1	1,7	0,3
Bélgica	49,2	24,9	15,5	1,9	2,2	0,8	1,2	3	1,3
França	43,5	26	12,5	2,4	2,2	2,7	8,8	1,4	0,5
Suíça	43,3	23,5	19	5,3	3,8	1,7	1,4	1,7	0,3
Itália	16,7	23,2	25,4	4,1	7,4	10,9	4,6	3,5	4,2
Espanha	18,3	17,5	35,7	7,3	9,2	7,4	2,2	1,5	0,9
Média para 16 Estados (1)	47	21,6	14,4	5,7	5,8	3,2	2,3	2	2,1

(1) 14 Estados : armas cortantes, etc ; 15 Estados por : veneno ; 10 Estados por : arremessar-se ; 8 Estados por : asfixia; 11 Estados por: se fazendo esmagar.

Fonte: Elaborado a partir de: HALBWACHS, *Les causes du suicide...*, op.cit., p. 45.

Na medida em que vamos dos países ao norte da Europa para os do sul, o que se verifica é, de um lado a redução contínua das mortes por enforcamento e, de outro, um aumento contínuo das mortes por armas de fogo. Mas o que chama mais a atenção de Halbwachs é a pequena variação das mortes por afogamento, cujo desvio relativo é de 17,6 - ao passo que o das mortes por enforcamento é 34,5, por armas de fogo é 43,5 e por envenenamento é de 40.

Segundo aponta Halbwachs,

(...) a proporção das mortes voluntárias por imersão é, em média, e por uma grande diferença, aquela que varia menos de um país a outro. Se ela não é exatamente a mesma aqui e lá e se os outros modos de suicídio variam também em proporção de um país a outro; como essas variações se produzem ao mesmo tempo na maior parte dos Estados vizinhos e semelhantes, elas parecem resultar de tradições e costumes comuns. Sem dúvida, ademais, em muitos países afoga-se cada vez menos. Mas outros modos de morrer, dos quais alguns eram desconhecidos outrora, atraem um número crescente de desesperados. Eles são mais corriqueiros e mais certos. (...) Assim, nós temos plena razão de reforçar a convicção que, na maior parte dos Estados europeus, as estatísticas do suicídio não são falsificadas por erros sistemáticos que operariam sobre certos modos de morte mais fáceis a dissimular^{cccxiv}.

Desse modo temos que se é por acaso que os indivíduos escolhem os meios de findar com suas vidas, não é por acaso que de um ano ao outro a distribuição relativa desses modos

permanença estável. Assim, a estabilidade relativa da distribuição dos modos de suicídio em cada um dos Estados, especialmente daquele que é considerado o mais fácil de dissimular, o afogamento; articulada com a estabilidade das variações concomitantes e segundo uma mesma tendência nos diferentes Estados vizinhos ou *morfologicamente* semelhantes aportaria a Halbwachs a segurança de que não haveria uma dissimulação generalizada nas estatísticas do suicídio disponíveis.

Se a avaliação mais detida da elaboração das estatísticas do suicídio desvia algumas ilusões de óptica, é também a melhor formação de Halbwachs no manejo das ferramentas estatísticas que lhe possibilita entrever a necessidade de pôr em questão certos aspectos das análises apresentadas n'*O suicídio*. Com efeito, a menor habilidade de Durkheim no manejo de tais ferramentas e a disponibilidade de dados menos precisos e abrangentes levaram-lhe a extrapolar a ordem dos fatos estatisticamente apreensíveis, de modo a comprometer não só o fundamento de suas análises, como conduzir suas conclusões por caminhos incertos, muito embora convincentes. Fechando *O suicídio* de Durkheim, destaca Halbwachs,

(...) mais de um leitor, sobretudo mais de um leitor filósofo, teve sem dúvida o sentimento de que o problema do suicídio não se colocava mais e que se conhecia de agora em diante a sua solução. É a dialética ou as estatísticas que lhe aportam a convicção? Uma e outra sem que se saiba bem distinguir o que era uma e o que era a outra. Algumas vezes mais dialética do que fatos, não por culpa de Durkheim, aliás. Mas isso apresentava mais de um inconveniente. Não se percebia que o edifício repousava sobre fundamentos que não estavam completamente sólidos. Como poderia ser de outro modo? Não há obra científica que novas experiências não obriguem a revisar e a completar^{cccxv}.

Nesse sentido, um dos pontos angulares das análises de Durkheim (e também do psiquiatra italiano Enrico Morselli^{cccxvi}, de onde Durkheim colhe muitos de seus dados) voltava-se à explicação da elevação constante da taxa de suicídio em praticamente todos os países europeus ao longo do século XIX (Tabela 3, a seguir), salvo Dinamarca e na Noruega onde temos uma redução na ordem de 8% e 6,6% respectivamente.

Tabela 4. Taxa de suicídios por milhão de habitantes nos diferentes países da Europa

	Período 1866-70	1871-75	1874-78	Números de Ordem		
				1º Período	2º Período	3º Período
Itália	30	35	38	1	1	1
Bélgica	66	69	78	2	3	4
Inglaterra	67	66	69	3	2	2
Noruega	76	73	71	4	4	3
Áustria	78	94	130	5	7	7
Suécia	85	81	91	6	5	5
Baviera	90	91	100	7	6	6
França	135	150	160	8	9	9
Prússia	142	134	152	9	8	8
Dinamarca	277	258	255	10	10	10
Saxônia	293	267	334	11	11	11

Fonte: DURKHEIM, *O suicídio...*, *op.cit.*, p. 23.

Interpretando essa elevação como uma espécie de índice do estado moral das sociedades e verificando sua correlação com outros fatos sociais específicos (confissão religiosa, nível de instrução, estado civil, idade etc.)¹³⁰, Durkheim formula no último movimento do segundo capítulo dedicado ao *suicídio egoísta* a seguinte lei: “O suicídio varia em razão inversa ao grau de integração da sociedade religiosa, da sociedade doméstica e da sociedade política”^{cccxvii}. Assim, a elevação da taxa de suicídio nos países industriais vincular-se-ia a ampliação da divisão do trabalho, a elevação do nível geral de instrução e de laicização; um processo de afrouxamento dos vínculos sociais que resultaria em um “(...) estado onde o eu individual se afirma demasiadamente face ao eu social e às expensas desse último (...)”^{cccxviii}, fazendo com que o “papel protetor” das instituições religiosas, familiares e políticas torne-se significativamente mais volátil.

Mobilizando em suas análises não só as médias, proporções e porcentagens, mas também com coeficientes de dispersão, correlação, desvios etc.; Halbwachs é levado a retificar essa formulação. Com efeito, ao analisar as estatísticas do suicídio em 11 países europeus entre 1836 e 1925 e ponderar-lhes segundo suas dimensões territoriais e a suas estruturas etárias; Halbwachs apreende que há efetivamente uma elevação da taxa de suicídio no período, posto que nele ela eleva-se em 90%, enquanto a população eleva-se em 76%^{cccxi}. No entanto, essa elevação não é, como se dizia, constante: se entre 1840 e 1877, período

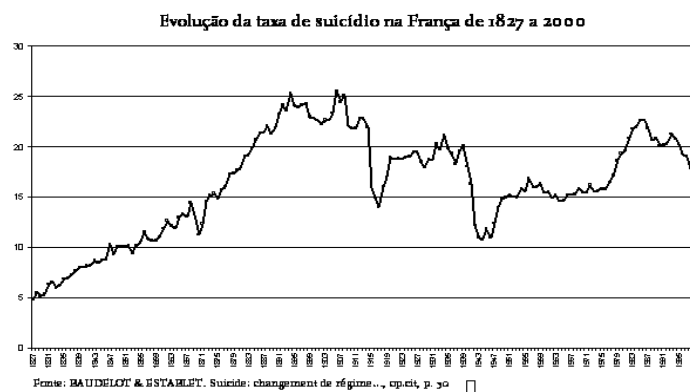
¹³⁰ Remetemos o leitor aos seguintes quadros d’*O suicídio* (*op.cit.*): XVIII, para confissão religiosa (p. 181), XIX, para o nível de instrução (p. 195), XX e XXI, para o estado civil e grupos etários (pp. 214 e 215).

analisado por Durkheim, a taxa eleva-se em 64% e a população em 36%; no período seguinte a população eleva-se em 30% e a taxa de suicídio em 14%. Ou seja, após ter atingido um pico ao final dos anos 1880, ela apresenta uma tendência à estabilização em um patamar inferior.

Ademais, essa elevação não se opera do mesmo modo nos diferentes países, sendo mais lenta naqueles que já apresentavam, inicialmente, uma taxa de suicídio relativamente alta. O que se verifica, assim, é uma gradativa redução do coeficiente de dispersão (simples e ponderado) ao longo de todo o período, de modo a se apreender uma tendência à harmonização internacional das taxas de suicídio e uma tendência a uma taxa máxima de suicídios¹³¹. Tais tendências são igualmente verificadas, na sequência, ao nível nacional, observando-se a evolução das taxas de suicídio nos diferentes departamentos da França, da Alemanha, da Itália e da Inglaterra.

Ora, o que Halbwachs apreende da análise desses dados é que as variações nas taxas de suicídio nos diferentes países e nas diferentes regiões no interior de um mesmo país acompanham de muito perto a taxa de desenvolvimento das grandes cidades e o progresso industrial em tais regiões. Ou seja, a mudança de patamar da taxa de suicídio não guardava nada de anormal e estava ligada a uma transformação no *gênero de vida*¹³² de tais sociedades ao longo do século XIX. Assim, se observamos, por exemplo, a relação entre suicídio e religião, podemos notar que não é primordialmente devido ao característico “espírito de livre exame” que os protestantes alemães se suicidam mais que os católicos; mas,

¹³¹ Destaquemos apenas que, conforme apontam Christian Baudelot e Roger Establet em seu *Suicídio: changement de régime* (*op.cit.*), essas tendências entrevistadas por Halbwachs efetivam-se ao longo do século XX, conforme podemos observar para o caso francês, onde crescimentos contínuo desde de o século XIX tem seu pico em 1911, a partir de onde vemos uma baixa constante até 1947, de onde novamente vemos um movimento ascendente até 1983 e, por fim, um movimento descendente.



¹³² Ver o capítulo segundo da presente obra.

(...) tão logo se compare duas regiões, uma majoritariamente católica, outra majoritariamente protestante, não se deve esquecer que elas diferem sobre outras relações além do ponto de vista religioso. Às vezes os católicos e os protestantes se vinculam a nacionalidades diferentes: nas províncias do leste da Alemanha, os católicos são poloneses, os protestantes prussianos. Alhures, os católicos são camponeses, os protestantes vivem em cidades ou em regiões muito urbanizadas e se encontram engajados em profissões industriais e comerciais. A religião continua a desempenhar seu papel, mas, sem dúvida, um papel bastante restrito. Em todo caso, é impossível de estudar a influência da religião separadamente da ação de outros fatores. Que as diversas confissões religiosas produzam, como tais, mais suicídio, é uma das conclusões do estudo que empreende Durkheim que mais impressionam, mas talvez é também a mais discutível^{ccccx}.

Um raciocínio similar, mas pautado cada vez num trato particular das estatísticas é aplicado por Halbwachs no que toca à família, às crises políticas e econômicas, reforçando a necessidade de avaliá-los à luz de quadros mais amplos que lhes integrem e que conformam um determinado *gênero de vida*. Mas os deslocamentos d'*As causas do suicídio* não resultam somente de um melhor tratamento das estatísticas e, por conseguinte, uma complexificação das interações entre as variáveis. É o próprio *sentido* das estatísticas que sofre aqui um deslocamento, resultado das intervenções epistemológicas de François Simiand e das ressalvas de Halbwachs frente às contribuições de seu grande amigo¹³³.

Com efeito, embora seja majoritariamente lembrado por suas importantíssimas contribuições no campo da sociologia econômica, Simiand desenvolve ao longo de sua obra uma densa reflexão epistemológica, que se apresenta na forma de uma crítica às teorias

¹³³ Embora façamos no mais das vezes referência direta às obras sob a pena de François Simiand para, dentre outras coisas, possibilitar caminhos de aprofundamento ao leitor; nosso argumento na problemática que segue estrutura-se a partir dos artigos de Maurice Halbwachs publicados sobre a questão, especialmente: *L'expérimentation statistique et les probabilités*^α, *Une théorie expérimentale du salaire*^β e *La méthode de François Simiand: un empirisme rationaliste*^γ. Nutrimo-nos igualmente de vários dos artigos de Marie Jaisson e de Éric Brian tematizam essa problemática de um duplo ponto de vista, o da história e da teoria sociológica; a esse respeito, destacamos aquele escrito a quatro mãos que dá notícia de vários momentos dessa reflexão: *Nombre et Mémoire: Halbwachs sociologue probabiliste*^λ.

^α *Revue philosophique de la France et de l'étranger*, 96, 1923.

^β *Revue philosophique de la France et de l'étranger*, 114, 1932.

^γ *Revue philosophique de la France et de l'étranger*, 121, 1936.

^λ in KRAPOTH, Hermann & LABORDE, Denis (org). *Erinnerung und Gesellschaft. Mémoire et Société (Jahrbuch für Soziologiegeschichte)*. Wiesbaden, VS Verlag für Sozialwissenschaften, 2005, pp. 127-151.

conceituais (sobretudo a economia de viés clássico)¹³⁴ e a historiografia nominalista¹³⁵, mas também ao modo como Durkheim compreende o *científico* da sociologia e as consequências dessa compreensão do ponto de vista da instauração de um conhecimento positivo. Isso porque, conforme indica Durkheim n’*As regras*, o método experimental em sentido pleno não seria adequado à sociologia, onde os fatos estudados não podem ser produzidos artificialmente:

Quando eles podem ser artificialmente produzidos pelo observador, o método é a experimentação propriamente dita. Quando, ao contrário, a produção dos fatos não está à nossa disposição e só podemos aproximá-los tais como se produziram espontaneamente, o método empregado é o da experimentação indireta ou método comparativo. (...) Uma vez que, por outro lado, os fenômenos sociais escapam evidentemente à ação do operador, o método comparativo é o único que convém à sociologia^{cccxxi}.

Ora, já em sua resenha d’*O suicídio* de Durkheim, Simiand adverte:

(...) Seguramente, a concepção dos fatos sociais tal qual é apresentada por Durkheim funda a sociologia como ciência: mas ela não está em conformidade ao princípio de economia. A sociologia pode ser fundada como ciência com muito menos custo. “As tendências coletivas, diz ele, têm uma existência que lhes é própria; são forças tão reais quanto as forças cósmicas, embora sejam de uma outra natureza”[DURKHEIM, *O suicídio...*, *op.cit.*, p.398]. “Tão reais quanto”: poder-se-ia dizer “tão pouco reais quanto” e a ciência física não perderia nada quando ciência. A ciência não tem necessidade de trabalhar sobre “realidades”. É uma questão puramente metafísica saber se uma realidade corresponde ou não à ciência e, sem dúvida, a ciência conduz a essa questão, ela leva à metafísica e ela recebe dela frequentemente fecundas orientações. Mas ela lhe é distinta. Basta à ciência que existam fenômenos objetivos e determinados. Pode ser cômodo de se representar as

¹³⁴ Ver, sobretudo, a obra *La méthode positive en sciences économiques*^α; mas também as seguintes resenhas de Simiand que esclarecem e enriquecem, sobre pontos específicos, suas críticas: *Une théorie selon la méthode abstraite*^β; *Un système d’économie politique purê*^γ; e *De l’économie mathématique*^δ.

^α Paris : Alcan, 1911.

^β *L’Année sociologique*, 8, 1905.

^γ *L’Année sociologique*, 10, 1907.

^δ *L’Année sociologique*, 11, 1910.

¹³⁵ Ver a esse respeito os artigos intitulados *Méthode historique et sciences sociales*^α e *La causalité en histoire*^β.

^α *Revue de synthèse historique*, fevereiro, 1903, pp. 1-12.; e *Revue de synthèse historique*, abril, 1903, pp. 129-157.

^β *Bulletin de la Société française de philosophie*, julho, 1906 : 245-290.

relações entre os fenômenos interplanetários sobre a forma de uma atração, as ações elétricas com a metáfora da corrente; mas essas não são senão metáforas cômodas e que não querem predizer nada da natureza real e dessas relações. Por que seria mais necessário em sociologia considerar as “forças sociais”, as “correntes suicidógenas” de outro modo que não como metáforas? Essa concepção geral da sociologia é na realidade uma metafísica da sociologia, ela é um realismo sociológico, ela adiciona, como ela mesma diz, um mundo novo de realidades àqueles de que se ocuparam as metafísicas anteriores. Não é o lugar de lhe examinar aqui^{cccxxii}.

Essa requalificação sociologia como ciência em sentido tão estrito quanto à física, à química ou à biologia, possibilitam a Simiand reconfigurar a possibilidade epistemológica de um método experimental em sociologia que, então, passa a ser a condição do estabelecimento de uma ciência social positiva¹³⁶. Ora, como o essencial de toda experiência é “(...) a disposição dos fatos de tal modo que o espírito do homem possa tirar uma relação entre esses fatos”^{cccxxiii}, o método estatístico aparece aos seus olhos como o equivalente nas ciências sociais dos métodos experimentais nas demais ciências, na medida em que a abstração é naquele tão eficaz quanto o isolamento ou a fixação de um fator nesses¹³⁷.

¹³⁶ A esse respeito, ver o livro de Simiand intitulado *Statistique et Expérience: remarques de méthode* (Paris : Rivière, 1922) e o artigo de Halbwegs *L'expérimentation statistique et les probabilités* (*op.cit.*).

¹³⁷ Tomemos um exemplo comparativo apresentado por Simiand: “Eis uma série de dados mensais, durante certo número de anos, sobre a taxa de desemprego de certo conjunto [*ensemble*] de operários. A variação tal qual desses dados aparece, em um primeiro exame, como bastante complexa e misturando provavelmente uma variação de periodicidade anual - segundo os meses e as estações - e uma variação de periodicidade mais longa, tendência à alta ou tendência à baixa através de vários anos. Por procedimentos estatísticos apropriados nós eliminamos, de um lado, a variação inter-anual, de modo a por de lado [*dégager*] e isolar a variação interior ao ano ou a variação sazonal própria; depois nós eliminamos, de outro lado, essa variação sazonal, para por de lado e isolar a variação em um período mais longo. E, isso feito, nós estudamos a relação que cada uma dessas variações pode manter [*soutenir*] respectivamente com tal ou tal fator. Em quê esse conjunto de operações se distingue, em seu princípio, do conjunto de operações pelas quais o estudo material de um movimento material complexo em tal ou tal ciência da natureza põem de lado [*dégage*] e isola sucessivamente cada um dos movimentos componentes e estuda separadamente o que se produz com cada um?”

α SIMIAND, *Statistique et Expérience...*, *op.cit.*, pp. 8-9.

[Voici une série de données mensuelles, pendant un certain nombre d'années, sur le taux de chômage d'un certain ensemble ouvrier. La variation telle quelle de ces données apparaît, au premier examen, comme assez complexe et mêlant probablement une variation à période annuelle, selon les mois et les saisons, et une variation à période plus longue, tendance à une hausse ou tendance à une baisse à travers plusieurs années. Par des procédés statistiques appropriés nous éliminons, d'une part, la variation interannuelle, de façon à dégager et isoler la variation intérieure à l'année ou variation saisonnière propre ; puis nous éliminons d'autre part cette variation saisonnière, pour dégager et isoler la variation à période plus longue. Et cela fait, nous étudions la relation que chacune de ces variations peut respectivement soutenir avec tel ou tel facteur. En quoi est-ce que cet ensemble d'opérations se distingue, dans son principe, de l'ensemble d'opérations par lesquelles l'étude d'un mouvement matériel complexe dans telle ou telle des sciences de la nature dégage et isole successivement chacun des mouvements composants, et étudie séparément ce qui se produit avec chacun d'eux ?]

Essa equivalência, no entanto, não significa identidade, já que nas experiências das ciências ditas duras o pesquisador realiza uma intervenção material no experimento, ao passo que na experimentação estatística as intervenções são intelectuais, fato que torna esse procedimento muito mais delicado e exige do pesquisador uma série de precauções complementares. Ademais, e esse é um ponto crucial, dada a diferença existente entre as realidades sociais e as realidades físicas, as estatísticas mostram-se como plenamente realizada somente no tratamento desses fatos “(...) *que se determina quantitativamente por meio de um número mais ou menos grande de constatações individuais, que são distintos desses elementos individuais e não são realizados como tais em nenhum deles*” [grifo no original]^{cccxxiv}.

Desse modo, como destaca Halbwachs comentando o método de Simiand, a estatística “(...) ultrapassa a ordem dos fatos quantitativos. Pode-se conceber, com efeito, que a estatística assim entendida não é senão o modelo e o tipo de toda pesquisa sociológica”^{cccxxv}. Mas para que a estatística seja possível é necessário que ela se volte a conjuntos *reais e consistentes*, o que nos conduz a um problema: como conhecer tais conjuntos e os delimitar no tempo e no espaço sem incorrer numa petição de princípio ao estilo das teorias conceituais ou mergulhar em um círculo vicioso? É preciso, segundo sintetiza Halbwachs, adotar “um método empírico integral, digamos antes e ao mesmo tempo, sem medo de cair em um pleonasma, de empirismo puramente e plenamente experimental”^{cccxxvi}. Isso quer dizer, como explicita Simiand numa conhecida passagem do início d’*O salário, a evolução social e a moeda*, que

(...) nos pareceu ainda mais probante persistir [*attacher*] em não partir de nenhuma hipótese, de nos posicionar simplesmente em face de nosso objeto de estudo e de orientar nossa pesquisa somente pelo reconhecimento de condições teóricas e práticas onde nos pareceria que ela tem mais possibilidades objetivas de chegar a resultados de uma força probante e de um escopo determináveis. A tentativa assim concebida nos dispensa, desse modo, de tratar do papel da hipótese na pesquisa indutiva e das condições para reconhecer sua prova experimental. Digamos somente que, em nossa matéria de estudo, a observação dos preceitos, de todos os preceitos que nós acabamos de destacar, nela seria sem dúvida ainda mais indispensável e, assim, nós traçamos por eles um caminho que, de todos os modos, a pesquisa indutiva deve percorrer^{cccxxvii}.

Embora Halbwachs acompanhe Simiand no que toca a efetividade e a necessidade de um procedimento experimental através das estatísticas nas pesquisas sociológicas (como

bem expressa a estrutura, por exemplo, d'*As causas do suicídio*), ele não deixa de apresentar seus distanciamentos desse indutivismo transmutado em *mecânica numérica de dedução*, para nos valermos da luminosa fórmula de Marie Jaisson e Éric Brian^{cccxxviii}. Esse distanciamento opera essencialmente sobre dois aspectos, primeiramente por uma reflexividade em relação ao número que passa a ser ele-próprio *objeto* de reflexão sociológica e não mais somente um *instrumento* do método, ou seja, "(...) o método estatístico é o mais positivo que se pode aplicar em sociologia, porque ele nos põe em relação com números. Ora, os números, o aspecto quantitativo dos objetos, são um dado que se impõe a nós exteriormente"^{cccxxix}. Assim, como comentam Brian e Jaisson em *Le sexisme de la première heure*,

(...) nada menos que quatro concepções sociológicas diferentes estabeleceram o número e o fato social no *corpus* durkheimiano, Foi de início a perspectiva morfológica e positivista de Durkheim ele-mesmo, retomada posteriormente por Simiand: o número e a densidade dos homens importam e oferecem um registro [*prise*] para analisar as variações de intensidade social. É em seguida a hipótese de [Célestin] Bouglé segundo a qual a densidade da espécie humana induziria a possibilidade da civilização e as tendências democráticas, isso quer dizer, fatos de representações coletivas. Ela derivava do postulado morfológico estritamente durkheimiano, mas ela saía do registro metodológico para voltar ao fenômeno social ele-mesmo. Uma terceira concepção, afastada por Bouglé, é aquela do princípio de "massa crítica" à maneira de [Georg] Simmel: um limiar de número pode ser uma condição imediata para a manifestação de um fato social. Enfim, a constatação de Halbwachs para quem os números se impõem como representações coletivas ao teórico social e ao resto da sociedade. Eles operam, assim, como um fato social. É sem dúvida seu diálogo crítico com o positivismo encarniçado de François Simiand, sua fidelidade a seus dois mestres Émile Durkheim e Henri Bergson, enfim sua proximidade com o matemático Maurice Fréchet, que conduziram Maurice Halbwachs a se extirpar do círculo da objetivação sociológica que passa sucessivamente pela morfologia social, depois pelos números e, em seguida, pelas representações coletivas^{cccxxx}.

Essa ressignificação dos números eles-próprios como fato social fundamenta-se em um segundo aspecto em que Halbwachs apresenta-se criticamente às contribuições de Simiand, a saber, o fundamento probabilístico da experiência estatística. Embora a independência dos fatos individuais exigida pelo cálculo probabilístico faça com que as leis estabelecidas por um ou por outro não sejam do mesmo tipo – o que não quer dizer senão que a estatística opera

exclusivamente em um conjunto internamente consistente -, as cifras obtidas pela estatística são comparadas àquelas que se obteria através das leis do acaso para, então, se mensurar o sentido e a grandeza das variações que escapam a esta última¹³⁸ - “(...) tudo se passa como se imaginássemos, ao lado da série observada, uma série fictícia que difere da precedente por nessa não intervir a causa em questão”^{cccxxxi}.

Assim, as operações estatísticas apresentam todas as características de um método experimental e, toda vida, elas estão em estreita relação com a teoria e o cálculo das probabilidades que se pôde perguntar recentemente se “o cálculo das probabilidades não constituiria a base de toda as previsões estatísticas” [MEDOLAGHI, Paolo. “La previsionone statistica e il calcolo delle probabilita” in *Metron*, dez. 1920]. Que essas duas proposições não se contradizem, é o que resulta de nosso exame do papel atribuído, em estatística, aos raciocínios probabilísticos. As leis estatísticas se distinguem das leis do acaso e talvez conviesse, para evitar todo equívoco, renunciar a expressões tais quais: “probabilidade estatística” e “equilíbrio estatístico”, que designam resultados sem relação com aqueles que persegue o estudo experimental e positivo dos grupos. Mas o estatístico é obrigado, a cada instante, de se servir do cálculo de probabilidades para analisar os objetos coletivos que ele observa e determinar isoladamente as variações de cada um de seus elementos, em suas relações com outros objetos coletivos ou com outros objetos quaisquer. Nesse sentido, o cálculo de probabilidades desempenha, em estatística, aproximadamente o mesmo papel que *os instrumentos* da experimentação físico-química^{cccxxii}.

Lembremos apenas que, para Durkheim, as estatísticas aparecem como um artifício do método sociológico para separar os fatos sociais das formas que assumem nos casos particulares, sendo seu procedimento o de estabelecer séries isoladas e buscar uma

¹³⁸ Tomemos um exemplo de Halbwachs construído a partir daquele apresentado anteriormente (nota n° 131): “Poderíamos, assim como nos sugeriu Simiand, calcular de início para cada ano a relação entre o número de desempregados de cada mês e o número de desempregados desse ano suposto uniformemente igual a 100, o que leva a eliminar imediatamente a variação anual. Mas, mesmo assim, não obteremos a cada ano, para cada mês, o mesmo valor relativo, porque a variação sazonal pode ser sujeita, de um ano ao outro, a pequenas variações acidentais. Seria preciso, assim, eliminar tanto quanto possível essas pequenas variações, calculando, para cada mês, a média de valor relativo em toda a série de ano, isso quer dizer, aplicando uma lei de probabilidade”^a.

^a HALBWACHS, *L'espérimentations statistique...*, *op.cit.*, pp. 306-307, nota 30.

[On pourrait, ainsi que nous l'a suggéré M. Simiand, calculer d'abord pour chaque année le rapport du nombre des chômeurs de chaque mois au nombre des chômeurs de cette année supposé uniformément égal à 100, ce qui revient à éliminer tout de suite la variation annuelle. Mais, même alors, on n'obtiendra pas chaque année, pour le même mois, la même valeur relative, parce que la variation saisonnière peut être sujette, d'une année à l'autre, à de petites variations accidentelles. Il faudra donc éliminer autant que possible ces petites variations, en calculant, pour chaque mois, la moyenne de la valeur relative dans toute la série d'années, c'est-à-dire appliquer une loi de probabilité.]

explicação para as covariações (bem ao estilo das pesquisas em física). Toda outra, conforme buscamos evidenciar, é a perspectiva de Halbwachs. Enquanto procedimento científico, as estatísticas “devem ser, antes de tudo, bem adaptadas a seu objeto” e serem “avaliadas segundo seu rendimento”^{ccccxxiii}, de modo que ela não convém a todos os objetos de estudo da sociologia, como bem explicita suas investigações sobre a memória. Ademais, para os objetos a que se aplica, é necessário ter em mente que as estatísticas em-si são tais qual um fato social, sobre o qual é possível realizar experiências por certos procedimentos de abstrações cujo instrumento por excelência é o cálculo probabilístico.

Isso posto, somos levados a outra mudança em relação a’O *suicídio*, talvez mais importante mas, certamente, inseparável das sutilezas de suas tabelas: enquanto Durkheim separava por um abismo os motivos particulares e individuais do suicídio de suas causas sociais, únicas que guardavam interesse sociológico; para Halbwachs “(...) não há uma diferença essencial entre isso que se chama de motivos e de causas”^{ccccxxiv}. Com efeito,

(...) tomados em conjunto, esses fatos que se chamam de ocasiões ou motivos dos suicídios não são senão um aspecto e um efeito da estrutura do gênero de vida do grupo. Assim, os suicídios se explicam sempre por causas sociais. Mas essas se apresentam tanto como forças coletivas propriamente ditas – tais quais os costumes familiares e religiosos ou as grandes correntes políticas e nacionais -, tanto sob a forma de motivos individuais, mais ou menos numerosos e repartidos de modo diferente segundo a sociedade ser mais ou menos complexa. Não depende de nós, aliás, isolar os hábitos familiares ou religiosos das outras maneiras de ser do grupo considerado, com as quais elas se cruzam em uma rede mais ou menos estreita. O que seria da urdidura sem a trama e como distinguir na resistência do tecido o que se deve a uma e a outra? Mas nós não podemos tampouco observar separadamente o conjunto das circunstâncias e motivos do suicídio, que são como muitas armadilhas posicionadas no caminho dos vivos: pois eles se dissimulam^{ccccxxv}.

Essa perspectiva atravessa a obra de Halbwachs, mas é somente no seu tratamento do problema do suicídio que ela se torna contundente. Daí a importância atribuída por ele à impressionante estabilidade da distribuição dos *modos de suicídio*, de que se valeu para avaliar a fiabilidade das estatísticas do suicídio. Ainda mais, essa mudança de perspectiva possibilita reconfigurar o debate com a psicopatologia da época, questionando tanto o reducionismo

fisiológico de médico Maurice de Fleury¹³⁹, quanto o dualismo das causas de Durkheim e Georges Dumas^{ccccxxvi}. Isso porque no período que precede o ato do suicídio, os indivíduos que não apresentam nenhum distúrbio psicopatológico apresentariam

(...) um distúrbio mais ou menos profundo, mas sempre efetivo, das funções nervosas e cerebrais, de onde se deve resultar um estado psíquico vizinho daqueles que se constata na neurose de angústia, na depressão etc. (...) Os estados afetivos violentos e profundos se acompanham de uma perturbação orgânica que, se não por suas origens, ao menos em seu desenvolvimento, suas fases, sua expressão e seus

¹³⁹ Segundo aponta o sociólogo Laurent Mucchielli, “(...) em 1924, em um livro que teve grande sucesso (*L’angoisse humaine*), o doutor Maurice Fleury, membro da academia de medicina, explica que o suicídio decorre de uma “emoção irresistível”, um “acesso de ansiedade” [*raptus anxieux*], que não tem nada de racional e de consciente. Reconhecendo que Durkheim deixou “uma obra monumental” sobre a questão, ele se apressa em dizer que tudo mudou desde um quarto de século e que é novamente da psicopatologia individual que se devem esperar todas as luzes. O paradoxo é que de Fleury utiliza a mesma lógica argumentativa que Durkheim: os motivos invocados nas estatísticas não são senão circunstâncias acidentais formuladas em linguagem do senso comum e registradas por funcionários [*fonctionnaires*] ignorantes. Como Durkheim, ele espera descobrir o “vínculo escondido”, a “tendência veemente, comum a todos, causa profunda, verdadeira, do gesto terminal”. Sua solução é um novo conceito psiquiátrico então em voga: “Nós sabemos hoje – é mérito de Kraepelin, de Kahlbaum, de Deny, de nos ter ensinado – que se trata de um só e mesmo desequilíbrio mental, constitucional, que é preciso nomear psicose maníaco-depressiva ou cicloimia”. Na medida em que a vida avança, os sujeitos que portam essa doença conheceriam fases depressivas cada vez mais intensas, o que explicaria que a taxa de suicídio cresça com a idade. Assim, “a psiquiatria traz uma explicação satisfatória à maioria, se não a todos os casos de morte desejada”. O resto não tem nenhum interesse: “Tristezas de amor ou tristeza de família, perda de emprego ou perda de um processo, ruína no jogo, sofrimentos físicos, descontentamentos diversos, como dizem nossas estatísticas, todos esses pobres e pequenos motivos que fazem sorrir, não agem, não podem determinar a prodigiosa ruptura do instinto de conservação senão naqueles que acabei de dizer”^α.

^α MUCCHIELLI, Laurent. « Pour une psychologie collective : l’héritage durkheimien d’Halbwachs et sa rivalité avec Blondel durant l’entre-deux-guerres » in *Revue d’histoire des sciences humaines*, n°1, 1999, p. 119.

[En 1924, dans un livre qui eut un grand succès (*L’angoisse humaine*), le docteur Maurice de Fleury, membre de l’Académie de médecine, explique que le suicide découle d’une « émotion irrésistible », un « raptus anxieux », qu’il n’a rien de rationnel et conscient. Reconnaissant que Durkheim a laissé « un ouvrage monumental » sur la question, il s’empresse de dire que tout a changé depuis un quart de siècle et que c’est à nouveau de la psychopathologie individuelle qu’il faut attendre toutes les lumières. Le paradoxe est que de Fleury utilise la même logique argumentative que Durkheim : les motifs invoqués dans les statistiques ne sont que des circonstances accidentelles formulées dans le langage du sens commun et enregistrées par des fonctionnaires ignorants. Comme Durkheim, il entend découvrir le « lien caché », la « tendance véhémente, commune à tous, cause profonde, véritable, du geste terminal ». Sa solution, c’est un nouveau concept psychiatrique alors en vogue : « Nous savons aujourd’hui – c’est la gloire de Kraepelin, de Kahlbaum, de Deny, de nous l’avoir appris – qu’il s’agit là d’un seul et même déséquilibre mental, constitutionnel, qu’il faut nommer psychose maniaque-dépressive ou cyclothymie ». À mesure que la vie avance, les sujets atteints de cette maladie connaîtraient des phases dépressives de plus en plus intenses, ce qui expliquerait que le taux de suicide croisse avec l’âge. Ainsi, « seule la psychiatrie apporte une explication satisfaisante de la plupart, sinon de tous les cas de mort voulue ». Le reste n’a aucun intérêt : « Chagrins d’amour ou chagrins de famille, perte d’emploi ou perte de procès, ruine au jeu, souffrances physiques, contrariétés diverses, comme disent nos statistiques, tous ces pauvres petits motifs qui donnent à sourire, n’agissent, ne peuvent déterminer la prodigieuse rupture de l’instinct de conservation, que chez ceux que je viens de dire »].

efeitos, não se distingue da agitação ou da depressão nervosa de natureza patológica^{cccxxxvii}.

Assim, não haveria uma distinção nítida entre um suicida dito *patológico* e um suicida dito *normal*, existindo entre esses dois grupos uma série de gradações que, nas imediações do suicídio, conformariam um estado de inadaptação e desequilíbrio a um só tempo orgânico e mental. Todos esses indivíduos teriam em comum o fato de terem sido rejeitados de forma violenta de um meio social sem o qual acreditam não poderem viver, tornando-se, assim, *desclassificados*.

Ora, o que se desclassificar? É passar de um grupo que se conhece, que você estima, a outro que se ignora e por quem não há nenhuma razão de se ter apreço. Sente-se, então, cavar-se em torno de si um vazio. Aqueles que lhe cercavam outrora - com quem você tinha tantas ideias em comum, tantos preconceitos em comum, de quem tantas afinidades lhes aproximava porque vocês se encontrava neles como eles em você - se distanciam repentinamente. Você desaparece de suas preocupações e de sua memória. Esses, no meio dos quais você se encontra, não compreendem nem seu desterramento, nem sua nostalgia e suas dores [*chagrins*]. Desligado de um grupo por um choque repentino, você é incapaz, ou, ao menos, você se crê incapaz de reencontrar em um outro [grupo] qualquer apoio, nem nada que substitua o que você perdeu. Mas, tão logo se morre assim para a sociedade, perde-se frequentemente a principal razão que se tem de viver^{cccxxxviii}.

Esse indivíduo desclassificado é, deste modo, alguém que se encontra isolado face ao(s) grupo(s) de que tomava vivamente parte. Seja ele alguém arruinado, um jogador que perdera a credibilidade, uma criança que não consegue responder as expectativas do sistema escolar, um doente mental, alguém que sofre uma dor de amor, um luto; todos esses casos “(...) são como diferentes formas particulares sob as quais se esconde um mesmo estado. *Mas esse estado ele-mesmo, isso quer dizer, o sentimento de uma solidão definitiva e sem recurso, é a causa única do suicídio*”^{cccxxxix}.

Deste modo, a entrada das sociedades europeias no *gênero de vida* urbano-industrial, um gênero de vida mais *complicado*, mas ao mesmo tempo mais rico e intenso, é acompanhada por uma multiplicação das possibilidades de um indivíduo encontrar-se isolado e desamparado, ou seja, em um estado de *solidão definitiva e sem recurso*. A multiplicação desses *acidentes* não se produz por acaso, ela resulta de condições sociais

espaço-temporalmente definidas ou, mais precisamente, das “impossibilidades materiais” de uma determinada vida social¹⁴⁰. Assim,

(...) a sociedade, na medida em que evolui e se complica, reuni e aproxima em um mesmo espaço um maior número de homens e multiplica o contato entre eles. Isso é uma espécie de matéria, à qual se sobrepõem uma forma, isso quer dizer que, entre esses homens, costumes e crenças tendem a estabelecer uma comunidade de vida coletiva. Suponhamos agora que a sociedade se retire temporariamente de uma parte desse edifício, que certo número desses homens não obedeça mais à ação das forças sociais. Eles têm também menos força para resistir ao impulso ao suicídio. É por isso que eles estão expostos a muito mais riscos, conflitos e choques que se eles tivessem continuado a viver dispersos. A sociedade, que lhes priva de seu apoio, mantém-lhes, no entanto, em uma situação em que as probabilidades de danos e de ferimentos de todos os tipos são multiplicadas. Eles terão, então, mais ocasiões de pensar no suicídio^{cccxl}.

Assim, a reconfiguração da causalidade entre o mental e o social articulada pela notável habilidade na manipulação dos dados estatísticos faz com que Halbwachs perceba que a mudança de patamar da taxa de suicídio resulta não de um “afrouxamento dos vínculos sociais” e de um desregramento que resultaria em uma tendência das sociedades urbanas à

¹⁴⁰ Segundo podemos ler no décimo quarto capítulo d'*As causas do suicídio*: “(...) Se os costumes favorecem ou admitem até certo ponto a relação entre homens e mulheres, dentro e fora do casamento, não com vistas a lhes fazer infelizes: as dores de amor são acidentes que não cabem à sociedade prevenir e suprimir. Nesse sentido, pode-se dizer que a vida social se choca com impossibilidades materiais. É materialmente impossível que todos os homens enriqueçam e que a riqueza de uns não desencadeie a ruína de outras, que muitos concorrentes obtenham o mesmo posto, que as pessoas que se amam morram ao mesmo tempo, etc. Mas é também materialmente impossível que dentre tantos homens tão diversos, como é preciso que sejam para que haja uma grande diversidade de aptidões, não nasçam alguns que sejam mal adaptados ao seu meio. Nos dois casos as impossibilidades são de mesma ordem. Todos esses acidentes são materiais no mesmo grau”^α.

^α HALBWACHS, *Les causes du suicide...*, *op.cit.*, p. 334.

[Si les coutumes favorisent ou admettent jusqu'à un certain point les relations entre hommes et femmes, dans le mariage et hors du mariage, ce n'est pas en vue de les rendre malheureux : les chagrins d'amour sont des accidents qu'il ne dépendait pas de la société de prévenir et de supprimer. En ce sens on peut dire que la vie sociale se heurte à des impossibilités matérielles. Il est matériellement impossible que tous les hommes s'enrichissent et que la richesse des uns n'entraîne pas la ruine des autres, que plusieurs concurrents obtiennent un même poste, que les gens qui s'aiment meurent au même moment, etc. Mais il est aussi matériellement impossible que sur tant d'hommes si divers, comme il faut qu'ils le soient pour qu'il y ait une assez grande diversité d'aptitudes, il n'en naisse pas quelques-uns qui soient mal adaptés à leur milieu. Ici et là, les impossibilités sont du même ordre. Tous ces accidents sont matériels au même degré.]

anomalia, como queria Durkheim¹⁴¹; mas do ingresso de várias regiões europeias em um gênero de vida em que a vida social é mais intensa, mais rica e mais complicada.

Mas não é somente o *suicídio egoísta* e o *suicídio anômico* que são postos em causa. Com efeito, ao tomar em conta na sua explicação “(...) não somente as grandes forças que desviam do suicídio, mas ainda os eventos particulares que não são os pretextos, mas os motivos”^{cccxi}, Halbwachs é levado a repensar própria definição de suicídio¹⁴² e, com ela, aquilo que Durkheim denominava *suicídio altruísta*, ou seja, aquele que resultaria de uma forte integração do indivíduo ao grupo para e pelo qual existe¹⁴³. Isso porque, retomando as pesquisas de Marcel Mauss e de Henri Hubert^{cccxlii}, toda essa gama de mortes voluntárias tais quais a queima das viúvas, a morte dos escravos de um senhor falecido, aquela dos mártires,

¹⁴¹ Segundo indica em sua conclusão, “(...) longe de ser desregrada e anárquica, a vida social, em nossas civilizações modernas, comporta, assim, uma espécie de disciplina espontânea que restringe singularmente o livre jogo das atividades individuais. Ela tem seu ritmo próprio, pelo qual nós somos arrastados; suas formas convencionais, às quais nós devemos nos dobrar. (...) Ela é, sem dúvida, muito fragmentada e sujeita a muitas flutuações para dar nascimento a essas vastas correntes coletivas que envolvem os homens e lhe dão suporte. Falta-lhe, nesse momento ao menos, essa autoridade, esse prestígio e também essa virtude pacificadora e consoladora que não pertence senão à tradição. Em todo caso, se ela não estende sua ação a todos os detalhes da vida e a todas as situações que se encontram, era certamente do mesmo modo com velhas regulamentações e nada nos permite afirmar que haja, relativamente, mais anomia agora que outrora”^α.

^α HALBWACHS, *Les causes du suicide...*, op.cit., p. 374.

[Loin d'être dérégulée et anarchique, la vie sociale, dans nos civilisations modernes, comporte donc une sorte de discipline spontanée qui restreint singulièrement le libre jeu des activités individuelles. Elle a son rythme propre, par lequel nous sommes entraînés, ses formes conventionnelles, auxquelles nous devons nous plier. (...) Elle est, sans doute, trop morcelée et sujette à trop de fluctuations pour donner naissance à ces vastes courants collectifs qui enveloppent les hommes et les soutiennent. Il lui manque, en ce moment du moins, cette autorité, ce prestige et aussi cette vertu apaisante et consolatrice qui n'appartient qu'aux traditions. En tout cas, si elle n'étend pas son action à tous les détails de la vie et à toutes les situations qui se rencontrent, il en était certainement de même des vieux types de réglementation, et rien ne nous permet d'affirmer qu'il y ait, relativement, plus d'anomie maintenant qu'autrefois]

¹⁴² Durkheim define o suicídio “(...) como todo caso de morte que resulta direta ou indiretamente de um ato, positivo ou negativo, realizado pela própria vítima e que ela sabia que produziria esse resultado”^α.

^α DURKHEIM, *O suicídio...*, op.cit., p. 14, grifo no original. [14-15]

[(...) On appelle suicide tout cas de mort qui résulte directement ou indirectement d'un acte positif ou négatif, accompli par la victime elle-même et qu'elle savait devoir produire ce résultat.]

¹⁴³ Notemos que, embora Halbwachs não se detenha sobre o *suicídio fatalista*, sua explicação do suicídio enquanto fenômeno sociológico é capaz de abarcar o tipo particular de isolamento resultado da sobre-regulação desses regimes onde vigora uma disciplina opressiva – afinal, seguindo a pista de Michel Foucault, “(...) o espaço das disciplinas é sempre no fundo, celular. Solidão necessária do corpo e da alma, dizia um certo ascetismo: eles devem, ao menos por momentos, se defrontar a sós com a tentação e talvez com a severidade de Deus. (...) A disciplina, arte de dispor em fila, e de técnica para a transformação dos arranjos. Ela individualiza os corpos por uma localização que não os implanta, mas os distribui e os faz circular numa rede de relações”^α.

^α FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 123 e p. 125.

dos heróis de guerra etc.; originam-se em uma decisão do grupo, constituindo, assim, um conjunto sociologicamente específico denominado *sacrifício*:

Essa aproximação entre o sacrifício e o suicídio [, que Durkheim já antevira,] não deve nos conduzir, não obstante, a lhes confundir. São, nós dissemos, duas espécies de morte do mesmo gênero. Em que se distinguem? O suicida, não mais que o sacrificado, não toma senão conselho a ele mesmo. Um como o outro executam um ato cujas razões se encontram em representações ou imperativos coletivos. Mas, enquanto a sociedade preside o sacrifício, que ela lhe organiza publicamente, enquanto ela toma a sua responsabilidade; ela não quer que se possa dizer que ela interveio no suicídio. Se ela o aconselhou e o sugeriu, o ato uma vez realizado, longe de reivindicar como manifestação de sua vontade, como o resultado de suas sugestões, ela não o reconhece, ela o repudia: “Não é ela quem o quis”. (...) Essa diferença resulta já do sacrifício estar envolto geralmente por formas rituais, se realizar em meio de uma confluência do povo [*conours du peuple*], que personagens consagrados regulem sua marcha segundo regras fixadas pelas tradições. Não se encontra nada de semelhante no suicídio^{cccxlili}.

Assim, a definição suicídio deve compreender a atitude do sujeito e da sociedade da qual ele faz parte diante de tal ato de morte, o que significa fazê-la passar a englobar “(...) *todo caso de morte que resulta de um ato realizado pela vítima ela-mesma, com a intenção ou com vistas a se matar e que não é um sacrifício*”^{cccxliv}.

O leitor que toma a sério as indicações de Mauss no prefácio à obra¹⁴⁴ fica embasbacado com aquilo que vai se deparando no desenrolar dos argumentos. As clássicas tipologias do suicídio desaparecem, uma nova relação entre indivíduo e sociedade se conforma, uma nova explicação e definição do suicídio vêm à tona. A fineza da análise estatística se combina com um procedimento de reflexão a um só tempo ousado e prudente que, presente também em

¹⁴⁴ Mauss afirma que Halbwachs mostra “(...) que, durante todo esse longo período, os choques profundos e mesmo as imensas renovações das sociedades europeias, não fizeram aparecer eventos muito diferentes daqueles que Durkheim previra. A maior parte dos fatos novos de suicídios permanece do gênero que Durkheim havia descrito e submetido pelo essencial à interpretação que ele propunha”^α.

^α MAUSS, Marcel. “Avant-propos” in HALBWACHS, *Les causes du suicide...*, *op.cit.*, p.I.

[Halbwachs a donc montré ici, que, pendant toute cette longue période, les ébranlements profonds et même d’immenses renouvellements des sociétés européennes, n’ont pas fait apparaître d’événements très différents de ceux que Durkheim faisait prévoir. La plus grande partie des faits nouveaux de suicide reste du genre que Durkheim avait décrit et soumis pour l’essentiel à l’interprétation qu’il proposait.]

outras obras, grita aos olhos do leitor d'*As causas do suicídio*, especialmente no capítulo dedicado às tentativas de suicídio – assunto praticamente ignorado por Durkheim –, sobre o qual vale determo-nos um pouco.

Após nos apresentar uma série de novas estatísticas abarcando as tentativas de suicídio, Halbwachs destaca que, se o número de suicídio de mulheres é bastante inferior ao número de suicídio de homens¹⁴⁵, a distância se reduz muito quando se consideram as tentativas de suicídio. Ora “deve-se admitir que a inclinação ao suicídio é, de muito perto, igualmente presente em ou e outro sexo? Mas por que as tentativas terminam mais frequentemente em fracasso quando as mulheres estão em causa?”^{cccclv}

Esse resultado decorre em parte dos métodos preferencialmente escolhidos por cada um dos sexos: enquanto os homens suicidam-se preferencialmente por enforcamento, armas de fogo e afogamento; as mulheres preferem o afogamento, o enforcamento e o envenenamento como método de para pôr fim à vida. Porém, segundo nos aponta Halbwachs a partir das estatísticas de Mario Blachi^{cccclvi},

(...) em Roma, de 1920 a 1922, sobre 100 mulheres que tentaram suicidar-se, 72 teriam se envenenado, e, sobre 100 homens, 36 apenas. Por uso de armas de fogo, encontra-se proporções inversas: 4,7% para as mulheres e 35% para os homens. As cifras correspondentes, ainda para Roma, de 1906 a 1912 são parecidas: envenenamento: 56% de tentativas por mulheres, 39% para os homens. Em Florença, de 1910 a 1922, encontra-se: envenenamento: de 65 a 69 das tentativas de mulheres, de 28 a 32,5 das tentativas de homens; armas de fogo: de 23 a 29 para os homens e de 2,5 a 7 para as mulheres [*sic*]^{cccclvii}.

O que se verifica é que o envenenamento, método preferencial das tentativas de suicídio femininas, só em resulta em morte em uma de cada dez tentativas, de modo que a diferença entre as taxas de suicídio dos dois sexos se deve, em partes, à eficiência do meio escolhido. E ainda mais: quando se tomam em conta as variações etárias com que se efetivam

¹⁴⁵ Conforme a tabela:

Tabela 5. Por 100 suicídios de homens, quantos suicídios de mulheres

	1881-1885	1891-1895	1901-1905	1909-1913	1914-1918	Pós-Guerra
França	26,1	27,7	30,4	30	—	39 (1919-1920)
Alemanha	24,5	25,1	27,3	31,8	43,1	57,3 (1919-1920)
Áustria	26,1	29,2	29,1	29,9	43,5	43,3 (1919)
Itália	23,6	23,5	26,5	35,5	38	—

Fonte: Elaborado a partir de: HALBWACHS, *Les causes du suicide...*, *op.cit.*, p. 52

os suicídios e tentativas, verifica-se que quanto mais velhos, mais certos são os métodos escolhidos por ambos os sexos, segundo podemos ver na tabela abaixo:

Tabela 6. Método de suicídio segundo faixa etária para cada 100 mulheres, Inglaterra entre 1858 e 1872

Faixa etária	15 a 20 anos	20 a 25 anos	25 a 35 anos	35 a 45 anos	45 a 55 anos	55 à a5 anos	65 a 75 anos
Se envenenando	24	25	20	29,5	14,5	9	7,5
Se enforcando	11,5	15	20,5	29	37,5	41	41,5

Fonte: Elaborado a partir de: HALBWACHS, *Les causes du suicide...*, op.cit., p. 60.

Verifica-se na tabela que, na medida em que envelhecem, as mulheres deixam de suicidar-se por envenenamento e se afogam cada vez mais, de modo que se pode apreender que a maior parte das tentativas de suicídio por envenenamento e, assim, de suicídio em geral se dê entre mulheres mais jovens. Mas em que medida essas tentativas não se tratam, efetivamente, “dissimulações, dissimulações inconscientes, histéricas e mórbidas, ou simulação deliberada, isso quer dizer, tentativa de chantagem e não de suicídio”^{ccccxlviii}? Estão os atores eles-mesmos mais aptos de lhe distinguir que o espectador? Halbwachs apresenta sua resposta reinterpretando a passagem de *Hamlet* de que partimos:

(...) Se ela [Ofélia] tivesse se detido instintivamente nos juncos da margem, se se tivesse chegado a tempo para lhe retirar [da água], poderia ela dizer se ela havia escorregado por acaso, se ela buscava a morte, se ela a havia aceitado, se seu acesso [égarement] era em parte simulado? Sabe-se sempre se se está completamente comprometido no ato supremo? Aquele que tomou a decisão de por fim a sua vida se sente talvez ligado por um compromisso tomado vis-à-vis a ele mesmo. Ou então ele obedece a uma lógica irresistível. Mas nunca se está certo de que não se estará, no último momento, dispensado de cumprir um compromisso desse gênero e de que a lógica não irá falhar. Quando os mais desesperados, no momento em que a vida lhes escapa, estendem a mão para lhe manter, não é esta senão uma reação orgânica ou então é um chamado das potências profundas e mais esclarecidas do ser? Certamente, não há medida comum entre aqueles que, firmemente decididos a morrer, tomam as precauções necessárias para que não se possa nem lhes parar, antes que eles atinjam seu objetivo, nem lhes traga à vida; e os outros que querem somente jogar com a morte e não lhe afrontam bravamente. Aos primeiros somente

cabe o home de “violência contra eles-mesmos”. Eles somente são dignos de suplícios cruéis, mas patéticos e tocantes, que Dante lhes reserva na floresta dolorosa. Para os outros, seu lugar seria à entrada dos círculos do inferno, em meio àqueles que não sabem se decidir e que, como única punição, foram privados para sempre da esperança de morrer. (...) No entanto entre os simuladores conscientes ou inconscientes e os suicidas verdadeiros há um grupo sem dúvida importante de azarados [*malheureux*] a quem não faltou nem vontade, nem coragem, mas sorte ou habilidade^{cccxliv}.

A averiguação da hipótese de um mesmo impulso ao suicídio dependeria, desse modo, das tentativas de suicídio serem majoritariamente realizadas por esse último grupo de azarados. Ora, como bem explicita sua análise da morte de Ofélia, esse tipo de averiguação é inviável. De outro lado, quando se avaliam as variações de suicídios efetivados e suas tentativas segundo categorias sócio-profissionais, não é desprezível o fato do maior acesso às armas de fogo dentre os grupos militares e dentre as classes mais abastadas relacionar-se com sua maior eficiência na efetivação do ato¹⁴⁶. De modo que Halbwachs é levado a concluir, após transcorrer dezesseis páginas em seu terceiro capítulo, que

(...) o suicídio apresenta um aspecto técnico que não se poderia negligenciar, quando se abordam certos problemas. Segue-se, todavia, que se deva desde agora alargar a definição de homicídio de si-mesmo e de nela compreender todas as tentativas de se dar a morte, sejam elas ou não seguidas do efeito? Certamente, parece que importa pouco que o suicídio tenha sido executado, desde que se prove que o sujeito tinha verdadeiramente a intenção de se matar. Nós veríamos, entretanto, duas objeções sérias a tal mudança de método. De início, é muito mais difícil de descobrir [*reveler*] as tentativas de suicídios. Com efeito, o número de casos sobre os quais se baseiam

¹⁴⁶ Segundo nos indica, “(...) em Milão, de 1896 a 1913, sobre 100 suicidas militares, 88 se mataram por esses meios [armas de fogo]. A proporção é de 80,7% para os industriais, de 60,9% para os *employés*, de 57,7% para os estudantes e de 23% somente para os operários. Mas, de outro lado, [Georg] von Mayr assinala, a partir de um estudo de S. Rosenfels que, no exército austríaco, de 1883 a 1891, para 100 suicídios consumados, contava-se 30 tentativas (se trata, naturalmente, de tentativas não seguidas de sucesso). No exército prussiano, em 1905-1906, ele calcula que, por 100 suicidas, não houve senão 48 tentativas. Lembremos que em Florença, em 1902-1907, para cada 100 suicídios, conta-se 11 tentativas e que se encontra números muito próximos em Milão em 1916-1923, em Roma em 1906-1912 e 1920-1922”^α.

^α HALBWACHS, *Les causes du suicide...*, *op.cit.*, p. 65.

[(...)À Milan, de 1896 à 1913, sur 100 suicidés militaires, 88 se sont tués par ces moyens. La proportion est de 80,7 pour 100 pour les industriels, de 60,9 pour 100 pour les employés, de 57,7 pour 100 pour les étudiants, et de 23 pour 100 seulement pour les ouvriers. Mais, d'autre part, von Mayr signale, d'après une étude de Rosenfels S. que, dans l'armée autrichienne, de 1883 à 1891, pour 100 suicides consommés on compte seulement 30 tentatives (il s'agit, naturellement, des tentatives non suivies de succès) . Dans l'armée prussienne, en 1905-1906, il calcule que, pour 100 suicides, il n'y a eu que 48 tentatives. Rappelons qu'à Florence, en 1902-1907, pour 100 suicides on compte 11 tentatives, et qu'on trouve des nombres très voisins à Milan en 1916-1923, à Rome en 1906-1912 et 1920-1922.]

as observações é bastante limitado (por exemplo, 2.232 tentativas e suicídios em Florença de 1900 a 1915, enquanto na França, somente no ano de 1922, houve 8612 suicídios consumados). É mais fácil dissimular uma tentativa que um suicídio realizado. Mas, de outro lado e, sobretudo, nunca se sabe se essas tentativas correspondem a tantas intenções fechadas de se dar a morte, nem até qual ponto houve simulação, simples insinuação ou um e outro. Nada prova a intenção, nada prova que a vítima tenha sabido que seu ato *devia* produzir a morte, se isso não for o fato, incontestável, que ela o executou até o fim^{cccl}.

Ou seja, Halbwachs conclui, assim como Durkheim já antevira, que as tentativas de suicídio não eram um objeto possível do estudo sociológico. Ora, então por que lhes dedicar todo um capítulo de seu livro? Porque a obra é seu laboratório no qual ele procede, qual Descartes, analiticamente: Halbwachs busca novos dados nos mais diferentes países, estabelece as mais diversas correlações, elabora hipóteses, faz experimentos estatísticos, em suma, complexifica enormemente a questão para, somente após tudo avaliar com muito cuidado, abandoná-la. É justamente esse abandono das questões para as quais não encontra uma evidência “empírica” que constitui, em sua obra, a tentativa de desbastar a explicação sociológica da “dialética”, a seus olhos ainda muito presente na obra de Durkheim.

Essa prudência e esse empenho constante na complexificação dos problemas sociológicos talvez seja o traço singular de seu procedimento de pesquisa e de reflexão. Um procedimento que se opera não somente no interior de uma única obra, mas no conjunto de suas investigações nos mais diferentes campos do conhecimento. Com efeito, não seria exagero voltar a Halbwachs a comparação que ele dirige a Weber, a saber, que este se comparava a um dos

(...) industriais capitalistas da época heroica, tão bem descritos por ele [Weber], que se sentiam moralmente obrigados aplicar [*réplacer*] tudo aquilo que ganharam em novas empreitadas [*enterprises*]. Weber não considerou sequer um instante viver sobre seu fundo científico: ele não se preocupou senão de lhe ampliar. De resto, a mesma necessidade de movimento e de renovação que o levava de um domínio a outro, o obrigava, tão logo ele se aplicasse algum tempo a uma questão, de cruzá-la e de nela descobrir aspectos desconhecidos. Aqueles que se aproximam dos mesmos problemas reencontram durante muito tempo ainda seus traços e poderão, com toda confiança, se engajar nas direções que ele marcou^{cccli}.

Deixando a filosofia bergsoniana, Halbwachs dedicando-se inicialmente ao estudo dos traçados das ruas e o preço dos terrenos em Paris, passando ao debate das classes sociais e à análise do padrão de consumo operário, depois ao estudo da memória, do suicídio, das lendas cristãs, do cálculo de probabilidades, do *sex ratio*, sempre vinculando-lhes à história do pensamento através Leibniz, Rousseau, Comte, Durkheim etc. Pesquisador atento, desde meados da década de 1900, acompanha de perto às produções contemporâneas das “ciências humanas” (especialmente a sociologia e a estatística) na Alemanha, na Itália, na Rússia, nos Estados Unidos, na Espanha e na Inglaterra, sempre reconfigurando seus trabalhos e reavendo seus resultados à luz das novas descobertas e métodos.

Anexo 1: Notas sobre a psicofisiologia francesa

A sociologia não deve renunciar a nenhuma dessas ambições [da ciência em geral]; mas, de outro lado, se ela quer responder às esperanças que nela se depositou, é preciso que ela aspire vir a ser outra coisa além de uma forma original de literatura filosófica. Que o sociólogo, no lugar de se comprazer em meditações metafísicas a respeito das coisas sociais, tome por objeto de suas pesquisas grupos de fatos nitidamente circunscritos; que ele possa, de certo modo, indicar onde eles começam e terminam; e a que eles se atrelam firmemente!

(Émile Durkheim à Gabriel Tarde, 2007^{cccliij})

Essa passagem é parte da reconstituição de um debate entre Émile Durkheim e Gabriel Tarde que ocorrera em 1903 na *École des Hautes Études en Sciences Sociales* (EHESS). De tal debate não restam senão as notas tomadas pela plateia e que foram publicadas num compêndio de textos de Durkheim¹⁴⁷, de modo que o excerto de que partimos é literário – mas de uma verossimilhança naturalista: é “(...) a reconstituição fictícia, por atores fictícios, da verdadeira controvérsia entre Durkheim e Tarde”, como evocaria os organizadores da encenação^{cccliii}.

Essa controvérsia, porém, não é exatamente contra Tarde e seus trabalhos. Muito mais ampla, as farpas de Durkheim estende-se a toda forma de conhecimento do social que não se desenvolva por meio do *rigor* positivo. Com efeito, essa empreitada contra o introspectivismo espiritualista e eclético em voga é anterior e bem maior que Durkheim.

Nesse combate buscando delimitar suas próprias fronteiras, os trabalhos de dois filósofos que tomaram contato e gosto pelo pensamento inglês em voga à época - Hyppolite Taine (1828-1893) e Théodule Ribot (1839-1914) – promoveram, fora da epistemologia positivista *stricto sensu*, uma empreitada contra as formas pretéritas de pensar o homem; uma empreitada para constituir na França o que chamamos hoje *psicologia*. Movimento lento de pesquisas, de publicações, de combates verbo-textuais, da tessitura de relações de aliança, da conquista de cadeiras nas instituições de prestígio. Se quisermos marcos, como a velha

¹⁴⁷ « La Sociologie et les sciences sociales [confrontation avec Tarde] » In Durkheim, Émile. *Textes 1 : éléments d'une théorie sociale*. Paris : Minuit, 1975, pp. 161-165.

historiografia aclama, são eles 1870 e 1902: o primeiro refere-se à publicação, quase simultânea, de duas obras que fariam história: *De l'intelligence*^{cccliv} [Da Inteligência], de Taine, e *La Psychologie Anglaise Contemporaine*^{ccclv} [A Psicologia Inglesa Contemporânea], de Ribot; o segundo indica a bem-sucedida sucessão de Ribot por Pierre Janet no Collège de France¹⁴⁸. Atentemos, pois, um pouco mais aos movimentos desses dois guerrilheiros ao longo da segunda metade do século XIX¹⁴⁹.

Hyppolite Taine, um dos pensadores mais célebres do século XIX, publica em 1863 *Histoire de la Littérature Anglaise*^{ccclvi}, onde a introduz a famigerada trilogia das forças primordiais que produzem os estados morais, a *raça*, o *meio* e o *momento*. Porém, é em 1870, com a publicação de *De l'intelligence*, que uma discussão mais detida sobre a psicologia e os seus fazeres ganha mais força. Nessa obra, alteraria profundamente a maneira de se pensar a psicologia, por evocar a renúncia à especulação e ao espiritualismo e dar mais atenção ao desenvolvimento de pesquisas bem documentadas: a psicologia devia tornar-se, a seu ver, uma ciência de fatos para a qual o estudo de casos limites possibilitaria um desenvolvimento mais preciso, assim como o microscópio e telescópio em outras ciências^{ccclvii}. Segundo Serge Nicolas três seriam os traços que distinguem o *De l'intelligence* de todas as obras francesas precedentes: a recusa absoluta da hipótese das faculdades, a utilização de materiais fisiológicos e a análise ideológica^{ccclviii}.

Do ponto de vista do conteúdo, *De l'Intelligence*, que teve edições até 1914, propunha que toda operação do espírito é resultado das relações estabelecidas entre as imagens mentais: “(...) do mesmo modo que o corpo vivo é um pólipo de células mutuamente dependentes, do mesmo modo o espírito atuante [*agissant*] é um pólipo de imagens mutuamente dependentes; e a unidade, em um como em outro, não é senão uma harmonia e um efeito”^{ccclix}. Ora, essa imagens, como indica Taine, “(...) é munida de uma força

¹⁴⁸ Vale ressaltar aqui que o sistema universitário francês passava por uma grande reforma iniciada com a criação da *École Pratique des Hautes Études* (EHPE) em 1867. Tal reforma será ainda mais acentuada após a vitória da Prússia sobre a França em 1871, posto que se atribuía a potência das forças germânicas à qualidade de seu sistema universitário – bem mais organizado e dispo de maiores recursos físicos e humanos. Assim, ao longo das décadas 1870-1890 reformas sucessivas favoreceram a inovação do sistema universitário francês.

¹⁴⁹ Não temos aqui a intenção de estabelecer aqui toda a história da psicologia francesa, apenas de traçar algumas linhas gerais que nos possibilitem, na sequência, melhor compreender os temas e posições predominantes no início da psicologia na França.

automática que tende espontaneamente a um certo estado que é a alucinação, o sonho falso e as demais ilusões da loucura”^{ccclx}, sendo o que contrabalança esse movimento é a contraposição de uma sensação, de uma outra imagem ou de um outro grupo de imagens, tal quais operando num estado de vigília são¹⁵⁰.

Todo o projeto de Taine consistia, segundo Laurent Mucchielli,

em mostrar que os elementos do conhecimento se enraízam no organismo, que o Eu [Moi] tem por origem a sensação, isso quer dizer, um “movimento fisiológico”. Definitivamente: “um fluxo e um feixe de sensações e de impulsos que, vistos de outro lado, são também um fluxo e um feixe de vibrações nervosas, eis o espírito”. Quanto à consciência, ela não é para Taine senão o resultado de “uma hierarquia de centros de sensações e de impulsos tendo cada um sua iniciativa, sua formação e seu domínio”, “um centro mais perfeito (...) não difere deles senão por sua organização mais complexa, sua ação mais extensa e seu grau mais elevado”. Seguro de seus princípios, Taine aclamava assim uma renovação da psicologia pelos resultados psicopatológicos, as pesquisas sobre o sonambulismo, o hipnotismo e, sobretudo, do sistema nervoso^{ccclxi}.

Esse projeto ganharia ainda mais força e ambição com um projeto em que Taine de se envolveu nos vinte nos subsequentes: a aplicação à história das hipóteses e resultados obtidos na psicologia, esboçava-se *Les Origines de la France Contemporaine*^{ccclxii}. Assim, Taine busca realizar uma história da revolução francesa que esclareça fatos do presente, notadamente a Comuna de 1871 – uma espécie de psicologia das massas *avant la lettre*.

¹⁵⁰ Como indicam Jacqueline Carroy, Annick Ohayon e Régine Plas, “Essa célebre teoria da percepção, que serve de fundamento a uma teoria do conhecimento, é assim uma teoria da alucinação, tema muito em voga na época. Alfred Binet lhe tentará uma validação experimental em *La Psychologie du raisonnement* [1886]. Muitos autores detectaram uma influência de Taine sobre *A interpretação dos sonhos* [1901]. A descrição freudiana do jogo das representações e sua explicação do caráter alucinatório das imagens do sonho por sua regressão em direção ao polo sensorial, que está na sua origem, tem analogias com a teoria da percepção como “alucinação verdadeira”. Independentemente disso, o “livro de Taine” agradava “enormemente” Freud, como ele escreveu a seu amigo Wilhelm Fliess”^a.

^a CARROY, OHAYON e PLAS, *Histoire...op.cit.*, p. 38.

[Cette célèbre théorie de la perception, qui sert de fondement à une théorie de la connaissance, est ainsi une théorie de l'hallucination, sujet très en vogue à l'époque. Alfred Binet en tentera une validation expérimentale dans *La Psychologie du raisonnement* (1886). Plusieurs auteurs ont décelé une influence de Taine sur *L'Interprétation des rêves* (1900). La description freudienne du jeu des représentations et son explication du caractère hallucinatoire des images du rêve par leur régression vers le pôle sensoriel, qui est à leur origine, ont des analogies avec la théorie de la perception comme « hallucination vraie ». Quoi qu'il en soit, le « livre de Taine » plaisait « énormément » à Freud, comme il l'écrit à son ami Wilhelm Fliess.]

Particularmente ilustrativa dessa abordagem é sua psicologia do jacobino, cujo dogmatismo e orgulho, traços característicos ordinários dos muitos jovens, em vez de buscar lhe canalizar como eles fariam numa sociedade estável, tomam um viés fanático a favor da anarquia dos primeiros momentos da Revolução. (...) Ele descreve os [os revolucionários] como hordas desacorrentadas prontas a seguir os líderes criminosos provenientes das camadas inferiores da sociedade e se afundar na orgia e no alcoolismo. Os seres humanos, em uma multidão, reencontram seus instintos primitivos, retornam à sua bestialidade natural e perdem o frágil verniz que a civilização lhes aplicou (...) Para ele [Taine], o desacorrentamento das multidões revolucionárias é um dos sintomas de uma doença do “corpo político” e ele se toma por médico da França doente^{ccclxiii}.

A postura de Taine é mal vista por seus pares e ele é tomado por um antirrevolucionário, o que lhe levou a ser preterido em relação Elme-Marie Caro na eleição à Academia Francesa. Fatos que não impedem que a obra seja tida como uma charneira no desenvolvimento da disciplina da história em direção àquela história metódica e universitária que se formulará ao longo da III^e República¹⁵¹.

Théodule Ribot, por sua vez, também tem suas publicações sobre a psicologia abertas em 1870, com a edição de *La Psychologie Anglaise Contemporaine* - cuja introdução de 47 páginas é um verdadeiro manifesto buscando estabelecer, definitivamente, a separação da psicologia da filosofia – especialmente da metafísica introspectiva, ofício de “poetas que perderam sua vocação”¹⁵². Para isso, Ribot explicita todo um programa de pesquisas para

¹⁵¹ Para uma análise mais detalhada de *Les Origines de la France Contemporaine*, remeto-lhes a três artigos: DUYACH, Jean-François. « Histoire et décadence en France à la fin du XIXe siècle. :Hippolyte Taine et Les origines de la France Contemporaine » in *Mil neuf cent: Revue d'histoire intellectuelle*, N°14, 1996. pp. 115-137 ; GODECHOT, Jacques. « Taine historien de la Révolution française » in *Romantisme*, nffl32, 1981, pp. 31-40 ; e RICHARD, Nathalie« L'histoire comme problème de psychologie. Taine et la « psychologie du Jacobin » » in *Mil neuf cent : Revue d'histoire intellectuelle*, nffl20, 2002, p. 153-172.

¹⁵² “(...) Disse-se engenhosamente “que os metafísicos são poetas que perderam sua vocação” [VACHEROT, André. *La Métaphysique et la science*. Paris Chamerot, 1858, tomo 1, p.5]. Quanto mais se pensa nisso, mais a expressão parece justa. Quando a filosofia vir a ser o que ela deve ser, quando não haver mais nela somente o geral, as abstrações, as ideias, quando ela estiver completamente fora dos fatos; então aparecerá claramente aos olhos de todos que ela é sobretudo uma obra de arte que de ciência: poesia maçante e mal escrita para uns; elevada, poderosa, verdadeiramente *divina* para outros. (...) Quem foi maior poeta que Platão e Plotino ? Seria necessário percorrer toda a história da metafísica para mostrar como ela se assemelha à poesia. Ambas as duas são compartilhadas por essas almas inflamada da Renascença, das quais Giordano Bruno permanece o tipo acabado”^a.

^a RIBOT, *La psychologie anglaise, op.cit.*, pp. 15-16

[...] On a dit ingénieusement « que les métaphysiciens sont des poètes qui ont manqué leur vocation » (1). Plus on y pense et plus le mot paraît juste. Quand la philosophie sera devenue ce qu'elle doit être, qu'il n'y aura plus en elle que du général, des abstractions, des idées, qu'elle sera complètement en

psicologia *científica*, cujo método objetivo tem como pilar a análise externa dos fatos e sua coloração é o evolucionismo spenceriano.

Mas em que consiste esse método objetivo? A estudar os estados psicológicos do exterior, não do interior; nos fatos materiais que os traduzem, não na consciência que lhes faz nascer. A expressão natural das paixões, a variedade das línguas e dos eventos históricos são todos fatos que permitem remontar até as causas mentais que os produziram. (...) Enfim, o método objetivo, no lugar de ser pessoal como o simples método reflexivo, toma aos fatos um caráter impessoal, ele se dobra perante eles, ele molda suas teorias sobre a realidade. Entre outras vantagens, quero assinalar somente duas: ele introduz na psicologia a ideia de progresso; ele torna possível uma psicologia comparada^{ccclxiv}.

Esse *método objetivo* será posto em prática pouco tempo depois, em 1873, em sua tese de doutoramento, intitulada *L'Hérédité Psychologique*^{ccclxv}. Segundo nos aponta Laurent Mucchielli, a tese visava estender o programa anunciado em 1970, buscando o sentido explicativos das “leis da evolução”, ou seja, ela visava demonstrar que “(...) a totalidade das faculdades mentais humanas (aí compreendidas todas as qualidades profissionais, artísticas, intelectuais, os caracteres nacionais, a disposição ao crime, a loucura, etc.) são hereditárias”^{ccclxvi}. Tal tese fazia jus fama acumulada por Ribot de ser um “perigoso materialista” e foi recebida pelo jure da Sorbonne como uma “provocação em 600 páginas”¹⁵³.

Três anos mais tarde, Ribot põe em marcha um projeto ousado que lhe renderia fama e lhe possibilitaria o acesso à Sorbonne e ao Collège de France: a criação da *Revue*

dehors des faits, alors il apparaîtra clairement aux yeux de tous qu'elle est une oeuvre d'art plutôt que de science : poésie ennuyeuse et mal écrite pour les uns, élevée, puissante, vraiment *divine* pour les autres. (...) Qui fut plus poète que Platon et Plotin? Il nous faudrait parcourir l'histoire entière de la métaphysique pour montrer combien elle ressemble à la poésie. Toutes deux se sont partagé ces âmes fougueuses de la Renaissance, dont Giordano Bruno reste le type accompli.]

¹⁵³ Em uma carta de Ribot à Espinas citada por Laurent Mucchielli, podemos ler: “Lorquet me disse que se falava de me fazer passa quase entre quatro paredes, isso quer dizer, sem anúncios prévios. Eles temiam manifestações positivistas! (o que é fantástico) e (o que é mais sério) o ladrar dos jornais em um ou outro sentido. Caro chama minha tese de “uma provocação em 600 páginas”^a.

^a MUCCHIELLI, Laurent. « Aux origines de la psychologie universitaire en France (1870-1900): enjeux intellectuels, contexte politique, réseaux et stratégies d'alliance autour de la Revue philosophique de Théodule Ribot » in *Annals of Science*, nffl 55, vol. 3, 1998, p. 267.

[« Lorquet m'a dit qu'on avait parlé de me faire passer presque à huit clos, c'est-à-dire sans annonces préalables. Ils craignent des manifestations positivistes! (cela est fantastique) et (ce qui est plus sérieux) des clabaudages de journaux dans l'un ou l'autre sens. Caro appelle ma thèse "une provocation en 600 pages" »].

Philosophique de la France et de l'Étranger. Esse projeto, com sensível influência das psicologias inglesa e germânica, explicita um pouco mais o que Ribot tinha em mente com a revista que, embora intitule-se “filosófica”, tem como primeiro dos cinco domínios sobre quais versará a psicologia¹⁵⁴. Mas uma psicologia entendida como:

uma das partes mais antigas da filosofia; Sócrates, antes de tudo, exortava o homem a se estudar. Mas o que então parecia bastante simples tornou-se para nós um problema muito complexo. Nós não estamos mais naquele tempo em que se sustentava que a psicologia estava terminada. Não se ousaria mais pretender que é suficiente, para lhe fazer, estudar interiormente e se reconhece, em geral, que a anatomia, a fisiologia, a patologia mental, a história, a antropologia são para ela de uma utilidade direta e imediata. Há, assim, um amplo campo de pesquisa, sobretudo se lhe acrescentam a lógica e a estética que não são senão partes da psicologia, uma estudando o mecanismo da razão humana; outra, uma certa forma de prazer, aquele que nos causa o belo^{ccclxvii}.

Esse predomínio da psicologia, cada vez mais orientada ao laboratório, é explicitado igualmente quando observamos os seus maiores colaboradores entre 1876 e 1895:

Tabela 8. Evolução da rede de autores da *Revue Philosophique* (1876-1895)¹⁵⁵

Autores	Domínio	1876-87	1888-95	Total
Binet	Fisiologia e Psicologia	14	18	42
Paulhan	Fisiologia e Psicologia	21	11	33
Richet	Fisiologia	26	6	32
Tannery	História das Ciências	26	5	31
Delboeuf	Filosofia, Matemática, Psicologia	31	7	28
Tarde	Psicologia e Sociologia	16	12	28
Fouillée	Filosofia	12	14	26
Spencer	Sociologia	21	1	22
Ribot	Psicologia	18	14	22
Janet (Paul)	Filosofia	9	7	16
Beaunis	Fisiologia e Psicologia	8	4	12
Dauriac	Filosofia Estética	5	6	11
Janet (Pierre)	Filosofia e Psicologia	4	7	11
Espinas	Filosofia	7	3	10
Henri Ch.	?	-	9	9
Bourdon	Psicologia	-	9	9
Pérez	Filosofia	7	2	9

¹⁵⁴ Os demais são, por ordem de parição, a *Moral*, as *Ciências da Natureza*, a *Metafísica* (mesmo se explicitamente a contragosto) e a *História da Filosofia*.

¹⁵⁵ Construído a partir de de: MUCCHIELLI, *Aux origines de la psychologie...*, *op.cit.*, p. 275.

Lévêque	Filosofia	7	1	8
Guyau	Filosofia e Literatura	8	-	8
Sorel	Filosofia e Sociologia	-	8	8
Penjon	Filosofia	6	2	8
Brochard	Filosofia	7	1	8
Regnaud	Filosofia e Linguística	-	8	8
Beaussire	Filosofia	6	1	7
Bouillier	Filosofia	6	1	7
Durkheim	Sociologia	-	7	7
Roberty (de)	Sociologia	-	6	6
Lalande	Filosofia	-	6	6
Marillier	?	-	6	6
Bénard	Fisiologia	5	1	6
Marion	Filosofia	5	-	5
Carrau	Filosofia	5	-	5
Compayré	Filosofia	5	-	5
Dugas	Filosofia	-	5	5
Total		274	187	461

Considerados somente os artigos e os autores que tenham publicado ao menos cinco vezes em um dos dois períodos (ou seja, um artigo a cada dois anos). Os artigos escritos em conjunto são creditados a cada um dos autores.

Embora a psicologia seja o eixo da revista, efetivamente, a linha que Ribot deu à edição é bastante aberta ao que hoje chamaríamos de *ciências humanas*. Abertura que significa, por vezes, o confronto entre linhas concorrentes; mas significa igualmente o intercruzamento de uma série de redes – uma rede de *normaliens*: Espinas, Tannery, Compayré, Penjon, Durkheim, Janet; de psicólogos evolucionistas: Spencer, Delboeuf, Paulhan, Pérez e Tarde; de sociólogos: Durkheim e Tarde de médicos: Richet, Beaunis, Binet e Janet. Essas redes seriam centrais para o sucesso posterior de Binet e da forma pela qual ele pensava a psicologia cada vez mais experimental¹⁵⁶, tendo na análise da patologia mental o seu propulsor.

O movimento em direção à “objetividade”, às pesquisas laboratoriais, domínio tradicionalmente fechado aos médicos, leva Ribot a desejar forma-se como médico e, assim, seguir cursos de Valentin Magnan (1873-1879), de Benjamin Ball, de Jules Bernard Luys (1873-74, 1780), de Jules Voisin (1873-18787) e a frequentar por quase uma década o

¹⁵⁶ Para uma aproximação mais detalhada de cada uma dessas redes, bem como de seus principais elementos, ver: MUCCHIELLI, *Aux origines de la psychologie...*, *op.cit.*, p. 275-282; CARROY, OHAYON e PLAS, *Histoire...*, *op.cit.*, pp. 40-47.

laboratório de Jean-Martin Charcot¹⁵⁷. Durante os anos que se seguem, Ribot publica uma série de monografias relacionadas às doenças da memória, da vontade e da personalidade; esboçando, cada vez com mais clareza, aquilo que ele viria a chamar de “psicologia experimental” - título da cadeira a que fora indicado na Sorbonne (1885)¹⁵⁸ e muito próxima àquela em que viria a ser eleito no Collège de France em 1888, *Psicologia Experimental e comparada*.

A eleição de Ribot ao Collège de France (em breve seguida por aquela à Academia de ciências morais e políticas) muda a natureza de sua influência, pois ele tem agora a estatura de um verdadeiro mestre e seus cursos vão, a partir de então, encontrar um auditório mais interessado [que aquele que seus cursos na Sorbonne, onde 5/6 do público é de não universitários]. Esse último conta com menos padres e mulheres que na Sorbonne, “em contrapartida, velhos medalhões constituindo o mobiliário do Collège de France”, mas sobretudo: “um bom número de jovens médicos, sobretudo alienistas; candidatos à diversas agregações (não-filosóficas), jovens naturalistas que têm um ar exageradamente anti-espiritualista, pois eles sorriem às mais leves malícias contra a doutrina clássica. Eu comecei na páscoa com cerca de 120 e terminei com 60 ou 70”^{ccclxviii}.

Essa “mudança de natureza” de sua influência refletir-se-ia num grande avanço no processo de institucionalização da psicologia na França. De um lado, as vias de acesso às grandes instituições de ensino tinham se aberto; de outro, Théodule Ribot conseguiu assegurar a formação intelectual de jovens psicólogos: Henry Beaunis¹⁵⁹, Alfred Binet⁶⁰,

¹⁵⁷ Jean-Martin Charcot (1825-1893) é, desde 1862, o chefe do hospital de Salpêtrière, um dos mais importante à época, onde ele ensinou durante vinte anos e onde ele criou, em 1882, a primeira cadeira no mundo de *clínica de doenças nervosas*. Sob sua influência, a doença mental foi sistematicamente analisada e diagnosticada. Seus cursos são acompanhados por um amplo público, mesmo estrangeiro, dentre os quais constavam Sigmund Freud. Sobre a relevância e os desdobramentos das atividades de Charcot, ver: CARROY, OHAYON e PLAS, *Histoire...op.cit.*, pp. 63-67; « Charcot » in *L'année psychologique*, vol 1,1894, pp. 535-536.

¹⁵⁸ “Com efeito, os filósofos espiritualistas não viam com bons olhos um tema de estudo (a psicologia), que lhes pertencia historicamente, lhes escapar e eles se opuseram durante muito tempo à sua introdução na Universidade. Mas como os cursos que dava Ribot não eram obrigatórios para os estudantes, os professores da Sorbonne toleraram essa decisão ministerial”^α.

^α NICOLAS, Serge & FERRAND, Lufovic. *Histoire de la psychologie scientifique*, Paris : De Boeck Université, 2008, p.21.

[En effet, les philosophes spiritualistes ne voyaient pas d'un bon œil un sujet d'étude (la psychologie), qui leur appartenait historiquement, leur échapper et ils se sont opposés pendant longtemps à son introduction à l'Université. Mais comme l'enseignement que donnait Ribot n'était pas obligatoire pour les étudiants, les professeurs de la Sorbonne tolérèrent cette décision ministérielle.]

¹⁵⁹ Henry-Étienne Beaunis (1830-1921) é um fisiologista e anatomista, responsável pela criação do primeiro Laboratório de Psicologia Fisiológica, que visava se colocar ao lado de instituições similares que já existiam nos

Benjamin Bourdon¹⁶¹, Victor Henri¹⁶², Georges Dumas¹⁶³, Henri Piéron¹⁶⁴ e, num certo sentido, Pierre Janet¹⁶⁵ - seu sucessor primeiro na Sorbonne e, depois, no Collège de France.

Estados Unidos e na Alemanha; sua bibliografia é bastante extensa, contendo mais de 50 títulos publicados sobretudo no que tange ao domínio da fisiologia, mas também escreveu alguns livros de poemas e peças de teatro. Para mais detalhes sobre Beaunis, ver: NICOLAS, Serge. « Henry Beaunis (1830-1921) directeur-fondateur du laboratoire de Psychologie physiologique de la Sorbonne » in *L'année psychologique*, vol. 95, nffl 2, 1995, pp. 267-291.

¹⁶⁰ Alfred Binet (1857-1911) é considerado como um dos criadores da psicologia experimental na França. Seus trabalhos mais importantes relacionam-se com o desenvolvimento das capacidades de aprendizagem em crianças, cujo resultado maior é a *Escala métrica de inteligência* (ou *Escala Binet-Simon*). Para mais detalhes sobre Alfred Binet, ver: SIMON, Theodore. « Alfred Binet ». in *L'année psychologique*, vol. 18, 1911, pp. 1-14 ; CARROY, OHAYON e PLAS, *Histoire...op.cit.*, pp. 95-101.

¹⁶¹ Benjamin Bourdon (1860-1943) foi um psicólogo fundador do primeiro laboratório universitário francês de psicologia e linguística aplicada (em 1896, sobre o campus da Universidade de Rennes). Tal laboratório é resultado da forte influência que Bourdon recebeu em sua estada, em 1887, nos laboratórios de Hermann Otshoff e de Wilhelm Wundt, cujo acesso só fora possível pela intermediação de seu ex-professor Ribot (vale notar que Bourdon é o primeiro francês a ser recebido por Wundt). Sobre Bourdon ver: BEUCHET, Jean. « Un pionnier des sciences humaines, Benjamin Bourdon (1860-1943) » in *Annales de Bretagne*. Tome 68, numéro 2, 1961. pp. 299-345 ; e NICOLAS, Serge. « Benjamin Bourdon (1860-1943) : fondateur du laboratoire de psychologie et de linguistique expérimentales à l'Université de Rennes (1896) » in *L'année psychologique*, Vol. 98, nffl2, pp. 271-329.

¹⁶² Victor Henri (1872-1940) realiza estudos científicos superiores na Sorbonne, onde entra em contato com Ribot, Beaunis e Binet, aproximando-se das pesquisas experimentais em psicologia, o que lhe levará, entre 1894 e 1896, a realizar estudos no laboratório de Wilhelm Wundt – sendo o segundo e último francês a ser recebido por Wundt. Seus estudos lhe conduziram a realizar na Universidade Göttingen uma tese *Sobre a localização das sensações tácteis*. Gradativamente, Henri volta sua atenção à físico-química e a fisiologia, onde faria carreira. Para mais detalhes ver: NICOLAS, Serge. « Qui était Victor Henri (1872-1940)? » in *L'année psychologique*, Vol. 94, nffl3, 1994, pp. 385-402.

¹⁶³ Georges Dumas (1866-1946) foi um médico e psicólogo francês reconhecido sobretudo por um trabalho de divulgação das descobertas no campo da psicologia e por uma militância de ordem institucional do que por pesquisas experimentais. É ele que leva a cabo a edição do *Tratado de Psicologia* e que será um dos articuladores da constituição da Universidade de São Paulo. Para Mais detalhes, ver: WALLON, Henri. « La vie et l'œuvre de Georges Dumas » In *Enfance*. Tomo 21 n°1-2, 1968. pp. 119-141

¹⁶⁴ Louis Charles Henri Piéron (1881-1964) é um psicólogo que será o sucessor de Alfred Binet no Laboratório de Psicologia na Sorbonne, vindo a ocupar a cadeira de *Psicologia das Sensações* no Collège de France entre 1923 e 1951. Em 1928 fundou o *Instituto Nacional de Orientação profissional*, primeiro laboratório francês de pesquisas desse gênero. De entre as suas obras destacam-se *O cérebro e o pensamento*, *A sensação* e *Problemas fundamentais de psicofísica*. Para mais detalhes ver: FESSARD, A. « Henri Piéron » In: *L'année psychologique*. 1949 vol. 50, n°1. pp. 7-13.

¹⁶⁵ Pierre Janet (1859-1947) foi formado nos laboratórios de Charcot e nas cadeiras ENS (1879) vindo a se tornar um dos principais nomes da psicologia da virada do século, sendo o criador do termo *subconsciente*. Assume após Ribot a cadeira de *Psicologia experimental e comparada* do Collège de France entre 1902 e 1934. Suas principais obras são: *O automatismo psicológico*, *A evolução da memória e da noção de tempo*, *O amor e o ódio e o Início da inteligência*. Para mais detalhes ver: WALLON, Henri. « Pierre Janet, psychologue réaliste » In: *Enfance*. Tome 21 n°1-2, 1968, pp. 143-145.

Nomes que ganhariam importância ao longo do século XX e sobre alguns dos quais voltaremos adiante.

Outro passo decisivo é dado por dois dos jovens fortemente influenciados por Ribot, Henry Beaunis e Alfred Binet: a criação, em 1894, da *L'Année Psychologique*¹⁶⁶. Mesmo que não disponha de uma situação financeira muito confortável, a *L'Année Psychologique* é a primeira revista francesa especializada em psicologia e apenas a quinta revista em âmbito internacional¹⁶⁷. Seus trabalhos visam, antes de tudo, publicitar as pesquisas mais atuais realizadas no domínio da psicologia, em especial aquelas realizadas no Laboratório de Psicologia Fisiológica da Sorbonne, fundado por Beaunis em 1889.

O texto de introdução da revista, assinado por Beaunis, é bastante ilustrativo do estado das artes na psicologia na França ao final do século XIX. Nele podemos ler que

é graças a esse método [experimental utilizado em fisiologia] que a psicologia tornar-se-á uma ciência de observação e de experimentação, isso quer dizer, uma verdadeira ciência, como as ciências naturais. É por essa razão que ela se impede, que ela deve se impedir de toda especulação sobre a essência e a natureza da alma, sua origem, seu destino. (...) Sua missão é simples e mais precisa. Ela estuda o homem e o animal em suas manifestações psíquicas, ela pesquisa os vínculos que ligam essas manifestações aos órgãos e, em particular, ao cérebro. Ela recolhe os documentos necessários para constituir mais tarde a ciência do homem, sem a qual as ciências sociais, a educação, a criminologia [criminologia] não terão jamais fundamento sólido. A psicologia não deve ir além^{ccclxix}.

Ora, o que temos aqui é a psicologia experimental, empírica como base de todas as ciências sociais e, quiçá, de toda a reflexão sobre o homem que não se dirija para a “poesia metafísica”, de que falava Ribot anos antes¹⁶⁸. Postura recorrente em momentos de

¹⁶⁶ Remeto-lhes aqui aos seguintes trabalhos: NICOLAS, Serge; SEGUI, Juan, LEFRAND, Ludovic. « Les premières revues de psychologie : la place de L'Année Psychologique » in *L'Année Psychologique*, Vol. 100, nffl 1, pp. 71-110 ; e CORDONNIER-VERMÈS, Genivève. « L'Année Psychologique et son réseau: lectures et fabrication d'une nouvelle discipline » in *L'Année Psychologique*, Vol. 96, nffl 1, 1996, pp. 113-129.

¹⁶⁷ Segundo nos apontam S. Nicolas, J. Segui e L. Lefrand (*op.cit.*), As demais grandes revistas existentes à época são a *Philosophische Studien* (1881), fundada por Wilhelm Wundt; o *The American Journal of Psychology* (1887), fundada por Grandville Stanley Hall; o *Zeitschrift für Psychologie und Sinnesorgane* (1890), fundada por Hermann Ebbinghaus e Arthur Köning; e a *The Psychological Review* (1894), fundada por James McKeen Cattell e James Mark Baldwin.

¹⁶⁸ Como nos indica Laurent Mucchielli (*Aux Origines...*, *op.cit.*), a partir da metade da década de 1890, Ribot aclamará que as pesquisas da psicologia voltem-se igualmente à *vida social*, a construção social do psíquico –

institucionalização de *disciplinas*. O fato, porém, do sistema universitário francês ter se desenvolvido, sobretudo, a partir do fim do *Segundo Império*, faz com que essas querelas sejam bastante mais agudas e numerosas, seja com a sociologia (Tarde e Durkheim), seja com a filosofia (Bergson). Independentemente, a partir de então, três grandes campos que só tomaram forma mais nítida no entre-guerras se enunciaram na psicologia: a psicofisiologia (com Dumas), a psicopatologia (com Janet e Piéron) e a psicologia coletiva (com Blondel).

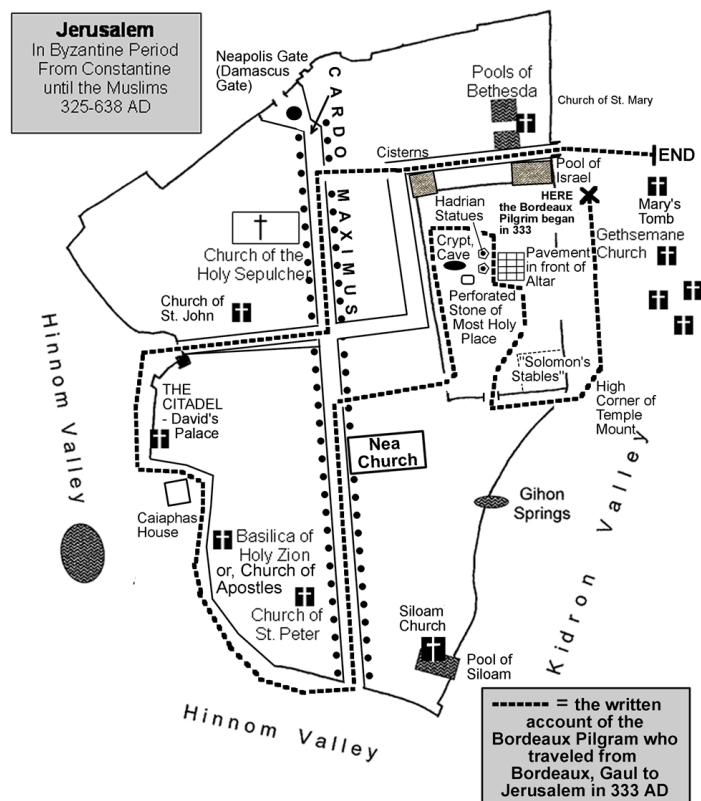
sobretudo das operações mais complexas como o raciocínio, julgamento, operações lógicas, imaginação, etc. Mas esse reconhecimento da centralidade dos *atos sociais* (o conceito é usado pelo próprio Ribot) não significa que os fatos de ordem psíquica deixaram de ter sua raiz na biologia e na zoologia.

Anexo II: Mapas do Itinerário do *Peregrino de Bordeaux*

Figura 3. Itinerário de Bordeaux a Jerusalém^{ccclxx}



Figura 4. Itinerário no interior da cidade de Jerusalém^{ccclxxi}



Anexo III: Bibliografia de Maurice Halbwachs

Tomamos como base para essa bibliografia aquela elaborada por Victor Karady e publicada em *Classes sociales et morphologie (op.cit.)*, tomamos o cuidado de verificá-la sempre que possível e a retificar e expandir sempre que necessário. Para orientar melhor o leitor, os títulos estão dispostos por ano e, no mais das vezes, em ordem alfabética. Nos falaremos. Igualmente, dos seguintes indicativos sobre o tipo de documento referido:

R = Resenhas

C = Cursos ;

E = Ensaio, Estudo ou artigo ;

L = Livros

N = Notas e introduções

1905

E « Les besoins et les tendances dans l'économie sociale (Revue critique) », in *Revue philosophique* 59, pp. 180-189./Cf. supra pp. 27-40./

E « La science et l'action sociale d'après Bernstein. Etude critique », in *Revue socialiste* 41, pp. 523-535.

E « La psychologie de l'ouvrier moderne d'après Bernstein. Etude critique », in *Revue socialiste* 41, pp. 46-57.

E « Remarques sur la position du problème sociologique des classes », in *Revue de métaphysique et de morale* 13, pp. 890-905./Cf. supra pp. 41-57./

E « La ville capitaliste d'après Sombart », in *Revue d'économie politique* 19, pp. 737-747.

R Bayet A., La morale scientifique (Paris, 1905), in *Notes critiques* 6, pp. 8-9.

R Feuerstein H., Lohn und Haushalt (Karlsruhe, 1905), in *Notes critiques* 6, pp. 181-183.

R Glier L., Die Meistbegünstigungsklausel (Berlin, 1905), in *Notes critiques* 6, pp. 78-80.

- R** De Leener G., Ce qui manque au commerce belge d'exportation (Bruxelles, 1906), in *Notes critiques* 6, pp. 206-208.
- R** March L., « Questions de méthode statistique » in *Journal de la Société de statistique de Paris*, novembre et décembre 1903), in *Année* 8, p. 617.
- R** Meuriot P., « La répartition de la population de Suisse... » in *Journal de la Société de statistique de Paris*, mai 1904), in *Année* 8, pp. 623-624.
- R** W. Smith, The economic ruin of the world (Londres 1906), in *Notes critiques* 6, p. 208.
- R** Yvernès M., « La justice en France de 1881 à 1900 » in *Journal de la Société de statistique de Paris*, octobre 1903), in *Année* 8, pp. 489-490.
- R** Yvernès M., « La justice en France de 1881 à 1900 » in *Journal de la Société de statistique de Paris*, septembre 1903), in *Année* 8, pp. 493-496.
- R** *Annales sociologiques* (Société belge de sociologie, Alcan, 1905), in *Notes critiques* 6, pp. 139-140.

1906

- R** Ashley P., Modern tariff history, Germany, United States, France (Londres, 1904), in *L'Année Sociologique*, 9, pp. 546-548.
- R** Bauer L., Der Zug nach Stadt und die Stadterweiterung (Stuttgart, 1904), in *L'Année Sociologique* 9, pp. 581-585.
- R** Bertillon J., « Parallélisme des mouvements de population... » (in *Journal de la Société de statistique de Paris*, octobre 1904), in *L'Année Sociologique* 9, pp. 567-568.
- R** Claassen W., Die Soziale Berufsgliederung des deutschen... (Leipzig, 1904), in *L'Année Sociologique* 9, pp. 504-507.
- R** Glier L., Die Meistbegünstigungsklausel (Berlin, 1905), in *L'Année Sociologique* 9, pp. 548-549.
- R** Lowenthal Dr., « Essai sur les rapports entre la mortalité et la natalité » (in *Journal de la Société de statistique*, janvier 1905), in *L'Année Sociologique* 9, pp. 568-571.
- R** Mayr Dr. A., Untersuchungen über die Agglomerations-Verhältnisse... (Munich, 1904), in *L'Année Sociologique* 9, pp. 572-574.
- R** Meuriot P., « De l'influence des migrations internes... » (in *Journal de la Société de statistique de Paris*, août 1904), in *L'Année Sociologique* 9, pp. 577-578.
- R** Meuriot P., « Le développement de la population et la situation politique... » (in *Journal de la Société de statistique*, avril et mai 1905), in *L'Année Sociologique* 9, pp. 433-435.

- R** Nicolai E., La dépopulation des campagnes et l'accroissement de la population des villes (Bruxelles, 1903), in *L'Année Sociologique* 9, pp. 579-581.
- R** Petersilie E., Untersuchungen über die Kriminalität... (Stuttgart, 1904), in *L'Année Sociologique* 9, pp. 444-448.
- R** Pigou A. C., Principles and methods of industrial peace (Londres, 1905), in *L'Année Sociologique* 9, pp. 530-535.
- R** Von Renauld J. Beiträge zur Entwicklung der... (Leipzig, 1904), in *L'Année Sociologique* 9, pp. 492-497.
- R** Schmelzer F., Tarifgemeinschaften (Leipzig, 1906), in *L'Année Sociologique* 9, pp. 535-538.
- R** Schwegel Dr. H., « Die Einwanderung in die Vereinigten... » (in Volkswirtschaft, Sozialpolitik und Verwaltung), in *L'Année Sociologique* 9, pp. 575-577.
- R** Starzer A., Die Konstituierung der Ortsgemeinden... (Vienne, 1904), in *L'Année Sociologique* 9, pp. 346-348.

1907

- L** Leibniz, Delaplane éd., coll. « Les philosophes », 123 pages, 2e édition augmentée chez Mellotté, 1928.
- R** Bonger W. A., Criminalité et conditions économiques (Amsterdam, 1905), in *L'Année Sociologique* 10, pp. 490-494.
- R** Bosco A., Le correnti migratorie agricole Ira i van i stati... (Rome, 1905), in *L'Année Sociologique* 10, pp. 647-652.
- R** Classen W. F., Grosstadt-Heimat. Beobachtungen zur Naturgeschichte des Grosstadtvolks (Hamburg, 1906), in *L'Année Sociologique* 10, p. 643.
- R** Feurstein H., Lohn und Haushalt der Uhrenfabrikarbeiter des badischen Schwarzwaldes (Karlsruhe, 1905), in *L'Année Sociologique* 10, pp. 616-620.
- R** Freytag C. T., Die Entwicklung des Hamburger Warenhandels (Berlin, 1906), in *L'Année Sociologique* 10, pp. 628-630.
- R** Genzmer E., Ueber die Entwicklung des Wohnungswesenssens... (Danzig, 1906), in *L'Année Sociologique* 10, pp. 644-647.
- R** Guillon J., L'émigration des campagnes vers les villes et ses conséquences économiques et sociales (Paris, 1905), in *L'Année Sociologique* 10, pp. 638-642.
- R** Herzfeld E. G., Family monographs (New York, 1905), in Ansil,p ifl nn M15-AOR

- R** Jacquart C., « La dépression démographique des Flandres... » (in *Annales de sociologie*, 1905), in *L'Année Sociologique* 10, pp. 632-633.
- R** Kiger A. N., *Statistische Beiträge zur Beleuchtung der ehelichen Fruchtbarkeit*, 3er Abschnitt (Christiania, 1905), in *L'Année Sociologique* 10, pp. 633-637.
- R** Mannstaedt H., *Die kapitalistische Anwendung der Maschinerie* (Ierm, 1905), in *L'Année Sociologique* 10, pp. 552-554.
- R** Pareto V., *Manuale di economia politica* (Milan, 1906), in *L'Année Sociologique* 10, pp. 527-529.
- R** Rost IL, *Der Selbstmord als sozialstatistische Erscheinung* (Cologne, 1905), in *L'Année Sociologique* 10, pp. 501-504.
- R** Sée II., *Les classes rurales en Bretagne du XVIe siècle à la Révolution* (Paris, 1906), in *L'Année Sociologique* 10, pp. 599-605.
- R** « Recueil de matériaux sur la situation des Israélites de Russie » (d'après l'Enquête de la Jewish Colonization Association, Paris, 1906), in *L'Année Sociologique* 10, pp. 610-612.

1908

- E** *La politique foncière de municipalités*. Librairie du Parti socialiste, 31 pages. Collection « Les cahiers du socialiste »./Cf. supra pp. 177-198./
- R** « La théorie économique du salaire » (Simiand F., *Le salaire des ouvriers des mines en France*, E. Cornély, Paris), in *Revue du mois* 6, pp. 608-611.

1909

- L** *Les expropriations et le prix des terrains à Paris (1860- 1900)*. Rieder éd., E. Cornély éd. 416 p., cartes, dépliants. Thèse de doctorat en droit./Les deux premiers chapitres, pp. 1-232, ont été republiés en 1928 in *La population et le tracé des voies depuis cent ans*. Cf. ce titre./
- N** « La théorie du salaire et l'économie politique traditionnelle », lettre adressée au directeur, in *Revue du mois* 7, p. 346 et p. 649.

1910

- R** Aftalion A., « La réalité des surproductions » (in *Revue d'économie politique*, 1908-1909), in *L'Année Sociologique* 11, pp. 585-589.
- R** Aubert L., *Américains et Japonais* (Paris, 1908), in *L'Année Sociologique* 11, pp. 756-761.
- R** Chapin R. Coit, *The standard of living among workingmen's families in New York City* (New York, 1909), in *L'Année Sociologique* 11, pp. 665-671.

- R** Fuerth H., Ein mittelbuengerliches Budget... (Iéna, 1907), in *L'Année Sociologique* II, pp. 671-673.
- R** Gonnard R., L'émigration européenne au dix-neuvième siècle (Paris, 1906), in *L'Année Sociologique* II, pp. 765-69.
- R** Halbwachs M., Les expropriations et le prix du terrain à Paris (Paris, 1909), in *L'Année Sociologique* II, pp. 770-772.
- R** Halbwachs M., Les expropriations et le prix des terrains à Paris (Paris, 1909), in *L'Année Sociologique* II, pp. 655-658.
- R** Leitter F., Die Verteilung des Einkommens in Oesterreich (Vienne et Leipzig, 1907), in *L'Année Sociologique* II, pp. 682-687.
- R** Lescure J., Des crises générales et périodiques de surproduction (Paris, 1907), in *L'Année Sociologique* II, pp. 576-581.
- R** Mayr G. von, Statistik und Gesellschaftslehre (1909), in *L'Année Sociologique* II, pp. 472-477.
- R** Mayr G. von, Statistik und Gesellschaftslehre (Tübingen, 1909), in *L'Année Sociologique* II, pp. 732-745.
- R** Meuriot P., « La petite ville française » (in *Journal de la Société de statistique de Paris*, juillet-août 1908), in *L'Année Sociologique* II, pp. 772-773.
- R** Ratzel F., Raum und Zeit in Geographie und Geologie (Leipzig, 1907), in *L'Année Sociologique* II, pp. 720-723.
- R** Schnapper-Arndt G., Socialstatistik (Leipzig, 1908), in *L'Année Sociologique* II, pp. 745-750.
- R** Schnapper-Arndt G., Sozialstatistik (Leipzig, 1908), in *L'Année Sociologique* II, pp. 679-681.
- R** Sundbaerg G., Bevoelkerungsstatistik Schwedens, 1750- 1900. Einige Hauptresultate (Stockholm, 1907), in *L'Année Sociologique* II, pp. 750-754.
- R** Supino C., Le crisi economica (Milan, 1907), in *L'Année Sociologique* II, pp. 581-585.
- R** Tonnelat E., L'expansion allemande hors d'Europe (Paris, 1908), in *L'Année Sociologique* II, pp. 761-765.
- R** Royaume de Belgique, Ministère du travail, Office du travail, Les industries à domicile en Belgique (Volume X, 1909), in *L'Année Sociologique* II, pp. 662-665.

- L** La classe ouvrière et les niveaux de vie. Recherches sur la hiérarchie des besoins dans les sociétés industrielles contemporaines. F. Alcan, 495 pages. Thèse principale de doctorat ès lettres. Réimpression en 1970, Gordon and Breach, Paris, Londres, New York.
- L** La théorie de l'homme moyen, essai sur Quetelet et la statistique morale. F. Alcan, 180 pages. Thèse complémentaire de doctorat ès lettres.
- R** Note sur les livres récents de sociologie économique, in *Revue du mois* 13 (7^e année), pp. 112-118.
- R** Baschwitz K., Die Organisation der Städtischen... (Stuttgart et Berlin, 1909), in *L'Année Sociologique* 12, pp. 779-780
- R** Brand G., Die Wirtschaftsbücher zweier Pfarrhäuser (Leipzig, 1911), in *L'Année Sociologique* 12, pp. 747-752.
- R** Cabrini A., Emigrazione ed emigranti (Bologne, 1911), in *L'Année Sociologique* 12, pp. 832-833.
- R** Freudenberg F. C., Die neuzeitliche Volkswirtschaft (Karlsruhe, 1912), in *L'Année Sociologique* 12, pp. 752-754.
- R** Gini C., Il sesso dal punto di vista statistico (Milan Palerme-Naples, 1908), in *L'Année Sociologique* 12, pp. 826-830.
- R** Grilli C., La rendita edilizia nelle moderne metro poli (Rome, 1910), in *L'Année Sociologique* 12, pp. 733-738.
- R** Hell E., Jugendliche Schneiderinnen und Näherinnen in München (Stuttgart et Berlin, 1911), in *L'Année Sociologique* 12, pp. 765-767.
- R** Imbert Dr. A., Observations économiques des vies ouvrières (Montpellier et Paris, 1911), in *L'Année Sociologique* 12, pp. 757-758.
- R** Jacquart C., Le divorce et la séparation de corps (Bruxelles, 1909), in *L'Année Sociologique* 12, pp. 558-560.
- R** Kleinwaechter F., Das Wesen der städtischen Grundrente (Leipzig, 1912), in *L'Année Sociologique* 12, pp. 738-740.
- R** Knoke A., Ausländische Wanderarbeiter in Deutschland (Leipzig, 1911), in *L'Année Sociologique* 12, pp. 782-784.
- R** Lichtenberger J. P., Divorce. A study in social causation (New York, 1909), in *L'Année Sociologique* 12, pp. 560-564.
- R** Lottin J., « Les régularités statistiques » (in *Revue néoscholastique de philosophie*, Louvain, 1911), in *L'Année Sociologique* 12, pp. 554-556.

- R** Lottin J., Le libre arbitre et les lois sociologiques d'après Quételet (Louvain, 1911), in *L'Année Sociologique* 12, pp. 556-557.
- R** Maunier R., L'origine et la fonction économique des villes (Paris, 1910), in *L'Année Sociologique* 12, pp. 833-835.
- R** Oppenheimer F., Theorie der reinen und politischen Ökonomie (Berlin, 1911), in *L'Année Sociologique* 12, pp. 591-593.
- R** Otto R., Ueber Fabrikarbeit verheirateter Frauen (Stuttgart et Berlin, 1910), in *L'Année Sociologique* 12, pp. 763-765.
- R** Penstone M. M., Town study (Londres, 1910), in *L'Année Sociologique* 12, pp. 835-836.
- R** Peter H., Wert und Preis unbebauter Liegenschaften, Karlsruhe, 1910), in *L'Année Sociologique* 12, pp. 740-744.
- R** Schreiner O., Woman and Labour (Londres et Leipzig, 1912), in *L'Année Sociologique* 12, pp. 760-761.
- R** Schumpeter J., Theorie der wirtschaftlichen Entwicklung (Leipzig, 1912), in *L'Année Sociologique* 12, pp. 594-598.
- R** Sombart W., Die Juden und das Wirtschaftsleben (Leipzig, 1911), in *L'Année Sociologique* 12, pp. 623-627.
- R** Streightofl F. H., The standard of living among the industrial people of America (Boston et New York, 1911), in *L'Année Sociologique* 12, pp. 754-757.
- R** Wenckstern H. von, Existenz-Bedingungen sesshafter Landarbeiter (Berlin, 1909 et 1911), in *L'Année Sociologique* 12, p. 752.

1914

- E** « Budgets de familles ouvrières et paysannes en France en 1907. » in *Bulletin de la Statistique générale de la France*, 4, fasc. 1, pp. 47-83.
- R** « Note de « Sociologie économique » sur les livres nouveaux », in *Revue du mois* 17, pp. 127-133.
- R** « Note de « Sociologie économique », in *Revue du mois* 18, pp. 541-548.

1918

- E** « La doctrine sociologique de Vilfredo Pareto I », in *Revue d'économie politique*, 22, pp. 578-585.

1920

- E** « La doctrine d'Emile Durkheim », in *Revue philosophique*, 85, pp. 353-411.
- E** « Les plans d'extension et d'aménagement de Paris avant le XIXe siècle », in *La vie urbaine*, 2, pp. 5-28./Cf. supra pp. 199-224./
- E** « Matière et société », in *Revue philosophique*, 90, pp. 82-122./Cf. supra pp. 58-94./
- E** « La doctrine sociologique de Vilfredo Pareto II », in *Revue d'économie politique*, 24, pp. 467-475.

1921

- E** « Revenus et dépenses de ménages de travailleurs. Une enquête officielle d'avant-guerre », in *Revue d'économie politique*, 25, pp. 50-59.
- E** « Le facteur instinctif dans l'art industriel », in *Revue philosophique*, 91, pp. 214-233.
- R** « Carnet du sociologue. La ville et la campagne », *Libres propos*, 1, nu 1./Non vérifié./

1922

- E** « L'interprétation du rêve chez les primitifs », in *Journal de psychologie*, 19, pp. 577-604.
- R** « Carnet du sociologue. Le « potlatch » ou de l'Homme prodigue in *Libres propos*, 2, n° 11, pp. 121-123.
- R** « Carnet du sociologue. Capitaliste et aventurier », in *Libres propos*, 2, n° 6, pp. 67-69.
- R** « Carnet du sociologue. Sur les mœurs et croyances primitives de la Chine », in *Libres propos*, 2, n° 3, pp. 26-29.

1923

- E** « Die Politik und die ökonomischen Verhältnisse nach Plato und Aristoteles », in *Archiv für die Geschichte des Sozialismus und der Arbeiterbewegung*. Sonderdruck, pp. 22-64.
- E** « L'expérimentation statistique et les probabilités », in *Revue philosophique*, 96, pp. 340-371./ Cf. supra pp.
- E** « Le rêve et les images-souvenirs », in *Revue philosophique*, 95, pp. 57-97./Repris in Les cadres sociaux de la mémoire, 1925, pp. 1-53./
- R** « Carnet du sociologue. La légende de Tammany », in *Libres propos*, 2, nu 20, pp. 259-261.
- R** « Romanciers et savants. Carnet du sociologue », in *Libres propos*, 2, n° 42, pp. 87-90.

1924

E Le calcul des probabilités à la portée de tous (en collaboration avec M. Fréchet). Dunod, XII + 297 pages.

1925

L Les origines du sentiment religieux d'après Durkheim. Stock, Coll. « La culture moderne », 119 pages.

L Les cadres sociaux de la mémoire. Alcan, Coll. « Les travaux de l'Année sociologique », 299 pages. Nouvelle édition aux Presses universitaires de France en 1952.

E « Les origines puritaines du capitalisme », in *Revue d'histoire et de philosophie religieuse*, Strasbourg, pp.132-157.

E « La population et les tracés de voies à Paris depuis cent ans », in *Métron, Revue internationale de statistique*, Padoue, pp. 1-23.

R Anaxagoras, Das Wirtschaftliche Denken (Vienne et Leipzig, 1923), in *L'Année Sociologique* 1, nouvelle série, p. 737.

R Baumann H., Kraftquellen und Verkehr als bestimmende Faktoren... (Berlin), in *L'Année Sociologique* 1, nouvelle série, pp. 890-891.

R Bellomo P., Concetto e compiti della geografia economica (Milan, 1924), in *L'Année Sociologique* 1, nouvelle série, pp. 908-910.

R Bloch M., Les rois thaumaturges (Strasbourg et Paris, 1924), in *L'Année Sociologique* 1, nouvelle série, pp. 536-542.

R Brentano L., Der Wirtschaftende Mensch in der Geschichte (Leipzig, 1923), in *L'Année Sociologique* 1, nouvelle série, p. 745.

R Cassel G., The theory of social economy translated (Londres, 1923), in *L'Année Sociologique* 1, nouvelle série, p. 735.

R Choissard P., Les probabilités en science d'observation (Paris, 1923), Fréchet et Halbwachs, Le calcul des probabilités à la portée de tous (Paris, 1924), Simiand F., Statistique et expérience (Paris, 1922), et Halbwachs M., « L'expérimentation statistique... » (in *Revue philosophique*, 1923), in *L'Année Sociologique* 1, nouvelle série, pp. 279-283.

N Collier M. A. G., Economic justice (Londres, 1924), in *L'Année Sociologique* 1, nouvelle série, p. 734.

R Commons J. R., Legal foundations of capitalism (New York, 1924), in *L'Année Sociologique* 1, nouvelle série, p. 800.

R Czuber E., Mathematische Bevölkerungstheorie (Leipzig-Berlin, 1923), in *L'Année Sociologique* 1, nouvelle série, pp. 920-921.

- R** Dickinson Z. C., Economic motives (Cambridge, 1924), in *L'Année Sociologique* 1, nouvelle série, p. 739.
- R** Febvre L., « Le problème de la géographie humaine », (in Revue de synthèse historique, 1923), in *L'Année Sociologique* 7, nouvelle série, pp. 902-908.
- R** Fischer H. A. L., The economic position of married woman (1924), in *L'Année Sociologique* 1, nouvelle série, pp. 885-886.
- R** Foerster D. E., Soziales Kapitalismus (Tübingen, 1924), in *L'Année Sociologique* 1, nouvelle série, p. 737.
- R** Forsyth G. H., An introduction to the mathematical analysis of statistics (New York, 1924), in *L'Année Sociologique* 1, nouvelle série, pp. 284-285.
- R** Geisler W., Die deutsche Stadt... (Stuttgart, 1924), in *L'Année Sociologique* 1, nouvelle série, pp. 932-935.
- N** Gini C., « Prime ricerche sulla « fecondabilità » della donna » (in Atti del reale Istituto veneto di scienze, lettere ed arti, 1923-1924), in *L'Année Sociologique* 1, nouvelle série, p. 925.
- R** Gini C., « Pathologie économique » (in Scientia, août 1923) et Pathologia economica (Milan, 1924), in *L'Année Sociologique* 1, nouvelle série, pp. 801-802.
- R** Gonnard R., Histoire des doctrines de la population (Paris, 1923), in *L'Année Sociologique* 1, nouvelle série, pp. 916-920.
- R** Gottl-Ottlilienfeld F., Wirtschaft und Technik (Tübingen, 1923), in *L'Année Sociologique* 1, nouvelle série, pp. 854-860.
- R** Hadley A. T., Economic problems of democracy (Cambridge, 1923), in *L'Année Sociologique* 1, nouvelle série, p. 890.
- R** Hubert F., Das V erhältnisse der Nationaleonomie zur Psychologie (Basel, 1923), in *L'Année Sociologique* 1, nouvelle série, pp. 739-740.
- R** Jastrzebski T. T. S. de, « Changes in birthrate and illegitimate fertility in London » (in Journal of the Royal statistical society, 1923), in *L'Année Sociologique* 1, nouvelle série, pp. 924-925.
- R** Kulenkampf-Schenk E., Die Volksdichte von Mittelamerika... (Bonn et Leipzig, 1923), in *L'Année Sociologique* 1, nouvelle série, pp. 926-927.
- N** Landwehr O., Uebervakertes Land... (Vienne et Leipzig, 1923), in *L'Année Sociologique* 1, nouvelle série, p. 927.
- R** Libelli M. M., Metodologia statistica (Florence, 1924), in *L'Année Sociologique* 1, nouvelle série, pp. 283-284.

- R** Moll B., Probleme der Finanzwissenschaft (Leipzig, 1924), in *L'Année Sociologique* 1, nouvelle série, pp. 741-742.
- R** Moll B., Gibt es eine exakte Nationaleconomie ? (Leipzig, 1924), in *L'Année Sociologique* 1, nouvelle série, p. 736.
- R** Newsholme A., The elements of vital statistics... (Londres, 1923), in *L'Année Sociologique* 1, nouvelle série, pp. 923-924.
- R** Niceforo A., Il metodo statistico (Messine, 1923), in *L'Année Sociologique* 1, nouvelle série, p. 284.
- N** Nickel K. E., Grundriss zu meinen Vorlesungen... (1924), et Neues systematisches Lehrbuch... (1924), in *L'Année Sociologique* 1, nouvelle série, pp. 734-735.
- R** Oppenheimer F., Wilbrandt R., Liiwe A., Salomon G., Wirtschaft und Gesellschaft (Francfort, 1924), in *L'Année Sociologique* 1, nouvelle série, p. 738.
- R** Perreau C., Leçons d'économie politique, financière et sociale (Paris, 1924), in *L'Année Sociologique* 1, nouvelle série, p. 735.
- R** Pesch H., Lehrbuch der Nationalakonomie (Fribourg, 1924), in *L'Année Sociologique* 1, nouvelle série, pp. 729-731.
- R** Rueff J., Des sciences physiques aux sciences naturelles (Paris, 1922), in *L'Année Sociologique* 1, nouvelle série, p. 736.
- R** Schwiedland E., Volkswirtschaftslehre (Stuttgart, 1922), in *L'Année Sociologique* 1, nouvelle série, pp. 731-734.
- R** Shirras G. F., Report on an inquiry into working-class budgets in Bombay (Bombay, 1923), in *L'Année Sociologique* 1, nouvelle série, p. 887.
- R** Sombart W., Les Juifs et la vie économique (Paris, 1923), in *L'Année Sociologique* 1, nouvelle série, pp. 745-748.
- R** Tyszka C. von, Statistik Teil II : die Wirtschaft (Iéna. 1924), in *L'Année Sociologique* 1, nouvelle série, p. 741.
- R** Tyszka C. von, Statistik (Iéna, 1924), in *L'Année Sociologique* 1, nouvelle série, p. 285.
- R** Unshelm E., Geburtenbeschränkung und Sozialismus (Leipzig, 1924), in *L'Année Sociologique* 1, nouvelle série, p. 921.
- R** Veblen T., Absentee ownership and business enterprise... (New York, 1923), in *L'Année Sociologique* 1, nouvelle série, pp. 834-839.
- R** Webb B. and S., The decay of capitalist civilisation (Londres, 1923), in *L'Année Sociologique* 1, nouvelle série, p. 896.

- R** Weber M., *Gesammelte Aufsätze zur Social-und Wirtschaftsgeschichte* (Tübingen, 1924), in *L'Année Sociologique* 1, nouvelle série, pp. 748-749.
- R** Weber M., *Wirtschaftsgeschichte* (Münich et Leipzig, 1923), in *L'Année Sociologique* 1, nouvelle série, pp. 749-750.
- R** Weber M., *Gesammelte Aufsätze zur Soziologie und Sozialpolitik* (Tübingen, 1924), in *L'Année Sociologique* 1, nouvelle série, p. 885.
- L** Second international Congress of Eugenics (Baltimore, 1923) et Laughlin H. H., *The second international exhibition of Eugenics* (Baltimore, 1923), in *L'Année Sociologique* 1, nouvelle série, pp. 921-923.
- R** « Beiträge zur Statistik der Republik Österreich... » (Vienne, 1923), in *L'Année Sociologique* 1, nouvelle série, p. 927.
- R** « Eugénique et sélection » (Paris, 1922) ; Savorgnan F., « la Fecondità delle aristocrazie » ; Ptucha M., « Die Sterblichkeit in Russland » ; Feld W., « Internationale Bibliographie der Statistik... » (in *Metron*, 1923), Congrès national de la maternité (Tours, 1923) ; Bowley A. L., « Deathrates, density... » (in *Journal of Royal statistical society*, 1923), in *L'Année Sociologique* 1, nouvelle série, p. 928.
- R** *Gundriss der Sozialeonomik* (Tübingen, 1923), in *L'Année Sociologique* 1, nouvelle série, pp. 724-728.
- R** « Société française des urbanistes... » (Strasbourg, 1923), in *L'Année Sociologique* 1, nouvelle série, p. 935.

1926

- E** « Beitrag zu einer soziologischen Theorie der Arbeiterklasse ». Sonderdruck de Jahrbuch für Soziologie, 2e Band., Karlsruhe, G. Braun, pp. 366-385.
- E** « Histoires dynastiques et légendes religieuses en Chine d'après un livre récent de M. Marcel Granet », in *Revue de l'histoire des religions* 47, t. 94 ; pp. 1-16.
- R** « La pensée mythique d'après M. Cassirer », in *Revue philosophique* 102, pp. 299-304.

1927

- R** Leroy O., « Essai d'introduction critique... » (Paris, 1925), in *Revue philosophique* 103, pp. 154-155.

1928

- E** *La population et les tracés de voies à Paris depuis cent ans*, Cornély et Presses universitaires de France, 257 pages + 2 planches hors texte. 2e édition des deux premiers chapitres de *Les expropriations et le prix des terrains à Paris (1860-1900)*, parus en 1909 chez E. Cornély, augmentés d'un chapitre complémentaire et d'une conclusion.

E « La psychologie collective d'après Charles Blondel », in *Revue philosophique* 107, pp. 444-456./Cf. supra, pp. 115-130./

1929

E « Le suicide et les maladies mentales », in *Revue philosophique* 108, pp. 321-360./Repris in *Les causes du suicide*, 1930, pp. 374-449./

R « Max Weber ; un homme, une œuvre » (Weber M., Max Weber, Ein Lebensbild), in *Annales d'histoire économique et sociale* 1, pp. 81-88.

R Le Roy, *La pensée intuitive I.* (Paris, Boivin, 1929), in *Revue critique* 114, pp. 572-573.

R « Méthodes statistiques » (Aftalion A., Cours de statistique), in *Annales d'histoire économique et sociale* 1, pp. 423-428.

R « Economistes américains du XIXe siècle » (Teilhac E., Histoire de la pensée économique aux Etats-Unis au XIXe siècle), in *Annales d'histoire économique et sociale* 1, pp. 451-452.

1930

L *Les causes du suicide*, Alcan, Coll. « Les travaux de l'Année Sociologique sociologique », 520 pages. Avant-propos de Marcel Mauss.

E « Les économistes étrangers : Gottl von Ottilienfeld », in *Revue d'économie politique*, 44, pp. 493-534.

E « La représentation de l'âme chez les Grecs : le double corporel et le double spirituel », in *Revue de métaphysique et de morale*, 38, pp. 493-534.

E « Les budgets de familles ouvrières aux Etats-Unis ». *Bulletin de la Statistique générale de la France*, pp. 395- 430.

R Alfaric P., *Laromiguière et son école* (Paris, Les Belles lettres, 1929), in *Revue critique* 115, pp. 84-86.

R Bréhier E., *Histoire de la philosophie II.* (Paris, Alcan, 1930), in *Revue critique* 115, pp. 353-355.

R Pommier J., *Deux études sur Jouffroy et son temps* (Paris, Alcan, 1930), in *Revue critique* 115, pp. 358-359.

R Tisserand P., éd. *Œuvres de Main de Biran II.* (Paris, Fondation Debrousse-Gast), in *Revue critique* 115, pp.357-358.

R « La main-d'œuvre féminine dans l'industrie suisse » (Gagg M., Die Frau in der schweiz. Industrie), in *Annales d'histoire économique et sociale* 2, pp. 138-139.

- R** « La théorie quantitative de la monnaie. Les crédits de banque et les crédits en banque » (Pose A., De la théorie monétaire à la théorie économique), in *Annales d'histoire économique et sociale*², pp. 479-480.
- R** « Propriété individuelle ou propriété collective : le problème palestinien » (Granovski R., Les problèmes de la terre en Palestine), in *Annales d'histoire économique et sociale*², pp. 269-271.
- R** « Un abrégé de sociologie » (Maunier R., Introduction à la sociologie), in *Annales d'histoire économique et sociale*², p. 628.
- R** « Auguste Comte économiste » (Mauduit R., Auguste Comte et la science économique), in *Annales d'histoire économique et sociale*², pp. 631-632.
- R** « Les idées démocratiques » (Pougier L., La mystique démocratique...), in *Annales d'histoire économique et sociale*², p. 630.
- R** « La pensée économique française » (Pirou G., Doctrines sociales et science économique), in *Annales d'histoire économique et sociale*², p. 630.
- R** « Prix de vente et prix de revient : une théorie » (Keppel A. J. W., The theory of the cost price system), in *Annales d'histoire économique et sociale*², p. 631.

1931

- R** Guérout M., La philosophie transcendantale de Salomon Mdimon (Paris, Alcan, 1929), in *Revue critique* 116, pp.232-234.
- R** Laski H. J., Liberty in the modern state (Londres, 1930), in *Revue philosophique* 112, pp. 148-151.
- R** Le Breton M., La personnalité de William James (Paris, Hachette, 1929), in *Revue critique* 116, pp. 220-222.
- R** Le Roy E., La pensée intuitive II (Paris, Boivin, 1930), in *Revue critique* 116, pp. 333-334.
- R** Maunier R., Introduction à la sociologie (Paris, 1929), in *Revue philosophique* 111, pp. 153-155.
- R** Schnitz A., La pensée de Jean-Jacques Rousseau (Paris, 1929), in *Revue philosophique* 112, pp. 144-148.
- R** « Dans les Etats-Unis d'aujourd'hui : impressions d'un ouvrier français » (Dubreuilh H. Standards, Le travail américain vu par un ouvrier français), in *Annales d'histoire économique et sociale*³, pp. 79-81.
- R** « La place de la technique dans l'économie » (Waffenschmidt W. G., Technik und Wirtschaft ; Von Gottl-Ottlilienfeld, Wirtschaft und Technik), in *Annales d'histoire économique et sociale*³, pp. 279-280.

- R** « La S. D. N. et les accords économiques » (Société des Nations. Conférence préliminaire en vue d'une action économique concertée), in *Annales d'histoire économique et sociale*3, p. 300.
- R** «Le chômage » (B. I. T. Le problème du chômage. Quelques aspects internationaux, 1920-1928), in *Annales d'histoire économique et sociale*3, pp. 302-303.
- R** « La comparalson des méthodes statistiques » (Comptes rendus de la Conférence internationale concernant les statistiques économiques, Genève, 1928), in *Annales d'histoire économique et sociale*3, p. 72.
- E** « Une économie de peuple « primitif ». Les Maoris » (Firth R., Primitive economics of the New Zealand Maori), in *Annales d'histoire économique et sociale*3, pp. 133-134.

1932

- E** « Une théorie expérimentale du salaire », in *Revue philosophique* 114, pp. 321-363.
- E** « Les primitifs et le dieu suprême d'après le P. Schmidt », in *Revue philosophique* 113, pp. 464-474.
- E** « Chicago, expérience ethnique », in *Annales d'histoire économique et sociale*4, pp. 11-49.
- R** Bayet A., Histoire de la morale en France (Paris, Alcan, 1931), in *Revue critique* 117, pp. 82-85.
- R** Davy G., Sociologues d'hier et d'aujourd'hui (Paris, Alcan, 1931), in *Revue critique* 117, p. 80.
- R** Frazer S. G., Le cycle du rameau d'or (Paris, Geuthner, 1930), in *Revue critique* 117, pp. 76-77.
- R** Gurvitch G., L'idée du droit social (Paris, 1931), in *Revue philosophique* 114, pp. 448-449.
- R** Gurvitch G., Le temps présent et l'idée du droit social (Paris, 1931), in *Revue philosophique* 114, pp. 449-450.
- R** Levy-Bruhl L., Le surnaturel et la nature dans la mentalité primitive (Paris, Alcan, 1931), in *Revue critique* 117, pp. 430-431.
- R** Locke J., An Essay concerning the understanding knowledge, opinion and assent... (Harvard University Press, 1931), in *Revue critique* 117, pp. 78-79.
- R** Pettazzoni R., La confession des péchés (Paris, Leroux, 1931), in *Revue critique* 117, pp. 81-82.
- R** Centre international de synthèse. Les origines de la société (Paris, La Renaissance du livre, 1931), in *Revue critique* 117, pp. 75-76.

- R** « La prévision des crises économiques » (Dupriez L. H., Les méthodes d'analyse de la conjoncture économique et leur application à l'économie belge depuis 1897. Mitchell W. C., Business Cycles. The problem and its setting), in *Annales d'histoire économique et sociale*⁴, pp. 197-198.
- R** « La sociologie en Allemagne et aux Etats-Unis » (Oppenheimer F., Richtungen der neueren deutschen Soziologie ; Abel Th., Systematic sociology in Germany. A critical analysis of some attempts to establish sociology as independent science ; Rice S. A., Methods in social science), in *Annales d'histoire économique et sociale*⁴, pp. 80-81.
- R** « La « théorie économique » : à propos d'une bibliographie » (Batsen H. E. et Robbins L., A select bibliography of modern economic theory, 1870-1922; Simiand, La «Théorie expérimentale» en science économique positive. De l'expérimentation en science économique positive), in *Annales d'histoire économique et sociale*⁴, pp. 316-317.
- R** « L'esclavage dans le monde contemporain » (Compte rendu de la 12e session., de la S.D.N. ; Lady Simon K., Slavery), in *Annales d'histoire économique et sociale*⁴, pp. 598-600.
- R** « Où en est le capitalisme américain ? » (Liitkens Ch., Staat und Gesellschaft in Amerika. Zur Soziologie des amerikanischen Kapitalismus), in *Annales d'histoire économique et sociale*⁴, pp. 77-79.
- R** « Sur la rationalisation » (Warriner D., Combines and rationalisation in Germany, 1924-1928; Baebler A., La rationalisation. Episode de décadence du capitalisme ; Namy M., Rationalisation et organisation scientifique de la production), in *Annales d'histoire économique et sociale*⁴, pp. 593-594.
- R** « Locke économiste » (Bertolina A., Locke economista), in *Annales d'histoire économique et sociale*⁴, p. 84.
- R** « Un bilan de l'économie mondiale » (Mortara G., Prospettive economiche), in *Annales d'histoire économique et sociale*⁴, p. 469.
- R** « L'évolution des recherches économiques » (Sombart W., Die drei Nationalökonomien Geschichte und System der Lehre von der Wirtschaft), in *Annales d'histoire économique et sociale*⁴, p. 80.
- R** « Pour suivre la vie économique du présent » (Hoschiller M., etc., collaboration à L'observation économique), in *Annales d'histoire économique et sociale*⁴, p. 301.
- R** « L'économie mathématique » (Kühne O., Die mathematische Schule in der Nationalökonomie. I, Die italienische Schule bis 1914), in *Annales d'histoire économique et sociale*⁴, pp. 81-82.
- R** « La sociologie en Allemagne et aux Etats-Unis » (Oppenheimer F., Richtungen der neueren deutschen Soziologie ; Abel Th., Systematic sociology in Germany. A critical analysis of some attempts to establish sociology as independent science ; Rice S. A., Methods in social science), in *Annales d'histoire économique et sociale*⁴, pp. 80-81.

- R** « La paupérisation croissante : histoire d'une théorie » (Michels R., Die Verelendung-Theorie. Studien und Untersuchungen zur internationalen Dogmengeschichte der Volkswirtschaft) in *Annales d'histoire économique et sociale*⁴, p. 82.
- R** « Théories récentes de la monnaie » (Ohno J., Sozialökonomische Theorie des Geldes ; von Gottl-Ottlilienfeld, Die wirtschaftliche Dimension), in *Annales d'histoire économique et sociale*⁴, p. 511.
- R** « Lénine » (Lénine, Œuvres complètes IV, VII, XXI), in *Annales d'histoire économique et sociale*⁴, pp. 88-89.
- R** « Rosa Luxembourg » (Laurat L., L'accumulation du capital d'après Rosa Luxembourg), in *Annales d'histoire économique et sociale*⁴, p. 88.

1933

- E** « La loi en sociologie », in *Science et loi*, F. Alcan, 1934, pp. 173-196. Communication à la 5e Semaine internationale de synthèse./ Cf. supra, pp. 308-328./
- L** L'évolution des besoins dans les classes ouvrières, Alcan, Coll. « Nouvelle bibliothèque économique », 163 pages, diagrammes, graphiques.
- E** « Recherches statistiques sur la détermination du sexe à la naissance », in *Journal de la Société de statistique de Paris* 74, pp. 5-32.
- R** Blondel C., Le suicide (Strasbourg, 1933), in *Revue philosophique* 116, pp. 473-475.
- R** Frazer J. G., The fear of dead in primitive religion (Londres, Macmillan, 1933), in *Revue critique* 118, p. 367.
- R** Heimann E., Sozialwissenschaft und Wirklichkeit (Tübingen, J. C. B. Mohr, 1932), in *Revue critique* 118, pages 365-366.
- R** Jaspers K., Die geistige Situation der Zeit (Berlin et Leipzig, Gruyter, 1932), in *Revue critique* 118, pp. 39-40.
- R** Mannheim K., Die Gegenwartsaufgaben der Soziologie (Tübingen, J. C. B. Mohr, 1932), in *Revue critique* 118, pp. 364-365.
- R** Ravalsson F., Testament philosophique et fragments (Paris, Boivin, 1933), in *Revue critique* 118, pp. 335-337.
- R** Rumpf N., Politische und soziologische Staatslehre (Tübingen, J. C. B. Mohr, 1933), in *Revue critique* 118, p. 366.
- R** « Budgets de famille » (Die Lebenshaltung von 2.000 Arbeiter Angestellten —, und Beamtenhaushaltungen. Erhebungen von Wirtschaftsrechnungen im Deutschen Reich von Jahre 1927-1928, I-II, Prof. Sküllin, Die Lebenshaltung der wirtschaftlich schwachen Bevölkerung in Hamburg in den Jahren 1925 bis 1929 au! Grund der

Wirtschaftsrechnungen von Haushaltungen ; Deutscher Baugewerksbund, Die Lebenshaltung der Bauarbeiter nach Wirtschaftsrechnungen aus dem Jahre 1929), in *Annales d'histoire économique et sociale*5, pp. 184-186.

R « La population juive en Allemagne » (Silbergleit H., Die Bevölkerungs- und Berufsverhältnisse der Juden... Berlin, 1930), in *Annales d'histoire économique et sociale*5, p. 100.

R « La croissance du Paris moderne : volontés individuelles ou besoins collectifs ? » (Morizet A., Du vieux Paris au Paris moderne. Haussmann et ses prédécesseurs), in *Annales d'histoire économique et sociale*5, pp. 594-597.

R « La vie sociale dans l'Amérique d'aujourd'hui » (Sutherland, Ogburn, Lynd, Kenzie M. Steiner, Odum, Keppel, Fry L. Merriam ; Collaboration à Recent social trends in the U. S. Report of the President's Research committee on social trends) in *Annales d'histoire économique et sociale*5, pp. 518-519.

R « Le commerce de détail en Allemagne » (Die Organisation des Arbeitsmarktes, Breslau, 1929), in *Annales d'histoire économique et sociale*5, p. 103.

R « Les salaires à travers le monde » (Coates R. H., Dr Wagemann, Pr. Gini, Jewkes J., Nixon W., Clay H., Collaboration à International Wage Comparisons, 1930), in *Annales d'histoire économique et sociale*5, p. 432.

R « Marx avant le Capital » (Marx K., Travail salarié et capital, suivi de Salaires, prix et profits), in *Annales d'histoire économique et sociale*5, p. 527.

R « Un grand marchand d'Amérique : John Jacob Astor » (Wiggins K. Porter, John Jacob Astor businessman), in *Annales d'histoire économique et sociale*5, pp. 376-382.

R « Un problème d'économie mondiale : la double imposition » (Seligman E. E., La double imposition et la coopération fiscale internationale), in *Annales d'histoire économique et sociale*5, pp. 177-179.

R « La répartition des revenus dans une ville italienne » (Repaci F. A., Un'indagine sulla dinamica della distribuzione dei redditi nella città di Bari dal 1914 al 1927), in *Annales d'histoire économique et sociale*5, p. 199.

R « Un pamphlet » (Aron R. et Dandieu A., Le cancer américain), in *Annales d'histoire économique et sociale*5, p. 519.

R « Staline » (Staline, Les questions du léninisme), in *Annales d'histoire économique et sociale*5, p. 631.

R « Lénine » (Lénine V. I., La maladie infantile du communisme ; le « communisme de gauche ». Essai de vulgarisation de la stratégie et de la tactique marxistes), in *Annales d'histoire économique et sociale*5, pp. 630-631.

R « Le catholicisme et la question sociale » (Nell-Breuning O. von, Weber A.,

collaboration à Die soziale Frage und der Catholicismus. Festschrift zum 40 jährigen Jubiläum der Enzyklika « Rerum novarum »), in *Annales d'histoire économique et sociale*5, p. 312.

R « L'économie mondiale au seuil de la crise » (J. B. Condliffe, La situation économique mondiale, 1931-1932), in *Annales d'histoire économique et sociale*5, p. 582.

1934

E « "Gross Berlin" : grande agglomération ou grande ville ? », in *Annales d'histoire économique et sociale*6, pp. 547-570.

E « Les débuts du néomalthusianisme en Angleterre », Extrait des Mélanges Edgard Milhaud./Titre non vérifié./

R Bayet A., La morale de la science (Paris, P. U. F., 1931), in *Revue critique* 119, pp. 476-479.

R Bickermann J., Freiheit und Gleichheit (Berlin, Collignon, 1934), in *Revue critique* 119, pp. 484-485.

R Bource R. et A., Les associations professionnelles (Paris, 1932) et Bopp H., Die Entwicklung... (Paderborn, 1932), in *Annales sociologiques*, série D, fasc. 1, p. 256.

R Bource R. et A., Les associations professionnelles... (Paris, 1932) et Bopp H., Die Entwicklung... (Paderborn, 1932), in *Annales sociologiques*, série D, fasc. 1, p. 246.

R De Vries J., The problem of Loki (Helsinki, 1933), in *Revue critique* 119, p. 223.

R Frazer J. G., The fear of dead in primitive religion (Londres, Macmillan, 1933), La crainte des morts... (Paris, Nourry, 1934), in *Revue critique* 119, pp. 39-42.

R Furniss E., Labor problems (Cambridge, 1925) et Neil Kene Smith, Economic control (Londres, 1929), in *Annales sociologiques*, série D, fasc. 1, pp. 246-247.

R Grünberg E., Der Mittelstand in der kapitalistischen Gesellschaft (Leipzig, 1932), in *Annales sociologiques*, série D, fasc. 1, pp. 233-236.

R Halbwachs M., L'évolution des besoins dans les classes ouvrières (Paris, 1933), in *Annales sociologiques*, série D, fasc. 1, pp. 270-273.

R Halbwachs M., Les cadres sociaux de la mémoire (Collection « Travaux de l'Année sociologique », 1925), in *Annales sociologiques*, série A, fasc. 1, pp. 160-165.

R Lurn B., Die geschlossene Wirtschaft (Tübingen, J. C. B. Mohr, 1933), in *Revue critique* 119, pp. 490-492.

R Myrdal G., Das politische Element... (Berlin, 1932), in *Annales sociologiques*, série D, fasc. 1, p. 124.

- R** Pini A., *Le trade-unionisme...* (Paris, 1927) et Richardson J. H., *Les relations industrielles en Grande-Bretagne* (Genève, 1933), in *Annales sociologiques*, série D, fasc. 1, pp. 243-244.
- R** Pirou G., Sombart W., Durbin E. F., Patterson E. et Spirito U., *La crisi del capitalismo* (Florence, 1933), in *Annales sociologiques*, série D, fasc. 1, pp. 134-145.
- R** Sommer A., *Lehre vom Privathaushalt* (Berlin, 1931), in *Annales sociologiques*, série D, fasc. 1, pp. 273-274.
- R** Tawney R. H., *Religion and the rise of capitalism* (Londres, 1926) ; Groethuysen B., *Origine de l'esprit bourgeois en France* (Paris, 1927) ' • Robertson H. M., *Aspects of the rise of economic individualism* (Cambridge, 1933) ; Lemoine R. J., *Les étrangers et la formation du capitalisme en Belgique* (Paris, 1933), in *Annales sociologiques*, série D, fasc. 1, pp. 145-149.
- R** Westermarck E., *Three essays on sex and marriage* (Londres, Macmillan, 1934), in *Revue critique* 119, pp. 479-484.
- R** Wünsch G., *Evangelische Wirtschaftsethik* (Tübingen, 1927) et Messner J., *Sozialökonomik und Sozialethik* (Paderborn, 1930), in *Annales sociologiques*, série D, fasc. 1, pp. 128-130.
- R** Wünsch G., *Religion und Wirtschaft* (Tübingen, 1925), in *Annales sociologiques*, série D, fasc. 1, p. 131.
- R** « Aux Etats-Unis : lois et crise » (*La lutte contre la crise aux Etats-Unis, Recueil de textes. Etudes et documents*, série B (Conditions économiques), n° 19 B. I. T., 1933), in *Annales d'histoire économique et sociale* 6, p. 625.
- R** Bureau international du travail, « La liberté syndicale » (in *Etudes et documents*, série A, 1930), *Le syndicalisme moderne* (Paris, 1932) et *Le placement des travailleurs* (Genève, 1933), in *Annales sociologiques*, série D, fasc. 1, p. 245.
- R** Bureau international du travail et Institut international d'agriculture, « Etudes sur les mouvements des populations rurales » (in *Etudes et documents*, série K, n° 12), in *Annales sociologiques*, série D, fasc. 1, pp. 248-249.
- R** « Diagnostics économiques » (Rist Ch., *Essais sur quelques problèmes économiques et monétaires*), in *Annales d'histoire économique et sociale* 6, pp. 269-270.
- R** « Employeurs et travailleurs en Angleterre » (Bureau international du travail, *Etude sur les relations industrielles, I : Etudes et documents*, série A : Vie sociale), in *Annales d'histoire économique et sociale* 6, pp. 319-320.
- R** « La réclame » (Mauduit R., *La réclame, étude de sociologie économique*), in *Annales d'histoire économique et sociale* 6, pp. 399-402.

- R** « Le chômage » (Problèmes du chômage en 1931. Etudes préparées par le Bureau international du travail... Etudes et documents, série C (Chômage), n° 16), in *Annales d'histoire économique et sociale*6, pp. 101-103.
- R** « Les allocations familiales aux salariés » (Bonvoisin G. et Maignan G., Allocations familiales et classes de compensation), in *Annales d'histoire économique et sociale*6, pp. 98-99.
- R** « L'ouvrier actionnaire de l'employeur » (Haristoy J., L'épargne des travailleurs. La spéculation et le néo-capitalisme aux Etats-Unis), in *Annales d'histoire économique et sociale*6, pp. 100-101.
- R** The New survey of London life and labour (Londres, 1930), in *Annales sociologiques*, série D, fasc. 1, pages 231-232.
- R** « Un acte d'accusation contre le machinisme » (Lombroso G., La rançon du machinisme), in *Annales d'histoire économique et sociale*6, pp. 91-93.
- R** « La législation sociale en France et en Grande-Bretagne » (Pikpin Ch. W., Social politics and modern democracies), in *Annales d'histoire économique et sociale*6, pp. 97-98.
- R** « La méthode statistique et ses traits originaux » (Tippett L. H. C., The methods of statistics. An introduction mainly for workers in the biological sciences), in *Annales d'histoire économique et sociale*6, p. 375.

1935

- E** « Les facteurs biologiques de la population », in *Revue philosophique* 119, pp. 285-303.
- E** « La nuptialité en France pendant et depuis la guerre », in *Annales sociologiques*, série E, fasc. 1., pp. 1-46./Cf. supra pp. 231-272./
- N** « Note introductive. La morphologie religieuse », in *Annales sociologiques*, série E, fasc. 1, pp. 8-14./Cf. supra pp. 225-230./
- E** « La statistique en sociologie », in *La statistique, ses applications, les problèmes qu'elles soulèvent. (7e semaine internationale de synthèse)*, Presses universitaires de France, 1944, pp. 113-134./Cf. supra pp. 329-348./
- N** « De la statistique morale en général », in *Annales sociologiques*, série C, fasc. 1, p. 169.
- N** « Note sur les diverses espèces de déplacements de population », in *Annales sociologiques*, série E, fasc. 1, pp. 78-79.
- R** Blondel C., *Le suicide* (Strasbourg, 1933), in *Annales sociologiques*, série C, fasc. 1, pp. 180-181.
- R** Cavan R. S., *Suicide* (Chicago, 1928), in *Annales sociologiques*, série C, fasc. 1, pp. 181-182.

- R** Dublin L., Bunzel B., To be or not to be (New York, 1933), in *Annales sociologiques*, série C, fasc. 1, pp.183-184.
- R** Exner F., Krieg und Kriminalität in Österreich (Vienne et New-Haven, 1927), in *Annales sociologiques*, série C, fasc. 1, pp. 172-173.
- R** Frazer J. G., Creation and evolution in primitive cosmogonies (Londres, Macmillan, 1935), in *Revue critique* 120, pp. 235-236.
- R** Frenay A. D., The suicide problem in the United States (Boston, 1927), in *Annales sociologiques*, série C, fasc. 1, pp. 182-183.
- R** Freytag-Loringhoven, Völkerbund und Völkerrecht (Berlin, 1934), in *Revue critique* 120, p. 245.
- R** Geiger A., Die indoarische Gesellschaftsordnung... (Tiibingen, J. C. B. Mohr, 1935), in *Revue critique* 120, pp. 246-247.
- R** Gini C., Ferrarelli A., « Altri risultati delle indagini... » (in *Metron*, 1933), in *Annales sociologiques*, série E, fasc. 1, pp. 62-63.
- R** Gueroult H., Dynamique et métaphysique leibniziennes (Paris, Les Belles Lettres, 1934), in *Revue critique* 120, pp. 236-245.
- R** Halbwachs M., Les causes de suicide, (Con. « Travaux de l'Année sociologique », 1930) et Durkheim E., Le Suicide (Paris, 1930), in *Annales sociologiques*, série C, fasc. 1, pp. 175-180.
- R** Halbwachs M., « Recherches statistiques... » (in *Journal de la Société de statistique de Paris*, 1933), in *Annales sociologiques*, série E, fasc. 1, pp. 74-75.
- R** Huber M., La population de la France pendant la guerre (Newhaven, 1931), in *Annales sociologiques*, série C, fasc. 1, pp. 184-188.
- R** Huber M., La population de la France.... (Paris, Newhaven, 1931), in *Annales sociologiques*, série E, fasc. 1, pp. 88-94.
- R** Huber M., La population de la France... (Paris, Newhaven), in *Annales sociologiques*, série E, fasc. 1, pp. 65-71.
- R** Hunt, Le socialisme et le romantisme en France (Londres, Clarendon Press, 1935), in *Revue critique* 120, pp. 247-248.
- R** Kulischer A. et E., Kriegs-und Wanderziige (Berlin et Leipzig, 1932), in *Annales sociologiques*, série E, fasc. 1, pp. 79-85.
- R** Landry A., La révolution démographique (Paris, 1934), in *Annales sociologiques*, série E, fasc. 1, pp. 57-60.

- R** Levy-Bruhl L., Quelques problèmes du très ancien droit romain (Paris, Domat-Montchrestien, 1934), in *Revue critique* 120, p. 246.
- R** Leyden F., Gross-Berlin (Breslau, 1933), in *Annales sociologiques*, série E, fasc. 1, pp. 101-105.
- R** Match L., Les principes de la méthode statistique... (Paris, 1930), Fréchet M. et Romann R., Représentation des lois... (Paris, 1930), in *Annales sociologiques*, série C, fasc. 1, pp. 169-171.
- R** Mead G. H., Mid, self, society (Chicago, University Press, 1934), in *Revue critique* 120, p. 247.
- R** Ogilvie F. W., The tourist movement (Londres, 1933), in *Annales sociologiques*, série E, fasc. 1, pp. 96-100.
- R** Rabinowicz L., Le problème de la population... (Paris, 1929), in *Annales sociologiques*, série E, fasc. 1, pages 60-62.
- R** Bureau international du travail, « Les statistiques des migrations... » (in *Etudes et documents*, série N, n° 18), in *Annales sociologiques*, série E, fasc. 1, pp. 87-88.
- R** « Doctrine de la population et contrôle des naissances » (Hohman H. F., *Essays on Population*, Chicago, 1931), in *Annales d'histoire économique et sociale* 7, pp. 203-205.
- R** National Bureau of Economic Research, « International migrations » (1929-1931), in *Annales sociologiques*, série E, fasc. 1, pp. 85-87.
- R** « Une controverse : puritanisme et capitalisme » (Robertson H. M., *Aspects of the rise of economic individualism. A criticism of Max Weber and his school*), in *Annales sociologiques* 7, pp. 97-99.
- R** « Un périodique de statistiques urbaines » (Danziger statistische Mitteilungen. Zeitschrift /lir Verwaltung, Wirtschaft und Landeskunde der Freien Stadt Danzig), in *Annales d'histoire économique et sociale* 7, pp. 180-181.
- R** « Données économiques » (Mortara G., *Prospettive economiche*), in *Annales d'histoire économique et sociale* 7, p. 182.
- R** « Conditions contemporaines de la vie ouvrière » (*L' Année sociale*, B. I. T., 1934), in *Annales d'histoire économique et sociale* 7, p. 181.
- R** « Un manuel italien » (Vinci F., *Manuale di statistica. Introduzione allo studio quantitativo dei fatti sociale*), in *Annales d'histoire économique et sociale* 7, p. 180.
- R** « Le chômage en Angleterre » (Ministry of Labour Report for the year 1933), in *Annales d'histoire économique et sociale* 7, p. 523.
- R** « Morceaux choisis de première ou de seconde main ? à propos de Fourier »

(Pinloche A., Fourier et le socialisme), in *Annales d'histoire économique et sociale*⁷, pp. 329-330.

R « Un problème d'influence : l'œuvre de Carey » (Rowe K. W., Carey M., A study in american economic development), in *Annales d'histoire économique et sociale*⁷, p. 28.

1936

E « L'espèce humaine (3. partie). Le point de vue du nombre », in Encyclopédie française, tome VII. En collaboration avec Alfred Sauvy.

E « La méthodologie de François Simiand. Un empirisme rationaliste », in *Revue philosophique* 121, pp. 281-319. /Cf. supra, pp. 349-389.7

R « Le développement d'une grande ville : Chicago » (Hoyt H., One hundred years of land values in Chicago. The relationship of the growth of Chicago to the rise of its land values), in *Annales d'histoire économique et sociale*⁸, pp. 204-205.

R « Les classes sociales devant la pathologie » (L'économie humaine par la médecine, Rieder, 1934), in *Annales d'histoire économique et sociale*⁸, pp. 181-183.

R « Salaires et coût de la vie en Suède » (Myrdal G., The cost of living in Sweden, 1830-1930; Bagge G., Lundberg E., Svenxilson I., Wages in Sweden, 1960-1930, I-II), in *Annales d'histoire économique et sociale*⁸, pp. 49-50.

R « Le droit international ouvrier » (Raynaud B., Droit international ouvrier), in *Annales d'histoire économique et sociale*⁸, p. 512.

R « Employeurs et ouvriers » (Wertheim, Lectures on industrial relation, 1928), in *Annales d'histoire économique et sociale*⁸, p. 512.

1937

E « Le point de vue du sociologue », conférences faites au Centre polytechnicien d'études économiques, in X crise, Bulletin, n° 34, pp. 23-30./Cf. supra, pp. 390-408.7

E « La population de la terre et des continents », in Congrès international de la population (Paris, 1937, publié chez Hermann, 1938), tome VII, 8 p.

C Les classes sociales (Histoire de l'économie sociale), 4 fasc. dactylographiés, reliés en 1 volume, Centre de documentation universitaire, Coll. « Les cours de la Sorbonne ».

N « Note sur les nalsances illégitimes... », in *Annales sociologiques*, série C, fasc. 2, pp. 145-153.

N « Note sur l'application de certains procédés analytiques à l'étude de la population », in *Annales sociologiques*, série E, fasc. 2, pp. 84-88.

- N** « Note sur l'emploi des coefficients de corrélation... », in *Annales sociologiques*, série C, fasc. 2, pp. 141-144.
- N** Préface à B. Gertzberg, *Le problème de la limitation des créatures chez Leibnitz*, Picart.
- R** Bonnafous M., « Le suicide... » (in *Revue philosophique*, mai-juin 1933), in *Annales sociologiques*, série C, fasc. 2, pp. 154-155.
- R** Fauquet Dr G., *Le secteur coopératif* (Bruxelles, 1935), in *Annales sociologiques*, série D, fasc. 2, pp. 106-107. A Greaves I. C., *Modern production among backward peoples* (Londres, 1925), in *Annales sociologiques*, série D, fasc. 2, pp. 73-78.
- R** Lokanathan P. S., *Industrial organisation in India* (Londres, 1935), in *Annales sociologiques*, série D, fasc. 2, pp. 78-80.
- R** Milhaud E., Beckerath U., *Organisation des échanges et création de travail* (Paris, 1934) ; Beckerath U., *Créer du travail...* (Paris, 1935) ; Milhaud E., *Une idée en marche* (Paris, 1935) et *Le chèque de compensation internationale* (Paris, 1936), in *Annales sociologiques*, série D, fasc. 2, p. 89.
- R** Pigou A. C., *The economics of welfare* (Londres, 1932), in *Annales sociologiques*, série D, fasc. 2, pp. 116-124.
- R** Pigou A. C., *The economics of welfare* (Londres, 1932), in *Annales sociologiques*, série D, fasc. 2, pp. 62-70.
- R** Schumpeter J., *Théorie de l'évolution économique* (Paris, 1935), in *Annales sociologiques*, série D, fasc. 2, pp. 126-135.
- R** Simiand F., *Inflation et stabilisation alternées...* (Paris, 1934), in *Annales sociologiques*, série D, fasc. 2, pp. 81-88.
- R** « Contribution à l'étude de la comparalson internationale » (in *Etudes et documents du Bureau international du travail*, 1932) ; « Récentes enquêtes... » (in *Revue internationale du travail* 28) ; Julin A., « Résultats principaux... » (in *Bulletin de l'Institut international de statistique* 28) ; *Changes in cost of living* (United States Departement of labor) ; Hoffherr R. et Moris R., *Revenus et niveaux de vie indigènes au Maroc* (Paris, 1934), in *Annales sociologiques*, série D, fasc. 2, pp. 137-142.
- R** *The new survey of London life and labour* (Londres, 1933), in *Annales sociologiques*, série D, fasc. 2 pp. 111-112.
- R** Bureau international du travail, « Les travailleurs migrants » (in *Etudes et documents*, série 0, n° 5, 1936), in *Annales sociologiques*, série E, fasc. 2, pp. 126-127.
- R** « Crise économique et disparition monétaire » (Nogaro B., *La crise économique dans le monde et en France. Symptômes, causes et remèdes* ; Pirou G., *La monnaie française depuis la guerre 1914-1936. Inflation, stabilisation, dévaluation*), in *Annales d'histoire économique et sociale* 9, pp. 111-112.

- R** « La philosophie du consommateur », in *Revue philosophique* 124, pp. 89-93.
- R** « L'alimentation des travailleurs », in *Annales d'histoire économique et sociale* 9, pp. 205-207.
- N** « L'institut international de statistiques à Athènes », in *Annales d'histoire économique et sociale* 9, pp. 77-78.
- R** « Les finances du national-socialisme » (Stuart V. et Krosigk von Sch., Nationalsozialistische Finanzpolitik), in *Annales d'histoire économique et sociale* 9, pp. 623-624.
- R** « Prévisions économiques » (Wageman E., Introduction à la théorie du mouvement des affaires), in *Annales d'histoire économique et sociale* 9, pp. 406-407.
- R** « Un économiste genevois oublié » (Silberner E., L'oeuvre économique d'Antoine-Elisée Cherbuliez), in *Annales d'histoire économique et sociale* 9, p. 526.
- R** « L'habitat germanique » (Mielke R., Siedlungskunde des deutschen Volkes), in *Annales d'histoire économique et sociale* 7, pp. 627-628.
- R** « Tests et chômage » (Israeli N., Outlook upon the future of british unemployed, mental patients, and others), in *Annales d'histoire économique et sociale* 9, p. 216.
- R** « Les transports en Allemagne » (Hufner W., Die Neuordnung der deutschen Verkehrswirtschaft unter den Einfluss der Arbeitsbeschaffungsmassnahmen), in *Annales d'histoire économique et sociale* 9, p. 625.
- R** « Les courants de la pensée sociologique en Allemagne » (Aron R., La sociologie allemande contemporaine), in *Annales d'histoire économique et sociale* 9, pp. 622-623.
- R** « Un socialisme pour l'Allemagne » (Sombart W., Deutscher Sozialismus), in *Annales d'histoire économique et sociale* 9, pp. 624-625.
- R** « Recensements mexicains » (Estados unidos mexicanos. Secretaria de la economia nacional, Direction general de Estadistica Memoria de los censos de 1935. Primer censo ejidal, segundo censo industrial), in *Annales d'histoire économique et sociale* 9, p. 318.
- R** « Les courants de la pensée sociologique en Allemagne » (Aron R., La sociologie allemande contemporaine), in *Annales d'histoire économique et sociale* 9, pp. 622-623.
- R** « Quelques tentatives pour organiser la direction des économies nationales » (S. D. N., Etude sur les conseils économiques dans les différents pays du monde, in *Annales d'histoire économique et sociale* 9, p. 216.

1938

- L** « Analyse des mobiles qui orientent l'activité des individus dans la vie sociale » in *Analse des mobiles qui orientent l'activité des individus dans la vie sociale*, volume 1. Presse

Universitaire de Bruxelles. Republicaco como *Esquisse d'une psychologie des classes sociales*. Paris : M. Rivière, 1955, 239 p.

- L** La morphologie sociale, Colin, 208 pages. Nouvelle édition en 1970 avec introduction d'Alain Girard, coll. « U/U2, série sociologique ».
- E** « La psychologie collective du raisonnement », in *Zeitschrift fur Sozialforschung* 7, pp. 357-374./Cf. supra, pp. 131-151./
- E** « La notion de double et les rites funéraires en Chine », in *Journal de psychologie normale et pathologique* 35, pp. 518-547.
- N** « Introduction à Durkheim Emile », in *L'évolution pédagogique en France I-II*, Presses universitaires de France, pp. I-VI, coll. « Bibliothèque de philosophie contemporaine », 2^c édition en 1969.
- R** Aftalion A., L'équilibre dans les relations économiques internationales (Paris, 1937), in *Annales sociologiques*, série D, fasc. 3, pp. 75-77.
- R** Chappey J., La crise du capital (Paris, 1937), in *Annales sociologiques*, série D, fasc. 3, pp. 56-62.
- R** Clark C., National income and outlay (Londres, 1937), in *Annales sociologiques*, série D, fasc. 3, p. 108.
- R** Daure P., « Réflexions sur l'évolution monétaire... » (in *Annales du droit et des sciences sociales* 61), in *Annales sociologiques*, série D, fasc. 3, p. 49.
- R** « Statistiques sociales en Australie » (Commonwealth Bureau of census and statistics, Australia), in *Annales d'histoire économique et sociale* 10, p. 60.
- R** « Une enquête nordique sur le revenu national » (Lindahl E., Dahlgren E., et Kock K., National income of Sweden, 3^e partie : Wages, Cost of living and national income in Sweden, 1860-1930), in *Annales d'histoire économique et sociale* 10, pp. 256-257.
- R** Guillaume G. et E., L'économie rationnelle... (Paris, 1937), in *Annales sociologiques*, série D, fasc. 3, pp. 39-48.
- R** Hawtray, La circulation monétaire et le crédit (Paris, 1935), in *Annales sociologiques*, série D, fasc. 3, pp. 62-66.
- R** Illyésfalvi I. L., A faváros polgári népességének szociális helyzete... (Budapest, 1935), in *Annales sociologiques*, série D, fasc. 3, pp. 98-99.
- R** Keynes J. M., The general theory of employment... (Londres, 1936), in *Annales sociologiques*, série D, fasc. 3, p. 114.
- R** Mises R. von, Wahrscheinlichkeit... (Berlin, Vienne, 1936) et Reichenbach H.

von, « Die Induktion als Methode... » (in Actes du Congrès international de philosophie 4, 1936), in *Annales sociologiques*, série D, fasc. 3, pp. 124-128.

R Rist Ch., Histoire des doctrines relatives au crédit... (Paris, 1938), in *Annales sociologiques*, série D, fasc. 3, pp. 67-69.

R Robinson J., Essays in the theory of employment (Londres, 1937), in *Annales sociologiques*, série D, fasc. 3, pp. 70-71.

R Woytinski W. « Les conséquences sociales de la crise » (in Etudes et documents, série C, fasc. 21), in *Annales sociologiques*, série D, fasc. 3, pp. 105-106.

R Bureau international du travail, « L'industrie textile dans le monde » (in Etudes et documents, série B, fasc. 27), in *Annales sociologiques*, série D, fasc. 3, pp. 78-80.

R Bureau international du travail, Année sociale 5 et G et Annuaire des statistiques du travail 2, in *Annales sociologiques*, série D, fasc. 3, pp. 110-111.

R Bureau international du travail, « L'industrie textile dans le monde » (in Etudes et documents, série B, fasc. 27), in *Annales sociologiques*, série D, fasc. 3, pp. 108-110.

R « Climatologie parisienne », in *Annales d'histoire économique et sociale* 10, pp. 517-518.

R « Morphologie de la répartition », in *Annales sociologiques*, série D, fasc. 3, p. 104.

R « Wages, cost of living... » (Londres, 1937), in *Annales sociologiques*, série D, fasc. 3, pp. 106-107.

R « Politique et économie d'après guerre » (Brinkmann C., Weltpolitik und Weltwirtschaft der neuester Zeit), in *Annales d'histoire économique et sociale* 10, pp. 452-453.

R Une initiation statistique (de Moncetz A., Initiation aux méthodes de la statistique), in *Annales d'histoire économique et sociale* 10, p. 60.

R « Les crises » (Mourre, Les fluctuations de l'activité économique. Les périodes de longue durée et les crises), in *Annales d'histoire économique et sociale* 10, p. 452.

R « Les coopératifs avant la concentration » (Gaumont J., Les mouvements de coopération ouvrière dans les banlieues parisiennes), in *Annales d'histoire économique et sociale* 10, p. 517.

R « Le secteur coopératif » (Fauquet, Le secteur coopératif...), in *Annales d'histoire économique et sociale* 10, pp. 513-514.

R « La comptabilité statistique » (Graf A., Betriebswirtschaftliche Statistik. Ein Leitfadent), in *Annales d'histoire économique et sociale* 10, p. 516.

R « Un projet d'organisation des échanges par compensation organisée » (Milhaud E., Une

idée en marche. La compensation organisée, etc.), in *Annales d'histoire économique et sociale*10, pp.366-367.

R « Capitalisme et économie dirigée » (Pirou G., La crise du capitalisme. Capitalisme et économie dirigée. Néo socialisme et capitalisme. Capitalisme et nationalisme. L'avenir du capitalisme), in *Annales d'histoire économique et sociale*10, p. 451.

R « Prise de température » (Bulletin de la statistique générale), in *Annales d'histoire économique et sociale*10, p. 258.

1939

E « La structure morphologique des grandes villes ». Communication présentée au 14^e Congrès international de sociologie. Institut de recherches sociales de Roumanie, Bucarest, 8 pages.

E « La mémoire collective chez les musiciens », in *Revue philosophique* 127, pp. 136-165./Repris in *La mémoire collective*, Presses universitaires de France, 1970, 2^e édition, pp. 168-201./

E « Individual consciousness and collective mind », in *The American journal of sociology* 44, Chicago, pp. 812-822. /Cf. la version française supra, pp. 152-163./

E « Genres de vie », in *Revue d'économie politique*, numéro spécial : De la France d'avant-guerre à la France d'aujourd'hui, pp. 439-455.

E « Les caractéristiques des classes moyennes » in *Inventaires III*, Paris, F. Alcan, pp. 28-52./Cf. supra, pp. 95-111./

R « Monnaie et crédit. Une vieille controverse » (Kergaradec de, M. Cobbett W., L'inflation et la déflation. Contribution aux controverses monétaires du premier quart du XIXe siècle ; Hawtrey R. G., La circulation monétaire et le crédit ; Rist Ch., Histoire des doctrines relatives au crédit et à la monnaie depuis John Law jusqu'à nos jours), in *Annales d'histoire économique et sociale*11, pp. 60-63.

R « Lénine et le marxisme » (Lénine, Marx, Engels, Marxisme), in *Annales d'histoire économique et sociale*11, p. 117.

R « Conceptions socialistes du salaire » (Pierron J., La théorie du salaire chez les socialistes français), in *Annales d'histoire économique et sociale*11, pp. 116-117.

R « L'autorité et la famille » (Horkeimer M., Fromm E., Marcuse H., etc., Studien über Autorität und Familie), in *Annales d'histoire économique et sociale*11, p. 317.

R « Les statistiques sociales : un procès verbal de carence » (Bureau international du travail. L'année sociale 1934- 1935, 5e année. Vol. II : Statistiques sociales ; id., 6e année, 1935-1936), in *Annales d'histoire économique et sociale*11, pp. 76-77.

R « Corporation et syndicat » (Perroux F., Capitalisme et communauté de travail ; id.,

Syndicalisme et capitalisme), in *Annales d'histoire économique et sociale*II, pp. 322-323.

- R** « Economie politique et causalité historique » (Nogaro B., La méthode de l'économie politique - L'économie politique contemporaine I), in *Annales d'histoire économique et sociale*II, pp.319-320.
- R** « Les causes de mort en cartogramme » (Ischok G., La mortalité à Paris..., 1937), in *Annales d'histoire économique et sociale*II, pp. 313-314.
- R** « Politique de l'hygiène et Etat totalitaire » (Schnell W., Die öffentliche Gesundheitspflege, Leipzig, 1938), in *Annales d'histoire économique et sociale*II, pp. 230-231.
- R** « Conjoncture et prévision économique » (Sauvy A., Essai sur la conjoncture et la prévision économiques) in *Annales d'histoire économique et sociale*II, pp. 325-326.
- R** « Un économiste allemand d'avant-guerre » (Oppenheimer F., Das Kapital...), in *Annales d'histoire économique et sociale*II, p. 319.
- R** « Note sur Gaëtan Pirou » (Les théories de l'équilibre économique...), in *Annales d'histoire économique et sociale*II, pp. 320-321.
- R** « Note sur André de Maday » (Introduction à la sociologie envisagée comme connaissance des faits sociaux par les causes), in *Annales d'histoire économique et sociale*II, p. 317.
- R** « Note sur E. Diaconide » (Etude critique sur la sociologie de Herbert Spencer), in *Annales d'histoire économique et sociale*II, p. 317.
- R** « Note sur William E. Rappard » (The crisis of democracy...), in *Annales d'histoire économique et sociale*II, p. 327.
- R** « Note sur Staline » (Questions du léninisme, 2^e édition), in *Annales d'histoire économique et sociale*II, p. 120.
- R** « Note sur André Piettre » (La politique du pouvoir d'achat devant les faits. Expérience américaine et expérience française), in *Annales d'histoire économique et sociale*II, p. 460.
- R** « Note sur la crise mondiale » (Collection d'études publiées à l'occasion du Xe anniversaire de l'Institut des Hautes Etudes Internationales à Genève), in *Annales d'histoire économique et sociale*II, p. 327.

1940

- L** Sociologie économique et démographie, Paris, Hermann, coll. « Actualités scientifiques et industrielles », 64 pages.
- C** J.-J. Rousseau. « Du contrat social », Centre de documentation universitaire,

Tournier et Constans, 193 pages (dactylographiées). Coll. « Les cours de la Sorbonne. Agrégation et certificat d'études supérieures de morale et de sociologie ».

- R** Inventaires III. Les classes moyennes (Alcan, 1938), in *Annales sociologiques*, série D, fasc. 4, p. 91.
- R** Welinder C., « Budgetausgleich und Konjunkturverlauf » (in *Weltwirtschaftliches Archiv*, 1938), in *Annales sociologiques*, série D, fasc. 4, pp. 95-96.
- R** Les pays du Nord dans l'économie mondiale... (Copenhague, 1938), in *Annales sociologiques*, série D, fasc. 4, pp. 60-61.
- R** « Economie collectiviste ? » (Mossé R., « Economie collectiviste », in *L'économie politique contemporaine*, vol. XVII), in *Annales d'histoire économique et sociale*12, pi), 64-65.
- R** Compte rendu des travaux de la réunion d'économistes organisée par la Chambre de commerce d'Anvers (Anvers, 1936), in *Annales sociologiques*, série D, fasc. 4, pp.67-68.
- R** Friedmann G., De la sainte Russie à l'U. R. S. S. (Paris, Gallimard, 1938), in *Annales sociologiques*, série D, fasc. 4, pp. 112-114.
- R** Laufenburger H., L'intervention de l'Etat en matière économique (Paris, Librairie générale de droit, 1939), in *Annales sociologiques*, série D, fasc. 4, pp. 109-112.
- R** Letellier G., Perret J., Zuber H. E., Dauphin-Meunier A., Enquête sur le chômage... (Paris, Librairie Recueil Sirey, 1938), in *Annales sociologiques*, série D, fasc. 4, pp. 99-102, en collaboration avec G. Bourgin.
- R** Bloch M., L'histoire des prix... (in *Annales d'histoire*, 1939), in *Annales sociologiques*, série D, fasc. 4, p. 88.
- R** Nogaro B., La méthode de l'économie politique (Paris, Librairie générale de droit, 1939), in *Annales sociologiques*, série D, fasc. 4, pp. 46-48.
- R** « Note sur Ernest Barker » (The citizen's choice), in *Annales d'histoire économique et sociale*12, p. 83.
- R** « La loi naturelle en économie politique » (Raynaud B., La loi naturelle en économie politique I - L'idée de la loi naturelle en économie politique), in *Annales d'histoire économique et sociale*12, p. 63.
- R** « Economie abstraite et réalité » (Vito F., La concezione biologica dell economia. Considerazioni sul sistema del Marshall), in *Annales d'histoire économique et sociale*12, pp. 63-64.
- R** « Note sur Henri Delmont » (La pratique des nouvelles lois sociales. Congés payés, quarante heures, conventions collectives, conciliation et arbitrage. Lois et décrets. Jurisprudence ; Menthon (de) F. et Teitgen H., Droit social, textes et documents annotés

concernant les rapports professionnels et l'organisation de la production), in *Annales d'histoire économique et sociale*¹², p. 161.

- R** « Budgets de famille » (Delpech H., Recherches sur le niveau de vie et les habitudes de consommation, Toulouse, 1936-1938), in *Annales d'histoire économique et sociale*¹², pp. 52-54.
- R** « Les conventions collectives » (Mineur J., La réglementation conventionnelle des salaires en Belgique. B. I. T. Les conventions collectives), in *Annales d'histoire économique et sociale*¹², pp. 159-160.
- R** « Psychologie des classes moyennes et histoire » (Ranulf S., Moral indignation and middle class psychology. A sociological study), in *Annales d'histoire économique et sociale*¹², pp. 253-255.
- R** « Note sur N. F. Hall » (Société des Nations, Comité économique, Enquête préliminaire sur les mesures d'ordre national et international visant à relever le niveau d'existence. Publications de la S.D.N., II, Questions économiques et financières), in *Annales d'histoire économique et sociale*¹², pp. 137-1138.
- R** « Note sur Firmin Oulès » (Le rôle de l'offre et de la demande et du marginalisme dans la théorie économique, fasc. I. La véritable portée du marginalisme), in *Annales d'histoire économique et sociale*¹², pp. 65-66.
- R** Delpech H., Recherches sur le niveau de vie (Paris, Librairie Recueil Sirey, 1938), in *Annales sociologiques*, série D, fasc. 4, pp. 106-107.
- R** « La Théorie générale de John Maynard Keynes », in *Annales sociologiques*, série D, fasc. 4, pp. 25-41.
- R** De Leener G. et James E., Le problème de la consommation (Librairie Recueil Sirey, 1938), in *Annales sociologiques*, série D, fasc. 4, pp. 104-105.

1941

- L** La topographie légendaire des Evangiles en Terre Sainte, Etude de mémoire collective. Paris, Presses universitaires de France, 211 pages..
- E** « Célestin Bouglé sociologue », in *Revue de métaphysique et de morale*, pp. 27-47.
- E** « Taux de natalité. Esquisse de statistique comparée », in *Annales d'histoire économique et sociale*¹³, pp. 136-142.
- N** « Préface » in Vaysset-Boutbien R., *Stuart Mill et la sociologie française contemporaine*, Presses universitaires de France, pp. 1-3.
- R** « Sociologie nord-africaine » (Le Cœur J., Le rite et l'outil. Essai sur le rationalisme social et la pluralité des civilisations), in *Annales d'histoire économique et sociale*¹³, pp. 73-76.

1942

- E** « La population d'Istanbul depuis un siècle », in *Annales sociologiques*, série E, fasc. 3 et 4, pp. 16-43.
- C** Les classes sociales. Centre de documentation universitaire. Tournier et Constans, 185 pages (dactylographiées). Collection « Les cours de la Sorbonne. Certificat de morale et de sociologie ».
- C** La psychologie collective. Tournier et Constans, 144 pages (dactylographiées). Collection « Les cours de la Sorbonne. Certificat de morale et de sociologie ».
- C** J.-J. Rousseau, « Du contrat social » (suite et fin). Centre de documentation universitaire, Tournier et Constans, 201 pages. Coll. « Les cours de la Sorbonne. Agrégation et certificat d'études supérieures de morale et de sociologie ».
- R** Schaeffner A., Origine des instruments de musique (Paris, 1936), in *Annales sociologiques*, série E, fasc. 3 et 4, p. 102.
- R** « Reliquiae : sur Auguste Comte » (Boivin P., Choix d'écrits I Ecrits philosophiques. II : Ecrits politiques), in *Annales d'histoire économique et sociale* 14-1, pp. 96-97.
- R** « Industrialisation de l'Orient » (B. I. T. : l'organisation internationale du travail et les pays nord-africains et du Proche-Orient), in *Annales d'histoire économique et sociale* 14-1, p. 97.

1943

- N** J.-j. Rousseau, Du contrat social. Texte original publié avec introduction, notes et commentaires. Presses universitaires de France, Coll., « Bibliothèque philosophique ».
- C** La statique et la dynamique sociales d'Auguste Comte. Centre de documentation universitaire, Tournier et Constans, 188 p.
- N** « Préface » in Damalas B. V., *L'œuvre scientifique de François Simiand*. Presses universitaires de France, pages VII-XI.

1947

- E** « L'expression des émotions et la société », publication posthume, in *Echanges sociologiques*, Centre de documentation universitaire, 12 pages.

1949

- L** « Mémoire et société », publication posthume in *L'Année Sociologique*, 3^e série, vol. 1940-1948, pp. 3-177. Republicado em 1950 e 1968 como *La mémoire collective*. Paris : PUF. Nova edição estabelecida a partir dos manuscritos foi publicada em 1997, sob o mesmo título nas edições Albin Michel.

Anexo IV : Bibliografia sobre Maurice Halbwachs

- ALCANTUD, José González. “La mémoire urbaine et son opacité selon Maurice Halbwachs » in PÉQUIGNOT, Bruno (Org.). *Maurice Halbwachs : le temps, la mémoire et l’émotion*. Paris : L’Harmattan, 2007, pp. 163-186.
- ALEXANDRE, Jeanne. “Maurice Halbwachs (né le 11 mars 1877 à Reims, mort le 16 mars 1945 à Buchenwald » in *L’Année sociologique*, 1940-1948, pp.03-10.
- AMIOT, Michel. « Le système de pensée de Maurice Halbwachs » in *Revue de Synthèse*, n°2, 1991, pp. 265-288.
- AMIOT, Michel. « Maurice Halbwachs : l’invention de la sociologie urbaine contre la primauté de l’économie, de l’histoire, de la politique » in AMIOT, Michel. *Contre l’état, les sociologues : éléments pour une histoire de la sociologie urbaine en France (1900-1980)*. Paris: Editions EHESS, 1986, pp. 13-33.
- ANSART, Pierre. « Maurice Halbwachs, la créativité en sociologie » in DÉLOYE, Yves & HAROCHE, Claudine (Org.) *Maurice Halbwachs : espaces, mémoires et psychologie collective*. Paris : Publications de la Sorbonne, 2004, pp. 17-32.
- ARBOUSSE-BASTIDE, Paul. « O que é morfologia social? Resposta de M. Halbwachs » in *Sociologia : revista didática e científica*, volume 1, n° 2 , 1939, p. 77 – 86.
- BAUDELLOT, Christian & ESTABLET, Roger. « Les deux sources de la sociologie de la classe ouvrière et de la consommation » in HALBWACHS, Maurice. *Le destin de la classe ouvrière*. Paris : PUF, 2012, pp. XI-XXXVIII
- BAUDELLOT, Christian & ESTABLET, Roger. « Suicide : changement de régime » in BAUDELLOT, Christian & JAISSON, Marie (Org.) *Maurice Halbwachs : sociologue retrouvé*. Paris : Editions Rue D’Ulm, 2007, pp. 23-52.
- BAUDELLOT, Christian & ESTABLET, Roger. *Maurice Halbwachs : consommation et société*. Paris : PUF, 1991, 128 p.
- BECKER, Annette. *Maurice Halbwachs : un intellectuel en guerres mondiales, 1914-1945*. Paris : Agnes Viénot, 2008, 479 p.
- BLONDEL, Charles. « A memória » in *Introdução à Psicologia Coletiva*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1960. [Original: “La mémoire” in *Introduction à la psychologie collective*. Paris : Armand Colin, 1952 [1930]]
- BOURDIEU, Pierre. « L’assassinat de Maurice Halbwachs » in *La liberté de l’esprit*, n°16, 1987, pp. 161-168.
- BRESCIANI, Stella. « La morphologie sociale du Brésil par un lecteur d’Halbwachs : Oliveira Vianna » in DÉLOYE, Yves & HAROCHE, Claudine (Org.) *Maurice Halbwachs : espaces, mémoires et psychologie collective*. Paris : Publications de la Sorbonne, 2004, pp. 145-160.

- BRIAN, Éric & JAISSEON, Marie. « Nombre et mémoire : Halbwachs sociologue probabiliste » in KRAPOTH, Hermann & LABORDE, Denis (Org.) *Erinnerung und Gesellschaft*. Wiesbaden : VS Verlag für Sozialwissenschaften, pp. 127-151.
- BRIAN, Éric , JAISSEON, Marie , MUKHERJEE, S. Romi. « Introduction: social memory and Hypermodernity » in *International Social Science Journal*, volume 62, n°203-204, 2011, pp. 09-18.
- BRIAN, Éric. « Où est la sociologie en générale ? (I) » in *Revue de Synthèse*, tomo 133, n°1, 2012, pp. 47-74.
- BRIAN, Éric. « Portée du lexique halbwachsien de la mémoire » in HALBWACHS, Maurice. *La Topographie légendaire des évangiles en Terre Sainte : Étude de Mémoire Collective*. Paris : PUF, 2008, pp. 113*-146*.
- BRIAN, Érica. « Où est la sociologie en générale ? (II) » *Revue de Synthèse*, tomo 133, n°3, 2012, pp. 401-444.
- CANGUILHEM, Georges. « M. Halbwachs (1877-1945) » in *Mémorial des années 1939-1945*, Paris : les belles Lettres, 1947, pp. 229-241.
- CAVALLI, Alessandro. « La mémoire comme projet : les mémoires des communautés après une catastrophe » in DÉLOYE, Yves & HAROCHE, Claudine (Org.) *Maurice halbwachs : espaces, mémoires et psychologie collective*. Paris : Publications de la Sorbonne, 2004, pp. 115-124.
- CLÉRO, Jean-Pierre. « Halbwachs et l'espace fictionnel de la ville » in HALBWACHS, Maurice. *La Topographie légendaire des évangiles en Terre Sainte : Étude de Mémoire Collective*. Paris : PUF, 2008, pp. 43*-71*.
- CORSER, Lewis A. « Introduction » in HALBWACHS, Maurice. *On Collective Memory*. Chicago : University of Chicago Press, 1922, pp.
- CRAIG, John E. « Maurice halbwachs à Strasbourg » in *Revue française de sociologie*, Volume XX, n°1, 1979, pp. 272-292.
- De DECCA, Edgar. « la société rustre : espace littéraire et modèle sociologique » in DÉLOYE, Yves & HAROCHE, Claudine (Org.) *Maurice halbwachs : espaces, mémoires et psychologie collective*. Paris : Publications de la Sorbonne, 2004, pp. 173-180.
- DEROCHE-GURGEL, Lilyane. « La part d'autrui dans la construction de soi : quelques éléments de comparaison entre Halbwachs et Simmel » in DÉLOYE, Yves & HAROCHE, Claudine (Org.) *Maurice halbwachs : espaces, mémoires et psychologie collective*. Paris : Publications de la Sorbonne, 2004, pp. 33-50.
- DEYON, Pierre. « Maurice Halbwachs et l'Histoire de son temps » in MONTLIBERT, Christian de (Org.). *Maurice Halbwachs (1877-1945) : Colloque de la Faculté des Sciences Sociales de Strasbourg*, 1995. Strasbourg : Presse Universitaire de Strasbourg, 1997, pp. 17-20.

- DISSELKAMP, Annette. « Halbwachs vs Durkheim : Une critique de l'individu pur (et de la sociologie) » in *Erupean Journal od Social Sciences*, volume XLIII, n° 131, 2005, pp.115-133.
- DORNIER-AGOBJAN, Sarah. « Quand la photographie de famille s'associe à M. Halbwachs pour parler de mémoire » in PÉQUIGNOT, Bruno (Org.). *Maurice Halbwachs : le temps, la mémoire et l'émotion*. Paris : L'Hartmattan, 2007, pp. 99- 118.
- DOUGLAS, Mary. « Introduction » in HALBWACHS, Maurice. *The Collective Memory*. New York: Harper Colophon, 1980, pp. 1-21.
- DUCRET, André. « Halbwachs, lecteur de Weber, ou comment définir les classes moyennes » in *Carnets de Bord*, n°10, 2005, pp. 15-23
- FARRUGIA, Francis. « Syndrome narratif et reconstruction du passé dans *Les cadres sociaux de la mémoire* et dans *La mémoire collective* » in PÉQUIGNOT, Bruno (Org.). *Maurice Halbwachs : le temps, la mémoire et l'émotion*. Paris : L'Hartmattan, 2007, pp. 119-146.
- FLEURY, Laurent. « Maurice Halbwachs, précurseur d'une sociologie des émotions » in PÉQUIGNOT, Bruno (Org.). *Maurice Halbwachs : le temps, la mémoire et l'émotion*. Paris : L'Hartmattan, 2007, pp. 61-98.
- FRIEDMANN, Georges. « Maurice Halbwachs » in HALBWACHS, Maurice. *Esquisse d'une psychologie des classes sociales*. Paris : Marcel Rivière, 1955, pp. 09-23.
- GENSBURGER, Sarah. « Juste parmi les nations: un fragment de mémoire collective » in HALBWACHS, Maurice. *La Topographie légendaire des évangiles en Terre Sainte : Étude de Mémoire Collective*. Paris : PUF, 2008, pp. 99*111*.
- HAROCHE, Claudine. « Relire Halbwachs : la composante matérielle et psychologique de l'espace dans les fonctionnements institutionnels » in DÉLOYE, Yves & HAROCHE, Claudine (Org.) *Maurice halbwachs : espaces, mémoires et psychologie collective*. Paris : Publications de la Sorbonne, 2004, pp. 67-78.
- HEILBRON, Johan. « Les métamorphoses du durkheimisme, 1920-1940 » in *Revue française de sociologie*, volume. 26, n° 2, 1985, pp. 203-237.
- HERVIEU-LÈGER, Danièle. « La religion comme chaîne de mémoire » in HALBWACHS, Maurice. *La Topographie légendaire des évangiles en Terre Sainte : Étude de Mémoire Collective*. Paris : PUF, 2008, pp 31*-41*.
- HERVIEU-LÉGER, Danièle. « Maurice Halbwachs, religion et mémoire » in HERVIEU-LÉGER, Danièle & WILLAIME, Jean-Paul. *Sociologie et religion : approches classiques*. Paris : PUF, 2001, pp. 195-232.
- HUTTON, Patrick H. « Sigmund Freud and Maurice Halbwachs: The Problem of Memory in Historical Psychology » in *The History Teacher*, volume 27, n°2, 1994, pp. 145-158.
- JAISSON, Maire. « Temps et espace chez Maurice Halbwachs (1925-1945) » in *Revue d'histoire des sciences humaines*, n° 1, 1999, pp. 163-178.

- JAISSON, Marie. « Crise et civilisation : l'enquête de Halbwachs sur la proportion des sexes à la naissance » in BAUDELOT, Christian & JAISSON, Marie (Org). *Maurice Halbwachs : sociologue retrouvé*. Paris : Editons Rue D'Ulm, 2007, pp. 143-158.
- JAISSON, Marie. « Mémoire collective et espace social » in HALBWACHS, Maurice. *La Topographie légendaire des évangiles en Terre Sainte : Étude de Mémoire Collective*. Paris : PUF, 2008, pp. 73*97*
- JAISSON, Marie. « Mémoire collective et mémoire des musiciens chez Maurice Halbwachs » in *Dimensioni e problemi della ricerca storica*, n° 2, 2007, pp. 65-72.
- JONAS, Stéphane. « Maurice Halbwachs ou le premier âge de la morphologie sociale » in MONTLIBERT, Christian de (Org.). *Maurice Halbwachs (1877-1945) : Colloque de la Faculté des Sciences Sociales de Strasbourg, 1995*. Strasbourg : Presse Universitaire de Strasbourg, 1997, pp. 21-30.
- KECK, Frédéric. « Vie sociale et genres de vie : Une lecture des Causes du suicide de Maurice Halbwachs » in *Revue d'histoire des sciences humaines*, n°13, 2005/2, pp. 33-50.
- KOUBI, Geneviève. « L'espace de la mémoire collective sans le droit public » in DÉLOYE, Yves & HAROCHE, Claudine (Org.) *Maurice halbwachs : espaces, mémoires et psychologie collective*. Paris : Publications de la Sorbonne, 2004, pp. 125-144.
- LAVABRE, Marie-Claire. « M. Halbwachs et la sociologie de la mémoire » in *Raison présente*, n° 128, 1998, pp. 195-232.
- LAVABRE, Marie-Claire. « Halbwachs : les fondements d'une sociologie empirique de la mémoire » in *Erinnerung und Gessellschaft, Jahrbuch für Soziologiegeschichte*, 2006, pp. 233-244. 234-245.
- LAVABRE, Marie-Claire. « Roger Bastide, lecteur de Maurice Halbwachs » in DÉLOYE, Yves & HAROCHE, Claudine (Org.) *Maurice halbwachs : espaces, mémoires et psychologie collective*. Paris : Publications de la Sorbonne, 2004, pp. 161-172.
- LENOIR, Rémi. « Halbwachs et les faits de population » in BAUDELOT, Christian & JAISSON, Marie (Org). *Maurice Halbwachs : sociologue retrouvé*. Paris : Editons Rue D'Ulm, 2007, pp. 127-142.
- LENOIR, Rémi. « Halbwachs : sociologue ou démographe ? » in MONTLIBERT, Christian de (Org.). *Maurice Halbwachs (1877-1945) : Colloque de la Faculté des Sciences Sociales de Strasbourg, 1995*. Strasbourg : Presse Universitaire de Strasbourg, 1997, pp. 27-62.
- MARCEL, Jean-Christophe & MUCCHIELLI, Laurent. « Un fondement du lien social: la mémoire collective selon Maurice Halbwachs » in *Technologies. Idéologies. Pratiques. Revue d'anthropologie des connaissances*, volume 13, n° 2, 1999, pp. 63-88.
- MARCEL, Jean-Christophe. « Halbwachs et le suicide : de la critique de Durkheim à la fondation d'une psychologie collective » in BORLANDI, Massimo & CHERKAOUI, Mohamed. *Le suicide un siècle après Durkheim*. Paris : PUF, 2000, pp. 147-184.

- MARCEL, Jean-Christophe. « Jean Stœtzel, élève de Maurice Halbwachs : les origines française de la théorie des opinions » in *L'année sociologique*, n°48, 1998, pp. 319-351.
- MARCEL, Jean-Christophe. « Les derniers doubles sauts du rationalisme durkheimien : une théorie de 'l'instinct de survie' chez Maurice Halbwachs » in DÉLOYE, Yves & HAROCHE, Claudine (Org.) *Maurice halbwachs : espaces, mémoires et psychologie collective*. Paris : Publications de la Sorbonne, 2004, pp. 51-66.
- MARCEL, Jean-Christophe. « Maurice Halbwachs à Chicago ou les ambiguïtés d'un rationalisme durkheimien » in *Revue d'histoire des sciences humaines*, n°1, 1999/1, pp. 47-68.
- MARCEL, Jean-Christophe. « Maurice Halbwachs et les classes sociales » in *Alternatives Economiques*, n° 208, 2002.
- MARCEL, Jean-Christophe. « Mémoire, espaces et connaissance chez Maurice Halbwachs » in BAUDELLOT, Christian & JAISON, Marie (Org.) *Maurice Halbwachs : sociologue retrouvé*. Paris : Editions Rue D'Ulm, 2007, pp. 103-126.
- MARCEL, Jean-Christophe. « Organicisme et théorie des classes sociales chez Simiand et Halbwachs : un héritage caché de Durkheim ? » in *Revue d'histoire des sciences humaines*, n°19, 2008/2, pp. 143-160.
- MARCEL, Jean-Christophe. « Sociologie de la mémoire et psychologie collective chez Maurice Halbwachs » in *Le durkheimisme dans l'entre-deux-guerres*. Paris: Presses Universitaires de France, 2001, 313 p.
- MARTIN, Oliver. « Raison statistique et raison sociologique chez Maurice Halbwachs » in *Revue d'histoire des sciences humaines*, n°1, 1999/1, pp. 69-101.
- MELO, Danilo A. S. *Memória social e criação: uma abordagem para além do modelo da representação*. Tese de doctorat, UNIRIO, 2010.
- MONTIGNY, Gilles « Introduction Générale » in HALBWACHS, Maurice. *Les classes sociales*. Paris : PUF, 2008, pp 01-20.
- MONTIGNY, Gilles. *Maurice Halbwachs : vie, oeuvre, concepts*. Paris : Ellipses, 2005, 93 p.
- MONTLIBERT, Christian de. « Maurice Halbwachs et les classes sociales » in MONTLIBERT, Christian de (Org.). *Maurice Halbwachs (1877-1945) : Colloque de la Faculté des Sciences Sociales de Strasbourg, 1995*. Strasbourg : Presse Universitaire de Strasbourg, 1997, pp. 63-74.
- MUCCHIELLI, Laurent & PLEUT-DESPATIN, Jacqueline. « Halbwachs no Collège de France » in *Revista Brasileira de História*. volume 21, n°40, 2001, pp. 13-23. [Original : Halbwachs au Collège de France » in *Revue d'histoire des sciences humaines*, n°1, 1999/1, pp. 179-188]

- MUCCHIELLI, Laurent & RENNEVILLE, Marc. « Les causes du suicide : pathologie individuelle ou sociale? Durkheim, Halbwachs et les psychiatres de leur temps (1830-1930) » in *Déviance et société*. Volume 22, n°1, 1998, pp. 3-36.
- MUCCHIELLI, Laurent. « Maurice Halbwachs (1877-1945) et les sciences humaines de son temps » in *Revue d'histoire des sciences humaines*, n°1, 1999/1, pp. 9-10.
- MUCCHIELLI, Laurent. « Pour une psychologie collective : l'héritage durkheimien d'Halbwachs et sa rivalité avec Blondel durant l'entre-deux-guerres » in *Revue d'histoire des sciences humaines*, n°1, 1999/1, pp. 103-141.
- NAMER, Gérard. « halbwachs et la mémoire sociale » in DÉLOYE, Yves & HAROCHE, Claudine (Org.) *Maurice halbwachs : espaces, mémoires et psychologie collective*. Paris : Publications de la Sorbonne, 2004, pp. 107-114.
- NAMER, Gérard. « La mémoire culturelle chez Maurice Halbwachs » in *L'année sociologique*, n° 49, 1999, pp. 223-235.
- NAMER, Gérard. « Postface » in HALBWACHS, maurice. *Les cadres sociaux de la mémoire*. Paris : Albin Michel, 1994, pp. 299-367.
- NAMER, Gérard. « Postface » in HALBWACHS, Maurice. *La mémoire collective*. Éditions critique établie par Gérard Namer. Paris : Albin Michel, 1997, pp. 239-285.
- NAMER, Gérard. « Réflexion sur la sociologie du temps de Maurice Halbwachs » in PÉQUIGNOT, Bruno (Org.). *Maurice Halbwachs : le temps, la mémoire et l'émotion*. Paris : L'Harmattan, 2007, pp. 49-62.
- NAMER, Gérard. « Maurice Halbwachs » in MONTLIBERT, Christian de (Org.). *Maurice Halbwachs (1877-1945) : Colloque de la Faculté des Sciences Sociales de Strasbourg, 1995*. Strasbourg : Presse Universitaire de Strasbourg, 1997, pp. 11-16.
- NAMER, Gérard. *Maurice Halbwachs et la mémoire sociale*. Paris : L'Harmattan, 2000, 244 p.
- NAMER, Gérard. *Mémoire et Société*. Paris : Mééidiens Klincksieck, 242 p.
- PAUGAM, Serge. « L'intégration sociale stratifiée : l'apport de Maurice Halbwachs à la sociologie des genres de vie » in BAUDELLOT, Christian & JAISSON, Marie (Org.). *Maurice Halbwachs : sociologue retrouvé*. Paris : Editons Rue D'Ulm, 2007, pp. 53-84.
- PAUGAM, Serge. « Le suicide revisité : en quoi Halbwachs s'oppose à Durkheim » in HALBWACHS, Maurice. *Les causes du suicide*. Paris : PUF, 2008, pp. IX-XXXVI.
- PÉQUIGNOT, Bruno. « Collective memory and the production of the new » in *International Social Science Journal*, volume 62, n°203-204, 2011, pp. 79-87.
- PÉQUIGNOT, Bruno. « Mémoire, Arts, Société(s) : Maurice Halbwachs » in PÉQUIGNOT, Bruno (Org.). *Maurice Halbwachs : le temps, la mémoire et l'émotion*. Paris : L'Harmattan, 2007, pp. 187-210.

- PEREIRA, Elenita M. & WEBER, Regina. «Halbwachs e a memória: contribuições a história cultural» in *Revista Territórios e Fronteiras*, volume 3, n°1, 2010, 104-126.
- PFEFFERKORN, Roland. « Maurice Halbwachs et l'économie politique » in MONTLIBERT, Christian de (Org.). *Maurice Halbwachs (1877-1945) : Colloque de la Faculté des Sciences Sociales de Strasbourg*, 1995. Strasbourg : Presse Universitaire de Strasbourg, 1997, pp. 31-46.
- RAMSTEDT, Otthein. « Maurice Halbwachs et la 'Sociologie Allemande' » in MONTLIBERT, Christian de (Org.). *Maurice Halbwachs (1877-1945) : Colloque de la Faculté des Sciences Sociales de Strasbourg*, 1995. Strasbourg : Presse Universitaire de Strasbourg, 1997, pp. 97-106.
- RAPHAËL, Freddy & HERBERICH-MARX, Geniviève. « Comment les souvenirs rentrent dans le rang » in MONTLIBERT, Christian de (Org.). *Maurice Halbwachs (1877-1945) : Colloque de la Faculté des Sciences Sociales de Strasbourg*, 1995. Strasbourg : Presse Universitaire de Strasbourg, 1997, pp. 75-92.
- RAPHAËL, Freddy & HERBERICH-MARX, Geniviève. « La 'Topographie Légendaire' affrontée à l'impératif de la relecture du passé dans la tradition juive » in DÉLOYE, Yves & HAROCHE, Claudine (Org.) *Maurice halbwachs : espaces, mémoires et psychologie collective*. Paris : Publications de la Sorbonne, 2004, pp. 91-106.
- RIVERA, Danilo P. B. « Religião e tradição a partir da sociologia da memória de Maurice Halbwachs » in *Numen: revista. de estudos e pesquisa da religião*, volume 3, n°1, 2000, p.69-94
- RUSSEL, Nicolas. « Collective Memory before and after Halbwachs» in *The French Review*, volume 79, n° 4, 2006, pp. 792-804
- SABOURIN, Paul. « Perspective sur la mémoire sociale de Maurice Halbwachs » in *Sociologie et sociétés*, volume XXIX, n° 2, , pp. 139-161.
- SEIXAS, Jacy Alves. « Le 'réel' chez Halbwachs. Réflexions sur les rapports entre mémoire collective et histoire » in DÉLOYE, Yves & HAROCHE, Claudine (Org.) *Maurice halbwachs : espaces, mémoires et psychologie collective*. Paris : Publications de la Sorbonne, 2004, pp. 79-90.
- SEIXAS, Jacy Alves. « Halbwachs e a memória-reconstrução do passado: memória coletiva e história» in *História*, n°20, 2001, pp. 93-108.
- SPADONE, Pierre-Louis. « Bâtir un espace de mémoire » in PÉQUIGNOT, Bruno (Org.). *Maurice Halbwachs : le temps, la mémoire et l'émotion*. Paris : L'Harmattan, 2007, pp. 147-163.
- STEINER, Phelippe. « Maurice Halbwachs : les derniers feux de la sociologie économique durkheimienne » in *Revue d'histoire des sciences humaines*, n°1, 1999/1, pp. 141-162.

- TOPALOV, Annie. « Freud avec Halbwachs : les conditions d'une inscription symbolique » in *Le Coq-héron*, n°204, 2011/1, pp. 154-159.
- TOPALOV, Christian. « 'Expériences sociologiques' : les faits et les preuves dans les thèses de Maurice Halbwachs (1909-1913) » in *Revue d'histoire des sciences humaines*, n°1, 1999/1, pp. 11-46.
- TOPALOV, Christian. « La ville, lieu de l'assimilation sociale ? » in BAUDELLOT, Christian & JAISSON, Marie (Org). *Maurice Halbwachs : sociologue retrouvé*. Paris : Editons Rue D'Ulm, 2007, pp. 87-102.
- TOPALOV, Christian. « Maurice Halbwachs et les sociologues de Chicago » in *Revue française de sociologie*, volume 47, n°3, 2004, pp. 561-590.
- TOPALOV, Christian. « Maurice Halbwachs et les villes (1908-1912). Une enquête d'histoire sociale des sciences sociales » in *Annales. Histoire, Sciences Sociales*. Ano 52, n°5, 1997. pp. 1057-1083.
- TOPALOV, Christian. « Maurice Halbwachs : une expérience américaine » in HALBWACHS, Maurice. *Écrits d'Amérique*. Édition établie et présentée par Christian Topalov. Paris : Édition EHESS, 2012, pp. 11-77.
- TOPALOV, Christian. « Maurice Halbwachs, photographe des taudis parisiens (1908) » in *Genèses*, n°28, 1997, pp. 128-145.
- TOPALOV, Christian. « Maurice Halbwachs. L'expérience de Chicago (automne 1930) » in *Annales. Histoire, Sciences Sociales*. Ano 61, n°3, pp. 555-581.
- TRAVIS, Robert. « Halbwachs and Durkheim: A Test of Two Theories of Suicide » in *The British Journal of Sociology*, volume 41, n° 2, 1990, pp. 225-243.
- TRUC, Gêrôme. « Esquisse d'une sociologie de la théologie : Une relecture de La topographie légendaire des évangiles en Terre sainte de Maurice Halbwachs » in *Archives de sciences sociales des religions*, n°150, 2010, pp. 155-173.
- TRUC, Gêrôme. « Memory of places and places of memory: for a Halbwachsian socio-ethnography of collective memory » in *International Social Science Journal*, volume 62, n°203-204, 2011, pp. 147-159.
- URTEAGA, Eguzki. « El pensamiento de Maurice Halbwachs » in *Anales del seminario de historia de la filosofia*, volume 28, 2011, pp.253-274.
- VERRET, Michel. « Halbwachs : ou le deuxième âge du durkheimisme » in *Cahier Internationaux de Sociolgoie*, vol III, 1972, pp. 311-337. Reproduzido em : PÉQUIGNOT, Bruno (Org.). *Maurice Halbwachs : le temps, la mémoireet l'émotion*. Paris : L'Hartmattan, 2007, pp. 09-48
- VIAUD, Jean. « Mémoire collective, représentations sociales et pratiques sociales » in *Connexions*, n°80, 2003/2, pp. 13-30.

VIGNOLLES, Benjamin. « Maurice Halbwachs : vers une théorie sociologique des prix et des besoins immobiliers » in *Regards croisés sur l'économie*, n°09, 2011/1, pp. 228-230.

VROMEN, Suzanen. *The sociology of Maurice Halbwachs*. Tese de doutorado, New york University, 1975.

ZAWADZKI, Paul. « Halbwachs est-il notre contemporain ? Réflexion sur la question du temps dans la démocratie » in DÉLOYE, Yves & HAROCHE, Claudine (Org.) *Maurice halbwachs : espaces, mémoires et psychologie collective*. Paris : Publications de la Sorbonne, 2004, pp. 181-203.

Anexo V : Demais Obras Mobilizadas

- ABERCROMBIE, John. *Inquiries concerning the intellectual powers and the investigation of truth*. Nova York: Collins and Brothers, 1849.
- ADLER, Charles. “Introduction au Manifeste Comuniste” in MARX, K. & ENGELS, F. *Manifeste Communiste*. Paris: Bibliothèque Socialiste, 1901
- AÏT-TOUATI, Frédérique; KARSENTI, Bruno; LATOUR, Bruno; SALMON, Louise; VARGAS, Eduardo Viana. “The Debate” in *Colloque de Cerisy : Empirical Metaphysic*, 14 de Março de 2007. Disponível em <http://www.bruno-latour.fr/fr/node/424>, acessado em 08 de julho de 2008
- ANNALES DES MINES. “Pierre-Guillaume-Frédéric LE PLAY (1806-1882)”. Disponível em <http://www.annales.org/archives/x/leplay.html> , acessado em 18 de janeiro de 2013.
- ARORY. «Le réseau Vélite-Thermopyles», disponível em <http://arory.com/index.php?id=85> , acessado em 23 de dezembro de 2012
- BASH, Françoise; CRIPS, Liliane & GRUSON, Pascale (Org.). *Victor Basch (1863-1944): un intellectuel cosmopolite*. Paris: Berg International, 2000
- BAUDELLOT, Christian & ESTABLET, Roger. *O nível educativo sobre: refutação de uma velha ideias relativa à pretensa decadência das nossas escolas*. Porto: Porto Editora, 1994 [1989].
- BEAUNIS, Henry. “Introduction” in *L'Année Psychologique*, vol. 1, n°1, 1894, p. VI.
- BENNION, Lowell L. *Max Weber's Methodology*. Paris: Les presses Modernes, 1934.
- BENOIT, Serge. « La rue d'Ulm » in HOTTIN, Christian Hottin. *Universités et grandes écoles à Paris : les palais de la science*, Paris, Action artistique de la ville de Paris, 1999.
- BERGSON, Henri. “Introdução à metafísica” in *O pensamento e o movente: ensaios e conferências*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BERGSON, Henri. “Introduction à la Métaphysique” in *La pensée et le mouvant : essais et conférences (1903-1923)*. Paris, PUF : 1969 [1934]
- BERGSON, Henri. *A energia espiritual*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- BERGSON, Henri. *L'Energie spirituelle : essais et conférences*. Paris : PUF, 2011.
- BERGSON, Henri. *A Evolução Criadora*. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 151. [L'Évolution Créatrice. Paris: PUF, 1959 {1907}].
- BERGSON, Henri. *L'évolution Créatrice*. Paris: PUF, 2011

- BERGSON, Henri. *Matéria e Memória: Ensaio sobre a relação do corpo com a alma*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BERGSON, Henri. *Matière et Mémoire: Essai sur la relation du corps à l'esprit*. Paris : PUF, 1966.
- BESNARD, Philippe. «La formation de l'équipe de l'Année sociologique» *In Revue française de sociologie*. N°20-21, 1979, pp. 7-3.
- BEUCHET, Jean. « Un pionnier des sciences humaines, Benjamin Bourdon (1860-1943) » in *Annales de Bretagne*. Tome 68, numéro 2, 1961. pp. 299-345
- BINET, Alfred. « Le développement de l'intelligence chez les enfants » in *L'Année Psychologique*, vol. XIV, 1907
- BLOCH, Marc. “Mémoire Collective, traditions et coutume. À propos d'un livre récent » in *Revue de Synthèse historique*, t. 40, 1925, p. 83.
- BLONDEL, Charles. “ Maurice Halbwachs. Les cadres sociaux de la mémoire » in *Revue philosophique de la France et de l'Étranger*, t. 101, 1926, p. 290.
- BOISMONT, Alexandre B. de. *Des hallucinations, ou Histoire raisonnée des apparitions, des visions, des songes, de l'extase, du magnétisme et du somnambulisme*. Paris : Baillière, 1845.
- BRIAN, Éric & JAISSON, Marie. *Le sexisme de la première heure : hasard et sociologie*. Paris : raisons d'Agir, 2007, p.252.
- CALKINS, Mary W. « Statistics of Dreams » in *The American Journal of Psychology* , Vol. 5, No. 3, 1893, pp. 311-343.
- CARROY, Jacqueline ; OHAYON, Annick ; PLAS, Régine. *Histoire de la psychologie en France : XIXe-Xxe siècles*. Paris : la Découverte, 2006
- CATHOLIC ONLINE. *St. Helena*. Disponível em http://www.catholic.org/saints/saint.php?saint_id=123 , acessado em 11 de março de 2012.
- CENTRE CULTUREL INTERNACIONEL DE CERISY-LA-SALLE, Colóquio « Exercices de Métaphysique Empirique (Autour des travaux de Bruno Latour)», de 23 à 30 de junho de 2007. Programação disponível em <http://www.ccic-cerisy.asso.fr/latour07.html#Theatre>, acessado em 08 de julho de 2012.
- CHOMBART de LAUWE, Paul-Henry. «Vingt-cinq ans de sociologie urbaine française » in *Urbanisme*, n°156, 1976.
- CORDONNIER-VERMÈS, Genivève. « L'Année Psychologique et son réseau: lectures et fabrication d'une nouvelle discipline » in *L'Année Psychologique*, Vol. 96, n° 1, 1996, pp. 113-129.10

- Dah, Sandra. "Bienfaisance et socialisme au tournant du siècle: la Société des visiteurs » in TOPALOV, Christian (dir.). *Laboratoires du nouveau siècle, la nébuleuse réformatrice et ses réseaux en France, 1880-1914*. Paris : Édition EHESS, 1999, pp. 219-238
- DELEUZE, Gilles. Spinoza e o problema da expressão. [??].
- Dialogue avec la sociologie de Maurice Halbwachs, à l'occasion du 60ème anniversaire de sa disparition*, EHESS, <http://actualites.ehess.fr/nouvelle1034.html> , acessado em 03 de maio de 2013.
- Dicionário de Língua Portuguesa Houaiss. Rio de Janeiro: objetiva, 2009.
- Dictionnaire de la Langue Française para É. Littré, Paris : Hachette, 1874.
- DIPADOVA, Laurie N. & BROWER, Ralph S. "A Piece of lost history: Max Weber and Lowell L. Bennion" in *The American Sociologist*, vol. 23, n° 3, 1992, pp 37-56
- DURKHEIM, Émile & MAUSS, Marcel. « De quelques formes de classification : Contribution à l'étude des représentations collectives » in *Année sociologique*, VI, (1903),
- DURKHEIM, Émile. « La Sociologie et les sciences sociales [confrontation avec Tarde] » In Durkheim, Émile. *Textes 1 : éléments d'une théorie sociale*. Paris : Minuit, 1975, pp. 161-165.
- DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico da Austrália*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- DURKHEIM, Émile. *Les formes élémentaires de la vie religieuse: le système totémique en Australie*. Paris : PUF, 1968
- DURKHEIM, Émile. *Le suicide: étude de sociologie*. Paris: 1896
- DURKHEIM, Émile. *O suicídio: Estudo de sociologia*. São Paulo: Martins Fontes, 2011
- DUYACH, Jean-François. « Histoire et décadence en France à la fin du XIXe siècle. :Hippolyte Taine et Les origines de la France Contemporaine » in *Mil neuf cent: Revue d'histoire intellectuelle*, N°14, 1996. pp. 115-137
- ECCLESIA – Arquidiocese ortodoxa grega de Buenos Aires e América do Sul. O primeiro concílio de Nicéia. Disponível em http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/historia_da_igreja/primeiro_concilio_ecumenico_d_e_niceia.html , consultado em 21 de Abril de 2013.
- FAROCKI, Harun. *Arbeiter Verlassen die Fabrik*. Alemanha: Harun Farocki Filmproduktion, 1995, 36min.
- FEBVRE, Lucien. "Civilisation, le mot et l'idée" in *Centre International de Synthèse*, 1930, p. 1-55.
- FOUCAULT, Marcel. *Le rêve : études et observations*. Paris : Alcan, 1906.

- FRANCE, Anatole. *Vie de Jeanne d'Arc*. Paris : Calmann-Levy, 1908.
- FREUD, Sigmund. *A Interpretação dos Sonhos*. Obras Completas, vol. IV, Rio de Janeiro : Imago, 1969.
- GENERATION WORLD BIBLE. “Bordeaux Pilgrim's 333 AD Account”. Disponível em <http://galynwiemers.blogspot.com.br/2010/07/bordeaux-pilgrims-333-ad-account.html> , acessado em 25 de junho de 2013.
- GENIÈS, Raymond de Lassus Saint. *Si l'écho de leurs voix faiblit: Suivi de Le réseau Vélite et le corps franc Liberté*. Paris: Syros, 1997.
- GODECHOT, Jacques. « Taine historien de la Révolution française » in *Romantisme*, nff32, 1981, pp. 31-40
- GRANDMOUGIN, Anne-Cécile. *Lucien Herr bibliothécaire*. Monografia sob a direção de Anne-Marie Bertrand. Lyon: ENSSIB, 2011.
- GRENIER, Albert. “Viculus, Vicani” in DAREMBERT & SAGLIO (Dir.). *Dictionnaire des Antiquités grecques et romaines d'après les textes et les monuments*. Vol. 5, Tomo I. Paris : HACHETTE, 1887.
- GUGLER, Josef. “Bibliographie de Marcel Mauss” in *L'Homme*, tomo 4, nº1, 1964, pp. 105-112
- HUMBERT, Georges A. “Civitas” in DAREMBERT & SAGLIO (Dir.). *Dictionnaire des Antiquités grecques et romaines d'après les textes et les monuments*. Vol. 1, Tomo II. Paris : HACHETTE, 1887.
- HUMBERT, Georges A. “Cursus Publicus” in DAREMBERT & SAGLIO (Dir.). *Dictionnaire des Antiquités grecques et romaines d'après les textes et les monuments*. Vol. 5, Tomo I. Paris : HACHETTE, 1887, pp. 1645-1672.
- INSTITUT NATIONAL DE STATISTIQUE ET ÉTUDES ÉCONOMIQUES (INSEE). *PCS 2003 - Catégorie socioprofessionnelle agrégée 5 Employés*. Disponível em http://www.insee.fr/fr/methodes/default.asp?page=nomenclatures/pcs2003/n1_5.htm , acessado em 03 de janeiro de 2013.
- ITINERARIUM BURDIGALENSE. “Il Cammino Burdigalense: viaggio alle origini del cristianesimo”. Disponível em <http://burdigalense.weebly.com/il-cammino.html> , acessado em 25 de junho de 2013.
- JAY, Martin. *La imaginación dialéctica: una historia de la escuela de Frankfurt y el Instituto de Investigación Social, 1923-1950*. Madrid: Tarus, 1974,
- KAPLOUN, Albert. *Psychologie Générale tirée de l'étude du rêve*. Paris : Payot, 1919.

- KARADY, Victor. «Les professeurs de la republique: le marché scolaire, les réformes universitaires et les transformations de la fonction professorale à la fin du 19^e siècle. » in *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, vol. 47-48, 1983, pp. 90-112.
- KOLB, Anne. « The Cursus Publicus » in *Ancient Worlds*, 11 June 2007. Disponível em <http://ancientworlds.net/aw/Places/Property/881679> , acessado em 11 de Janeiro de 2013.
- LEBVRE, Lucien, “Avant-propos” de “L’espèce humaine » in *L’Encyclopédie française*, tomo 7. Paris : Larousse, 1936, p. 04, grifo no original.
- LEOPOLDO e SILVA, Franklin. *Bergson: intuição e discurso filosófico*. São Paulo: Loyola, 1994.
- LEPETI, Bernard & TOPALOV, Christian. *La ville des sciences sociales*. Paris: Belin, 2001.
- LIMA, Érika B. *A trajetória para a beatitude em Benedictus Spinoza*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual do Ceará (UECE), 2009
- LIMA, Kelly. “Ofélia Traduzida: Arquétipo da Donzela Indefesa” in <http://www.samila.com.br/kelly/ophelia.html> , acessado em 31 de Maio de 2013.
- LUMIÈRE, Louis. *La sortie de l’usine Lumière à Lyon*. França : Lumière, 1895, 1min.
- MARAVAL, Pierre. *Récits des premiers pèlerins chrétiens au proche-orient : (IVe-VIIe siècle)*. Paris : Les Éditions du CERF, 2002
- MARTÍN, José. “Borges, Funes y... Bergson” in *Variaciones Borges*, nº19, 2005, pp. 195-208.
- MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *Manifesto Comunista*. São Paulo: Boitempo, 2005
- MARX, Karl. *Manuscritos Econômico-Filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2004.
- MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. Vol. 1, Tomo1, São Paulo: Brasiliense, 1980.
- MAURY, Alfred. *Les sommeils et les rêves*. Paris: Didier et Co., 1878, pp. 92-93.
- MERLLIÉ, Dominique. « Bibliographie des oeuvres de Lucien Levy-Bruhl » in *Revue Philosophique de la France et de l’Étranger*, tomo 179, nº 4, 1989, pp. 559-578.
- MICHAUD, Joseph-François. *Histoire des Croisades*. Tomo 1, Paris: Chez Ponthieu, 1825,
- MUCCHIELLI, Laurent. “Sociologie et Psychologie en France, l’appel à un territoire commun : vers une Psychologie Collective (180-1940) » in *Revue de Synthèse*, nn. 3-4, julho-dezembro, 1994
- MUCCHIELLI, Laurent. « Aux origines de la psychologie universitaire en France (1870-1900): enjeux intellectuels, contexte politique, réseaux et strategies d’alliance autour de la Revue philosophique de Théodule Ribot » in *Annals of Science*, nº 55, vol. 3, 1998,

- MYIOSHI, Aleander Gaiotto. “A escolha de Ofélia: representações visuais da dama nas águas no século 19” in *Revista de História da Arte e Arqueologia*. V. 13, CAMPINAS: UNICAMP-IFCH, 2010, p. 79-92,
- NEUFBOURG, Comte de. « Projet d’une enquête sur la noblesse française » in *Annales d’histoire économique et sociale*, VIII, 1936, pp. 243-255.
- NICOLAS, Serge & FERRAND, Lufovic. *Histoire de la psychologie scientifique*, Paris : De Boeck Université, 2008, p.21.
- NICOLAS, Serge. « Benjamin Bourdon (1860-1943) : fondateur du laboratoire de psychologie et de linguistique expérimentales à l’Université de Rennes (1896) » in *L’année psychologique*, Vol. 98, nffl2, pp. 271-329.
- NICOLAS, Sèrge. « Henry Beaunis (1830-1921) directeur-fondateur du laboratoire de Psychologie physiologique de la Sorbonne » in *L’année psychologique*, vol. 95, n° 2, 1
- NICOLAS, Serge. « La psychologie au XIXème siècle » in *Revue d’Histoire des Sciences Humaines*, 2000/1, n° 2, p. 57-103.
- NICOLAS, Serge. « Qui était Victor Henri (1872-1940)? » in *L’année psychologique*, Vol. 94, nffl3, 1994, pp. 385-402.
- NICOLAS, Serge; SEGUI, Juan, LEFRAND, Ludovic. « Les premières revues de psychologie : la place de L’Année Psychologique » in *L’Année Psychologique*, Vol. 100, n° 1, pp. 71-1
- NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal: preludio a uma filosofia do futuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral: uma polêmica*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009
- NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- NUSIMOVICI, Michel. « Les Écoles de l’an III » in *Le Ruban Bleu*, Dezembro de 2010
- NYE, D. A. & ASHWORTH, C. « Emile Durkheim: Was He a Nominalist or a Realist? » in *The British Journal of Sociology*, Vol. 22, No. 2. 1971, pp. 133-148.
- PFISTER, Christian. « L’Université de Stransbourg » in *Revue politique et littéraire*, n°49, p. 760
- PIC, Paul. *Traité élémentaire de législation industrielle*, 6ffi Edição. Paris : Librairie Nouvelle de droit et jurisprudence, 1903,
- PORTIS, Larrys. “Maurice Halbwachs” in VAN METER, Karls. *La Sociologie*. Paris: Larousse, 1994, p.381

- PROCHASSON, Christophe. « Entre science et action : le 'réseau Albert Thomas' et le socialisme normalien, 1900-1914 » in TOPALOV, Christian. *Laboratoire du nouveau siècle : La nébuleuse réformatrice et ses réseaux en France, 1880-1914*. Paris : EHESS, 1999, pp. 141-158.
- RIBOT, L'Hérédité : *Édute Psychologique*. Paris : Ladrance, 1873.
- RIBOT, Théodule. *La psychologie Anglaise Contemporaine*. Paris : Ladrance, 1870.
- RICHARD, Nathalie « L'histoire comme problème de psychologie. Taine et la « psychologie du Jacobin » » in *Mil neuf cent : Revue d'histoire intellectuelle*, n°20, 2002, p. 153-172.
- RIMBAUD, Arthur. « Ophélie » in *Cahier de Douai*. Londres : Les éditions de Londres, 2011.
- SAINT-DENIS, Hervey de. «Rêve de Bruxelles» in *Les rêves et les moyens de les diriger*, Paris : Amyot, 1867, pp. 27-28.
- SAWNOR, Edna. "Borges y Bergson" in *Cuadernos Americanos*, Vol. 185, n° 6, 1972, pp. 247 - 254.
- SCHUMPETER, Joseph Alois. *Teoria do desenvolvimento econômico: uma investigação sobre lucros, capital, credito, juro e o ciclo econômico*. São Paulo: Abril, 1982.
- SHAKESPEARE, William. *Complete Works*. Editado por Jonathan Bate, Eric Rasmussen e Héloïse Sénéchal (RSC). Londres: Macmillan, 2007.
- SHAKESPEARE, William. *Hamlet | Rei Lear | Macbeth*. Tradução Bárbara Heliodora. São Paulo: Abril, 2010.
- SIMIAND, François. « Science sociale et réalisme sociologique : Compte rendu de E. Durkheim, Le suicide, étude de sociologie » in *Revue de Métaphysique et de Morale*, 1898, pp. 641-645.
- SIMIAND, François. *Cours d'Économie Politique* (3 vol.). Paris: Domat Montchrestien, 1929 (vol. 1), 1930 (vol. 2), 1931 (vol. 3)
- SIMIAND, François. *Le Salaire. L'évolution sociale et la monnaie* (3 vol.) Paris: Alcan, 1932
- SIMIAND, François. *Le Salaires des ouvriers des mines en France*. Paris : Société Nouvelle de Librairie et Édition, 1904.
- SIMIAND, François. *Les Fluctuations économiques à longue période de la crise mondiale*. Paris: Félix Alcan, 1932.
- SIMIAND, François. *Méthode Positive en Science Économique*. Paris: Félix Alcan, 1912.
- SIMON, Theodore. «Alfred Binet». in *L'année psychologique*, vol. 18, 1911, pp. 1-14 995, pp. 267-291.

- SMITH, Cristiane Busato. *Representações da Ofélia de Shakespeare na Inglaterra vitoriana: um estudo interdisciplinar*. Tese de doutorado. Curitiba: UFPR, 2007.
- SMITH, Robert J. “L’atmosphère politique de l’École Normale Supérieure à la fin do XIXe siècle” in *Revue d’histoire moderne et contemporaine*, tomo 20, n° 2, 1973, pp-248-268.
- SOCIÉTÉ DES VISITEURS POUR LE RELÈVEMENT DES FAMILLES MALHEUREUSES. *Annuaire 1899: rapports, comptes-rendus & statuts*. Paris: J. Mersch, 1899, p. 44
- SORRE, Maximilien. « La notion de genre de vie et sa valeur actuelle (II)» in *Annales de Géographie*. Tomo LVII, n°307, 1948, pp. 193-204.
- SORRE, Maximilien. « La notion de genre de vie et sa valeur actuelle (I)» in *Annales de Géographie*. Tomo LVII, n°306. 1948, pp. 97-108
- TAINÉ, Hippolyte. A. *De l’intelligence*. Paris : Librairie Hachette, 1892 [1870].
- TAINÉ, Hippolyte. *De l’intelligence*. Paris: Hachette, 1911 [1870].
- TAINÉ, Hippolyte. *Histoire de la littérature anglaise*. Paris: Hachette, 5 vol., 1895-1897 [1863].
- TAINÉ, Hyppolite. *Les Origines de la France Contemporaine*. 5 Vol., PARIS : Hachette, 1875-93.
- TAYLOR, Frederick W. *Principles of Scientific Management*. New York and London, Harper & brothers, 1911
- TOBLER, Titus & MOLINIER, Auguste (Org.). *Itinera hierosolymitana et Descriptiones terrae sanctae bellis sacris anteriora et latina lingua exarata*. Genebra: Société de l’Orient latin, 1879,
- VEBLÉN, Thorstein. *A Teoria da classe ociosa: um estudo econômico das instituições*. São Paulo: Abril Cultural, 1985.
- VERLEY, Etienne. “Lucien Herr et le positivisme” in *Romantisme*, n°21-22, 1978, pp. 219-232
- VICENT, Louis-Hughes. *Jérusalem, recherches de topographie, d’archéologie et d’histoire*. Paris : J. Gabalda, 1912-1926.
- VIDAL DE LA BLACHE, Paul. « Les conditions géographiques des faits sociaux » in *Annales de Géographie*, Tomo XI, n°55, 1902,
- VIDAL DE LA BLACHE, Paul. « Les genres de vie dans la géographie humaine (II)» In *Annales de Géographie*. Tomo XX, n°112, 1911,
- VIDAL DE LA BLACHE, Paul. «Les genres de vie dans la géographie humaine (I)» In *Annales de Géographie*, tomo XX, n°111, 1911, p. 200).
- VIDAL DE LA BLACHE, Paul. *Principes de Géographie Humaine*. Paris : Armand Colin, 1955 [1921],

- VIDAL DE LA BLANCHE, Paul. « Leçon d'ouverture du cours de géographie » in *Annales de Géographie*. Tomo VIII, n°38, 1899
- WEBER, Max. *A ética protestante e o "espírito" do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- WILSON, Margaret D. "Spinoza's theory of knowledge" in GARRET, Don (org.). *The Cambridge Companion to Spinoza*. Londre: Cambridge University Press, 1995, pp. 89-114.
- WOELMONT, Henry de. *La noblesse française subsistante: Recherche en vue d'un nobiliaire moderne*. 3 volumes. Paris : Honoré Champion, 1928-193
- WOELMONT, Henry de. *Les marquis français, nomenclature de toutes les familles françaises subsistantes ou éteintes depuis 1864 portant le titre de marquis avec l'indication de l'origine de leur titre*. Paris : Honoré Champion, 1919.
- WORMS, Frédéric. *Introduction à Matière et mémoire de Bergson: suivie d'une breve introduction aux autres livres de Bergson*. Paris: PUF, 1997.

Notas de Fim de Texto

ⁱ LEPETI, Bernard & TOPALOV, Christian. *La ville des sciences sociales*. Paris: Belin, 2001.

ⁱⁱ AMIOT, Michel. « Maurice Halbwachs : l'invention de la sociologie urbaine contre la primauté de l'économie, de l'histoire et de la politique » in *Contre l'État, Les Sociologues : Éléments pour une histoire de la sociologie urbaine en France (1900-1980)*. Paris : Éditions de l'EHESS, 1886. Pp. 13-33

ⁱⁱⁱ CHOMBART de LAUWE, Paul-Henry. «Vingt-cinq ans de sociologie urbaine française » in *Urbanisme*, n°156, 1976.

^{iv} CENTRE MAURICE HALBWACHS, http://www.cmh.ens.fr/hoprubrique.php?id_rub=5 , acessado em 03 de maio de 2013.

[La singularité du Centre Maurice Halbwachs réside notamment – en lien avec les travaux du sociologue dont il a pris le nom - dans l'analyse de la structure et des inégalités sociales, au sein du paysage sociologique français et international. Cette singularité est d'ores et déjà bien identifiée : elle s'appuie sur une solide capacité d'innovation méthodologique, combinant à la fois des exploitations longitudinales de bases de données de grande échelle et des dispositifs qualitatifs ou ethnographiques, déployés à l'échelon national tout comme en comparaisons internationales.]

^v BAUDELLOT, Christian & JAISSON, Marie. *Maurice Halbwachs: sociologue retrouvé*. Paris : Editions Rue d'Ulm, 2006.

^{vi} HALBWACHS, Maurício. *Morfologia Social*. Tradução de Fernando de Miranda. São Paulo: Saraiva, 1941.

^{vii} HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990; e *A memória Coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

^{viii} NAMER, Gérard. *Halbwachs et la mémoire sociale...*, *op.cit.*

^{ix} MARCEL, Jean-Christophe & MUCCHIELLI, Laurent. « Un fondement du lien social: la mémoire collective selon Maurice Halbwachs » in *Technologies. Idéologies. Pratiques. Revue d'anthropologie des connaissances*, vol. 13, n°2, 1999, pp. 63-88.

^x BRIAN, Éric & JAISSON, Maire. « Nombre et mémoire. Halbwachs sociologue probabiliste » in KRAPOTH, H & LABORDE, D (org). *Erinnerung un Gesellschaft. Wiesbaden : VS Verlag für sozialwissenschaften*, 2005, pp. 127-151.

^{xi} IMEC, HBW2. BI-OI.I, “Souvenirs de famille”, folhas 13 e 19.

[(f. 13) Maurice Halbwachs, né à Reims (Rue Petit-Roland) le 11 mars 1877, un dimanche, à 5h du soir. Entré 3^e à l'École Normale Supérieure, en 1898. Agrégé de philosophie (3^e) en 1901.

Docteur en droite en 1909.

Marié le 7 novembre 1901 à Alice Barrères, fille à Alexandre Barrères, professeur de math. au Lycé Buffon et de Jeanne Bourrel. Divercé (divergence d'opinions politiques) en janvier 1909.

Marie le 8 mai 1913 avec Yvone Basch, fille de Victor Basch, professeur à la Sorbonne et Ilona B., née Fürth.

(f. 19) *Momento*: Maurice Halbwachs – Professeur de philosophie aux lycés Constantine (déc. 1901-mai 1902), Montpellier (juin 1902 – oct. 1902), Tours (1909-14), Nancy (1914-18) [Ataché au cabinet du ministre de l'armement, Albert Thomas, 1915-17] – Maître de conférences de philo. à l'Université de Caen, 1918-19 – Professeur de Sociologie à l'Université de Stransbourg, nov. 1919 à nov. 1935, - Professeur de Sociologie à la Sorbonne, 1935]

^{xii} IMEC, HBW₂ B1-01.1, "Souvenirs de famille", f. 8.

^{xiii} Arquivos nacionais, AJ 16 1130, relatório do provisor do *Lycée* de Reims, 1876. APUD BECKER, *Maurice Halbwachs...*, *op.cit.*, p. 63.

[« M. Halbwachs est un homme raide et guindé, infatué de son mérite, d'un caractère difficile et insoutenable, d'une rigidité excessive à l'égard des élèves, prodiguant les retenues quand il pourrait s'en passer, très mal avec son collègue d'allemand qu'il dénigre et déprécie, ne pouvant supporter une observation ni recevoir un avis, ne se soumettant à aucune convenance, (...) refusant seul de son service pour les pauvres et les Alsaciens, bien qu'il soit Alsacien, et se vante de donner des leçons en ville à 10 F le cachet .(...) M. Halbwachs désire aller a Paris. Je demande très expressément qu'il y soit envoyé pour être débarrassé de lui»]

^{xiv} BAUDELLOT, Christian & ESTABLET, Roger. *O nível educativo sobre: refutação de uma velha ideias relativa à pretensa decadência das nossas escolas*. Porto: Porto Editora, 1994 [1989]. Sobretudo o Capítulo II, "Medidas Difíceis".

^{xv} KARADY, Victor. «Les professeurs de la republique: le marché scolaire, les réformes universitaires et les transformations de la fonction professorale à la fin du 19^e siècle. » in *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, vol. 47-48, 1983, pp. 90-112.

^{xvi} ALEXANDRE, *Introduction...*, *op.cit.*, p. 18.

^{xvii} IMEC, HBW₂ B1-01.2, f. 25

[Sa leçon très sobre comme style, très rigoureuse et serrée, m'a vivement intéressé. J'admire de toute mon âme cette volonté soutenue, et je me sens bien heureux d'avoir depuis si longtemps un tel homme par professeur.]

^{xviii} IMEC, HBW₂ B1-01.3, f. 6

[Je fais aussi des projets d'avenir: pourquoi ne pas étudier l'Alemagne, puisque mon esprit est plutôt germanique que français? Avec une méthode spéciale, différant de celle de Taine par certains c'tés (esprit positif il ne devait pas comprendre toute la force et la beauté de certaines idées sentimentales qui eurent une telle influence), lui ressemblant par d'autres. L'histoire de l'esprit allemand serait curieuse et belle. Il faudrait peut-être diz ans de préparation (langue, voyages, histoire, philosophie, rêveries poétiques). Se faire une âme de romantique et se perdre dans la philosophie kantienne. Beau rêve.]

^{xix} IMEC, HBW₂ BI-01.4, f.2.

[(...) telle est la première journée de ma conversion. – je veux avoir un but, un refuge, un appui. Je veux être heureux; je serai chrétien. – Je le serai pleinement, avec orgueil, avec joie. Car j’ai traversé la crise d’où bien peu sortent prioux et croyants. Que mon imagination soit maintenue dans cette voie par les lectures et le milieu – O Dieu je t’aimerai de toutes mes forces. Donne moi la foi pleine et entière. De moi même je reviens à toi, ne me repousse pas. Je te jure de faire à présent soirs et matins une prière. D’assister à chaque dimanche au saint sacrifice. Accueille moi, retiens moi. Mon âme veut rester pure, mon cœur veut aimer.]

^{xxi}IMEC, HBWZ BI-01.3, f. 15.

^{xxi}HALBWACHS, *La Méthode de François Simiand...*, *op.cit.*, p.182, nota 1.

[Simiand suivit les cours de M. Bergson au lycée Henri-IV, et nous nous rappelons que, lorsqu’il vint faire son stage dans sa classe, M. Bergson nous le présentait comme « l’esprit le plus philosophique qu’il ait jamais rencontré parmi ses élèves ».]

^{xxii}SPIRE, André. *Souvenirs à bâtons rompus*. Paris, 1962, pp. 44-48 APUD DAH, *Bienfaisance et socialisme...*, *op.cit.*, p. 226.

[Beaucoup en arrivant à la Société des visiteurs croient à la souveraine efficacité de la philanthropie (...). Mais quand ils ont fréquenté dans les tristes logis des ouvriers; (...) quand ils ont assisté aux séances de nos commissions d’enquête où nous sommes obligés de refuser les familles nombreuses parce que seul l’État ou des établissements publics pourraient soulager de telles infortunes, ils s’inquiètent, s’irritent, etc. (...) Ils sont conquis. Selon leur tempérament ils deviennent socialistes aigus ou modérés, mais aucun ne reste bourgeois, C’est pourquoi nous disons aux socialistes: Entrez à la Société des visiteurs (...); envoyez-nous surtout ceux (...) que vous n’avez pu convaincre par vos plus habiles arguments: Nous en ferons des révoltés.]

^{xxiii} SOCIÉTÉ DES VISITEURS POUR LE RELÈVEMENT DES FAMILLES MALHEUREUSES. *Annuaire 1899: rapports, comptes-rendus & statuts*. Paris: J. Mersch, 1899, p. 44.

^{xxiv} IMEC, HBW₂ BI-03.3, f.13.

[Été hier soir aux lectures populaires. (...) Nous suivons la longue rue de Vaugirard, jusqu’à des quartiers excentriques. Nous glissons entre de hautes murailles grises, tout à fait le couvent de Picpus dans *Les Misérables*. Des ouvriers, des femmes du peuple avec leurs enfants sont déjà à la porte de l’école où se fait la lecture. (...) Le public était intéressant à étudier. Des figures sérieuses, tendues, immobiles, presque souffrantes. D’autres épanouies, rouges. Un ouvrier avec sa petite fille, en casquette. Des mères avec leur enfant endormi sur les genoux, calmes, atones, abruties.]

^{xxv} HALBWACHS, Maurice. *Leibniz*. Paris: Delaplane, 1907; a segunda edição ampliada foi publicada nas edições Mellotté, em 1928.

^{xxvi} Ver: BESNARD, Philippe. «La formation de l’équipe de l’Année sociologique» *In Revue française de sociologie*. N°20-21, 1979, pp. 7-3.

^{xxvii} PORTIS, Larrys. “Maurice Halbwachs” in VAN METER, Karls. *La Sociologie*. Paris: Larousse, 1994, p.381

^{xxxviii} HALBWACHS, Maurice. *Morphologie Sociale*. Paris: Librairie Armand Colin, 1938, pp 7-9. Versão em português: *Morfologia Social*. São Paulo: Saraiva, 1941.

^{xxxix} HALBWACHS, Maurice. *Les expropriations et le prix des terrains à Paris (1860-1900)*. Paris: Rieder-Cornély, 1909. Dela encontramos duas resenhas realizadas pelo próprio Halbwachs na *L'Année Sociologique*, n°11, 1909, pp. 655-658 e 770-773. A primeira parte da tese foi reeditada e acrescida de uma introdução e conclusão sob o título: *La population et les tracés de voie à Paris depuis un siècle*. Paris: PUF, 1928.

^{xxx} CHOMBART de LAUWE, Paul-Henry. «Vingt-cinq ans de sociologie urbaine française» in *Urbanisme*, n°156, 1976, p.61. *Apud*. TOPALOV, Christian «Maurice Halbwachs et les villes: Les expropriations et le prix des terrains à Paris (1909)» in TOPALOV, Christian & LEPETIT, Bernard. *Le Ville des Sciences Sociales*. Paris: Belin, 2001, p. 12.

^{xxxii} AMIOT, Michel. «Maurice Halbwachs: l'invention de la sociologie urbaine contre la primauté de l'économie, de l'histoire et de la politique» in *Contre l'État, Les Sociologues: Éléments pour une histoire de la sociologie urbaine en France (1900-1980)*. Paris: Éditions de l'EHESS, 1886. Pp. 13-33.

^{xxxiii} TOPALOV, *Maurice Halbwachs et les villes...*, *op.cit.*,

^{xxxiiii} AMIOT, *Maurice Halbwachs: l'invention...*, *op.cit.*

^{xxxv} *Revue du Moi*, n° 8, 1909, p. 639. *Apud* KARADY, *Classes sociales...*, *op.cit.*, p. 11.

[«Il est permis d'espérer que ce travail, joint aux travaux de M. F. Simiand, convaincra les jeunes économistes de la nécessité de réviser les concepts traditionnels de la science économique et de les éprouver au contact des faits. L'économie politique, de dialectique, doit revenir expérimentale»]

^{xxxvi} TOPALOV, *Maurice Halbwachs et les villes...*, *op.cit.*

^{xxxvii} Entrevista com o autor em 04 de julho de 2012.

^{xxxviii} Sobre o processo de institucionalização universitária e os caminhos e descaminhos da sociologia nesse processo ver o trabalho de Laurent Mucchielli intitulado *La découverte du social: naissance de la sociologie en France, 1870-1914* (Paris: Decouverte, 1998).

^{xxxix} Ver: TOPALOV, Christian. «Maurice Halbwachs: photographe des taudis parisiens (1908)» in *Genèses*, n° 28, 1997, pp. 128-145; e TOPALOV, *Maurice Halbwachs et les villes...*, *op.cit.*

^{xl} TOPALOV, *Maurice Halbwachs et les villes...*, *op.cit.*, p. 1073.

[Je crois pouvoir rendre plus tard plus de service au socialisme en gardant l'attitude d'un désintéressé e d'un travailleur qu'en me posant en militant, en « citoyen » et en « agitateur »]

^{xl} Ato de divorcio de Louis Maurice halbwachs e Alice Joséphine Mathilde Barrère, feito em 17 de dezembro de 1908 pela 4th Câmara do Tribunal Civil do Sena, registrado em 11 de janeiro de 1909, folha n°9771, Arquivos de Paris. *Apud* JAISSON, Marie. “Mémoire Collective et espace social” in HALBWACHS, Maurice. *La topographie légendaire des évangiles en Terre sainte: étude de mémoire collective*. Paris: PUF, 2008 [1941], 74*, nota 1.

[«Attendu (...) qu’à suite de discussions politiques et religieuses que Halbwachs a entretenues avec sa femme et ses beaux parents, au cours desquelles il a déclaré qu’il préférerait l’expression libre de sa pensée, à la famille et à ses préjugés, il a abandonné le domicile conjugal sans esprit de retour.»]

^{xli} IMEC HBW2 B1-02.1, f.122. *Apud* TOPALOV, Christian. «Maurice Halbwachs: une expérience américaine» in HALBWACHS, Maurice. *Écrits d’Amérique: Édition établie et présentée par Christian Topalov*. Paris: EHESS, 2012, p. 23.

[Notre divorce est de la fin 1908, mais notre séparation date d’un mois d’août de 1907. Alors que j’avais 30 ans. Je m’étais marié en octobre 1901, c’est-à-dire à 24 ans, l’année même où j’ai passé l’agrégation en sortant de l’École Normale.]

^{xlii} Entrevista com o autor em 04 de julho de 2012.

^{xliii} IMEC HBW2.B2-03.4, f.1. «Une expulsion»

[« en vertu du présent attesté vous êtes, par emise de [la] police d’Etat, expulsé de Prusse comme étranger nuisible, et, en conséquence, invité à quitter le territoire de l’Etat prussien dans le délai d’une semaine. – Au cas où vou ne donneriez aucune suite à cette injonction, après devez vous atteindre à des mesures de contrainte. » - Sur l’enveloppe, au dos, eut indiqué que cette lettre m’a été remise le 22 décembre 1910.]

^{xliv} IMEC HBW2.B2-03.4, f.1. «Une expulsion»

^{xlv} BAUDELLOT, Christian & ESTABLET, Roger. «Introduction: Les deux sources de la sociologie de la classe ouvrière et de la consommation» in HALBWACHS, Maurice. *Le destin de la classe ouvrière*. Paris: PUF, 2011, p. XIV.

^{xlvi} HALBWACHS, Maurice. *La classe ouvrière et les niveaux de vie: recherches sur la hiérarchie des besoins dans les sociétés industrielles contemporaines*. Paris: Alcan, 1912. Reproduzido em *Le destin de la classe ouvrière, op.cit.*, pp. 01-403. À época o livro foi alvo de três resenhas publicadas em importantes revistas, são elas a de Arthur L. Bowley^α, a de Theodore Glocker^β e a de William G. Contable^γ. Todas elas destacam positivamente o uso e a análise cuidadosa dos dados estatísticos e criticam certas conclusões referentes à “teoria das classes sociais” apresentadas na primeira parte do trabalho.

^α «La Classe Ouvrière et les niveaux de vie. Recherches sur la Hiérarchie Des Besoins dans les Sociétés Industrielles Contemporaines by Maurice Halbwachs» in *Journal of the Royal Statistical Society*, vol. 76, no. 7, 1913, pp. 719-720.

^β “La Classe Ouvriere et les Niveaux de Vie. Recherches sur la Hierarchie des Besoins dans les Societes Industrielles Contemporaines by Maurice Halbwachs” in *The American Economic Review*, vol. 3, no. 3, 1913, pp. 670-672.

^γ «La Classe Ouvriere et les Niveaux de Vie. Recherches sur la hierarchie des besoins dans les societes industrielles contemporaines. by Maurice Halbwachs» in *The Economic Journal*, vol. 24, no. 93, 1914, pp. 106-109.

^{xlvii} HALBWACHS, Maurice. *La théorie de l'homme moyen: essai sur Quetelet et la statistique morale*. Paris: ScienceSENSituation, 2010 [1912]. Ao que tivemos acesso, essa obra foi objeto à época de duas resenhas críticas, uma publicada no *The American Economic Review* e assinada Frank H. Halkins (autor de uma das principais obras utilizadas por Halbwachs em sua tese complementar^α); outra publicada no *Journal of the Royal Statistical Society* e assinada pelo estatístico inglês George U. Yule^β. O primeiro elogia a apresentação da obra de Quetelet feita por Halbwachs, mas julga sua interpretação nem sempre adequada, sobretudo pelo fato de Halbwachs não tocar nas questões filosóficas ligadas ao livre arbítrio e ao “sistema social” em Quetelet; já a segunda resenha aponta que embora a reconstituição da obra de Quetelet por Halbwachs seja cuidadosa, algumas de suas conclusões são difíceis de acompanhar e algumas declarações difíceis de aceitar, sobretudo no que tange às críticas de Halbwachs ao uso da teoria das probabilidades.

^α «La Theorie de l'Homme Moyen. Essai sur Quetelet et la Statistique Morale by Maurice Halbwachs» in *The American Economic Review*, vol. 3, no. 4, 1913, pp. 973-975.

^β «La Théorie de l'Homme Moyen: Essai Sur Quetelet et la Statistique Morale by Maurice Halbwachs» in *Journal of the Royal Statistical Society*, vol. 76, no. 7, 1913, pp. 711-712.

^{xlviii} RAPPORT de Jean Combarieu au vice-recteur. Archives Nationales, F/17/26358. Apud BAUDELLOT & ESTABLET, *Introduction...*, *op.cit.*, p. XII-XIII.

[(...) D'une voix nette et posée, en un langage de très bon aloi, sans parti pris de contradiction ou de réplique agressive, il [le candidat] a répondu à tout, quelquefois même avec avantage (comme dans la discussion avec M. Bouglé). Tout en le couvrant de fleurs, on ne lui a pas ménagé les attaques et il a eu fort à faire. Avec quelques observations pénétrantes, M. Levy-Bruhl s'est fait un jeu de lui montrer la fragilité de ses idées philosophiques. En somme, je me suis retiré plein d'admiration mais un peu déçu regrettant que toute cette séance de six heures ait été consacrée mais un peu déçu regrettant que toute cette séance de six heures ait été consacrée plus positives.]

^{xlix} Ver: BASH, Françoise; CRIPS, Liliane & GRUSON, Pascale (Org.). *Victor Basch (1863-1944): un intellectuel cosmopolite*. Paris: Berg International, 2000.

¹ Arquivo do Lycée de Tours, reproduzido de: HALBWACHS, *La théorie de l'homme moyen...*, *op.cit.*, p. x.

ⁱⁱ IMEC, HBW2 A1-02-3, 14, 20 e 24 de janeiro de 1918 APUD BECKER, *Maurice Halbwachs...*, *op.cit.*, p. 165.

[Tout le Durkheim classique, de la *Division du travail* et des *règles de la méthode* a déjà pris forme: il reste les parties les plus récentes, et d'ailleurs les plus discutées, à exposer, et ce n'est pas peu. Je m'arrête, et vais lire et relire jusqu'à ce que je vois claire. (...) Besogne en forme inférieure mais qui me donne l'occasion de me manifester comme « philosophe ». Au fond, je rage un peu de ne pouvoir me donner plus entièrement aux sciences. (...) Je ne critiquerai pas. Mais je rédigerai cependant, en projet, quelques réflexions un peu hétérodoxes qui me sont venues en serrant la pensée du maître. (...) Jamais je ne me suis plus au centre de la « doctrine » qu'en ce moment. C'est beau, mais il y a bien des lacunes, des incompréhensions. En tout cas c'est une superbe poussée unilinéaire, et je me trompe fort, ou cela ira plus loin que Bergon]

ⁱⁱⁱ HALBWACHS, Maurice. “La doctrine d'Émile Durkheim” in *Revue philosophique de la France et de l'étranger*, vol. 85, 1918, pp. 353-411.

ⁱⁱⁱⁱ HALBWACHS, *La doctrine...*, *op.cit.*, p. 411.

[Si Durkheim a eu l'idée de rapprocher, dans les cadres de *L'Année Sociologique*, les faits étudiés par les disciplines les plus différentes, par la philosophie sociale, par le droit, par l'histoire des religions, par l'économie politique, par la démographie, etc., c'est qu'il pensait que chacune d'elles s'appliquait à une partie

du domaine de la nouvelle science, et que le meilleur moyen de leur faire prendre à toute conscience de l'unité de leur objet, c'était de les associer et de les mettre en contact. On peut dire dès maintenant qu'il y a réussi, (...)]

^{liv} Ver especialmente: CRAIG, John E.& BURGOS, Martine. « Maurice Halbwachs à Strasbourg » in *Revue française de sociologie*. 1979, 20-1.pp. 273-292.

^{lv} PFISTER, Christian. « L'Université de Strasbourg » in *Revue politique et littéraire*, n°49, p. 760. *Apud* CRAIG, *Maurice Halbwachs à Strasbourg...*, *op.cit.*, p.273.

[« Il faut qu'à Strasbourg la France fasse mieux que l'Allemagne ; l'honneur national y est engagé. De la prospérité de l'Université de Strasbourg dépendra en partie le renom et le rayonnement de la France dans le monde »]

^{lvi} CRAIG & BURGOS, *Maurice Halbwachs à Strasbourg...*, *op.cit.*, p. 276.

[Par exemple, des professeurs, rompant avec les traditions individualistes propres à la vie universitaire française, assistent couramment aux cours de leurs collègues. Il arrive que deux professeurs fassent leur cours ensemble, pratique apparemment sans précédent dans l'université française. Beaucoup d'instituts encouragent le travail de groupe et quelques uns – dont l'Institut de philosophie que Halbwachs aide à organiser – insistent sur la nécessité de la recherche interdisciplinaire. Chaque semaine se tient un forum, les « réunions du samedi », au cours duquel les membres des différentes facultés s'entretiennent des découvertes récentes dans leur propre domaine. En bref, tout marque le désir d'entamer une collaboration entre les disciplines et la conscience d'appartenir à une équipe possédant un esprit de corps, sans équivalent dans les autres universités françaises.]

^{lvii} Entrevista com o autor em 04 de julho de 2012.

^{lviii} FRÉCHET, Maurice & HALBWACHS, Maurice. *Les calcul des probabilités à la portée de tous*. Paris : Dunod, 1924. Nenhuma nota ou resenha desse volume à época de sua publicação foi por nós encontrada.

^{lix} HALBWACHS, MAURICE, *Les cadres sociaux de la mémoire*. Paris : Albin Michel, 1994 [1925]. Além dos textos de Marc Bloch e Charles Blondel mobilizados à seguir, destacamos a resenha do livro por Floyd N. House publicada no *American Journal of Sociology* (vol. 31, n°3, 1925, pp.390-392) sob o título “Les Cadres Sociaux de la Memoire. by Maurice Halbwachs”. A resenha apresenta certos traços gerais do argumento de Halbwachs, destacando o quão proveitosa é uma leitura do livro que atente ao caráter metodológico dos movimentos de Halbwachs.

^{lx} BLOCH, Marc. “Mémoire Collective, traditions et coutume. À propos d'un livre récent » in *Revue de Synthèse historique*, t. 40, 1925, p. 83.

[Ce livre remarquable (...) nous rend un service précieux que nul mieux qu'un historien (...) ne saurait estimer à sa juste valeur : il nous oblige à réfléchir sur les conditions mêmes du développement historique de l'humanité : car que serait ce développement sans mémoire collective ?]

^{lxi} BLONDEL, Charles. “ Maurice Halbwachs. Les cadres sociaux de la mémoire » in *Revue philosophique de la France et de l'Étranger*, t. 101, 1926, p. 290.

[(...) le livre d'Halbwachs constitue une contribution capitale à la psychologie sociologique. Il établit définitivement, avec bien de l'ingéniosité et de la force, que la fonction mentale élémentaire qui est généralement réputée comme la plus individuelle et la plus personnelle de toutes, est en réalité toute pénétrée

d'influences collectives qui en règlent et déterminent les démarches, si bien qu'en tout acte de mémoire, avant d'en définir et d'en étudier ce qui u relève de l'individu, le psychologue se doit d'en isoler au préalable tout ce que la collectivité y a introduit de son chef.]

^{lxii} BLOCH, *Mémoire collective...*, *op.cit.*

^{lxiii} Sobre os movimentos dessa querela ver o artigo de Laurent Mucchielli intitulado “Pour une psychologie collective : l'héritage durkheimien d'Halbwachs et sa rivalité avec Blondel durant l'entre-deux-guerres” in *Revue d'histoire des sciences humaines*, n°1, 1999, pp. 103-141.

^{lxiv} BLONDEL, M. *Halbwachs. Les cadres sociaux...*, *op.cit.*, p. 298.

[Dans ces conditions, la sociologie tend non pas seulement à éclairer, à compléter et à définir la psychologie, mais à l'absorber tout entière. (...) Mieux vaudrait éviter des hardiesses ou des imprudences de langage heureuses moins que jamais en un moment où, non sans raison, je crois, nombre d'esprits verraient volontiers se constituer une Société des Sciences Morales au Conseil de laquelle la Sociologie tiendrait une des premières places, mais ne veulent à aucun prix entendre parler ni d'Impérialisme Sociologique ni de Pansociologisme.]

^{lxv} Sobre as viagens de Maurice Halbwachs ao Oriente ver: JAISSON, Maire. “Introduction” in HALBWACHS, Maurice. *La topographie légendaire des évangiles en Terre sainte: étude de mémoire collective*. Paris : PUF, 2008 [1941]

^{lxvi} HALBWACHS, Maurice. *Les origines du sentiment religieux d'après Durkheim*. Paris : Librairie Stock, 1925. Nenhuma resenha desse livro fora encontrada.

^{lxvii} A lista das leituras está disponível em: JAISSON, *Introduction*, *op.cit.*, p. 7, nota 2.

^{lxviii} HALBWACHS, Maurice. *La population et les tracés de voies à Paris depuis un siècle*. Paris : Cornély e PUF, 1928. Ao que tivemos acesso, o livro possui duas resenhas à época: uma bastante simples que apenas registra certos traços da obra, publicada no *Journal of the Royal Statistical Society* (vol. 92, n°1, 1929, p. 119) e assinada por P. G. E.; e outra mais detalhada e crítica publicada por Marc Bloch nos *Annales d'histoire économique et sociale* (vol 1, n°3, 1929, pp. 434-436).

^{lxix} HALBWACHS, Maurice. *Les casuses du suicide*. Paris : PUF, 2002 [1930]. Ao que pudemos localizar o livro foi objeto de quatro resenhas logo após sua publicação. São elas a de Georges Lefebvre^α, a de Marc Bloch^β, a de Ruth Cavan^γ e a de Brian H. Aukema^δ. As duas primeiras apresentam os traços que diferenciam os trabalhos de Halbwachs e Durkheim, destacando aquilo que há de mais duvidoso na formulação da pesquisa (como a relação entre o patológico e o suicídio); as duas últimas, por sua vez, restringem-se a repor os movimentos gerais da obra indicando para os respectivos públicos aquilo que mais poderia lhes interessar (as inovações metodológicas da análise de Halbwachs, de um lado; o uso (e os problemas) dos cálculos de correlação entre séries de dados, de outro)

^α “Halbwachs (Maurice). Les causes du suicide” in *Revue d'histoire moderne*, tomo 6, n° 36, 1931, pp. 491-496

^β “M. Maurice Halbwachs, Les causes du suicide” in *Annales d'histoire économique et sociale*, ano 3, n° 12, 1931, pp. 590-592 ;

^γ “Les Causes du Suicide by Maurice Halbwachs; Le Suicide by Emile Durkheim” in *American Journal of Sociology*, vol. 37, n° 2, 1931, pp. 293-294;

^δ “Les Causes du Suicide by Maurice Halbwachs” in *Journal of the Royal Statistical Society*, vol. 94, n° 1, 1931, pp. 100-101.

^{lxx} PAUGAM, Serge. “Préface” in HALBWACHS, *Les causes du suicide...*, *op.cit.*, p. XI.

[Cet ouvrage mérite d’être lu aujourd’hui non seulement parce qu’il prolonge le Suicide de Durkheim – ce qui est déjà une raison suffisante –, mais aussi parce qu’il suscite des interprétations nouvelles, contribue à dépasser l’opposition classique, mais à la longue stérile, entre individu et société et conduit à l’analyse de la conscience sociale des sociétés, ce qui relève de la psychologie collective.]

^{lxxi} TOPALOV, Christian. « Maurice Halbwachs : une expérience américaine » in HALBWACHS, Maurice. *Écrits d’Amérique : Édition établie et présentée par Christian Topalov*. Paris : Editions EHESS, 2012, p. 29.

[Lenjeu de ces changements était de mieux contrôler l’usage des fonds Rockefeller dans le domaine des sciences sociales, tout en promouvant la nouvelle orientation scientifique qu’avaient définie Ruml, Hutchins, White, Ogburn et quelques autres: rapprocher (voire unifier) les sciences sociales autour d’objectifs communs (étudier les problèmes de la société) et d’une méthode commune (la quantification). Oghurn, depuis longtemps et de façon constante, avait sur ce dernier point une position très ferme. En 1922, par exemple: « On ne peut avoir de science sans mesure. Et la science se développera dans le domaine des études sociales en raison directe de l’usage de la mesure» Cela s’accompagnait d’une critique des méthodes que privilégiaient ses collègues du département. Il écrivait en 1927 : «En sociologie, beaucoup de travail descriptif n’est pas assez soigneux ou complet, et ressemble plutôt à du reportage pour la presse courante. Il faut grandement déplorer la description brouillonne en sociologie, la situation est mure pour la mise en œuvre des statistiques»]

^{lxxii} Todos esses documentos foram reunidos, estabelecidos e apresentados por Christian Topalov no volume intitulado *Textes d’Amérique (op.cit.)*, cuja introdução é um belo estudo de microsociologia. Além desse estudo, Topalov já havia publicado, anteriormente, sobre a estada de Halbwachs na Universidade de Chicago os seguintes textos: “Maurice Halbwachs et les sociologues de Chicago” in *Revue française de sociologie*, vol. 47, 2004, pp. 561-590; e “Maurice Halbwachs. L’expérience de Chicago (automne 1930)” in *Annales. Histoire, Sciences Sociales*, ano 61, 2006, pp 555-581. Vale destacar também o artigo de Jean-Christophe Marcel, “Maurice Halbwachs à Chicago ou les ambiguïtés d’un rationalisme durkheimien” in *Revue d’histoire des sciences humaines*, n°1, 1999, pp. 47-68.

^{lxxiii} Assinadas por “M.H.”, as crônicas foram publicadas sob a rubrica “Cartas dos Estados Unidos” entre outubro de 1930 e fevereiro de 1931. Seus temas seguem o desenvolvimento da viagem: *A chegada*^α; *Estatísticas*^β; *A instrução*^γ; *Os negros*^δ; *Os imigrantes*^ε; *Os clubes*^ζ; *De Chicago à Washington*^ς; e *A partida*^φ.

^α « L’arrivée » in *Écrits d’Amérique...*, *op.cit.*, pp. 251-254 [20 de outubro de 1930].

^β « Des statistiques » in *Écrits d’Amérique...*, *op.cit.*, pp. 255-258 [27 de outubro de 1930].

^γ « L’instruction » in *Écrits d’Amérique...*, *op.cit.*, pp. 259-263 [10 de novembro de 1930].

^δ « Les nègres » in *Écrits d’Amérique...*, *op.cit.*, pp. 264-267 [24 de novembro de 1930].

^ε « Les immigrants » in *Écrits d’Amérique...*, *op.cit.*, pp. 268-272 [15 de dezembro de 1930].

^ζ « Les clubs » in *Écrits d’Amérique...*, *op.cit.*, pp. 273-276 [27 de dezembro de 1930].

^ς « De Chicago à Washington » in *Écrits d’Amérique...*, *op.cit.*, pp. 277-279 [18 de janeiro de 1931].

^φ « Le départ » in *Écrits d’Amérique...*, *op.cit.*, pp. 280-282 [02 de fevereiro de 1931].

^{lxxiv} São eles « Les budgets de familles ouvrières aux États-Unis » in *Bulletin de la statistique générale de la France*, vol. 20, n°3, 1931, pp. 395-430 ; « Chicago, expérience ethnique » in *Annales d'histoire économique et sociale*, n° 13, 1932, pp. 11-49 ; e « Budgets de familles aux États-Unis et en Allemagne » in *Bulletin de l'Institut français de sociologie*, vol. 3, n°2, 1933.

^{lxxv} Sobre o esquecimento, ver a carta endereçada a sua mãe em 20 de novembro de 1930: HALBWACHS, *Écrits d'Amérique...*, *op.cit.*, pp.178-179.

^{lxxvi} Ver a carta à Yvone de 02 de Outubro de 1930: HALBWACHS, *Écrits d'Amérique...*, *op.cit.*, pp. 119-120.

^{lxxvii} Ver a carta endereçada à Yvone em 06 de dezembro de 1930 : HALBWACHS, *Écrits d'Amérique...*, *op.cit.*, p.197.

^{lxxviii} Ver carta endereçada À Yvone em 02 de Outubro de 1930: HALBWACHS, *Écrits d'Amérique...*, *op.cit.*,p. 120.

^{lxxix} Ver a carta endereçada à Yvone em 06 de dezembro de 1930 : HALBWACHS, *Écrits d'Amérique...*, *op.cit.*,p. 198.

[Je songe que j'aurai fait 95 cours, plus qu'en toute une année à Stragsbourg.]

^{lxxx} Carta à Yvone, de 08 de Novembro de 1930: HALBWACHS, *Écrits d'Amérique...*, *op.cit.*,p. 164.

[Dès que j'ai un peu de temps, je vais à la Bibliothèque où je trouve des livres que j'ai cherché en vain à Strasbourg (...) Je me mets au courant, je me renouvelle et il m'arrive de lire un livre en un jour.]

^{lxxxi} Ver carta enderçada à Yvone em 31 de outubro de 1930 : HALBWACHS, *Écrits d'Amérique...*, *op.cit.*,p. 138.

^{lxxxii} Carta à Yvone de 08 de novembro de 1930 : HALBWACHS, *Écrits d'Amérique...*, *op.cit.*,p. 161-162.

[Lundi j'ai été voir les vieux quartiers peuplés d'immigrés: c'est au diable. J'ai marché longtemps, traversé un immense parc, puis le «black belt», la « ceinture noire», le quartier des nègres qui s'étend du centre au sud sur des dizaines de kilomètres. Un tram rouge sang de bœuf m'a conduit le long d'une rue qui s'appelle l'Alsted [sic pour Halsted Street], d'abord devant Stock Yards ou abattoirs (une puanteur tragique ...), puis à la 16e rue où je suis descendu. Entre la 16e et la 12e c'est le «Ghetto». J'ai passé une heure dans un vieux marché vraiment extraordinaire, où l'on parle toutes les langues de l'Europe, mais surtout le judéo-allemand. (...) Totes les classes. De pauvres diables qui se débattent avec des négresses, des jeunes gens corrects et élégants comme des Anglais riches, mais qui gesticulaient comme des Orientaux. Tout cela est d'un pittoresque inouï. (...) Vers une heure, j'étais bien fatigué, quand je suis arrivé dans le loop et ai déjeuné rapidement « sur le comptoir », il me semblait que j'avais retrouvé un instant l'Europe, des figures et des allures de chez nous, sur lesquelles le conformisme me américain n'a pas encore mis sa marque. On sent cependant que c'est là un état de transition, un lieu de passage, que tous ces demi-Européens n'attendent qu'une occasion pour s'adapter définitivement. Seuls euls les juifs, comme les nègres, paraissent réfractaires (...)]

^{lxxxiii} HALBWACHS, *Chicago, expérience ethnique...*, *op.cit.*, p. 390.

[Rien, assurément, ne remplace le contact direct avec la vie des groupes]

^{lxxxiv} HALBWACHS, *Chicago, expérience ethnique...*, *op.cit.*, pp. 408-409.

[Ce n'est pas parce qu'étrangers, mais parce qu'ouvriers, surtout parce que manœuvres et ouvriers de la grande industrie, que la masse des immigrants, admise à résider, est cependant séparée de la vie urbaine, exclue du courant traditionnel et continu qui n'entraîne que les éléments vraiment « bourgeois », ou en relation et en contact intime et familial avec la bourgeoisie. Entre les diverses catégories d'immigrants, il y a, à cet égard, des différences, précisément parce que les conditions de leur travailles rattachent moins naturellement à la ville qu'à son armature technique, et ne les rattachent même à celle-ci que temporairement. (...) Si l'on rangeait les étrangers à Chicago suivant la grandeur croissante de leurs salaires, ils se disposeraient à peu près suit l'ordre qui nous a paru être celui de la rapidité de leur assimilation : les nègres tout au bas de l'échelle, puis les Italiens, ceux du Nord nettement au-dessus de ceux du Sud, les Polonais au niveau des Italiens du Nord, nettement au-dessus les Juifs russes, puis les Irlandais, et un peu plus haut les Allemands.(...) D'une manière générale, ces groupes paraissent s'assimiler d'autant plus que leur niveau de vie est plus élevé.]

^{lxxxv} HALBWACHS, Maurice. « Matière et Société » in *Revue Philosophique de la France et de l'Étranger*, n°90, pp. 199-224. Esse artigo foi reeditado em : HALBWACHS, *Classes sociales et morphologie, op.cit.*, pp. 58-94.

^{lxxxvi} MUCCHIELLI, Laurent and PLUET-DESPATIN, Jacqueline. « Halbwachs no Collège de France ». Tradução de Teresa Malatian in *Revista Brasileira de História*. 2001, vol. 21, n.40, p. 15. [« Halbwachs au Collège de France » in *Revue h' Histoire des sciences humaines*, Villeneuve d'Ascq: Presses Universitaires du Septentrion, n. 1, 1999, p.180].

[À la fin de l'année 1930, Halbwachs espère que la Sorbonne va créer une chaire de « sociologie statistique » qui ne voit finalement pas le jour. À la fin de l'année suivante, c'est Simiand qui se prépare à entrer au Collège de France (à la chaire d'histoire du travail laissée vacante par la mort de Georges Renard), ce qui ne peut qu'amplifier chez Halbwachs le sentiment que, en somme, c'est désormais son tour. En 1932, comme prévu, Loisy part à la retraite. Soutenu par Mauss, Halbwachs annonce rapidement ses intentions à ses amis mais il se trouve alors en concurrence avec Febvre et, devant les meilleures chances de ce dernier, renonce à poser officiellement sa candidature pour ne pas compromettre la réussite de son collègue historien.]

^{lxxxvii} BENNION, Lowell L. *Max Weber's Methodology*. Paris: Les presses Modernes, 1934. Para uma breve reconstituição da tese, bem como para o diálogo com a obra de Talcott Parsons, ver: DIPADOVA, Laurie N. & BROWER, Ralph S. "A Piece of lost history: Max Weber and Lowell L. Bennion" in *The American Sociologist*, vol. 23, n° 3, 1992, pp 37-56;

^{lxxxviii} ZIAEDDIN, Fahri A. *Zaya Gökalp, sa vie et sa sociologie : Essai su l'influence de la sociologie français en Turquie. Avec une carte et huit reproductions photographiques*. Strasbourg : 1935 ; e *Essai sur la transformations du coe familial en Turquie*. Infelizmente não tivemos acesso nem à tese, nem trabalhos sobre ela, referimo-nos aqui a: *Bulletin de la faculté des lettres de Strasbourg*. Ano 15, n°1, 1936, p. 05.

^{lxxxix} HALBWACHS, Maurice. « L'Évolution des besoins dans les classes ouvrières » in *Le destin de la classe ouvrière*. Paris : PUF, 2011 [1933], pp. 407-570. O livro foi objeto de três resenhas à época: a de Gilbert Slater^α, a de Helen F. Hohman^β e a de Melvon M. Knight^γ. Todas retomam alguns traços gerais do livro, mas apontam os limites e as dificuldades de tratar a complexidade da obra de Halbwachs em tão pouco espaço.

^α « Halbwachs, M.: L'Evolution des Besoins dans les Classes Ouvrières » in *Sociological Review*, vol. 26, 1934, p. 205.

^β «L'Evolution des Besoins dans les Classes Ouvrières by Maurice Halbwachs » in *American Journal of Sociology*, vol. 41, n° 4, 1936, pp. 550-551.

^γ «L'Evolution des Besoins dans les Classes Ouvrières by Maurice Halbwachs » in *Journal of Political Economy*, vol. 43, n° 5, 1935, pp. 700-702.

^{xc} HALBWACHS, *Budgets de familles aux États-Unis et en Allemagne...*, *op.cit.*

^{xcⁱ} HALBWACHS, Maurice. *Du Contrat Social. Introduction, notes, commentaires par Maurice Halbwachs*. Paris : Aubier Montaigne, 1967 [1943].

^{xcⁱⁱ} HALBWACHS, Maurice. *La statique et la dynamique sociale d'Auguste Comte*. Paris : Centre de documentation universitaire, 1943.

^{xcⁱⁱⁱ} HALBWACHS, Maurice. *Les classes sociales. Éditions Critique Établit par Gilles Montigny*. Paris : PUF, 2008.

^{xc^{iv}} HALBWACHS, Maurice. *La Psychologie collective*. Paris: Centre de Documentation universitaire, 1938.

^{xc^v} Reproduzido de: BECKER, *Maurice Halbwachs un intellectuel...*, *op.cit.*, p. 455.

^{xc^{vi}} HALBWACHS, Maurice. *Le point de vue du nombre: 1936. Precede de l'avant-propos au tome VII de l'encyclopedie francaise de Lucien Febvre et suivi de trois articles de Maurice Halbwachs*. Ed. critica organizada por Marie Jaisson e Éric Brian. Paris: Institut national d'etudes demographiques, 2005 [1936]. A bellissima introdução acrescida pelos organizadores ao texto original, contando com cerca de 200 páginas, é um trabalho essencial para que se possa situar a obra no interior das diferentes correntes que nela confluem, bem como para melhor compreendermos qual a relevância e novidade dos textos aí reeditados. Ao que tivemos acesso, a reedição fora resenha por Luc Berlivet^α, Alain Chenu^β e Rémi Lenoir^γ.

^α « Maurice Halbwachs & Alfred Sauvy, Le point de vue du nombre » *Histoire et mesure*, vol. XX, n°3/4, 2005, p. 186-194.

^β « Le point de vue du nombre » *in Revue française de sociologie*, vol. 48, n°1, 2007, pp. 174-178.

^γ LENOIR, Rémi. « Le moment Halbwachs : À propos de la réédition de l'ouvrage de Maurice Halbwachs et d'Alfred Sauvy : Le point de vue du nombre, 1936 » *in Regards Sociologiques*, n°36, 2008, pp. 83-91.

^{xc^{vii}} LENOIR, *Le moment Halbwachs...*, *op.cit.*, pp. 85-86.

[Le point de vue du nombre constitue trois enjeux. Un enjeu scientifique : dans l'histoire de l'interprétation triséculaire des réflexions sur la régularité des chiffres de naissance, Halbwachs tente d'apporter une réponse aux questions que se pose le grand public, fortement marquées tant par la problématique providentialiste du XVIII^e siècle que de la conception probabiliste du XIX^e siècle. Un enjeu démographique : dans l'œuvre d'Halbwachs elle-même, l'ouvrage s'inscrit dans la lignée de ses travaux de morphologie et de topographie sociales qu'il reprend souvent tels quels ou qu'il amorce dans cet ouvrage. Un enjeu politique : la manière dont Halbwachs présente et traite l'état des connaissances démographiques va à l'encontre des thèses dominantes dans les milieux politiques comme dans certains cercles scientifiques de l'époque sur les races, l'évolution des populations et les phénomènes migratoires.]

^{xc^{viii}} JAISSON, Marie. « Crise et Civilisations: l'enquête de Halbwachs sur la proportion des sexes à la naissance » *in* BAUDELLOT, Christian & JAISSON, Marie. *Maurice Halbwachs : sociologue retrouvé*. Paris : Editions Rue d'Ulm, 2007, p. 149.

[Ce texte, par sa date de publication – 1936 -, par son contenu et par la démarche utilisée dans l'administration de la preuve constitue un jalon dans la maturation scientifique de l'oeuvre du sociologue]

^{xcix} LEBVRE, Lucien, “Avant-propos” de “L’espèce humaine » in *L’Encyclopédie française*, tomo 7. Paris : Larousse, 1936, p. 04, grifo no original.

[C’est que, l’ennemi, c’est précisément ce redoutable esprit de simplification qui inspire à nos contemporains tant d’audaces téméraires. Tranchons le mot : l’ennemi, c’est le simplesme. Se placer devant ces redoutables complexes de faits biologiques, mais aussi historiques et psychologiques, et moraux, et économiques, sur quoi, sans plus hésiter, nous piquons les étiquettes faussement claires de **Race** et de **Nombre**.]

^c IMEC HBW₂ BI-02.I, f. 149-150.

[4 mai 1936 – Election d’hier (3 mai). Nous entendons les résultats à la T.S.F. jusqu’à 1h du matin. Francis pointant sur les listes, lorsque Pierre affecté (par esthétisme, ou Gidisme) de ne s’intéresser qu’aux individus. Victoire du Front Populaire. C’est enfin ! (...) Election rouge ! Au fond, c’est toujours la vieille histoire. Les S.F.I.O. et les communistes auront eu dès maintenant les mêmes positions relatives que, lorsque nous avions 20 ans, les radicaux et les socialistes unifier. Pour Léon Blum et *notre parti*, c’est l’heure de responsabilité... 38 où 40 ans après...]

^{ci} Entrevista com a autora em 04 de julho de 2012.

^{cii} Sobre a militância do casal Halbwachs-Alexandre, ver: BECKER, *Maurice Halbwachs: un intellectuel...*, *op.cit.*, pp. 323-352.

^{ciii} JAY, Martin. *La imaginación dialéctica: una historia de la escuela de Frankfurt y el Instituto de Investigación Social, 1923-1950*. Madrid: Tarus, 1974, p. 64 *et seq.*

^{civ} JAY, *La imaginación...*, *op.cit.*, p. 322 *et seq.*

^{cv} Carta de Maurice Halbwachs à Raymond Aron, 30 de Novembro de 1937. APUD BECKER, *Maurice Halbwachs : un intellectuel...*, *op.cit.*, p. 310.

[N’ayant, je le répète, nullement attendu le miracle, ce qui me frappe plutôt c’est qu’une transformation essentielle ait pu s’accomplir avec si peu de dommage. (...) Il en reste du moins les 40 heures, les congés payés, les contrats collectifs et une économie qui n’est sans doute pas brillante : l’eût-elle été plus, si les gens de droite avaient été au pouvoir ? Et y avait-il un troisième choix ? Ceci dit, vous avez raison de rappeler la nécessité de faire effort pour accroître la production, de rappeler les erreurs commises, celles qu’on risquait de commettre, et de relever l’ignorance et l’esprit partisan de beaucoup de politiciens.]

^{cvi} HALBWACHS, Maurice. *A Morfologia Social*. São Paulo: Saraiva, 1941. [*Morphologie Sociale*. Paris: Colin, 1938.] Ao que tivemos acesso, o livro foi objetos das resenhas realizadas por Warren S. Thompson^α, por Earle Eubank^β e por Xavier Legrang^γ - todas elas muito breve e se atendo a uma apresentação geral da obra. Vale destacar uma imprecisão na resenha de W. Thompson ao aproximar as proposições de Halbwachs da *Antropogeografia* de Ratzel, o que não condiz exatamente com as preocupações do sociólogo francês.

^α “Morphologie Sociale” in *American Sociological Review*, vol. 3, n° 6, 1938, p. 899.

^β “Morphologie Sociale by Maurice Halbwachs” in *American Journal of Sociology*, vol. 44, n° 4, 1939, pp. 577-578.

^γ “Maurice Halbwachs, professeur à la Sorbonne, Morphologie Sociale” in *Revue néo-scholastique de philosophie*, vol. 42, n°6, 1939, pp 628-629.

^{cvi} HALBWACHS, Maurice. «Analyse des mobiles qui orient l'activité des individus dans la vie sociale » reproduzido em *La psychologie des classes sociales...*, *op.cit.*, Paris : Rivière, 1955 [1938].

^{cviii} HALBWACHS, *La topographie...*, *op.cit.* Sob a recepção da obra ver o estudo de Marie Jaisson presente na introdução da edição de 2005 da obra, notadamente as páginas 15*-25*.

^{cix} IMEC HBW2.B2-03.4, f.9.

[Tout cela est bien loin derrière mort, avec deux guerres interposées, et, entre les deux, tant de bouleversement en Allemagne. On a peine à se représenter qu'à cette époque une expulsion de ce genre apparaissait comme un acte inamical vis à vis de la France, et surtout comme un acte qui sortait de l'ordinaire.]

^{cx} IMEC, cahier 4, juillet 1940-juillet 1944, p. 255 APUD BECKER, *Maurice Halbwachs : un intellectuel...*, *op.cit.*, p. 368.

[Mon beaux-père et ma belle-mère sont morts ce lundi soir, 10 janvier 1944. Un bande d'une dizaine d'hommes (miliciens ou gestapistes) les a enlevés de leur domicile. (...) Ils avaient été tués de deux balles de revolver tirées dans la nuque. Mon beaux-père était né en 1863.]

^{cxii}Ver: HALBWACHS, Maurice. "Minha campanha para o Collège de France" in *Revista Brasileira de História*, vol. 21, n°40, 2001, pp. 25-58 ["Ma candidature au Collège de France" in *Revue d'Histoire des Sciences Humaines*, n°1, 1999, pp.189-228]; e MUCCHIELLI, Laurent & PLUET-DESPATIN, Jacqueline. « Maurice Halbwachs no Collège de France » in *Revista Brasileira de História*, vol. 21, n°40, 2001, pp. 13-23 [« Maurice Halbwachs au Collège de France » in *Revue h'Histoire des sciences humaines*, n°1, 1999, pp. 179-188].

^{cxiii} HALBWACHS, *Minha campanha para o Collège de France*, *op.cit.*, p. 54 [227-228].

[En somme j'ai eu contre moi les philosophes catholiques, l'Académie française, les cléricaux, l'unique représentant (grand bourgeois) de l'Académie des sciences morales et politiques (dont je suis correspondant), les scientifiques réactionnaires. (...) J'ai eu pour moi presque tous les linguistes, les savants spécialistes des diverses civilisations (sauf Mazon), les historiens, les scientifiques avancés, surtout quatre biologistes (ou médecins). Il m'a manqué deux absents, Przulski et Wallon (qui était pour moi, mais dont le cours est suspendu), et aussi (d'après Piéron) Courier : soit trois absents. (...) Je n'avais pas vu Valéry : Tonnelat m'avait dit, par erreur, qu'il n'avait pas le droit de voter (étant prolongé d'une année). (...) (5 biologistes : Leriche, Lacassagne, Fauré-Frémiot, Courier, Piéron – il ne manquait que Duclaux, qui a dû suivre Siegfried). (...) En somme, philosophie métaphysique et religieuse, littérature pure, science des brutiers, – contre histoire sociologique, psychologie scientifique, linguistique, et biologie. Tout cela était naturel.]

^{cxiiii} IMEC, HBW2 B1-03.3, f. 58 APUD BECKER, *Maurice Halbwachs un intellectuel...*, *op.cit.*, p. 347.

[« Mon dernier cours à la Sorbonne. Une quarantaine d'étudiants... Je traite de la dicision du travail. Yvonne me dit : la dernième classe. Il faudrait que tu écrites au tableau : Vive la France ! »]

^{cxv} HALBWACHSS, Yvonne. *News from abroad*, *op.cit.*

[(...) I did not reply to your friendly letter of the eighth of February because I did not have the courage. I was at that moment in anguish, my poor husband having been deported with my younger son. The Gestapo, on the eve of the liberation, arrested my son in July, 1944, for his resistance activity and came to get Maurice, as an accomplice of his son, in his office twenty-four hours later. Since that date I never again

saw my husband, nor was I able to get the least message of comfort to him, a single package, the smallest salutation from his fireside. He died in Buchenwald the twenty-first of February-died in abandoned and physical misery, without having been able to give me the least sign of life or of tenderness, having succumbed less to the physical cruelty than to discouragement and to disgust at seeing his own human person outraged.

Now that all is over, I wish to tell you, who were his friend and for whom he had so much affection, what these miserable Germans have done to a good and true man, loved by his friends, one of those men of science, original and scrupulous, who know the honor of the French academic world. But it was the best of our men that they persecuted and made to perish with the most savage rage; the purest and the bravest of our women; all those values of intellect and patriotism which represented our hopes for the future.

By a miracle my younger son, also deported to Buchenwald, has been returned to me and my elder son preserved. For our two boys were part of that army without uniform which fought secretly during the years of slavery. You perhaps know (perhaps your influence had some thing to do with it) that an American foundation generously proposed to Maurice at the beginning of the occupation, and to a number of his colleagues at the Sorbonne as well, that they come to the United States to pursue their work sheltered from the Germans. He refused, wishing neither to desert his country in the hour of misfortune nor to abandon his sons.

At that moment a first misfortune struck me. My brother, a physician in the hospitals of Paris, veteran of the two wars, could not face the shame of the armistice and committed suicide, leaving four orphans. Later, in January, 1943, a new and terrible blow fell upon me. My father, Victor Basch, professor of aesthetics at the Sorbonne and president of the Ligne des Droits de l'Homme, enemy No. 1 of the Nazis, who immediately after the occupation of Paris pillaged and sacked his apartment and library, was assassinated with my mother (both aged eighty-four years) by a mixed horde of militia and Boches, who snatched them from their lodgings, dragged them in the fields, and killed them with a ball in the back of the head.

All these terrible trials, the mortal anxiety over our sons, anger and indignation against the ignoble Petain regime-all these had broken the health of my dear husband and had aged him by ten years. He had, however, kept his power to work and succeeded during the occupation in writing and publishing an important work, *The Legendary Topography of the Holy Land according to the Gospels*. I will try to send you a copy, knowing that he would have liked to keep you abreast of his work. He had been named, a little before his deportation and in spite of the opposition of Vichy, professor at the College de France and rejoiced to think of beginning new instruction there-but he never gave even his first lecture.

There, dear monsieur, you have what I wished to relate. My life has been destroyed and my home ravaged by the gratuitous ferocity of the German bandits. You will understand in reading this tale the bitterness which sometimes appears among us in spite of our profound gratitude to the noble and heroic American armies (I will never forget, for my part, that I owe them the life of my son, freed by them at Buchenwald when he was on the point of succumbing as did his father), the bitterness we show when we see you consider and treat the hunted-down and ensnared beast of prey as though he were an honorable adversary. I have succeeded with great effort in restoring my deported son in spite of the cruel insufficiency of food. He has nearly recovered physically. But his moral being remains deeply shaken. He cannot console himself for having left his father behind and cannot recover without him the sweetness of life.

My sons and I join in expressing to you our joy and relief over the capitulation of Japan. We also share, to the bottom of our hearts, your sorrow over the death of Roosevelt. All of us have a cult for this great citizen, especially so my father, who put his hope in him and who had believed for a long time that he would be able to save the peace of the world.....

Yvonne Halbwachs]

^{cxv} FAROCKI, Harun. *Arbeiter Verlassen die Fabrik*. Alemanha: Harun Farocki Filmproduktion, 1995, 36min.

^{cxvi} LUMIÈRE, Louis. *La sortie de l'usine Lumière à Lyon*. França : Lumière, 1895, 1min.

^{cxvii} FAROCKI, *op.cit.*

^{cxviii} HALBWACHS, Maurice. « La classe ouvrière et les niveaux de vie: recherche sur l'hierarchie des besoins dans les sociétés industrielles contemporaines » in *Le destin de la classe ouvrière*. Paris : PUF, 2011 [1912], pp. 03-406.

^{cxix} VIDAL DE LA BLACHE, Paul. *Principes de Géographie Humaine*. Paris : Armand Colin, 1955 [1921], pp.12-13. [*Les causes physiques dont la géographie s'étaient précédemment attachés à montrer la valeur, ne sont pas négligeable ; il importe toujours de marquer l'influence ru relief, du climat, de la position continentale ou insulaire sur les sociétés humaines ; mais nous devons envisager leur effets conjointement sur l'homme et sur l'ensemble du monde vivant (...) C'est ainsi que nous pouvons le mieux apprécier le rôle qu'il convient d'attribuer à l'homme comme facteur géographique. Actif et passif, il est à la fois les deux. Car, suivant le mot bien connu, « natura non nisi parendo vincitur »*]

^{cxx} VIDAL DE LA BLANCHE, Paul. « Leçon d'ouverture du cours de géographie » in *Annales de Géographie*. Tomo VIII, n°38, 1899, p. 98.

[Tout au plus peut-on dire que la chaîne qui va de la nature à l'homme se compose d'une plus longue série d'anneaux que ne se l'imaginaient petu-être les contemporains de Ritter].

^{cxixi} VIDAL DE LA BLACHE, Paul. « Les conditions géographiques des faits sociaux » in *Annales de Géographie*, Tomo XI, n°55, 1902, p. 14.

[*On a étudié leurs [des sociétés humaines] genres de vie ; l'attention s'est portée d'une façon méthodique sur leurs moyens de nourriture, le vêtement, l'habitation, les instruments, les armes, bref sur l'ensemble d'objets dans lequel d'Empriment les habitudes, les dispositions et les préférences de chaque groupe*].

^{cxixii} *Idem*, p. 5.

[*Les institutions et les moeurs n'ont pas figure matérielle ; mais ce sont choses étroitement liées aux objets que l'homme a façonnés sous l'influence du régime social auquel est adaptée sa vie. Ces objets reflètent des habitudes qui dérivent de l'état social ou qui l'inspirent*].

^{cxixiii} VIDAL DE LA BLACHE, P. « Les genres de vie dans la géographie humaine (I) », *op. cit.*, p. 194.

[*Ces contrastes tiennent à ce que pasteur et agriculteur, pour ne s'arrêter qu'aux deux genres de vie les plus évolués, sont deux êtres devenus socialement très différents par un ensemble d'habitudes et de conceptions nées précisément de la différence des genres de vie qu'ils pratiquent. Il y a d'irréremédiables dissidences dans l'idée que chacun de ses êtres sociaux se fait de la propriété, des liens de famille et de race, du droit. Le droit pour l'un est territorial ; pour l'autre, il est essentiellement familial. Mais ces oppositions ne sont que très indirectement des faits de nature. Ce serait un abus de langage d'y voir la traduction du milieu physique. La nature est plus diverse, moins absolue, bien plus malléable que ne le laisseraient supposer ces contrastes. Elle tient en réserve des possibilités en nombre bien plus divers qu'on ne le croirait d'après nos classifications abstraites.*]

^{cxixiv} VIDAL DE LA BLACHE, Paul. « Les genres de vie dans la géographie humaine (II) » In *Annales de Géographie*. Tomo XX, n°112, 1911, p. 304.

[*Les genres de vie s'inscrivent dans des cadres généraux, qui sont les grandes régions naturelles dont il sera questions ailleurs : ils représentent quelque chose de distinctif. Ils ont une autonomie qui s'attache à la personne humaine et la suit. Ce n'est pas seulement le Bédouin et le Fellah qui s'estiment de complexion différente, c'est le pasteur valaque et le cultivateur bulgare ; c'est, jusque sur nos côtes, le marin et le paysan. L'âme des uns simple forgée d'un autre métal que*

celle des autres.
C'est que les genres de vie, tels qu'ils ont prévalu sur des grandes étendues terrestres, sont des formes hautement évoluées, qui, sans avoir assurément la fixité des sociétés animales, représentent aussi une série d'efforts accumulés, aujourd'hui cimentés. L'homme est un être d'habitudes encore plus que d'initiative].

^{cxxv} SORRE, Maximilien. « La notion de genre de vie et sa valeur actuelle (I) » in *Annales de Géographie*. Tomo LVII, n°306, 1948, pp. 97-108 ; e « La notion de genre de vie et sa valeur actuelle (II) » in *Annales de Géographie*. Tomo LVII, n°307, 1948, pp. 193-204.

^{cxxvi} HALBWACHS, Maurice. *Les causes du suicide*. Paris : PUF, 2002 [1930], pp. 375-376. [Un ensemble de coutumes, de croyances et de manière d'être, qui résulte des occupations habituelles des hommes et de leur mode d'établissement.]

^{cxxvii} HALBWACHS, *La classe ouvrière...*, op.cit., p. 51.

[On y entre au rez-de-chaussée par un couloir voûté : il ouvre d'un côté sur une écurie qui occupe presque tout le rez-de-chaussée (les habitants vivant surtout de l'élevage, on sacrifie tout aux bêtes). La cuisine est très petite. Au premier étage, il y a une ou deux pièces où on loge durant l'été. Plus haut encore sont les ranges et greniers, assez vastes, avec un balcon ouvert où on dépose les denrées qu'on a dû engranger trop vite et qui doivent sécher. L'hiver, de fin octobre au début d'avril, la famille entière habite l'écurie voûtée, avec les animaux. Dans un coin, sur une aire en terre battue, se trouvent une table, un banc, des chaises, un dressoir avec quelque vaisselle et des ustensiles de cuisine. Un poêle brûle, nuit et jour, de l'anthracite. Entre les lits sont les moutons et les chèvres, au milieu les veaux, dans un coin éloigné le porc. – En Basse-Bretagne, écuries et étables ne sont pas seulement dans le même corps de bâtiment que les chambres ou la chambre d'habitation, mais, même aujourd'hui, il n'y a pas toujours de séparation intérieure : rarement c'est une simple claie à hauteur d'homme, plus souvent une cloison avec porte de communication. On change souvent, après un nettoyage sommaire, une étable en habitation.]

^{cxxviii} HALBWACHS, *Esquisse...*, op.cit., p. 76.

^{cxxix} HALBWACHS, *Les causes du suicide*, op.cit., pp. 376-377.

[Le genre d'existence paysan se distingue de la vie urbaine en ce que le travail s'accomplit dans le cadre du groupe domestique. Il n'y a pas, à la campagne, une distinction aussi tranchée qu'à la ville entre les heures consacrées aux occupations professionnelles et le temps qu'on passe au milieu des siens ou de ses amis. Lorsque des paysans se rencontrent, qu'ils échangent des réflexions, se communiquent des nouvelles, lorsque des sentiments divers les unissent ou les opposent, les deux ordres de préoccupations se rapprochent et s'enchevêtrent, alors même qu'il n'y a point entre eux des rapports de parenté, puisque le village est, en un sens, une famille élargie. Il en résulte que les liens qui se nouent entre eux des abîmes plus profonds, que les heurts, les oppositions creusent entre eux des abîmes plus profonds, et qu'ils infligent des blessures plus cuisantes. (...) La vie du groupe paysan est profondément engagée, et tout entière, dans la nature. Elle y puise une saveur et une âpreté particulière, plus de spontanéité, d'élan primitif et de sauvagerie. Mais elle s'y alourdit de tout le poids de la terre, elle s'y déroule suivant le rythme ralenti des travaux campagnard. C'est une vie collective à la fois très forte et très simples, ou très simplifiée. Les coutumes y puisent leur force à la fois dans les sentiments de parenté et dans les occupations et préoccupations professionnelles communes. C'est ce qui fait aussi leur stabilité et leur continuité. Mais elles ne s'étendent qu'à des groupes limités, elles ne s'appliquent qu'à des actes espacés. Ces deux grandes puissances collectives : la famille, la religion, y sont plus intactes qu'ailleurs. Leurs prescriptions simples s'adaptent sans peine à des actes peu nombreux et assez uniformes. La vie paysanne tourne sur elle-même et se meut dans un cercle d'occupations et d'événements assez restreints.]

^{xxx} HALBWACHS, *La classe ouvrière...*, op. cit., p.62.

[Or il nous a paru qu'il était constitutionnel à la conscience collective paysanne de demeurer diffuse et inorganique. Les conditions d'existence des paysans, leur éparpillement, effectif alors même que leurs

habitations s'agglomèrent, la prédominance de la vie domestique sur la vie sociale, et, mêlée à la vie domestique, la préoccupation constante de la profession, enfin l'adaptation et l'accoutumance au sol, à sa productivité, et au genre de vie qui en résulte, ce sont autant de forces de dispersion, autant de principes de particularisme. Pour que naisse une conscience de classe, peut-être faut-il que la vie sociale soit assez intense, c'est-à-dire assez organisée, c'est-à-dire, encore, assez dégagée de la nature, et des relations mécaniques et matérielles que le travail impose aux hommes. C'est sans doute ce qui caractérise la vie urbaine. A la campagne, les hommes sont encore trop, pendant toute la journée, confondus avec les choses; le travail des champs se prolonge, alors même qu'il est terminé, en représentations et préoccupations trop constantes, qui envahissent toute leur vie, pour qu'il en soit ici de même. La masse paysanne et l'ensemble des ouvriers des villes s'opposent non point comme deux classes, mais comme deux genres de vie.]

^{cxxx} *Op.cit.*, pp.82-88.

^{cxxxii} HALBWACHS, *Esquisse...*, *op.cit.*, p. 88.

[(...) l'individualisme subsiste, dans toute la partie de leur vie et de leur activité qui les laisse en contact avec la terre, c'est-à-dire dans ce qui est proprement la culture et le genre d'existence paysanne telle qu'elle lui est adaptée. Certes, il y a des riches et des pauvres parmi eux, des différences de classe. La préoccupation de se maintenir à son rang, à son niveau, et même de s'élever dans l'échelle sociale, explique toute une partie de leur conduite. Mais ils ont surtout le sentiment d'être paysans, en face des habitants des villes, et ce qu'il y a de spécifique dans les motifs qui les guident s'explique, en définitive, par l'opposition qui subsiste entre deux types de civilisation.]

^{cxxxiii} HALBWACHS, *Esquisse...*, *op.cit.*, p. 77.

^{cxxxiv} HALBWACHS, *Les causes du suicide*, *op.cit.*, pp. 378-379.

[On pourrait supposer que, du moment que, dans chacun de ces deux milieux, les hommes n'obéissent plus qu'à une espèce de préoccupations et qu'ils pensent soit à leur travail, soit à leur famille ou à leurs relations, leur vie s'en trouve allégée et simplifiée. Il en serait ainsi si toutes les conditions étaient demeurées les mêmes, et s'ils dépensaient au total la même somme d'activité qu'autrefois. Mais l'effet d'une telle différenciation est au contraire d'accroître l'intensité des deux fonctions d'abord confondues, maintenant distinguées. Les travaux se rapprochent et se combinent suivant des règles qui correspondent aux seules nécessités de la profession ou de la production. Du moment qu'un plus grand nombre de travailleurs sont juxtaposés ou mis en contact, les rapports se multiplient entre eux. Des opérations de même nature se règlent plus exactement l'une sur l'autre, elles forment une chaîne qui se déroule plus vite que si elles devaient s'adapter à des activités qui n'auraient ni le même caractère, ni la même fin. Mais il en est de même de tout cet ordre de relations qui s'établissent entre les hommes dans cette partie de l'existence qui n'est point consacrée à l'exercice d'une profession. La famille est maintenant détachée de la terre, de la ferme, de l'atelier, de la boutique. Il faut bien la replacer ailleurs, c'est-à-dire dans l'ensemble des autres familles auxquelles s'impose la même nécessité. N'étant plus enfermée dans les limites de la communauté villageoise ou artisanale, la vie de famille tend à regagner en étendue ce qu'elle perd peut-être en profondeur. Sans doute, elle se heurte à des limites : de même que les travaux se groupent dans des industries, des administrations et des professions différentes, de même les familles ont surtout des chances de se rapprocher et de se rencontrer à l'intérieur d'une même classe. Il n'en est pas moins vrai que ces rapprochements et rencontres sont plus nombreux que dans ce milieu campagnard où les communications de village à village sont rares. En même temps seulement dans le domaine de l'activité professionnelle, mais aussi à l'intérieur des familles et dans les relations qui s'établissent de l'une à l'autre, un courant plus rapide entraîne les hommes. Le passage d'un genre de vie à l'autre, et le progrès qui en résulte, consiste surtout en ce qu'un plus grand nombre d'actes et de démarches, une plus grande diversité de situations plus ou moins durables, se concentrent dans un même temps, comme si le réseau de l'existence sociale était plus serré, parce que les fils s'y croisent à intervalles plus rapprochés.]

^{cxv} HALBWACHS, « Remarques su la position du problème sociologique des classes », *op.cit.*

^{cxvi} HALBWACHS, *La classe ouvrière et les niveaux de vie...*, *op.cit.*

^{cxvii} HALBWACHS, *La classe ouvrière...*, *op.cit.*, p. 10.

[Nous avons, dans les pages qui précèdent, présenté une définition très générale et théorique des classes sociales ; nous avons expliqué quel est, de ce point de vue, l'intérêt d'une étude des habitudes de consommation des hommes, et de leurs niveaux de vie ; et nous avons enfin montré que cette étude ne peut pas se séparer d'une analyse des conditions de leur travail, ou de leur fonction dans l'organisme producteur.]

^{cxviii} HALBWACHS, *Les classes sociales...*, *op.cit.*, p.32.

[C'est à ce moment [lorsque les souvenirs de la genèse des classe ont disparu] que le sociologue intervient, pour la décrire et l'expliquer dans son aspect et sa nature actuelle et dans son évolution à partir du momento où elle est formée.]

^{cxix} HALBWACHS, *Remarques...*, *op.cit.*, p. 41.

[Qu'est-ce qu'une classe sociale ? Comment, en vertu de quel critérium, distinguer des classes dans un groupe social étendu tel qu'une nation ? Quelle espèce de réalité doit-on donner comme fondement à cette notion un peu vague ? [et encore] (...)1° Quel est le contenu de cette représentation, quels éléments s'y rassemblent, et suivant quel plan d'organisation ? 2° D'où vient l'intensité plus ou moins grande qu'elle possède, et suivant quelle loi cette intensité vient-elle à varier ? 3° Comment s'explique son objet extérieur, sa réalité, son évolution et sa persistance ?]

^{cxl} HALBWACHS, *Remarques sur...*, *op.cit.*, p. 44.

[Comment la conscience d'une société donnée, de la notre, se représente-t-elle les classes ? Le problème ici abordé, le premier de la question de classe, est, comme nous avons dit, un problème de psychologie sociale. Il vaut la peine d'y insister. Classifier, c'est répartir en groupes, en tenant compte des ressemblances.]

^{cxli} DURKHEIM, Émile & MAUSS, Marcel. « De quelques formes de classification : Contribution à l'étude des représentations collectives » in *Année sociologique*, VI, (1903), p.08.

[Tous les membres de la tribu se trouvent ainsi classés dans des cadres définis et qui s'emboîtent les uns dans les autres. Or la classification des choses reproduit cette classification des hommes.]

^{cxlii} HALBWACHS. *Les classes sociales...*, *op.cit.*, p. 24.

[Ce qui frappe dans la disposition de ces sens dans le dictionnaire de *Litttré*, c'est que le mot classe en tant qu'il désigne des objets, ne vient pas en premier lieu. Le sens original, ce sont des classes constituées d'êtres humains, des classes établies entre les hommes. La classe, comme signification humaine, est donc venue d'abord, la classe comme groupement d'objets, après.]

^{cxliii} DURKHEIM & MAUSS, *De quelque formes...*, *op.cit.*, p. 44.

[Les choses n'y sont pas simplement disposées sous la forme de groupes isolés les uns des autres, mais ces groupes soutiennent les uns avec les autres des rapports définis et leur ensemble forme un seul et même tout. De plus, ces systèmes, tout comme ceux de la science, ont un but tout spéculatif. Ils ont pour objet, non de faciliter l'action, mais de faire comprendre, de rendre intelligibles les relations qui existent entre les êtres.]

^{cxliv} HALBWACHS, *Les classes...*, *op.cit.*, p. 38.

[Donc, il y a différentes façons, qui se sont réalisées pour les hommes dans les sociétés, de se distribuer en classes. Pourquoi emploie-t-on le même terme ? À quelle notion commune correspondent ces subdivisions différentes ? Nous retiendrons un mot qui se trouve dans le texte de Marx et qui doit être mis au premier plan lorsqu'il s'agit de définir les classes, c'est l'expression de « hiérarchie de rangs multiples ». La série des classes présente une hiérarchie de rangs multiples. En effet, pour désigner les classes, on se servira d'expressions qui reposent sur l'idée de hiérarchie. On dira : rang social, degré dans l'échelle sociale, niveau social ; d'autre part : classe supérieure, classe moyenne, classe inférieure. Evidemment, c'est là un rangement par ordre de valeur croissante.]

^{cxlv} HALBWACHS, *Les classes sociales...*, *op.cit.*, p. 41.

[Ainsi, dans toute société, il y a un ordre d'activités qui est prépondérant et l'on peut dire que la division par classes se fait suivant le degré auquel les membres de ces classes participent à cette activité prépondérante.]

^{cxlvi} HALBWACHS, *Les classes sociales*, *op.cit.*, p. 45.

[Dans toutes ces sociétés, c'est par rapport aux activités jugées les plus importantes que les hommes se sont classés ; suivant qu'ils pouvaient participer plus étroitement à ces activités ou qu'ils en étaient éloignés, ils appartenaient aux hautes ou aux basses classes.]

^{cxlvii} HALBWACHS, *Les classes sociales*, *op.cit.*, p. 48.

[Ce qui nous intéresse, au contraire, ce ne sont pas les divisions qu'on peut ainsi introduire du dehors dans une société, mais *comment les hommes se classent-ils eux-mêmes*, de telle façon qu'à chacun de leurs groupes corresponde le sentiment commun d'une situation sociale distincte des autres, et, surtout, qui occupe un rang défini dans l'échelle des situations en général.]

^{cxlviii} HALBWACHS, *La classe ouvrière...*, *op.cit.*, p. 5.

[Quel que soit le type de société que nous considérons, l'idéal, le bien par excellence, c'est, en même temps, *la vie sociale la plus intense qu'on puisse se représenter*.]

^{cxlix} HALBWACHS, *Les classes sociales...*, *op.cit.*, p. 248.

[La société met au premier plan un intérêt, un genre d'activité. Ce peut ne pas être le même, suivant le type de division de classes que nous examinons. Mais nous avons vu, aussi que, quelle que soit la forme particulière d'activité que la société mette ainsi au premier plan, que ce soit l'activité guerrière, politique, économique, toujours ce que la société regarde comme étant l'essentiel, et comme ayant le plus de valeur, ce sont les formes d'activité propres à intensifier la vie sociale, la vie collective, à étendre, à multiplier les rapports que les hommes ont entre eux, et qu'ils ont entre eux en tant que personnes humaines, le genre d'activité qui tend à créer et à développer ce genre de milieu dans lesquels on échappe aux préoccupations de la technique, et, dans une certaine mesure, aux préoccupations de la profession, dans lesquels les hommes s'intéressent avant tout et passionnément à eux-mêmes et à leurs semblables, et aux rapports qui manifestent en eux des qualités qui résultent de leur nature d'hommes.]

^{cl} HALBWACHS, *Les classes sociales...*, *op.cit.*, p. 46.

[En d'autres termes, il y a, dans chaque société, un foyer où se concentrent tous les éléments de la vie sociale, où sont ceux qui sont éclairés le plus directement par sa lumière, et ceux-là représentent la classe supérieure ; les autres, ceux qui en sont tout à fait éloignés, appartiennent aux classes plus basses.]

^{cli} HALBWACHS, *La classe ouvrière...*, *op.cit.*, pp. 5-6.

[Lorsqu'on envisage de ce point de vue la hiérarchie des classes, on constate, à mesure qu'on s'élève de l'une à l'autre, que les groupes sont de plus en plus intégrés, c'est-à-dire que leurs membres se trouvent de plus en plus pris dans un réseau de relations sociales, religieuses, politiques, d'affaires, etc., suivant le type de société. On peut, interpréter cela de deux façons : ou bien on dira que la société dans son ensemble tend à se dépasser, que la vie sociale d'abord diffuse, éparpillée, soumise à l'action de beaucoup de forces de dispersion, petit à petit se concentre, se ramasse comme autour d'un foyer qu'elle a elle-même allumé et qu'elle alimente ; ou bien on dira que la société fait un effort, et un effort pénible et constant, pour se distendre, comme s'il lui fallait écarter d'elle beaucoup de forces d'oppression, qui l'enserrent et l'étouffent, et que les parties d'elle-même les plus voisines de sa périphérie se trouvent de plus en plus éloignées du foyer central, de plus en plus en contact avec le « dehors », qu'elles perdent en même temps de leur souplesse et de leur élasticité, qu'elles se durcissent et qu'elles se figent. Au fond, il ne faut pas croire que ces deux interprétations s'opposent entièrement, comme si l'on se représentait la société tantôt comme une création artificielle des hommes, et tantôt comme leur nature même. Il demeure incontestable que, lorsque les hommes se sont élevés au prix d'un effort, ou se sont trouvés par chance le plus près du foyer, c'est-à-dire dans la partie de la société où la vie collective est la plus intense, il leur est très pénible de s'en éloigner, et ils gardent toujours le désir d'y rentrer. Cela suffit pour qu'on puisse poser que plus la vie est sociale, plus elle est conforme à la nature de l'homme. Il en résulte qu'une classe occupera un niveau d'autant plus élevé que ses membres participeront davantage à la vie collective, telle qu'elle est organisée dans leur société.]

^{clii} BAUDELOT & ESTABLET, *Maurice Halbwachs...*, *op.cit.*, p.43.

[Chacun des cercles correspond à une classe sociale. Chacune se définit ainsi par la distance qui la sépare du « feu de camp » central. Au plus près, les classes les plus « in », les plus instuites, les plus riches, les plus intégrées, les plus sociales (c'est-à-dire les moins matérielles, les moins animales). À la périphérie, tout près de la sortie, les classes – ouvrières – que « leurs fonctions obligent à sortir périodiquement de la société.]

^{cliii} Ver acima nota XVI.

^{cliv} HALBWACHS, *Les classes sociales...*, *op.cit.*, p. 88.

[Aujourd'hui, nous serions peut-être tentés de considérer que les paysans sont une survivance, nécessaire, bien entendu, puisque ce sont eux qui nous fournissent les denrées, les produits sans lesquels nous ne pourrions pas vivre, mais survivance à bien des égards regrettable. On rêve de faire pénétrer dans les milieux agricoles toutes les commodités, toutes les inventions dont on profite dans la civilisation urbaine. Je ne dis pas d'ailleurs qu'il ne serait pas intéressant d'étudier cette civilisation rurale pour elle-même, de reconnaître quelles distinctions de classes peuvent y apparaître aujourd'hui. Je crois que la tâche serait singulièrement plus difficile que lorsqu'il s'agit des civilisations urbaines, parce que, dans la conscience paysanne, ce qui paraît prédominer, c'est le sentiment d'être un paysan par rapport à un habitant des villes, plus que d'appartenir à un milieu social ou à un autre.]

^{clv} HALBWACHS, Maurice. "Matière et Société" in *Revue Philosophique de la France et de l'Étranger*, n° 45, 1920, p. 6.

[Analysons ces situations, où le lien social est en effet momentanément tranché, ou bien, pour une durée illimitée, détendu et relâché, et écartons d'abord les cas individuels, qui ne peuvent, par définition, fonder une distinction sociale. Quand plusieurs personnes s'entendent pour vivre hors du monde, loin du siècle, comme

dans certaines communautés religieuses, ils sortent d'une société pour en créer une autre, plus étroite : ils sacrifient une partie de leurs relations avec les hommes au souci de multiplier et renforcer celles qui les unissent à un petit nombre d'entre eux (...)]

^{clvi} HALBWACHS, *Matière et Société*, *op.cit.*, p. 7.

[Ainsi, dans tous ces cas, si certains hommes et même certains groupes restent en dehors, sinon en marge, d'une société, c'est qu'ils font partie d'autres sociétés, et cela s'explique par une répugnance, un antagonisme, ou une incompatibilité qui met aux prises des tendances collectives opposées.]

^{clvii} HALBWACHS, *La classe ouvrière...*, *op.cit.*, pp. 10-15.

^{clviii} HALBWACHS, *La classe ouvrière...*, *op.cit.*, p. 12.

[Mais nous voulions étudier les classes : or il n'y a sans doute pas de classe plus homogène, précisément parce que la vie sociale y est plus réduite, moins compliquée, et aussi parce que l'intervalle qui la sépare des autres groupes, sous ce rapport, est très marqué, que la classe ouvrière.]

^{clix} HALBWACHS, *Les classes sociales...*, *op.cit.*, p. 91.

[Celle qui doit retenir d'abord notre attention, c'est la classe ouvrière, pour deux raisons : c'est qu'elle est la plus nombreuse, et qu'il y a pas, en apparence, de division plus tranchée que celle qui sépare les ouvriers des ceux qui ne le sont pas.]

^{clx} PIC, Paul. *Traité élémentaire de l'égislation industrielle*, 6^{ff} Edição. Paris : Librairie Nouvelle de droit et jurisprudence, 1903, pp. 631-632.

[Est ouvrier, au sens juridique du mot, quiconque exécute un travail manuel (vieux français manouvrier) pour le compte et sous la direction d'un patron ou de ses préposés, quelle que soit la nature de l'établissement dans lequel ce travail s'exerce (usine, atelier, magasin ou chantier), quel que soit également le taux ou le mode de paiement du salaire. Sont donc ouvriers ceux qui exercent un métier, c'est-à-dire un art mécanique ou manuel, pour le compte d'autrui, ainsi que les individus embauchés comme auxiliaires pour un travail manuel simple ne comportant point d'apprentissage (hommes de peine, terrassiers, manoeuvres et autres genres de travail). Doivent être, au contraire, qualifié commis ou employé, tous les auxiliaires du commerce et de l'industrie, qui, bien que placés par leur contrat sous la dépendance du patron, sont préposés à des travaux présentant un caractère d'ordre plutôt intellectuel que matériel... Ils n'exécutent point de travail mécanique comme les ouvriers, ils ne sont point au service de la personne comme les domestiques : leur rôle, à quelque degré de la hiérarchie qu'ils soient placés, consiste à seconder le patron dans son commerce, et, à ce titre, le contrat que les unit à l'employeur, bien que constituant un véritable louage de services, se nuance en quelque sorte d'une idée de mandat. Cette différence s'accuse nettement dans l'organisation intérieure de la fabrique. Le fabricant a auprès de lui, dans ses bureaux, toute une hiérarchie de commis et d'employé qui reçoivent les ouvriers, chefs d'ateliers et autres, et leur distribuent le travail. Ces ouvriers qui participent à la direction intellectuelle de la fabrique, fût-ce pour une part infinitésimale, ne sauraient être confondus avec les ouvriers.]

^{clxi} HALBWACHS, *Les classes sociales...*, *op.cit.*, p. 94.

[(...) applique son effort à dégrossir et à façonner les objets qui appartiennent à la nature matérielle, au monde des choses inertes.]

^{clxii} HALBWACHS, *Matière et Mémoire*, *op.cit.*, pp. 63-64 [93-94].

[Ainsi, par suite d'un contact continu ou souvent renouvelé avec certains aspects, toujours du même ordre, avec la matière, il semble que toute une partie de notre organisme mental se place en dehors du courant qui circule d'une conscience à l'autre, et que l'individu s'apparaisse alors comme un être isolé et réduit, qui participe au morcellement et à la discontinuité du monde inanimé.]

clxiii HALBWACHS, *La classe ouvrière...*, *op.cit.*, p. 86.

[Mais le travail, devenu plus rapide et mécanique, oblige l'ouvrier à se transformer en un rouage poussé par ceux-ci et actionnant ceux-là.]

clxiv TAYLOR, Frederick W. *Principles of Scientific Management*. New York and London, Harper & brothers, 1911. Halbwachs vale-se da tradução francesa realizada por Jean Royer e publicada em 1912 na *Revue de Métallurgie*.

clxv HALBWACHS, *Matière et Société*, *op.cit.*, p. 69.

[Ainsi le travail des agents d'exécution de l'industrie, déjà si mécanisé, a été soumis à de nouvelles décompositions : on a enlevé à ceux-ci toute la part d'initiative et de choix qui leur restait, dans le cadre si étroit déjà de leur fonction. En même temps, ce qui subsistait, dans les opérations où ils étaient obligés de s'adapter aux propriétés de la matière, du rythme inégal et original, de la variété et de la spontanéité humaine, a disparu. On a cherché jusqu'au fond de la matière la loi de l'action qu'on devait exercer sur elle. Comme on ne pouvait transformer entièrement le tra-vailleur en une machine, en mécanisant non seulement ses actes élémen-taires, mais le principe qui les coordonne, on a reporté ce principe en dehors de la conscience et de la volonté de l'ouvrier, on l'a transformé en un système régulateur extérieur, construit et mis en jeu par un agent spécialisé, qui ignore les résistances et préférences personnelles de chacun, et ne connaît que les traits constants et moyens de leur nature physique.]

clxvi HALBWACHS, *Matière et Société*, *op.cit.*, pp. 72-73.

[En même temps, puisqu'une tâche individuelle lui est assignée, puisqu'on prend soin de l'isoler de ses camarades d'atelier, qu'on s'efforce de plus en plus de faire le vide autour de lui dans ce coin d'usine où on respirait une atmosphère sociale déjà si raréfiée, il ne voit plus, dans les autres ouvriers, que des instruments comme lui, et ne sent plus s'établir d'eux à lui, durant son travail, aucune espèce de relation solidaire. Ainsi le résultat du système Taylor serait de « désocialiser » plus complètement, au moins pen-dant la durée de sa tâche, le travailleur d'usine.]

clxvii HALBWACHS, *Matière et Société*, *op.cit.*, p. 91.

[En résumé, nous admettons que les sociétés humaines, pour s'emparer de la matière et la transformer suivant leurs fins, préposent à cette fonction tout un ensemble défini de leurs membres qui, pour s'en acquitter, sont contraints de rester en contact avec les choses, de s'isoler en face d'elles, et de se détacher du reste de la collectivité humaine.]

clxviii HALBWACHS. *Les classes sociales...*, *op.cit.*, p. 97.

[La classe ouvrière sera, pour nous, cette partie de la société qui est écartée relativement du foyer de la vie sociale, qui est privée des biens, des avantages, non seulement matériels mais surtout moraux auxquels participent ceux qui peuvent s'en approcher le plus.]

clxix Essa fórmula, « À travail égal, salaire égal. », é recuperada de Simiand e apresenta-se tanto em sua tese de 1912 (*op.cit.*, p.100, nota 1), como em seu curso sobre as classes sociais (*op.cit.*, p.112).

^{clxx} HALBWACHS, *Les classes sociales, op.cit.*, pp. 112-113.

[(...) les ouvriers, quand ils s'aperçoivent que le prix des produits augmente (non pas seulement des denrées alimentaires, mais des produits en général et, en particulier, des produits de leur travail), prétendent que le patron ne doit pas être seul à profiter de cette augmentation, eux aussi doivent y participer. Ou, encore, les ouvriers réclameront une augmentation de salaire lorsqu'ils constateront que les salaires ne sont pas au même niveau dans la même profession en des régions différents. (...) Dans les deux cas, on peut dire que ce qu'ils reprochent aux patrons, c'est de vouloir profiter seuls, en période de prospérité, d'une différence en augmentation dans le prix du produit de leur travail commun, ou bien de vouloir profiter seuls d'une différence interrégionale de salaires qu'ils ne connaissent peut-être pas, dont ils ne connaissent pas, en tout cas, les aisons. (...) Il résulte que, pour les ouvriers, il y a un rapport entre le salaire et le prix du produit, qui est un rapport quantitatif, et la constatation que nous pouvons faire est grosse de conséquence, car on peut aller, peut-être, plus loin. Il y a un rapport quantitatif entre les prix et les salaires. Mais les salaires représentent la valeur du travail. Un rapport quantitatif, c'est un rapport établi entre deux quantités. D'un côté, nous avons les prix qui sont des quantités. Il faut donc, de l'autre côté, celui du travail, et de la valeur du travail, quelque chose qui soit une quantité. Par conséquent, les ouvriers se représentent que leur travail est une quantité.]

^{clxxi} HALBWACHS, *Les classes sociales, op.cit.*, p. 116.

[(...) il faut qu'ils considèrent l'entreprise un peu como leur chose (...)]

^{clxxii} HALBWACHS, *Les classes sociales, op.cit.*, p. 116.

[(...) tout le temps de leur vie si possible, qu'ils considèrent qu'ils n'en partiront qu'à la fin, de façon à être pénétrés de son esprit et de ses traditions, et c'est aussi par des gratifications, par des avancements au choix, par des rémunérations honorifiques, de stimuler leur zèle (...) Ce qu'on leur demande, c'est de faire preuve de qualités qui dépendent du caractère, qui dépendent de ce qu'on peut appeler la nature morale.]

^{clxxiii} HALBWACHS, *Les classes sociales, op.cit.*, p.121.

[Le travail, après tout, l'occupation, l'activité est un moyen en vue de se procurer les ressources pécuniaires nécessaires pour, ensuite, lorsqu'on se mêle aux autres hommes, lorsqu'on rentre dans la société proprement dite, participer dans une mesure aussi large que possible à tous les produits de l'activité industrielle et commerciale. (...) Dans ces milieux, l'homme n'est plus apprécié en tant qu'agent de la production, mais en tant qu'homme, pour lui-même, en raison de ses qualités personnelles. Dans des milieux plus étroits où il se sent davantage apprécié, famille étroite ou élargie, cercles d'amis, assemblées de culture ou de distraction, mais même au-dehors, dans les milieux où il ne fait peut-être que passer, dans les groupes et courants éphémères, et qui n'ont pas pour raison d'être, en tout cas, le travail ou le métier, il intervient comme acteur, comme spectateur, et il est considéré comme un être humain, comme une personne.]

^{clxxiv} HALBWACHS, *La classe ouvrière..., op.cit.*, p. 09.

[S'il y a dans la société des classes, il faut s'attendre à ce que, dans chacune d'elles, les divers besoins ne soient ni aussi pleinement satisfaits, ni « hiérarchisés » de la même manière : c'est une partie essentielle de l'étude de ces groupes, que la détermination de « niveaux de vie » classés d'après la satisfaction et le développement inégal des besoins sociaux et non sociaux.]

^{clxxv} BAUDELLOT & ESTABLET. *Maurice Halbwachs: consommation et société, op.cit.*, p. 54.

[(...)il introduit le mouvement dans le tableau lui-même. En juxtaposant ces instantanés pris à l'instant, il suggère le mouvement de la vie.]

^{clxxvi} BAUDELLOT & ESTABLET. *Maurice Halbwachs: consommation et société, op.cit.*, pp. 58-59.

[C'est bien dans leurs variations et leurs évolutions que les phénomènes sociaux doivent être saisis. Alors que Durkheim considérait le mouvement ou le changement comme un accident (regrettable, le plus souvent) venant perturber l'état normal d'équilibre des phénomènes sociaux, Maurice Halbwachs l'entend au contraire comme un élément à part entière de la réalité sociale. Les « fluctuations », les changements, les transformations ont toujours constitué pour l'auteur de *L'évolution des besoins dans les classes ouvrières* un objet central d'études. (...) Observation, fluctuations, complexité, tels sont en effet les maîtres mots de la posture sociologique de Maurice Halbwachs. À ces trois principes, il a su donner une expression statistique originale. Car, pour Halbwachs, la chose est claire, une théorie de l'équilibre est absolument incompatible avec la nature des faits sociaux.]

^{clxxvii} HALBWACHS, *Les classes sociales...*, *op.cit.*, pp. 124-126, *passim* ; e HALBWACHS, *La classe ouvrière...*, *op.cit.*, pp. 347-350.

^{clxxviii} HALBWACHS, *La classe ouvrière...*, *op.cit.*, pp. 348-349.

[...] La table de famille, où le père, au retour du travail de l'usine, a la place d'honneur, et ces repas préparés surtout d'après ses goûts et ses préférences, symbolisent périodiquement son autorité de chef du groupe. Toutes les solennités familiales, les fêtes, les jours de repos sont marqués surtout par des repas plus substantiels et meilleurs. (...) Il faut donc que les repas se présentent de plus en plus sous un aspect social, et non matériel, et qu'ils soient pour l'ouvrier l'occasion et le moyen essentiel de rentrer dans la société.]

^{clxxix} HALBWACHS, *Les classes sociales, op.cit.*, p. 129.

[Ils ont plus de difficulté à établir une comparaison entre ces appartements et leurs logements, et à prendre idée d'un degré de confort qui ne leur manque pas, parce qu'ils n'y sont pas habitués.]

^{clxxx} HALBWACHS, *La classe ouvrière...*, *op.cit.*, pp. 351-352.

[Enfin il reste incontestable que si, dans une ville, certaines rues tendent à être fréquentées par les gens riches, d'autres par des pauvres, aux heures où les ouvriers ne sont pas à l'usine, la rue est à eux, tandis que les non-ouvriers rentrent ou restent dans leurs maisons : de même que les classes tendent à s'isoler l'une de l'autre dans l'espace, de même aussi on trouverait que ce n'est pas aux mêmes moments de la journée, ni aux mêmes jours de la semaine, qu'elles se trouvent aux mêmes endroits. En tout cas, quand les ouvriers sont dans la rue, il semble qu'ils y demeurent plus volontiers que les hommes des autres classes. Peut-être y éprouvent-ils plus pleinement que dans leurs maisons le sentiment de la liberté et de la vie sociale reconquise, parce que leur logement est étroit et fermé comme l'atelier, parce que leur sociabilité, si durement et longuement refoulée, se détend, et qu'au delà de la famille, c'est le groupe mouvant des hommes de leur classe, et même de toutes les classes, où ils aiment à se replonger. Tandis que les non-ouvriers affectent dans la rue une certaine réserve, parce qu'ils trouvent ailleurs des occasions multipliées de satisfaire leurs instincts sociaux, l'anémisation de la rue dans les quartiers ouvriers, au sortir des usines, s'explique par la raison inverse. (...) Peut-être est-ce en partie, au reste, parce que le logement est mal tenu et pauvre, que l'ouvrier s'attarde avant d'y rentrer.]

^{clxxxi} MONTIGNY, Gilles. « Introduction Générale » in HALBWACHS, *Les classes sociales, op.cit.*, p. 15.

[Illustration de la démarche historique du Cours, l'étude de la bourgeoisie débute par une recherche étymologique et une réflexion sur la signification du mot « bourgeois ». Ce travail est réduit à un court paragraphe dans l'Esquisse, où l'attention se porte d'emblée sur les changements de disposition psychologiques observables entre l'ancienne bourgeoisie et celle apparue avec la Révolution industrielle. (...) Le Cours s'intéresse moins aux mobiles et l'esprit qui animent la bourgeoisie qu'à son lent processus multiséculaire d'affranchissement à l'égard de la noblesse. Cette histoire permet de comprendre sa fonction, sa place dans la

société, imprégnées des anciennes valeurs de la noblesse, et son prestige social actuel. Alors que dans l'Esquisse la bourgeoisie est analysée isolément, sans référence à d'autres groupes, dans le Cours, où les relations entre classes sociales sont mises en évidence, sa spécificité apparaît comme le résultat d'un long processus d'affirmation face aux autres classes.]

clxxxii NEUFBOURG, Comte de. « Projet d'une enquête sur la noblesse française » in *Annales d'histoire économique et sociale*, VIII, 1936, pp. 243-255.

clxxxiii WOELMONT, Henry de. *La noblesse française subsistante: Recherche en vue d'un nobiliaire moderne*. 3 volumes. Paris : Honoré Champion, 1928-1931 ; e *Les marquis français, nomenclature de toutes les familles françaises subsistantes ou éteintes depuis 1864 portant le titre de marquis avec l'indication de l'origine de leur titre*. Paris : Honoré Champion, 1919.

clxxxiv HALBWACHS, *Les classes sociales, op.cit.*, p. 138.

[Ces souvenirs, qui se rapportaient à certaines personnes, ont été soigneusement conservés dans les familles (...) on peut dire qu'elles étaient tournées vers le passé, et qu'elles en tiraient leurs titres.]

clxxxv HALBWACHS, *Les classes sociales, op.cit.*, pp.138-139.

[L'essentiel dans la classe noble, c'est un certain genre de vie, un certain ordre de relations, c'est un système d'amitiés, d'hommages, et d'égards. C'est une société qui peut être comparée à une famille extrêmement ramifiée, et dont les membres se reconnaissent parce qu'ils ont précisément gardé le souvenir de faits qu'il est essentiel de connaître pour attribuer à chacun sa place dans cette hiérarchie complexe. Donc, tout un ensemble de relations d'un caractère très personnel, de personne à personne.]

clxxxvi HALBWACHS, *Les classes sociales, op.cit.*, p.124.

[...] il ne devient jamais un pur instrument entre les mains de la société.]

clxxxvii HALBWACHS, *Les classes sociales, op.cit.*, pp. 142-143.

[D'où le charme de leur conversation, l'aisance suprême de leurs manières, et leur absence de prétention. Constatons que tel était bien, au XVIIe siècle, l'idéal de l'« honnête homme », sans rechercher d'ailleurs quel nombre de « gentilhommes » le réalisèrent pleinement.]

clxxxviii HALBWACHS, *Les classes sociales..., op.cit.*, pp. 182-183.

[S'il s'agit de la classe bourgeoise, nous savons qu'elle n'est pas nombreuse. Quelle en est l'étendue ? D'après les statistiques, nous savons que 4% de la population, dans notre pays, possède plus de 70% des propriétés. Ce 4% est sans doute un minimum. D'autres données nous permettent de dire que, dans les villes de plus de 100000 habitants, il y a environ 27% à 28% qui habitent des logements dans lesquels il y a au moins une pièce par personne et souvent plus. Il ne s'agit que des villes où la plus grande masse de la population se tient concentrée. Cela fait à peu près 5% de l'ensemble des habitants, en admettant que la plus grande partie, de beaucoup, des bourgeois résident en de telles villes. Autres données : proportion de familles qui ont des domestiques attachés à la personne, 8 à 10%. On peut dire, en gros, que la classe bourgeoise doit être comprise entre ces deux limites, 4% et 8%, ce qui est peu.]

clxxxix VEBLÉN, Thorstein. *A Teoria da classe ociosa: um estudo econômico das instituições*. São Paulo: Abril Cultural, 1985.

^{cxv} HALBWACHS, *Les classes sociales, op.cit.*, p. 154.

[Mais c'est qui caractérise cette classe, c'est que ses membres font partie d'autres groupes qui sont extérieurs à la fonction, et dont nous avons, en somme, donné une certaine idée dans notre leçon précédente sur la noblesse, quand nous disions : un ensemble d'hommes qui sont entièrement absorbés par les relations qu'ils ont les uns avec les autres, en tant qu'hommes ; une société qui s'intéresse à ses coutumes, à ses traditions, à tout ce qui peut lui donner l'occasion de mettre en valeur les différentes personnes dont elle est faite et leurs qualités ; une société pour laquelle il n'y a pas de but plus important ni d'occupation plus attachante que d'évaluer les hommes, de les apprécier. Or tandis que, dans le tableau que nous traçons la dernière fois, cette partie de la vie sociale correspondait à une catégorie d'hommes bien délimitée et séparée, tandis que l'ensemble des fonctions était exercé par les autres, dans la société moderne, nous voyons que les membres de la classe bourgeoise font partie, à la fois, de l'une et de l'autre organisation, appartiennent à l'une et à l'autre zone, passent sans cesse de l'une dans l'autre. (...) c'est là grande transformation qui s'est produite, et c'est dans ce sens, qu'à certains égards, la classe bourgeoise a hérité de la classe noble.]

^{cxvi} WEBER, Max. *A ética protestante e o "espírito" do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

^{cxvii} HALBWACHS, *Les classes sociales, op.cit.*, p. 162.

[L'individualisme bourgeois d'autrefois, transporté dans le monde moderne, prend figure d'égoïsme de classe. Attitude toute semblable, en somme, à celle de ces bourgeois anoblis à la fin du XVII^e siècle, qui se réclamaient non de leurs mérites réels, des services qu'ils avaient rendu ou pouvaient rendre à la collectivité, mais de leurs titres et de leurs privilèges de fraîche date, de ce système de valeurs, aussi, sur lequel avait reposé la noblesse, et qui était désormais périmé. (...) Se les industriels modernes prennent conscience de ce qu'ils font et de ce qu'ils représentent exactement dans la vie économique, de la nature et de la valeur morale sociale supérieure de leur fonction, il en serait tout autrement.]

^{cxviii} SCHUMPETER, Joseph Alois. *Teoria do desenvolvimento econômico: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico*. São Paulo: Abril, 1982.

^{cxix} HALBWACHS, *Le caractéristique des classes moyennes, op.cit.*, pp. 105-106.

[Si l'on considère les hommes et les groupes, on aperçoit qu'ils peuvent être envisagés aisément, de certains points de vue, comme des ensembles d'unités identiques, dont les parties semblables possèdent cette propriété qu'ont les choses matérielles et inertes d'être comptées, dénombrées, d'être mesurées, d'être réparties. Considérons maintenant l'activité des employés, des fonctionnaires, et nous verrons qu'elle s'inspire de l'idée que les groupes et les hommes sont bien cela, se ramènent bien par certains côtés aux conditions de mécanisme et d'inertie ou de matérialité des choses inertes, en d'autres termes de l'idée que l'humanité est une humanité matérialisée.]

^{cxv} HALBWACHS, *Les classes sociales..., op.cit.*, p.181.

[Jusqu'ici, nous avons étudié le contenu de la notion de classe, c'est-à-dire que nous avons d'abord essayé de déterminer le principe d'après lequel la société se répartit, se divise, non point matériellement, mais psychologiquement, en un certain nombre de conditions, comment et pourquoi il s'y forme des rangs sociaux, et nous avons montré quelles sont les notions qui correspondent, à l'intérieur de chaque classe et aussi en dehors d'elle, à sa position dans cette échelle.]

^{cxvi} HALBWACHS, *Morfologia Social, op.cit.*, p. 202. [122]

[Il n'en est pas moins vrai que les groupes, les masses agglomérées, en mouvement, en reproduction, se représentent à leur manière la place qu'ils occupent dans l'espace, leur volume, leur accroissement, suivant quel ordre leurs parties sont disposées, dans quelle direction elles s'écoulent. Il le faut bien pour qu'ils puissent, comme par une activité concertée, se déplacer, accroître ou réduire leur volume, modifier leur structure. (...) De tels états et changements se prêtent sans doute à la mesure, au calcul, aux comparaisons quantitatives, tout comme les objets et caractères de nature physique. Ils ne se confondent pourtant point avec des données purement matérielles, pas plus que la conscience que nous prenons de nos membres et de nos mouvements n'est en elle-même un ensemble d'organes et de déplacements dans l'espace.]

^{cxvii} HALBWACHS, *Morfologia Social...*, *op.cit.*, p. 210.

[Comprenons bien, maintenant, que les formes matérielles de la société agissent sur elle, non point en vertu d'une contrainte physique, comme un corps agirait sur un autre corps, mais par la conscience que nous en prenons, en tant que membres d'un groupe qui perçoivent son volume, sa structure physique, ses mouvements dans l'espace. Il y a là un genre de pensée ou de perception collective, qu'on pourrait appeler une donnée immédiate de la conscience sociale, qui tranche sur toutes les autres, et qui n'a pas encore été aperçue suffisamment par les sociologues eux-mêmes, pour plusieurs raisons.]

^{cxviii} HALBWACHS, *Morfologia Social...*, *op.cit.*, pp. 91-92 [59-60]

[Chicago, avec une population totale qui n'est que peu supérieure à la population de Paris dans son enceinte actuelle, couvre une surface six ou sept fois plus grande. C'est que les établissements industriels, les docks et dépôts, les gares et ateliers de chemins de fer, les voies où circulent les trains, mais aussi les voies publiques, les parcs, les espaces non bâtis, y occupent une étendue plus vaste, et que, sauf dans le centre, les maisons y sont moins hautes, plus espacées. Ce n'est pas qu'en certaines régions, à certaines heures, la densité n'y soit plus grande. D'où le sentiment, dans ces grandes masses, d'un espace social infiniment vaste et compact, avec des zones d'un peuplement inégal, sans doute, mais, dans l'ensemble, d'une accumulation de bâtiments et d'être humains dans un réseau de voies où la circulation est intense, d'un monde à part de tous les autres, où la vie collective aussi est plus intense qu'ailleurs : mélange de représentations à la fois matérielles et humaines, mécaniques et spirituelles, qu'on retrouve à peu près identique dans toutes les grandes villes, et qu'on ne retrouve que là. (...) Dans de tels ensembles établis ou se mouvant sur le sol, et qui se définissent sur-tout, en effet, par leurs emplacements et leurs directions, les autres modes de groupement social ont plus de peine à se constituer qu'ailleurs ; ils tendent davantage à s'y dissoudre, hors des moments, des périodes où ils réussissent à s'en isoler, à se renforcer temporairement. En tout cas, on a ou on croit avoir la faculté d'en sortir, de passer de l'un à l'autre, mais surtout de demeurer aussi longtemps qu'on en a le désir ou la fantaisie dans le milieu urbain pur et simple, habitant anonyme d'un vaste immeuble, d'un quartier trop vaste pour que ceux qui y résident se connaissent, ou entraîné dans un courant de circulation où l'homme n'est plus qu'une parcelle de matière en mouvement. D'où un individualisme extrême, celui d'un être qui se sent d'autant plus isolé parmi les autres, qu'il se heurte plus souvent à eux, qui a besoin de défendre plus énergiquement sa place dans l'espace, parce qu'elle lui est mesurée et disputée, mais aussi un sentiment collectif plus puissant qu'ailleurs, lié qu'on est malgré tout à des masses humaines dont on n'aperçoit pas les limites, et qui obéissent à des impulsions irrésistibles, les plus semblables aux grandes forces de la nature, parmi toutes celles qui se développent dans le monde social.]

^{cxci} HALBWACHS, *Les classes sociales...*, *op. cit.*, p. 194.

[La théorie de la prolétarisation croissante des masses (si l'on confond les notions de prolétaire et d'ouvrier) ne correspond pas à la réalité.]

^{cc} HALBWACHS, *les classes sociales...*, *op.cit.*, p. 195.

[Cela confirme qu'ici, de qui joue le rôle essentiel, c'est moins peut-être le revenu que la fonction au sens large où nous l'avons désignée, et le sentiment d'exercer dans la société, pour cette classe moyenne en particulier, une fonction par laquelle elle se distingue de la classe ouvrière, et se rapproche de la classe la plus élevée.]

^{cci} HALBWACHS, *Les classes sociales...*, *op.cit.*, p., 253, grifo nosso.

[La classe ouvrière tend à faire prendre conscience à la société tout entière que c'est elle qui représente le mieux les tendances sociales modernes fondamentales, et, dans cette mesure, elle s'introduit et s'incorpore à la société au sens large. Par conséquent, c'est par une extension de la substance sociale, par un rattachement à cette substance, rattachement progressif de bien des éléments, individus et groupes qui en étaient séparés, qu'on peut dire que se réalise une évolution qui tend à rapprocher et rejoindre les classes.]

^{ccii} BORGES, Jorge Luís. "Funes el memorioso" in *Prosa Completa*. Barcelona: Ed. Bruguera, vol. I, pp. 477. [Lo recuerdo (yo no tengo derecho a pronunciar ese verbo sagrado, sólo un hombre en la tierra tuvo derecho y ese hombre ha muerto) con una oscura pasionaria en la mano, viéndola como nadie la ha visto, aunque la mirara desde el crepúsculo del día hasta el de la noche, toda una vida entera.]

^{cciii} BORGES, *Funes el memorioso*, *op.cit.*, p.483-484.

[Diecinueve años había vivido como quien sueña: miraba sin ver, oía sin oír, se olvidaba de todo, de casi todo. Al caer, perdió el conocimiento; cuando lo recobró, el presente era casi intolerable de tan rico y tan nítido, y también las memorias más antiguas y más triviales. Poco después averiguó que estaba tullido. El hecho apenas le interesó. Razonó (sintió) que la inmovilidad era un precio mínimo. Ahora su percepción y su memoria eran infalibles. (...) Sabía las formas de las nubes australes del amanecer del treinta de abril de mil ochocientos ochenta y dos y podía compararlas en el recuerdo con las vetas de un libro en pasta española que sólo había mirado una vez y con las líneas de la espuma que un remo levantó en el Río Negro la víspera de la acción del Quebracho.]

^{cciv} BORGES, *funes el memoriso*, *op.cit.*, p. 479.

[Me dijeron que no se movía del catre, puestos los ojos en la higuera del fondo o en una telaraña. En los atardeceres, permitía que lo sacaran a la ventana. (...) Dos veces lo vi atrás de la reja, que burdamente recalca su condición de eterno prisionero: una, inmóvil, con los ojos cerrados; otra, inmóvil también, absorto en la contemplación de un oloroso gajo de santonina.]

^{ccv} BORGES, *Funes el memorioso*, *op.cit.*, p. 484.

[Nosotros, de un vistazo, percibimos tres copas en una mesa; Funes, todos los vástagos y racimos y frutos que comprende una parra.]

^{ccvi} BERGSON, *Les donnés...*, *op.cit.*, p. 57.

[s'abstient d'établir une séparation entre l'état présent et les états antérieurs (...)]

^{ccvii} BERGSON, *A evolução criadora*, *op.cit.*, pp. 5-6. [p.15].

[En réalité, le passé se conserve de lui-même, automatiquement. Tout entier, sans doute, il nous suit à tout instant : ce que nous avons senti, pensé, voulu depuis notre première enfance est là, penché sur le présent qui va s'y joindre, pressant contre la porte de la conscience qui voudrait le laisser dehors. (...) Que sommes-nous, en effet, qu'est-ce que notre caractère, sinon la condensation de l'histoire que nous avons vécue depuis notre naissance, avant notre naissance même, puisque nous apportons avec nous des dispositions prénatales?]

^{ccviii} BERGSON, *Matéria e Memória*, *op.cit.*, pp. 88-89, [58].

[En poussant jusqu'au bout cette distinction fondamentale, on pourrait se représenter deux mémoires théoriquement indépendantes. La première enregistrerait, sous forme d'images-souvenirs, tous les

événements de notre vie quotidienne à mesure qu'ils se déroulent ; elle ne négligerait aucun détail ; elle laisserait à chaque fait, à chaque geste, sa place et sa date. Sans arrière-pensée d'utilité ou d'application pratique, elle emmagasinerait le passé par le seul effet d'une nécessité naturelle. Par elle deviendrait possible la reconnaissance intelligente, ou plutôt intellectuelle, d'une perception déjà éprouvée ; en elle nous nous réfugierions toutes les fois que nous remontons, pour y chercher une certaine image, la pente de notre vie passée. Mais toute perception se prolonge en action naissante ; et à mesure que les images, une fois perçues, se fixent et s'alignent dans cette mémoire, les mouvements qui les continuaient modifient l'organisme, créent dans le corps des dispositions nouvelles à agir. Ainsi se forme une expérience d'un tout autre ordre et qui se dépose dans le corps, une série de mécanismes tout montés, avec des réactions de plus en plus nombreuses et variées aux excitations extérieures, avec des répliques toutes prêtes à un nombre sans cesse croissant d'interpellations possibles. Nous prenons conscience de ces mécanismes au moment où ils entrent en jeu, et cette conscience de tout un passé d'efforts emmagasiné dans le présent est bien encore une mémoire, mais une mémoire profondément différente de la première, toujours tendue vers l'action, assise dans le présent et ne regardant que l'avenir. Elle n'a retenu du passé que les mouvements intelligemment coordonnés qui en représentent l'effort accumulé ; elle retrouve ces efforts passés, non pas dans des images-souvenirs qui les rappellent, mais dans l'ordre rigoureux et le caractère systématique avec lesquels les mouvements actuels s'accroissent. À vrai dire, elle ne nous représente plus notre passé, elle le joue ; et si elle mérite encore le nom de mémoire, ce n'est plus parce qu'elle conserve des images anciennes, mais parce qu'elle en prolonge l'effet utile jusqu'au moment présent.]

^{ccix} BERGSON, *Matéria e Memória*, *op.cit.*, p. 91, [58].

[(...) La seconde, celle que les psychologues étudient d'ordinaire, est l'*habitude éclairée par la mémoire* plutôt que la mémoire même.]

^{ccx} BERGSON, *Matéria e Memória*, *op.cit.*, p. 31.

^{ccxi} HALBWACHS, *Les cadres...*, *op.cit.*, p. 119-120.

[Pour comprendre cette théorie, il faut rappeler que M. Bergson a représenté la vie mentale par une sorte de schéma : soit un cône qui repose sur son sommet, le sommet étant lui-même en contact avec un plan : le plan représente l'espace ou le présent, et le point de contact entre la vie mentale et l'espace, c'est la perception actuelle que j'ai de mon corps, c'est-à-dire d'un certain équilibre sensori-moteur. On supposera d'autre part que, sur la surface de la base du cône, sont disposés nos souvenirs dans leur totalité. Là « se dessinent dans leurs moindres détails tous les événements de notre vie écoulée ». Là « il n'y a pas de souvenir qui ne soit lié, par contiguïté, à la totalité des événements qui le précèdent et aussi de ceux qui le suivent ». Mais entre ces deux limites extrêmes « qui, en fait, ne sont jamais atteintes », notre vie psychologique oscille suivant une série de plans intermédiaires, qui représentent une multitude indéfinie d'états possibles de la mémoire. Comment se constituent ces plans ou ces coupes, et à quoi correspondent-elles au juste ? D'une manière générale, la mémoire elle-même, « avec la totalité, de notre passé exerce une poussée en avant pour insérer dans l'action présente la plus grande partie possible d'elle-même ». Suivant que cette poussée est forte ou qu'au contraire l'esprit se détache du présent moins ou plus, la mémoire se resserre plus ou moins, sans d'ailleurs se diviser. Nos souvenirs prennent une forme plus banale, quand la mémoire se resserre davantage, plus personnelle quand elle se dilate. Pourquoi ? C'est que, plus on se rapproche de l'action, plus la conscience s'attache à ceux de nos souvenirs qui ressemblent à la perception présente au point de vue de l'action à accomplir. Alors, voici en quoi consiste cette dilatation de la mémoire qui serait nécessaire pour que nous localisions un souvenir. Dans chacune des coupes distinguées, il y a une systématisation originale, « caractérisée par la nature des souvenirs dominants auxquels les autres souvenirs s'adossent comme à des points d'appuis ». Localiser un souvenir c'est ou bien découvrir en lui un de ces souvenirs dominants, « véritables points brillants autour desquels les autres forment une nébulosité vague », ou découvrir un souvenir dominant sur lequel il s'appuie immédiatement. Or « ces points brillants se multiplient à mesure que se dilate notre mémoire ». C'est donc en nous détournant de l'action, en redescendant progressivement dans notre passé, que nous rencontrerons un plan assez vaste pour que notre souvenir s'y détache, comme à mesure que la nuit tombe on distingue un plus grand nombre d'étoiles.]

ccxii BORGES, *Funes el memorioso, op.cit.*, p. 484-485.

[Podía reconstruir todos los sueños, todos los entresueños. Dos o tres veces había reconstruido un día entero; no había dudado nunca, pero cada reconstrucción había requerido un día entero. Me dijo: *Más recuerdos tengo yo solo que los que habrán tenido todos los hombres desde que el mundo es mundo*. Y también: *Mis sueños son como la vigilia de ustedes*. Y también, hacia el alba: *Mi memoria, señor, es como vaciadero de basuras*. Una circunferencia en un pizarrón, un triángulo rectángulo, un rombo, son formas que podemos intuir plenamente; lo mismo le pasaba a Ireneo con las aborascadas crines de un potro, con una punta de ganado en una cuchilla, con el fuego cambiante y con la innumerable ceniza, con las muchas caras de un muerto en un largo velorio. No sé cuántas estrellas veía en el cielo.]

ccxiii BORGES, *Funes el memorioso, op.cit.*, p. 485.

[(...) le molestaba que el perro de las tres y catorce (visto de perfil) tuviera el mismo nombre que el perro de las tres y cuarto (visto de frente).]

ccxiv BORGES, *Funes el memorioso, op.cit.*, p. 485.

[Pensar es olvidar diferencias, es generalizar, abstraer. En el abarrotado mundo de Funes no había sino detalles, casi inmediatos.]

ccxv BORGES, *Funes el memorioso, op.cit.*, p. 477.

[Lo veo en un atardecer de marzo o febrero del año ochenta y cuatro.]

ccxvi BORGES, *Funes el memorioso, op.cit.*,

[(...) en la que recordaba nuestro encuentro, desdichadamente fugaz, “del día siete de febrero del año ochenta y cuatro” (...)]

ccxvii BORGES, *Funes el memorioso, op.cit.*, 480.

[Yo soy tan distraído que el diálogo que acabo de referir no me hubiera llamado la atención si no lo hubiera recalcado mi primo, a quien estimulaban (creo) cierto orgullo local, y el deseo de mostrarse indiferente a la réplica tripartita del otro.]

ccxviii NAMER, Gérard. “Postface” in HALBWACHS, Maurice. *Les cadres sociaux de la mémoire*. Paris : Albin Michel, 1994, pp. 318, 320.

[Fondamentalement, parce que Durkheim est mort, que le groupe des durkheimiens a été décimé et dispersé par la guerre, que Bergson au contraire triomphe et que son triomphe social et philosophique en fait un symbole de tout un reflux idéologique qui accompagne le lendemain de 1918. (...) Il faut bien comprendre cette motivation qui anime Halbwachs : réactualiser la sociologie et refonder l'idéal républicain « progressif » (como il va dire lui-même dans la conclusion) qui animait une aile importante du durkheimisme avant la guerre.]

ccxix HALBWACHS, Maurice. « La doctrine d'Émile Durkheim » in *Revue Philosophique de la France et de l'Étranger*, Vol. 85, 1918, p. 353.

[Au début de sa carrière, alors qu'il cherchait sa voie, Durkheim songeait à faire deux parts de sa vie : l'une serait consacrée à des recherches de science pure, l'autre à la politique. Il devait trouver dans la sociologie à satisfaire ce double besoin de connaissance et d'action.]

^{ccxx}NAMER, Gérard. *Mémoire et Société*. Paris : Méridiens Klincksieck, 1987.

^{ccxxi}IMEC, Fonds Maurice Halbwachs, HBWZ-B1-01.3, « Cahier de Maurice Halbwachs : 8 juin/23 février – 01 mai 1899, F. 12.

[(...) J'ai bien peu de mémoire : ce n'est pas du reste pas d'aujourd'hui que je m'en aperçois.]

^{ccxxii}IMEC, Fonds Maurice Halbwachs, HBWZ-B1-01.2, « Carnet de Maurice Halbwachs: 09 oct. 1896 – 5 mai 1998 », F. 37.

[(...) J'ai si peu de mémoire que je vais écrire ici les noms des endroits visités ou des gens vus à Mieussy]

^{ccxxiii}HALBWACHS, Maurice. *La Psychologie Collective*. Paris : Centre de Documentation Universitaire : Tournier Constans, 1937, p. 74.

[Après avoir étudié du point de vue sociologique la raison, le raisonnement, et, dans une certaine mesure, les idées et les jugements, nous pourrions aborder les formes plus élémentaires de la vie psychique, images, perceptions, sensations. Cependant il existe une faculté, la mémoire, qui, à bien des égards, paraît pouvoir être rattachée aux fonctions supérieures de la pensée. (...) Sans doute, on l'attribue aux animaux, et elle semble avoir pour point de départ la propriété qu'ont les sensations, les perceptions, les images, d'être évoquées et reproduites sous forme de souvenir. Mais la mémoire conserve, aussi, les idées, les jugements, les raisonnements. Bien plus, ces actes de l'esprit ne sont possibles que si, pendant le temps qu'ils durent, on retient sous le regard de la conscience telle notion ou tel jugement, on l'immobilise en quelque sorte à travers la durée. Est-ce là une forme particulière de la mémoire, la mémoire intellectuelle, qui n'aurait aucun rapport avec la mémoire des perceptions ou des sentiments ? En tout cas, c'est bien maintenant que nous devons en entreprendre l'étude, parce qu'elle nous apparaît être une condition nécessaire des facultés dites supérieures, premier objet de la psychologie collective.]

^{ccxxiv}HALBWACHS, *La Psychologie Collective...*, *op.cit.*, p. 76.

[(...) l'étude du rêve nous a conduit, il y a une douzaine d'années et même un peu plus, à poser en termes un peu nouveaux le problème de la mémoire. On nous a reproché, à ce moment, d'avoir suivi la marche inverse, comme si nous nous étions borné à étendre l'explication sociologique à la mémoire, comme nous aurions pu le faire à toute autre faculté, simplement pour agrandir un peu le domaine de la sociologie. En réalité, nous sommes parti d'une étude psychologique du rêve qui ne s'inspirait d'aucune arrière pensée, préoccupé que nous étions, simplement, de reconnaître si les faits s'accordaient avec la théorie bergsonienne de la mémoire.]

^{ccxxv}HALBWACHS, Maurice. *Les cadres sociaux de la mémoire*. Paris : Albin Michel, 1994 [1925], pp. 1-2.

[« Bien souvent, dit Durkheim, nos rêves se rapportent à des événements passés ; nous revoyons ce que nous avons vu ou fait à l'état de veille, hier, avant-hier, pendant notre jeunesse, etc. ; et ces sortes de rêves sont fréquents et tiennent une place assez considérable dans notre vie nocturne. » Il précise, dans la suite, ce qu'il entend par « rêves se rapportant à des événements passés » : il s'agit de « remonter le cours du temps », d'« imaginer qu'on a vécu pendant son sommeil une vie qu'on sait écoulée depuis longtemps », et, en somme, d'évoquer « des souvenirs comme on en a pendant le jour, mais d'une particulière intensité ». Au premier abord, cette remarque ne surprend point. En rêve, les états psychologiques les plus divers, les plus compliqués, ceux-là mêmes qui supposent de l'activité, une certaine dépense d'énergie spirituelle, peuvent se présenter. (...) Mais ce qu'il faudrait établir (et c'est bien ce qui est affirmé dans le passage que nous avons cité), c'est que des événements complets, des scènes entières de notre passé se reproduisent dans le rêve tels quels, avec toutes leurs particularités, sans aucun mélange d'éléments qui se rapportent à d'autres événements, à d'autres scènes, ou qui soient purement fictifs, si bien qu'au réveil nous puissions dire, non pas seulement : ce rêve

s'*explique* par ce que j'ai fait ou vu dans telles circonstances, mais : ce rêve est le souvenir exact, la reproduction pure et simple de ce que j'ai fait ou vu à tel moment et en tel lieu. C'est cela, et cela seulement que peut signifier : « remonter le cours du temps » et « revivre » une partie de sa vie.]

^{ccxxvi} HALBWACHS, *Les cadres sociaux...*, *op.cit.*, pp. 2-3.

[La question est de savoir si, en fait cette dissociation entre le souvenir et la reconnaissance se réalise : le rêve pourrait être à cet égard une expérience « cruciale », si elle nous révélait que le souvenir -non reconnu se produit quelquefois pendant le sommeil. Il y a au moins une conception de la mémoire d'où il résulterait que le souvenir peut se reproduire sans être reconnu. Supposons que le passé se conserve sans changement et sans lacunes au -fond de la mémoire, c'est-à-dire qu'il nous soit possible à tout instant de revivre n'importe quel événement de notre vie. Certains seulement d'entre ces souvenirs repa-raî-tront pendant la veille ; comme, au moment où nous les évoquerons, nous resterons en contact avec les réalités du présent, nous ne pourrions point ne pas y reconnaître des éléments de notre passé. Mais, pendant le sommeil, alors que ce contact est inter-rompu, supposons que les souvenirs envahissent notre conscience : comment les re-con-naîtrions-nous comme des souvenirs ? Il n'y a plus de présent auquel nous puis-sions les opposer; puisqu'ils sont le passé non pais tel qu'on le revoit à distance mais tel qu'il s'est déroulé lorsqu'il était le présent, il n'y a rien en eux qui révèle qu'ils ne se présentent pas à nous pour la première fois.]

^{ccxxvii} FREUD, Sigmund. "(B) O material dos sonhos – A memória nos sonhos" in *A Interpretação dos Sonhos*. Obras Completas, vol. IV, Rio de Janeiro : Imago, 1969.

^{ccxxviii} Embora o texto de Joseph Delboeuf acompanha-se de cinco partes publicadas em sequencialmente em cada um dos volumes da *Revue Philosophique* entre 1879 e 1880, o texto a que Halbwachs faz referência é: « Le sommeil et les rêves : leurs rapports avec la théorie de la mémoire : le rêve » in *Revue Philosophique de la France et de l'Étranger*, T. 9, 1890, pp. 632-647.

^{ccxxix} CALKINS, Mary W. « Statistics of Dreams » in *The American Journal of Psychology*, Vol. 5, No. 3, 1893, pp. 311-343.

^{ccxxx} HALBWACHS, *Les cadres sociaux...*, *op.cit.*, p. 4-5.

[Il résulte de ce texte que Freud l'a très mal compris, ou en a gardé un souvenir inexact : car le professeur en question refait sans doute en rêve le même trajet (il ne nous dit pas d'ailleurs s'il est en voiture, dans la même voiture, etc.), mais non la même excursion où il échapperait de nouveau au même accident.]

^{ccxxxi} HALBWACHS, *Les cadres sociaux...*, *op.cit.*, p.5.

[Il se borne, en rêve, à se rappeler l'accident, une fois arrivé au lieu où il s'est produit. Or, c'est tout autre chose que de rêver qu'on se souvient d'un événement de la veille, et de se retrouver, en rêve, dans la même situation, d'assister ou de participer aux mêmes événements que quand on était éveillé.]

^{ccxxxii} HALBWACHS, *Les cadres sociaux...*, *op.cit.*, p.7.

[L'enquête a duré de six à huit semaines. De telles conditions sont quelque peu anormales. Il faudrait d'ailleurs que nous sachions, d'une part, ce que Miss Calkins entend par « le détail exact d'un évènement », d'autre part en quoi consistait l'évènement qui précédait, et enfin s'il n'y a eu réellement aucun intervalle entre l'évènement et la nuit où elle a rêvé.]

^{ccxxxiii} FOUCAULT, Marcel. *Le rêve : études et observations*. Paris : Alcan, 1906.

^{ccxxxiv} ABERCROMBIE, John. *Inquiries concerning the intellectual powers and the investigation of truth*. Nova York: Collins and Brothers, 1849.

^{ccxxxv} BOISMONT, Alexandre B. de. *Des hallucinations, ou Histoire raisonnée des apparitions, des visions, des songes, de l'extase, du magnétisme et du somnambulisme*. Paris : Baillière, 1845.

^{ccxxxvi} HALBWACHS, *Les cadres sociaux...*, *op. cit.*, pp. 9-10.

[il faudrait admettre que les souvenirs de notre enfance se 'sont stéréotypés, qu'ils sont, dès le début, et demeurent, comme dit Hervey de Saint-Denis, des clichés-images, dont notre conscience n'a plus rien connu à partir du moment où ils se sont gravés « sur les tablettes de notre mémoire ». (...) Nous ne sommes pas convaincus que ces réminiscences d'enfance correspondent bien ce à que nous appelons des souvenirs. Si nous ne nous rappelons rien de cette période à l'état de veille, n'est-ce point parce que ce que nous en pourrions retrouver se réduit à des impressions trop vagues, à des images trop mal définies, pour offrir quelque prise à la mémoire proprement dite. (...) les deux domaines, celui de l'enfance et celui du rêve, ce petit nombre de souvenirs exceptés, opposent le même obstacle à nos regards : ce sont les seules périodes dont les événements ne soient point compris dans la série chronologique où prennent place nos souvenirs de la veille.]

^{ccxxxvii} BINET, Alfred. « Le développement de l'intelligence chez les enfants » in *L'Année Psychologique*, vol. XIV, 1907, pp. 01-94.

^{ccxxxviii} HALBWACHS, *Les cadres sociaux...*, *op.cit.*, p.10.

[Tout se passe comme dans ces rêves où l'on revoit ce qu'on a vu ou cru voir au cours de rêves antérieurs.]

^{ccxxxix} HALBWACHS, *Les cadres sociaux...*, *op.cit.*, p.11.

[(...) nous ne pouvons nous représenter à nous-même autre que nous ne sommes (...)]

^{ccxl} HALBWACHS, *Les cadres sociaux...*, *op.cit.*, pp. 11-12.

[(...) un des traits caractéristiques du rêve, c'est que nous y intervenons toujours, soit que nous agis-sions, soit que nous réfléchissions, soit que nous projetions sur ce que nous voyons la nuance particulière de notre disposition du moment, terreur, inquiétude, étonnement, gêne, curiosité, intérêt, etc. (...) Ainsi, jamais en rêve nous ne nous dépouil-lons entièrement de notre moi actuel, et cela suffirait pour que les images du rêve, si elles reproduisaient presque identiquement un tableau de notre passé, fussent tout de même différentes des souvenirs.]

^{ccxli} SAINT-DENIS, *Les rêves...*, *op.cit.*

^{ccxlii} KAPLOUN, Albert. *Psychologie Générale tirée de l'étude du rêve*. Paris : Payot, 1919.

^{ccxliii} HALBWACHS, *La Psychologie Collective...*, *op.cit.*, p. 77.

[Ces "rêves profonds" de M. Bergson ne sont rien d'autre, en somme, que le monde surnaturel des métaphysiciens, qu'on peut imaginer comme on veut, puisqu'on n'en a jamais aucune expérience. Le monde

des rêves naturels, c'est-à-dire tous ceux qu'on peut observer, est assez vaste et varié pour que nous considérions qu'il se présente comme un tout, qu'on peut distinguer du monde de la veille. Il comprend d'ailleurs des rêves assez nombreux et variés, qu'on peut rapprocher, pour les comprendre mieux en les comparant. En tout cas, de ce que ces songes ne contiennent pas des souvenirs, il résulterait que la mémoire, pour s'exercer, a besoin de conditions qu'elle ne trouve pas réalisées dans le rêve.]

^{ccxliv} HALBWACHS, *Les cadres sociaux...*, *op.cit.*, 36.

[(...) jamais un événement accompagné de toutes ses particularités, et sans mélange d'éléments étrangers (...)]

^{ccxlv} BERGSON, *L'Évolutions Créatrice...*, *op.cit.*, p. 15 (ver no corpo do texto a nota « 1 »)

^{ccxlvii} HALBWACHS, *Les cadres sociaux...*, *op.cit.*, p.16.

[Entre la pensée du rêve et celle de la veille il y a en effet cette différence fondamentale que l'une et l'autre ne se développent pas dans les mêmes cadres.]

^{ccxlviii} DURKHEIM, *De quelques formes...*, *op.cit.*, p. 53.

[Elles ont laissé derrière elles un effet qui leur survit et qui est toujours présent : c'est le cadre même de toute classification, c'est tout cet ensemble d'habitudes mentales en vertu desquelles nous nous représentons les êtres et les faits sous la forme de groupes coordonnés et subordonnés les uns aux autres.]

^{ccxlix} DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico da Austrália*. São Paulo: Martins Fontes, 1996, pp. XV-XVI.; e *Les formes élémentaires de la vie religieuse: le système totémique en Australie*. Paris : puf, 1968., p. 20.

[Il existe, à la racine de nos jugements, un certain nombre de notions essentielles qui dominent toute notre vie intellectuelle; ce sont celles que les philosophes, depuis Aristote, appellent les catégories de l'entendement : notions de temps, d'espace , de genre, de nombre, de cause, de substance, de person-nalité, etc. Elles correspondent aux propriétés les plus universelles des choses. Elles sont comme les cadres solides qui enserrent la pensée ; celle-ci ne paraît pas pouvoir s'en affranchir sans se détruire, car il ne semble pas que nous puissions penser des objets qui ne soient pas dans le temps on dans l'espace, qui ne soient pas nombrables, etc. Les autres notions sont contingentes et mobiles ; nous concevons qu'elles puissent manquer à un homme, à une société, à une époque; celles-là nous paraissent presque inséparables du fonctionnement normal de l'esprit. Elles sont comme l'ossature de l'intelligence.]

^{cccl} DURKHEIM, *As formas elementares...*, *op.cit.*, pp.480-484 [*Les formes élémentaires...*, *op.cit.*, pp. 408-411.

[O conceito (...) est comme en dehors du temps et du devenir ; il est soustrait à toute cette agitation ; on dirait qu'il est situé dans une région différente de l'esprit, plus sereine et plus calme. Il ne se meut pas de lui-même, par une évolution interne et spontanée ; au contraire, il résiste au changement. . C'est une manière de penser qui, à chaque moment du temps, est fixée et cristallisée (...) En même temps qu'il est relativement immuable, le concept est, sinon universel, du moins universalisable. Un concept n'est pas mon concept ; il m'est commun avec d'autres hommes ou, en tout cas, il peut leur être communiqué. (...) Le concept est une représentation essentiellement impersonnelle : c'est par lui que les intelligences humaines communient (...) Ce sont, non des abstraits qui n'auraient de réalité que dans les consciences particulières, mais des représentations tout aussi concrètes que celles que l'individu peut se faire de son milieu personnel : elles correspondent à la manière dont cet être spécial qu'est la société pense les choses de son expérience propre. Si, en fait, les concepts sont le plus souvent des idées générales, s'ils expriment des catégories et des classes plutôt que des objets particuliers, c'est que les caractères singuliers et variables des êtres n'intéressent que rarement la société (...) Penser par concepts, ce n'est pas simplement voir le réel par le côté le plus général ; c'est projeter sur la sensation une lumière qui

l'éclaire, la pénètre et la transforme. Concevoir une chose, c'est en même temps qu'en mieux appréhender les éléments essentiels, la situer dans un ensemble ; car chaque civilisation a son système organisé de concepts qui la caractérise.]

^{ccl} DURKHEIM, *As formas elementares...*, *op.cit.*, p. 489. [*Les formes élémentaires...*, *op.cit.*, p. 413.]

[(...) Les catégories ont, en effet, pour fonction de dominer et d'envelopper tous les autres concepts : ce sont les cadres permanents de la vie mentale.]

^{ccli} DURKHEIM, *As formas elementares...*, *op.cit.*, p. 484. [*Les formes élémentaires...*, *op.cit.*, p. 411.]

[De là vient que nous avons tant de mal à nous entendre, que, souvent même, nous nous mentons, sans le vouloir, les uns aux autres : c'est que nous employons tous les mêmes mots sans leur donner tous le même sens.]

^{cclii} HALBWACHS, *Les cadres...*, *op.cit.*, p. 280-281.

[Ainsi le philosophe qui passe pour avoir inventé la théorie des idées, et celui qui l'a, peut-être, le plus approfondie, n'ont nullement vu dans les idées des points de vue abstraits sur les choses, qui ne nous en feraient connaître que les rapports et le dessin décoloré ; ils ont eu le sentiment au contraire qu'elles possédaient un contenu plus riche que les images sensibles. En d'autres termes, l'image sensible et individuelle était contenue dans l'idée, mais n'était qu'une partie de son contenu. D'autre part, l'idée contenait l'image (et bien d'autres images) ; mais elle était à la fois le contenant et le contenu.]

^{ccliii} HALBWACHS, *La psychologie collective*, *op.cit.*, pp.56-57.

[Os pourrait, pour compléter cette remarque de Durkheim, observer qu'en effet le concept ou l'idée n'est pas, comparée aux perceptions et aux images, comme le contenant en face du contenu, c'est-à-dire un cadre vide. Bien plutôt, dans le concept, il y a à la fois le cadre, et tout ce qu'il renferme : le contenant et le contenu. C'est qui distingue donc le concept de la représentation individuelle, c'est qu'il comprend, outre celle-ci, toutes les autres représentations, correspondant au même objet, chez les autres membres du groupe.]

^{ccliv} HALBWACHS, *Les cadres...*, *op.cit.*, p. 289.

[Les cadres de la mémoire sont à la fois dans la durée, et hors d'elle. Hors de la durée, ils communiquent aux images et souvenirs concrets dont ils sont faits un peu de leur stabilité et de leur généralité. Mais ils se laissent prendre en partie dans le cours du temps. Ils ressemblent à ces trains de bois qui descendent le long des cours d'eau, si lentement qu'on peut passer sur eux d'un bord à l'autre ; et cependant ils marchent, et ne sont pas immobiles. Il en est ainsi des cadres de la mémoire : on peut, en les suivant, passer aussi bien d'une notion à une autre, toutes deux générales et intemporelles, par une série de réflexions et de raisonnements, que descendre ou remonter le cours du temps, d'un souvenir à l'autre. Plus exactement, suivant le sens qu'on choisit pour les parcourir, qu'on remonte le courant, ou qu'on passe d'une rive à l'autre, les mêmes représentations nous sembleront être tantôt des souvenirs, et tantôt des notions ou des idées générales.]

^{cclv} HALBWACHS, *Les cadres...*, *op.cit.*, p. 103.

[Nous dirons alors qu'il y a dans toute image, si unique soit-elle, un aspect général, par lequel elle se rattache à un ensemble de notions présentes à la conscience. On retrouve ainsi et on rétablit la continuité entre l'imager et le cadre, et l'on s'explique, puisque celui-ci est fait tout entier d'états psychiques, qu'entre le cadre et l'image il puisse s'établir un échange de substance, et même que le cadre suffise pour reconstituer l'image.]

^{cclvi} LIMA, *A trajetória...*, *op.cit.*, p. 34.

^{cclvii} HALBWACHS, *Les cadres...*, *op.cit.*, p. 281.

[Si la pensée sociale ne contenait que des notions purement abstraites, l'intelligence, chez l'individu s'expliquerait bien par la société : par elle, il participerait à la pensée collective. Mais entre les images et les idées, il y aurait une différence de nature telle qu'on ne pourrait dériver celles-là de celles-ci. Si, au contraire, les notions collectives ne sont pas des « concepts », si la société ne peut penser qu'à l'occasion de faits, de personnes, d'événements, il n'y a pas d'idée sans images : plus précisément, idée et image ne désignent pas deux éléments, l'un social, l'autre individuel, de nos états de conscience, mais deux points de vue d'où la société peut envisager en même temps les mêmes objets, qu'elle marque leur place dans l'ensemble de ses notions, ou dans sa vie et son histoire.]

^{cclviii} HALBWACHS, *La Psychologie...*, *op.cit.*, p. 78.

[(...) Disons plutôt que, dans le rêve si l'on éprouve de vagues impressions sensibles, en tout cas l'on ne *perçoit* plus. Ce qui manque, c'est la perception, et, plus exactement encore, ce qui manque, c'est ce qui distingue la perception de la simple sensation, c'est-à-dire les cadres dans lesquels s'organisent nos perceptions, cadres d'espace, de temps, groupements familiers d'objets, de personnes, suivant des rapports de causalité, d'affinité, de ressemblance, mais, surtout, cadres de ce genre qui sont dans notre esprit parce qu'ils sont dans ceux de tous les autres, parce qu'ils correspondent aux façons de penser et de classer de la société.]

^{cclix} HALBWACHS, *La Psychologie...*, *op.cit.*, pp. 80-81.

[C'est en ce sens qu'il existe des cadres sociaux de la mémoire. Les souvenirs ne reparaissent pas tout seuls, spontanément, par suite de modifications cérébrales qui ne s'expliqueraient que par notre organisme, ou à l'occasion de nos sensations, par un jeu d'images étroitement personnelles. Il faut que nous reconstruisons le passé, et pour cela, il faut un effort de réflexion qui s'appuie sur tout un ensemble de notions non seulement d'idée mais de faits, d'événements, de lieux, de temps, de personnes, qui sont communes à nous et aux autres, qui se conservent dans leur esprit en même temps que dans le nôtre, parce que nous vivons ensemble, associés, en groupes.]

^{cclx} HALBWACHS, *La Psychologie...*, *op.cit.*, p. 89.

[Mais cette reconstruction n'est jamais qu'approchée, et c'est pour cela que bien des éléments personnels de nos impressions anciennes nous échappent, et disparaissent, parce qu'ils passent en quelque sorte à travers les mailles de la mémoire collective. A laquelle nous participons comme tous les membres de notre groupe. En ce sens, l'oubli s'expliquerait par l'individu, par ce qu'il y a d'individuel dans nos impressions, et le souvenir, par ce qu'il s'y trouve de social, c'est-à-dire par ce sur quoi la pensée sociale a quelque prise.]

^{cclxi} HALBWACHS, *Les cadres sociaux...*, *op.cit.*, p. 114.

[Si nous entendons par raisonnement le genre d'activité de l'esprit qui nous permet de comprendre ce que pensent les autres, et de penser en commun avec eux, (...)]

^{cclxii} HALBWACHS, *La Psychologie...*, *op.cit.*, p. 84-85.

[(...) Je ne sais pas exactement quand j'ai appris tels mots d'une langue, mais je sais bien que c'est quand je me trouvais en rapport, soit directement, soit par des livres, avec l'ensemble des hommes qui la parlent ou l'ont parlée. Je ne sais pas exactement quand j'ai entendu telle sonate, mais je sais que c'est dans un concert, ou chez des amis musiciens, c'est-à-dire dans un groupe formé en raison de préoccupations artistiques. En d'autres termes, je puis toujours indiquer dans quelle zone de la vie sociale ce souvenir a pris naissance. (...) la

reconnaissance s'accompagne d'un premier essai de localisation. Nous nous tournons en pensée vers divers groupes sociaux, parents, amis, compagnons de voyage, camarades d'enfance, etc... et nous nous demandons auquel d'entre eux appartient cette personne, nous cherchons d'où vient l'ordre de la reconnaître, qu'elle nous transmet, mais que émane certainement d'une collectivité dont nous avons fait où dont nous faisons encore partie. Entre cette localisation générale, quise confond presque avec le sentiment du déjà vu, et la localisation rigoureuse dont parlent les psychologues, il n'y a donc qu'une différence de degré. Il n'y a pas de reconnaissance qui se soit un commencement de localisation, c'est-à-dire où ne se mêlent déjà des réflexions, sous forme, au moins, d'interrogations.]

^{cclxiii}TAINÉ, Hippolyte. A. *De l'intelligence*. Paris : Librairie Hachette, 1892 [1870]. Sobretudo : Tomo II, livro 1.

^{cclxiv}BERGSON, *Matéria e Memória...*, *op.cit.*, p. 201 [118].

[(...) Le travail de localisation consiste en réalité dans un effort croissant d'expansion, par lequel la mémoire, toujours présente tout entière à elle-même, étend ses souvenirs sur une surface de plus en plus large et finit par distinguer ainsi, dans un amas jusque-là confus, le souvenir qui ne retrouvait pas sa place.(...)]

^{cclxv}HALBWACHS, *La Psychologie...*, *op.cit.*, p.87.

[Tout se passe comme si, ayant à retrouver une ville et son emplacement, nous prenons successivement des cartes à une échelle de plus en plus grande, jusqu'à ce que l'une d'entre elles contienne la ville en question : exploration en profondeur, puis en largeur, dans l'espace-temps. C'est bien cela qu'il entend par l'expansion ou la dilatation de la mémoire. (...) Cependant, une telle méthode nous donnerait à la fois trop et pas assez.(...)]

^{cclxvi}HALBWACHS, *La Psychologie...*, *op.cit.*, p. 88.

[(...) Par exemple, au lieu d'une carte très détaillée, je peux avoir à ma disposition plusieurs cartes d'un pays, l'une où sont dessinés les fleuves et les chaînes de montagne, une autre qui indique la division en département, une troisième, celle du réseau des chemins de fer avec les grandes stations. Si je sais qu'une ville donnée se trouve dans telle grande division administrative, sur telle ligne de chemin de fer, à proximité de tel fleuve, j'en repérerai l'emplacement de façon très approchée. Or, il nous semble bien que la mémoire, en général, ne procède guère autrement. Elle dispose de cadres qui sont assez simples, et auxquels elle se réfère assez souvent, pour qu'on puisse dire qu'elles les porte toujours avec elle. Elle peut, en tout cas, les reconstruire à tout moment, car ils sont faits de notions qui interviennent sans cesse dans sa pensée et celle des autres, et qui s'imposent à elle avec la même autorité que les formes du langage.]

^{cclxvii}HALBWACHS, *La Psychologie...*, *op.cit.*, p.82.

[Mais cette reconstruction n'est jamais qu'approchée, et c'est pour cela que bien des éléments personnels de nos impressions anciennes nous échappent, et disparaissent, parce qu'ils passent en quelque sorte à travers les mailles de la mémoire collective. A laquelle nous participons comme tous les membres de notre groupe. En ce sens, l'oubli s'expliquerait par l'individu, par ce qu'il y a d'individuel dans nos impressions, et le souvenir, par ce qu'il s'y trouve de social, c'est-à-dire par ce sur quoi la pensée sociale a quelque prise.]

^{cclxviii}FRANCE, Anatole. *Vie de Jeanne d'Arc*. Paris : Calmann-Levy, 1908.

^{cclxix}HALBWACHS, *Les cadres...*, *op.cit.*, p. 91.

[(...)si certains souvenirs ne reparaisent pas, ce n'est point parce qu'ils sont trop anciens et qu'ils se sont lentement évanouis; mais ils étaient enca-drés autrefois dans un système de notions qu'ils ne retrouvent plus aujourd'hui.]

^{cclxx} HALBWACHS, *La Psychologie...*, *op.cit.*, p.81.

[Si, après un certain temps, beaucoup de souvenirs nous échappent, c'est que nous ne vivons plus au milieu des mêmes personnes. Bien des témoins qui auraient pu nous rappeler des événements anciens disparaissent. Il suffit quelquefois que nous changeons de lieu, de profession, que nous passions d'une famille dans une autre, surtout que quelque grand événement tel qu'une guerre ou une révolution transforme profondément le milieu social qui nous entoure, pour que des périodes entières de notre passé il ne nous reste qu'un bien petit nombre de souvenirs. Au contraire un voyage dans le pays où s'est écoulée notre jeunesse, la rencontre soudain d'un ami d'enfance a pour effet de réveiller et refranchir notre mémoire. Nos souvenirs n'étaient pas abolis. Mais ils se conservaient dans la mémoire des groupes.]

^{cclxxi} HALBWACHS, *Les cadres sociaux...*, *op.cit.*, p. 146.

[...] Nous nous sommes tenus jusqu'ici à observer et signaler tout ce qu'il entre de social dans les souvenirs individuels, c'est-à-dire dans ceux où chaque homme retrouve son propre passé, et croit souvent ne retrouver rien que cela. A présent que nous avons reconnu à quel point l'individu est, à cet égard comme à tant d'autres, dans la dépendance de la société, il est naturel que nous considérons le groupe lui-même comme capable de se souvenir, et que nous attribuons une mémoire à la famille, par exemple, aussi qu'à tout autre ensemble collectif.]

^{cclxxii} HALBWACHS, *Les cadres sociaux...*, *op.cit.*, p. 185.

[De même, pour montrer mieux l'originalité de la doctrine chrétienne, les fondateurs du christianisme, en particulier saint Paul, l'opposent au judaïsme traditionnel : c'est en des termes tirés de l'Ancien Testament, et par interprétation de prophéties que les Juifs n'entendaient qu'au sens littéral, et que la religion nouvelle pénètre de son esprit, que celle-ci se définit. Paul considère que le règne de la Loi a dû précéder le règne de la Grâce, et qu'il a fallu que les hommes apprissent d'abord ce que c'était que le péché, pour que la foi en l'Esprit et la miséricorde nous en affranchissent. Loin d'annuler la Loi par la Foi, Paul croit que le christianisme la confirme.]

^{cclxxiii} HALBWACHS, *Les cadres sociaux...*, *op.cit.*, p. 182.

[...] ainsi, tout un travail mythologique d'interprétation altère progressivement le sens, sinon la forme, des anciennes institutions.]

^{cclxxiv} HALBWACHS, *Les cadres sociaux...*, *op.cit.*, p. 219.

[Le dogme résulte donc de la superposition et de la fusion d'une série de couches successives et comme d'autant de tranches de pensée collective : il est rationnel, mais en ce sens que la raison de chaque époque y a laissé sa trace ; la pensée théologique projette ainsi dans le passé, à l'origine des rites et des textes, les vues qu'elle en a prises successivement. Elle reconstruit sur plusieurs plans, qu'elle s'efforce de raccorder, l'édifice des vérités religieuses, comme si elle n'avait travaillé que sur un plan unique, celui-là même qu'elle prête aux fondateurs du culte et aux auteurs des écrits fondamentaux.]

^{cclxxv} HALBWACHS, *Les cadres sociaux...*, *op.cit.*, p.285, *passim*.

^{cclxxvi} HALBWACHS, *Les cadres sociaux...*, *op.cit.*, p. 285.

[...] Ainsi toute représentation religieuse est à la fois générale et particulière, abstraite et concrète, logique et historique. Qu'on examine un article de foi, qui s'accompagne de preuves théologiques. La théologie applique à des notions définies des méthodes de raisonnement rigoureuses. Cet article de foi est donc une vérité

rationnelle. Qu'on le regarde d'un peu plus près : il suppose l'existence du Christ, la réalité de ses paroles, de sa vie, de sa mort, de sa résurrection. Ce qui nous paraissait une vérité logique est devenu, ou plutôt était dès le début, un souvenir.]

^{cclxxvii} BLOCH, *Mémoire collective, tradition et coutume...op.cit.*, pp. 77-78.

[...] Mais précisément parce qu'elle est très générale, une vue de cette sorte ne saurait guère être discutée qu'en en vérifiant l'application à des cas particuliers. Il nous sera permis, dans cette *Revue*, de la considérer avant tout comme une hypothèse directrice à proposer aux historiens, notamment à ceux qui auront le courage de s'attaquer à l'étude, jusqu'ici trop négligée, des classes sociales.]

^{cclxxviii} BLOCH, *Mémoire collective, tradition et coutume...op.cit.*, p. 80.

[Étudiant la mémoire collective religieuse, M. Halbwachs écrit ce qui suit (p.296) : « À l'origine, les rites répondirent sans doute au besoin de commémorer un souvenir religieux, par exemple, chez les Juifs, la fête pascal, et chez les chrétiens, la communion ». Est-ce bien vrai ? Nul doute que de nos jours et depuis longtemps l'Israélite pieux qui mange l'agneau pascal ne pense célébrer le souvenir des ancêtres qui furent devant Pharaon, ou que le catholique, tant soit peu instruit des mystères de sa religion, en voyant le prêtre élever l'hostie, ne songe à la parole évangélique : « Prenez, ceci est mon corps ;... ceci est mon sang ». Telle est incontestablement l'interprétation présente, et aujourd'hui traditionnelle, de ces rites ; mais se confond-elle en effet avec leur signification première ? Peu d'historiens des religions en conviendront. (...) De sorte que nous n'avons à faire ici qu'à de faux souvenirs. M. Halbwachs n'étudiera-t-il pas un jour les erreurs de la mémoire collective ?]

^{cclxxix} BLOCH, *Mémoire collective, tradition et coutume...op.cit.*, p. 81.

^{cclxxx} *La Topographie...*, *op.cit.*

^{cclxxxi} HALBWACHS, *La Topographie...*, *op.cit.*, p. 02.

[Ces traditions sur ce qu'on appelle les lieux saints, comment se sont-elles formées ? Quelle en est l'origine? (...) Nous ne cherchons pas ce qu'il y a derrière elles, et si elles sont authentiques. Mais nous les étudions elles-mêmes comme des croyances collectives. Nous essayons d'en apercevoir la force, l'étendue. Mais, surtout, nous les suivons dans le temps à partir de cette époque, dans la mesure où les monuments, et surtout les descriptions des pèlerins nous le permettent. Ce qui nous importe, c'est, sur cet exemple, privilégié à bien des égards, d'apercevoir quelques-unes des lois auxquelles obéit la mémoire collective.]

^{cclxxxii} Utilizaremos como base de nosso trabalho o texto estabelecido e traduzido para o francês por Pierre Maraval. "Itinéraire de Bordeaux à Jérusalem et d'Héraclée à Milan, par Aulona et la ville de Roma" in *Récits des premiers pèlerins chrétiens au proche-orient : (IV^e-VII^e siècle)*. Paris : Les Éditions du CERF, 2002, pp. 14-41. Sempre que necessário que necessário cotejaremos o texto em latim segundo a versão disponível em TOBLER, Titus & MOLINIER, Auguste (Org.). *Itinera hierosolymitana et Descriptiones terrae sanctae bellis sacris anteriora et latina lingua exarata*. Genebra: Société de l'Orient latin, 1879, pp. 03-25.

[À Jérusalem, il y a deux grandes piscines sur les côtés du Temple, c'est-à-dire l'une à droite, l'autre à gauche, faites par Salomon, mais à l'intérieur de la ville il y a des piscines doubles ayant cinq portiques, qu'on appelle Bethesda. Là étaient guéris des malades qui l'étaient depuis de longues années. Ces piscines ont une eau trouble de couleur écarlate. Là se trouve une grotte où Salomon torturait les démons (...)]

^{cclxxxiii} Cf. MICHAUD, Joseph-François. *Histoire des Croisades*. Tomo 1, Paris: Chez Ponthieu, 1825, p. 525 et seq.

cclxxxiv Ver : Halbwachs, Maurice. *La Topographie...*, op.cit., p.11.; MARAVAL, *op.cit.*, pp.12-13. ; MICHAUD, *op.cit.*, pp.525-527.

cclxxxv MARAVAL, *op.cit.*, pp. 16.

[D'Arles à Milan / Relais d'Ernaginum [Saint-Gabriel, Bouches-du-Rhône], 8 milles. / Relais de Bellintum [Les Aubes, à 2,5km au sud de Rognonas], 10 milles. / Ville d'Aveio [Avignon], 5 milles. / Relais Ad Letocem [passage du Lez, em Bollène], 13 milles. / Relais de Novem Craris [Le Logis-de-Berre, Les Granges-Gontardes, Drôme], 10 milles. / Étape d'Acunum [Notre-Dame-d'Aygu, À 1200m au sud de Montélimar], 10 milles. / Relais de Batiana [Bance, au nord-ouest de Saulce], 12 milles. / Relais de Umbennum [Les Battendons, au sud de La Paillasse], 12 milles. / Ville de Valentia [Valence], 9 milles. / Relais de Cerebelliaca [Saint-Cerbelle, à ouest de Ourches], 12 milles. / Étape de Augusta [Aouste-sur-Sye], 10 milles (...)]

cclxxxvi MARAVAL, *op.cit.*, p. 18.

[...] Cela fait d'Arles à Milan 475 milles, 63 Relais, 22 Étapes.]

cclxxxvii MICHAUD, *op.cit.*, pp.527-528.

cclxxxviii Humbert lista o *Itinerário de Bordeaux à Jerusalém* entre os itinerários oficiais do Império Romano que chegaram aos seus dias. Ver: HUMBERT, G. A., *Cursus Publicus...*, op.cit., p. 1655, nota. 287.

cclxxxix MARAVAL, *op.cit.*, p.11.

ccxc HALBWACHS, *La Topographie...*, op.cit., p. 03.

[...] Les auteurs de ces écrits rapportent simplement ce qu'ils ont vue et entendu. Ils ne discutent pas, ils ne donnent pas une opinion personnelle, ils n'indiquent pas leurs incertitudes ou leurs réserves. Leur témoignage n'en est que plus précieux : ce ne sont pas les opinions d'individus, mais les croyances de groupes de fidèles, naïves et vivantes.]

ccxci MARAVAL, *op.cit.*, p.30.

ccxcii *A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002, pp.1218-1219.

ccxciii HALBWACHS, *La Topographie...*, op.cit, p.48.

[...] Constantin vient de se convertir au christianisme, et que, certainement en conformité avec ce qu'il voulait, l'unité du dogme et de l'Église vient d'être éalisée au Consile de Nicée (325)]

ccxciv HALBWACHS, *Topographie...*, op.cit., p. 66.

[Là également se localisent l'élection de Matthias, la descendante de l'esprit saint sous forme de langues de feu au jour de la Pentecôte, et la réunion qui suivit l'élargissement des apôtres et où des phénomènes sismiques accompagnèrent une nouvelle effusion de l'esprit. Toutefois « l'identité du Cénacle et de la résidence des

apôtres après la Résurrection n'est pas établie... non plus que la localisation de la maison des apôtres dans la ville de Jérusalem ».]

^{ccxcv} VICENT, Louis-Hughes. *Jérusalem, recherches de topographie, d'archéologie et d'histoire*. Paris : J. Gabalda, 1912-1926.

^{ccxcvi} HALBWACHS, *Topographie...*, *op.cit.*, p. 68.

[De la maison de Marc ou de Jacques, la Sainte-Sion devient au VII^e siècle la maison de l'apôtre Jean, et par conséquent celle où la Vierge passa les dernières années de sa vie et mourut. « Sous la possé des apocryphes, le VIII^e siècle adopte cette solution comme la chose la plus certaine » [VINCENT, *op.cit.*] (...)

[nota 1] « L'ardente piété du Moyen Âge envers la mère de Dieu explique assez comment le souvenir de la Dormition arriva à remplir la vaste basilique et à lui valoir le titre officiel chez les Occidentaux de Sainte-Marie du mont Sion. » [VINCENT, *op.cit.*]]

^{ccxcvii} HALBWACHS, *Topographie...*, *op.cit.*, p. 70.

[Bientôt, prenat prétexte des réclamations des Juifs, les autorités locales musulmanes transformeront en mosquée la chapelle du prétendu tombeau (fin du XVI^e). En 1524, les Turcs expulseront définitivement les franciscains du Cénacle, purifieront le lieu du « constact des polythéistes », et l'érigeront en mosquée.]

^{ccxcviii} HALBWACHS, *Topographie...*, *op.cit.*, p. 70.

[Les deux tradtions subsistent maintenant. Mais la légende du tombeau de David, apocryphe, bien plus récente, abandonnée, reprise et finalement rejetée par les chrétiens, a été adoptée par es musulmans. Introduite par fraude et subrepticement jadis dans une église consacrée à un souvenir chrétien, ella a grandi silencieusement, puis elle a pris tout la place : elle s'est efforcée d'éliminer les traditions chrétiennes, en créant autour delles, par transformation de l'église en mosquée, une atmosphère mortelle. C'est dans l'église voisine de la Dormition que les chrétiens viennent aujourd'hui évoquer les souvenirs localisés dans le Cénacle : sans les historiens et les archéologues, c'est à l'église nouvelle qu'ils se seraient sans doute rattachés.]

^{ccxcix} HALBWACHS, *La topographie...*, *op.cit.*, p.70, nota.1.

[Actuellement on peut visiter le Cénacle. Nous sommes montés dans cette partie supérieure de l'ancienne église transformée en mosquée, et qui est remarquable surtout par son impressionnante nudité.]

^{ccc} HALBWACHS, *La Topographie...*, *op.cit.*, p. 145.

[...] comme si les souvenirs aussi obéissaient à une sorte d'instinct grégaire.]

^{ccci} HALBWACHS, *La topographie...*, *op.cit.*, pp. 145-146.

[Tout se passe comme si o avait découvert en elle un aspect négligé, un détail oublié, et qu'il en était résulté une nouvelle forme de dévotion. (...) Les larmes de saint Pierre, distinguées du reniement de saint Pierre, et du chant du coq. Le palmier des Rameaux, et, à quelquer distance, le lieu (Bethphagé) où l'on trouva l'âne.]

^{cccii} HALBWACHS, *La Topographie...*, *op.cit.*, pp. 147-148.

[Concentration en un même lieu, morcellement dans l'espace, dualite en des régions opposées : ce sont là autant de moyens familiers dont se servent les groupes d'hommes, non seulement les Églises, mais d'autres

communautés, familles, nations, etc., en vue de fixer, d'organiser leurs souvenirs des lieux, mais aussi des temps, des événements, des personnes. (...) Celle-ci a besoin d'abord de points de repère, et, puisqu'il s'agit de localisations, il faut que se détachent pour elle, par rapport à tous les autres, les emplacements les plus chargés de signification religieuse.]

^{ccciii} HALBWACHS, *La Topographie...*, *op.cit.*, p. 123.

[Les lieux sacrés commémorent donc, non pas des faits certifiés par des témoins contemporains, mais des croyances nées peut-être non loin de ces lieux, et qui se sont fortifiées en s'y enracinant. Ces croyances ont pour objet, le plus souvent, des faits d'ordre surnaturel, sur lesquels se fondent autant de dogmes essentiels du christianisme. Il semble bien que, si l'on a reu et détaché certains événements, dans l'histoire primitive de la vie et de la mort du Christ telle que pouvaient la connaître les disciples, et si l'on montre seulement les lieux où il se sont passés, c'est qu'on est parti des dogmes, plus que des témoignages.]

^{ccciv} HALBWACHS, *La topographie...*, *op.cit.*, p.125, grifo nosso.

[Pour que les souvenirs de la vie du Christ et de sa mort, ainsi que des lieux qu'il avait traversés, fussent capables de durer, ils devaient être rattachés à une doctrine, c'est-à-dire à une idée qui vivait dans un groupe durable lui-même, et étendu. Pour que l'idée abstraite de l'expiation devînt autre chose qu'une aspiration, pour qu'on u crût comme à une vérié d'ordre historique ou à un fait d'expérience, il fallait qu'elle pût se réclamer d'une tradition vivante et de témoignages humains. D'un côté saint Paul, absorbé dans ses réflexions métaphysiques ; de l'autre, le groupe des apôtres, témoins de Jérusalem, ceux qu'il appelle, non sans quelque ironie, les archi-apôtres. Que cette idée et ces souvenirs réussissent, et réussissent À temps, à se rejoindre. L'idée dut se charger d'images de personnes et de lieux, et prendre les traits qui caractérisent un souvenir, et lui permettent de subsister dans les mémoires. Quant aux faits, ils s'approfondirent, et certains d'entre eux prirent, parmi les autres, un extraordinaire relief. Peut-être même tendirent-ils à sortir, sinon du temps et de l'espace, du moins de cette région limitée du temps et de l'espace où la mémoire des disciples se situait. Ils se rattachèrent à des faits bien antérieurs. Ils avaient été préfigurés dans d'autres événements rapportés par l'Ancien testament, ils avaient été annoncés par les prophètes. (...) Il n'est pas étonnant qu'il ait transformé aussi l'image qu'on s'est fait de Jérusalem. Les lieux saints n'ont plis été seulement ceux qui furent le théâtre de l'activité de Jesus, mais des emplacements consacrés parce que les vérités essentielles du christianisme y reportaient la pensée des fidèles.]

^{cccv} HALBWACHS, *La Topographie...*, *op.cit.*, pp. 136-137.

[(...) on peut supposer aussi qu'elle a été imaginée vers la fin du Ie siècle ou le début du Iie, dans un groupe qui connaissait les lieux, et y situait de villes ou de villages désignés par leur nom, et qui existaient en effet, mais où aucune tradition ne conservait le souvenir de faits qui auraient été créés de toutes pièces ; les pèlerins se seraient guidés sur l'aspect physique des bords du lac : une grotte, des sources, la pente d'une montagnem une plaine. (...) C'est le cas d'une mémoire collective qui cherche après coup à localiser ses souvenirs sur un sol À peu près vierge, où elle ne retrouve aucune de ses traditions.]

^{cccv} HALBWACHS, *La Topographie...*, *op.cit.*, pp. 160-162.

[Ainsi, l'époque de Constantin, puis l'époque des Croisés, marquent les deux moments où la mémoire chrétienne, mémoire collective représentat bien l'ensemble de la communauté chrétienne à ce deux époques, a recherché l'emplacement des faits évangéliques, sest efforcé de localiser ses souvenirs, et, en quelque sorte, de se situer elle-même dans l'espace, à Jérusalem et en terre sainte. Dans chaque cas, elle a cherché à se fonder sur souvenirs locaux, mais aussi elle a introduit des localisations nouvelles : d'où une organisation générale des lieux saints qui porte très profondément la marque des croyances chrétiennes comtemporaines. Dans chaque cas aussi on peut dire qu'une mémoire plus étroite et plus directe des lieux, mais morcelée, pleine de lacunes, et vacillante, s'est fondue dans une mémoire plus générale, qui connaissait l'emplacement des fait indirectement, par des écrits, des descriptions, et des légendes nées loin des lieux eux-mêmes, mais qui était plus riche et mieux organisée, qui s'appuyait surtout sur des groupes bien plus étendus.]

^{cccvii} SHAKESPEARE, *Hamlet...*, *op.cit.*, Ato IV, cena VI. [1985-1986]

[*Enter Queen*

How now, sweet queen?

GERTRUDE One woe doth tread upon another's heel, / So fast they'll follows: your sister's drowned, Laertes.

LAERTES Drowned? O, were?

GERTRUDE There is a willow grows aslant a brook, / That shows his hoar leaves in the glassy stream: / There with fantastic garlands did she come / Of crow-flowers, nettles, daisies and long purples / That liberal shepherds give a grosser name, / But our cold maids do dead men's fingers call them: / There on the pendent boughs her coronet weeds / Clamb'ring to rang, an envious sliver broke, / When down the weedy trophies and herself / Fell in the weeping brook. Her clothes spreads wide, / And mermaid-like awhile they bore her up, / Which time she chanted snatches of old tunes, / As one incapable of her own distress, / Or like a creature native and indued / Unto that element: but long it could not be / Till that her garments, heavy with their drink, / Pulled the poor wretch from her melodious lay / To muddy death.

LAERTES Alas, then, is she droned?

GERTRUDE Drowned, drowned.]

^{cccviii} Cf. SMITH, Caroline B., *Representações da Ofélia...*, *op.cit.*, pp. 159-160.

^{cccix} Cf. SMITH, Caroline B., *Representações da Ofélia...*, *op.cit.*, pp. 161-164.

^{cccx} SHAKESPEARE, *Hamlet...*, *op.cit.*, Ato V, cena I. [1996, 1989-1990]

[*Enter two Clowns*

FIRST CLOWN: Is she to be buried in Christian burial that wilfully seeks her own salvation?

SECOND CLOWN: I tell thee she is: and therefore makes her grave straight: the crowner hath sat on her, and finds it Christian burial.

FIRST CLOWN: How can that be, unless she drowned herself in her own defence?

SECOND CLOWN: Why, 'tis found so.

FIRST CLOWN: It must be *se offendendo*, it cannot be else. For here lies the point: if I drown myself wittingly, it argues an act, and an act hath three branches: it is to act, to do and to perform: argal, she drowned herself wittingly.

SECOND CLOWN: Nay, but hear you, goodman delver -

FIRST CLOWN: Give me a leave: here lies the water; good: here stands the man; good: if the go to his water, and drown himself, it is, will he, nill he, he goes - mark you that. But if the water, and drown himself, he drowns not himself: argal, he that is not guilty of his own death shortens not his own life.

SECOND CLOWN: But is this law?

FIRST CLOWN: Ay, marry, is't: crowner's quest law.

SECOND CLOWN: Will you ha'the truth on't? If this had not been a gentlewoman, she should have been buried out of Christian burial. (...)

Enter King, Queen, Laertes, [a Priest] and a coffin with Lords Attendant

[Hamlet] The queen, the courtiers – who is that they follow? / And with such maimèd rites? This doth betoken / The corpse they follow did with desperate hand / For do it own life: 'twas of some estate. / Couch we awhile and mark.

LAERTES What ceremony else?

HAMLET That is Laertes, a very noble youth. Mark.

LAERTES What ceremony else?

PRIEST Her obsequies have been as far enlarged / As we have warrantise: her death was doubtful, / She should in ground unsanctified have lodged / Till the last trumpet. For charitable prayer, / Shards, flints and pebbles should be thrown on her. / Yet here she is allowed her virgin rites, / Her maiden strewments and the bringing home / Of bell and burial.

LAERTES No more be done?

PRIEST No more be done: / We should profane the service of the dead / To sing sage requiem and such rest to her / As to peace-parted souls. (...)]

^{cccxix} HALBWACHS, *Les causes du suicide...*, *op.cit.*, p. 15.

[Les statistiques du suicide sont très discutées, et avec raison. Ces matériaux sont recueillis par des agents et élaborés par des administrateurs qui ne se rendent pas compte, bien souvent, des difficultés de leur tâche. Il ne vaudrait pas la peine de consacrer beaucoup ou même peu de temps à étudier ces chiffres, si nous ne savions d'où ils viennent, ce qu'ont pu apprendre, entendre, voir et constater ceux qui les ont écrits les premiers, et comment, sous quelle forme ils ont été transmis au bureau statistique dont nous lisons les publications.]

^{cccxii} DURKHEIM, Émile. *O suicídio: Estudo de sociologia*. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 303. [Le suicide: étude de sociologie. Paris: 1896, p. 226]

[A Vienne, en 1873, éclate une crise financière qui atteint son maximum en 1874 ; aussitôt le nombre des suicides s'élève. De 141 en 1872, ils montent à 153 en 1873 et à 216 en 1874, avec une augmentation de 51 % par rapport à 1872 et de 41 % par rapport à 1873. Ce qui prouve bien que cette catastrophe est la seule cause de cet accroissement, c'est qu'il est surtout sensible au moment où la crise a été à l'état aigu, c'est-à-dire pendant les quatre premiers mois de 1874. Du 1^{er} janvier au 30 avril on avait compté 48 suicides en 1871, 44 en 1872, 43 en 1873 ; il y en eut 73 en 1874. L'augmentation est de 70 %. La même crise ayant éclaté à la même époque à Francfort-sur-le-Mein y a produit les mêmes effets. Dans les années qui précèdent 1874, il s'y commettait en moyenne 22 suicides par an; en 1874, il y en eut 32, soit 45 % en plus.]

^{cccxiii} KROSE, S. J. *Der Selbstmord im 19 jahrhundert nach seiner Verteilung au/ Staaten und Verwaltungsbezirke*, Freiburg i. B., 1906, p. 102 APUD HALBWACHS, *Les cause du suicide...*, *op.cit.*, p. 270.

[Jusqu'à 1872, le nombre des suicides augmente en Autriche, mais d'un mouvement lent. Cette même année on commence à publier les relevés sanitaires prescrits par le Conseil supérieur d'hygiène, qui permettent de compléter les données des registres que tenaient les prêtres. Or le nombre des suicides augmente de 1677 en 1872 à 2463 l'année suivante, soit de près de 50 pour 100. Sans doute le krach de Vienne, en 1873, peut expliquer pour une petite part cette augmentation. Mais elle résulte principalement de ce que les relevés sont plus exacts, puisqu'elle continue les années suivantes.]

^{cccxiv} HALBWACHS, *Les causes du suicide...*, *op.cit.* p. 50.

[La proportion des morts volontaires par immersion est, en moyenne, et de beaucoup, celle qui varie le moins d'un pays à l'autre. Si elle n'est pas la même exactement, ici et là, et si les autres modes de suicide varient eux aussi en proportion d'un pays à l'autre, comme ces variations se produisent en même temps dans plusieurs États voisins et semblables, elles paraissent résulter de traditions et coutumes qui leur sont communes. Sans doute, aussi, dans beaucoup de pays on se noie de moins en moins. Mais d'autres façons de mourir, dont

quelques-unes étaient inconnues autrefois, attirent un nombre croissant de désespérés. Elles sont plus familières et plus sûres. Leur diffusion s'explique en partie par le développement des grandes villes. Un type nouveau de civilisation les impose à la pensée des hommes. Il est donc naturel qu'à travers de longues périodes on voie reculer lentement certains modes de suicide traditionnels. Ainsi nous avons toutes raisons de nous fortifier dans la conviction que, dans la plupart des États européens, les statistiques du suicide ne sont point faussées par des erreurs systématiques qui porteraient sur certains modes de mort les plus faciles à dissimuler.]

^{cccxv} HALBWACHS, *Les cause du suicide...*, *op.cit.*, p. 5.

[En fermant cet ouvrage, plus d'un lecteur, surtout plus d'un lecteur philosophe, a sans doute eu le sentiment que le problème du suicide ne se posait plus, et qu'on en connaissait désormais la solution. Est-ce la dialectique, sont-ce les statistiques qui emportaient la conviction ? L'un et l'autre sans qu'on sût bien toujours distinguer ce qui était l'un et ce qui était l'autre. Quelquefois la dialectique plus que les faits, non par la faute de Durkheim, d'ailleurs. Mais cela présentait plus d'un inconvénient. On ne s'apercevait pas que l'édifice reposait sur des fondements qui n'étaient point partout aussi solides. Comment en eût-il été autrement ? Il n'y a pas d'œuvre scientifique que de nouvelles expériences n'obligent à réviser et compléter.]

^{cccxvi} MORSELLI, Enrico. *Il suicidio. Saggio di statistica morale comparata*. Milão: Dumolard, 1879.

^{cccxvii} DURKHEIM, *O suicídio...*, *op.cit.*, p. 257. [198]

[Le suicide varie en raison inverse du degré d'intégration de la société religieuse, domestique, politique.]

^{cccxviii} DURKHEIM, *O suicídio...*, *op.cit.*, p.258-259. [198]

[...]Si donc on convient d'appeler égoïsme cet état où le moi individuel s'affirme avec excès en face du moi social et aux dépens de ce dernier, nous pourrions donner le nom d'égoïste au type particulier de suicide qui résulte d'une individuation démesurée.]

^{cccxix} HALBWACHS, *Les causes du suicide...*, *op.cit.*, cap. IV, *passim*.

^{cccxx} HALBWACHS, *Les cause du suicide...*, p368.

[Lorsqu'on compare deux régions, l'une à majorité catholique, l'autre à majorité protestante, il ne faut pas oublier qu'elles diffèrent sous d'autres rapports qu'au point de vue religieux. Tantôt les catholiques et les protestants se rattachent à des nationalités différentes : dans les provinces de l'est de l'Allemagne les catholiques sont polonais, les protestants prussiens. Ailleurs, les catholiques sont des paysans, les protestants vivent dans les villes ou dans des régions très urbanisées et se trouvent engagés dans les professions industrielles et commerciales. La religion n'est pas sans jouer un rôle, mais, sans doute, un rôle assez restreint. En tout cas, il est impossible d'étudier séparément l'influence de la religion et l'action des autres facteurs. Que les diverses confessions religieuses produisent, comme telles, plus ou moins de suicides, c'est une des conclusions de l'étude entreprise par Durkheim qui impressionnent le plus, mais c'est peut-être aussi la plus discutable.]

^{cccxxi} DURKHEIM, *As regras do método sociológico*. São Paulo: Martins Fontes, 2007, pp.127-128. [*Les règles de la méthode sociologique*. Paris: Alcan, 1894, p 74].

[Quand ils peuvent être artificiellement produits au gré de l'observateur, la méthode est l'expérimentation proprement dite. Quand, au contraire, la production des faits n'est pas à notre disposition et que nous ne pouvons que les rapprocher tels qu'ils se sont spontanément produits, la méthode que l'on emploie est celle de l'expérimentation indirecte ou méthode comparative. (...) Puisque, d'autre part, les phénomènes sociaux échappent évidemment à l'action de l'opérateur, la méthode comparative est la seule qui convienne à la sociologie.]

^{ccccxiii} SIMIAND, François. « Science sociale et réalisme sociologique : Compte rendu de E. Durkheim, Le suicide, étude de sociologie » in *Revue de Métaphysique et de Morale*, 1898, pp. 641-645.

[Assurément la conception des faits sociaux telle que la présente M. Durkheim fonde la sociologie comme science : mais elle n'est pas conforme au principe d'économie. La sociologie peut être fondée comme science à beaucoup moins de frais. "Les tendances collectives, dit-il, ont une existence qui leur est propre ; ce sont des forces aussi réelles que les forces cosmiques, bien qu'elles soient d'une autre nature" . "Aussi réelles" : on pourrait dire "aussi peu réelles", et la science physique n'y perdrait rien en tant que science. La science n'a pas besoin de travailler sur des "réalités". C'est une question purement métaphysique que de savoir si une réalité correspond ou non à la science ; et sans doute la science conduit à cette question, elle mène à la métaphysique, et elle en reçoit souvent de fécondes directions. Mais elle en est distincte. il suffit à la science qu'il existe des phénomènes objectifs et déterminés. Il peut être commode de se représenter les relations entre les phénomènes à l'aide de certaines images ; il est commode par exemple de se représenter les actions interplanétaires sous la forme d'une attraction, les actions électriques avec la métaphore du courant ; mais ce ne sont que des métaphores commodes, et qui ne veulent rien préjuger de la nature réelle de ces relations. Pourquoi serait-il plus nécessaire en sociologie de considérer les "forces sociales", les "courants suicidogènes" autrement que comme des métaphores ? Cette conception générale de la sociologie est en réalité une métaphysique de la sociologie, elle est un réalisme sociologique, elle ajoute, comme elle le dit elle-même, un monde nouveau de réalités à ceux dont s'étaient occupées les métaphysiques antérieures. Ce n'est pas le lieu de l'examiner ici.]

^{ccccxiiii} SIMIAND, *Statistiques et expérience...*, *op.cit.*, p. 11

[(...) il y a expérience partout où et seulement là où il y a disposition des faits telle que l'esprit de l'homme puisse tirer une relation entre ces faits]

^{ccccxv} SIMIAND, *Statistiques et expérience...*, *op.cit.*, p. 19.

[elle apparaît plutôt comme une certaine sorte de recherche expérimentale, comme l'expérimentation s'appliquant à des certains ordre des faits, *aux fait*, pourrait-on dire, *qu'on détermine quantitativement au moyen d'un nombre plus ou moins grand de constatations individuelles, qui sont distincts de ces éléments individuels et ne sont réalisés comme tels dans aucun d'eux ?*]

^{ccccxvi} HALBWACHS, *La méthode de François...* *op.cit.*, p. 376.

[Elle dépasse même l'ordre des faits quantitatifs. On peut concevoir en effet que la statistique ainsi entendue n'est que le modèle et le type de toute méthode sociologique.]

^{ccccxvii} HALBWACHS, *La méthode de François...* *op.cit.*, p. 377.

[(...) il ne fallait sans doute rien moins qu'adopter une méthode d'empirisme intégral, disons plutôt, et en même temps, sans craindre le pléonasmе, d'empirisme purement et pleinement expérimentale.]

^{ccccxviii} SIMIAND, François. *Le salaire, l'évolutions sociale et la monnaie : essai de théorie expérimentale du salaire*. 3 volumes. Paris : Alcan, 1932, Tomo I, p. 113.

[(...) Dans le présent essai, il nous a paru encore plus probant de nous attacher à ne partir d'aucune ypotèse, de nous placer simplement en face de notre objet d'étude et d'orienter notre recherche seulement par reconnaissance des conditions théoriques et pratiques où il nous apparaîtrait qu'elle a le plus de possibilités objectives d'aboutir à des résultats d'une force probante et d'une portée détermináveis. La tentative ainsi conçue nous dispense donc de traiter du rôle de l'hypotèse dans la recherche inductive et des conditions à reconnaître à son épreuve expérimentale. Disons seulement que, dans notre matière d'étude, l'observation des préceptes, de tous les préceptes que nous venons de dégager, y serait sans doute autant et plus indispensable ; et ainsi nous avons donc par eux tracé un chemin que de toutes façons la recherche inductive doit parcourir.]

^{ccccxix} BRIAN & JAISSEON, *Nombre et Mémoire...*, *op.cit.*, p. 5.

^{ccccxx} HALBWACHS, Maurice. « La statistique et les sciences sociales en France » in HALBWACHS, *Le point de vue du nombre...*, *op.cit.*, p. 371. [originamente publicado em : ČADA, Josef (org.). *La France d'aujourd'hui : livre de lectures à l'usage de l'École des hautes études commerciales de Prague*. Praga : 1931, pp. 272-286].

[La méthode statistique est la plus positive qu'on puisse appliquer en sociologie, parce qu'elle nous met en rapport avec des nombres. Or, les nombres, l'aspect quantitatif des objets, sont une donnée qui s'impose à nous du dehors.]

^{ccccxx} BRIAN, Éric & JAISSON, Marie. *Le sexisme de la première heure : hasard et sociologie*. Paris : raisons d'Agir, 2007, p.252.

[Ainsi, pas moins de quatre conceptions sociologiques différentes ont noué le nombre et le fait social dans le corpus durkheimien. Ce fut d'abord la perspective morphologique et positiviste de Durkheim lui-même, reprise ultérieurement par Simiand : le nombre et la densité des hommes importent et ils offrent une prise pour analyser les variations de l'intensité sociale. C'est ensuite l'hypothèse de Bouglé selon laquelle la densité de l'espèce humaine induirait la possibilité de la civilisation et les tendances démographiques, c'est-à-dire des faits de représentations collectives. Elle était dérivée du postulat morphologique strictement durkheimien, mais elle sortait du registre méthodologique pour revenir vers le phénomène social lui-même. Une troisième conception, écartée par Bouglé, est celle du principe de « masse critique » à la manière de Simmel : un seuil de nombre peut être une condition immédiate pour la manifestation d'un fait social. Enfin, c'est le constat de Halbwachs pour lequel les nombres s'imposent comme des représentations collectives au théoricien social et au reste de la société. Ils opèrent donc comme un fait social. C'est sans doute son dialogue avec le positivisme acharné de François Simiand, sa fidélité à ses deux maîtres Émile Durkheim et Henri Bergson, enfin sa proximité avec le mathématicien Maurice Fréchet, qui ont conduit Maurice Halbwachs à s'extirper du cercle de l'objectivation sociologique qui passe successivement par la morphologie sociale, puis par les nombres et ensuite par les représentations collectives.]

^{ccccxxi} HALBWACHS, *L'expérimentation statistique...*, *op.cit.*, p. 305.

[Dans ces deux exemples, tout se passe comme si on imaginait, à côté de la série observée, une série fictive qui diffère de la précédente en ce que la cause en question n'y intervient pas.]

^{ccccxxii} HALBWACHS, *L'expérimentation statistique...*, *op.cit.*, p. 307

[Ainsi les opérations statistiques présentent tous les caractères d'une méthode expérimentale ; et, toutefois, elles sont en de si étroits rapports avec la théorie et le calcul des probabilités qu'on a pu se demander récemment encore si « le calcul des probabilités ne constitue pas la base de toutes les prévisions statistiques ». Que ces deux propositions ne se contredisent point, c'est ce qui résulte de notre examen du rôle assigné, en statistique, aux raisonnements de probabilité. Les lois statistiques se distinguent des lois du hasard, et peut-être conviendrait-il, pour éviter toute équivoque, de renoncer à des expressions telles que : « probabilités statistiques » et « équilibre statistique », qui désignent des résultats sans rapport avec ceux que poursuit l'étude expérimentale et positive des groupes. Mais le statisticien est obligé, à chaque instant, de se servir du calcul des probabilités, pour analyser les objets collectifs qu'il observe, et déterminer isolément les variations de chacun de leurs éléments, dans leurs rapports avec d'autres objets collectifs ou avec d'autres objets quelconques. En ce sens, le calcul des probabilités joue, en statistique, à peu près le même rôle que les instruments dans l'expérimentation physico-chimique.]

^{ccccxxiii} PASSIM HALBWACHS, *La statistique et les sciences sociales en France...*, *op.cit.*, pp. 274.

^{ccccxxiv} HALBWACHS, *Les causes du suicide...*, *op.cit.*, p.11.

[Il n'y a donc pas de différence essentielle entre ce qu'il appelle les motifs et les causes.]

^{ccccxxv} HALBWACHS, *Les causes du suicide...*, *op.cit.*, p. 12.

[Mais, pris d'ensemble, ces faits qu'on appelle les occasions ou les motifs des suicides ne sont qu'un aspect et qu'un effet de la structure et du genre de vie du groupe. (...) Ainsi, les suicides s'expliquent toujours par des causes sociales. Mais celles-ci se présentent tantôt comme des forces collectives proprement dites, telles que les coutumes familiales et religieuses ou les grands courants politiques et nationaux, et tantôt sous la forme de motifs individuels, plus ou moins nombreux et répartis de façon différente suivant que la société est elle-même plus ou moins complexe. Il ne dépend pas de nous, d'ailleurs, d'isoler les habitudes familiales ou religieuses des autres manières d'être du groupe envisagé, avec lesquelles elles se croisent en un réseau plus ou moins serré. Que serait la chaîne sans la trame, et comment distinguer dans la résistance du tissu ce qui revient à

l'une et à l'autre ? Mais nous ne pouvons pas non plus observer séparément l'ensemble de ces circonstances et motifs particuliers du suicide, qui sont comme autant d'embûches placées sur le chemin des vivants : car ils se dissimulent.]

^{cccxxxvi} DUMAS, Georges. « Compte rendu du livre de Dr. De Fleury » in *Journal de Psychologie*, dezembro de 1926 APUD HALBWACHS, *Les cause du suicide...*, *op.cit.*, 385.

^{cccxxxvii} HALBWACHS, *Les cause du suicide...*, *op.cit.*, pp. 308-309.

[(...)un trouble plus ou moins profond, mais toujours effectif, des fonctions nerveuses et cérébrales, d'où doit résulter un état psychique voisin de ceux que l'on constate dans la névrose d'angoisse, la dépression, etc.(...) Les états affectifs violents et profonds s'accompagnent d'une perturbation organique qui, sinon par ses origines, du moins dans son développement, ses phases, son expression et ses effets, ne se distingue guère de l'agitation ou de la dépression nerveuse de nature pathologique]

^{cccxxxviii} HALBWACHS, *Les cause du suicide...*, *op.cit.*, p. 315.

[Or qu'est-ce que se déclasser ? C'est passer d'un groupe qu'on connaît, qui vous estime, dans un autre qu'on ignore et à l'appréciation duquel on n'a aucune raison de tenir. On sent alors se creuser autour de soi un vide. Ceux qui vous entouraient autrefois, avec qui vous aviez tant d'idées communes, tant de préjugés en commun, dont tant d'affinités vous rapprochaient parce que vous vous retrouviez en eux comme eux en vous, s'éloignent soudain. Vous disparaissent de leurs préoccupations et de leur mémoire. Ceux au milieu desquels vous vous retrouvez ne comprennent ni votre dépaysement, ni votre nostalgie et vos regrets. Détaché d'un groupe par un ébranlement soudain, vous êtes incapable, ou, du moins, vous vous croyez incapable de retrouver jamais dans un autre quel-que appui, ni rien qui remplace ce que vous avez perdu. Mais lorsqu'on meurt ainsi à la société, on perd le plus souvent la principale raison qu'on a de vivre.]

^{cccxxxix} HALBWACHS, *Les cause du suicide...*, *op.cit.*, p. 321, *grifo nosso*.

[Tous n'aperçoivent plus de la société que ses aspects hostiles, ses bords les plus escarpés. Il faut conserver le nom de motifs à ces événements : maladie mentale, perte d'argent, deuil, peines d'amour, puisque ce sont autant de formes particulières différentes sous lesquelles se cache un même état. Mais cet état lui-même, c'est-à-dire le sentiment d'une solitude définitive et sans recours, est la cause unique du suicide.]

^{cccxl} HALBWACHS, *Les cause du suicide...*, *op.cit.*, p. 372.

[La société, à mesure qu'elle évolue et se complique, rassemble et rapproche dans l'espace un plus grand nombre d'hommes et multiplie entre eux les contacts. C'est là une sorte de matière, à quoi s'ajoute une forme, c'est-à-dire qu'entre ces hommes des coutumes et croyances tendent à établir une communauté de vie collective. Supposons maintenant que la société se retire temporairement d'une partie de cet édifice, qu'un certain nombre de ces hommes n'obéissent plus à l'action des forces sociales. Ils ont aussi moins de force pour résister à l'impulsion au suicide. Mais, cependant, ils demeurent rapprochés et en contact. C'est pourquoi ils sont exposés à beaucoup plus de risques, de conflits et de heurts que s'ils avaient toujours vécu dispersés. La société, qui les prive de son appui, les maintient pourtant dans une situation où les chances de dommages et de blessures de toutes sortes sont multipliées. Ils auront donc plus d'occasions de songer au suicide.]

^{cccxli} HALBWACHS, *Les cause du suicide...*, *op.cit.*, p. 383.

[(...) nous expliquerions par des causes sociales non seulement les grandes forces qui détournent du suicide, mais encore les événements particuliers qui en sont non pas les prétextes, mais les motifs.]

^{cccxlii} HUBERT, Henri & MAUSS, Marcel. « Essai sur la nature et la fonction du sacrifice. » in *Année sociologique*, n° 2, 1899, pp. 29 à 138.

^{cccxliv} HALBWACHS, *Les cause du suicide...*, *op.cit.*, p. 357.

[Ce rapprochement entre le sacrifice et le suicide ne doit pas nous conduire néanmoins à les confondre. Ce sont, nous l'avons dit, deux espèces d'un même genre. En quoi se distinguent-ils ? Le suicidé, pas plus que le sacrifié, ne prend conseil que de lui-même. L'un, comme l'autre, exécutent un acte dont les raisons se trouvent dans des représentations ou impératifs collectifs. Mais, tandis que la société préside au sacrifice, qu'elle l'organise publiquement, tandis qu'elle en prend la responsabilité, elle ne veut pas qu'on puisse dire qu'elle est intervenue dans le suicide. Si elle l'a conseillé et suggéré, l'acte une fois accompli, loin de le revendiquer comme une manifestation de sa volonté, comme un résultat de ses suggestions, elle ne le reconnaît pas, elle le répudie : « ce n'est pas elle qui a voulu cela. » (...) Cette différence ressort déjà de ce que le sacrifice s'entoure généralement de formes rituelles, s'accomplit au milieu d'un concours de peuple, que des personnages consacrés en règlent la marche suivant des règles fixées par la tradition.]

^{cccxliv} HALBWACHS, *Les cause du suicide...*, *op.cit.*, p. 359, grifo no original.

[« On appelle suicide tout cas de mort qui résulte d'un acte accompli par la victime elle-même, avec l'intention ou en vue de se tuer, *et qui n'est pas un sacrifice.* »]

^{cccxlv} HALBWACHS, *Les cause du suicide...*, *op.cit.*, p. 54.

[(...) faut-il admettre que le penchant au suicide est, à très peu près, aussi prononcé dans l'un et l'autre sexe ? Mais pourquoi les tentatives se terminent-elles bien plus souvent par un échec, quand les femmes sont en cause ?]

^{cccxlvii} BLACHI, Mario. « La micidialità dei tentativi di suicidio » in *Giornale degli economisti e Rivista di statistica*. Romas : Maggio, 1924.

^{cccxlviii} HALBWACHS, *Les cause du suicide...*, *op.cit.*, p. 59.

[À Rome, de 1920 à sur 100, femmes qui ont tenté de se suicider, 72 se seraient empoisonnées, et, sur 100 hommes, 36 seulement. Pour l'emploi des armes à feu, on trouve des proportions inverses : 4,7 pour 100 pour les femmes, et 35 pour 100 pour les hommes. Les chiffres correspondants, toujours à Rome, de 1906 à 1912, sont assez semblables : empoisonnements : 56 pour 100 des tentatives de femmes, 39 pour 100 des tentatives d'hommes; armes à feu : 27,5 pour les hommes, 2,2 pour les femmes. À Florence, de 1910 à 1922, on trouve : empoisonnement : de 65 à 69 des tentatives de femmes, de 28 à 32,5 des tentatives d'hommes ; armes à feu : de 2-3 à 29 pour les hommes, et de 2,5 à 7 pour les femmes.]

^{cccxlix} HALBWACHS, *Les cause du suicide...*, *op.cit.*, p. 60.

[Mais, même alors, on peut se demander dans combien de cas, à la place de tentative, il ne faudrait pas dire : simulation, simulation inconsciente, hystérique et morbide, ou simulation délibérée, c'est-à-dire tentative de chantage et non de suicide.]

^{ccccl} HALBWACHS, *Les cause du suicide...*, *op.cit.*, p. 62.

[Si elle s'était retenue instinctivement aux roseaux du bord, si on était à temps survenu pour la retirer, eut-elle pu dire si elle avait glissé par hasard, si elle avait cherché la mort, si, elle l'avait acceptée, si son égarement était en partie simulé ? Sait-on si l'on est jamais engagé tout entier dans le geste suprême ? Celui qui a pris la

décision d'en finir se sent peut-être lié par un engagement pris vis-à-vis de lui-même. Ou bien il obéit à une logique irrésistible. Mais on n'est jamais sûr qu'on ne sera pas, au dernier moment, dispensé de remplir un engagement de ce genre, et que la logique n'aura pas tort. Quant les plus désespérés, au moment où la vie leur échappe, tendent la main pour la retenir, n'est-ce qu'une réaction organique, ou bien est-ce un appel des puissances profondes et les plus éclairées de l'être ? Certes, il n'y a pas de commune mesure entre ceux qui, fermement décidés à mourir, prennent les précautions nécessaires pour qu'on ne puisse ni les arrêter, avant qu'ils aient atteint leur but, ni les ramener à la vie, et les autres qui veulent seulement jouer avec la mort et ne l'affrontent pas bravement. Aux premiers seuls appartient le nom de « violents contre eux-mêmes ». Eux seuls sont dignes des supplices cruels, mais pathétiques et touchants, que Dante leur réserve dans la forêt douloureuse. Pour les autres, leur place serait à l'entrée des cercles de l'enfer, parmi ceux qui ne savent pas se décider, et qui, comme unique punition, ont été privés à jamais de l'espérance de mourir.]

^{cccl} HALBWACHS, *Les cause du suicide...*, *op.cit.*, pp. 61-62.

[De ces recherches et de ces résultats, nous pouvons conclure que le suicide présente un aspect technique qu'on ne saurait négliger, lorsqu'on aborde certains problèmes. S'ensuit-il, toutefois, qu'il y ait lieu dès maintenant d'élargir la définition de l'homicide de soi-même et d'y comprendre toutes les tentatives de se donner la mort, qu'elles aient été ou non suivies d'effet ? Certes, il semble qu'il importe assez peu que le suicide ait été exécuté, pourvu qu'on soit assuré que le sujet avait vraiment l'intention de se tuer. Nous verrions cependant deux objections sérieuses à un tel changement de méthode. D'abord il est beaucoup plus difficile de relever les tentatives que les suicides. De fait, le nombre des cas sur lesquels portent ces observations est assez limité (par exemple, 2.232 tentatives et suicides à Florence de 1900 à 1915, alors qu'en France, dans la seule année 1922, il y a eu 8.612 suicides consommés). Il est plus facile de dissimuler une tentative qu'un suicide accompli. Mais, d'autre part, et surtout, on ne sait jamais si ces tentatives correspondent à autant d'intentions fermes de se donner la mort, ni jusqu'à quel point il y a eu simulation, simple velléité, ou l'un et l'autre. Rien ne prouve l'intention, rien ne prouve que la victime ait su que son acte devait produire la mort, si ce n'est le fait, incontestable, qu'elle l'a exécuté jusqu'au bout.]

^{cccli} HALBWACHS, Maurice. « Max Weber, un homme, une œuvre » in *Annales d'histoire économique et sociale*, vol. 1, n°1, 1929, p. 88.

[On le comparerait volontiers à l'un de ces industriels capitalistes de l'époque héroïque, si bien décrits par lui, qui se sentaient moralement obligés de replacer tout ce qu'ils gagnaient dans de nouvelles entreprises. Weber n'a pas songé un instant à vivre sur son fonds scientifiques : il ne se préoccupait que de l'accroître. Au reste, le même besoin de mouvement et de renouvellement qui l'entraînait d'un domaine à l'autre, l'obligeait, lorsqu'il s'appliquait quelque temps à une question, à la même problèmes retrouver longtemps encore ses traces et pourront, en toute confiance, s'engager dans les directions qu'il a marquées.]

^{ccclii} AÏT-TOUATI, Frédérique; KARSENTI, Bruno; LATOUR, Bruno; SALMON, Louise; VARGAS, Eduardo Viana. "The Debate" in *Colloque de Cerisy : Empirical Metaphysics*, 14 de Março de 2007. Disponível em <http://www.bruno-latour.fr/fr/node/424>, acessado em 08 de julho de 2008. A presente versão em português se fez cotejando o vídeo da encenação em francês (igualmente disponível no endereço) e o referido texto em inglês, de onde reproduzimos o excerto base.

[Sociology should not therefore renounce any of its ambitions; but on the other hand, if it wishes to live up to the hopes which have been built up around it, it must strive to become more than an eccentric kind of philosophical literature. [...] The sociologist, instead of basking in the glow of philosophical meditations about social things, should take as the object of his research a clearly delimited group of facts, which one can, as it were, point to, of which one can say clearly where they begin and where they end, and to these he should firmly hold on!]

^{cccliii} CENTRE CULTUREL INTERNACIONEL DE CERISY-LA-SALLE, Colóquio « Exercices de Métaphysique Empirique (Autour des travaux de Bruno Latour) », de 23 à 30 de junho de 2007. Programação acessível em <http://www.ccic-cerisy.asso.fr/latouro7.html#Theatre>, acessado em 08 de julho de 2012.

[(...) Cet atelier propose au public de Cerisy de participer au travail de répétition d'une mise en scène impossible: la reconstitution fictive, par de vrais faux acteurs, de la véritable controverse entre Durkheim et Tarde.]

^{cccliv} TAINÉ, Hippolyte. *De l'intelligence*. Paris: Hachette, 1911 [1870].

^{ccclv} RIBOT, Théodule. *La psychologie Anglaise Contemporaine*. Paris : Ladrangue, 1870.

^{ccclvi} TAINÉ, Hippolyte. *Histoire de la littérature anglaise*. Paris: Hachette, 5 vol., 1895-1897 [1863].

^{ccclvii} CARROY, Jacqueline ; OHAYON, Annick ; PLAS, Régine. *Histoire de la psychologie en France : XIXe-Xxe siècles*. Paris : la Découverte, 2006, pp. 33-39, PASSIN.

^{ccclviii} NICOLAS, Serge. « La psychologie au XIXème siècle » in *Revue d'Histoire des Sciences Humaines*, 2000/1, n°11 2, p. 57-103.

^{ccclix} TAINÉ, *De l'Intelligence, op.cit.*, p. 123.

[(...) De même que le corps vivant est un polypier de cellules mutuellement dépendantes, de même l'esprit agissant est un polypier d'images mutuellement dépendantes, et l'unité, dans l'un comme dans l'autre, n'est qu'une harmonie et un effet.]

^{ccclx} TAINÉ, *De l'intelligence, op.cit.*, p.124.

[Chaque image est munie d'une force automatique et tend spontanément à un certain état qui l'hallucination, le souvenir faux, et le reste des illusions de la folie.]

^{ccclxi} MUCCHIELLI, Laurent. « Sociologie et Psychologie en France, l'appel à un territoire commun : vers une Psychologie Collective (180-1940) » in *Revue de Synthèse*, nn. 3-4, julho-dezembro, 1994, p. 4.

[Tout son projet consistait, contre les spiritualistes et leurs théories des facultés de l'âme, à montrer que les éléments de la connaissance s'enracinent dans l'organisme, que le Moi a pour origine la sensation, c'est-à-dire un « mouvement physiologique ». En définitive: «un flux et un faisceau de sensations et d'impulsions qui, vus par une autre face, sont aussi un flux et un faisceau de vibrations nerveuses, voilà l'esprit ». Quant à la conscience, elle n'est pour Taine que l'aboutissement d'« une hiérarchie de centres de sensations et d'impulsions ayant chacun leur initiative, leur formation et leur domaine », (un centre plus parfait qui [...] ne diffère d'eux que par son organisation plus complexe, son action plus étendue et son rang plus élevé ». Fort de ces principes, Taine appelait ainsi au renouvellement de la psychologie par les études psychopathologiques, les recherches sur le somnambulisme, l'hypnotisme et surtout la physiologie du système nerveux.]

^{ccclxii} TAINÉ, Hippolyte. *Les Origines de la France Contemporaine*. 5 Vol., PARIS : Hachette, 1875-93.

^{ccclxiii} CARROY, OHAYON, PLAS. *Histoire...*, *op.cit.*, p.39.

[Particulièrement illustrative de cette démarche est sa psychologie du jacobin, dont le dogmatisme et l'orgueil, traits caractéristiques ordinaires des très jeunes gens, au lieu de trouver à se canaliser comme ils le feraient dans une société stable, prennent une tournure fanatique à l'égard de l'anarchie des premiers moments de la Révolution. (...) Il les décrits comme des hordes déchaînées prêtes à suivre des meneurs criminels issus des bas-fonds de la société et à sombrer dans l'orgie et l'alcoolisme. Les êtres humains, dans une foule, retournent leurs instincts de brutes, retournent à leur bestialité naturelle et perdent la fragile vernis que la civilisation leur a appliqué. (...) Pour lui, le déchaînement des foules révolutionnaires est l'un des symptômes d'une maladie du « corps politique » et il se pose en médecin d'une France malade.]

^{cccclxiv} RIBOT, *La Psychologie Anglaise...*, *op.cit.*, p. 31.

[Mais en quoi consiste cette méthode objective ? A étudier les états psychologiques au dehors, non au dedans, dans les faits matériels qui les traduisent, non dans la conscience qui leur donne naissance. L'expression naturelle des passions, la variété des lagues et des événements de l'histoire sont autant de faits qui permettent de remonter jusqu'aux causes mentales qui les ont produit (...) Enfin, la méthode objective, au lieu d'être personnelle comme la simple méthode de réflexion, emprunte aux faits un caractère impersonnel, elle se plie devant eux, elle moule ses théories sur la réalité. Entre autres avantages, je n'en veux signaler que deux : elle introduit dans la psychologie l'idée de progrès, elle rend possible une psychologie comparée.]

^{cccclxv} RIBOT, *L'Hérédité : Étude Psychologique*. Paris : Ladrance, 1873.

^{cccclxvi} MUCCHIELLI, *Sociologie et Psychologie en France*, *op.cit.*, p. 449.

[il s'efforçait de montrer que l'ensemble des facultés mentales humaines (y compris toutes les qualités professionnelles, artistiques, intellectuelles, les caractères nationaux, la disposition au crime, la folie, etc.) sont héréditaires.]

^{cccclxvii} "Apresentation" in *Revue Philosophique de la France et de l'Etranger*, n^o 1, vol. 1, 1876, p. 2.

[Tout d'abord l'ensemble des études qui ont pour but la connaissance théorique de l'homme. La psychologie est une des parties les plus anciennes de la philosophie ; Socrate, avant tout, engageait l'homme à s'étudier. Mais ce qui alors paraissait assez simple est devenu pour nous un problème très complexe. Nous n'en sommes plus au temps où soutenait que la psychologie était à peu près faite. On n'oserait plus prétendre qu'il suffit pour la faire de s'étudier intérieurement et l'on reconnaît, en général, que l'anatomie, la physiologie, la pathologie mentale, l'histoire, l'anthropologie sont pour elle d'une utilité directe et immédiate. Il y a donc là un ample champ de recherches, surtout si l'on y joint la logique et l'esthétique qui ne sont guère que des parties de la psychologie, l'une étudiant le mécanisme de la raison humaine, l'autre une certaine forme de plaisir, celui que nous cause le beau.]

^{cccclxviii} MUCCHIELLI, *Aux Origines...*, *op.cit.*, pp. 285-286.

[L'Élection de Ribot au Collège de France (bientôt suivie par celle à l'Académie des sciences morales et politiques) change la nature de son influence car il a à présent la stature d'un véritable maître à penser, et ses propos vont désormais trouver un auditoire autrement plus intéressé. Ce dernier compte moins de prêtres et de femmes qu'à la Sorbonne, 'en revanche beaucoup de vieux types décorés constituant le mobilier du Collège de France', mais surtout : 'bon nombre de jeunes médecins, surtout aliénistes; des candidats à diverses agrégations (non philosophiques), de jeunes naturalistes qui ont l'air très anti-spiritualistes fieffés, car ils sourient aux plus légères malices contre la doctrine classique. J'ai commencé à Pâques avec 120 environ et fini avec 60 ou 70']

^{cccclxix} BEAUNIS, Henry. "Introduction" in *L'Année Psychologique*, vol. 1, n^o 1, 1894, p. VI.

[C'est grâce à cette méthode que la psychologie deviendra une science d'observation et d'expérimentation, c'est-à-dire une véritable science, comme les autres sciences naturelles. C'est pour cette raison qu'elle s'interdit,

qu'elle doit s'interdire toute spéculation sur l'essence et la nature de l'âme, sur son origine, sur sa destinée. (...) Sa mission est simple et plus précise. Elle étudie l'homme et l'animal dans ses manifestations psychiques, elle recherche les liens qui rattachent ces manifestations au fonctionnement des organes et en particulier du cerveau. Elle recueille des documents nécessaires pour constituer plus tard la science de l'homme sans laquelle les sciences sociales, l'éducation, la criminalité n'auront jamais de fondement solide. La psychologie ne doit pas aller au delà.]

^{ccccxx} ITINERARIUM BURDIGALENSE. "Il Cammino Burdigalense: viaggio alle origini del cristianesimo". Disponível em <http://burdigalense.weebly.com/il-cammino.html> , acessado em 25 de junho de 2013.

^{ccccxxi} GENERATION WORLD BIBLE. "Bordeaux Pilgrim's 333 AD Account". Disponível em <http://galynwiemers.blogspot.com.br/2010/07/bordeaux-pilgrims-333-ad-account.html> , acessado em 25 de junho de 2013.